

BEST-SELLER DA AMAZON
NANA PAUVOLIH

Seduzida

Série Segredos
VOLUME 3



Seduzida

(Livro 3 da Série Segredos)

Nana Pauvolih

Série Segredos:

Livro 1 – Proibida.

Livro 2 – Ferida.

Livro 2.5 – Ferida 2.

Livro 3 – Seduzida.

Copyright © 2014 Nana Pauvolih
1ª Edição Dezembro de 2014

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Título
Seduzida

Autora
Nana Pauvolih

Capa
Eliane Sales

pauvolih@outlook.com

<http://nanapauvolih.blogspot.com.br/>

<https://www.facebook.com/livrosnanapauvolih?fref=ts>

<https://www.facebook.com/AutoraNanaPauvolih?fref=ts>

Agradecimentos:

Eu agradeço muito aos meus amigos e meus leitores, que sempre me apoiam nesta jornada deliciosa de criar novas histórias.

É constantemente uma aventura para mim, linda e divertida, principalmente por saber que serão lidas, discutidas e de alguma maneira guardadas dentro de cada um.

Agradeço as minhas “nanetes”, minhas queridas companheiras de todas as horas, que estão sempre na minha mente quando me dedico a um romance. Por elas, eu quero sempre fazer melhor. Amo as minhas “nanetes”.

Agradeço também e muito, às minhas lindas que me ajudam em tudo, da minha equipe tática e “nanática”, que divulgam meu trabalho, fazem “quotes” e propagandas e estão comigo em todas as horas. Elas são amigas que ganhei esse ano e que quero levar para toda a vida. E também às meninas que administram minhas páginas e me incentivam, por quem sou apaixonada.

Patrícia da Silva, obrigada por ser sempre um doce comigo e por suas palavras de carinho sempre que precisei.

Maria Cachucha, obrigada por suas amizade atravessar um oceano inteiro e chegar até mim.

E para finalizar, agradeço a uma pessoa que, com seus conselhos sábios, me deu o equilíbrio necessário para fazer o meu trabalho: Rose Bouças, essa é para você.

Obrigada!
Amo vocês!

Dedicatória:

O livro, “Seduzida”, eu dedico a duas pessoas.

Comecei a escrever este romance em um momento complicado em minha vida, onde uma mudança muito brusca ocorreu e mexeu com as minhas emoções.

Desde o início, eu tinha imaginado uma história que mesclaria leveza, risadas, erotismo, romance e drama (mas este mais para o final). Micah Falcão é um personagem divertido. Eu o tinha todo na cabeça, mas na hora de colocar no papel, eu não consegui pegar essa “leveza”, devido ao momento em que eu vivia.

Escrevi quase trezentas páginas me sentindo infeliz, então recebi a ajuda de duas amigas que amo e em quem confio muito.

E elas me ajudaram demais. Desde a primeira linha até a última. Com críticas, sugestões, revisões, incentivos e tudo mais que amigos verdadeiros, que querem nosso bem, fazem. E graças a elas eu “senti” o Micah, a Valentina e todos os personagens, como deveria ser.

Seduzida é exatamente como eu queria.

Obrigada, Fabiana Miyagui e Ana Aragão, por tudo e cada coisa.
Amo vocês!

Prólogo

15 DE DEZEMBRO DE 1999

VALENTINA

Eu não tinha sido convidada para a festa de alguns colegas da escola. Nunca era.

Sentada quieta em minha varanda, tarde da noite, enquanto minha mãe dormia tranquilamente em seu quarto, eu olhava para a rua deserta sem ver. Na minha mente só passavam imagens do que eles estariam fazendo perto da cachoeira, das risadas e brincadeiras, da farra, de tudo aquilo que eu era sempre excluída.

Mas eu só conseguia pensar nele. Quase podia ouvir sua voz rouca, ver seu sorriso aberto, o modo como andava meio gingado e gostava de colocar o braço em volta do ombro de quem estivesse ao seu lado.

Micah. Para mim já era comum sonhar com ele, desejar ser uma daquelas pessoas próximas, ser alvo da sua atenção. Há anos era assim, eu o amava em silêncio e criava na minha mente mil fantasias, onde ele sempre acabava apaixonado por mim e éramos felizes para sempre.

A realidade era outra. Micah era o garoto mais desejado e disputado da escola, um bad boy com má fama que nunca se importou com a opinião dos outros, mas vivia cercado de admiradoras. Tinha namorado e ficado com várias das meninas. Mas não comigo. Para mim, só um daqueles sorrisos arrasadores quando desejava alguma coisa. Sem toque, sem paquera, sem interesse.

Suspirei, sozinha, pensando que não podia culpá-lo. Como olharia para mim? Eu era alta e vinte quilos acima do meu peso, sempre chamada por meus colegas de “jamanta”, “elefante”, “dragão”. Usava óculos com sete graus de miopia. E tão tímida que corava e ficava muda se me deparasse com ele no corredor ou se olhasse para mim.

Mas nada me impedia de sonhar e desejá-lo em silêncio, admirando-o, sabendo tudo que acontecia com ele, seguindo seus passos ao longe. Muitas vezes eu achava que via mais do que os outros, que o conhecia melhor do que

seus amigos, mesmo sem ser íntima dele. Talvez fosse coisa da minha cabeça, mas eu reparava mais do que apenas sua beleza ou seu jeito extrovertido e atraente de ser. Como da vez em que o vi sentado no canto do pátio com lágrimas nos olhos, sozinho, quando devia estar na sala. Ou quando gemeu de dor na aula de educação física e reparei, mais de uma vez, marcas em seu corpo que pensei ser de surras.

Era notório na cidade que Micah não se dava bem com o pai e muitas vezes eu me indagava se ali estavam os motivos das marcas e dores. Mas nunca comentei isso com ninguém.

Estava lá, imersa em meus pensamentos sobre ele, quando ouvi um carro se aproximar e parar em frente à casa vizinha, onde morava Jeremias, um menino de 18 anos que era da minha sala na escola. Ele tinha ido para a festa e até que era legal comigo, apesar de não sermos propriamente amigos.

Ele desceu do carro, agradecendo pela carona, e reconheci outros colegas nossos, todos que tinham ido para a tal festa perto da cachoeira, o point preferido dos jovens da região. Pelo jeito a mesma já tinha acabado, mais cedo que as anteriores. Ouvi quando um dos rapazes do carro falou:

- Pena que deu essa confusão toda. Micah parecia que estava possuído!

Na mesma hora fiquei alerta e sentei ereta na cadeira, prestando atenção.

- Ele estava bêbado, isso sim. – Retrucou Jeremias, meio irritado. – Ou até coisa pior!

- Ah, deixa pra lá! Vou pra casa que lucro mais.

Eles se despediram e, sem poder me conter, levantei, curiosa, preocupada. Andei até o muro baixo que dividia nossas casas e Jeremias se assustou ao me ver.

- Valentina! Ainda acordada? – Ele abriu o portão e entrou.

- Estou sem sono. Ouvi sem querer que a festa não foi muito boa. O que Micah aprontou?

- O que ele aprontou de novo, você quer dizer, não é? – Jeremias parou perto do muro e girou a chave no dedo, sacudindo a cabeça. – Chegou lá muito louco, alcoolizado, fora de si. Arrumou confusão com todo mundo, passou com a moto em cima da fogueira, escondeu o rádio da Ritinha numa brincadeira ... Ah, fez um monte de merda! Depois brigou, de sair no soco, com o Agnaldo. Irritou tanto o pessoal que cada um foi para seu lado. Hoje ele extrapolou!

- Meu Deus ... – Eu o olhava ansiosamente. – Mas ele ... se machucou?

- Sei lá! – Estava mesmo irritado. – Ficou lá sozinho e desabou no chão, tão ruim que nem conseguia ficar em pé!

- Mas alguém o levou para casa, não é?

- Eu que não fui! Se ele sabe encher a cara e estragar a brincadeira dos

outros, que se vire sozinho! – Caminhou em direção à sua casa. – Não to nem aí pra ele!

Abri a boca para perguntar mais, preocupada, mas ele se despediu e já foi entrando. Mesmo sabendo que Jeremias devia ter razão e que muitas vezes Micah fazia loucuras demais e tirava as pessoas do sério, eu não consegui parar de pensar nele lá sozinho, no chão, talvez machucado. E se passasse mal? E se vomitasse e se engasgasse?

Eu não tinha nada a ver com aquilo e voltei para casa devagar, mas aflita. Sentei na cadeira de ferro batido da varanda, sua imagem na minha mente. Lembrei o seu olhar de dor que notei mais de uma vez e que me fazia acreditar que havia um motivo para tanta revolta. Talvez tivesse acontecido algo que o deixou descontrolado a ponto de beber tanto e brigar.

Não consegui ficar em paz. Mil coisas passaram por minha cabeça, até ficar quase desesperada de tanta preocupação. E então, fiz uma coisa que só podia ser chamada de loucura. Peguei as chaves do carro da minha mãe e saí com ele o mais silenciosamente possível, sabendo que dificilmente ela acordaria com o calmante que tomava, mas rezando para que nada acontecesse e não ficasse sabendo que dirigi sem sua autorização e altas horas da noite.

Tremi ao pegar a estrada deserta e escura que ligava Florada à Pedrosa, cercada de campos dos dois lados. E se o carro quebrasse no caminho? E se eu sofresse um acidente ou encontrasse algum louco? Meu Deus, o que eu estava fazendo ali? Justo eu, sempre tão contida e obediente?

Micah. Por ele eu faria tudo, até arriscar minha vida ou mesmo enfrentar a ira da minha mãe. Não podia abandoná-lo sabendo que algo ruim poderia acontecer com ele. Nunca.

Apesar de não participar daquelas festas, eu sabia onde ocorriam. Mais à frente, virei em uma rua lateral à esquerda e segui até uma outra de barro, onde acabavam os postes de luz. Logo depois dela havia uma clareira, iluminada pelo último poste, de frente para um grande lago formado pela cachoeira mais acima. Muitas famílias gostavam de fazer piqueniques de dia, por isso tinha bancos e mesinhas espalhados, de cimento.

Parei o carro e deixei os faróis ligados, inclinando-me sobre o volante para olhar em frente, nervosa, com medo. Vi boa parte do lugar e restos de prato e copo sobre as mesas, largados ali. Mesmo com lixeiras perto, muitas das pessoas que faziam festinhas deixavam o local na maior sujeira. E foi então que o vi e meu coração passou a bater descompassado.

Micah estava deitado à beira do lago, sobre um pano branco que parecia lençol. A poucos metros, uma fogueira com brasas espalhadas e logo depois sua moto largada de qualquer jeito contra uma árvore. Eu o vi imóvel, mesmo com o

barulho do motor do carro, e me assustei. Na mesma hora abri a porta e pulei fora, andando apressada até ele, deixando que os faróis continuassem acesos para vê-lo melhor.

Corri, ansiosa, alarmada. Em algum canto tocava uma música em um rádio esquecido ali, lenta, baixa. Pensei se Micah estaria ouvindo-a, mas lembrei que ele só parecia gostar de rock, ao mesmo tempo em que chegava bem perto e via seus olhos fechados. Com certeza não ouvia nada, nem o barulho da cachoeira perto, nem a música, muito menos a minha chegada nada discreta.

- Micah ... – Nervosa, caí de joelhos no lençol ao lado dele, apavorada por que nem assim se mexeu. E então fiz o que sempre desejei, mas nunca tive coragem ou oportunidade, ergui a mão e toquei nele, depositando-a em seu ombro e sacudindo-o de leve. – Acorde.

Não se moveu e por um momento entrei em pânico, mas então vi seu peito subir e descer ritmado com a respiração e fui invadida pelo alívio. Por um momento não me mexi, minha mão ainda em seu ombro, meu olhar fixo em seu rosto virado de lado, com os cabelos meio compridos e cheios, como sempre despenteados. Eu conhecia seus traços de cor, estavam bem gravados em minha mente e em meus sonhos. Mas era diferente poder vê-lo assim, tão perto, tão meu.

O sangue se agitou em minhas veias e senti que várias emoções me golpeavam, percorrendo vivamente meu corpo. Murmurei:

- Acorde, Micah. Acorde.

E nada. Não sei o que me deu, de onde veio a coragem ou se foi pura necessidade, mas me inclinei mais perto e deslizei a mão para cima, sentindo a carne dura do ombro sob a camisa, o osso largo da clavícula, a pele quente do pescoço. Estremeci, sem acreditar que tocava nele, que acariciava timidamente seus cabelos castanhos e macios.

- Micah ... – Minha voz saiu em um arquejo baixo, ofegante. Minha mão tremia. Percorri com ela a linha firme do seu maxilar, o formato voluntarioso do queixo, a face magra, o nariz afilado. Não resisti e continuei, olhando como seus cílios longos faziam sombra no rosto, passando o indicador sobre a sobrancelha grossa e que lhe dava um ar cínico. Então mergulhei de novo os dedos em seus cabelos, daquela vez sentindo as mechas com vontade, massageando-o com adoração.

Estava como que hipnotizada. Meu coração batia loucamente, minha pele ardia, meu sangue borbulhava. Inclinei-me mais sobre ele e fechei os olhos, aspirando fundo perto do seu pescoço. Sempre imaginei que cheiro ele teria e nunca cheguei perto o bastante para descobrir. Agora eu sabia: um perfume delicioso e masculino misturado a um leve toque de cigarro e suor limpo. E de

sua respiração vinha o aroma de álcool, de destilado puro.

Nada me incomodou. Tudo o que fazia parte de Micah me deixava acesa, ligada, impressionada. E seu cheiro não foi diferente. Eu me inebriei e me aproximei mais, sabendo que era errado, mas querendo aproveitar talvez a única oportunidade que eu teria na vida. Deitei-me ao seu lado, com a boca e o nariz perto de seu cabelo e pescoço, a mão descendo pelo queixo ligeiramente áspero de barba que despontava.

Minha respiração estava acelerada e nunca estive tão nervosa e tão feliz. Com os olhos abertos, fiquei olhando-o sem piscar, os dedos em sua garganta, descendo pelo pomo-de-Adão, chegando a seu peito coberto pela blusa preta. Parei ali e a espalmei sobre seu coração, sentindo as batidas fortes, sem coragem de continuar. Eu queria tocá-lo por inteiro, mas sabia que não era certo, não com ele desacordado.

- Micah ... – Chamei de novo, embora quisesse aproveitar mais um pouco ali, talvez a vida inteira ao seu lado, nem que fosse só daquela maneira. E esperei alguns momentos, só mais alguns.

Ouvi o som novamente. Um rádio tocava baixo a música SOZINHO, cantada por Caetano Veloso, que naquele ano explodiu como tema de sucesso em uma novela. Repetia várias vezes nas rádios e eu adorava. Pareceu perfeita para coroar aquele momento, tornando-o ainda mais único e especial para mim.

*“Às vezes no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico ali sonhando acordado
Juntando o antes, o agora e o depois(...)”*

Fiquei quietinha, gravando ainda mais os traços de Micah na mente, minha mão em seu peito absorvendo as batidas do seu coração, puxando o ar mais gostoso com o cheiro dele. Imaginei que éramos somente nós dois no mundo, deitados ali naquele paraíso sob as estrelas, eternizados no tempo. E foi o momento mais feliz da minha vida.

Os segundos correram. Eu não queria sair dali, mas começava a sentir frio e sabia que não era certo, que tinha ido para ajudá-lo e não ficar ali me aproveitando dele. Nem que fosse só um pouco, em um desejo fugaz e íntimo.

Micah moveu a cabeça e franziu as sobrancelhas, resmungando alto. Eu me assustei e na hora sacudi seu peito, chamando-o mais firme e alto:

- acorde! Você está bem? Micah?

Ele abriu os olhos de repente, confuso. Piscou várias vezes e se retesou, como se estivesse perdido e precisasse se situar. Na hora eu soube que devia recuar, me afastar, mas antes que o fizesse, agarrou meu pulso e me fitou

fixamente, bem perto.

Eu não me movi, hipnotizada por seus olhos intensos, de um castanho que lembrava chocolate derretido, que podiam ser sensuais, risonhos ou duros. Naquele momento eram extremamente assustadores, desconfiados, como se achasse que eu o atacaria de alguma maneira.

Ficamos lá, apenas nos olhando no que pareceu uma eternidade. Meu coração estava a ponto de saltar pela boca, pensei que morreria de tanto nervosismo, mas não consegui pensar direito. Até que vi o reconhecimento nos seus olhos e então ele murmurou, rouco, desconfiado:

- Você?

Sua voz era pesada, pastosa, lenta. Seu hálito era de uma pessoa que realmente bebera até cair. Dava para notar que ainda estava alcoolizado, mas mesmo assim tinha me reconhecido. Ele sabia quem eu era.

Estremeci e senti com clareza a firmeza dos seus dedos em volta do meu pulso. Não tentei escapar. Estava imobilizada por sua presença e proximidade, deitada ao lado dele, fitando-o através dos meus óculos que embaçavam ligeiramente.

- O que está ... fazendo aqui? – Micah parecia confuso, forçando a mente a se lembrar dos últimos acontecimentos. Então, passou os olhos em volta, viu que estávamos sozinhos, iluminados pelos faróis do carro, tentando se situar. – Porra, está tudo rodando ...

- Eu ... Eu vim ... Eu soube que estava sozinho e ... – Calei-me abruptamente quando virou o olhar para mim, irritado, acusador, deixando-me surpresa.

- Veio rir de mim. – Falou baixo.

- Não! – Arregalei os olhos, sacudindo a cabeça.

Para meu espanto, Micah se ergueu sobre um cotovelo, sem me soltar, inclinando-se tão perto que seu nariz quase encostava o meu. Seus olhos eram raivosos.

- Pensa que não vejo como me olha? Como me segue sempre na escola?

Abri a boca, muda, sentindo meu rosto pegar fogo, vergonha e susto me imobilizando contra aquele lençol.

Ele estava obviamente alterado, fora de si pela bebida, pois veio ainda mais perto e pressionou meu pulso no chão, ao lado da minha cabeça, tão forte que senti a circulação estancar. Disse perto da minha boca, algo de ameaçador em sua voz arrastada:

- Sabe tudo sobre mim, não é, Valentina? Viu aquele dia em que eu estava quase chorando. Por que não contou para todo mundo? Por que não riu por eu ser um babaca?

- Não ... – Consegui reagir, assustada, tocada por sua vergonha. – Eu nunca ia rir de você! Nunca!

Apertou os olhos e piscou, como se quisesse clarear as ideias. Então, ficou muito quieto e seu olhar percorreu meu rosto. Finalmente soltou meu pulso, mas me surpreendeu ao tirar meus óculos e deixá-los de lado, tão perto que eu o via claramente pairando sobre mim, dizendo com os lábios a milímetros dos meus:

- Eu sei o que você quer. – E então, baixou o tom, deixou-o macio e rouco, fazendo minhas entranhas se retorcerem: - Nunca reparei como tem olhos lindos.

E foi aí que me beijou.

Eu não acreditei. Mas então senti seus lábios macios saboreando os meus, mordendo-os, abrindo-os para penetrar a língua e assim conhecer minha boca, sem cautela, sem pedir, tomando, envolvendo. Foi como cair em um precipício. Eu despenquei e me agarrei nele, meus dedos em seu cabelo, minha respiração parando, meu corpo inteiro reagindo e explodindo.

Não pensei. Só senti, beijando-o com uma fome voraz de anos, de tantos sonhos acalentados, de uma esperança que nunca tinha passado só disso: esperança. Mas agora virava realidade. Abracei-o tão forte que seu tronco esmagou o meu, sua boca devorou a minha enlouquecidamente, nós nos agarramos como se fôssemos um.

Eu me dei toda, sem nenhuma cautela nem reserva, delirando, gemendo baixinho. Micah buscou minha língua, chupou-a, lambeu-a, deixou-me doida com sua fome, sua mão descendo para meus seios, acariciando-os deliciosamente, rosnando rouco contra minha boca. Foi quente, arfante, duas pessoas completamente ligadas de tesão uma na outra.

Veio ainda mais perto e senti seu membro duro contra a coxa, mas não me assustei. Eu me pressionei nele, deslizei minhas mãos em suas costas, puxei-o contra mim, enquanto ficava desvairada pelo desejo. Gemi de novo e de novo quando puxou minha camisa com brutalidade e vários botões voaram longe, só para já levantar meu sutiã e já agarrar meu seio, dizendo palavras sem nexo contra minha boca, grunhindo.

Quando desceu a boca por meu queixo e minha garganta, joguei a cabeça para trás de olhos fechados e gemi alto para a noite, meus dedos querendo se fundir nele, meu corpo entrando em combustão espontânea. Arquejei e estremeci, gritei rouca quando agarrou meus seios com as duas mãos e levou um deles à boca, sugando o mamilo fortemente.

- Ah, meu Deus ... – Eu me sacudi toda, senti-me latejar por baixo, toda quente e molhada, voltando a cabeça para olhá-lo. Tudo era embaçado sem meus

óculos, mas vi seus cabelos desgrenhados e enfiei os dedos neles, choramingando pela maneira que movia a cabeça no meu peito e mamava em mim. – Ai ... Ai, que gostoso, Micah ...

Eu ia morrer de tanto prazer. Fiquei enlouquecida quando subiu até minha cintura a saia jeans, expondo minhas pernas nuas, a mão indo em cheio entre as minhas coxas, fazendo-me vibrar e estalar ao esfregar os dedos em minha calcinha já toda empapada. Agarrou o tecido e o puxou com força para baixo.

- Vamos tirar isso ... – Disse rouco, vibrante, para logo em seguida lamber meu mamilo já empinado.

- Micah ... Micah ... – Eu delirava o nome dele, bombardeada por tantas sensações novas e violentas que ficava perdida no meio delas, grogue, sem chão.

Arrancou minha calcinha e seus dedos estavam lá, acariciando minhas dobras meladas, fazendo-me soltar gritos entrecortados com os olhos alucinados, a boca subindo e me beijando até o pescoço, sussurrando em minha orelha:

- Abra as pernas para mim.

- Sim ... Sim ... - E obedeci, puxando-o, abraçando-o, minhas mãos entrando sob sua blusa e sentindo a pele quente, os músculos firmes, enquanto virava o rosto e buscava a sua boca, choramingando quando me beijou e pude sentir seu gosto, sua língua de novo.

Micah veio para cima de mim, uma de suas mãos agarrando minha nuca, a outra me deixando louca ao mover entre minhas coxas arreganhadas, os dedos massageando meu clitóris até inchá-lo e espalhar um calor abrasador por todo meu ser, depois mergulhando entre os lábios que escorriam e latejavam, murmurando em minha boca:

- Que boceta quente e molhada ... Porra, diz que essa bocetinha é minha ... Dá ela pra mim ...

Eu enlouqueci de vez, alucinada, chorando de tanto tesão, abraçando-o, beijando-o, sussurrando sem parar:

- Sim, é sua ... Sou sua ...

- Você gosta disso, safadinha? – Ergueu a cabeça e vi seus olhos desvairados, sem foco, ardentes, buscando os meus. – Era isso que queria quando me olhava tanto na escola?

- Eu queria você, Micah ... – Confessei emocionada, abalada, sem poder acreditar no que estava acontecendo. – Sempre quis só você.

- Estou aqui. E vou te dar tudo.

Enfiou o dedo do meio em minha vagina e senti uma pontada de dor, mesmo toda lubrificada. Parou um momento e franziu o cenho, confuso.

- Caralho, como você é apertadinha ...

- Sou sua. – Repeti, não querendo que ele parasse, precisando desesperadamente dele, de algo que desse um alívio para aquela paixão desenfreada.

- Gostosa ...

Continuou a empurrar o dedo dentro de mim, cada vez mais fundo, fazendo-me abrir e gemer em um misto de dor e de tesão, enquanto beijava a minha boca vorazmente, agitado, excitado. Murmurou entre um beijo e outro:

- Abra a minha calça. Vou te comer. Agora.

- Ai ... – Arquejei, insana, desesperada. Gritei quando beliscou meu clitóris com o indicador e o polegar, apertando-o, torturando-o. Eu estava à beira de um colapso e abri sua calça com pressa, tremendo.

Perdi a razão de vez. Foi mais do que uma necessidade, eu morreria se não o tivesse naquele momento. Puxei o jeans para baixo e ele não usava cueca, ficou nu até as coxas. Não fui tímida, eu precisava tanto do seu corpo, de tudo que só Micah podia me dar, que agarrei seu pau com as duas mãos, roçando seus pelos, assustada por sentir o quanto era grande, grosso e tão infinitamente quente. Era a primeira vez que eu tocava em um órgão masculino e a sensação foi de um ferro em brasa coberto por seda.

- Isso ... assim ... – Ele agarrou minha mão e me fez masturbá-lo, acomodando-se entre as minhas coxas, montando em mim, esfregando a cabeça do pau entre meus lábios inchados e molhados, a boca saboreando a minha.

- Por favor ... – Supliquei, tirando o quadril do chão, buscando-o ensandecida, apertando sua bunda musculosa com as duas mãos.

Micah manteve minha nuca imóvel e ergueu a cabeça, fitando bem no fundo dos meus olhos, dizendo com tesão:

- Toma o meu pau todo nessa bocetinha ...

E empurrou forte dentro de mim, em uma estocada firme e bruta, que na mesma hora rasgou minha virgindade. Gritei, enfiei as unhas em sua carne, lágrimas pularam dos meus olhos. Mas ele não parou. Estocou de novo e de novo, penetrando-me por inteiro, fazendo-me colar em volta de seu pau em uma ardência ao mesmo tempo dolorida e deliciosa, totalmente diferente de tudo que eu já tinha sentido na vida.

- Porra, como é apertada e gostosa! – Metia com vontade, bruto, sem tirar os olhos dos meus, cheio de tesão. – Gosta assim, Valentina? Meu pau todo enterrado dentro de você?

A dor não era nada comparada a tudo aquilo. Eu gritei e estremeci de puro prazer, de uma tensão que crescia e se avolumava em meu interior, subindo minhas mãos por suas costas, cheia até a alma por toda aquela carne entrando e me preenchendo, por seus olhos nos meus, atravessada pela realidade de que

Micah estava dentro de mim, fazendo-me mulher.

Lágrimas escorreram dos meus olhos e o puxei para mim, beijando seus lábios em adoração, movendo-me para receber suas metidas fundas e apertadas, sentindo o amor transbordar junto com o prazer, murmurando emocionada:

- Eu te amo ... Eu sempre te amei e sempre vou te amar ...

Subi uma das mãos por sua nuca, por seu cabelo que sempre admirei de longe, aspirando seu cheiro, guardando todas as sensações que eu pudesse, pois sabia que nunca viveria um momento como aquele na minha vida, de entrega e descoberta, de amor puro no seu auge, sendo realizado, tomando conta de mim sem limites.

Micah parou um momento, com seu pau todo enterrado em meu interior, seus olhos nos meus, como se sentisse aquela emoção que girava e explodia, todo concentrado em mim, abalado. Acariciei seu cabelo, espalhei beijos em seu rosto e lábios, amei-o com meu corpo e minha alma. Por um momento pareceu fragilizado, todo meu, perdido em meus carinhos. Pesou mais sobre meu corpo, deslizou a mão em minha pele escaldante, não saiu dos meus olhos ao murmurar:

- O que é isso?

- Amor.

E ele acreditou, pois me beijou diferente, se deu, me segurou como se eu fosse dele também. E quando me penetrou, foi mais lento, mais terno, mais íntimo. Eu gemi com vontade de chorar, abracei-o e me abri mais, me movi com ele naquela dança linda e quente, minha língua em sua boca, minhas mãos tocando-o em todo lugar.

Foi delirante, estarrecedor, embriagante. O calor cresceu em minha vagina dolorida e penetrada vigorosamente por sem membro que tomava conta de tudo, para meu ventre e dali se espalhou para o corpo todo. Eu gemi e rodei, me perdi dentro de mim mesma, senti que meus membros não eram mais meus. E então veio, o gozo feroz, a ânsia voraz, o prazer latente. Gritei e ele gritou também, engolimos nossos gritos, atingimos juntos um lugar inalcançável, nossos corpos ondulando, em perfeita sintonia.

Ali eu descobri o que era prazer, mas não qualquer um. O maior que uma pessoa poderia sentir, que unia corpo e alma, sentimentos, desejos, emoções. Que transcendia o tempo e a espera, fazia a mente se soltar livre e depois voltar, maravilhada, sem acreditar que pudesse existir tamanho gozo de sentidos.

Fechei os olhos e respirei fundo, lânguida, extasiada. Senti Micah pesar contra o meu corpo, ainda enterrado dentro de mim, sua boca encostada na minha. Sorri, feliz como nunca, minha pele suada secando lentamente com a brisa, meu corpo saciado. Então o beijei de leve e murmurei:

- Foi lindo.

Ele se moveu, como se saísse de um sonho. Ergueu a cabeça e me olhou, franzindo o cenho, parecendo confuso com tudo que tínhamos vivido. Por um momento, só me fitou, parte de sua embriaguez parecendo esquecida. Mas então saiu da minha vagina ardida e palpitante, indo para o lado, sentando-se no lençol com a calça ainda no meio das coxas, todo descabelado.

Olhou para si mesmo e indagou, franzindo o cenho:

- Que porra é essa?

Eu baixei o olhar até onde o dele seguia e vi seu pau pela primeira vez, ainda ereto, assustando-me em seu tamanho e grossura, mas algo mais chamando minha atenção. Estava cheio de sangue. Corei profundamente e busquei o seu olhar.

Micah tonteou e caiu para trás, sem se vestir, fechando os olhos, desabando.

Esperei um pouco, então vi que parecia dormir. Virei para ele e sacudi seu ombro.

- Micah. Micah!

- To morto. Me deixa. – Resmungou, levando o braço sobre os olhos.

- Escute, vamos embora. – Fiquei meio perdida, esperando um carinho e uma atenção dele, não aquilo. Mas me lembrei que ainda estava embriagado, que o gozo deveria ter exaurido o resto das suas forças. Sacudi de novo seu ombro: - Micah ...

- Me deixa em paz, porra. – Puxou o ombro, irritado.

Fiquei olhando-o, sem saber o que fazer. Confusa, sentei e procurei minha calcinha largada ali, toda embolada. Eu a vesti, vermelha, ainda abalada, sentindo como estava melada por baixo pelo gozo, com sangue. Baixei a saia, ajeitei a camisa sem botões. Então, peguei meus óculos e os coloquei. Olhei novamente para ele.

Meu ventre se contorceu. Desci o olhar por seu corpo, seu pau caído de lado ainda semiereto, a calça embolada em suas coxas, o meu sangue marcando-o. Lembrei de tudo que fizemos, seu gosto, seu beijo, aquela carne toda me fazendo mulher, e arquejei, nervosa, excitada, maravilhada.

- Micah, não pode ficar aqui assim ... Micah ...

- Porra ... – Ele afastou o braço do rosto e me olhou, irritado. Vi que nem parecia me ver, lutando para manter os olhos abertos.

- Vamos sair e ...

- Vá embora!

Fiquei surpresa com sua agressividade. Mas insisti e o sacudi.

- Sai daqui de uma vez, merda! Me deixa em paz! – Reclamou com raiva e empurrou minha mão, virando o rosto e parecendo apagar.

Por um momento fiquei imóvel, chocada, sentindo-me sozinha, desprezada. Mas disse a mim mesma que era a bebida e tentei de todas as formas acordá-lo, mas parecia morto para o mundo. Até que desisti, desolada, sem poder acreditar que, depois de tanto prazer e entrega, acontecia aquilo.

Ainda tentei cobri-lo. Puxei sua calça para cima e a fechei de qualquer jeito, baixei sua blusa, chamei-o de novo. Nada. Micah dormia pesadamente. Então levantei e cambaleei um pouco, olhando em volta, perdida, sentindo que não seria bem vinda ali quando ele acordasse, ainda abalada e fragilizada demais para tentar descobrir.

E então fui em direção ao carro, apenas meu corpo mudado e minhas emoções tumultuadas me garantindo que tudo tinha sido real.

MICAH

Eu acordei com o sol no rosto e sentei, todo meu corpo doendo do chão duro, minha cabeça latejando sem parar. Abri os olhos e soltei um palavrão quando tudo rodou e meu cérebro pareceu receber dezenas de agulhadas. Confuso, vi a água límpida da cachoeira à minha frente e ouvi uma música tocando em algum lugar.

Porra, tinha bebido demais! Flashes da noite anterior vieram à minha mente. Os socos que troquei com Agnaldo, o pessoal mandando eu parar de ser babaca, meu ódio e minha vontade de destruir tudo, de me machucar e machucar alguém. A minha mãe deitada em sua cama, muito mal. Meu pai me mandando sair do quarto dela. Os gritos dele, como veio para cima de mim, puxando o cinto quando o enfrentei, cansado daquela violência e daquele ódio. Eu reagi e avancei nele. Theo e Heitor chegaram na hora e impediram a briga.

Saí de lá enlouquecido. Estava em meu limite, a ponto de fazer uma loucura. Fui para um bar e enchi a cara, até não aguentar ficar em pé. De resto, tudo era confuso. Lembro que ia ter a festa, mas não sei como cheguei ali. Partes da noite voltaram e me levantei, cambaleando, ainda embriagado, enjoado, morrendo de sede e vontade de aliviar a bexiga.

Andei até a beira da cachoeira, recordando um cheiro bom de mulher, um beijo gostoso. Franzi o cenho, sem lembrar o que era.

Abri a calça e meu pau estava duro. Sempre acordava com uma ereção de doer. Intrigado, vi manchas escurecidas nele, cobrindo-o, meus pelos púbicos com algo seco, que parecia sangue ou esperma. Fiquei olhando aquilo, buscando respostas em minha mente confusa.

Veio uma sensação de acolhimento e carinho, um toque em meu cabelo, um sussurro em meu ouvido. Era uma voz macia e baixinha, que me deu paz, me fez sentir amado. Forcei-me a lembrar, mas eram apenas flashes, como um sonho. Não havia uma forma, apenas a ideia de um corpo macio, de uma entrega doce, de paixão.

E o que era aquilo no meu pau? Por mais que eu me esforçasse, não conseguia entender o que tinha acontecido e pensei se teria transado com alguém naquela noite. Procurei lembrar das meninas na festa, as mesmas de sempre. Mas não me recordava de ficar com elas. Não recordava de porra nenhuma.

Irritado, fiz o que tinha que fazer e caminhei até a minha moto, apurando os ouvidos e sabendo que o rádio estava ligado em algum lugar. Estava explodindo de dor de cabeça e não perdi tempo procurando-o. Precisava beber e comer alguma coisa, tomar um remédio e então voltar para casa. Sentia raiva só de pensar em ter que encarar meu pai novamente.

Montei na moto e por acaso lembrei de uma música tocando na noite anterior. A letra e a melodia vieram na minha cabeça, bem claras. E com elas de volta aquela sensação, aquela espécie de sonho. Fiquei um momento imóvel, a música soando como lembrança em meus ouvidos:

*“Às vezes no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico ali sonhando acordado
Juntando o antes, o agora e o depois(...)”*

Parecia acompanhada de um toque e uma voz, mas eu não conseguia lembrar de quem.

Olhei em volta, mas por fim sacudi a cabeça e gemi de dor, sabendo que só podia ser algum sonho mesmo, causado pela bebedeira. Mas enquanto ligava a moto e me afastava em direção à cidade, carreguei comigo aquela sensação gostosa de carinho em meio ao caos que era a minha vida.

Ainda me sentia bêbado quando cheguei em Florada. Era sábado e as pessoas já começavam o dia, espiando-me desconfiadas quando desci em frente à padaria todo descabelado e com roupa amassada, na certa imaginando que o “maluco do Micah” chegava de mais uma de suas farras. Dei de ombros e segui em frente, precisando de um café e comida para acordar de vez.

A padaria estava relativamente movimentada e caminhei até o balcão. Diego, um colega meu da escola, me viu e veio até mim, reclamando:

- Cara, ontem você estava alucinado!

Sua voz atraiu algumas pessoas e não parei até chegar ao balcão, seguido por ele. Uma garota alta e gordinha estava ali e na hora se virou para mim, arregalando os olhos atrás dos óculos e estacando quando parei ao seu lado. Distraidamente, notei que era Valentina, que também estudava comigo.

Encontrei seu olhar e algo ali me fez ficar alerta, ligado. Uma energia pareceu estalar entre nós e franzi o cenho, atento, tendo uma sensação esquisita de familiaridade. Ainda mais quando ela deu um passo incerto à frente e murmurou como se pedisse algo:

- Micah ...

Estranhei, pois nem falava comigo direito. Ficava sempre vermelha e nervosa quando eu chegava perto, mas atenta em tudo sobre mim, o que às vezes me irritava. Só falei com ela umas duas vezes, quando pedi cola, mas nem respondeu. Só me deixou olhar sua prova.

Seu olhar para mim era apaixonado, íntimo, em expectativa, como se aguardasse ansiosa por algo. Estranhei aquilo e também o fato de algo me ligar a ela naquele momento, que não soube explicar. Ela me deixava tenso, inclusive por que já tinha me pegado em flagrante em um momento de fragilidade na escola, quando quase me descontrolei e deixei minhas emoções virem à tona. Quando notei, me olhava com uma espécie de pena, o que só me enfureceu na época. Desde então eu a evitava ainda mais.

Ao meu lado, Diego também notou e acabou debochando:

- Olha aí, Micah. Mas uma caidinha por você! É só catar e fazer sua caridade do dia.

Valentina arregalou os olhos, empalidecendo. Virei para o balcão, disposto a pedir meu café, dizendo por sobre o ombro com agressividade:

- Com essa aí meu pau nem sobe. – E completei para o atendente: - Fernando, traz um café aqui. E pão.

Diego riu do meu comentário e lancei um olhar de relance a ela, que continuava cravada ali, incomodando-me de uma maneira que não conseguia explicar. Havia uma dor latente em seu olhar, uma expressão que por um momento me deixou arrependido pelo que falei.

- E onde você foi parar ontem, depois da briga, Micah?

Continuei olhando para ela, pronto a dizer algo que aliviasse a minha grosseria, mas algo me impediu. Assim, apenas respondi à pergunta do meu amigo:

- Sei lá, cara, fiquei em coma alcóolico. Não lembro de porra nenhuma do que fiz ontem. E nem faço questão de lembrar das minhas merdas.

- Valentina, seu pão. – Uma das atendentes atrás do balcão a chamou, estendendo-lhe um saco pardo. – Valentina?

Ela continuava imobilizada, pálida, olhando para mim. Franzi o cenho e ergui as sobrancelhas, sendo bem direto:

- O que foi? Nunca me viu?

Diego soltou uma risada. Ela piscou, como se saísse de um transe, ficando vermelha. Reagiu, pegando o saco de pão que a garota lhe estendia e olhando-me com muita raiva, com sentimentos que não entendi. Virou-se para sair, mas antes falou com voz trêmula:

- Preferia nunca ter visto.

E afastou-se, pisando duro. Eu a acompanhei com os olhos e Diego comentou:

- Maluca! Mas me diz aí, Micah ... – Continuou a falar e olhei até Valentina sair da padaria.

Fiquei com uma sensação estranha, que não entendi. Um alerta. Uma culpa. Mas então julguei que fosse pelo fato dela me incomodar, por sempre parecer prestar atenção demais em mim, mesmo quando eu não queria.

Dei de ombros e voltei para frente, respondendo a Diego.

Parte 1 - Reencontros

“(…)
Por onde andei?
Enquanto você me procurava
Será que eu sei?
Que você é mesmo
Tudo aquilo que me faltava...
“(…)”

(Por onde andei, Nando Reis)

CAPÍTULO 1

16 de outubro de 2014

MICAH CRUZ FALCÃO

Eu estava com muita raiva.

Jurei a mim mesmo que nunca mais voltaria à Florada e lá estava eu. Pior, pisando na Fazenda Falcão Vermelho. O local onde fui criado, mas ao qual não pertencia. Afinal, eu era um Falcão só no nome, na certidão. Na realidade, eu era um filho bastardo.

Pisei o chão gramado e olhei para o casarão fincado na terra, com seu telhado perfeito, cercado pelos jardins de minha mãe e recortado contra o céu cinzento daquele dia cheio de nuvens carregadas. O ar parecia parado e tudo era silencioso.

Não havia vento nem canto dos pássaros. As folhas das plantas eram imóveis.

Senti um mau augúrio quando subi os degraus da varanda que nem ao menos rangeram. Tive uma sensação de irrerealidade, de artificialidade. Era estranho, tudo parecia como quinze anos atrás, mas ao mesmo tempo era diferente. Não havia vida ali. Sem som, sem cheiro, sem barulho, apenas a casa e as terras em volta, imortalizadas no tempo.

Agarrei a maçaneta de bronze da porta da frente e a girei, abrindo-a, entrando. Sempre havia algum movimento por ali, dos empregados, de Tia ou

dos meus irmãos, mas naquele dia tudo era sepulcral. Observei a escada, a sala, os móveis, tudo igual a quando eu morava naquela casa. Pensei em dar meia volta e sair, afinal não era mais meu lar. Mas algo me impulsionou a entrar ainda mais.

Tentei lembrar o que eu fazia ali, por que voltei. Eu mentiria se dissesse que não senti falta dali por todos aqueles anos. Senti muita. Mas segui em frente, passei por momentos difíceis, mas também por outros de vitória, acabei me fazendo sozinho. Então, por que voltei?

Algo me avisava para sair, mas me vi seguindo em frente, como se uma força mais forte me puxasse. Não subi as escadas. Atravessei o corredor no andar térreo, meus coturnos fazendo barulho em contato com as tábuas corridas do chão. Segui até o fim e só parei ao dar com a porta de madeira maciça do escritório, fechada.

Aquele silêncio e o ar pesado continuavam me cercando. Mas não recuei. Empurrei a porta e, decidido, entrei.

Havia um cheiro estranho ali, meio metálico, que pareceu deixar minha língua estranha. Franzi o cenho, um alerta soando em minha mente, como se meu subconsciente gritasse que ali não era lugar para mim. Mas eu tinha que saber, ver, conferir. Era mais forte e intenso do que eu, então adentrei o escritório e parei de supetão com a primeira coisa que vi. Sangue. Muito sangue no chão, que escorria pela tábua corrida e manchava o tapete creme entre os estofados.

Corri os olhos pela sala e vi as pernas inertes de um homem, que tinha o corpo totalmente escondido atrás do sofá. Meu coração disparou, fui engolfado por um desconforto e uma premonição, soube que precisava agir logo. E foi o que fiz. Andei rápido até ele e parei perto de seus pés, meus coturnos a milímetros do sangue que escorria.

Chocado, vi que era meu pai deitado ali, um ferimento aberto em seu pescoço e outro logo acima da orelha direita, enchendo seu cabelo, parte do rosto, pescoço e chão embaixo dele de sangue vermelho vivo, que não parava de purgar exageradamente dos ferimentos.

Encontrei seus olhos azuis abertos e alertas fixos em mim em uma expressão feroz de raiva e lembrei que era sempre assim que ele me olhava. Era um ódio tão intenso que não podia controlar, e até o simples fato de eu respirar irritava-o profundamente.

- Pai ... – Murmurei, dando um passo à frente, pisando no líquido vermelho e grosso que se esvaía dele, o desespero me golpeando. Apesar de tudo, só pensei em ajudá-lo, mas sua voz fria e furiosa me fez parar:

- Não sou seu pai!

E então lembrei. Eu tinha 18 anos e nunca entendi seu ódio comigo, seu

desejo de me ferir de todas as maneiras. Até o dia em que minha mãe morreu e entrei naquele escritório. Então meu pai, Mário Falcão, me disse com todas as letras que não me queria mais ali, que não tinha mais motivos para me suportar. E que eu não era seu filho, mas fruto de uma infidelidade da minha mãe com seu maior inimigo, Pablo Amaro. Só então eu entendi tudo, os anos de desprezo, raiva e violência comigo.

Tudo que foi dito naquele dia se embaralhou em minha mente, as palavras pareciam incompreensíveis, mas o ódio estava lá, purgando, contaminando tudo, arrasando comigo. Tentei me livrar da sensação de choque e da dor, preoquei-me com seus ferimentos e dei mais um passo, pensando em socorrê-lo, mas ele disse acusadoramente:

- Assassino! Você atirou em mim, assassino!

Estaquei e sacudi a cabeça, pois sabia que no fundo eu o amava e sempre quis a aprovação dele. Mas então senti algo pesado na mão direita e baixei os olhos. Chocado, fiquei gelado ao ver a pistola negra ali, com meu dedo no gatilho.

- Você quis me matar! – Ele gritou furioso e o sangue gorgolejou em sua garganta, escorrendo pela boca, se juntando ao outro no pescoço. – Assassino! Assassino!

- Não ... – Sacudi a cabeça, tentei largar a arma, mas ela parecia grudada em minha mão. O pânico veio violento e me dei conta que fui eu mesmo que atirei nele, as lembranças vieram como um rojão. – Não, pai, eu não queria ...

- Assassino!

Desesperado, eu tentava me livrar da arma, mas ela não saía. A minha respiração era pesada, entrecortada, meu coração disparava, eu suava frio e a culpa chegava a me deixar tonto, impotente.

A porta do escritório abriu e Theo entrou, franzindo o cenho com raiva para mim. Logo depois veio Tia chorando, Heitor com raiva, Pedro furioso, Joaquim e Gabi chocados, todos gritando:

- Assassino! Assassino!

- Não ... – E aquela arma não desgrudava, eu a segurava com a mão esquerda e puxava, mas meu dedo continuava no gatilho.

- Assassino!

- Não! – Gritei alto, alucinado, fora de mim. A dor me rasgando por dentro junto com a culpa.

E foi tão horrível, tão aterrador, que eu quis morrer. Quis esquecer tudo aquilo e não consegui, com tantos olhares acusadores para mim, com o ódio e o sangue do meu pai, com a culpa doendo como se enfiassem uma faca em meu peito.

- Nãooooooooooooooooooooo! – Gritei desesperado.

Acordei de repente no quarto desconhecido, suando muito, no meio da penumbra. Estava com a sensação de pânico no peito e o desespero me consumindo, enquanto olhava em volta das paredes brancas e me dava conta de que tinha sido um pesadelo. Respirei pesadamente, banhado de suor e afastei o lençol do corpo nu, arfando pesadamente, olhando para minhas mãos vazias, aliviado ao não ver a arma e saber que não estava naquele escritório.

Fechei os olhos e corri os dedos entre os cabelos, nervoso, tentando me acalmar. Tinha muito tempo que eu não sonhava com aquilo, mas agora retornava e eu sabia por que. Eu tinha acabado de voltar à Florada depois de ter jurado que nunca mais faria aquilo. E isso bastou para trazer tudo de volta com uma intensidade absurda.

Coloquei as pernas para fora da cama e levantei, indo até a janela, abrindo-a para receber a brisa fria da madrugada contra a pele suada e quente, que parecia até febril. Com as mãos espalmadas no batente, esperei me acalmar, até que pude respirar um pouco melhor.

Lá fora o vento suave e fresco balançava timidamente as folhas da árvore no quintal. A casa vizinha de dois andares estava na maior escuridão e era uma noite sem lua. A única coisa que ainda iluminava um pouco tudo era a luz que vinha do poste na rua. Fora isso, a cidade estava escura e silenciosa, todo mundo dormindo. Só eu ali, voltando a ter meus pesadelos.

- Merda ... – Resmunguei, ainda um tanto abalado.

Odiava me ver preso no passado, ele sempre teimava em voltar quando eu menos esperava e ia ser pior agora, por que eu estava ali, na cidade onde nasci e vivi até meus 18 anos. Onde toda tragédia tinha acontecido.

Desde aquela época, eu vinha lutando com meus fantasmas. Quase cheguei a me entregar a eles, a capitular e desistir diante da dor e da culpa, mas duas coisas me puxaram do fundo do poço e me mantiveram na superfície. Uma foi um amigo que conheci na hora certa, me mostrou uma direção. E outra foi aquele sonho, que sempre carreguei comigo e me acalentou, me deu a certeza de que eu teria conforto e acolhimento mesmo nos piores momentos.

Eu chamava de sonho, mas não sabia o que era. Uma sensação ou uma lembrança que eu carregava desde a noite em que fui para uma festa de colegas da escola perto da cachoeira, revoltado e bêbado, criando confusão com todo mundo, cheio de dor. Minha mãe estava prestes a morrer e eu me sentia completamente perdido, sem suportar o ódio latente do meu pai. Fui para aquela festa ferido e querendo ferir, até acabar sozinho largado no chão, tão bêbado que

fiquei inconsciente. E ali uma coisa diferente aconteceu.

Até hoje eu não entendia. Parecia uma lembrança, pois tinha sido forte e íntimo, familiar. Eu quase podia tocar e cheirar, quase. Uma voz, um sussurro, uma pele, mas sobretudo uma sensação de que eu era cuidado e amado, que alguém me colocou nos braços e me beijou, me acolheu, me tomou e se deu. Nunca contei aquilo para ninguém. Mas nunca esqueci.

De vez em quando eu sentia de novo, algo rodopiava dentro de mim e eu tinha a certeza de que havia sido real, que alguém realmente me amou e tocou naquela noite. Então me dava conta de que foi só um sonho, desses que a gente carrega vida afora, sem explicação. Eu sempre o buscava como se fosse um amuleto e, por mais incrível que pudesse parecer, me confortava quando eu me sentia mal. Como naquele momento.

Sacudi a cabeça e esperei o suor secar do meu corpo, enquanto pensava na vida que eu levava, que criei para mim. Era uma vida boa. Profissionalmente, como Oficial da ABIN em questões táticas e operacionais, eu viajava muito. Gostava assim, de conhecer o mundo, fazer um dia ser diferente do outro, pois nada me prendia. Era solteiro, naturalmente atraído pelo perigo, sem um lar para chamar de verdadeiro. Possuía meu apartamento no Rio, mas pouco parava lá. Tinha muitos amigos, gostava de rir e de me divertir, mas nunca me envolvi seriamente com ninguém.

Talvez fosse loucura, mas no fundo eu esperava um dia sentir por uma mulher o que senti naquele sonho: uma sensação única de pertencer a um lugar, de ser amado, de ter vontade de me doar todo, não apenas fisicamente, mas emocionalmente. E isso nunca havia acontecido. Nenhum rosto, olhar ou voz preencheu aquela lacuna, aquele vazio, aquele espectro que me acompanhava há quinze anos.

Não admitia para ninguém, mas também desde que saí de Florada nenhum lugar parecia um lar. Eu sentia falta do carinho de Tia, das implicâncias dos meus irmãos, até das broncas de Theo. Sentia falta do cheiro da comida na fazenda, de cavalgar sem destino, de ir ao cinema com os amigos no domingo à tarde na cidade. Era loucura para um rebelde como eu, sem laços nem brios, mas aquelas lembranças e sensações sempre me acompanhavam. E mesmo podendo estar no lugar mais lindo ou emocionante do mundo, me divertindo com a mulher mais gostosa, eu sempre sentia aquela sensação íntima de saudade, de que algo estava faltando. Era uma sensação de nostalgia, de solidão.

Aprendi a conviver com isso, a empurrar para um lugar bem fundo dentro de mim e deixar lá, quieto. Estava decidido a nunca mais pôr os pés ali, a me manter longe. Até o dia em que corria pelo calçadão de Copacabana e Luiza apareceu no meu caminho, minha meia irmã cheia de ódio, contando-me seus

planos de destruir os Falcão, achando que eu teria tanto ódio dentro de mim que ficaria do seu lado.

Naquele momento eu soube que precisava voltar, alertar meus irmãos e principalmente Theo, que estava casado com Eva sem saber que ela era da família inimiga, os Amaro. Família que eu pertencia também, já que era filho de Alice Cruz Falcão com Pablo Amaro, em uma infidelidade que só aumentou aquele ódio e aquela vingança.

Mas não voltei para me vingar, como pensava Luiza em sua mente louca. Eu tinha vindo para tentar evitar uma nova tragédia, sentindo-me responsável, passando por cima dos meus sentimentos e medos para proteger meus irmãos. Nunca me perdoaria se não fizesse nada e depois soubesse que algo aconteceu a eles. Assim, fiquei sem saída.

Há dois dias, no dia 14 de outubro, tirei minhas férias acumuladas, joguei umas roupas em uma bolsa, subi na minha moto, pus meu capacete, a carteira e o celular no bolso e no meu estilo de sair de um lugar ao outro sem pensar duas vezes, peguei a estrada do Rio para Minas sem vacilar. Mas não foi assim tão fácil. Foi uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida. Enquanto pilotava e me aproximava de Florada, eu sentia antigas emoções retornando, um certo pânico que eu odiava começando a incomodar. Nem sabia como seria recebido ali, mas segui em frente.

Lembrando daquilo, saí de perto da janela, mas a deixei aberta. Caminhei até a cômoda, peguei um cigarro do maço e o acendi. Dei uma baforada profunda, sabendo que tinha que abandonar aquele vício, mas dando de ombros logo depois. Para quê? Ao menos me fazia relaxar.

Sentei na beirada da cama e fumei quieto, meus olhos se voltando para a cortina branca que voava para dentro do quarto com a brisa. Meio distraído me dei conta que a cama ficava bem de frente para a janela e esta podia ser vista do andar superior da casa ao lado. Se alguém estivesse na janela lá, me veria nu. Sorri comigo mesmo, pensando que poderia ser alguma velhinha do meu passado que ficaria horrorizada, dizendo a todos que eu continuava louco e sem brio como antes.

Mas logo meu pensamento retornou à minha chegada em Florada, dois dias antes. Por uma extrema coincidência foi exatamente no momento em que Theo e Joaquim saíam do hospital com Eva, Gabi e seus bebês recém-nascidos. Não bastasse ficar abalado com o cheiro e a visão de Florada depois de 15 anos sem pisar ali, ainda dei de cara com eles. Uma recepção e tanto.

Ainda me sentia confuso. Por tudo que senti, por rever meus irmãos, por conhecer minha sobrinha Eva pela primeira vez, por saber que eu estava ali para trazer más notícias, mas necessárias. Não sabia até que ponto ela estava ao lado

de Luiza, mas seu olhar choroso e de desespero para mim contou outra história. E eu acreditei no que minha meia irmã disse cheia de ódio: que Eva tinha desistido da vingança por amor a Theo.

Foi estranho, dolorido, saudoso, emocionante revê-los.

Esperei o desprezo deles, até mesmo ódio ou que me mandassem sair da cidade. Afinal, a última vez que me viram eu tinha atirado no pai deles. Mas não foi nada disso. Apesar do estranhamento, do olhar desconfiado de Theo e depois de Pedro quando mais tarde me encontrou, eles até que me trataram bem. Principalmente Heitor, Gabi e Joaquim.

Terminei o cigarro, ainda um tanto perplexo com tudo. Levantei, apaguei-o no cinzeiro sobre a cômoda e notei que o dia começava a clarear aos poucos. Vi no celular que ainda era pouco mais de quatro horas da manhã e resolvi ficar de pé de vez. Vesti um jeans caído na cintura sem cueca e, descalço, saí do quarto e fui fazer um café na pequena cozinha.

Por sorte o dono da casa estava viajando e deixou tudo ali, prontinho, como se me esperasse. Ia ficar fora do país por seis meses e aluguei apenas um mês, pois esperava resolver o que vim fazer ali e voltar para meu canto, que não era mais em Florada.

Enquanto a cafeteira passava o café, abri a janela da cozinha e depois a porta dos fundos, gostando do ar meio frio da manhã. No Rio não dava para fazer aquelas graças, deixar tudo aberto, mas ali era diferente. Era uma cidade pacata e tranquila, onde todos se conheciam.

Enchi minha xícara de café e fui até a porta, me encostando no batente e olhando para o quintal de terra batida com algumas árvores que balançavam sob o vento suave. Tomei um gole do líquido quente e adocicado, pensando que tinha que reduzir o açúcar, mas nunca o fazia. Eu adorava doces, principalmente chocolates.

Novamente fui bombardeado por pensamentos sobre meus irmãos, especialmente Theo. No dia anterior eu soube que o clima no casarão estava horrível, após Theo ter descoberto sobre Eva e tudo que aconteceu depois, desde o fato dele ter quebrado os dedos dando um soco na parede até a chantagem de Lauro Alves, comparsa de Luiza, que tinha atirado neles e conseguido fugir. Agora meu irmão estava mais convencido do que nunca de que Eva queria matá-lo e a deixaria como prisioneira em casa.

Acompanhei-o até Ituiutaba para descobrirmos onde ficava a casa de Luiza, passamos pelo hospital em que Estela, mãe de Luiza tinha ficado internada, e lá conseguimos informações. Vi como foi duro para Theo ver a casa em que Eva viveu, saber daquela vingança planejada por anos. Minha meia irmã ainda me ligou com ódio por que entendeu que eu não estava ao lado dela

naquilo, fez ameaças, gritou com Theo.

Suspirei, sabendo que tudo aquilo era pesado e complicado demais para ser resolvido de uma hora para outra. Eu tinha certeza que Luiza e Lauro armariam alguma e já tinha me adiantado pelo menos para proteger Helena e Caio, os bebês. Se minha meia irmã louca planejasse algum sequestro com as crianças, que na verdade eram netos dela, seria mais fácil encontrá-los. Assim, preparei as duas pulseiras de ouro que tinha levado para eles com rastreadores. Naquele dia ainda iria ao escritório de Theo dar a de Helena e entregaria a Joaquim a pulseira de Caio. Ficaria mais tranquilo assim.

Tomei todo o café, sentindo o peito travado quando lembrei a emoção que senti na noite anterior quando abri a porta e me deparei com Tia e Joaquim ali. Eu olhei para a mulher que foi como uma mãe para mim, seu cabelo quase todo branco agora, as rugas mais pronunciadas, o olhar bondoso e carinhoso como sempre. Fiquei embargado, percebi o que eu já sabia, a saudade e a falta que ela fez em minha vida, as lembranças de seu cuidado e seu amor sempre presentes dentro de mim.

Por um breve segundo tive medo que não me amasse mais e que tudo que fiz no passado, culminando com aquela noite trágica, a tivesse feito ficar mais fria e distante. Fiquei imobilizado na porta, mais nervoso do que quando me via enfrentando o perigo em uma missão especial, parecendo mal conseguir respirar.

Então os olhos de Tia se encheram de lágrimas e ela avançou para mim emocionada, dizendo cheia de saudade e amor:

- Meu menino ... Finalmente você está de volta ...

E me abraçou forte, chorando muito.

Eu quase chorei também. Senti os olhos arderem, o peito doer, a falta que ela me fez todos aqueles anos cobrando seu preço. Foi uma luta me controlar, respirar fundo, não contar a ela que, de tudo que passei naqueles anos, o que mais foi difícil de aguentar foi ficar longe dela e de meus irmãos. A solidão tinha sido muito mais dura do que eu podia sequer imaginar.

Mas não falei nada. Só fechei os olhos e a abracei, a tristeza de tantos anos longe me remoendo, a saudade latejando, o amor ali presente sem ter diminuído nada no decorrer dos anos. Eu sentia muito mais saudade de Tia do que da minha mãe, que sempre foi muito ausente e viveu mais no mundo dela. Tia esteve comigo desde que nasci, trocou minhas fraldas, me ensinou o que era certo e errado, me levou para a escola quando eu ainda era pequeno, sorriu, me beijou, me deu broncas quando necessário. E mesmo quando eu era um rebelde e infernizava a vida de todo mundo, quando brigava comigo, nunca descreditei do seu amor.

Ali, enquanto ela chorava em meus braços e me chamava de “Meu

menino”, eu senti vontade de me justificar, de me redimir ao menos um pouco e murmurei em seu ouvido:

- Me perdoe por tudo, Tia ...

- Nada disso importa mais. – Ergueu a cabeça e segurou meu rosto entre as mãos, emocionada, seus olhos lacrimejantes, a voz embargada. – O que importa é que está aqui, filho. Senti tanto a sua falta! Nós o procuramos tanto, Micah!

- Eu não podia voltar. – Falei baixo, angustiado. – A culpa ...

- Não vamos falar em culpa. Muita coisa aconteceu. Mas você está aqui. Meu Deus, nem posso acreditar! – Escorregou as mãos por meu rosto e cabelo, como a sentir que eu era real. – Não é mais um menino! É um homem! Pensei tanta coisa, filho. Que tivesse morrido, que virasse um sem teto ou bandido, que ...

Calou-se, sacudindo a cabeça, contendo o choro.

- Mas olhe para você! Forte e lindo! Um agente do governo, que voltou para ajudar seus irmãos ... – Sorriu, emocionada. Joaquim se mantinha na porta, apenas nos olhando. – Eu rezei tanto, mas tanto para que Deus o protegesse!

- Deve ter sido isso. – Ergui uma sobrançelha e sorri, tentando desanuviar o clima. – Bem que achei que foi um milagre o que aconteceu na minha vida.

Rimos e eu os levei para dentro. Foram momentos únicos, pois Joaquim sempre foi meu melhor amigo e me recebeu de braços abertos e Tia me amava apesar de tudo, incondicionalmente. Contei a eles um pouco sobre minha vida e ouvi como foram as coisas por ali naqueles anos. Mas não quis falar sobre a tragédia entre mim e Mário Falcão e eles respeitaram isso.

Foi maravilhoso. Tia não largava minha mão nem parava de me acariciar. Eu me senti amado e querido, aliviado por não ser desprezado por eles. Depois que se foram, fiquei lá dentro um tempo sozinho e então fui dormir, acordando só agora.

Nem parecia que estava há dois dias ali, as coisas foram acontecendo como num turbilhão. Mas eu sabia que era só o começo. Muita coisa ainda estava por vir.

Deixei a caneca na pia e saí para o quintal, alongando os braços para o alto, respirando o ar puro antes da manhã nascer. Tudo era silencioso, somente o canto dos grilos mostrando que além de mim outros seres estavam acordados àquela hora.

Caminhei até uma mangueira que havia ali, com vários galhos retorcidos, mas um forte e na horizontal acima de mim, que descobri ser perfeito para agarrar com as duas mãos e me exercitar fazendo umas barras. Mas o que mais tinha me chamado a atenção na árvore era o fato do dono da propriedade ter feito

uma casa no alto dela, para alguma criança. Era toda de ripas de madeira e com uma escada fincada no tronco grosso e longo.

Sorri, olhando para o alto, lembrando de alguns filmes que tinha visto com casas de árvore, quando mais novo. Sempre fui louco por uma, por um canto só meu, onde pudesse guardar minhas coisas e olhar o mundo do alto.

E teve uma época que cismeiei que queria uma também e até escolhi minha árvore, enorme e frondosa, muito antiga, mas meu pai nunca deixou. Meu pai não, Mario Falcão. Disse que aquilo era palhaçada e proibiu qualquer construção. Eu tinha ficado revoltado, pois não custaria nada. Assim, pendurei uma corda na minha escolhida e simplesmente subia e me empoleirava lá, olhando as terras a se perder de vista. Levava algumas coisas minhas quando subia, um rádio para ouvir música, um estilingue para atirar sementes em quem passava embaixo e morrer de rir quando se assustavam, uma almofada para me recostar e sonhar com olhos perdidos no horizonte ou simplesmente alguns chocolates para comer.

Era muita coincidência voltar a Florada e ficar justamente em uma residência que tinha uma casinha de madeira na árvore. Parecia destino. Mas eu não acreditava naquelas coisas e simplesmente olhei para o alto, imaginando como a criança dona dela devia se sentir feliz. Fiquei curioso sobre como seria por dentro, já que nunca tinha entrado em uma. E decidi ver com meus próprios olhos.

Subi os degraus de madeira fincados no tronco, com facilidade. Eram largos e grandes, o que facilitou para minhas pernas compridas. Chegando no alto, espiei pela entrada e o espaço não era muito grande. Se eu deitasse esticado no chão lá dentro, ficaria com os pés para fora. Com certeza também não dava para ficar em pé sem me curvar. Era como um caixote e tinha uma única janela, presa com um trinco, deixando tudo na penumbra.

Pude ver algumas coisas em um canto e me senti mal por invadir o espaço de uma criança, mas a vontade de finalmente estar em uma casinha daquela foi tanta que me senti um garoto de novo e ri de mim mesmo, balançando a cabeça. Então, passei pela entrada e fui de joelhos até a janela, soltando o trinco, empurrando-a.

Uma parca claridade entrou e pude notar o que eram os objetos. Alguns brinquedos de menina e de menino, bonecas, carrinhos, uma flauta, alguns lápis de cera e cadernos de desenho empilhados. Sorri e pensei que, se um dia eu tivesse um filho, faria uma casa daquelas para ele. Aliás, uma mansão na árvore, com tudo que tivesse direito.

A brisa da manhã entrava pela janelinha e sentei no chão, abraçando os joelhos, olhando para fora com um sentimento estranho de melancolia e solidão.

Às vezes era o preço que se pagava por ser sozinho no mundo.

Foi então que vi, por entre algumas folhas da mangueira, a casa vizinha de dois andares. A casinha ficava quase de frente para a janela de madeira pintada de branco da casa no andar superior e ela estava aberta, com cortinas brancas esvoaçando.

Já pensava em descer e fazer alguns exercícios lá embaixo, quando algo me chamou a atenção e me prendeu no lugar. Fiquei com o olhar fixo no quarto da casa vizinha quando a brisa empurrou a cortina suave para dentro, abrindo-a, mostrando uma cama de casal e, bem diante dos meus olhos, uma mulher deitada sobre lençóis brancos amarfanhados.

Por um momento, não me movi. A mulher era esguia e tinha o corpo longo, mas curvilíneo, o que era possível ver pela camisola azul clara que se erguia por suas pernas bem feitas e se embolavam na altura dos quadris, tinha os pés apoiados na cama e as pernas ligeiramente abertas. O ar me faltou quando de imediato me dei conta do que acontecia, ao perceber que uma de suas mãos ia entre as coxas e a outra apertava um dos seios cheios sobre o tecido fino e sedoso.

Estava com a cabeça virada para o outro lado, mas eu podia ver seus cabelos escuros e curtos sobre a brancura do travesseiro, as ondas rebeldes espalhadas ali como tentáculos, aquilo em si sendo tão sensual quanto o resto.

Meu coração passou a bater mais forte e uma onda de luxúria puramente masculina varreu meu corpo, paralisando-me. Quando a cortina voltou ao lugar, escondendo-a de mim, tive vontade de soltar um palavrão, enquanto o sangue esquentava em minhas veias e meu pau enrijecia dentro da calça, nenhuma brisa sendo o suficiente para aliviar o tesão que me dominou.

Então, a cortina se moveu de novo e dançou para dentro do quarto, deixando-me mais surpreso e muito excitado quando a vi novamente, em todos os detalhes. A respiração dela arfante, o modo como ondulava suavemente o corpo em um misto de agonia e prazer, os dedos se enterrando sobre a carne macia do seio. Senti meus próprios dedos formigarem, quase a ponto de ter a sensação da pele e da seda sob eles, imaginando sua textura.

A outra mão sumia entre as pernas abertas, subindo mais a camisola, deixando-me ver uma parte da renda branca da calcinha contra o quadril, que ela tirava um pouco da cama e movia de modo erótico e doce, premente, enquanto jogava a cabeça para trás e me mostrava seu perfil delicado, com a boca aberta em um gemido silencioso para mim, mas que ansiei para ouvir.

Meus músculos se contraíram e eu nem pisquei, hipnotizado, pego de surpresa por aquela sedução inesperada. Quando subi ali, depois de um pesadelo, sentindo-me infantil e sozinho, nunca imaginei que me depararia com uma cena

daquelas. E mesmo sabendo que não deveria estar ali observando das sombras, não pude me afastar. Era completamente excitante, embriagante, mexia com minhas entranhas, dava vontade de pular da casa da árvore e escalar a casa dela, ver de perto sua pele macia, seu cabelo negro, saber a cor dos seus olhos e ouvir seus gemidos baixinhos.

Ela girou a cabeça, seus movimentos mais rápidos e ondulantes, o corpo indo ao auge, fazendo com que o sangue bombeasse violentamente para meu coração, fazendo-me ferver, o pau doendo de tão duro, a boca subitamente seca, pronto para tomá-la, meus sentidos despertos e em alerta. Não dava para ver seus traços na penumbra, apenas sombras e uma parte da pele, da boca, o contorno do nariz. Vi-me ansioso, precisando de mais, meus olhos varrendo-a sem controle.

Havia, em meio aquele prazer e aquela sensualidade latente, algo de agonia, que mexeu comigo. Era como se ela lutasse contra o desejo, ao mesmo tempo que o buscava. Não estava nua, mas sua mão se movia feroz dentro da calcinha e pude imaginar seus dedos enterrados na carne macia e molhada, eu mesmo quase gemendo em um prazer necessitado e perverso, ansiando estar no lugar dela, afastando sua mão e colocando a minha, tirando a outra que apertava o seio como se não soubesse bem o que fazer, para então eu poder tirar do caminho o tecido azul sedoso e me banquetear com seus mamilos que pareciam perfurar a camisola, de tão duros.

Ela se mexia em êxtase, fora de si, mesmo que ainda contida por algo. E eu ardia, alucinado, sem poder me conter e deslizando uma das mãos sobre meu jeans na coxa, até agarrar meu pau ereto de tanto tesão, mais duro do que julguei que pudesse ficar. Não tinha o hábito de usar cueca, por isso o simples roçar do tecido grosso era doloroso e ao mesmo tempo prazeroso.

- Porra ... – Soltei o palavrão, abafado, tendo raiva quando a cortina balançou e a escondeu de mim por um momento. Estiquei as pernas à minha frente e apoiei uma das mãos no chão de madeira, a outra agarrada com firmeza em meu pau, masturbando-o sobre o jeans, minha respiração alterada, cada parte do meu corpo ligado àquela mulher misteriosa e deliciosa que me deixava doido, como um presente dos deuses.

A cortina voou como se dançasse e eu arquejei ao vê-la entre sombras e curvas, torturando-me com o arquear de seus quadris, com os dedos que a penetravam, com a boca aberta por gemidos e em busca de ar. Eu precisava abrir minha calça, agarrar meu pau, me aliviar, mas estava tão seco nela que me apertei dolorosamente, sem poder fazer mais do que rezar pra que aquela maldita cortina não a escondesse, não quando eu me conectava a ela de maneira irremediável e carnal, obcecado, sem nem conseguir piscar.

E então eu vi quando estremeceu e se contraiu, quase como se sentisse

dor, suas costas saindo da cama, os dedos enterrados dentro da calcinha, as coxas se apertando e sua cabeça jogada completamente para trás, aquelas ondas negras enroscadas no travesseiro, a garganta totalmente exposta, a boca aberta em arrebatamento, os seios empenados. Fiquei louco, a ponto de gozar ao testemunhar seu prazer tão feminino e urgente, enquanto ela se sacudia e tremia.

Ao mesmo tempo, sem que eu pudesse explicar, algo familiar e íntimo me invadiu. Era como se seu movimento, seu jeito de jogar a cabeça para trás, me lembrasse alguém. Quase senti um gosto doce na boca, que sempre vinha fugaz e fugia antes que minha mente o nomeasse. Aquelas sensações novamente, tão minhas, tão entranhadas, tão únicas.

Cheguei a sentir uma ponta de desespero, querendo agarrar na memória o que me escapava, mas não era racional, era instintivo. Era só um sonho. “Aquele” sonho.

Olhei-a, perdido em sentimentos inexplicáveis e em um desejo puramente novo, desperto. Imaginei-me sobre ela, enterrando-me naquela bocetinha succulenta, minha boca naquela garganta, e apertei meu pau tanto que ele babou na ponta e doeu contra o zíper duro e apertado, meu coração alucinado, minha respiração saindo em haustos. Era uma cena totalmente enlouquecedora, natural, um flagrante de prazer inesperado, que me pegou desprevenido e me deixou ali como um garoto, fora de mim, completamente arrebatado. Eu iria saber quem era aquela mulher.

As cortinas se moveram mais ferozmente, como se o vento aumentasse, mostrando-a e escondendo-a de mim, enquanto ela desabava na cama arfando e ofegando, largando um braço sobre o lençol, o outro puxando a mão de dentro da calcinha, como se estivesse exaurida. Parecia estar de olhos fechados, enquanto o corpo se acalmava após o gozo, mas ainda havia algo como uma energia angustiante, que não consegui entender, só sentir.

Soube que precisava desesperadamente conhecê-la, fitar seus olhos e saber que cor tinham, que sentimentos guardavam, que segredos eu deveria desvendar. Parei de me masturbar, apenas agarrei meu pau, sem poder me desconectar ainda dela, imobilizado nas sombras daquela casa de árvore que me escondiam como um maldito tarado, sem que ela nem imaginasse tudo que eu tinha visto.

A mulher passou a mão pela testa que devia estar suada e pelo cabelo. Ajeitou a calcinha e a camisola de maneira pudica, como se não tivesse acabado de se dar prazer e sentou na cama, um tanto ondulante. Eu estava acostumado a observar as nuances e a linguagem corporal das pessoas, meu trabalho em missões me preparou para aquilo, talvez por isso o tempo todo sentisse a agonia em seu prazer e agora a tensão que parecia exalar dela, mesmo sem vê-la

claramente.

Ficou de pé e vi que era alta, escultural, com quadris bem arredondados e seios cheios, enquanto caminhava até a janela, para meu deleite. E então a parca luz da manhã que nascia incidia sobre ela ao apoiar a mão no parapeito e respirar fundo, expondo-a para meu olhar ansioso e faminto.

Cabelos negros e ondulados espalhavam-se em desordem em volta de um rosto bonito, até a altura do pescoço. Tinha olhos grandes e escuros, levemente repuxados nos cantos, dando-lhe algo de exótico em meio a traços tradicionais e aristocráticos. O nariz era fino e empinado, mas a boca feminina e vermelha, entreaberta. Havia um misto de confusão e algo mais em sua expressão, como se o fato de ter acabado de gozar a desagradasse ou envergonhasse, deixando-me mais curioso e impressionado. Parecia nervosa e então apertava os lábios, respirando fundo, seu olhar meio perdido.

Seu pescoço era longo, a camisola, bem mais comportada do que imaginei, cobrindo os seios, mas deixando entrever um colo bonito e mamilos intumescidos contra o tecido. Eu me delicieei com sua visão, com o misto de sensualidade e aquele “que” de desespero em sua expressão, o que me deixou curioso, uma parte carnal minha reparando em seu corpo e em seu cabelo selvagem, na pele acalorada, em algo nela estranhamente familiar, mas sem conseguir me recordar quem poderia ser. Outra parte, mais racional, seguia as nuances da sua expressão, notando que havia algo ali incomodando-a profundamente, atordoando-a.

E então, sem que eu esperasse, seu olhar veio em minha direção. Fiquei paralisado, pego em flagrante. Seus olhos baixaram e me dei conta que eu estava no escuro, invisível lá dentro da casa apertada, as sombras me encobrindo. Ela não tinha me visto e, para minha decepção, deu um passo para trás, fechou as cortinas e, quando elas tremularam, vi apenas seu vulto se afastando.

Ainda continuei ali um tempo, parado, o desejo latejando, mas sem fazer nada quanto aquilo. Meu corpo ardia, mas a confusão dos meus sentimentos era o que me deixava sem ação. Quando vi que ela não voltaria, percebi que estava suado dentro daquele cubículo e com o pau duro, necessitando desesperadamente de um alívio, mas naquele momento só aquela mulher enchia minha mente, preenchia minhas fantasias.

Não senti vontade de terminar de me masturbar. O que eu queria era descobrir logo quem era aquela minha bela vizinha, que mexia comigo além da lascívia. Soube, ali, que não sossegaria até ver aqueles olhos de perto, ouvir sua voz e então consumir o que ela tinha despertado em mim.

Arrastei-me para fora da casa de árvore e desci, pulando os últimos degraus. Ergui os olhos para a janela da casa dela, mas vi só as cortinas naquele

torturante vai e vem. Meu corpo ardia, minha ereção estufava obscenamente a calça caída baixa nos quadris, e prometi a mim mesmo que a bela vizinha não me escaparia.

Aproveitei a manhã e decidi me exercitar e aliviar o corpo excitado, até voltar ao normal. Mas enquanto começava a suar e obrigar meus músculos a responder, só pensava nela e quem seria.

CAPÍTULO 2

VALENTINA RESENDE BOTELHO

A palavra mais fácil para me descrever era desespero.

Há dois dias, quando saí do escritório e estranhei uma certa agitação na cidade, não esperava que o meu maior pesadelo estivesse tomando forma e se tornando realidade.

Lembro que entrei em casa sem entender os grupinhos na calçada, as pessoas mais velhas comentando, um ar diferente em tudo. Mas tinha coisas demais para fazer e odiava fofoca. Assim, dei de ombros e segui em frente.

Já passava das cinco horas da tarde quando deixei as chaves penduradas e segui para a sala. Era uma casa grande e eu ainda a pagava em um financiamento que fiz há três anos, quando a antiga moradora, uma velhinha professora da escola de Florada já há muitos anos aposentada, faleceu. A casa foi colocada à venda e vi ali a oportunidade de sair da residência da minha mãe e ter meu próprio canto, onde pudesse criar meu filho à minha maneira e fugir um pouco das implicâncias veladas da minha mãe. E não me arrependia.

Era uma casa grande de dois andares, com um belo terreno e a pinteí e decorei da maneira que queria. A sala ampla e espaçosa era aconchegante, com estofados grandes e macios, tapetes felpudos, um tom gostoso de lavanda nas paredes, as cortinas brancas combinando com as portas e janelas de madeira também pintada de branco.

Cacá, meu filho de 14 anos, reclamava que era uma sala feminina demais com as almofadas coloridas e flores que eu gostava de ter sempre frescas por ali. Em compensação, ele mesmo decorou seu quarto e era um horror, mas tive que respeitar e aceitar. As paredes eram negras com pôster de rock, motos e caveiras. Agora ele só queria andar de preto e vivia de cara feia, em um aspecto rebelde que me lembrava muito uma pessoa do meu passado. Uma pessoa que eu queria esquecer.

Atravessei a sala e segui até a cozinha, vendo a porta aberta ali, que dava para os fundos. Havia uma pequena varanda e ouvi música, de novo um daqueles rocks que para mim era só barulheira e gritaria. Suspirei e saí, vendo o celular de Cacá sobre a mureta da varanda no último volume e nem sinal dele.

- Cacá? – Chamei e saí ao quintal bem cuidado com grama, árvores e meu pequeno jardim cheio de flores.

- Aqui. – Respondeu da lateral esquerda e o vi debruçado na cerca de

madeira branca que dividia nossa propriedade com a do vizinho. Quase que toda a cerca tinha sido tomada por trepadeiras, mas eu gostava e só as aparava.

Vi meu filho lá, de olho no quintal do vizinho e me aproximei, indagando:

- O que está fazendo aí?

Há alguns meses a família tinha ido para o exterior e a casa ao lado estava vazia.

Cacá deu de ombros e nem olhou para trás, compenetrado em outra coisa. Eu me aproximei e me inclinei para dar um beijo em seu rosto, sentindo-o enrijecer. Não retribuiu e fiquei um pouco sem graça, como sempre acontecia desde que ele parou de ser um filho carinhoso e resolver se rebelar contra mim.

Aquilo doía. Perdi meu pai quando era muito pequena e fui criada só pela minha mãe. Ela nunca gostou muito de contatos físicos e eu ficava com vergonha de abraçá-la e beijá-la, embora admirasse muito as pessoas afetuosas e eu mesma sentisse falta de carinho. Quando morei um tempo com minha tia, bem mais expansiva, descobri o prazer de um toque, um sorriso aberto, um abraço. Ela adorava contatos físicos. E quando Cacá nasceu, eu o amava tanto que não conseguia parar de acariciá-lo e beijá-lo. Cresceu sendo muito carinhoso comigo. Infelizmente as coisas tinham mudado. Há quatro anos só pioravam, ainda mais agora que era um adolescente.

- O que está olhando?

Perguntei, indo para o lado dele. Já era alto, passava dos meus um metro e setenta e acho que antes dos quinze teria um metro e oitenta de altura. Ou até um pouco mais, como o pai. Mais uma vez afastei aquele pensamento, odiava ter qualquer lembrança dele.

- Aquela moto é foda. – Murmurou, com olhos fixos no outro quintal.

- Olha a boca. – Repreendi e nem se dignou a me olhar. Suspirei mais uma vez e vi a moto na lateral da casa vizinha de apenas um andar.

Franzi o cenho, surpresa. Era linda, enorme e preta, daquelas que a pessoa tinha que praticamente deitar sobre ela e tinha um design que demonstrava velocidade. Devia ser caríssima e tinha um símbolo japonês em vermelho e um nome também vermelho ao lado em linhas arrojadas: Hayabusa.

- Será que Anderson voltou ao Brasil com a família? – Perguntei, lembrando que o antigo morador tinha dito que só voltaria no meio do ano seguinte.

- Não. – Cacá observava cada detalhe da moto, cheio de admiração. – Soube que o pai dele alugou pra um cara que chegou na cidade.

- É mesmo? – Estranhei, pois em geral os moradores tinham cuidado com desconhecidos. – Deve ser algum parente dele.

- É um cara que já morou aqui, pelo que ouvi as fofoqueiras aí da frente falando.

- Cacá, olha como fala. São senhoras de idade.

- Mas é verdade. – Lançou-me um olhar meio de lado e voltou a se concentrar na máquina. – Sabe que essa Hayabusa é uma das motos mais rápidas do mundo?

- Imagino. – Meu filho vivia lendo revistas sobre motos e me matava de medo quando dizia que aos dezoito anos compraria uma.

- Ela tem uma aerodinâmica inspirada no falcão japonês Hayabusa, olha as linhas dela, perfeitas! – Sua voz era animada, admirada. – Só vi na revista.

A palavra “falcão” despertou meu interesse e por um momento me lembrei de um outro Falcão em sua moto barulhenta pela cidade, criando o maior rebuliço. Cansada, sacudi a cabeça.

- Vou entrar, tomar um banho e fazer o jantar. Como foi na escola hoje?

- A mesma merda de sempre.

- Cacá! – Repreendi e ele nem ligou.

Já ia me afastar, um tanto cansada, quando completou:

- Disseram que o dono dela tinha uma moto feia e velha que parecia soltar estouros quando morava aqui.

Parei e um arrepio gelado percorreu minha coluna. Voltei de leve o rosto para ele e por um momento meu coração falhou uma batida.

- O quê? – Consegui murmurar.

- O dono dessa máquina. – Cacá apontou para ela, ainda impressionado. – O dono já morou por aqui e tinha uma moto velha e barulhenta. Agora voltou tirando onda com essa Hayabusa.

Tentei não dar importância ao alerta do meu cérebro nem me deixar abalar. Mas eu me sentia gelar, paralisada. Um medo incipiente se infiltrou dentro de mim e com muito custo balbuciei:

- Sabe ... Sabe o nome dele?

- Do cara? Eu não.

Claro que não era ele. Tinha tido uma moto barulhenta, mas quinze anos atrás. Devia ser de algum morador mais recente que viveu ali na época em que eu estava em São Paulo. Respirei fundo e sacudi a cabeça, tentando me livrar daquele medo.

Segui para a casa, ainda meio perplexa, aos poucos me acalmando. Mas antes de chegar à varanda, Cacá saiu da cerca e me seguiu, dizendo às minhas costas:

- Ah, falavam um nome por aí, um cara que aprontou todas na cidade e que tinha sumido. Acho que era ...

Eu parei e meu coração disparou como um louco no peito. O ar me faltou. “Não pode ser ele”, pensei nervosa, quase como em uma oração. Diziam que ele tinha morrido, as últimas notícias que tiveram dele foi há anos em uma favela do Rio de Janeiro, tudo indicando que tinha virado um traficante.

Cacá passou por mim, todo de preto, seus cabelos lisos e castanhos espetados para todo lado. Deu uma olhada para trás sobre o ombro, sem perceber meu choque e pânico silencioso, dando-me o golpe fatal:

- Michael. Não, não ... Micah. Isso, é um tal de Micah.

Não parou para ver meu desespero. Nem ao menos notou. Agarrou seu celular, entrou em casa e eu fiquei lá, paralisada, sozinha, chocada.

Tonteei e tive que me segurar na murada da varanda. Não era possível. Não podia ser ele de volta.

Micah.

Minhas pernas bambearam e sua imagem invadiu minha mente, aqueles traços e aquele sorriso safado que nem o tempo pôde apagar. Foi como voltar ao passado, quando eu ainda era uma garota tola e apaixonada que só o via pela frente. Que só faltava beijar o chão em que ele pisava.

E aquela noite. Aquela única noite em que me tocou e beijou, perto da cachoeira, marcando-me para sempre, mudando toda a minha vida.

Eu estava como que fora de mim, angustiada, nervosa, desesperada. O pânico me dominou e acho que nunca senti tanto medo em minha vida. Meu segredo estava abalado, a qualquer momento poderia ser descoberto. Tudo que construí com tanta luta e empenho poderia ruir, destruindo a mim e a Cacá.

- Não ... – Murmurei em uma súplica silenciosa, voltando meus olhos para a casa vizinha na penumbra, sem poder acreditar que Micah estava na cidade e que ainda por cima era meu vizinho. Não podia ser. Não podia ser.

Tremendo muito, levei as mãos ao rosto e tive vontade de gritar, mas gemi, inconformada, apavorada, nervosa a ponto de sentir todo meu corpo em angústia, o frio na boca do estômago, as mãos geladas, o coração alucinado no peito, a cabeça girando.

Fui bombardeada por imagens dele, seus cabelos castanhos meio compridos, o brinco na orelha, as tatuagens, o modo como piscava o olho para mim para me pedir cola na escola, sedutor, quase me matando do coração. Seu andar jogado, como se fosse dono do lugar. O modo como todos viviam atrás dele e riam de suas loucuras, as meninas dando um braço para serem as escolhidas dele.

E eu, sempre de longe o admirando, querendo-o tanto que até doía, sabendo que lindo e popular do jeito que era nunca olharia para a garota mais feia da turma. Mas mesmo assim eu sonhava, eu imaginava que ele não ligaria

para meus óculos de sete graus de miopia nem para meus vinte quilos acima do peso, nem para o fato de ser mais alta que a maioria das meninas, desengonçada, sem saber me vestir.

E um dia aquele sonho virou realidade. Micah olhou para mim, tão bêbado que nem sabia onde estava. Mas olhou, me beijou, me pegou. Fez comigo coisas que eu nem imaginava serem possíveis, mostrou-me um prazer que eu nem desconfiava existir. Em questão de pouco tempo me fez a pessoa mais feliz do mundo, para depois me destruir por completo, esmagar meus sonhos, mostrar uma realidade dura e sofrida que nunca esqueci. Ele foi meu herói e meu pior algoz. Micah me fez virar uma pessoa adulta de um dia para outro. Mudou toda a minha vida, em uma guinada de 180 graus.

Por anos eu guardei aquela dor só para mim, no dia em que o vi na padaria e o olhei ansiosa, esperando sua reação, achando que tudo mudaria entre nós. E ele nem ao menos lembrou. Chegou a dizer que seu pau nunca subiria comigo, humilhando-me, matando-me, logo depois de ter me tornado mulher e me encher de esperanças e prazer. Eu fui destruída sem dó, sem imaginar que era só o começo, que além de tudo já carregava o seu filho no ventre.

Hoje aos trinta e três anos, orgulhava-me da minha força e das minhas conquistas. Eu me fiz, depois do golpe fatal. Tinha a vida que sempre quis, minha casa, meu filho, um noivo bom que me amava. Cacá andava rebelde, não me perdoava por algumas coisas, mas eu era paciente, esperava aquela fase ruim da rebeldia adolescente passar para que ele entendesse o quanto eu o amava e fazia tudo por ele. Era só aquilo, uma fase.

Agora ... Agora aquele homem vinha atrapalhar tudo. Ameaçar o que construí, me desesperar a ponto de ficar sem ar, sem saber o que fazer para esconder meu segredo, para não arriscar perder tudo que consegui. E me assustei ainda ao me dar conta de que, mesmo com todos os riscos que sua volta trazia e com toda carga emocional de um passado mal resolvido, tinha sentido saudades dele e um alívio estranho ao saber agora, com certeza, que não estava morto.

Precisei de vários minutos para respirar fundo e poder me acalmar um pouco, dizendo a mim mesma que não queria saber mais nada dele, embora o pavor continuasse me remoendo. Aos poucos, fui me dando conta que só eu e minha tia já falecida sabíamos do meu segredo, não contei nem mesmo à minha mãe, que nunca soube o nome do pai de Cacá. Precisava me controlar, ser fria e comedida, cuidadosa. Então, ninguém desconfiaria de nada.

Mas quando consegui entrar em casa, eu ainda tremia e me sentia apavorada. Não queria encontrar com ele e muito menos que conhecesse Cacá. Mas como impedir sendo meu vizinho e já tendo atraído meu filho com aquela moto? Meu Deus, o que eu poderia fazer?

Cambaleei para a escada e dali para meu quarto, pensando em fugir. Ir para longe. Mas então parei no corredor e respirei pesadamente, sacudindo a cabeça. Não podia desistir da minha vida, de tudo que eu tinha conquistado, da estabilidade duramente alcançada. Agarrei a maçaneta e entrei em meu quarto, sendo engolfada pela raiva, que agora disputava espaço dentro de mim com o desespero.

Eu não mudaria nada na minha vida por causa dele. Teria calma, estaria atenta e o manteria o mais distante possível de mim e do meu filho. E Micah nunca mais poderia me fazer mal. Ele fazia parte do meu passado, estava perdido no tempo. Anos tinham se passado e eu era outra mulher. Tudo seria diferente.

Só então, decidida, eu consegui respirar novamente.

Agora, dois dias depois, eu dava parabéns a mim mesma por ter conseguido evitá-lo. Soube que alguma coisa estava acontecendo, vi o nervosismo de Theo, algumas pessoas comentavam sobre alguma ameaça à Família Falcão e imaginei que por esse motivo Micah estava de volta. Mas rezava para que fosse temporário e que ele fosse logo embora.

Para minha sorte, ele não parou em casa naqueles dois dias e imaginei que deveria estar com Theo, pois este nem apareceu no escritório. Alguma coisa realmente séria acontecia. E saiu sem a moto, pois esta ficou o tempo todo no quintal, sob a paquera de Cacá.

Eu esperava que assim fosse e que meu filho nem chegasse perto dele. Nem eu. Mas mesmo assim, sem vê-lo, eu passei aqueles dois dias com medo e nervosismo, alerta, olhando para os lados, esperando encontrá-lo a qualquer momento. Não dormi nem comi direito, inventei desculpas para que meu noivo Elvis não viesse em minha casa e me recolhi cedo.

Cacá me olhava desconfiado e perguntou se estava acontecendo alguma coisa, mas apenas balbuciei que andava cansada. Na verdade, estava tensa, nervosa, preocupada e alerta.

E à noite, quando não conseguia dormir, eu não podia evitar que as lembranças voltassem embaralhadas, boas e ruins, sempre me fazendo ter ódio de mim mesma por ter sido tão tola e tão apaixonada.

E sem querer pensava nele, imaginava como estaria agora sendo um homem de trinta e três anos. As drogas, a bebida e o cigarro teriam cobrado seu preço e ele estaria acabado, envelhecido? Careca? Barrigudo? Ou continuava o mesmo demônio sedutor e cruel de sempre?

Eu não queria saber. Queria distância dele e lembrava a mim mesma que era noiva, que devia me preocupar apenas com Elvis, um homem centrado, sério e que me amava. O resto era passado, devia somente ser ignorado e esquecido. Mas como, se eu nem conseguia mais dormir direito? Se sabia, no fundo de

mim, que nunca o esqueci como deveria?

Naquela madrugada, acordei quando o dia ainda nem tinha clareado, sonhando com um homem que me beijava e acariciava, com um corpo forte pesando o meu e mãos grandes que deixavam um rastro de sedução e luxúria por onde passavam. Minha pele estava febril e eu podia sentir sua boca na minha, seus ângulos e músculos, seus cabelos contra os dedos. Abri os olhos e estava em meu quarto, suada e ofegante, sozinha. Tinha sido um sonho, um misto de lembrança e devaneio, algo que sempre me forcei a negar e esquecer, mas que voltava quando eu menos esperava.

Sentia muita raiva de mim mesma, pois em meio à minha vida sempre tão controlada e segura, que com tanto custo conquistei, não queria que aquele homem invadisse minha mente. Era absurdo, eu negava que o meu amante dos sonhos fosse Micah, pois ele tinha ficado no passado, mais especificamente há 15 anos, a única loucura e aventura que tive. Mas não tinha como me enganar. Podia esconder aquilo de todo mundo, ser um segredo só meu, mas não havia como mentir para mim. E era isso que me revoltava sempre.

Naquela madrugada foi pior. Talvez por que eu soubesse que ele estava de volta, tão perto, na casa ao lado. Por isso as lembranças me perturbavam e descontrolavam com mais força, me faziam perder a razão. O sonho foi muito mais real que das outras vezes, acordei em chamas, com a vagina melada e latejando, os seios inchados, a respiração descompassada. Ele tinha me beijado e estava enfiando seu pau em mim, lentamente, tão duro e fundo, dizendo palavras obscenas em meu ouvido, quando despertei. E agora eu só podia tremer, inebriada de lascívia e desejo.

Não resisti e me toquei. Fechei novamente os olhos, fora de mim, precisando de um alívio para não enlouquecer. Eu nunca gozava, a não ser quando me masturbava, mas evitava ao máximo fazer aquilo, pois para mim era uma fraqueza. Só não resistia em raras ocasiões quando acordava enlouquecida daquele jeito, após um sonho que me arrebatava, em um golpe baixo.

Não queria pensar, nem dar uma forma ao meu deleite, mas enquanto metia os dedos dentro da calcinha e encontrava meu clitóris intumescido e sensível, a outra mão apertando o seio, eu via cabelos castanhos em minha mente, um sorriso safado, um olhar cínico e sensual. Eu via o único homem que deixei me seduzir e me arrasar, o único que me fez gozar e ao mesmo tempo destruiu todos os meus sonhos, levando-me do paraíso ao inferno, mudando completa e irremediavelmente a minha vida.

Em prazer e agonia, com raiva e saudade, eu deixei minhas defesas caírem e Micah surgiu muito claro, como se estivesse ali comigo, sua presença estranhamente naquele quarto, como se me olhasse, como se soubesse o que eu

fazia. Gemi, rendida, penetrando meus dedos na vagina molhada, sugando-os para dentro de mim. Estremeci, ondulei, fiz amor comigo mesma, mas era como se fosse ele ali, me olhando e tocando, sua energia me envolvendo, algo me conectando a ele.

Desabei na cama, com resquícios do orgasmo e com aquela sensação estranha e forte de que não estava sozinha. Enchi-me de vergonha pelo que tinha feito e imaginado, por ser tão tola ainda. Eu era noiva. Nunca gozava com meu noivo. Como podia então ser tão sórdida e idiota para me masturbar pensando naquele maldito do meu passado, que nunca nem sequer soube que eu existia?

Levantei-me ajeitando a roupa, secando o suor do rosto com as mãos, meu corpo ainda lânguido, minha alma em frangalhos. Fui até a janela em busca de ar, de algum alívio, mas a culpa me remoía, me lembrava de que tinha que ser forte, cuidadosa, não aquela massa descontrolada de sensações.

Tudo lá fora era silêncio e estava escuro, mas senti um arrepio na espinha, como se não estivesse sozinha e alguém me observasse. Tensa, cerrei os lábios e entrei, recuei para a segurança do meu quarto e saí de lá, em busca de algo que me acalmasse e fizesse voltar ao normal, talvez um pouco de café.

Terminei o café e voltei à suíte, silenciosamente, seguindo como uma sonâmbula para o banheiro devido à noite mal dormida e à culpa que ainda me rondava por ter me masturbado e pensando nele.

Fiz minha higiene pessoal, mas nem me dei ao trabalho de pentear o cabelo. Precisava ainda de um tempo só pra mim, para me restabelecer completamente, talvez deitar no sofá e ver um pouco de televisão até acordar de vez. Mas antes de descer, caminhei descalça até a janela, percebendo que o dia mal nascia ainda.

Tinha se tornado um hábito naqueles dois dias espiar ali antes de ir cuidar da minha vida e afastei a cortina, olhando para a casa vizinha esperando me deparar com Micah a qualquer momento. Qual não foi o meu susto quando isso aconteceu.

Fiquei completamente paralisada, nem ao menos respirei. Era como se tudo em mim travasse, parasse no tempo e no espaço. Somente meus olhos cravaram nele e o seguiram.

O dia ainda estava ficando com o céu rajado de luz em tons laranjas que venciam a negritude da noite, mas mesmo assim lá fora ainda havia penumbra e não pude ver com total clareza. Mas aquele corpo alto e aquele jeito de andar eram com certeza dele. Micah.

Estremeci, meus olhos grudados em seu cabelo mais curto, embora espichado quase como o de Cacá. Assustada, recuei para o lado, nervosa, olhando só por uma fresta, levando a mão ao peito, pois parecia que meu coração

saltaria dele a qualquer momento. Minhas pernas estavam bambas e perdi o domínio sobre mim mesma, enquanto colocava meus olhos sobre ele a primeira vez depois de tantos anos.

O corpo era mais forte do que no passado, mas sem um grama de gordura sobrando. Em meio a sombras e luz eu podia notar braços musculosos sem exagero, os gomos de um abdômen definido, ombros largos, jeans grudados em coxas potentes. Estava perto da enorme mangueira no terreno dele, quase embaixo da casa de árvore que tinha sobre ela e que o meu antigo vizinho tinha feito para o filho.

Não dava para ver ser rosto, só o contorno de um maxilar mais anguloso do que eu me lembrava, assim como um número maior de tatuagens em seu corpo. Antes ele tinha aquela cruz grande no braço direito, cheia de raios negros saindo dela. Agora eu podia ter o vislumbre de outras.

Senti a garganta seca, suguei o ar rarefeito pela boca aberta. Continuei segurando a cortina, sem poder fazer mais nada além de ficar ali, impregnada dele, vendo um homem feito na minha frente, não mais um garoto. Até o jeito dele de se mover era mais seguro e firme, mais sensual. O desgraçado tinha ficado ainda mais perfeito, como se fosse possível.

Ele deu um impulso para cima e agarrou um galho da árvore, pendurando-se. Com grande facilidade, começou a erguer o corpo até o pescoço ultrapassar o galho, descendo e subindo como se estivesse em uma barra, os tornozelos cruzados, os músculos de seus braços e costas cada vez mais proeminentes.

A cada movimento dele eu sentia o ar me faltar mais, o corpo como em combustão, a mente lenta e dopada. Quis desesperadamente ver seu rosto, fitar seus olhos castanhos ambarinos, visualizar as mudanças e permanências em cada traço. Saber se sua boca continuava tão carnuda quanto antes, se suas sobrancelhas ainda eram naquele formato cínico, se seu sorriso derretia até uma calota polar.

Mas meu olhar era teimoso e irreprimível, seguia sozinho sem poder ser dominado, descendo por cada parte dele, ansiando por um pouco mais. Tentei enxergar as outras tatuagens, vi o jeans caído no quadril e a linha angular que o marcava até o púbis em forma de V e uma sombra mais escura bem abaixo do umbigo, que tive quase certeza ser de seus pelos em forma de triângulo invertido. Podia jurar que estava sem cueca.

Fiquei lá, obcecada, sem condições de reagir. Então, lembrei perfeitamente do seu corpo antes mais magro, mas já naquela época perfeito, daqueles pelos íntimos contra minha pele, da sensação do seu membro longo e grosso entrando em mim. Só uma vez. Uma única e inesquecível vez. E foi

aquilo que me golpeou, que fez com que a realidade descesse sobre meu encantamento e me desnortasse. Por um momento arquejei e então larguei a cortina, dando um passo para trás, as mãos pressionando o peito que parecia conter uma bomba pulsante dentro.

O sonho de há pouco veio em minha mente e me perdi por um momento entre o passado e o presente, entre meus desejos mais profundos e meus medos mais perversos, sem saber o que fazer. Fechei os olhos, lutei com meus instintos mais básicos, contra o corpo que me traía, que tirava meu raciocínio. Uma dor antiga latejou bem fundo e se espalhou, lembrando-me tudo que aquele homem me fez passar.

Com raiva de mim mesma, abri os olhos e respirei devagar, como fazia quando estava praticando ioga, tentando me acalmar, me controlar. Por fim, caminhei decidida até a porta, jurando que Micah nunca mais teria poder sobre mim, que eu tinha que vê-lo como inimigo, pois podia destruir o que eu tinha de mais precioso na vida: meu filho Cacá. Eu me prepararia para ele, para mantê-lo longe e preservar tudo que consegui a duras penas.

CAPÍTULO 3

VALENTINA

Eu fiquei alerta e nervosa a manhã toda, espiando pelas frestas das janelas a casa vizinha. Vi a janela de lá aberta, mas a porta fechada e nem sinal de Micah. Quando Cacá apareceu pronto para ir para a escola, eu me tornei ainda mais ansiosa. E enquanto ele largava a mochila no chão e sentava em volta da mesa da cozinha, se servindo de achocolatado, eu derrubei café na pia sem querer e depois percebi que tremia ao passar a manteiga no pão.

- O que houve, mãe? – Franziu o cenho, seus olhos castanhos em mim, desconfiados.

- Nada. Por quê? – Sentei ao lado dele e mexi o açúcar no café, fingindo tranquilidade.

- Parece nervosa. Está esquisita desde ontem.

- Eu? – Forcei um sorriso e sacudi a cabeça. – Claro que não, só estou preocupada com algumas coisas do escritório.

- Sei ...

Fiquei incomodada sob o olhar dele, mas tomei meu café com cuidado para parecer bem calma, enquanto minha mente trabalhava em várias possibilidades de um encontro entre Cacá e Micah. Por que ele tinha que ser nosso vizinho? Não havia lugar melhor para aquele homem ficar?

- Por um momento pensei que tivesse terminado o noivado com aquele doido. – Resmungou Cacá, me tirando do devaneio.

- Já disse para não falar assim de Elvis. Ele é meu noivo e seu professor! – Olhei-o de imediato, repreendendo-o.

- Infelizmente. Pras duas coisas. – Disse sem se alterar, em um tom irritante, enquanto acabava seu achocolatado, agarrava a mochila no chão e se levantava com ela no ombro.

- Não vai comer pão?

- To sem fome. Tchau, mãe.

- Espera, vou sair também. – Eu me ergui rapidamente, ansiosa. Cacá apontou para minha xícara intocada e o pão sobre a mesa.

- Mas a senhora nem tomou seu café.

- Estou sem fome. – Rapidamente levei tudo para a pia, entornei o café lá e joguei o pão na lixeira.

Senti que meu filho me olhava sem entender nada, pois geralmente não

saíamos juntos, já que a escola era ali perto, e eu nunca dispensava meu café da manhã. Mas fugi do seu olhar, agarrei minha bolsa, minha pasta e fui rápida até a porta.

- Vamos...

Cacá me seguiu, quieto. Cheguei à varanda com o coração batendo tão forte que parecia prestes a pular pela boca. Rapidamente olhei para a cerca que dividia as duas propriedades e que chegava à altura da cintura. A janela continuava aberta e a porta fechada, felizmente sem sinal de Micah.

Suspirei aliviada e caminhei rápido até o portão de madeira, abrindo-o, apressando Cacá.

- Vamos logo ou chegaremos atrasados. – Eu sentia meu coração bater forte, sem querer dar oportunidade para esbarrarmos naquele homem. Pensei, nervosa, que quando meu filho voltasse da escola na hora do almoço, eu não estaria ali para tomar aqueles cuidados. O pânico quase me envolveu, mas lutei contra ele.

- Mas a escola e o escritório são aqui perto. – Cacá saiu e me olhou esquisito da calçada. – Tem certeza que você está bem?

- Ótima. – Fechei o portão e andei logo junto dele para o centro da cidade, que era encontrado logo após dobrarmos a rua. Aí vinha a única escola da cidade e depois, seguindo perto da praça, ficava o escritório da Falcão.

- Pode se adiantar, mãe. – De propósito ele caminhou mais lento, passando a mão pelo cabelo liso com topete e espichado, mais comprido do que eu gostava, mas do qual Cacá não me deixava nem chegar perto.

Olhei para o prédio branco da escola na outra calçada, com seus muros altos e os vários jovens uniformizados que riam e falavam animados em frente ao portão. Com certeza meu filho não queria chegar ali junto com a mãe.

- Certo. – Concordei, virando nos meus saltos, já pronta para dar um beijo nele. Mas sacou e na hora se apressou, atravessando a rua e acenando rapidamente.

- Tchau.

- Tchau, Cacá.

Tive vontade de dizer que o amava, como sempre fazia quando ele era menor e ainda me deixava ficar perto, mas sabia que seria rechaçada e me inibia. Não queria deixá-lo incomodado, nem receber suas acusações de que, se o amasse, falaria o que ele tanto queria saber e eu guardava a sete chaves.

Observei-o, entendendo que naquela idade os filhos não queriam ser vistos cheios de chamegos com a mãe, ainda mais na frente dos colegas. Mas senti falta de uma época em que ele era mais caloroso, me deixava abraçar e beijar, retribuía e sorria muito para mim. Agora era muito mais distante, até frio.

E eu me sentia carente, sozinha, culpada. Por que sabia o que ele queria e eu não podia dar.

Cacá encontrou dois colegas de frente para o portão e entrou com eles, sem olhar para trás. Eu respirei fundo, ajeitei a pasta sob o braço e caminhei até o prédio em que ficava o escritório de Theo, cumprimentando as pessoas que encontrava no caminho, mas minha mente trabalhando incansavelmente, preocupada.

Tentei dizer a mim mesma que não havia com o que me preocupar. Micah era passado. E quanto a Cacá, não havia nada os ligando. Meu segredo estava bem guardado. Mas eu tremia só de pensar na possibilidade de ver um perto do outro ou ainda de me ver cara a cara com Micah. Eu não queria aquilo. No entanto, numa cidade do tamanho de Florada e sendo vizinha dele, era quase impossível evitar.

Cerrei o maxilar, tensa, meus pensamentos atropelados. E não pude evitar a culpa, pois Cacá nunca me perdoaria se um dia soubesse quem era Micah de verdade.

- Meu Deus ... – Murmurei para mim mesma, antes de entrar no prédio de dois andares onde ficavam os escritórios da Família Falcão.

Estampeei no rosto uma expressão tranquila ao encontrar meus colegas de trabalho, como se fosse um dia como outro qualquer, quando na verdade eu me sentia uma pilha de nervos, aflita, agitada emocionalmente.

O início da manhã foi até calmo e me tranquei em meu escritório para trabalhar, me entupindo de café, lutando para me concentrar em alguma coisa. Mas minha mente dava voltas e eu não conseguia esquecer Micah. Era como uma praga grudada em mim, perturbando-me além da conta, deixando-me transtornada, trêmula, angustiada. E quando Eurídice, a secretária de Theo, disse que ele queria falar comigo em seu escritório, eu me levantei aliviada por ter algo para me distrair.

Também estava preocupada com Theo, a quem eu não via há dois dias. Saí rápido de minha sala, ajeitando a saia reta até os joelhos e a blusa formal, fechada, indo bater na sala dele e entrando.

Fiquei chocada com sua aparência e tive certeza que algo realmente sério estava acontecendo, o que justificava a volta de Micah.

Sentado atrás de sua mesa, Theo estava abatido e com a barba mais cheia que o habitual. Apesar de continuar elegante como sempre em blazer e calça grafite com camisa creme, seu cabelo parecia alvoraçado como se tivesse corrido os dedos entre eles e seu rosto era ainda mais sério que o normal, a ruga entre as sobrancelhas bem pronunciada.

Seus olhos azuis fixaram os meus e pareciam um mar bravio, revoltado,

consternado. Estava ligeiramente pálido e percebi sua mão direita em uma tala, imobilizada. Entrei, preocupada.

- Theo, o que houve?

- Nada demais. – Sua voz era a mesma, mas ainda assim havia um timbre diferente. Mas acho que percebeu como fiquei impressionada e completou sério:

- Foi um acidente, mas já está tudo bem.

Acenei com a cabeça, sem insistir no assunto. Eu era muito discreta, mas continuei alerta enquanto sentava de frente para ele, ainda preocupada. Pensei comigo mesma se tudo aquilo não teria a ver com Micah, que talvez tenha voltado à cidade e criado problemas.

Como se soubesse que minha mente trabalhava com hipóteses, Theo explicou sucintamente:

- Tivemos problemas com uns ladrões de gado e umas ameaças, por isso vai ver que minha família está agora com seguranças. Mas logo tudo se resolve.

- Nossa, lamento, Theo.

- Preciso que me coloque a par do que aconteceu aqui esses dois em que fiquei afastado. Principalmente sobre aquela encomenda de carne que estávamos negociando com o Norte. – Ele já abria um relatório sobre a mesa.

- Claro.

Tentei me concentrar no trabalho e logo discutíamos o assunto. Percebi que ele parecia um tanto desligado, perturbado, como se só uma parte sua se conectasse ao que discutíamos. Mas era muito eficiente como sempre e se obrigava a decidir os pormenores pendentes. Ficamos cerca de meia hora trabalhando juntos e fui repassando a ele tudo que foi feito naqueles dois dias, já que os negócios andavam de vento em popa, com muitos novos contratos. Então o interfone tocou e Theo atendeu.

Enquanto folheava os relatórios para ver se faltava algo para mostrar a ele, ouvi falar com Eurídice para deixar o irmão entrar e nem prestei muita atenção, pois Pedro estava sempre por ali para discutir alguma coisa, já que tomava conta do frigorífico da cidade ali perto.

Observei Theo desligar o interfone e se recostar em sua cadeira. Eu o olhei com uma ponta de preocupação, pois havia algo em sua expressão carregada que deixava claro que as coisas não estavam nada bem. Fechei a pasta e perguntei cuidadosamente:

- Quer continuar em outra hora?

- Talvez seja melhor. Já adiantamos bastante.

- Certo. Se precisar, é só chamar. – Eu me levantei, esticando a saia reta que ia até os joelhos, de um tom cinza chumbo. Gostava de minhas roupas sóbrias e formais.

Theo também se levantou e foi naquele momento que a porta abriu. Olhei para lá, pronta para cumprimentar Pedro, trocar algumas palavras com ele e sair.

Mas não foi Pedro quem eu vi.

Meu coração deu um salto alucinado e então parou. Pensei que eu tivesse morrido e quase senti alívio por isso. Mas não durou nem milésimos de segundos e ele disparou de novo, enlouquecido, parecendo um tambor berrando em meu peito. Perdi o ar. Gelei, fora de órbita por um instante.

Depois de 15 anos eu o via, tão perto, tão real que não consegui piscar nem me impedir de reagir com violência à sua presença. Minha vida antes e depois dele sempre foi pacata, controlada. Os momentos mais loucos e exaltados dela, quando pareci me transformar em outra pessoa, foram só os que vivi com ele. Momentos que fiz de tudo para esquecer, mas que voltavam agora como um furacão.

Micah parou lá, erguendo um pouco as sobrancelhas que lhe davam um ar meio endiabrado. Tinha uma maneira de levantá-las que o fazia parecer cínico, exatamente como no passado. Não tinha mudado muito, apenas se tornado mais viril e másculo, mais homem. Nada nele piorou, só melhorou. Estava ainda mais lindo, os cabelos sem o comprimento de antes, mas ainda rebeldes e cheios. No rosto uma sombra de barba que não existia antes. Os traços mais angulosos, a boca mais carnuda, como a de Theo com o lábio superior fazendo um M perfeito e o inferior sexy. Tudo “mais”, gritando masculinidade e testosterona. Deixando-me completamente chocada com as reações que me golpearam sem dó, como se o tempo tivesse parado.

Dei-me conta de que, apesar de tudo, tinha sentido falta de olhar para ele. Sempre teve algo a mais, um encanto que me desnor-teava, como outra pessoa nunca conseguiu fazer. Por anos disse a mim mesma que tudo tinha sido tão intenso pela minha idade na época, por eu ter sido carente e com problemas de autoestima, mas agora eu percebia que com Micah nunca haveria de ser morno. Ele era diferente, único.

Com seu jeans surrado, jaqueta de couro marrom e coturnos, não combinava em nada com o ambiente austero e elegante do escritório. Mas pouco pareceu se importar. Bateu a porta atrás de si e entrou, dando uma mordida em uma barra de chocolate que trazia na mão, comida pela metade.

Acenou com a cabeça para Theo e então seus olhos bateram nos meus. Vi claramente que algo mudou, sua expressão se tornou completamente alerta e deu uma leve parada, como se eu o surpreendesse de alguma maneira. Logo voltou a andar, mas sem desgrudar os olhos de mim, que pareciam arder em reconhecimento, fitando-me de cima abaixo. Eu fiquei nervosa e por um momento achei que soubesse quem eu era e isso, de alguma maneira, encheu-me

de um alívio inexplicável e algo mais, que não soube explicar.

Não me senti esquecida, sensação que tive por tantos anos, de não significar nada, de ser completamente dispensável e sem importância. Aquele olhar puramente masculino e profundo, ardente, viril, fixo, foi como só visse a mim pela frente, totalmente concentrado.

Eu fiquei imóvel, sem poder reagir, sem conseguir fazer nada mais do que fitá-lo chocada. Mesmo sabendo que ele estava de volta, vê-lo assim depois de tanto tempo, de tudo que foi e representou para mim, de como mudou a minha vida, era aterrador.

- Chocolate à uma hora dessas? – A voz de Theo interrompeu o silêncio, penetrou em minha mente conturbada e então suguei o ar para dentro dos pulmões, consegui me concentrar, voltar aos poucos à realidade.

Parecia ter despertado Micah também, que piscou, ainda muito ligado em mim. Então, sua expressão ganhou uma vivacidade diferente, ficou extremamente sensual e, devagar, mastigou seu chocolate e então falou com aquela voz que por anos só fez parte das minhas lembranças:

- Dentre os meus vícios, achei o menos prejudicial neste horário. – Deu de ombros, parando à nossa frente. Era tão alto quanto Theo, uns dez centímetros a mais que eu. Seus olhos foram ao irmão, mas logo voltaram a se fixar nos meus. Havia algo de sexy e divertido ali. – As outras opções eram um cigarro ou uma cerveja.

Sorriu com cinismo e tive um novo sobressalto, pois era o sorriso que muitas vezes abalou meu coração. Lembrei-me de como eu sempre sorria quando o via rir pelos corredores da escola, pois sua risada parecia contagiosa. Sério, tinha cara de endiabrado com aquelas sobrancelhas marcantes, mas quando sorria, parecia um menino. Ainda mais com os dentes levemente separados na frente, que o deixava cheio de personalidade e com jeito de debochado.

Eu não conseguia me mover, sentia-me presa por ele, acalorada por que parecia muito atento a mim, mesmo com seu ar displicente. Seu olhar desceu por minha boca, tão quente e cheio de intenções que sem querer eu a entreabri, em busca de ar. Isso fez com que franzisse as sobrancelhas, mais alerta e duro, escorregando os olhos para baixo, até meus seios. Não respirei, fui invadida por uma comoção interior, uma surpresa aterradora, dando-me conta de como sonhei no passado que me olhasse assim, que me visse. E agora, tantos anos depois, ele me via. E deixava isso muito claro.

- Querem um pedaço? – Sua voz era mais grossa do que antes, um tom meio rouco que parecia de um cantor de rock e que abalou alguma coisa dentro de mim.

- Não, obrigado. – Theo deu um meio sorriso e Micah se concentrou ainda mais em mim, como se fosse possível, segurando seu chocolate, me olhando de um jeito que fez minhas pernas bambearem.

- E você, madame, aceita? É o que mais gosto, meio amargo com castanhas. Uma tentação. – Disse Micah.

- Madame? Não lembra de Valentina? – Indagou Theo e depois a mim: - Lembra-se do meu irmão Micael, não é?

Eu ainda fiquei imobilizada. Madame? Ele não sabia quem eu era? Dei-me conta de como havia mudado, mas isso não foi o suficiente para afastar a decepção que me envolveu ao perceber que Micah nem me reconhecia. Possivelmente nem pensou em mim durante todo aquele tempo, simplesmente eu não existia na realidade dele, enquanto mudou toda a minha vida, abalou minhas estruturas. Mas então, por que entrou e me olhou surpreso, como se me conhecesse de algum lugar?

Pisquei rapidamente, inalando o ar e usando minha decepção e agonia para reagir. Muito séria, acenei com a cabeça e lancei um olhar a Theo, sabendo que devia estar pálida e estranha, mas procurando disfarçar.

- Claro, eu lembro. – Disse baixo, mais séria e fechada que o habitual.

- Valentina? – Micah ergueu as sobrancelhas de novo, olhando-me com toda atenção, o que só fez com que eu o encarasse rapidamente. Sem querer estremeci, segurei o ar, atormentada por sentimentos desconexos que só senti uma vez na vida, quinze anos atrás. Ele continuou, atento: – O nome não é estranho, mas acho que não lembro de você.

Eu empalideci ainda mais, decepcionada. Tive raiva de mim mesma por me importar e aquilo que me fez erguer o queixo, um tanto irritada. Disse friamente:

- Imagino que não.

Nós nos encaramos, calados. O ar parecia pesado e Theo nos observou em silêncio. Fiquei ainda mais nervosa quando Micah semicerrou um pouco os olhos, com mais interesse e atenção, como se notasse que havia algo por trás das minhas reações e quisesse entender o que. Perturbada e aflita, fiquei bem quieta, tentando ser fria, odiando a mim mesma por ser tão estranhamente visceral perto dele. Pensei em arrumar logo uma desculpa e sair dali, mas então Micah falou, pensativo:

- Eu lembro de uma Valentina que sentava na minha frente na escola e me dava cola. Mas ela usava óculos e era grandona.

Pisquei, dando-me conta do que tinha acabado de dizer. Era disso que ele lembrava? Aquela noite que marcou minha vida veio de volta em minha mente e me dei conta do que eu já sabia: Micah nem ao menos se deu conta do que havia

acontecido. A humilhação e o golpe final que me deu, eu nunca consegui esquecer. Mas se apagou completamente da mente dele, como algo sem importância.

- Grandona? Gorda, você quer dizer. – Falei friamente, embora a raiva fervesse lenta dentro de mim. – Era eu mesma. Emagreci e fiz cirurgia para miopia.

Micah ficou evidentemente surpreso, como se não acreditasse, e assobiou, dando-me uma olhada de cima abaixo. Sorriu, cínico, a pequena falha entre os dentes da frente dando-lhe um charme quase irresistível. Quase, por que eu estava preparada para ele. Já era um velho conhecido meu.

- Está linda. Parabéns. Acho que nunca agradei as colas que me deu. Naquele ano fiquei reprovado, mas valeu a intenção.

- Não é de surpreender. Passava mais tempo bêbado do que estudando. – Meu tom foi cortante, gelado. Não pude impedir. Isso chamou a atenção dele, fixando-se mais em mim, um tanto curioso com minha agressividade.

Na mesma hora me arrependi por me expor tanto e olhei para Theo. Calado, parecia também surpreso. Lutei para recobrar o controle, mas estava agitada e nervosa demais. Eu tinha que sair dali, ou sufocaria. Pior, poderia revelar mais do que devia. Falei rapidamente:

- Depois volto para terminarmos esses relatórios, Theo. Qualquer coisa, estou em minha sala.

- Certo.

- Adeus, Micael. – Disse friamente a ele, bem séria e fria.

- Micah. Micael é nome de anjo, não combina nada comigo. – Ele piscou um olho pra mim, perturbando-me. Mas se o objetivo era me amansar, não adiantou. Apenas encarei-o com o nariz empinado, decidida a não cair em sua sedução tão natural e potente. Nunca mais. Acenei com a cabeça e caminhei até a porta sem olhar para trás.

Mas senti seu olhar queimando nas minhas costas, atentos em mim, como uma força viva. Eu quis correr, fugir, me refugiar em um canto até me acalmar e pensar em tudo aquilo. Mas me concentrei em dar um passo depois do outro. O ar só veio de volta aos meus pulmões quando bati a porta atrás de mim.

MICAH

Eu a acompanhei com o olhar, sem disfarçar que admirava sua bunda e seu andar. Estava surpreso por aquela mulher escultural e linda ser a garota

gorda e desengonçada do meu passado, que vivia de olho em mim sempre que eu a fitava. Mas ainda mais surpreso por aquela garota ser a mulher sensual que se masturbou de madrugada em sua cama, deixando-me doido.

Era completamente diferente. Os óculos de grau nunca tinham me deixado perceber como seus olhos eram negros e lindos, grandes e levemente puxados nos cantos. Emagrecer fez muito bem a ela, pois não era magricela, mas tipo violão, longilínea e cheia de curvas. E eu bem sabia disso, devido a camisola mostrando suas formas, sua pele, seus contornos.

Eu a reconheci como a minha vizinha assim que entrei na sala de Theo, mesmo naquelas roupas formais e com o cabelo bem arrumado atrás das orelhas, bem diferente dos cachos selvagens que se enroscavam no travesseiro. Mais do que sua aparência, senti novamente aquela sensação de que havia algo familiar, algo que tocava em uma espécie de nervo exposto dentro de mim. Sonho e realidade se mesclavam. Mas estava muito surpreso que ela fosse Valentina. Isso eu realmente não esperava.

Tentei conectar a menina gorda e tímida que estudou comigo com aquela mulher esguia e fria ali, ambas com a mulher sensual que se masturbava na cama com a mão dentro da calcinha e a cabeça jogada para trás. Três em uma só. E eu descobriria qual seria a verdadeira Valentina.

Excitado e curioso, soube que não sosseitaria até lá. E senti-me tentado, aliás, decidido, a derreter aquele gelo e provar daquele fogo escondido.

Sorri para mim mesmo e virei para Theo, que sacudiu a cabeça e voltou para sua cadeira. Eu achei ainda mais graça de sua cara e virei minha cadeira ao contrário, apoiando os braços no encosto enquanto meu irmão mais velho dizia com aquele seu ar mandão, do qual eu me lembrava muito bem:

- Não se meta com ela.

- Por quê?

- Não é para seu bico.

- Não mesmo. – Disse bem humorado e Theo me olhou atento. Não comentei sobre o que testemunhei de madrugada, mas falei: – Parece uma pedra de gelo. Lembro que era mais legal gordinha e de óculos. Mas achei engraçado esse jeito pomposo dela. Pensei que fosse puxar uma arma e me dar um tiro.

- O que aprontou com ela no passado?

- Não lembro. Sei que era estudiosa, só tirava dez. E eu pedia cola a ela, sempre me deu. Acho que gostava de mim naquela época. – Dei de ombros. Lembro que só me dava conta dela quando era do meu interesse, principalmente nas provas de línguas que eu odiava. Sempre tive facilidade para o resto, principalmente matemática. Fiquei reprovado por pura displicência. E por faltar demais e aprontar na escola.

- Deve ter feito alguma merda. – Emendou Theo.

- Pior que nem lembro. Mas com certeza foi besteira. – Terminei meu chocolate e joguei a embalagem na lixeira sob a mesa. Mas não estava tão relaxado quanto queria parecer, na minha mente eu buscava alguma explicação para sua frieza comigo. Sorri, safado, imaginando como seria gostoso tentar descobrir. – Quem sabe eu possa me desculpar agora.

- Nem tente. Valentina é noiva, vai casar no início do ano que vem.

A palavra “noiva” foi como um balde de água fria. Franzi o cenho.

- É sério?

- Bem sério. E tem mais.

- O quê?

- É sua vizinha. A casa dela é ao lado da sua.

Eu sabia muito bem disso. Pensei naquele noivado e uma parte da minha excitação diminuiu, não gostava de me meter com a mulher dos outros. No entanto, a imagem dela naquela camisola, gemendo e ondulando na cama, se acariciando, estava me deixando louco. Mudei de assunto:

- Ela que escuta aqueles rocks no último volume? – Disse, embora surpreso, pois pomposa como ela era devia gostar de música clássica. – Eu me amarro.

- Deve ser o filho dela, o Cacá.

- É mesmo? O moleque tem bom gosto. Deep Purple, Guns N’ Roses, Scorpions, AC/DC, Black Sabbath, Metallica... To pensando em ir na casa dele pedir para baixar umas músicas pra mim. – Olhei para meu irmão, cada vez mais curioso sobre Valentina. – Quer dizer que ela já foi casada?

- É viúva. Como eu disse, Valentina não é para seu bico.

- Vamos ver.

- Como assim, vamos ver?

Eu apenas sorri. Não estava disposto a abrir mão dela ainda. Tinha passado a manhã inteira excitado, esperando revê-la, sem imaginar que a encontraria justamente ali e mais, que fosse uma antiga colega minha da escola. Theo sacudiu a cabeça. Mas mudou de assunto:

- Como foi na delegacia ontem?

- Tudo certo em Ituiutaba. Em poucos dias vão liberar as duas caixas encontradas na casa e trago para você. Precisam ver o que é ou não relevante ao caso.

- Entendo.

- E estão à caça de Luiza e Lauro. Também estou usando alguns conhecidos meus para ajudar.

- Obrigado. – Observou-me com atenção. – Vai ficar aqui até as coisas se

resolverem?

- Tenho férias acumuladas. Posso passar um tempo aqui. – Concordei, mas sério demais. Sabia que não ficaria muito. Se não fosse pela ameaça mais do que óbvia de Luiza, eu já estaria na estrada, longe dali. Estava me custando voltar depois de 15 anos, tantas lembranças me espezinhando.

Theo foi direto ao ponto:

- Isso incomoda você?

- Bastante. Não quero que o velho saiba que ando por aqui.

Não gostava nem de pensar o que Mario Falcão faria se soubesse que eu estava em Florada. Talvez mandassem me matar, pensei com ironia, mas sabendo que não diferia muito da realidade.

- Ele não precisa saber. – Theo emendou, atento a mim.

- Assim espero. Mas se tiver qualquer transtorno, eu me mando. – Deixei claro, pois não queria confusão e nem ver o velho.

Sem querer, lembrei de como seu ódio e desprezo comigo sempre me fizeram mal. Foi uma época difícil, em que minha mãe vivia num mundo só seu, sem nem ao menos saber que eu existia e meu pai me tratava muito mal. Só muito tempo depois fui saber por que. Mas muito estrago já tinha sido feito.

- Transtorno nenhum. – Meu irmão garantiu. E agradeceu, fitando-me com franqueza e sinceridade: - Obrigado por ter voltado e me ajudado a saber toda a verdade.

- Somos irmãos. Ao menos por parte de mãe. – Sorri, meio cínico, como se não me importasse muito. No fundo, eu sabia como me senti sozinho todos aqueles anos.

- Mas você é também irmão de Luiza, por parte de pai.

- Não concordo com os quesitos dela. – Ergui as duas sobrancelhas. – Sou um homem da Lei, lembra?

- Difícil acreditar, mas um dia chego lá.

Acabei sorrindo com seu comentário. Nem eu mesmo acreditava naquilo. Quase fui por um caminho bem diferente, de drogas, sexo, loucura e farra. Mas tive uma ajuda, uma mão amiga que me puxou do fundo do poço.

Sacudi a cabeça imperceptivelmente, não querendo pensar no passado naquele momento. Então, meti a mão no bolso e tirei uma caixa pequena e azul marinho de lá. Coloquei-a sobre a mesa, diante de Theo, explicando:

- É para Helena. Trouxe uma parecida para Caio.

- O que é isso? – Ele pegou a caixa de veludo e a abriu. Segurou a delicada pulseira de ouro com um minúsculo pingente de figa.

Resolvi não contar que ali havia um rastreador, para não deixá-lo mais preocupado do que já estava. Seu aspecto não era dos melhores.

- Para proteger a Helena. – Foi a única coisa que eu disse.

Ele me olhou em um misto de emoção e divertimento, indagando:

- Quando ficou supersticioso?

- Sei lá. Confio nessas coisas. Tenho uma tatuagem de ferradura e ela sempre me protegeu. Não custa nada ter fé. Vai colocar nela? – Persisti, para perceber que era importante para mim.

- Claro.

- Não deixe de pôr, mesmo sem acreditar, Theo. – Insisti um pouco mais.

- Vou colocar. – Garantiu, e vi que o faria. Guardou a pulseira na caixa e esta dentro do bolso do paletó. – Obrigado.

Acenou com a cabeça, sério. Então indaguei, observando-o com atenção:

- Decidiu o que vai fazer com Eva?

- Eu a denunciei hoje por Falsidade Ideológica e vou mais tarde ao cartório dar entrada no pedido de anulação do casamento.

- Tem certeza?

- Claro que tenho certeza. – Olhou-me, irritado. – Ela tem que agradecer por que ainda não fiz uma acusação formal de tentativa de homicídio.

- Theo... – Suspirou, cauteloso. Sabia que era genioso e estava arrasado com tudo aquilo, com ódio. Mas eu tinha falado com a mãe de Eva e ela estava mesmo fora de si, com ódio da filha. – Acho que ela se arrependeu mesmo e mudou de lado. Quando falei com Luiza...

- Não quero saber dessa conversa. Só me importam os fatos.

- Sei disso. Mas Luiza me pareceu realmente furiosa com a filha, como se depositasse todas as esperanças em mim. – Passei a mão pelo cabelo desgovernado, arrepiando-o ainda mais. – Vai com calma com a Eva. Ela pode ser melhor do que você pensa. E...

- Chega de falar dela. – Cortou, irritado, como se achasse que eu a defendia.

- Certo. – Eu me levantei, colocando a cadeira direito no lugar. Dava para ver que Theo estava nervoso demais para ser imparcial, era melhor o deixar enxergar tudo aos poucos. Enquanto isso, eu ficaria de olho. – Só fique ligado para não fazer algo do qual vá se arrepender depois. Qualquer novidade, passo pra você. E qualquer coisa, não deixe de me avisar. Lembre que trabalho com casos complicados, posso ter mais experiência se Luiza e Lauro entrarem em contato.

- Certo, pode deixar. Precisa de algo, Micah?

- Não, tudo sob controle. – Sorri, preguiçoso, fazendo um gesto com a mão como se batesse continência. – A gente de vê por aí. E não esqueça de colocar a pulseira em Helena.

- Não vou esquecer.
- Se cuida, cara.
- Você também.

Saí da sala dele e me despedi da secretária com um sorriso e uma piscada, o que a fez enrubescer e sorrir toda derretida. Prometi a ela, bem sedutor:

- Da próxima vez vou trazer um dos meus chocolates para a senhora. – Tínhamos conversado um pouco antes que eu entrasse na sala de Theo e ela confessou que adorava chocolate, ao me ver saboreando uma pequena barra. Eu tinha insistido para que comesse um pedaço, mas não aceitou, toda sem graça. Expliquei: - Trouxe alguns do Rio, de uma loja de chocolate artesanal que adoro.

- Ah, mas não precisa se preocupar comigo. – Acenou com a mão, mas toda satisfeita.

- Faço questão.
- Se é assim ... – Seu sorriso foi enorme.
- Me aguarde. – Acenei e me afastei sob seu olhar feliz.

Atravessei o corredor até o hall dos elevadores, olhando em volta e buscando Valentina. Não a vi em parte alguma e entrei no elevador, pensando comigo mesmo que devia ser mais charmoso agora e compensá-la por uma má impressão do passado. Sorri lentamente enquanto as portas se fechavam. Não ia ser difícil, ainda mais sendo minha vizinha. E tendo me deixado louco de desejo naquela manhã. E de algo mais.

Era noiva. Uma merda. Mas nem aquilo parecia o suficiente para me impedir.

Eu só conseguia me imaginar na cama com ela, engolindo seus gemidos enquanto a comia bem gostoso. Porra, ia ser difícil resistir. E eu não gostava de sofrer e nem de passar vontade.

O noivo que me desculpasse, mas aquela mulher ia ser minha. Nem que fosse só por uma vez.

CAPÍTULO 4

MICAH

Era o primeiro dia que eu conseguia parar na cidade e dar uma volta, pois os anteriores fiquei para cima e para baixo com Theo.

Naquela manhã, saí do escritório e caminhei pelas ruas limpas e de paralelepípedos rodeadas de pequenas lojas, casas, o cinema, a sorveteria, a lanchonete, a Igreja bem em frente à praça. Sentia um misto de nostalgia e saudade, por minha mente rodando diversas recordações. Era como se o tempo tivesse parado, recuado nos anos e deixado de passar.

Eu me vi por aquelas ruas, andando por lá como fiz desde pequeno, vindo a cidade com Tia ou um dos meus irmãos para ir à escola ou tomar um sorvete, depois adolescente, cada fase da minha vida marcada naquele lugar, em cada pedra da calçada.

O problema era que as lembranças nunca vinham sozinhas. Elas traziam toda uma carga emocional, sentimentos que pareciam ainda vivos, trazidos como que pelo vento. Era como uma música ou um perfume, fazia a gente relembrar algo específico e sentir como se vivesse tudo de novo.

Senti ali alguma da revolta que me consumia na época, como também momentos de alegria e liberdade. Fui um espírito livre, fiz loucuras, mas também ri e vivi ali. Muitas vezes saía de casa com raiva, aborrecido, magoado, então me encontrava com os amigos e as garotas, fazia o que me desse na telha e assim esquecia o que me fazia sofrer. A revolta, a raiva, a bebida e as drogas tinham aquele poder, te dar a sensação de uma falsa felicidade conseguida através do esquecimento temporário dos problemas.

Para uma cidade pequena como Florada, eu fui um completo maluco. Não havia uma pessoa sequer que não tivesse ouvido falar de mim. Minha fama me precedia, as senhoras afastavam as filhas do meu caminho, me olhavam torto, iam reclamar na minha casa a cada vez que eu aprontava alguma. Lembro o ódio cada vez maior do meu pai por mim e meu sorriso de deboche para ele, provocando-o de propósito. Só eu sabia o quanto sofri naquela época, usando a revolta para mascarar o quanto o desprezo dele me afetava.

Sacudi a cabeça, tentando afastar aqueles pensamentos. Observei os diversos rostos novos e desconhecidos, recebi olhares brilhantes e sorrisos de moças que passavam, sorri de volta charmoso para todas. E então comecei a perceber alguns mais conhecidos. Quando os cumprimentava, muitos

arregalavam os olhos e não acreditavam que era mesmo eu.

Parei para conversar com alguns dos moradores mais antigos e a maioria até foi simpática, levando em consideração as loucuras que eu fazia, como reclamavam do barulho da minha moto ou das minhas arruaças. Outros me olharam meio desconfiados, como se quisessem adivinhar que tipo de ameaça eu representava, o que só me fazia sorrir ainda mais, me sentindo como uma espécie de psicopata que volta à cidade para espalhar o terror.

Muitas daquelas pessoas mais velhas tinham me visto no passado como uma má influência para seus filhos e netos. Eu era o “porra louca” do grupo e não tinha medo de nada, o que me arriscava sempre mais. Isso, inexplicavelmente, fazia com que todos quisessem ser meus amigos e todas as garotas me dessem mole. Na verdade, eu era completamente descontrolado. Boa parte das merdas que fazia nem lembrava depois, ou só em partes, pois geralmente ficava doidão demais, quase em coma alcóolico. Assim, não podia reclamar quando seus pais e avós reclamavam de mim.

As perguntas mais frequentes deles eram por que eu tinha voltado à Florada e no que estava trabalhando, obviamente esperando algo como uma notícia ruim ou uma confissão de que havia acabado de sair da prisão. Eu desconversava dizendo que tinha retornado para matar a saudade, mas gostava especialmente de ver o choque deles quando dizia que era funcionário da Agência Brasileira de Informação.

- Você trabalha para uma instituição do Governo? – Perguntavam abismados.

Eu sabia que logo aquele seria um assunto a ser debatido na cidade e acabava sorrindo, me despedindo e seguindo em frente.

Enquanto caminhava de volta para casa, coloquei um cigarro na boca e acendi, dando uma tragada, tentando lembrar as merdas todas que fiz no passado e que pelo visto tinham marcado as pessoas da cidade. Mas me dei conta que tinham sido muitas e dei de ombros, achando melhor nem tentar contar quantas.

Fumei meu cigarro, andando displicente, meus olhos passeando em volta. Algumas casas foram pintadas e reformadas, mas fora isso Florada parecia ter parado no tempo e de certa forma isso não era ruim. As ruas continuavam limpas, o hospital era de qualidade, a segurança uma garantia. Mesmo com a favela Sovaco de Cobra perto, soube que a violência não chegava até ali. Minha família e o delegado Ramiro, além da prefeitura, faziam um trabalho conjunto para manter tudo em relativa paz e qualidade de vida.

Não era uma cidade moderna, mas boa e tranquila para se viver. Recordei que, mesmo sempre tendo gostado dali, muitas vezes pensei em ir embora, sumir, principalmente depois das brigas com Mário Falcão. Era um desejo cada

vez maior em mim e eu dizia para todo mundo. Acabou acontecendo, mais por força das circunstâncias do que por escolha, mas assim foi. Por isso ninguém deve ter se surpreendido com meu sumiço. Já era esperado que um dia eu me mandasse.

Afastei meu passado da cabeça, embora estar ali trouxesse tudo de volta.

Observei tudo com atenção e parei perto de um poste quando vi a escola do outro lado da rua. Impressionantemente continuava igual, pintada de branco com suas janelas azuis e seu muro alto incrivelmente limpo.

Era horário de saída e os jovens e crianças faziam alvoroço nos portões duplos abertos, com inspetores de olho neles e entregando os menores a seus pais. Havia falatório, risadas, uns empurrando os outros, implicâncias. Por um momento fiquei imóvel e foi como se me visse ali, com meus cabelos mais compridos que a maioria, o brinco na orelha que eu não usava mais devido ao trabalho, as roupas pretas e os jeans justos. Geralmente eu estava cercado de amigos e sempre com uma garota ao lado. Perguntei a mim mesmo se muitos deles continuariam na cidade.

Foi nostálgico olhar a escola. De alguma forma, mesmo vivendo mais na secretaria que nas salas de aula, ali era um pouco como minha família, um refúgio que eu tinha quando as coisas ficavam pesadas demais em casa. Até os professores que pegavam no meu pé ou o diretor nunca me destratarem. Gastavam horas me dando conselho, dizendo que eu era mais inteligente que a maioria, que poderia ser o melhor aluno da turma se eu quisesse. Sempre tive muita facilidade em aprender e memorizar e só mais tarde fui saber que tinha um QI mais elevado que a maioria.

No entanto, na época da escola eu era rebelde demais, fazia o possível para não me adaptar, acho que de propósito. Eu queria irritar meu pai, dar motivos verdadeiros para ele me tratar mal, já que não entendia os dele. E apesar de tudo, fiz amizades e me diverti loucamente. Muitas vezes preferia estar ali do que na fazenda, onde minha mãe nem notava que eu existia, vivendo no seu mundo particular, e meu pai me odiava e perseguia. Nem o carinho de Tia ou os conselhos dos meus irmãos compensavam aquilo. Eu vivia com ódio e rebeldia. E buscava divertimento sem controle, passando por cima de regras, fazendo tudo que me dava vontade.

Por um momento tive vontade de entrar na escola, saber se alguns professores e inspetores continuavam ali, se o diretor ainda era o mesmo. Dizer que agora eu tinha um emprego, um belo apartamento no Rio, uma das motos mais caras do mundo e que levava uma vida boa sem depender em nada da minha família rica e poderosa. Que ao contrário do que a maioria das pessoas pensava, não virei um marginal drogado.

Não saí do lugar, um misto de saudade e tristeza em meu peito, observando a escola e os alunos que saíam, sem saber ao certo o que era tudo aquilo que eu sentia. Um certo pesar e abatimento. Incompreensível, pois muito daquela época eu só queria esquecer.

Dei uma tragada no cigarro e o deixei no canto da boca, enquanto voltava a caminhar e me afastava da escola, incomodado com as lembranças e os sentimentos. Tinha sido difícil para mim, principalmente quando relembrava a tragédia, o ápice de minha briga com Mário Falcão e o que tive coragem de fazer. A mágoa e a culpa nunca deixaram de ser minhas companheiras e eu ainda não entendia como podia estar ali, em Florada, depois de tudo. Mas estava, por Theo, por Eva e por meus irmãos. Se eu fosse embora e algo acontecesse a eles, nunca me perdoaria.

Três garotos adolescentes atravessaram a rua e andaram na minha frente, falando alto, um deles com um skate na mão sendo baixinho, magro e implicando com os demais. Um deles, negro e comprido, com a cabeça raspada, ria sem se importar. O outro, alto, magro, com cabelos em um corte meio comprido e com franja de lado, seguia calado. Tirava a blusa branca do uniforme da escola e a jogava sobre a mochila, mostrando uma blusa preta do AC/DC por baixo. Sorri, lembrando que eu fazia a mesma coisa.

- Qual é, cara, ela te deu molinho! – Dizia o baixinho para o roqueiro, alto o bastante para que eu ouvisse. – Se fosse comigo eu pegava!

- Ninguém te dá mole, Zé. Tu é feio demais! – O negro comprido riu ainda mais.

- Olha quem fala, girafa!

Eles discutiram se empurrando e o garoto do AC/DC não deu muita atenção a eles. Chegamos a uma transversal e os dois seguiram em frente acenando, enquanto ele virava e eu também, dando na rua mais calma em que eu estava morando. Escutou meus passos atrás de si e lançou-me um olhar sério e meio curioso.

Segurei o cigarro entre os dedos, pensando que aquela idade era foda e o menino, apesar de alto, era ainda bem jovem. Parecia mal humorado e tive vontade de implicar um pouco com ele, para ver como reagiria. Se fosse comigo quando jovem, viraria um galinho de briga. Mas fiquei na minha.

Ele parou na casa que ficava ao lado da que eu estava alugando, de dois andares e bem cuidada, com muros e portão pintados, jardim na frente, varanda ampla. Lembrei Theo me dizendo que Valentina era minha vizinha e tinha um filho que ouvia rock. Meus olhos foram em sua blusa do AC/DC e fiquei um pouco surpreso por ela ter um filho daquele tamanho. Parecia ter uns dezesseis anos, mas com certeza era bem menos, pois saí dali quinze anos atrás e ela não

tinha filhos nem era casada, mas apenas uma jovem de dezoito anos.

O garoto continuou de olho em mim e destrancou o portão, enquanto eu passava e seguia para o meu ao lado. Empurrei o meu, abrindo-o, e falei:

- Você tem bom gosto para música. E para camisas.

- E o senhor tem bom gosto para motos. – Retrucou na hora, seus olhos castanhos atentos em mim.

Sorri e o observei divertido.

- Andou espiando minha moto?

- É uma Hayabusa. – Justificou e rebateu: - E o senhor andou ouvindo minhas músicas?

- Impossível não ouvir, naquele volume. Mas pode continuar, adoro um rock. Agora só me faça um favor ...

- O quê? – Esperou, segurando o portão.

- Nada de me chamar de senhor. Passei dos trinta, mas não gosto de ser lembrado disso.

Dei uma risada e ele relaxou um pouco, sorrindo meio de lado. Acenou com a cabeça.

- Pode deixar. E como te chamo?

- Micah. E você, roqueiro?

- Cacá.

- Valeu, Cacá. Pode abusar dos rocks. – Fiz um gesto com a mão fechando os dedos do meio, anelar e polegar e erguendo o mindinho e o indicador, de roqueiro.

- Valeu também, Micah. E quando for sair com sua Hayabusa, me chama só para eu ver a máquina funcionando.

- Pode deixar. – Meu sorriso se ampliou e gostei do moleque. Era sério como a mãe, mas muito simpático.

Acenei e entrei, Cacá fazendo o mesmo.

Pelo menos alguém naquela cidade parecia admirar algo em mim. Tudo bem que o garoto não me conhecia, mas ainda assim não deixava de ser uma coisa boa.

VALENTINA

Eu jantava com Cacá à mesa da cozinha e o silêncio reinava no ambiente. A porta que dava para os fundos estava aberta e uma brisa suave entrava, assim como o canto das cigarras, único som que se ouvia. Eu já tinha puxado assunto,

como foi a escola e a tarde, o que fez, etc, mas ele só respondia com monossílabas.

Observei-o calada, comendo pensativa o frango grelhado. Uma certa angústia remoía meu peito e eu me culpava por aquele clima sempre distante e frio entre nós. Sabia que a maior parte da culpa era minha, o afastamento de Cacá, seu jeito cada vez mais na dele. Mas sentia uma falta absurda do seu sorriso e do seu carinho, de uma época em que éramos unidos e eu via seu amor por mim bem explícito.

Engoli, mas a comida parecia sem gosto, um bolo se formando em minha garganta, medo e culpa cada vez maiores, tomando conta das minhas emoções. Olhei para a salada no prato e de repente me senti muito cansada de tudo, de meus segredos, das minhas escolhas, do que quer que eu estivesse fazendo de errado e afastando cada vez mais meu filho de mim.

A imagem de Micah veio bem clara em minha mente e o medo só aumentou. Eu via e revia sua entrada na sala de Theo, cada pedaço dele, aquele charme peculiar. Sempre foi assim e a idade só acrescentou mais sensualidade e masculinidade a ele.

Sacudi de leve a cabeça, irritada por notar tudo aquilo. Não queria saber. Agora eu não era mais uma jovem boba, uma idiota sonhadora que o acompanhava com os olhos aonde quer que fosse, que esperava ansiosamente um olhar ou um sorriso para continuar vivendo. Não queria e não ia me impressionar com sua beleza ou virilidade, nem por sua sedução nata, que parecia impregnada nele.

Lancei um olhar enviesado e preocupado a Cacá, que comia quieto e concentrado, sério demais. Estremeci quando o pavor me engolfou, por saber que o que ele queria tanto saber e eu não dizia, o motivo de se afastar cada vez mais de mim, estava tão perto e sendo tão ameaçador. Micah poderia pôr tudo a perder e eu teria que ser muito cuidadosa para que isso não acontecesse.

Disse a mim mesma que não havia perigo, só eu sabia daquele segredo. Mas então a culpa me consumiu e tive ódio de mim mesma pelo que eu fazia. Mas como mudar tudo agora, depois de tanto tempo? Não. Seria apenas arranjar problemas, complicar minha vida e a de Cacá. Além de tornar minha vergonha pública, aquilo que eu guardava a sete chaves e do qual nunca me recuperei.

Era um pecado meu, cada vez maior por que ainda cobrava seu preço. Afastava meu filho cada vez mais de mim. E isso acabava comigo, pois não havia pessoa no mundo que eu amasse mais do que Cacá.

- Quer dizer que hoje foi um dia igual aos outros? – Puxei assunto, angustiada com aquele silêncio.

- Foi. – Resmungou e terminou seu suco, sem nem ao menos me olhar.

- Não teve nada de diferente? – Insisti, temerosa de que tivesse tido algum contato com Micah. Sabia que seria impossível evitar, com ele sendo nosso vizinho. Mas eu me agarrava a uma esperança vã de que eles nem ao menos se vissem.

Olhou-me meio impaciente, como se estivesse cansado de minhas perguntas repetitivas. Magoada, dei-me conta mais uma vez de que era sempre assim que se dirigia a mim, distante ou irritado, frio ou com raiva.

- Já falei que não.

- Certo. – Forcei um sorriso. Pensei em algo mais a dizer, mas ele me ignorou e voltou a comer. Calei-me, mas tomei um susto e gelei da cabeça aos pés quando falou de repente:

- O cara aí do lado é legal.

“O cara aí do lado”. Micah. Meu peito doeu e se apertou. Cheguei a ficar sem ar, mas lutei para não demonstrar. Continuei olhando-o, mesmo quando o pavor me sufocava.

Cacá não percebeu, continuando a comer. Eu só pensava nos dois juntos e meu corpo não reagia. Mas precisava saber como foi, o que disseram, o que ...

- Ele gosta de rock também. – Falou mais e voltou o olhar para mim. – E vai me deixar ver sua moto quando a ligar. Nunca escutei o ronco do motor, só vi as fotos na revista.

Eu tinha que perguntar mais, saber detalhes, mas não consegui, estava travada, gelada, só conseguindo olhá-lo. Mas quando voltou a comer, pude reagir com uma parte de mim e empurrei o medo bem para o fundo. Minha voz saiu baixa, levemente trêmula:

- O que ... O que mais disseram?

- Nada.

- Mas ... Conversaram muito tempo?

- Não, foi rápido. – Deu de ombros.

Eu queria perguntar mais, tudo, mas tive medo que desconfiasse. Percebi que tremia e estava nervosa. Fiquei quieta e Cacá não disse mais nada.

Procurei me acalmar. Sabia que em uma hora ou outra eles teriam contato, mas isso me estarrecia. Minha vontade era fugir com meu filho para bem longe, mas tinha que ser racional ou eu acabaria fazendo-o desconfiar de algo. E aí sim tudo ia ser pior.

Fingi que nada acontecia, que eu não parecia prestes a ter um ataque cardíaco. E bem casual, o máximo que consegui, mudei de assunto:

- Final de semana podemos fazer algo diferente.

- Ah, é? Como o que? Ir a Pedrosa no shopping com aquele seu noivo chato, que diz o que podemos ou não comer e beber e que conta miséria até para

comprar um copo de água? – Retrucou de imediato e eu o fitei rapidamente.

- Cacá!

- Tô mentindo? Ou quem sabe ficar aqui enquanto vemos televisão e aturamos o papo chato dele e sua compulsão de ir ao banheiro a cada minuto para lavar as mãos?

- Você sabe que Elvis tem Transtorno Obsessivo Compulsivo, mas ele se trata e... – Comecei na defensiva, mas meu filho deu um sorriso sem vontade, agressivo, olhando-me com superioridade e interrompendo-me:

- O que eu sei é que você só pode ser louca por querer casar com um maluco desse.

- Olha como fala comigo! A vida é minha e se quer saber, Elvis é um homem bom, direito e ...

- Maluco! – Repetiu, irritado, largando o garfo no prato, fazendo um barulho estridente. Franziu o cenho, corado, apertando os lábios. Eu reconhecia os sinais, sua raiva latente, que vinha sem controle. – O que viu nesse cara?

- Eu gosto dele e ele gosta de mim. Não devia falar assim, pois Elvis também gosta de você e ...

- Gosta de implicar comigo, isso sim! Vive me mandando cortar o cabelo e implicando com minhas músicas.

- Ele só ...

- Só é um chato!

Respirei fundo, sabendo que não adiantaria nada fazê-lo mudar de ideia. Nunca tinha aceitado meu noivado e não fazia questão de disfarçar.

Quieta, voltei a comer, mas muito chateada. Cacá continuou me olhando e não recuou. Pelo contrário, fez o que eu esperava, voltou ao assunto que era o maior ponto de discórdia entre nós, o que nos afastava cada vez mais:

- Ele sabe que você nunca foi viúva? Que seu casamento em São Paulo que todo mundo aqui acha que aconteceu, nunca existiu? Que foi só uma invenção sua para desculpar o fato de ter saído daqui grávida do meu pai?

Continuei olhando para o prato, angustiada, sem poder comer. Então, lentamente, ergui os olhos e encontrei os dele, furiosos. Seus cabelos caíam desgovernados sobre a testa e suas sobranceiras levemente erguidas lhe davam uma aparência idêntica ao pai. Sem poder me conter, estremei. Era cada vez mais parecido com ele. Se sorrisse mais, todos veriam a pequena falha entre os dentes. Como ninguém notava? Será que agora ficaria tão explícito que todo mundo perceberia e meu segredo e minha vergonha viriam à tona?

Fiquei em pânico. Eles não podiam ficar juntos. E se ...

Mordi o lábio, lutando para me controlar.

- Cacá ... – Comecei, em um tom calmo, mas ele sabia que era apenas

para apaziguá-lo e me interrompeu:

- Às vezes tenho vontade de espalhar para todo mundo que você é uma mentirosa.

- Não fale assim comigo!

- E não é verdade? Nunca foi casada, nem mesmo viúva!

- O que aconteceu é ...

- É que transou com alguém daqui e se mandou grávida pra casa da minha tia, me teve lá e me enganou! Como engana todo mundo aqui.

- Tudo o que fiz foi para proteger você. – Doía ver sua raiva de mim, por que nós dois sabíamos que eu era a única que podia dar a ele o que mais queria, o nome do seu pai. Desde que descobriu, quatro anos atrás, me pressionava para isso. E me odiava cada vez mais por que eu não contava.

- Se eu não tivesse visto “desconhecido” na minha certidão de nascimento no lugar do nome do pai, nunca saberia de nada! – Empurrou a cadeira para trás, mas não se levantou, furioso, sem tirar os olhos dos meus. – Não tem certidão de casamento. Não tem marido! Só um monte de mentiras!

- Cacá ...

- Quem é o meu pai? – Exigiu pela milionésima vez.

Podia ser qualquer assunto, em qualquer momento. Ele nunca esquecia e logo me perguntava sobre aquilo, sempre. E a cada vez que eu não respondia, me odiava um pouco mais e se afastava mais de mim.

Senti a dor me espezinhar e o fitei com amor e desespero. Mas calada. E ele soube que, como das outras vezes, eu não diria.

Cerrou a mandíbula, com raiva, sem me perdoar por minha omissão. Quis pedir perdão, explicar que era uma coisa que eu me envergonhava, que era tarde demais para falar, que traria muita confusão, mas apenas me calei e o olhei.

- Sabe o que vou fazer? Vou contar pra todo mundo que nunca foi casada, que meu pai é daqui. E depois vou bater de porta em porta perguntando quem transou com você, até descobrir quem é meu pai!

Cacá se levantou tremendo de raiva. Não era a primeira vez que fazia aquela ameaça e, apesar de nunca tê-la cumprido, eu temia que um dia o fizesse, pois ficava cada vez mais distante e irritado, a ponto de fazer qualquer coisa para me magoar.

- Meu filho ... – Falei baixinho, em um tom de quem pede desculpas, mas isso não o aplacou.

- Não me chame de meu filho. Você é uma egoísta, só pensa em si mesma. Mas vou te avisar! Eu vou descobrir! – E, furioso, saiu da cozinha pisando duro.

Eu fiquei lá, imóvel, arrasada. Fechei os olhos por um momento, me

contendo para não chorar.

Eu estava perdendo meu filho. O desespero me dominou, mas não sabia o que fazer. Ainda mais agora, com “ele” na cidade. Eu não podia me expor tanto, ser novamente humilhada, ser acusada por todos. Theo e os Falcão não me perdoariam. Minha vida seria um inferno.

Estava completamente perdida e sozinha.

Cada vez mais.

CAPÍTULO 5

MICAH

Aquela semana foi complicada e quase não parei em casa. Aproveitei para fazer minhas investigações particulares sobre o paradeiro de Luiza e Lauro, que ameaçavam minha família. Fui até a delegacia de Florada, conversei com o delegado Ramiro, mas ele não acrescentou nada do que eu já soubesse.

Foi estranho estar lá, pois ainda que fosse um oficial do governo, eu não tinha amparo legal para fazer trabalho policial. Eu tinha porte de arma e era perito em tiro esportivo prático, tendo feito parte de missões operacionais, pois minhas atribuições estavam ligadas a estratégias, logísticas e infiltração em grupos que ameaçavam, de alguma forma, o governo e a sociedade. Mas não podia fazer o mesmo que a polícia, como dar ordem de prisão ou atuar na função dela, somente auxiliar por fora e usar minha credencial para ter um acesso maior ao que acontecia

O delegado Ramiro cooperou como pôde, pois além de saber da minha função como Oficial de campo da ABIN, me conhecia desde pequeno. Quantas vezes foi atrás de mim após denúncias de baderna ou por perturbar a paz da cidade, ou ainda por brigas? Diversas. E vários outros motivos. Mais de uma vez ele me levou para casa em sua viatura policial e me encheu de broncas. Nunca cheguei a ser preso por ser menor de idade, mas era um transtorno para ele. E agora eu estava ali como um igual, com o mesmo objetivo que ele de descobrir o paradeiro de dois bandidos.

Saí de lá e fui para a sede da ABIN em Minas Gerais, com minha moto. Contei com a ajuda de meus colegas de trabalho, tive permissão de, mesmo que legalmente de férias, usar os meios da agência para trabalhar na investigação sobre Luiza. Mas a mulher parecia ter sumido do mapa sem deixar rastros e, mesmo com todo aparato e experiência, eu não a localizei.

Fiquei frustrado a cada noite que voltei para casa sem nada além do que já tinha antes. E quando fui à delegacia de Ituiutaba, a única coisa que consegui foi resgatar as duas caixas com coisas que foram encontradas na casa de Eva, devolvendo-as a Theo.

Depois que saí do seu escritório e segui para casa de moto, pensei muito em Luiza Amaro. Revi nosso encontro em Copacabana, seu desejo fremente de que eu a ajudasse a se vingar da família Falcão, pois me via como um Amaro. Éramos filhos de Pablo, que foi teoricamente assassinado por Mário Falcão, o mesmo homem que passou anos me destratando e me odiando, sendo meu

inimigo, até quase nos matarmos em seu escritório, 15 anos atrás.

Era estranho, mas eu não sentia por minha meia-irmã nenhum carinho ou ligação. Éramos completamente estranhos e tudo que despertou em mim foi alerta e a necessidade de voltar e proteger meus irmãos por parte de mãe, com quem fui criado e que eu sabia que não deviam pagar pelo erro do pai. Sua loucura e seu ódio só me fizeram retornar a Florada, coisa que nunca pensei em fazer. E lá estava eu, do lado que escolhi. Do lado certo, contra aquela vingança absurda.

Reencontrei diversas pessoas do meu passado, inclusive alguns colegas da escola. Conversamos, rimos e soube que muitos tinham se mudado para cidades vizinhas, Belo Horizonte ou outros estados do Brasil. No sábado, marcamos de nos encontrar no Falconetes e quando aquela noite chegou, saí de casa com uma certa sensação de nostalgia.

Na calçada, olhei para a casa de Valentina ao lado. Na correria que foi para mim aquela semana, ficando fora a maior parte do tempo, nem a vi de novo. Nem o garoto, Cacá. Eu geralmente chegava tarde e a casa dela já estava fechada. Mas como ainda era cedo naquele sábado, pouco mais de sete da noite, as janelas estavam abertas.

Percebi que sempre olhava para lá ao sair ou chegar, esperando revê-la. E que mais de uma vez subi na casa da árvore, mas me deparei com sua janela fechada. Soube que tinha que dar um jeito de me aproximar dela, pois toda vez que parava em casa e me deitava para dormir, eu fechava os olhos e a imaginava se masturbando, o que me deixava doido de tanto tesão. E isso me incomodava, pois se eu desejava uma mulher, geralmente partia para cima e resolvia logo o problema.

A vontade de revê-la era cada vez maior e eu sorria comigo mesmo, lembrando de sua pele morena linda, suas curvas, mas também seu olhar frio e seu jeito pomposo, dando-me conta que na certa estava feliz de não pôr mais os olhos em mim. Mal sabia ela que eu queria pôr muito mais do que os olhos em cima dela.

Mas algumas coisas ainda me perturbavam. Mesmo não tendo sido amigo dela no passado, Valentina sempre teve algo que me incomodava. Talvez fosse o fato de ser atenta demais em mim. Algumas vezes, lembro que chegava na escola arrasado ou com dor por alguma surra, disfarçando ao máximo. E quando encontrava seus olhos, pareciam saber como eu me sentia. Eu odiava isso. Essa percepção silenciosa que parecia ter de mim.

Parei em frente ao portão de sua casa e fiquei um tempo ali, sem saber por que algo me incitava, uma vontade de fitar novamente seus olhos negros, descobrir se ainda tinham o poder de ver mais do que os outros. Sem vacilar,

toquei a campainha e esperei.

A porta da frente se abriu e ela surgiu na varanda iluminada, estacando assim que me viu. Admirei-a em silêncio, de cima abaixo. Alta, era escultural, a calça jeans marcando quadris bem arredondados, sandálias baixas dando-lhe um ar mais casual, sem a elegância da vez que nos encontramos no escritório. Usava uma simples blusa de malha branca, mas não precisava de mais, sua beleza era natural.

Estava imóvel, sob a lâmpada da varanda, totalmente exposta sob meu olhar. Havia uma coisa diferente quando nossos olhares se encontravam e eu ainda não sabia bem o que era. Sua expressão era alerta. Pude até visualizar certo pânico e isso me fez franzir o cenho, curioso.

Ao mesmo tempo, senti o corpo reagir pela luxúria e pela curiosidade. Era uma mulher contida, diferente, que se escondia do mundo em uma fachada fria. Mas sua reserva rachava sob certa fragilidade. E mesmo que ela não soubesse, eu tinha visto sua paixão, sua entrega, o que tinha me deixado com ela na mente naqueles dias.

- O que você quer? – Perguntou friamente, embora sua voz saísse ligeiramente trêmula. Eu fui treinado para observar o ser humano e perceber quando mentiam ou estavam nervosos. E ela, obviamente, estava nervosa.

- Falar com você. – Disse casualmente, levando a mão ao topete do cabelo e puxando-o mais para cima. Parecia bem à vontade e relaxado, mas eu estava atento a ela.

- Fale.

Mostrava-se disposta a manter distância e isso me divertiu.

- Quer conversar gritando um para o outro? – Sorri e me aproximei mais do portão, apoiando os dois braços sobre ele. Aumentei bem o tom de voz: - Está certo, vamos começar.

Piscou e na mesma hora atravessou a varanda, olhando para trás, para dentro de casa pela porta aberta. Passou pelo caminho calçado entre o jardim da frente e parou do outro lado do portão, fitando-me pálida e irritada, com uma distância segura entre nós, sem fazer menção de abri-lo ou me convidar a entrar. Repetiu:

- O que você quer? Não temos nada que conversar.

A luz do poste incidia diretamente sobre um lado do seu rosto, deixando o outro na sombra. Lembrei que era como naquela madrugada, luz e sombra fazendo os contornos dela, deixando-a ainda mais misteriosa e sedutora sob o meu olhar.

Eu estava alerta e sentindo o corpo vivo, quente, com um desejo forte dentro de mim. Mas ao mesmo tempo, não queria nada interferindo quando eu

partisse para o ataque. Fitei-a atentamente, senti o quanto me queria distante de si e indaguei sem meios termos:

- O que houve entre nós no passado, Valentina?

Seus olhos negros, meio repuxados nos cantos, se arregalaram um pouco. Empalideceu e ficou sem reação, completamente paralisada. Continuei apoiado no portão, fixando-a sem piscar. Como não respondeu e parecia chocada, completei:

- Deve ter sido algo sério para ainda irritá-la depois de quinze anos. E então?

- Não me fez nada. – Disse entredentes, soltando o ar, retomando sua frieza.

- Conta outra. O que foi? Diga de uma vez.

- Você era mal educado, bêbado, egoísta. Era você mesmo. E eu não guardo boas lembranças, só isso. Veio aqui para falar do seu passado? O que isso importa? – Ergueu um pouco o queixo, pronta para me dispensar. – Estou ocupada, Micael.

- Micah. – Corrigi. E então completei: – Engraçado, eu lembro que quase não nos falávamos. Na verdade, aprontei com muita gente naquela época, mas não com você.

Não respondeu, mas senti como se fechava, como lutava para se manter fria, distante, sem reação. Mas seus olhos ardiam e eu só podia me concentrar neles, no quanto me perturbaram no passado e ainda me perturbavam.

Valentina deu um passo atrás e murmurou:

- Eu só acho que nunca respeitou ninguém. Mas se veio aqui falar disso

...

- Vim fazer um convite. – Emendei, pois ela se fechava cada vez mais.

- Convite? – Repetiu, desconfiada. – Não vejo o que ...

- Vou encontrar alguns colegas da época da escola no Falconetes, os que ainda estão por aqui. E como foi da nossa sala, vim ver se não quer ir também.

- Entendi. Sei que sua memória não é muito boa, até por que vivia cheio de bebida, mas caso não se lembre, eu quase não tinha amigos naquela época. Ninguém queria andar com o elefante de quatro olhos, lembra? – Fez pouco caso, mas me dei conta de como aquilo a tinha magoado. – Assim, não foram meus amigos e nem são agora. Aproveite sua noite com “seus” amigos.

- Valentina, as coisas mudaram. – Comecei, mas me interrompeu friamente:

- Eu não quero. Mas obrigada pelo convite. É só isso?

Seus olhos brilhavam, embora sua expressão fosse neutra e contida. Era óbvio que eu, o passado, tudo a incomodava. Ainda não tinha digerido bem

aquilo. Mas nem tive tempo de dizer nada ou avaliar melhor, pois um homem apareceu na varanda e indagou:

- Querida, tudo bem?

Desviei meu olhar para ele. Era magro, mediano, com cabelos castanhos penteados de lado como se o tivesse amassado até não ter um fio fora do lugar, colados na cabeça. Usava óculos de aro escuro, camisa de listras bem passada e fechada até o último botão, calças cargo bege com vincos, sapatos pretos brilhantes combinando com o cinto preto. Parecia um vendedor ou um pastor de igreja, todo arrumadinho e cafona.

Calculei que fosse o noivo e fiquei surpreso, pois não tinha nada a ver com ela. Analisei-o, sem saber o que pensar.

Valentina se virou rapidamente para ele, dizendo:

- Já vou entrar, Elvis.

- Elvis? – As palavras escaparam dos meus lábios.

- Sim. Elvis Presley da Silva. – O homem que mais parecia um boneco engomado se aproximou e acenou com a cabeça, observando-me atento. – E você, quem é?

- Micah, o vizinho aqui do lado.

Não gostei de ter o homem ali, entre nós. Olhei para ela, que de propósito parecia me evitar, encarando o outro homem, toda fria e esticada como uma mola. Olhei de um para outro, enquanto o bonequinho se aproximava, esquisito, seus olhos de um lado para outro sem parar e olhar fixamente. Franzi o cenho e falei baixo:

- Você deve ser o noivo de Valentina.

- Sim, sou eu.

Acenei com a cabeça, escondendo meu desagrado. Sabia que o errado ali era eu, que estava querendo comer a noiva dele, mas era mais forte do que eu. Olhei-o duramente, como adversário, sem entender o que uma mulher como ela podia ter visto numa “porrinha” daquelas.

De qualquer forma, fui educado e estiquei o braço na frente de Valentina, estendendo a mão a ele, achando graça do seu nome, indagando:

- Elvis?

- Eu mesmo. – Parou e olhou com certo pânico para minha mão. Piscou muito e fez um esgar com a boca, nervoso.

Valentina ficou imóvel. Eu ergui uma sobrancelha, atento. Ele molhou os lábios e, como se lhe custasse muito, ergueu a mão devagar. Impressionado, vi como parecia lutar consigo mesmo, o braço como em câmera lenta, fazendo caretas esquisitas. Era como se estivesse prestes a fazer algo horrível e, por fim, apertou minha mão. Foi rápido, fugaz e a soltou logo, dando um pulo para trás.

Voltei com meu braço para o portão, confuso, mas divertido. Lancei um olhar a Valentina e ela me olhou, um pouco sem graça. E então observei como o noivo esfregou a mão na calça, ainda nervoso, como se a limpasse em um gesto que deveria ser imperceptível, pois falou rapidamente com um sorriso forçado, para me distrair:

- Minha mãe era fã de Elvis e dos Beatles e, como sou o mais velho, recebi o nome do rei. Meus irmãos se chamam John Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr e Geórgia Harrison.

- Geórgia?

- Infelizmente, veio uma menina e ela teve que improvisar. – Sorriu para mim enquanto ainda esfregava a mão na calça, para cima e para baixo, agoniado.

Eu olhava aquilo e, como não era de muito tato, falei diretamente:

- Minha mão está limpa, quando saí do banheiro hoje eu a lavei. – Sorri amplamente e provoqueei: – Faço isso quando me lembro, ocasionalmente.

Elvis Presley arregalou os olhos, em pânico. Valentina disse rapidamente:

- Ele não quis ser grosseiro, apenas ...

- Tenho TOC. – O homem explicou, dando uns passos apressados para trás. – Desculpe, tenho que entrar e lavar a mão ... Quero dizer, eu tenho que ...

- Tudo bem, cara, sem problema. – Entendi tudo e falei casualmente.

- Foi bom conhecer você, Micah. – Ele continuava andando para trás, já na varanda. Mas ainda perguntou: - Seria Micah de Mick Jagger?

- Não. – Eu dei uma risada. – Minha mãe não era fã dos The Rolling Stones, infelizmente.

- Ah, tá. Preciso ... Bem, eu ...

- Tranquilo, já estou de saída. – Tive certa pena do coitado, mas simpatizei com ele.

- Obrigada pelo convite. Espero que tenha uma boa noite com seus amigos. – Valentina despediu-se, toda dura, observando o noivo entrar em casa, sem me olhar.

Era impressionante a discrepância entre eles e imaginei como aquele relacionamento devia ser difícil. Eu me perguntava como seria o sexo entre eles, já que o cara não podia nem apertar a mão de uma pessoa sem correr para o banheiro e se lavar. Talvez por isso Valentina se masturbasse em agonia, por achar errado gozar sozinha e não com o noivo. Porque de uma coisa eu não duvidada: Elvis Presley da Silva não sabia dar prazer a uma mulher.

Olhei-a atentamente e algo dentro de mim se abrandou. Tive uma vontade inexplicável de pular aquele portão, puxá-la para meus braços, acabar com aquela ruga de preocupação em sua testa com beijos, fazê-la relaxar, ser feminina sem aquela tensão toda. Eu podia estar sendo um filho da puta, mas

pouco liguei para o cara esquisito e cheio de manias. Ele não sabia como tratar uma mulher. Não sabia com tratar Valentina.

Sem poder me controlar, perguntei:

- Por que está noiva dele?

Na mesma hora me olhou, surpresa.

- O quê?

- Escutou o que eu disse.

Seus olhos arderam e empinou mais aquele nariz, sua voz um poço de frieza:

- O que você tem a ver com isso?

Eu quis dizer um monte de coisas, mas só a olhei, sentindo sua tensão, seu controle, o modo como ficava alerta perto de mim. Irritei-me muito, pois parecia errado ela ser noiva. E então, algo mais forte do que eu, me impulsionou a falar em tom rouco, decidido:

- Vem comigo, Valentina.

Ela se imobilizou, um alerta em seu olhar, a respiração parecendo suspensão. Então suas faces se tingiram de vermelho e insistiu em uma frieza que fraquejava, dando uma de tola:

- Do que ... está falando?

- Você sabe o que. Ele não é homem para você.

Nós nos olhamos, fixamente. Deixei mais do que claro o meu desejo, era impossível ela não ler em meu olhar tudo que eu queria fazer com ela. Isso a desconcertou e a fez vacilar, meio perdida. Mas então se recobrou, alerta. Ergueu o queixo e havia uma infinidade de emoções contidas na pergunta que fez:

- E quem é esse homem? Você?

Não vacilei.

- Sim, eu. Não vai se arrepender.

- Claro que não. Por que nunca vou tentar. Se acha que vou cair nessa sua lábia de sedutor barato, Micael Falcão, está muito enganado. – Nervosa, deu um passo atrás, dando-me um olhar cheio de ódio, mais do que pude compreender. Mostrou-me o dedo anelar direito, onde brilhava uma simples aliança de ouro: - Está vendo isso aqui? Estou noiva, comprometida. Vou me casar em maio do ano que vem. Sei que não tem respeito por ninguém, mas ao menos respeite isso.

Era como ser criança de novo e receber uma bronca, mas não me senti culpado. Eu podia estar enganado, mas Valentina não era feliz travada e fria daquele jeito. E como eu não era de pensar antes de falar, fui bem direto:

- Respeitar o que? Uma farsa?

- Farsa? – Arquejou, irritada. – Estou noiva!

- E infeliz.

- Quem é você para ... – Calou-se e deu outro passo para trás, irritada, nervosa. – Não tenho que ficar aqui dando satisfações a você. Arrume outra mulher com quem se divertir, a quem convencer com essa sedução barata, pois caso ainda não tenha percebido, sou imune a esse charme de segunda categoria.

Seu nervosismo e descontrole falavam mais do que tudo e ali tive certeza de que eu mexia com ela, a abalava mais do que queria admitir. Então sorri devagar.

- Se é imune, não vai se importar por eu tentar. – Murmurei, minha voz mansa, lenta, rouca, sem tirara meus olhos decididos e quentes de cima dela.

- Tentar ... o que?

- Levar você para a minha cama.

Valentina quase pulou para trás, tensa e assustada.

- Nunca!

- Quer apostar?

- Me deixe em paz. Estou avisando ... - Percebi uma ponta de medo em sua expressão, afastando-se rapidamente, dizendo sobre os ombros:

- Fique longe de mim.

Ela fugia descaradamente e sorri lentamente, excitado, sem uma pitada de culpa sequer. Soube que não sossegaria até mostrar a ela o que era prazer de verdade, até saciar aquele desejo que tinha deixado fervendo dentro de mim desde que a vi se masturbando entre os lençóis. E que me fez ficar curioso sobre ela.

Lembrei de seu olhar sempre me acompanhando no passado e sua irritação atual, sabendo que talvez tivesse nutrido um amor de juventude por mim, que não foi retribuído. Mas eu não queria saber do passado. O que me importava era o agora.

- Da próxima vez, você não me escapa, Valentina. – Prometi e ficou claro que ela ouviu. Mas entrou e bateu violentamente a porta atrás de si.

Afastei-me decidido a jogar todas as cartas para tê-la, nem que fosse só uma vez. Só não contava com o sentimento incômodo que me acompanhou ao me dar conta de que ela provavelmente passaria a noite com aquele noivo. Não entendi ao certo aquilo, mas empurrei para bem fundo e segui meu caminho. Valentina não sabia como eu era insistente quando queria alguma coisa e o quanto poderia jogar pesado. Nada me impediria. Ela seria minha.

VALENTINA

Cacá tinha ido para uma festinha na casa de um amigo naquele sábado e eu estava em casa com Elvis. Apesar de morarmos na mesma cidade e nos esbarrarmos de vez em quando, deixávamos para nos encontrar geralmente só no fim de semana. Ele era ocupado e eu também tinha minhas coisas para fazer.

Enquanto assistíamos a um filme na televisão, eu pensava nervosamente em Micah debruçado em meu portão com aquele sorriso aberto de menino, os olhos de um cachorro safado, a sombra de barba lhe dando um ar perigosamente masculino. Mesmo despojado, com uma blusa de malha, bermudas e tênis, era incrivelmente bonito, atraente, perturbador.

Fiquei com raiva por que, desde que ele foi embora e entrei em casa, não conseguia parar de pensar nele. Parecia gravado em minha mente, desorientando-me, seu sorriso tirando minha paz e meu sossego. Ainda não podia acreditar no modo como me cantou, descaradamente, mesmo sabendo que era noiva.

Estava muito nervosa, revivendo cada palavra dele, relembrando seu olhar quente e sensual, as promessas mais do que óbvias do que faria comigo, o que disse por último. Eu estava na sua mira e isso me assustava e enlouquecia. Depois de 15 anos, ele finalmente notava que eu existia, sem se dar conta de como tinha virado minha vida pelo avesso, me desgraçado para os outros homens.

Ele tinha voltado para bagunçar tudo, justamente quando eu tentava me acertar na vida, formar uma família, dando o sangue para fazer meu filho feliz. Não podia deixar Micah destruir tudo com um capricho, por que com certeza era só isso que eu era para ele, uma diversão, como tantas que teve na vida. Não sei por que fui cismar comigo justamente agora, quando nunca se deu conta que eu sequer existia.

Cheia de mágoa e raiva, eu fervia por dentro, com medo, mas também uma excitação que tentava engolir, decidida a ser forte e estar sempre alerta. Eu queria me livrar dele e seria o mais fria possível, até que entendesse que não estava a fim de conversa. Talvez assim sumisse das minhas vistas. E com sorte, como foi naquela semana, eu nem toparia com Micah. Não via a hora dele voltar para o Rio e me deixar respirar normalmente de novo.

- Que filme mentiroso! – Exclamou Elvis, revoltado com as cenas de ação que se sucediam, mas sem desgrudar os olhos dele. Mexeu-se impaciente no sofá ao meu lado, falando praticamente sozinho: - Eu acho que aquele sacerdote é o assassino. Eles sempre colocam quem a gente menos imagina. Ou então aquela criancinha que apareceu andando na rua no início do filme, lembra, Valentina? Aquela na bicicleta. Quem imaginaria que era ela?

Eu o olhei pacientemente e comentei:

- Era só uma coadjuvante, Elvis.

- Quem sabe? É alguém de quem nem desconfiamos!

- Sim, o assassino misterioso e sanguinário do filme é uma criança de oito anos. – Não consegui deixar de falar com ironia, um pouco irritada.

- Mas não seria show? – Sorriu, animado com sua lógica. Prestava atenção nas cenas, mas ao mesmo tempo descrevia suas teorias: - Já foi época em que o vilão da história era sempre o mordomo. Não senhora, agora é a tia velhinha, o aleijado, a freira, o motorista do caminhão de sorvete, o chaveiro e ...

Ele calou-se de repente e olhou para o alto, pensativo. Suspirei, pois quando começava com suas teorias danava de falar. Mas então me olhou preocupado.

- Valentina, por falar em chaveiro ... Será que tranquei a porta de casa ao sair?

- Claro que trancou.

- Como pode saber?

- Você sempre tranca e confirma umas dez vezes antes de sair. – falei pacientemente.

- Mas não me lembro. Acho que não tranquei. Aliás, nem sei se deixei o carro trancado também. Droga! Essa minha cabeça! – Começou a ficar agoniado e mexeu a boca para os dois lados, com um tique nervoso. Seus olhos iam para todo lado, buscando respostas em sua mente.

Era difícil quando ficava assim. Mesmo tomando medicamentos para controlar os sintomas de sua síndrome, ele tinha recaídas e manias obsessivas, evitações, necessidades de fazer verificações e mania de limpeza e higiene. Por isso tinha ficado neurótico ao apertar a mão de Micah, que além de tudo era um completo desconhecido. E agora, como muitas vezes, achava que não tinha trancado a porta, ou fechado o clique do gás ou mesmo a bica de casa. Vivia com verdadeiro pânico de que a casa explodisse ou inundasse com bicas abertas.

Não falei nada, sabendo que não adiantaria. Mas tinha hora que aquele comportamento cansava e eu indagava a mim mesma por que ainda ficava com ele. Mas então me lembrava que era um homem bom, justo, amigo, que me amava e respeitava e me achava a mulher mais linda e inteligente do mundo. E me sentia culpada quando me irritava com ele.

Levantou, angustiado, nervoso.

- Olha, preciso ir lá conferir. É rápido, não demoro. Quer vir comigo?

Eu o olhei, sentindo-me cansada. Ainda estava perturbada com a presença de Micah em meu portão. E agora me sentia sem paciência para as compulsões de Elvis. Pensei em dizer que esperaria ali, pelo menos ficaria em

paz. Mas percebi que ficar sozinha só aumentaria minha angústia e acabei levantando também.

- Vamos lá.

Sorriu feliz com minha presença ao seu lado.

A cidade não era perigosa, mas mesmo assim Elvis insistiu que eu trancasse a casa toda e ainda me fez conferir. Só depois disso saímos até a calçada naquela noite fresca e bonita. Andamos lado a lado, sem dar as mãos. Era melhor assim, ou ele toda hora ia querer lavá-las.

Cumprimentamos alguns vizinhos no portão e outras pessoas que passavam pela gente. E só tarde demais, quando contornamos a praça e vi a frente do Falconetes, me dei conta de que passaríamos na frente dele.

Vi o movimento lá, alguns carros estacionados e um grupo rindo e falando alto na porta. E claro que meu olhar foi logo atraído para ele, Micah, muito à vontade entre nossos ex colegas de escola, como no passado cercado pelas pessoas, sendo o centro das atenções.

Foi como retornar no tempo. Vi ali as cinco mulheres, antes garotas, como ventosas grudadas nele. Três continuavam bem bonitas ainda e duas tinham engordado e se acabado um pouco depois de passarem por mais de uma gravidez. Uma delas estava ali com o marido, um cara grosseiro e que no passado era garanhão, mas agora estava estranho, careca e barrigudo. Havia mais seis rapazes e eles falavam alto, fumavam, bebiam, pareciam se divertir com as recordações.

Desviei o olhar, ignorando-os. Alguns me cumprimentavam na cidade, outros pareciam ter se esquecido quem eu era. Nunca foram meus amigos e hoje eu dava graças a Deus por isso, mas no passado me sentia sempre diminuída perto deles, feia e desajeitada, alvo de piadas e implicâncias.

- Ali o seu vizinho. – Nada discreto, Elvis apontou para Micah.

- Xii ... – Reclamei, não querendo chamar atenção.

E já estávamos quase passando despercebidos, quando na minha pressa em sair dali esbarrei em uma pessoa que vinha no sentido contrário.

- Ai! – A moça reclamou, quando sua Bíblia caiu no chão, olhando de cara feia para mim.

- Desculpe. – Eu reconheci Tininha, a ex-maluquete da cidade que tinha virado evangélica e agora vivia por ali distribuindo panfletos religiosos. Abaixei-me rapidamente e peguei a Bíblia, enquanto Elvis quase tinha um ataque do coração e dizia apressado:

- Não pegue nisso!

Ele tinha pavor de germes em objetos dos outros e evitava em pegar em coisas que não fossem suas na rua, mas já era tarde demais. Tininha olhou-o

irritada e corrigiu:

- “Isso” é a Bíblia Sagrada, caso o senhor não saiba!

- Eu sei muito bem. – Deu um passo para trás, ajeitando seus óculos e retrucando: - Mas não é a “minha” Bíblia Sagrada.

- Me desculpe, Tininha. – Entreguei a ela logo, pois estávamos bem em frente à entrada do Falconetes e eu podia jurar que já chamávamos a atenção de Micah e o grupo que estava com ele. Quase gemi de desespero, querendo escapar logo dali.

Ela acenou, empinando seu nariz comprido para Elvis, já pronta para se afastar. Suspirei e ia também contorná-la, mas naquele momento Tininha olhou para o lado e arregalou os olhos, parecendo ficar chocada. Estava bem na minha frente e sua reação foi tão exacerbada, que acabei acompanhando seu olhar, só para me arrepender.

Encostado em um carro vermelho, com um cigarro no canto da boca soltando fumaça, olhos semicerrados e braços cruzados displicentemente, Micah estava com os olhos fixos em mim. Havia um ar de sensualidade preguiçosa em sua postura relaxada, à vontade.

Senti o peito sacudir como se tivesse um tambor dentro, mas era meu coração descompassado. Por um momento, não vi nada pela frente. Só aquele homem tentador e moreno, que uma vez virou minha vida pelo avesso e que podia fazer de novo, com um estalar de dedos. Respirei fundo, abalada, nervosa, sentindo o medo espiralar em meu interior.

E foi então que a voz de Tininha penetrou minha consciência nublada:

- Quem é esse tesã ... esse ... esse ... esse ...

Eu reagi, desviando rapidamente os olhos dos dele, ainda mais nervosa e culpada por estar na frente do meu noivo. Mas Elvis parecia mais preocupado em olhar para a Bíblia nas mãos de Tininha, como se fosse um perigo de contaminação.

A moça lançou-me um olhar arregalado com a boca aberta e depois a Micah de novo. Eu já ia fugir, mas me encarou e murmurou:

- Quem é ele?

- Micah Falcão. – Falei baixo.

Seus olhos quase pularam de órbita e ela abriu a boca como um peixe morrendo, seu queixo caindo. Na mesma hora a Bíblia escorregou da sua mão e caiu no chão com um barulho seco, enquanto ela parecia completamente chocada. Por instinto fui me abaixar para pegar, mas Elvis gritou horrorizado:

- Não!!!!!!

Corei da cabeça aos pés, por que agora com certeza todo mundo olhava em nossa direção. Ele se aproximou de mim angustiado, dizendo

atropeladamente:

- Vamos logo lavar essas mãos, Valentina, pelo amor de Deus!

E foi naquele momento que Tininha reagiu, balbuciando:

- Você ... dis ... se ... Falcão? F- A- L- C- Ã- O?!

Não entendi nada, mas ela me olhava como se sua vida dependesse disso.

Elvis insistiu ao meu lado, sem me tocar:

- Está esperando o que? Vamos logo, não sabe quantos germes podem estar agora se proliferando em suas mãos, indo para a corrente sanguínea e espalhando doenças em seu organismo. Além do que ...

- AHHHHHHHHHHH!!!!!!!!!!!! – Tininha gritou de repente, estridente, me dando um susto de morte e mais ainda em Elvis.

Ele quase morreu do coração e esperneou desesperado quando ela avançou para nós e agarrou sua camisa, dizendo perto de seu rosto como se estivesse fora de si:

- É o meu Falcão! Mãe Menininha da Cigana Preta não estava enganada! Ah, meu coração!

- Me larga, sua louca! – Ele gritou batendo os braços para o lado, sem querer tocar nela, se sacudindo para se libertar em pânico. - Valentina, me ajude!

Eu senti meu rosto pegar fogo e desesperada olhei para os dois malucos na minha frente, sem poder acreditar no que acontecia. Ouvi risadas altas e com um gemido virei o rosto e vi os amigos de Micah rindo e olhando para nós. Micah também parecia divertido, franzindo o cenho como se não entendesse nada.

- Ela estava certa! – Dizia Tininha desenfreadamente, agarrada em Elvis, chacoalhando-o. – Joaquim casou! Theo casou com aquela loira mais nova do que eu! Os outros dois nem olham para mim! Achei que só sobraria o velho, mas esse não quero! Pensei em esperar o filho de Joaquim crescer para tentar a sorte, mas aí eu já estaria com o pé na cova! E então ... E então aparece outro Falcão que estava escondido! Ai, meu Deus do Céu! Ai!

- Valentina, me salve! – Berrou Elvis, com as mãos para o alto como se estivesse sendo assaltado ou estuprado. – Ela está cuspiendo em mim!

As pessoas em frente ao Falconetes se acabavam de tanto rir. Eu nem olhei para eles, envergonhada, indo até o casal enlouquecido e segurando Tininha, puxando-a para longe de Elvis.

- Solte-o, Tininha!

- É um milagre! – Ela dizia, fora de si.

- Solte o Elvis, Tininha!

- Me solta, sua louca!

- O que está acontecendo aqui?

A voz rouca de Micah penetrou minha consciência e tive vontade de encontrar um buraco no chão e me esconder, de tanta vergonha. Olhei-o e na mesma hora Tininha soltou Elvis, que quase chorava e pulou para trás arrancando seu lenço do bolso e esfregando em pânico no rosto e na camisa, murmurando apavorado:

- Preciso de um banho ... Preciso de um banho!

Micah olhou para ele e depois para mim, já sem seu cigarro. Para mérito dele, não ria. Ou eu acho que lhe daria um soco na cara. Mas logo Tininha chamou sua atenção, murmurando como que encantada:

- Oi, senhor Falcão. Sabe quem eu sou?

Micah virou-se para ela e ergueu aquelas sobrancelhas endiabradas. Analisou-a e a moça corou e suspirou, evidentemente apaixonada.

- Eu deveria saber? – Havia um ar divertido em sua voz.

- Sou a mulher da sua vida. A que você esperou. A futura senhora Falcão.

Suspirei, sem acreditar. Micah olhou-a por um momento e então deu uma risada gostosa, mostrando os dentes brancos e perfeitos, levemente separados na frente.

- Nossa, e eu não reconheci você! – levou na brincadeira e Tininha sorriu, toda satisfeita, piscando meio tímida para ele.

- Pelo amor de Deus, Valentina! – Elvis começou a tossir e ficar vermelho, desesperado. – Vamos sair daqui ou vou morrer! Ela me atacou com vírus, bactérias e germes!

Cansada daquele circo todo, encontrei de novo os olhos castanhos ambarinos de Micah e estremeci por dentro. Pensei que ele diria alguma piada ou riria de mim, enquanto eu me senti envergonhada e furiosa com aquela confusão. Mas não disse nada, enquanto Tininha o observava embevecida.

- Vamos, Elvis. – Falei cansada e na mesma hora ele correu para o meu lado, ainda tossindo e esfregando o lenço no rosto todo vermelho.

Dei as costas a eles e me afastei com passos largos, enquanto meu noivo soltava uma enxurrada de reclamações e dizia que talvez fosse melhor ir ao hospital.

Foi como voltar ao passado, quando os amigos de Micah riam de mim nas aulas de educação física. Eu tentava dar o meu melhor, mas nunca era o bastante e fazia tudo errado. Me esforçava para que ele me notasse por algo em que eu me saísse bem, mas era sempre a última a chegar das corridas e não acertava uma bola sequer no vôlei. E então ele sorria e eu sabia que não estava sorrindo para mim, mas de mim.

E agora, tantos anos depois, quando eu só queria distância dele e de seus amigos, passava toda aquela vergonha de novo, por culpa de Elvis e de Tininha.

Irritada, pensei na garota oferecida, falando confusamente em uma Mãe não sei de quê e delirando que Micah era o homem da sua vida. Mal sabia ela que ele era o homem da vida de várias mulheres, um safado de primeira que não recusava ninguém e pulava de cama em cama. Pelo menos tinha sido assim no passado e, pelo modo que me olhava, continuava o mesmo.

Quando cheguei à casa de Elvis, fiquei na varanda, pois odiava quando sentávamos no sofá com roupa da rua e eu não queria outro ataque naquela noite. E fiquei lá sozinha, imersa em meus pensamentos enquanto ele corria desesperado para tomar banho. Demoraria pelo menos uma hora lá e odiei ter aquele tempo para mim ali, pois com certeza não pararia de pensar na vergonha que passei e indagar a mim mesma se Micah passaria a noite com a oferecida da Tininha.

CAPÍTULO 6

VALENTINA

Tivemos que passar pelo mesmo caminho na volta para minha casa, quase duas horas depois, e rezei para que Micah e seus amigos não estivessem mais na porta do Falconetes. Felizmente fui atendida e só respirei aliviada novamente quando me vi na minha sala de estar.

Enquanto estava ainda na casa de Elvis, esperando seu banho interminável acabar, Cacá me ligou e disse que dormiria na casa do colega, pois a festa rolaria até tarde. Eu conhecia o menino e a família dele, de vez em quando meu filho dormia lá e o amigo na nossa casa, então concordei. Agora, estava sozinha ali com Elvis e ele sorriu para mim cheio de intenções, chegando perto e murmurando:

- Vamos subir ao seu quarto? Estou com saudades, minha bela noiva.

Eu o fitei, enquanto ele fazia uma cara que era para ser sedutora, mas parecia engraçada. Com certeza a parte sexual do nosso relacionamento deixava muito a desejar, mas eu não queria me ligar em um homem só por sexo. Eu mesma não ligava muito pra isso. No passado fui muito sonhadora e minha primeira vez foi mais do que prazerosa, mesmo nas condições em que aconteceu. Mas depois entendi que ser passional não fazia parte da minha personalidade. Assim, me dediquei ao meu filho, aos estudos e ao trabalho, focalizando no que realmente interessava.

É claro que às vezes meu corpo reclama da abstinência, mais de prazer do que de sexo, e era quando eu tinha aqueles sonhos eróticos, independentes da minha vontade, que muitas vezes acabavam me deixando dopada de tesão e então eu não resistia e precisava desesperadamente me tocar, como se gozar fosse primordial para continuar vivendo. Depois me enchia de raiva e culpa por ser tão fraca, mas principalmente por que em todas aquelas vezes eu pensava “nele”. Não queria nem citar seu nome, mas sua imagem já tomava conta da minha mente e dos meus sentidos, suas palavras me deixando bamba: “*Levar você pra cama*”. Desgraçado!

Afastei-o com raiva da mente, embora se infiltrasse lá toda hora, em uma luta constante que me deixava muito cansada e descontrolada.

Olhei para Elvis, sabendo no fundo de mim que não queria transar. Muito menos naquela noite, depois de minhas emoções estarem em frangalhos. Na verdade, gostaria que ele fosse embora e me deixasse sozinha e em paz, mas

como dizer isso se só transávamos uma vez por semana e olhe lá?

Ele apenas me fitava cheio de intenções, mas não me tocou e eu sabia por que. Primeiro esperaria eu tomar banho e me lavar, quanto mais eu demorasse, melhor. E escovar os dentes. Tinha verdadeira obsessão por higiene e medo de pegar doenças.

Em geral eu era paciente com Elvis, até tinha me acostumado com algumas coisas. Se os rituais dele fossem respeitados, não tínhamos problemas.

- E então, minha bela Valentina? Podemos subir?

- Sim, Elvis. – Falei desanimada, pois era meu noivo e não era justo com ele. Seus olhos brilharam por trás dos óculos. Sorriu e indicou-me a escada.

Suspirei e caminhei para lá quase me arrastando, indagando a mim mesma por que fazia aquilo. Mas era parte de todo o resto. Afinal, íamos nos casar. E sexo não podia ser excluído do casamento. Além do mais, Elvis demorava mais para me fazer tomar banho e ele também do que necessariamente transar. Logo acabaria.

Entramos no quarto e fui direto ao banheiro, já conhecendo o ritual. Tomei banho e nem pude ser rápida, ou ouviria um discurso infundável sobre higiene pessoal. Aproveitei e fiquei embaixo do chuveiro me ensaboando e relembrando a imagem de Micah encostado naquele carro vermelho, com o cigarro na boca, olhando-me de maneira intensa, como sempre quis ser olhada por ele no passado. Primeiro tinha deixado clara sua intenção de me levar para a cama, independente se eu era noiva ou não. Depois me olhou daquele jeito pecaminoso, como se fosse só uma questão de tempo até me dar o bote.

Cansada, terminei meu banho, me enxuguei, escovei os dentes. Enrolei-me em uma toalha branca limpa, penteei os cabelos e calcei os chinelos. Só então voltei ao quarto, mecanicamente.

Elvis tinha tirado a camisa e a deixado bem dobrada sobre uma cadeira. Era magro e branco, com poucos pelos esparsos no peito. Sorriu de novo para mim e sentou-se na cama, em expectativa. Eu me aproximei e não entendi a tristeza que senti, a vontade de simplesmente pedir que ele fosse embora. Mais do que das outras vezes, eu sentia como se aquilo fosse errado.

Sentei ao seu lado na cama e ele beijou desengonçadamente meu rosto, indagando baixo:

- Escovou os dentes, amada?

Nada de palavras como “Seus lábios são deliciosos” ou “Estou doido para beijar você”. Falei automaticamente:

- Sim, Elvis.

- Usou o enxaguante bucal?

- Sim. – Fui paciente.

Satisfeito, veio mais perto e me deu um beijo na boca.

Na verdade, era um esfregar de lábios com uma ocasional e rápida, bem rápida, entrada de língua. Ele sabia que a saliva tinha muitas bactérias e beijo sempre o apavorava um pouco. Não era intenso, gostoso ou apaixonado, mas acanhado, desajeitado, até meio nervoso.

Deixei que fizesse do jeito dele, enquanto eu erguia a mão e acariciava também de modo tímido as suas costas, meu pensamento indo longe dali.

Muitas vezes eu também indagava a mim mesma o que fazia com Elvis. Mas então lembrava que éramos duas almas solitárias que haviam se encontrado e duas pessoas que se respeitavam, principalmente levando em conta nossos traumas e limites, nossos defeitos. Eu sempre fui paciente com ele, não o julgava, pois sabia o que era ser discriminado. Vivi uma boa parte da minha vida assim e era como ainda me sentia.

Embora tivesse emagrecido e não usasse mais óculos com grau forte, sempre me senti a garota gorda e desprezada do passado, a solitária tímida e sem amigos. Minha mãe sempre exigente tinha me criticado muito e acho que isso me fez olhar para mim mesma me sentindo inferior a maior parte da minha vida. Inclusive agora.

Eu usava roupas elegantes, controlava o que eu comia, cuidava da aparência, mas tinha no corpo as marcas da obesidade e da gravidez, das quais me envergonhava. Por isso, aliada a minha insegurança, eu nunca consegui desenvolver um relacionamento com ninguém. Elvis foi o primeiro e o único homem que tive após Cacá nascer, fiquei anos sozinha.

E ele, devido ao seu transtorno obsessivo, tinha tido muita dificuldade em ter uma namorada. O resultado era que, até um ano atrás, quando passamos a nos relacionar, ele era virgem aos 34 anos. Confiou em mim e eu nele, como dois isolados esquisitos que se encontram. Aceitamos um ao outro e encontramos uma coisa da qual o ser humano sentia muita falta: companhia.

Distraída, percebi que ele espalhava beijinhos estalados em minha bochecha e, um tanto trêmulo, acariciava o meu seio. Meu corpo não despertou e mantive meus olhos fechados. Sempre ficava nervoso naqueles momentos e eu um tanto incomodada. Por mim, pularíamos aquela parte e viveríamos de maneira assexuada, mas apesar de sua obsessão com higiene, eu sabia que havia um lado dele muito curioso sobre sexo. Talvez, se eu fosse mais atirada e apaixonada, o fizesse arriscar mais e se tornar mais experiente.

Foi estranho como sempre e não me excitei em nada. Elvis tinha apagado a luz e deixado só um abajur aceso, como eu gostava. Assim, não me importei muito quando tirou minha camisola. Eu não me sentia bem em ficar nua na frente dele e era sempre na penumbra. Nunca fiquei à vontade com meu corpo.

Ficamos ambos nus e nos acariciamos sem muita motivação, deitando na cama. Era sempre do mesmo jeito e abri as pernas quando foi para o meio delas. Todas as vezes parecia muito curioso com minha vagina, mas era respeitador demais para olhar claramente, assim, dava olhadas rápidas e de canto de olho, meio agitado, sem saber ao certo o que fazer. Sexo oral para ele era dar beijos superficiais em minha virilha e pelo lado de fora dos lábios vaginais e ocasionalmente me cheirar, talvez para comprovar que eu tinha me lavado direito.

Foi o que ele fez ali e fiquei quieta quando me beijou intimamente, mas acabou logo e eu continuava fria, apenas um pouco incomodada. Então rolou para o lado, pegou o preservativo na mesinha de cabeceira e rapidamente revestiu o pênis mediano e rosado, olhando-me em expectativa. Sorriu e disse como um menino:

- Essa é a parte que mais gosto.

- Ah ... Eu sei ...

Eu não era “expert” em sexo oral e achava desconfortável colocá-lo na boca com camisinha, mas Elvis sempre insistia que assim fosse, pois era muito mais higiênico. Depois eu ficava um tempão com um gosto estranho de borracha na boca, mas de certa forma era bom saber que ele gostava tanto.

O problema era que naquela noite, mais do que das outras vezes, eu não sentia vontade nenhuma de transar com ele, de estar em sua companhia. Parecia uma afronta ter que fazer algo sem querer, principalmente algo tão íntimo como sexo.

Olhei-o, com a recusa na ponta da língua, mas Elvis me fitava como uma criança, todo feliz e ansioso, olhos brilhando, sorrindo em expectativa. Achei que seria maldade demais e suspirei, decidida a ir em frente, nem que fosse só por ele. Éramos noivos, não irmãos. Tínhamos que ter intimidades. E também, eu não queria mudar nada na minha vida só por que Micah tinha voltado, sacudindo tudo, me lançando aqueles olhares e aquelas promessas que ainda me deixavam de perna bamba.

“Não quero pensar nele. Não quero pensar nele”, repeti em minha mente e fui fazer o sexo oral que Elvis queria, disposta a não desistir de nada por causa de sentimentos que só senti uma vez na vida, que arrastei comigo durante anos e que agora tentavam me sabotar.

Fechei os olhos e trabalhei. Pensei sem querer na minha primeira vez, quando foi tudo intenso e enlouquecedor, quando fui às nuvens e explodi em um gozo que nunca tive na vida. Quis esquecer, mas aquela experiência tinha ficado guardada comigo e sempre vinha de volta, quando eu menos esperava. Mas trazia com ela mágoa e dor, tristeza por ter sido importante só unilateralmente,

por ter sido guardada só por mim.

Empurrei para o fundo da mente aquela lembrança e tentei me concentrar e ter prazer com o que fazia, mas eu parecia funcionar no automático enquanto meus pensamentos teimavam em me distrair. Eu só conseguia pensar que naquela vez, com Micah, eu nem o provei. Eu não o tive na boca e muitas vezes só imaginei tudo o que poderíamos ter feito, o quanto eu teria gostado de provar seu corpo todo, de tê-lo inteiro para mim. Angustiada, só tentei esquecê-lo, mas não consegui.

Parei o que eu fazia, sem poder continuar, e rolei para o lado, sozinha. Por um momento foi só aquilo que quis, ficar sozinha com meus sentimentos e minhas mágoas, com tudo aquilo que eu não sabia controlar e lidar.

Não gostava de enganar Elvis e ele sabia que eu não me excitava muito. Às vezes ficava sem graça por não saber bem o que fazer, tinha até se arriscado a perguntar como podia melhorar, mas ao final não adiantou muita coisa. Assim, tínhamos sempre ali um lubrificante e eu o usava antes que me penetrasse. Quando ele veio, disposto a consumir o ato, eu peguei o lubrificante e, sem olhá-lo, mecanicamente, passei em mim. Elvis não esperou mais e me penetrou, ansioso.

Suspirei baixo e fechei os olhos. Pensei em Cacá, se teria comido direito, se passaria parte da noite jogando vídeo game e só dormiria tarde. Depois lembrei dos relatórios que tinha trazido do escritório, pois Theo andava cheio de problemas e o trabalho estava se acumulando. Eu sabia que havia algo muito errado acontecendo e não era só o roubo de gado, mas era discreta demais para perguntar.

Sem querer lembrei o escândalo de Tininha e de Elvis naquela noite e fui envolvida de novo pela vergonha, gemendo de raiva ao pensar em Micah e aqueles seus amigos metidos rindo de mim. Elvis confundiu meu gemido com prazer e se empenhou mais, indo rápido, penetrando-me, arquejando pela boca, se sacudindo todo.

Finalmente tudo acabou quando ele gozou, fazendo-me voltar à realidade. Continuei com a sensação de que estava tudo errado, um incômodo me agoniando, uma certeza de que aquilo não devia ter acontecido, mesmo nós dois sendo noivos. Fiquei aliviada quando ele rolou para o lado e se levantou, indo rápido para o banheiro e dizendo com um sorriso sobre o ombro:

- Foi muito satisfatório, amada. Vou me banhar e já volto.
- Tudo bem. – Concordei, embora tivesse certeza de que o “logo” seria bem longo. E naquela noite eu só queria que ele fosse embora o quanto antes.

Eu tomei banho no outro banheiro do corredor e fui rápida. Depois

esperei Elvis e cochilei de tanto que demorou, mas fui acordada com ele todo pronto, dizendo que precisava ir embora. Nunca deixei que dormisse ali por causa de Cacá. Quando meu filho estava em casa, eu nem transava com Elvis ali, só na casa dele.

Pus o robe sobre a camisola e levantei para acompanhá-lo até a porta, mas um barulho e uma risada alta do lado de fora chamou nossa atenção.

- O que é isso? – Elvis franziu o cenho e afastou a cortina da janela, espiando lá fora. Arregalou os olhos e disse, surpreso: - Mas esses dois não tem vergonha?

Eu gelei, pois ele olhava para a casa vizinha. No entanto, a curiosidade foi mais forte e me aproximei.

- Do que está falando?

- Jesus! Por que não vão para uma cama?

Parando ao lado dele, olhei para o quintal lá embaixo, após a cerca e fiquei imóvel, chocada. Micah andava com uma loira grudada nele, montada em seu colo com as pernas em volta de seus quadris, ambos rindo e obviamente embriagados. Ele subia os degraus da varanda, enquanto a mulher, que já tinha tirado a blusa pela cabeça e largado no chão, agora se desfazia do sutiã e o rodava sobre a cabeça, dando gargalhadas, seus seios se sacudindo.

Não pude tirar os olhos, reconhecendo Carla, uma das mulheres que estava no grupo dele em frente ao Falconetes e que tinha estudado com a gente no passado. Era divorciada e sem filhos, trabalhava na padaria como atendente e nem chegou a terminar o Ensino Médio. Se preocupava mais em namorar por aí. Era linda e sensual e não me surpreendeu que eles estivessem indo para a cama. Tinha sido assim antes e pelo visto nada havia mudado. Micah continuava o garanhão irresponsável de sempre.

Senti uma raiva estranha se espalhar dentro de mim, mas não me movi. Eu já tinha imaginado que ele estaria se divertindo com alguma mulher, mas mesmo assim sensações que eu não queria ter me encheram sem controle e só pude ficar lá, olhando enquanto riam e se agarravam, como Micah a encostava na parede e a beijava na boca, sua mão grande em seu seio, seu corpo pressionando o dela, os quadris se movendo em uma dança sensual. Estavam ambos muito excitados, exalando sexo, quase transando ali.

Foi impossível não sentir uma tristeza densa se espalhar em meu peito. Eu sabia que não tinha aquele direito, que eu mesma tinha acabado de transar com Elvis, mas mesmo sem querer tinha tido a esperança ridícula de que ele estava a fim de mim, nem que tivesse sido preciso passar tantos anos para me notar. E agora só confirmava que só queria se divertir, quanto mais mulheres conquistasse, melhor.

- Que pouca vergonha! – Elvis exclamou, mas seus olhos estavam arregalados e grudados neles, as faces vermelhas. – Esse seu vizinho, hein, Valentina? Olha só isso!

Carla o agarrava e se esfregava nele, suas mãos baixando o jeans, que caiu abaixo dos quadris, mostrando parte da bunda musculosa e bem feita de Micah, enquanto ele dizia algo em seu ouvido com um sorriso safado que a fazia gemer.

Eu percebi que tremia, sem poder tirar os olhos daquela bunda, daquela boca no ouvido da mulher, daquele homem que agora eu odiava ainda mais, com todas as minhas forças.

- Pare de ver isso! – Reclamei irritada, fechando a cortina, sem poder continuar testemunhando aquilo.

- Mas Valentina, temos que olhar para ... para ver a que ponto as pessoas chegam e ... Bem ... – Como quem não quer nada, abriu a beirada da cortina e espiou, seu semblante mostrando decepção ao completar: - Ah, eles entraram.

- Melhor assim. Não é da nossa conta. – Afastei-me em direção à porta, sem entender ao certo a fúria que me consumia, mas me sentindo também estranhamente cansada. Reclamei como para mim mesma: - Ele voltou para infernizar todo mundo novamente.

- Como assim? – Elvis me seguiu para fora do quarto.

- Sempre foi um depravado. Vivia pegando todas as garotas da cidade, enchendo a cara, fazendo baderna. Um rebelde! Arruaceiro! Ridículo mesmo!

- Nossa! Mas até ... Quero dizer, até você ...

- O quê?! – Virei de imediato, olhando-o tão irada que Elvis ergueu as mãos.

- Desculpe-me, querida! É que falou de um jeito que pensei que você também tivesse sido vítima do safado.

- Está louco? Não sou como essas “Carlas” da vida!

Respirei fundo, pois sabia que estava me descontrolando. Olhei-o, tentando me acalmar.

- É melhor você ir, Elvis. Estou com muito sono.

- Sim, claro. – Ele parecia um pouco sem graça, mas ainda opinou: - Fiquei surpreso por que eles pareciam tão ... animados ... que nem esperaram entrar na casa.

- Chega dessa conversa, Elvis.

- Está bem. Vou embora então, amada. Cuide-se e tranque a porta direitinho, não deixe de conferir.

- Pode deixar.

Aproximou-se meio sem graça e deu um beijo rápido e estalado em

minha bochecha, piscando o olho e sendo o mais charmoso que conseguia:

- Obrigado pela noite exemplar.

- Tchau, Elvis.

Quando ele saiu, bati a porta e me encostei nela, respirando fundo.

Tranquei-a e voltei ao quarto, tirando o robe, querendo ir para a cama. Mas não sei por que, parei perto da janela e, irritada demais comigo mesma, afastei uma parte da cortina e olhei para a casa vizinha.

As janelas e portas estavam fechadas. Não dava para ver nem ouvir nada e quis sentir alívio. Quando larguei a cortina e me afastei, tudo o que eu sentia era decepção.

CAPÍTULO 7

MICAH

Depois de ter ido mais alguns dias na Sede da ABIN em Minas e na delegacia de Ituiutaba, sem novidades sobre Luiza e o comparsa, comecei a ficar irritado e achar que talvez fosse hora de ir embora. Eu não estava sendo de muita utilidade ali.

Vi Tia mais uma vez quando Joaquim a trouxe na cidade e conversamos, matamos um pouco da saudade. Encontrei meus irmãos também no Falconetes e parte do distanciamento que havia entre nós diminuiu. Foi lá que me contaram que Theo andava bebendo demais e sem conseguir se concentrar no trabalho direito. Naquela semana, ele e Pedro me chamaram no escritório da cidade e fizeram uma proposta que nem pude acreditar: de ajudar no trabalho ali, já que Valentina estava ficando sobrecarregada demais. E eu acabei concordando em ajudar.

Mas era ainda muito estranho estar de volta. Tudo era igual e ao mesmo tempo diferente. Até meus antigos amigos da escola estavam ali, mas eram então outras pessoas. Eu tinha saído com Carla do Falconetes no sábado e transado com ela, como costumava fazer quinze anos antes. E foi engraçado, pois naquele caso as coisas não mudaram muito, apesar de algumas diferenças em nossos corpos e desejos. Ainda éramos apenas duas almas livres em busca de prazer e nada mais, sem compromisso.

Como sempre, foi apenas sexo. Eu transava, gozava, gostava de ver a mulher que estivesse comigo sentir prazer, mas depois que tudo acabava vinha aquela sensação esquisita de vazio, aquela vontade de ficar sozinho. E aí eu usava o bom humor, brincava e dispensava quem estivesse comigo. Não havia comunhão, nem vontade de dormir colado. Eu tinha minhas carências emocionais, mas nunca encontrei uma mulher que as suprisse, que passasse do físico para algo mais. Principalmente quando eu comparava com as sensações que me acompanhavam e que nenhuma delas alcançava. O carinho, o acolhimento, o cuidado, todos esses sentimentos que eu tinha perdidos dentro de mim eu nunca experimentei com uma mulher de verdade. Nunca. E já tinha desistido de conseguir.

Agora, seguindo para meu primeiro dia de trabalho no escritório a pé, já que era bem perto de casa, eu não conseguia parar de pensar o que realmente fazia ali. Era bem provável que, se fosse embora, não fizesse muita diferença.

Ainda não conseguia entender o que me segurava ali e por que me sentia como se algo, como um grilhão, me prendesse àquela cidade.

Olhei de relance para trás, para a segurança que me seguia há alguns dias e fiz uma careta, mas não reclamei. Theo tinha contratado segurança para a família toda e comigo não foi diferente, apesar de ter dito a ele que não precisava de um. Como insistiu, dei de ombros e deixei pra lá. Segui em frente, fingindo que o cara nem estava ali.

Não era uma sensação nova me sentir preso à Florada. Passei quinze anos longe, em missões pelo Brasil e até fora, em meu apartamento no Rio, vivendo uma infinidade de coisas diferentes, sendo um novo homem, e mesmo assim nunca pareci me desprender daquele lugar. Nunca tive um lar ou me senti realmente livre. Uma parte de mim tinha ficado cravada em Florada e na Fazenda Falcão Vermelho, em um passado que ainda me algemava e angustiava, que me trazia dor e culpa. Era como um grito sufocado, preso na garganta, travado no tempo, esperando a hora certa para sair.

Passei a mão nervosamente pelo cabelo, espalhando-o para todo lado, dizendo a mim mesmo que não deveria ter vindo, mas algo mais forte e poderoso me prendendo ali, me fazendo agarrar em motivos para ficar.

Segui em frente, empurrando os pensamentos perturbadores para o fundo da mente, usando minha aparente tranquilidade e sedução para que o mundo me visse daquela maneira despojada, relaxada.

Subi os degraus de dois em dois e meti a mão no bolso em busca de um chocolate, mas lembrei que tinha deixado sobre a mesa da cozinha. Vasculhei os bolsos e já ia optar por um cigarro quando achei umas balas de menta com recheio de chocolate no bolso da jaqueta. Satisfeito, abri uma e joguei dentro da boca.

Adorava a sensação gelada e refrescante da menta, que derretia lentamente na boca, até chegar ao recheio mais macio e doce do chocolate preto. Geralmente eu as tinha ali para chupar depois de fumar um cigarro.

Saí na sala de Eurídice, a secretária simpática de Theo e ela sorriu para mim toda satisfeita. Na última vez que estive ali, tinha levado chocolates para ela e agora já era minha fã.

- Bom dia, Eurídice.

- Oi, Micah. Estou muito feliz ao saber que agora vai trabalhar aqui. – A senhora se levantou, animada. – Vai ter uma sala só sua.

- É sério? – Fiquei divertido com sua animação. Ergui as sobrancelhas, enquanto contornava a mesa e vinha perto de mim.

- Muito sério. Theo não está, mas pediu que eu o levasse até lá. A Valentina vai explicar o serviço ao senhor.

Valentina. Sorri, satisfeito. Era curioso o fato daquela cena dela se masturbando não sair da minha cabeça. De repente, tinha mais um belo motivo para ficar em Florada. Adoraria descobrir quem na verdade era aquela mulher. E trabalhar ali me daria aquele privilégio.

Eu a segui até a sala pintada de creme, com uma grande janela aberta que deixava entrar a luminosidade do dia e insidia sobre a mesa grande de madeira com cadeira giratória preta e outra na frente, mais simples. As persianas eram negras, um carpete marrom cobria parte do chão e o aspecto era realmente de um escritório. Havia uma porta ao lado e do outro um sofá de couro com uma pequena mesa cheia de revistas no centro e um cinzeiro.

Nunca fui muito fã de trabalhar em lugares fechados e de cumprir horários. Gostava de liberdade, mesmo quando tinha regras a cumprir. Por isso tinha dito aos meus irmãos que ajudaria no que pudesse, mas não ficaria ali trancado por muito tempo. E eles concordaram.

Passei os olhos em volta e em poucos segundos já tinha gravado a posição de tudo, cada canto, acostumado a sempre observar ameaças de perigo e rotas de fuga. Eurídice falava ainda da sala, do computador a um canto da mesa, do que havia nas gavetas. Agradei e ela perguntou se eu queria um café, o que recusei. Então disse que ia chamar Valentina e, ignorando a mesa e a cadeira perto da janela, eu me joguei displicente no sofá, apoiei os pés cruzados sobre a mesinha e sorri para ela, quando ela saiu.

Terminei minha bala e tranquilamente tirei o maço de cigarro do bolso, puxando um e largando o resto sobre a mesa. Peguei também meu celular, achando aquele escritório morto demais e precisando de um pouco de animação. Abri a pasta de músicas e pus para tocar, deixando-o sobre a mesa ao lado do maço de cigarros, enquanto a batida do rock possante de *Perfect Strangers*, do *Deep Purple* enchia a sala e me deixava bem mais à vontade em meu ambiente de trabalho.

*“Can you remember remember my name
As I flow through your life
A thousand oceans I have flown
And cold spirits of ice
All my life
I am the echo of your past(...)”*

*“Você consegue se lembrar, lembrar meu nome?
Enquanto eu fluo através de sua vida
Por mil oceanos eu voei, oh*

*E frios, frios Espíritos de gelo
Toda a minha vida
Eu sou o eco de seu passado(...)"*

Acendi o cigarro quando bateram na porta de comunicação em frente. Soube na hora quem era e senti um estranho arroubo de contentamento, dizendo alto o suficiente para que ouvisse:

- Entre.

Enfiei o isqueiro no bolso da jaqueta, vendo Valentina parar alta e empertigada sob o patamar da porta, olhando-me bem séria, as sobrancelhas um tanto franzidas. Na mesma hora meus olhos a percorreram de cima a baixo, apreciando a bela vista.

Ela era a imagem da eficiência e da mulher de negócios, com seu cabelo curto na altura do pescoço, penteado de lado e bem comportado, preso atrás das orelhas, sem um fio fora do lugar. Até as ondas naturais dele pareciam firmemente controladas, arrumadas com esmero. O rosto tinha uma maquiagem suave, com sobrancelhas negras e finas bem marcadas, nariz reto afilado, olhos negros sérios e profundos, frios, batom cor de boca nos lábios bem feitos. O queixo era rígido, mostrando sua tensão.

Tinha pescoço longo, que o cabelo não escondia e gostei muito disso. Achei seu pescoço sexy desde que pus os olhos nele. Eu gostava muito de pescoços, gargantas e nucas de mulheres. Tinha um prazer especial em morder e lambe-los naqueles pontos, causando arrepios na pele macia, assim como adorava orelhas. As dela eram pequenas e bem feitas e as admirei lentamente antes de descer mais até os ombros dentro da camisa preta fechada e de mangas longas. Era de botões e tinha um laço na frente, que caía escondendo o contorno dos seios.

A saia era reta, bege, até abaixo dos joelhos. Gostei especialmente da maneira que marcava o contorno bem arredondado do quadril, deixando entrever curvas bem femininas e que quebravam a magreza do seu corpo. As pernas eram longas, as panturrilhas bem feitas, os pés em sapatos pretos de salto que tinham tudo para ser um complemento de sua elegância, mas que achei muito sexy.

Fiquei imaginando se estaria usando por baixo uma calcinha sensual. Eu adoraria descobrir e me vi maquinando uma maneira eficiente de não sair daquele escritório com aquela dúvida crucial. Dei uma longa tragada no cigarro, alerta, concentrado nela, expelindo a fumaça, sem tentar disfarçar o desejo que me dominava.

Eu poderia até ser enganado por todo aquele controle e frieza se não a tivesse visto aquela madrugada se masturbando. Era como um fogo ardendo

embaixo de uma geleira e isso não saía da minha cabeça. A minha vontade era colocar a mão dentro da sua calcinha, encostá-la em algum canto, constatar quem era aquela mulher de verdade.

Eu sentia pulsar na sala, junto as vibrações da música alta, uma energia sexual. Estava com todos os meus instintos de macho voltados para Valentina e ela parecia não notar meu olhar esfomeado e meu corpo pronto para atacá-la

Estava completamente dura e fria, os lábios apertados com desagrado, mas a respiração levemente agitada não conseguindo esconder que um certo nervosismo a acometia. Tirei o cigarro da boca e o segurei entre dois dedos, com o braço sobre o encosto do sofá, soltando a fumaça lentamente enquanto sorria e a cumprimentava:

- É um grande prazer rever você, Valentina. Entre.

- Micah. – Acenou com a cabeça, mas não saiu do lugar.

Continuei sentado, sem oferecer perigo. Por hora. Mas semicerrei um pouco os olhos, cada vez mais excitado com aquela sensação de caçada, sem poder me controlar ao provocar baixinho:

- Está com medo?

- Medo? – Amarrou a cara, irritada, e terminou de entrar na sala, como se aquilo fosse a última coisa que quisesse fazer na vida, um sacrifício sem igual. Fechou a porta, sem deixar de me encarar. – De você?

Meu sorriso se ampliou e continuei relaxado no sofá, fumando meu cigarro, mesmo quando ela se aproximou com uma pasta sob o braço e um olhar repreendedor para meus pés apoiados na mesa em frente. Fitou também o maço de cigarros e o celular, dizendo de modo repreensivo:

- Pensei que isso aqui fosse um lugar de trabalho.

- Costumo trabalhar assim.

- Com música tocando nessa altura? Se é que se pode chamar isso de música! – Fez um gesto de nojo com a mão, como a afastar a fumaça de cigarro.

- Deep Purple, rock da melhor qualidade. Mas deve estar acostumada, seu filho tem um gosto musical parecido com o meu. Aliás, bom gosto.

Sorri e algo do que falei a deixou ainda mais séria e empertigada, completamente fria, calada.

Imaginei como seria delicioso ver aquela mulher toda comedida e fria gemendo e corando sob palavras bem chulas ditas baixinho em seu ouvido. E quando meu corpo reagiu e meu pau enrijeceu, eu disse a mim mesmo que não me controlaria por muito tempo.

- Theo e Pedro me informaram que você vai trabalhar aqui e me pediram que passasse a você parte do funcionamento do trabalho. – Disse friamente e mostrou a pasta que segurava.

- Claro, estou ansioso para começar. Você não imagina o quanto, Valentina. Vai ser um prazer poder passar mais tempo com você. – Não me movi de onde estava, meus olhos descendo lentos até a sua boca.

Ela ficou muito quieta, como se não tivesse ouvido nem percebido como eu a olhava. Talvez fosse usar a tática de tentar me ignorar e assim me fazer desistir de dar em cima dela, desmotivando-me com frieza e superioridade. Obviamente não me conhecia, pensei, imaginando as infinitas possibilidades para rachar aquela armadura, sorrindo comigo mesmo.

Valentina ergueu mais o queixo e indagou secamente:

- Está rindo de mim?

- Eu deveria? – Ergui as sobrancelhas.

- Parece que gosta disso. Não foi o que fez no sábado, diante do Falconetes? – Era óbvia sua irritação e pareceu instantaneamente arrependida de lembrar o episódio.

- Não ri de você, mas do que aconteceu.

- Claro, a Tininha e meu noivo gritando e eu desesperada tentando resolver tudo para sua diversão e de seus amigos. – Disse entredentes.

- Valentina, não devia levar as coisas tão a sério. – Dei uma última tragada no cigarro e me inclinei para frente, apagando-o no cinzeiro sobre a mesa. Olhei-a meio de lado. – A situação em si foi diferente e divertida, mas acabou tudo bem.

- Imagino que sim. Ao menos para você. – Resmungou.

- Por quê? O Elvis Presley deu trabalho?

- Trabalho nenhum! Sei muito bem cuidar do meu noivo. – Apertou mais a pasta no peito, tensa.

- Não duvido disso. Acho que ele é que não sabe cuidar de você.

Abriu a boca como se fosse perguntar o que eu queria dizer, mas então se calou, como se soubesse que coisa boa não era e não quisesse me dar corda. Observando-a, puxei duas balas de menta do bolso e mesmo assim falei com a maior cara de pau:

- Fiquei imaginando como pode dar prazer a você, se tem nojo de tudo. Talvez isso explique seu jeito, toda fechada e dura, sem um sorriso sequer. Outro dia saiu uma pesquisa que diz que mulheres que trepam e gozam bastante, sorriem mais.

Ficou vermelha, como se não acreditasse que eu tivesse dito isso. E eu continuei bem tranquilo brincando com minhas balas e sacudindo os pés ao som da música, como se estivéssemos falando do tempo.

- A minha vida sexual com meu noivo diz respeito somente a mim e a ele. E é muito satisfatória, saiba você!

- Satisfatória? – Tirei os pés da mesa e os apoiei no chão, um tanto divertido, provocando-a mais. Fiz uma careta. – Quem usa uma palavra dessas para descrever que trepa gostoso e suado com o parceiro?

Arregalou os olhos.

- Como você é ... é ...

- Esperto?

- Grosso! Sujo! – Praticamente cuspiu as palavras.

- Na hora de comer uma mulher, sou mesmo. E te digo, não tenho recebido reclamações. Ao contrário, elas adoram! Agora me diga: Você sabe o que é escutar, ao pé do ouvido, umas boas sacanagens, até mesmo palavras chulas, Valentina?

Estava chocada, olhando para mim. Eu tinha começado e agora não conseguia mais parar, gostando de ver todo aquele controle caindo por terra, tirando toda aquela formalidade e frieza que ela tentava manter entre nós como uma arma.

- Posso apostar que ele só transa com você dizendo termos técnicos e broxantes, tipo: “Valentina, você permitiria que eu introduzisse meu pênis ereto em sua vagina umedecida?” ou “Quem sabe não seria melhor parar e jogar uma partida de xadrez, que faz suar muito menos?”.

Ficou tão corada, tão surpresa, que soube ter praticamente acertado na mosca e sorri, satisfeito, continuando minha tese:

- Isso se ele não gritar com medo de germes e bactérias e mandar você se lavar com álcool 70 antes de transar. Ops, transar não, copular.

Quando ri com essa ideia, ela perdeu o controle, deixando de ser fria e comedida para avançar alguns passos e me apontar o dedo, trêmula, com muita raiva:

- Você é um abusado, Micael Falcão! Sem educação e sem respeito! Se pensa que vou ficar aqui ouvindo esses insultos, está muito enganado! Vou contar a Theo o que você ...

- Claro, à vontade. Já passei da fase de temer os esporros do meu irmão mais velho, se é que essa fase existiu. – Dei de ombros, ainda sorrindo, olhando-a bem lentamente. - Não estou falando nenhuma mentira, estou? Dá pra ver na sua cara que acertei cada palavra. Mas o que mais me deixa encucado é você aceitar isso. Algo me diz que não é tão rígida assim na cama, que seria muito menos fria e certinha se tivesse um homem despenteando seu cabelo, te pegando firme e dizendo sacanagens no seu ouvido, um homem que soubesse onde tocar e beijar, sem frescuras.

- Se acha que vou ficar aqui de conversa com você depois de tudo isso ...

- Ah, Valentina, conversar é o que menos quero nesse momento, o que

penso em fazer com você envolve muito mais ações do que palavras, se é que você me entende. Mas você me intriga muito, e estou louco pra entender algumas coisas. Por exemplo, o que houve entre nós no passado que a deixa tão fria comigo? Por que uma mulher linda e inteligente como você está noiva daquele maníaco?

- Eu não ... Eu ... – Por fim, ela respirou fundo, nervosa, sem palavras. Estava com raiva, mas também confusa, com algo como medo perturbando-a. – Vou dizer a Theo que não tenho condições de trabalhar com você! Trabalhar! Até parece! Olha pra isso!

Apontou o cigarro, o celular, a mim, muito irritada e corada, lutando para ser o mais fria possível. Eu completei cínico:

- Faltou a cerveja. E uma transa bem gostosa.

- Você está aqui para infernizar a vida dos outros, como sempre fez. É um irresponsável, um abusado! Mas escute bem, eu te proíbo de falar assim comigo novamente, está ouvindo? – Sua voz aumentou, seus lábios tremiam. – Nunca dei confiança a você e deve estar me confundindo com as “Carlas” da vida que você pega e...

- Como sabe que peguei a Carla? – Ergui as sobrancelhas e a encarei nos olhos. Meus lábios se ergueram nos cantos: - Você estava me espionando?

- Claro que não! – Quase gritou, tão vermelha que estava na cara que mentia, embora procurasse desesperadamente uma desculpa: - Eu estava saindo com Elvis e vi, sem querer, por que faziam o maior barulho quase transando do lado de fora, como dois cachorros no cio!

Dei uma gargalhada e me levantei, o que a assustou e fez dar um pulo para trás. Rolei as balas na mão, adorando vê-la tão esquentadinha e fora de controle, cada vez mais excitado e cheio de vontade de colocar minhas mãos nela.

- Sei. Viu sem querer.

- Se pensa que ...

- Vamos esquecer esse assunto. – Falei de repente, pegando-a desprevenida, apontando para a pasta que segurava. – Podemos começar a trabalhar?

Olhou-me, confusa, sem entender nada, ainda abalada e sob forte emoção. Parecia prestes a sair correndo, esperando um possível ataque. Divertido, continuei no mesmo lugar e então falei baixinho, num tom rouco e cheio de segundas intenções, sem tirar meus olhos dos dela:

- Sente-se aqui no sofá, Valentina, perto de mim. E me mostre o que tem aí ... dentro da sua pasta.

- Não vou mostrar nada, nem trabalhar com você.

- Mas que revolta é essa? – Dei uma breve risada, adorando provocá-la. – Quer que eu prometa que vou me comportar e ser um bom menino?

- Você é muito cínico, Micael.

- Já disse que pode me chamar de Micah. Agora vamos trabalhar logo, estamos perdendo tempo.

Pensei que me deixaria falando sozinho e sairia, ainda muito irritada e descontrolada, mas me olhou, em dúvida, sem saber se eu falava sério.

- Acho que é melhor irmos para a mesa, é melhor e ...

- Aqui. – Falei baixo, mas firme, desconcertando-a. Na mesma hora, de propósito, joguei uma bala para ela: - Pegue.

Ela agiu por instinto. Pareceu um pouco surpresa e assustada, mas tentando equilibrar a pasta, agarrou a bala no ar e então arregalou os olhos para mim, como se não acreditasse que tivesse feito aquilo. Não era tão fria quanto aparentava, ou simplesmente teria deixado a bala cair no chão e me olhado com nojo. Sorri abertamente e comentei:

- Bons reflexos. Agora venha, sente-se aqui perto de mim. – Minha voz saiu baixa e meio rouca, meu olhar segurando o dela. – Me dê uma chance de mostrar tudo que sei fazer. Tenho certeza de que não vai se arrepender.

Vi quando conteve a respiração e ficou paralisada, os olhos bem abertos, a expressão em um misto de choque e algo mais, que não pude entender. Talvez medo. Talvez um desejo que nem ela quisesse admitir. Mas não ficou imune e eu vi o quanto era fácil mexer com ela, abalá-la. Suas bochechas tingiram-se de vermelho e seus olhos brilharam. Para minha surpresa, jogou a bala de volta e a peguei no ar.

- Não quero sua bala nem sentar “perto” de você, Micael. Também não tenho o mínimo interesse nos talentos que quer me mostrar. Por favor, podemos nos comportar como adultos e olhar logo esses documentos? Na mesa? Se não quer trabalhar, diga de uma vez e pare de me fazer perder tempo!

Insistia em me chamar de Micael e isso me irritava, por vários motivos. Soube que foi Mario Falcão que escolheu meu nome, em homenagem ao meu avô, pai da minha mãe, uma pessoa que ele gostava muito. Na época ainda achava que eu era seu filho, ironia das ironias, ser o único que tinha nome de alguém importante pra ele.

Assim, eu preferia o apelido, como se isso me afastasse mais daquele homem que, na verdade, não era nada meu. E mesmo não sabendo o motivo, Valentina insistia em me chamar assim, formalmente, para impor distância entre nós.

Dei um passo à frente, na mesma hora tirando minha jaqueta devagar e jogando-a no sofá. De imediato, ela não reagiu. Mas quando avancei firme e

lentamente, andou para trás, arregalando os olhos e apertando a pasta protetoramente contra o peito.

- O que está fazendo?

- Ficando mais à vontade.

- Para quê?

- Acho que estamos formais demais. Pretendo resolver isso. Não se preocupe, garanto que vai gostar. E até pedir mais.

- Está louco?!

Estava apavorada, quase na porta, seus olhos movendo-se ansiosos sobre mim.

- Fique aí, Micael, pare com isso!

- Isso o que? – Sorri, sem pressa, indo devagar, como se a encurralasse. – Me chame de Micah, Valentina.

- Chamo como eu quiser! – Agarrou a maçaneta da porta de comunicação e a puxou, abrindo-a, sentindo-se mais segura com isso, erguendo o queixo, furiosa. – E para sua informação, cansei dessa palhaçada, MICAEL! Se quer brincar de gato e rato, vá procurar outra.

Parei, sabendo que, apesar da braveza, estava assustada, a ponto de sair correndo. Sorri bem devagar e falei calmamente:

- Como quiser, Valentona.

Franziu as sobrancelhas, abrindo a boca de leve.

- Do que me chamou?

- Valentina.

- Não, você falou Valentona. – Acusou.

- Foi mesmo? – Sorri inocentemente. – Ato falho. Por que será?

- Olha aqui, Micael ...

- Micah.

- Micael ...

- Sim, Valentona?

Entendeu que eu a chamaria assim se não me chamasse de Micah. Então respirou fundo e sua friezta foi por água abaixo. Apontou-me o dedo indicador, corada, irritada:

- Você é um “criança”! Cansei disso! Vou avisar a Theo e Pedro que é uma péssima ideia ter você aqui! Estou fora dessa palhaçada!

Imediatamente, deu-me as costas e, pisando duro, terminou de escancarar a porta.

Eu não tirei os olhos dela, admirando o modo como jogou a cabeça para o lado e seu cabelo saiu do lugar atrás da orelha, uma mecha sedosa e negra deslizando em seu rosto corado e cheio de raiva, sem a friezta contida com que

entrou ali. Olhei também a sua bunda naquela saia, perfeitamente redonda e empinada, e senti o tesão varrer meu corpo, consciente de como Valentina podia se transformar de gelo em fogo, se devidamente provocada.

E quando ela bateu a porta violentamente atrás de si, eu tive certeza de uma coisa: Adoraria trabalhar ali com aquela Valentona. E melhor ainda, eu ia ter um prazer muito maior do que imaginei provocando-a, seduzindo-a, chocando-a com cada sacanagem que falaria em seu ouvido até tê-la toda trêmula, ansiando por mais. Quando a pegasse, ela não ia querer outra coisa. E nem eu.

CAPÍTULO 8

VALENTINA

Eu tremia de raiva, irritação, vergonha, vários sentimentos misturados que ainda me sacudiam quando entrei em minha sala. Andei rápido, mas com as pernas bambas, até a mesa e joguei a pasta ali, sem nem perceber como minha respiração estava alterada. Sentei em minha cadeira com o coração batendo alucinadamente, abrindo a tela do computador, disposta a continuar meu trabalho, mas sem conseguir enxergar nada diante dos olhos.

Nunca me senti tão perturbada, tão atacada pelo pavor, por vários tipos de medo. Tinha esperado alguma gracinha de Micah, mas não aquilo, tão descarado e cínico, deixando claro que se divertia em me provocar e desestabilizar. Meu Deus, as coisas que disse, o modo como me olhou e tirou aquela jaqueta, me encarando como se promettesse que ia me comer! Eu quase tinha morrido, temendo que me pegasse, que encostasse em mim, ao mesmo tempo que sentia uma fraqueza, um desejo praticamente compulsivo de que o fizesse. Só podia estar louca!

Tinha que ter claro em minha mente o perigo que era aquele homem. Eu sabia disso, já tinha sido vítima dele uma vez, apenas uma das suas tantas conquistas, até pior por que ele nem ao menos se lembrava. Mas eu não esquecia, eu tinha um filho de catorze anos para me lembrar todo dia as consequências de ser uma irresponsável, um filho que era o centro e o amor da minha vida, a quem sempre fiz tudo para proteger. E no qual eu devia pensar agora, mais do que tudo.

Antes que eu pudesse me acalmar, a porta se abriu e olhei para lá irada ao ver Micah entrar com aquele seu andar meio preguiçoso, meio gingado, de moleque. E era isso que ele era: um moleque. Fui engolfada por uma onda de terror e de tesão, que foi mais forte do que eu e me varreu de cima a baixo, poderosa e inconstante, violenta.

Abri a boca na hora para expulsá-lo dali e, assim, me livrar da loucura que sua presença me causava. Mas então me olhou com seus olhos brilhantes e descarados, um sorriso travesso, erguendo as duas mãos em sinal de quem pede calma, dizendo charmoso:

- Acho que começamos com o pé esquerdo. Não quis ofender você, Valentina. Foi só uma brincadeira.

Brincadeira?!

Mesmo possuía, fechei a boca, sem poder acreditar que era tão cínico.

Engoli meus desaforos, ainda muito abalada, meus nervos à flor da pele, cada célula do meu corpo agitada. Sabia que devia me controlar e agir com a maior frieza possível para não cair nas provocações dele, mas não conseguia.

Eu tive vontade de falar um monte de coisas, despejar uma enxurrada de desaforos para cima dele, mas no último segundo me calei e engoli as ofensas. Continuei irritada, mas me contive a custo e falei friamente:

- Não gostei do modo que falou comigo, não temos nenhuma intimidade. Gostaria de pedir que se comporte. Ando atolada de trabalho e não tenho tempo para ...

- Entendi perfeitamente. – Puxou com o pé uma cadeira para perto e se jogou nela, displicente, apontando para a pasta sobre a mesa. – Vamos começar?

Olhei-o, esperando descobrir o que realmente queria, mas parecia muito inocente, fitando-me como um anjo. Somente seus olhos brilhavam, emoldurados por cílios fartos, levemente semicerrados, tão cheios de sentimentos que contrastavam com sua cara de bonzinho. Não me convenceu nenhum pouco, mas me deixou sem ação.

Pensei seriamente em mandar que saísse e evitá-lo pelo resto do dia, aliás, por toda a vida, mas ele era irmão de Theo, que estava cheio de problemas particulares e precisando de ajuda ali no escritório. E mesmo temendo muito a presença de Micah, para minha própria sanidade mental e emocional, acabei capitulando, decidida a tentar.

Por um momento não pude fazer outra coisa senão fitá-lo. Então, abri a pasta, tentando ser o mais fria, distante e racional possível.

- Estes são os últimos contratos que fechamos e ...

Estava mostrando a ele os contratos que tínhamos de mais simples e que, se ficasse sob seu encargo, me deixaria mais livre para assumir outros mais importantes. Esperei alguma gracinha, perguntas bobas, sorrisos sedutores. Mas me surpreendi quando Micah escutou tudo atentamente, sério, olhos passando pelos papéis que estendia a mão para pegar e ler.

- Entendi. Na verdade devo fazer uma espécie de fiscalização, saber se o acordo está sendo respeitado e, assim, deixar o cliente satisfeito com o serviço oferecido.

- Exatamente. – Agi naturalmente, o tanto quanto consegui, embora o observasse sem acreditar que estivesse ali com atenção e profissionalismo.

Comecei a explicar detalhes e me surpreendi ainda mais quando, além de entender tudo perfeitamente, Micah fez perguntas que iam além do que falei e deu uma ótima sugestão para facilitar a fiscalização. Acho que fiquei tão chocada que, por fim, sorriu para mim charmoso e deu uma piscada,

comentando:

- Fiz Administração de Empresas na faculdade e Direito. Tenho uma noção disso tudo. Com um pouco de prática sobre o andamento das coisas por aqui, vai ser moleza.

- Eu ... Imagino que sim. Bem, então ... Pode começar com esses. Qualquer dúvida, estou por aqui.

- Certo. – Ele se levantou em seu mais de um metro e oitenta e pouco de altura, a blusa de malha meio justa marcando os ombros largos, os músculos do peito, o jeans surrado parecendo cair perfeitamente em seus quadris e coxas. Tentei não reparar, mas foi impossível, e fiquei com raiva de mim mesma.

Sem que eu esperasse e nem me desse conta de onde veio aquele pensamento, lembrei do seu corpo nu no passado, mais esguio e jovem, mas lindo, marcado por músculos sem exageros. E aquele volume todo dentro de mim, me ...

Corei violentamente e desviei o rosto, fingindo me concentrar no computador, mas sem ver nada diante de mim. Expulsei o pensamento inconveniente, mas a imagem já parecia gravada ali. E tudo piorou quando Micah se inclinou para frente apoiado na mesa e seu cheiro veio denso e voraz nas minhas narinas, inebriando-me de sensações novas e desconcertantes.

Era uma mistura de colônia masculina, couro da jaqueta, cigarro e chocolate, que tudo junto deixou-me abalada por sua potência puramente masculina. Era um cheiro novo, que acrescentou sensações às lembranças que eu já tinha, misturando passado e presente em uma combinação explosiva. E quando Micah falou, com aquela sua voz que tinha um timbre rouco, eu não pude evitar olhar para ele, paralisada, praticamente sem ar:

- Obrigado por sua paciência, Valentina. Viu como posso me comportar direitinho?

Olhei para ele, sem poder me mover. Estava com as mãos apoiadas na mesa, mais perto de mim do que já tinha ficado desde que voltou.

Seus olhos castanhos eram penetrantes e aveludados, quase no tom dos chocolates que ele tanto gostava, mas com pontinhos brilhantes de âmbar. Fiquei sem fala, não pude reagir, pois todo meu corpo parecia sob domínio e tive um medo absurdo de deixar que percebesse o quanto mexia comigo.

Busquei algo para dizer e o tirar dali, algo bem frio, mas estava muda, presa naqueles olhos tão profundos, naquela sedução natural que emanava dele, que sempre me deixou tão tonta e fora de eixo. Tentei recordar o que havia dito e, recorrendo a um parco autocontrole, consegui dizer entredentes:

- Espero que se comporte mesmo. É só isso.

- Claro, respeito muito a hierarquia. Aqui, você é uma das diretoras e eu,

apenas um temporário. – Seus lábios carnudos se abriram em um sorriso quente.
– Sabe que eu adoro uma mulher no comando?

“Não vou cair nesse papo dele!”, disse a mim mesma, lutando para me manter fria e não demonstrar como minhas mãos tremiam embaixo da mesa ou como meu coração disparava. Acenei com a cabeça e fui antipática de propósito, erguendo um pouco o queixo, como se sua proximidade não me abalasse até os fios de cabelo:

- É bom saber mesmo quem manda aqui, entre nós dois.

- Na verdade, morro de tesão quando uma mulher manda, principalmente quando eu a estou fodendo bem gostoso e ela diz: “ Mais rápido, mais forte, coloca tudo, Micah, vai ...”. Hum ... Fico com o pau duro só de imaginar. Você é assim mandona também, Valentina?

Eu não esperava aquilo e fiquei estática, primeiro chocada com suas palavras tão descaradas e o jeito tarado com que me olhava, mas então senti um calor terrível subir dentro de mim e meu rosto pegou fogo. Sem poder me controlar, suas palavras fizeram minha vagina latejar e ferver, sem nem ao menos me tocar, ao mesmo tempo que me deixava completamente desconcertada.

- Saia daqui ... – Foi a única coisa que consegui dizer, baixinho, quase num fio de voz.

Surpreendentemente, Micah se ergueu e sorriu, piscando de modo safado para mim e dizendo baixo:

- Você manda, Valentona.

Catou a pasta na mesa e, com o mesmo andar preguiçoso e gingado com que tinha entrado ali, caminhou até a porta. E me deixou lá, sem ação, excitada e furiosa.

Abriu a porta de comunicação e, antes de sair, virou para mim, olhou-me de modo penetrante e prometeu:

- E já que o poder está em suas mãos, vá pensando em tudo que vai exigir quando eu estiver trepando enlouquecidamente com você aí nessa mesa. Prometo que vou tentar ser obediente e respeitar a hierarquia. Bom trabalho. Pense em mim.

Mesmo depois que saiu e fechou a porta, eu permaneci sem respirar, pensando que teria um ataque cardíaco. Ele não tinha dito aquilo. Não era possível.

Então, levei as mãos ao rosto em um gesto de desespero, tremendo muito, completamente perdida. Meu Deus, o que eu ia fazer com aquele homem?

Cheguei em casa exausta naquela noite. Felizmente passei a tarde em

Pedrosa em reuniões e pude fugir um pouco da presença de Micah no escritório, pois eu sabia que teria feito de tudo para me provocar e me deixar ainda mais descontrolada e nervosa.

Escutei o som abafado de rock que vinha do quarto fechado de Cacá, mas precisando de paz e sossego, só abri a porta o suficiente para conferir se ele estava ali. Desde a nossa última discussão ele vinha me ignorando e tratando friamente, tentando me fazer sentir ainda pior do que eu já me sentia. Vivia com um medo absurdo que, em uma de nossas brigas cada vez mais frequentes, ele fugisse de casa ou decidisse sair sozinho em busca do pai.

Não pude evitar o alívio ao vê-lo deitado na cama, cercado por paredes negras cheias de pôsteres, digitando furiosamente sem seu notebook que apoiava no colo. Mas ao mesmo tempo a tristeza veio junto, com aquela sensação horrível de incapacidade, de estar com pés e mãos atados, perdida. Mal olhou para mim, ainda irritado, com raiva, e saí logo, fechando a porta, indo para meu quarto como se carregasse uma tonelada sobre as costas.

Tentei esquecer um pouco tudo aquilo, me desfazer de tantos problemas e perturbações. Depois de um banho morno, saí do quarto com os cabelos molhados, uma camiseta, um short e chinelos. Fui à cozinha e lá liguei o pequeno aparelho de som que ficava a um canto, já com meu pen drive com músicas clássicas. Enquanto o som cristalino e puro de Rachmaninoff (Rhapsody) enchia o ambiente, eu abri a janela e a porta e recebi a brisa suave da noite.

A música parecia brincar dentro de mim em seu piano triste e melódico enquanto eu preparava o jantar. Tive vontade de escorregar para o chão e ficar lá, escondida, sem precisar enfrentar meu passado e meu presente, mas sabia que era impossível. Assim, apenas continuei, como sempre fiz, cumprindo minhas obrigações, tentando ser o melhor possível.

Durante anos fomos só eu e Cacá, mas agora ele queria mais. Queria um pai. Como dizer que o pai estava ali, tão perto? Que há quatro anos ele cumprimentava os tios na rua, em festas, na cidade, sem saber que sua família era grande e poderosa? Que eu o privava de tudo aquilo por um fato que nem o pai lembrava, que só eu sabia, que tinha sido minha vergonha e o motivo de mudança da minha vida?

Não tinha coragem. Tempo demais havia passado, muitas mentiras foram contadas e eu tinha pavor de perder meu filho. Ele me odiaria sabendo que nas vezes em que ia ao meu escritório e conversava com Theo, ele era seu tio. Assim como Joaquim, Heitor, Pedro. Como Gabi era sua tia e Mário Falcão seu avô. Mesmo morando ali por quatro anos e me implorando para saber quem era o pai, eu o privei de uma família. Eu menti para todo mundo. E agora estava sendo

castigada. Só podia ser isso.

- Não sei como a senhora gosta de ouvir essas músicas.

A voz de Cacá, atrás de mim, me fez enrijecer e sair daquela tristeza quase paralisante. Então, consegui falar relativamente normal, embora com a voz um pouco embargada:

- Posso dizer o mesmo dos seus rocks.

- O rango tá pronto?

Ouvi que abria a geladeira e respirei fundo, me recuperando, tentando agir de maneira natural. Uma parte minha vibrava aliviada e com esperanças, pois ao menos saiu do seu quarto e agora falava comigo.

- Quase. – Enquanto cozinhava, lancei um olhar cheio de amor a ele.

Cacá estava quieto e foi se sentar à mesa, sem me olhar.

Comemos em relativa paz naquela noite e tentei agir naturalmente, aproveitando a trégua. Falei sobre banalidades e ele respondeu, embora ainda bem fechado. Mas ao menos não discutimos nem nada pior, o que me abrandou um pouco.

Depois ele ficou na sala vendo televisão e terminei de limpar tudo e adiantar a comida para o dia seguinte. Tranquei a casa e ele disse que ficaria lá embaixo até o filme acabar, deitado no sofá.

- Certo. Durma bem. – Tive vontade de me inclinar e beijar sua cabeça, mas fiquei sem coragem, com medo de ser desprezada. Estava ainda fragilizada demais, sentindo que um simples assopro poderia me derrubar.

Finalmente Cacá me olhou e senti que algo nele aliviou. Piscou, meio envergonhado, como se notasse meu estado abatido, triste. Por um momento, apenas nos fitamos e nossos olhares disseram muito. Ficamos mudos e parados, mas era como se eu lesse em sua expressão sua agonia, seu sofrimento. A culpa me engolfou, por fazê-lo se sentir assim.

Foi tudo rápido. Logo ele desviou os olhos e se concentrou no filme. Quieta, subi para o meu quarto. Fechei a porta e de lá pude ouvir o som de uma música vinda de fora. Parei, prestando atenção, sabendo que vinha da casa de Micah. Isso era hora para ouvir música alta daquele jeito?

Olhei para as cortinas que esvoaçavam na janela aberta e lutei comigo mesma para ir até ali e fechar. Não me importava o que ele fazia lá fora. Não queria nem saber, só ficar o mais longe possível dele.

Resolvi ignorar. Caminhei até a porta do banheiro, decidida a ir escovar os dentes e depois descansar. Mas depois de alguns passos, parei, tensa, algo me impedindo de continuar. Virei e olhei de novo para a janela, reconhecendo a voz de Mick Jagger vinda de fora, em uma música muito conhecida dos The Rolling Stone.

“Ignore”, disse a mim mesma, mas quando vi eu caminhava até a janela. Meu lado mais contido e educado para ser centrado e obediente me assegurou que eu só ia fechá-la e me livrar do som, que era uma lembrança da presença de Micah. Mas a cada passo eu sentia uma curiosidade e um desejo absurdos de saber o que ele estaria fazendo.

Agarrei a cortina branca que esvoaçava. E sem poder controlar algo mais forte que me induzia e dominava, fui para o canto da janela e olhei para o outro quintal, espiando praticamente escondida. Só para ficar imobilizada, estática, com meus olhos fixos na cena lá embaixo.

As luzes da casa e do quintal estavam acesas e era possível ver tudo com perfeição. As janelas e portas da casa estavam abertas e de lá vinha a música, não estridente, mas alta o suficiente para que eu a ouvisse. Sobre a mureta da varanda havia uma garrafa de cerveja e uma tulipa quase cheia.

A moto dele estava ali e Micah a lavava com uma mangueira, usando apenas uma bermuda jeans surrada e mais nada. Ele se mexia lentamente ao som da música, jogando água na moto, um cigarro pendurado no canto da boca, parte da bermuda molhada colando em seu corpo e caída perigosamente baixa no quadril.

*“Oh, a storm is threat'ning
My very life today
If I don't get some shelter
Oh yeah, I'm gonna fade away(...)”*

*“Oh, uma tempestade está ameaçando
Minha vida hoje
Se eu não conseguir alguma proteção
Oh, sim, Eu irei desaparecer(...)”*

(Gimme Shelter, The Rolling Stone)

Eu não pude me mover. Não sei nem se respirei. A única coisa que pude fazer foi ficar lá, completamente enraizada no lugar, como se algo quente e denso se espalhasse lentamente em meu âmago, meus olhos sem poder sair de cima dele.

Seus cabelos estavam arrepiados para todos os lados, completamente desgovernados, a sombra de barba parecendo mais proeminente em seu maxilar anguloso. Mesmo com o cigarro no canto da boca, seus lábios se moviam como se acompanhasse a música, assim como seu corpo alto e musculoso sem exageros, perfeitamente modelado. As tatuagens se espalhavam sobre a pele

morena e contornavam as curvas dos músculos. A barriga era tão dura que dava para contar os gomos, como um tanque.

Desci mais o olhar, pois não tinha como me impedir. Minha garganta estava seca, os dedos agarrados no tecido da cortina. Vi o contorno de músculos em um V que descia pelo baixo ventre, a bermuda caída e molhada estava muito baixa e, mesmo de onde eu estava, pude notar que não usava cueca. Chocada, meus olhos ficaram estáticos na sombra de pelos logo acima do cócs da bermuda, um trecho escurecido e à mostra, coroando um volume grande e bem marcado pelo tecido úmido.

Ofeguei, sem poder acreditar em tanta masculinidade e sensualidade em um homem só. Em qualquer outro, estar com aquela bermuda indecente mostrando parte dos pelos púbicos e quase o corpo todo, tomando cerveja e fumando um cigarro em plena noite de segunda-feira, seria algo ridículo. Mas em Micah... Era absurdamente sensual, fora da realidade, tentador. Fui bombardeada pelos sentidos, a visão dele tirando meu chão, o som da música e do seu corpo acompanhando-a lenta e preguiçosamente deixando-me obcecada, tudo fazendo com que eu parecesse fora de mim, sem controle, apenas ali por causa dele.

Eu podia reparar as outras coisas. A moto, a mangueira, a casa, o quintal gramado. Mas só me concentrava em Micah, inclinando-se sobre a moto, lavando-a com uma esponja. E sem conseguir sair daquele encantamento, daquela força poderosa que me prendia ali, eu acompanhei cada um de seus mínimos movimentos.

Foi impossível não arder como se fosse jogada em uma fogueira, minha mente dando voltas. Vê-lo fez as lembranças se avivarem, como se eu pudesse sentir sua boca na minha naquele momento e mais, recuando no tempo, sentir seu corpo sobre o meu, seu membro todo dentro de mim, indo e vindo, preenchendo-me toda, até eu esquecer quem eu era sem ele.

Fiquei fora de órbita, abalada e excitada demais, me escorando na janela, pois as pernas não pareciam firmes o suficiente para me sustentarem. E meus olhos não saíram dele, nem mesmo para piscar.

Por um momento, Micah fechou a mangueira e a deixou no chão. Então tirou o cigarro da boca e deu uma longa baforada, virando as costas e caminhando até a mureta da varanda. Meus olhos gulosos acompanharam o ondular dos músculos em suas costas, perceberam o contorno da bunda firme marcada no jeans, notaram as pernas longas e musculosas.

Micah deixou o cigarro apoiado na beira da mureta e tomou um gole longo da cerveja na tulipa, fazendo um movimento com a mão como se tocasse bateria, ao ritmo da música. Eu me inclinei mais para a janela sem perceber,

necessitando de uma visão melhor dele, como se fervesse por dentro, entrasse em ebulição.

Largou o copo na mureta e voltou. Ele se abaixou, pegou a mangueira e a abriu de novo, mas não mirou na moto. Jogou água sobre si mesmo, molhando-se todo sob o jato de água fria e soltando uma risada rouca que ouvi de onde eu estava, banhando-se como se estivesse no chuveiro, seus músculos ondulando, sua pele brilhando.

Engoli em seco, hipnotizada, buscando o ar pela boca. Mas nem em meus sonhos mais loucos poderia ter imaginado o que ele fez a seguir. Abaixou a mangueira e, num movimento simples e rápido, levou as mãos ao cós da bermuda. Só entendi o que era quando esta caiu no chão e ele a chutou, molhada, para longe, ficando completamente nu no quintal, erguendo de novo a mangueira para mirar o jato sobre a cabeça.

Eu bambeeí e me segurei na janela, arquejando, o coração a ponto de sair pela boca. Impressionada, fixei meus olhos em seu sexo, sem poder acreditar que estava nu. Mas era impossível fingir que não estava, não com aquele membro grande e grosso emoldurado por pelos escuros aparados, semiereto. Era enorme, mais do que eu me lembrava.

Perdi o ar e a razão, fiquei completamente dopada, excitada e impressionada. Então ele se moveu e mudou um pouco de ângulo, a luz incidindo diretamente em seu sexo e eu pude vê-lo com perfeição. E mais uma vez quase morri do coração e precisei me segurar para não cair, quando vi algo brilhar, enfeitando a cabeça arredondada e robusta. O que era aquilo?

- Ai, meu Deus ... – Murmurei, embasbacada, quando por fim entendi que era um piercing.

Fiquei imóvel, com o olhar fixo naquele pau longo e grosso, naquele piercing na ponta, na beleza escandalosa e sensual que era aquele homem. Meu ventre se contorcia, meu coração disparava, eu tremia e ardia, com as mãos e as extremidades dormentes, sentindo como se algo dominasse meu corpo e ele não pertencesse mais a mim.

Com uma parte embotada da minha mente, vi a mangueira cair fechada no chão. Mas eu só podia me concentrar nele, na água que escorria por seus músculos, no espetáculo que me cegava e matava para o resto do mundo.

Só fui me dar conta que Micah não se movia vários segundos depois. Estava parado, sem voltar a lavar a moto ou pegar a mangueira no chão. Percebi que continuava lá, exposto sob as luzes da casa, muito quieto. Ergui o olhar devagar por seu corpo e me deparei com seu rosto erguido na minha direção, seus olhos cravados nos meus.

Chocada, eu o fitei. De início, não reagi. Então me dei conta, aos poucos,

que eu tinha largado a cortina e agarrado a beira da janela. Sem que percebesse, não me escondia mais, eu estava ali descaradamente admirando-o e tinha acabado de ser pega em flagrante.

Gelei. E então ardi, meu rosto pegando fogo, a vergonha me consumindo em chamas. A excitação ainda deixando minha mente embotada para ter uma reação mais rápida. Procurei uma saída, mas apenas fiquei lá, presa por seu olhar, paralisada em meu voyeurismo. Abri a boca, busquei uma desculpa, mas qual?

Micah sorriu devagar, sem um pinga de vergonha, o cabelo molhado caindo para trás, um ar de lascívia e devassidão em sua expressão, nem um pouco envergonhado. E quando pensei que finalmente eu poderia reagir, sair daquele mutismo e daquela prisão que era seu olhar no meu, ele disse alto, em meio à música:

- Gostou, Valentina? Vem aqui, conferir de perto.

Desesperadamente, com o coração a ponto de sair pela boca e as mãos tremendo muito, eu me inclinei para fora e agarrei os dois lados de madeira da janela. Ouvi a risada dele e me apressei, desesperada, puxando-os com força. Bati a janela de madeira com violência e depois fechei as cortinas, dando passos incertos para trás com a mão na boca.

O que eu havia feito?

Meu Deus, o que eu havia feito?

CAPÍTULO 9

MICAH

Eu tinha ido pela manhã em Pedrosa encontrar um agente da ABIN conhecido meu que ficou de averiguar os dados de telefone da Luiza, mas como todo o resto, não deu em nada. Não era mais celular dela. Nem contei nada a Theo, para não gerar expectativas em vão. Assim, voltei para Florada e, ao estacionar minha moto em frente ao escritório da Falcão Vermelho, vi Cacá saindo de lá, com seu uniforme da escola.

Sua presença me fez lembrar Valentina e seu desespero na noite anterior, quando a peguei me espionando. Sorri comigo mesmo. Eu a tinha visto antes de começar a tomar banho de mangueira e então tive a ideia de ficar nu e provocá-la, para saber qual seria sua reação. O que mais me surpreendeu foi o fato de ficar tão hipnotizada que até esqueceu de se esconder, olhando-me descaradamente. Agora ela teria o que pensar e lembrar quando se encontrasse comigo no escritório.

Desci o apoio da moto no chão, onde também plantei meus pés, sorrindo para Cacá quando seus olhos se arregalaram cheios de admiração para minha Hayabusa. Enquanto tirava o capacete e o prendia na moto, indaguei bem humorado:

- Matando aula?

- Não, to em prova e saí mais cedo. Vim falar com minha mãe. – Aproximou-se e seu olhar comprido analisava cada pedaço da moto de perto, indagando: - Foi pra longe com ela?

- Em Pedrosa. – Desmontei, ficando ao lado dele na calçada.

- Imagino como deve ser pegar a estrada nessa máquina. – Sem poder resistir, o garoto deu um passo à frente e passou a mão sobre o símbolo japonês em vermelho, virando o rosto para me olhar. – Vi num vídeo do youtube que ela dispara em linha reta e tem um motor tão potente que mesmo em alta velocidade é capaz de passar pelas curvas sem problemas.

- É verdade. Ela possui um motor com quatro cilindros com refrigeração líquida e injeção eletrônica, além de ter uma posição de pilotagem esportiva. Por isso vim do Rio até aqui com muito conforto, apesar da longa distância. Aliás, você pode escolher o modo de pilotagem de acordo com sua preferência.

- É sério? – Cacá arregalou os olhos, acenando com a cabeça, seu olhar percorrendo as linhas da moto cheio de desejo e admiração. Fitou o painel de

instrumentos completos e eu aponte para uma tela de LCD no centro do painel, explicando:

- Aqui mostra relógio, marcha engatada e o modo de pilotagem selecionado.

Como ele mostrava o maior interesse em saber mais e eu era um aficionado por moto, continuei a dar explicações.

- Caraca! – Sacudiu a cabeça, apaixonado. – Isso deve voar, igual ao falcão que deu nome a ela, Hayabusa.

- É verdade.

- Engraçado, fiquei sabendo que você é irmão do Theo. Um Falcão também. Por isso comprou a Hayabusa?

Quase disse a ele que eu era um Falcão só no nome, mas não que o fato da moto ser em homenagem a um Falcão peregrino ter me atraído à primeira vista. Dei de ombros e sorri:

- Não. Sempre tive motos velhas, barulhentas e desconfortáveis. Jurei que um dia compraria a melhor pra mim. E a Hayabusa é a melhor.

- Se é! Um dia vou ter uma também. Mas tenho que ralar muito, é cara demais!

Naquele momento, uma outra moto veio na nossa direção e olhamos para ver que era a Harley Davidson do meu irmão Pedro. Ele parou ao lado da minha, tirou o capacete e ergueu uma sobrancelha com cinismo, olhando de mim para Cacá e comentando de maneira provocante:

- Mostrando seu brinquedinho para o garoto?

- Meu brinquedinho não, minha máquina. – Meu sorriso se ampliou.

- Máquina é essa aqui. Tradicional e única.

- Sei. Come poeira na estrada perto da minha.

- Duvido! O que acha, Cacá? – Pedro apontou para sua moto sob ele, todo orgulhoso. – Qual você escolheria?

O menino ficou sem graça e olhou da minha moto para a de Pedro, sem saber o que responder.

- Claro que a minha. – Retruquei, divertido. – Mas é um rapaz bem educado e não vai falar.

- Acho as duas legais. – Foi diplomático.

- Sei. – Pedro sorriu e me lançou um olhar, desafiando: - Quer apostar?

- Apostar o que? Corrida? – Ergui as sobrancelhas. – Cara, não faço isso desde a época dos “pegas” quando era moleque e, pelo que me lembro, você era um dos primeiros a me dar bronca por isso.

- Tem várias estradas vazias por aqui. Final de semana vamos dar um pulo nelas e ver qual de nós se sai melhor. Ou está com medo?

- Medo? Essa palavra existe no dicionário? – Provoquei, divertido.
- Então, combinado.
- Posso ir também? – Cacá ficou animado.
- Se a sua mãe deixar. – Pedro deu de ombros.
- Vou falar com ela.
- Certo. Sábado minha Harley Davidson põe esse passarinho japonês no chinelo. – Rindo, Pedro colocou o capacete de volta e acenou, acelerando e se afastando.

Eu sacudi a cabeça, sorrindo.

- A moto dele é uma máquina também, só que mais antiga. Cara, vocês dois tem as melhores motos do mundo! Posso ir mesmo?

- Se Valentina deixar, sem problema.

- Vai deixar. – Garantiu.

Em geral era um garoto quieto e sério, mas estava bem animado e sorrindo, parecendo mais jovem. Percebi que tinha os dentes da frente levemente separados, como os meus.

Observando-o, lembrei que saí dali 15 anos atrás e Valentina não estava grávida. Acabei perguntando:

- Quantos anos você tem, Cacá?

- 14.

Acenei com a cabeça, pensando que ela deveria ter se casado logo depois, bem jovem ainda. Quase perguntei o nome do pai dele, para saber se era algum conhecido meu, mas percebi que não era da minha conta e deixei passar. Dei um tapa amistoso no ombro dele e falei:

- A gente se vê por aí. Vou entrar e ralar um pouquinho pelo resto do dia.

- Certo. Foi bom saber mais sobre a Hayabusa.

- Depois te mostro o motor funcionando.

- Quero ver mesmo. – Ele acenou e sorriu, afastando-se pela calçada.

Entrei, percebendo o quanto eu gostava daquele garoto. Era diferente dos meninos da idade dele, mais centrado, parecendo mais adulto. Imaginei como Valentina seria como mãe: séria e rígida ou carinhosa e prestativa.

Cheguei animado no escritório e Theo me chamou em sua sala para saber se eu tinha novidades sobre Luiza e o que estava achando de trabalhar ali. Conversamos um pouco e fui para a minha sala, pois Eurídice disse que Valentina tinha deixado uns documentos e contratos sobre minha mesa. Havia uma pilha lá e sorri comigo mesmo, sabendo que era uma maneira de me manter ocupado e me evitar.

Peguei o primeiro relatório da pilha, dei uma olhada rápida, só para ver

do que se tratava. Já sentia o corpo reagir em pura excitação ao me imaginar provocando-a, um prazer estimulante e libidinoso fazendo meu sangue se agitar e meu pau começar a enrijecer. Então, tirei minha jaqueta devagar, sabendo que não perderia a oportunidade de fitar aqueles olhos negros e saber como ficariam as coisas agora, depois que tinha provado ser uma voyeur tão descarada quanto eu.

Apenas com uma blusa de malha preta levemente justa e jeans caídos nos quadris, eu me vi sorrindo ansioso para dizer, em meio a uma conversa casual, que nunca usava cuecas. Só para ter o prazer perverso de testemunhar seu rosto pegando fogo, ao lembrar como era meu corpo nu. Adoraria ver toda aquela sua pompa cair por terra.

É claro que a provocaria de todas as formas possíveis, até que ela não tivesse mais desculpas e fosse obrigada a confessar que estava a fim de mim. O desejo já me deixava alerta e animado e, sem vacilar, caminhei até a porta de acesso ao escritório de Valentina, como uma criança prestes a fazer mais uma travessura. Bati duas vezes e não esperei, entrei com a cara mais limpa do mundo, buscando-a com o olhar e um sorriso já querendo brincar em meus lábios.

E foi então que parei, pego de surpresa com a cena inesperada diante de mim.

Valentina estava perto da mesa, meio de lado, com a camisa de seda cinza aberta, enquanto esfregava um pano úmido sobre o peito, compenetrada, olhando o que fazia. Por baixo usava uma espécie de corpete preto, colado e sensual, que parecia se aderir à sua pele morena e fazia o contorno perfeito dos seios altos, em um decote lindo, que deixaria qualquer homem doido. Eu fiquei. Doido. Mudo. Imóvel.

A saia grafite descia comportada e reta até os joelhos, os sapatos eram tradicionais, ela era a mesma mulher de cabelo curto e arrumado que eu estava acostumado a ver, mas ao mesmo tempo era totalmente diferente. Aquela camisa aberta me mostrava um de seus segredos: sua sensualidade. Aquilo me dizia muito sobre ela e me dava a completa certeza de que Valentina era muito mais complexa do que queria mostrar. E muito mais sensual, também.

Ergueu o olhar e na mesma hora seu rosto se incendiou, completamente vermelho. Por um momento, ficou estática, muda, como se não acreditasse que eu realmente estava ali. O pano caiu de sua mão no chão e reagiu, agarrando as duas abas da camisa e as fechando às pressas, tentando abotoá-la, seu olhar em pânico.

- Por que não bateu à porta? – A voz saiu tão trêmula quanto seus dedos, sem conseguir colocar os botões nas casas. Desistiu e só segurou o tecido

fechado sobre o peito, nervosa, ainda muito corada. – Saia daqui, Micah.

E só então eu despertei daquela espécie de encantamento em que havia caído, dando-me conta que tinha entrado ali doido para me divertir às custas dela e agora era eu que estava abalado, desconcertado, terrivelmente excitado como comprovava meu corpo quente, meu pau duro dentro da calça.

Olhei a camisa com uma mancha de café perto do peito, escondendo os tesouros que tinha embaixo, aquela carne feminina e linda que eu tinha acabado de ver. Tudo rebuliu dentro de mim e dei um passo à frente, sabendo que precisava tocar nela. Com uma urgência que me fez esquecer as travessuras e só me concentrar no desejo.

- Saia daqui. – Repetiu, mas um tanto assustada, seus olhos arregalados, sua respiração agitada ao recuar para trás, como se no fundo soubesse que eu não sairia.

- Abra a camisa, Valentina. – Falei baixo, me aproximando.

- O que? – Parou quando se encostou na mesa atrás de si, mantendo o tecido firmemente fechado sobre o peito com as duas mãos, os lábios abertos para sugar o ar.

- Eu não estava enganado. – Cheguei bem perto, tanto que podia ver como as pupilas de seus olhos se misturavam ao negro brilhante das íris, dilatadas, tudo formando um lago escuro e misterioso que me fez sentir uma pressão no peito, uma sensação de volta para casa, uma emoção que escapou à minha compreensão.

- Enganado ... Como?

Suas palavras me tiraram um pouco daquele sonho em que mergulhei ao chegar assim tão perto dela. Por um momento, apenas a olhei e ela olhou para mim, alerta, como se eu a prendesse no lugar.

- Você é muito mais do que mostra, Valentina. Embaixo dessa roupa comportada, dessa frieza, não tem só essa lingerie sensual que me deixou cheio de tesão. – Fui mais perto e ela recuou, arquejando, indo para trás. Teve que apoiar as mãos na mesa para não se desequilibrar e com isso largou a camisa, que abriu devagar, expondo parte daquele corpete negro como seus olhos. Tardamente se deu conta disso e já ia erguer as mãos novamente, mas fui mais rápido, larguei o relatório que eu segurava sobre a mesa e agarrei seus pulsos, mantendo suas mãos espalmadas sobre a madeira, minhas palavras baixas saindo direto em sua boca: - Tem uma mulher cheia de desejos, quente e apaixonada, uma mulher que quero muito conhecer.

Ficou imobilizada por minhas mãos e minhas palavras, por meu corpo que quase tocava o dela e nossos lábios que por pouco não se roçavam. Vi seu pânico e sua excitação, seu medo e seu descontrole, o que a deixou cativa, presa.

Senti um misto de luxúria e algo mais, novo, diferente, ao mesmo tempo familiar, enquanto me dava conta que era a primeira vez que tocava nela, que sentia sua pele sob os dedos, sua pulsação agitada, tanto quanto a minha. E mesmo tendo aquela consciência, parecia que já tinha feito aquilo antes. Deslizei o olhar até seus lábios, dizendo baixinho:

- Por que tenho a sensação de que isso já aconteceu?

Valentina abriu a boca devagar e foi como perder o ar. Algo reluziu em seu olhar, íntimo e doído, lamentoso, só para ser velado quando baixou as pálpebras e respirou fundo. Fez força com as mãos, para se soltar, mas não deixei, então pareceu substituir aqueles sentimentos por raiva e me olhou de novo.

- Por que não para de se divertir às minhas custas, Micah? Me solta agora, por favor?

- Essa é a sua resposta? – Exigi, ainda um pouco confuso com tudo aquilo, com as coisas que me fazia sentir.

- Não sei do que está falando. Agora, me solta.

- Às vezes chego a pensar que aconteceu mais coisa no passado entre a gente. Só assim para entender esse ódio todo.

- Não é ódio. – Mas tremia, angustiada – E nada aconteceu entre a gente no passado. Se você não lembra, eu não era suficientemente boa ou bonita para ser alguma coisa sua, sequer amiga. Na verdade só servia pra você e seus amigos rirem de mim.

- Eu nunca ri de você. – Falei sério, muito atento em suas reações.

- Não?! Pelo jeito já se esqueceu dos belos apelidos que me davam. Ah... e com certeza também sempre me achou atraente, mesmo gorda e de óculos, né? – Falou com uma ironia que não foi capaz de esconder sua mágoa. – Então, o que disse naquele dia na padaria era só mais uma brincadeirinha?

- Que padaria? – Franzi o cenho, sem recuar um palmo.

- Um dia nos encontramos numa padaria e você fez questão de dizer em alto e bom som o quanto eu despertava de seu desejo. Pelos risos debochados e gemidos abafados que escutei, vi que todos que estavam ali gostaram e concordaram com o que você falou, inclusive o amigo que te acompanhava. – E com um ar de surpresa e raiva, disse: - Estava tão bêbado aquele dia que nem isso se lembra?

Eu lembrei, naquele momento. Tinha sido um dos episódios da minha vida que se perderam na memória com o tempo, mas depois que Valentina falou, veio nítido na minha lembrança. Foi logo depois que acordei perto da cachoeira, ainda meio bêbado, confuso, cheio de coisas na cabeça. Fui tomar um café na padaria e a vi, irritei-me por que sempre parecia saber demais de mim. E fui bem

grosseiro, de propósito.

Agora, ali, me dei conta de como a havia magoado. Ela nunca esquecera.

- Então é isso? – Apertei um pouco os olhos, concentrado nela. – É por isso que tem raiva de mim, Valentina?

- Eu não tenho raiva e nem ligo para isso. Apenas achei que podia parar de teatro, de fingir que está cheio de tesão por mim e me soltar. Tenho certeza que não vai faltar mulher por aí para jogar seu charme.

Como se decidisse dar um basta em tudo aquilo, puxou de novo os braços e fez menção de desencostar da mesa, escapar. Mas não deixei, indo mais perto, minhas pernas encostando nas dela, meu peito roçando as pontas de seus seios quando segurei-a bem firme pelos pulsos, os dedos fechados todos em volta deles, quase inclinando-a naquela mesa quando deslizei a boca até seu ouvido e falei baixinho:

- Posso provar que o meu tesão é bem real e que o que eu disse no passado é mentira. Meu pau sobe sim por você. Está agora aqui bem duro e doído de tanta vontade de conhecer a sua bocetinha, Valentina. Quer sentir?

Estremeceu violentamente e tentou afastar a cabeça, mas não desisti e a acompanhei, sentindo aquele seu cheiro gostoso que mexeu com meus sentidos e me deu novamente aquela sensação boa de reencontro, me deixando ainda mais ligado nela.

- Por que não para de lutar e abre suas pernas para mim? Aqui é o meu lugar e quanto antes entender isso é melhor. – Roci meu nariz em sua orelha e a senti arquejar, podia notar cada nuance do seu corpo, seus estremecimentos e sua pulsação acelerada, sua respiração entrecortada. – Tenho certeza que já está toda molhadinha, que se eu chegar sua calcinha para o lado e acariciar sua boceta, vai gozar na hora.

- Micah ... – Sua voz era diferente, rouca, quase uma súplica.

Eu continuei a sussurrar em seu ouvido, excitado, abalado, sabendo que não demoraria muito para sentá-la naquela mesa e fodê-la com força:

- Ou prefere minha língua, lambendo devagarinho seu clitóris? Ou meu pau, bem duro e grosso, entrando e saindo, fazendo você saber quem está te comendo e não pensar em outra coisa a não ser em pedir mais?

- Pare ... – Arfou, agoniada, mas sem tirar a orelha de perto da minha boca. Aproveitei e mordi devagarinho o lóbulo macio, chupando-o lentamente, fazendo-a estremecer e gemer, já entregue.

- Desde que vi você gozando, não consigo pensar em outra coisa, Valentina. – Subi a língua pelos labirintos daquela orelha delicada, meu pau a ponto de estourar a calça, cheio de lascívia e paixão, adorando seduzi-la.

- Ah ... – Ainda parecia perdida, mole, até que algo em minhas palavras e

alertou.

Senti a mudança, como se enrijeceu mais e como virou a cabeça lentamente, buscando o meu olhar. O dela era estranhamente esperançoso, surpreso, ainda aquecido pelo tesão. Era como se buscasse uma explicação em sua mente quando murmurou:

- O que ... O que disse?

- Eu te vi na cama, gozando. E quero ver de novo. – Desci os olhos por sua boca, desejando-a na minha, ansiando por seu gosto, sua língua, seus lábios tão lindos. Desci mais, passando pelo pescoço, pelo decote que o corpete deixava entrever, imaginando tudo que eu queria fazer com ela.

- Mas quando ...

Valentina começou, tentando entender, luxúria e algo mais denso em sua expressão, buscando incessantemente meus olhos, até que eu a fitava novamente.

- Acordei de madrugada e fui para a casa da árvore e sua janela estava aberta. Vi você sem querer, mas não me arrependo. E essa cena não sai da minha cabeça.

Ficou muito quieta, até mesmo chocada. Então havia de novo mágoa em sua expressão e raiva, quando tentou livrar os pulsos e não deixei. Sacudiu-se, levantou-se, decidida a me enfrentar, mesmo que para isso tivesse que encostar ainda mais o corpo no meu e dizer perto do meu queixo:

- Me solta agora, Micah! Agora!

- Calma, Valentina. Eu não fiz de propósito. – Aproveitei e a puxei mais para mim, quase gemendo quando se debateu e se esfregou em minha ereção dolorida de tão apertada dentro da calça.

- Seu tarado! Seu ... Vou gritar! Me solta!

E começou a lutar de verdade, mas a empurrei contra a mesa de novo, pressionando-a ali, mantendo seus pulsos ainda mais presos quando os pressionei em suas costas, enlouquecido ao me encaixar bem no meio das suas coxas, meu controle apenas por um fio. Mas me irritei também e semicerrei os olhos ao ser bem direto:

- Do que está reclamando? Pelo menos eu vi sem querer. Pior você que ontem à noite quase caiu da janela para me ver nu.

- Eu não ... Não foi nada disso! Seu convencido! – Jogou a cabeça para trás, se mexendo para escapar e só se esfregando mais em mim, até me fazer cerrar os dentes com a necessidade absurda de meter meu pau dentro dela e engolir aquelas palavras com beijos. – Eu nem sabia que estava lá!

- Não? – Acabei sorrindo, de propósito pressionando minha ereção contra seu púbis, adorando ver como ficava vermelha e arquejante. E, com deboche, falei: Então quem se demorou me espiando, com os olhos agarrados no meu

piercing?

- Acha que eu ... Nem sei de piercing nenhum! – Negou veementemente, seus olhos arregalados, envergonhados e raivosos. – Micah, me solta!

- Deixe de ser mentirosa ... ou melhor, de se enganar, Valentina.

- Eu fui fechar a janela e fiquei chocada com a sua pouca vergonha, tomando banho pelado no quintal, fumando, bebendo e ouvindo música alta em plena segunda-feira. Por aqui não estamos acostumados a esse tipo de coisa, por isso me assustei.

- Por isso se assustou. – Repeti, excitado a ponto de trepar com ela naquela mesa, mas também divertido com suas negativas e tentativas de me convencer. – E espiou tanto.

- Já disse que eu não estava espiando! – Respirou fundo e me olhou acusadoramente. – Por isso tirou a roupa? Por que sabia que eu estava lá ... hã ... fechando a janela?

- Confesse que você gostou. – Pisquei um olho, provocante.

- Nem reparei!

- Quer reparar agora? É só baixar minha calça e olhar. Deixo fazer mais coisas também, sem me opor, Valentina.

- Pare com isso ... – Sua voz saiu num fio, angustiada. Nada me faria soltá-la naquele momento, nem se um terremoto abalasse misteriosamente Florada. Nada, a não ser o que ela fez. Ficou com os olhos cheios de lágrimas e me desconcertou completamente. – Por favor, chega ... Chega, Micah.

Olhei-a, surpreso com sua fragilidade, com aquela mudança brusca de raiva para dor e decepção. Parecia estar alquebrada, triste, acabada. E quando fechou os olhos por um momento, tentando respirar e se acalmar, eu me senti um cachorro por tê-la deixado daquele jeito.

- Valentina ...

- Me solta. Por favor. – E abriu os olhos doídos, a voz em uma súplica: - Por favor.

Fiquei sem saber o que fazer. Em meio ao meu desejo ainda carnal e voraz, que fazia um monte de sacanagem passar por minha cabeça, eu fiquei nervoso com sua fragilidade emocional, quase como se me pedisse socorro e eu negasse.

Ficamos nos olhando bem nos olhos, por um momento que pareceu uma eternidade. Então, incrivelmente, eu abri os dedos e soltei devagar os seus pulsos. Ela ergueu as mãos, colocou-as em meu peito com um leve estremecimento e me empurrou, fugindo, escapando da prisão em que a coloquei, contornando a mesa e deixando-a entre nós, abalada.

Eu fiquei no mesmo lugar, observando-a. Fechou a camisa o máximo que

pôde, os braços se cruzando em seu peito, olhando para mim com parte de suas defesas reestabelecidas:

- Quero que me deixe em paz, que esqueça que eu existo. E que saia daqui.

- Eu vou sair. Mas sabe tanto quanto eu que não quer que a deixe em paz. Por que não me diz o que realmente te incomoda? Você me olha como se me acusasse silenciosamente de alguma coisa. Diga-me logo o que é?

- Eu não o acuso silenciosamente, eu digo claramente que você é um safado e que por isso quero distância. – Ergueu o queixo, friamente, como se há poucos segundos não estivesse a ponto de chorar. Indaguei a mim mesmo se teria feito de propósito, para me enganar. Mas achei difícil alguém fingir tantos sentimentos assim.

- Agora que está aí, atrás dessa mesa, quer distância. Parecia ter esquecido disso quando estava aqui em meus braços, com a minha língua em sua orelha. – Não poupei palavras, deixando claro que não me enganaria com joguinhos e fingimentos.

- Eu não quero nada de você. Assim como não fiquei espiando o que fazia ontem à noite e espero que pare de ficar me espionando também. Vou me certificar de ficar com a janela bem fechada. – Continuou bem fria e isso me irritou.

- Certo. Então, você não tinha os olhos grudados no meu pau. – Falei.

Arregalou os olhos e, num gesto leve, negou com a cabeça.

- O que deixou você tão hipnotizada, olhando descaradamente para meu pau, foi sua súbita curiosidade no meu piercing. E pelo jeito você gostou do que viu. – Ironizei.

- Eu não fiquei ... – Calou-se, nervosa, inspirando e expirando como se contasse até dez. Mas eu não pensava em aliviar as coisas para ela e continuei:

- Vou acabar com sua curiosidade, agora – Olhou-me em desespero, certa de que eu abaixaria as calças. Mas rapidamente comecei com minhas explicações – O piercing que uso chama-se PA, Príncipe Albert de Mônaco, pois diz a lenda que ele usava um desses. É um adorno interessante em forma de anel, colocado na extremidade da glândula através da uretra. Dá um prazer filho da mãe na hora do sexo oral. – Bem devagar, segurei seu olhar arregalado. Minha voz ficou mais baixa e rouca: - Para as mulheres, é um estimulante a mais. Gosto de roçar o piercing bem no ponto G, o que gera ejaculação, elas ficam loucas. No clitóris também. Tenho certeza que nunca experimentou um desses, Valentina.

Ela apertou os lábios e tentou me ignorar. Não respondeu de imediato, como se não soubesse lidar comigo. Então, apontou para a porta:

- Quando você quiser falar sobre trabalho, estarei aqui. Não quero saber

dos seus adornos ou das suas peripécias sexuais. Agora saia, por favor.

- Eu estava sendo apenas didático, diante do seu interesse sobre meu adorno, na noite anterior. Embora você o negue.

- Já disse que nem reparei! – Olhou-me com raiva e começou a abotoar sua camisa, para meu lamento.

- Se quiser, te mostro.

- Não! Quero que você pare com essas pornografias e me deixe em paz.

Bem tranquilo me aproximei mais da mesa. Valentina me encarava, alerta, enquanto eu puxava uma cadeira para perto e sentava comportado, pegando o relatório que eu havia trazido da minha sala e virando-o para ela, sobre o tampão de madeira. E como se nada tivesse acontecido, comecei a falar:

- Estava lendo e pelo que entendi, isso é um acordo entre a Falcão Vermelho e um laboratório sobre um tal de PAWT. Estou certo?

Parecia ainda um pouco perdida por de repente eu ter me transformado em um profissional sério. Ficou me olhando uns instantes, sem reação, como se estivesse pronta para tentar me tirar dali a pontapés. Eu ergui as sobrancelhas, aguardando sua resposta, divertindo-me por dentro, embora ainda um tanto irritado e com um tesão filho da puta.

Pensei que espernearia, seria fria como uma pedra de gelo ou simplesmente me ignoraria e me deixaria sozinho. Mas pensou e talvez tenha chegado à conclusão que o melhor era fingir que nada tinha acontecido entre nós. Assim, sentou-se devagar em sua cadeira, completamente atenta a mim.

- Quer trabalhar agora? – Indagou entredentes.

- Claro, por isso vim aqui.

Ignorou meu cinismo e lançou um olhar ao documento e depois outro a mim, explicando secamente:

- PAWT é um Programa de Melhoramento Genético para o gado de corte. O laboratório com o qual trabalhamos mandou novas propostas para que continuemos com eles, já que o contrato está prestes a expirar. Devemos ver o que é vantagem e explorar isso.

- Entendi. Então, devo apenas analisar os prós e os contras e fechar com eles depois de conseguir algumas vantagens a mais.

- Basicamente isso. – Seus olhos negros, levemente repuxados nos cantos, continuaram em mim, desconfiados.

- Fala aqui também em Feicorte. – Tendo sido criado em uma fazenda de gado, eu sabia bem o que era Feicorte, mas sorri candidamente, sem tirar os olhos dela, admirando-a atentamente.

- É uma Feira de Gado que acontece há 19 anos na cidade de São Paulo e que este ano mudou de nome para ExpoCorte, cujo Circuito ganhou um caráter

itinerante. No decorrer de 2014 passou por Cuiabá, Palmas, Campo Grande, Ji-Paraná e neste mês de novembro chega a Uberlândia, aqui em Minas. A Falcão Vermelho é sempre uma das que comparece e esse relatório é sobre o que discutiremos lá sobre novas tecnologias da pecuária e como a produção aqui pode servir de exemplo para o resto do país. Temos que reunir informações e discussões para abordar na feira. Geralmente Theo, eu e Pedro participamos, mas esse ano não sei como vai ficar. É bom você se inteirar do assunto.

Eu estava mais interessado em imaginá-la embaixo de mim naquela mesa, nua e gemendo, meu pau todo dentro dela, minha língua em sua boca. Queria sentir seu gosto e poder guardar dentro de mim seu cheiro novamente, entender as lembranças confusas que aquele cheiro me despertava. Eu estava a ponto de engoli-la viva. Tinha vontade de pegá-la com força, de passar horas com ela em um lugar, suando, ambos pingando, cheios de desejo. Queria saber se seria cheia de “não-me-toques” ou se gostaria de um sexo sujo e quente, depravado. Apostava minhas fichas que devia ser quente como o inferno.

- Preciso trabalhar, Micael. – Sua voz me fez erguer os olhos que eu deslizava por seus seios cobertos naquela blusa cinza manchada de café e encontrar os dela, tensos, seu rosto frio, mas a respiração um tanto alterada. Era óbvio que tinha percebido o modo que eu a fitava, pouco interessado no que dizia, e agora me dispensava.

- Estava aqui pensando ... – Bati displicentemente com os dedos na mesa, tentando disfarçar minha excitação.

- Com certeza sobre nada do que falei até agora.

- Sobre você.

- Não quero saber.

- Você é assim comportada e fria quando transa, Valentina? Olha para as unhas e pensa no tempo? Ou é sensual como há pouco e cheia de tesão, bem tarada?

O sangue subiu novamente ao seu rosto, mas manteve-se o mais contida possível, diante das circunstâncias. Empurrou o documento que eu trouxera sobre a mesa, em minha direção, dizendo gelidamente:

- Fim da reunião. Quero ficar sozinha.

- Sabe que ainda estou aprendendo o trabalho. – Falei com a maior cara de pau.

- Faça-me o favor – Já ia soltar os cachorros pra cima de mim, com raiva, mas mudou de ideia, como se decidisse que me desprezar e ignorar minhas gracinhas seria melhor. Assim, disse bem seca: - Já percebi que tem um raciocínio muito rápido, vai aprender logo. Theo disse que é trabalha na ABIN, fez um concurso muito difícil de passar, tem duas faculdades, vai tirar tudo isso

aqui de letra. Não precisa de mim para nada, nem para me fazer perder tempo.

Sorri charmoso para ela e indaguei:

- Ficou surpresa com isso?

- Com o fato de ser um Oficial da ABIN e não um marginal? – Seus olhos ficaram nos meus, bem sérios. – Claro que sim. Acho que todo mundo ficou.

- Eu quase me tornei mesmo um marginal. Quase. – Meu sorriso diminuiu, mas não demonstrei como aquela época ainda mexia comigo, era um lembrete do inferno que vivi dos dezoito aos vinte e dois anos, acabando lentamente com a minha vida. – Mas conheci uma pessoa que mudou a minha vida.

Lembrei-me de Oswaldo Ribeiro e meu encontro com ele naquela favela do Rio. O modo como me arrancou de lá e as coisas que disse. Um pai e um amigo que a vida colocou no meu caminho, que fez toda a diferença, que me obrigou a repensar tudo. Ele estava morto, mas eu nunca o esquecia. Devia a ele ser quem eu era, ter buscado o melhor de mim, ter me livrado das drogas e da autopunição em que mergulhei desde que aconteceu toda a tragédia e saí de Florada.

Olhei de novo para Valentina e ela me fitava com desagrado, mais séria ainda. Deu de ombros, juntou os papéis na mesa concentrada neles, disse friamente:

- Bom saber que teve uma pessoa especial na sua vida.

Sorri comigo mesmo por que ela imaginava que era uma mulher. Como eu não queria empecilhos em nosso caminho, corrigi:

- Sim, Oswaldo Ribeiro era um Oficial da ABIN antigo e me deu sábios conselhos. Graças a ele resolvi estudar e fazer o concurso.

Olhou-me, prestando mais atenção. Parecia querer me dispensar logo, mas de repente perguntou:

- Por que não está hospedado na fazenda?

Eu enrijei. Muitas pessoas deviam estar se perguntando isso, por que eu, um Falcão, estava morando na cidade de aluguel e não na fazenda. É claro que muitos deviam especular o fato de que saí dali brigado com o homem que para eles era meu pai. E na mesma época em que ele sofreu o “acidente”. Até que ponto achavam que tinha algo a ver comigo, eu não sabia. Meus irmãos tentaram acobertar toda a história.

Fitei sério os olhos dela e na mesma hora Valentina se arrependeu:

- Desculpe, não é da minha conta.

- Saí brigado com meu pai.

Foi tudo o que respondi. Ela acenou com a cabeça e não insistiu no

assunto. Voltou ao anterior:

- É bom saber que esse homem foi importante e ajudou você. Mas agora eu ...

- Muito. E você, Valentina? Teve alguém especial em sua vida?

Ficou muito quieta, um pouco pálida, seus olhos fixos nos meus. Senti sua tensão. Parecia muda e completei, erguendo as sobrancelhas:

- Seu marido?

- Não ... Não é da sua conta. – Foi grosseira e fria, mas não recuou, erguendo mais o queixo. – Eu já disse, Micael. Preciso trabalhar.

- Seu noivo? – Insisti sem me abalar, calmamente acomodado em minha cadeira.

- Micael, eu ...

- Micah. Você também mudou muito. Geralmente algo acontece em nossas vidas que nos obrigam a mudanças. – Eu estava curioso sobre ela, bem atento em suas reações. Ainda mais por parecer cada vez mais nervosa, principalmente quando perguntei: - Quando saí daqui você tinha dezoito anos e logo depois se casou e teve Cacá. Conheci o pai dele?

Ficou incrivelmente pálida. Muda. Eu a observei, atento, estranhando. Pensei que não responderia, que se exaltaria, mas abriu a boca, arquejou de leve, desviou os olhos. Parecia um pouco perdida e me preocupei.

- Valentina?

- Eu fui morar em São Paulo com minha tia e o conheci lá. Engravidei e nos casamos logo, mas ele morreu antes de Cacá nascer. – Falou rapidamente e na mesma hora se levantou, juntando alguns papéis e colocando-os sobre uma pasta, sem me olhar.

- Lamento.

- Preciso falar com Theo. Estou mesmo muito ocupada.

Era óbvio que não gostava de falar no assunto e estava nervosa, suas mãos tremiam. Eu me levantei também, percebendo que não conseguiria mais nada dela, tensa e na defensiva.

- Tudo bem. Vou tentar entender aquela papelada em minha sala.

- Certo. – Continuou sem me olhar.

Inclinei-me para frente, segurei o documento que eu trouxera e, pegando-a desprevenida e querendo tirar aquela ruga da sua testa, fui mais um pouco para adiante, dizendo baixo perto do seu ouvido:

- Só para você saber, o piercing também retarda a ejaculação. Posso ficar horas dentro de você, comendo sua bocetinha bem gostoso. Deixando só você gozar no meu pau.

Valentina praticamente pulou para trás, olhando-me na hora em um misto

de susto e ira, a respiração entrecortada, surpresa.

Sorri, safado, pegando o documento.

Pensei que me xingaria, mas agarrou sua pasta e marchou decidida para a porta que dava para a sala de Eurídice, desistindo de brigar comigo, como se ignorasse completamente o que eu disse. Mas eu sabia que ela tinha ouvido.

Caminhei para a outra porta, a de comunicação entre as nossas salas, dizendo alto e desavergonhadamente para suas costas muito esticadas:

- Volto mais tarde, para trabalharmos mais um pouco, Valentina.

Ela abriu com brusquidão a porta, que dava para o corredor. Virou a cabeça para mim e me fitou furiosa, como se quisesse me matar. Então saiu, batendo-a com um barulho seco.

Voltei à minha sala, sem pena. E ainda com o pau duro.

No entanto, deixei-a em paz o resto da tarde e me concentrei no trabalho, que rapidamente entendi. Não era nenhum bicho de sete cabeças e comecei a fazer anotações para discutir maneiras mais simples de fazê-lo.

Até que me diverti por ali. Tudo bem que não fiquei atrás da mesa queimando meus neurônios, pus umas músicas legais para tocar no celular enquanto me jogava no sofá, comia meus chocolates e fumava meus cigarros. De vez em quando eu saía, ia bater um papo com Eurídice ou com Theo, voltava e retomava tudo. Fiquei surpreso quando meu irmão mais velho abriu a porta e, ao me ver concentrado em um relatório, indagou:

- Não vai voltar para casa hoje? Todo mundo já saiu.

- Passou das cinco da tarde?

- Quase cinco e meia. Estou indo embora. – Theo me observou e franziu as sobrancelhas. – Não disse que odiava trabalhar em um lugar fechado e com horários pré-definidos? Parece bem satisfeito aí.

- Até que me diverti um pouco. – Sorri e me levantei, indo guardar os papéis em uma gaveta. – Nem me dei conta do horário.

- Percebi. Vamos?

- Claro.

Sáímos juntos e não perguntei como estavam as coisas entre ele e Eva na fazenda. Por seu semblante, continuavam tensas. Estava pálido, abatido, mas continuava de cabeça erguida, impositivo.

Falamos um pouco do trabalho ali e do lado de fora, vi os carros com seguranças. Um que seguia Theo e outro que me seguia. Eu simplesmente ignorava aquilo. Se deixava meu irmão mais velho tranquilo, que assim fosse.

- E Helena, continua com a pulseira que dei? – Perguntei.

- Sim. Ela e Caio.

- Ótimo. – Parei perto da minha moto e o olhei. – Precisa de alguma

coisa, Theo?

- Pegar Luiza e o comparsa e acabar de vez com esta merda. – Falou duramente.

- Isso vai acontecer. Estamos atentos, esperando por eles.

- Eu sei. – Acenou com a cabeça, muito sério. – Se precisar de algo, fale também, Micah. Agora preciso ir.

- Certo. Vai lá.

Nos despedimos, ele entrou em seu carro e se afastou, seguido pelo carro do segurança. O outro continuou lá, esperando para me seguir. Sorri para ele e dei de ombros, sem me incomodar.

Montei em minha moto e já ia colocar o capacete, quando uma pessoa veio pela calçada e disse alto e estridente, na minha lateral:

- Meu Falcão!

Eu olhei para a moça loira, que me olhava apaixonadamente com a mão no peito. Estava junto com outras duas mulheres, todas com roupas comportadas e segurando suas Bíblias.

- Oi, Tininha. – Sorri para ela.

- Lembrou de mim? – Bateu os cílios, toda feliz.

- Como eu poderia esquecer?

- Vamos, Tininha, está na hora do culto. – Disse uma das senhoras.

- Eu já vou. Podem ir na frente. – Dispensou-as, sem tirar os olhos de cima de mim. Quando elas se afastaram, veio mais perto, charmosa. – Quer ir ao culto comigo, Micah Falcão?

- Lamento, não sou religioso.

- Não? É um pecador?

- Pode-se dizer que sim. – Meu sorriso se ampliou.

Ela arquejou e me olhou de cima abaixo, agitada, lambendo os lábios. Murmurou para si mesma:

- Ah, Jesus, que tentação ...

Eu acabei rindo. Joaquim tinha me contado as histórias dele com Tininha e das vergonhas que passou por causa dela, o que tinha feito eu me acabar em gargalhadas. Aconselhou a me manter o mais longe possível, pois ela pegava no pé e agarrava como se tivesse tentáculos, depois era difícil de largar.

Enfiei o capacete na cabeça, olhando divertido para ela, que espiava minha moto, dizendo rapidamente:

- Posso dar uma volta com você?

- Outra hora, Tininha, eu prometo. Estou cansado e indo para casa.

- Ah, que pena. É por que estou vestida assim? – Apontou para sua saia comprida. Arregalou mais os olhos. – Por que sou pura e você um pecador?

Eu ri de novo. Usei aquela desculpa:

- Mais ou menos isso.

- Ah, mas sabe que nem sempre fui assim? Quero dizer, já fui a melhor dançarina e cantora dessa cidade. A gente muda, posso mudar de novo. Se preferir algo como funk, uns shortinhos e ...

- Não, você está ótima assim, não mude por minha causa. – Assegurei, erguendo o descanso da moto.

- Mas me diga, Micah. – Disse apressada, ansiosa, seus olhos passando por mim.

- Tininha, como eu disse, continue do seu jeito. – E para não dar esperanças vãs a ela, inventei: - Eu tenho uma namorada motoqueira e roqueira no Rio, infelizmente. Mas tenho certeza que vai encontrar um homem que mereça você, que não seja comprometido.

- Você tem uma namorada? Roqueira e motoqueira? – Suspirou, desanimada. - Mas a Mãe Menininha da Cigana Preta disse que era um Falcão o homem da minha vida.

- Ela deve ter se enganado. Além do mais, não devia acreditar nessas coisas, agora que frequenta a Igreja.

Ela arregalou os olhos, como se só naquele momento se desse conta daquilo. Aproveitando sua distração, liguei a moto e me despedi:

- A gente se vê por aí. Se cuida, Tininha.

Eu já saía com a moto, quando ela gritou atrás de mim:

- Mas Deus escreve certo por linhas tortas!

Eu não sei o que aquilo significava, mas achei que talvez fosse que ela não desistiria de ter o seu Falcão. Acabei dando uma risada daquela loucura toda e segui para casa, buzinando para ela em despedida.

Eu ainda não sabia o quanto Tininha podia ser insistente.

CAPÍTULO 10

MICAH

Na quarta-feira eu tinha acabado de chegar ao escritório de tênis, bermuda, blusa de malha vermelha, fumando um cigarro. Como no dia anterior, já havia uma pilha de documentos na minha mesa e sorri comigo mesmo, pois com certeza Valentina tinha deixado ali para me manter longe e ocupado, como se aquilo pudesse me impedir.

Terminei meu cigarro, pensando distraidamente que deveria arrumar um

jeito de parar com aquela merda antes de arrumar um câncer, mas como sempre ficando só na intenção. Chupei uma bala de menta e olhei na direção da porta de comunicação com a sala de Valentina, já com a excitação mexendo com meus hormônios.

Pensei se ela já estaria lá de sobreaviso, preparada para me colocar para correr, ou agiria como se me ignorasse, mesmo que eu dissesse as maiores barbaridades. Tinha pensado muito nela, lembrado seu corpo contra o meu, seu cheiro, o desejo claro entre nós, mas também o modo como me olhou com mágoa, como se esperasse algo de mim e se exasperasse por eu não saber o que era. Tinha me desconcertado com aquelas lágrimas. Mas também provocado uma grande vontade de saber mais sobre aquela mulher que dizia uma coisa, fazia outra e tinha um olhar que guardava uma infinidade de mistérios e sentimentos.

Antes que eu pudesse agir, o meu celular começou a tocar e o peguei, franzindo o cenho ao ver que era um dos meus amigos da ABIN, que morava no Rio.

- E aí, Rodrigues? O que manda?

- Micah, ainda bem que atendeu, cara! É uma emergência.

- O que houve?

- Preciso de você aqui.

- Estou de férias. Aliás, férias acumuladas. – Eu o lembrei, encostando na ponta da mesa. – E sabe que minha família tem enfrentado problemas, uma ameaça que pode se concretizar a qualquer momento.

- Claro, eu sei. – Ele afirmou. Trabalhávamos juntos há anos e éramos amigos também de sair, tomar uma bebida ou ir ao Maracanã assistir a um jogo, além de sair pra noitada arrumar algumas mulheres. – Mas porra, Micah, to numa missão que parecia fácil, mas se complicou. Vai ter uma reunião importante amanhã e eu ia infiltrado, mas tem um cara lá no meio que me conhece. Tive que abortar de última hora, mas preciso que alguém vá no meu lugar.

- E não tem ninguém aí para fazer isso? Preciso me despencar aqui de Minas?

- Os que estão aqui são uns lesados, sabe disso. Você tira isso de letra, já fez isso milhares de vezes. Vai com o disfarce que eu usaria. Cara, é moleza, não vai precisar quebrar nenhuma lei explícita, só estar no meio de um grupo que planeja o roubo de informações cibernéticas, uns hackers filhos da puta! Saca bem de informática. Depois da reunião, me passa tudo e pode voltar aí pra sua terra natal.

- Filho da puta não é o hacker, mas você, Rodrigues, por me fazer sair daqui só para isso! Não é possível que não tem ninguém aí! – Reclamei.

- Cara, se eu tivesse alguém de confiança, não ia te pedir. Vem de avião rapidinho. Vai me quebrar um galhão.

- Porra ... – Suspirei, pois sabia que era meu amigo, não negaria nada a ele.

- Então, já comprei suas passagens de ida e volta. Pega o avião hoje na hora do almoço em Belo Horizonte, chega aqui eu te passo tudo sobre a missão, à noite a gente sai para tomar umas cervejas, amanhã participa da missão e na sexta na hora do almoço pega outro voo do Rio pra aí.

- Tinha tanta certeza que eu aceitaria que organizou tudo?

- Claro! – Ele riu. – Sabia que não ia me deixar na mão.

Acabei rindo e combinei tudo com ele. Depois que desliguei, fui informar aquela viagem relâmpago para Theo, que entendeu na hora. Fiz com que me garantisse que ligaria caso Luiza desse o ar da graça e me despedi dele. Ofereceu o jatinho da família para me levar, mas recusei, dizendo que as passagens já estavam compradas. Eu também faria o possível para evitar usar qualquer coisa que fosse de Mario Falcão e o avião era dele.

Mas ele insistiu em me dar uma carona até o aeroporto e aceitei, assim não precisaria deixar minha moto lá.

Agora tinha que ir para casa pegar minhas coisas, mas não podia sair assim, sem falar com Valentina. Pensei comigo mesmo que sentiria falta dela ou ao menos de provocá-la.

Não estava em sua sala e fui perguntar a Eurídice onde a encontrar, que me falou que a viu seguindo para a nova sala dos arquivos. Era um cubículo cheio de armários de ferro com gavetas e só. Sabia que deveria estar fazendo de tudo para me evitar, mas eu não facilitaria as coisas para ela. Pois também faria tudo, mas para ficar bem perto. De preferência na mesma cama e bem coladinho, encaixado transando com ela.

Senti o sangue agitado, o corpo já reagindo estimulado pelos sentidos, quando segui para lá. Não bati, entrei, e Valentina se virou na hora. Estava com uma das grandes gavetas abertas, seus dedos correndo entre os documentos arquivados em ordem alfabética. Quando me viu fechar a porta e encostar nela, com um sorriso se desenhando em meus lábios, ficou imóvel, sua expressão imediatamente alerta.

Eu vi como se recuperou e fingiu não se importar com minha presença, como se estivesse se preparando e soubesse que em algum momento eu apareceria. Indagou friamente:

- Deseja alguma coisa, Micael?

- Sim.

- O quê?

- Apenas me despedir de você.

Ela pensou um pouco, quieta, como se buscasse alguma armadilha ali. Obviamente estava cautelosa, atenta, um pouco nervosa. Mas não disse nada por alguns segundos e nos olhamos, em uma avaliação silenciosa. Então, empurrou a gaveta, fechando-a. Estava um pouco pálida.

- Você vai embora?

- Sentiria saudades se eu fosse?

- Daria uma festa para comemorar.

Eu acabei dando uma risada e me desencostei da porta, aproximando-me devagar. Era um espaço apertado e, para sair, tinha que passar por mim. Mas não se moveu, não querendo me dar o prazer de saber que eu a deixava nervosa, embora não desgrudasse os olhos de mim.

- Vou ao Rio hoje, mas na sexta estou de volta.

- Ah ... – Fez pouco caso, mas deu uma leve recuada para mais perto do armário atrás de si. – Boa viagem. É só isso?

- Vim me despedir de você. Ou acha que eu sairia assim, sem mais nem menos?

- Se é por falta de adeus ...

Sua agressividade só fez meu sorriso se ampliar. Parei bem à sua frente, fitando-a dentro dos olhos, muito perto, encurralando-a de vez, mas sem tocá-la.

- É assim que trata quem tanto gosta de você, Valentina? Quem vai ficar dois intermináveis dias longe, morrendo de saudades?

- Quer parar de ser cínico e me fazer perder tempo, Micael? Com licença, preciso trabalhar.

- Eu queria muito ... trabalhar ... com você hoje. Cheguei animado e cheio de planos. – Continuei na provocação.

- Imagino que tipo de planos. – Apertou os lábios, seu queixo erguido, enfrentando-me. Mas o corpo estava tenso, eu podia jurar que tremia. – Micah, por favor, saia do meu caminho. Tenho realmente muito o que fazer.

- Adoro quando me chama de Micah. E sim, já vou sair. Assim que eu explicar algumas coisas.

Ficou imóvel, rígida, alerta. Falei bem calmo:

- Confirmei nossa presença na Feicorte e fiz um planejamento do que apresentaremos e como será nossa participação lá, está sobre a minha mesa. Ontem também resolvi mais da metade do trabalho que me deu e os outros estão encaminhados. Pode pegar na minha sala.

Ela ouvia, mas continuava atenta, cautelosa. Parecia esperar que eu fosse aprontar alguma de repente e, quando viu que eu me comportava, moveu a cabeça de leve e disse secamente:

- Tudo bem, vou pedir para Eurídice pegar lá.
- Certo. Sobre aquele contrato que falamos de Reprodução e genética ...

Continuei a explicar o que eu tinha feito e Valentina apenas escutou, seu olhar resvalando de mim para a porta fechada, como se calculasse como ir até lá sem ter que encostar em mim. Eu percebi, mas fingi que estávamos apenas discutindo negócios, sem aquela tensão sexual no ar. Fui envolvendo-a na conversa, perguntando algumas coisas, obrigando-a a soltar alguns monossílabos como resposta.

Apesar de estarmos naquele cubículo, sozinhos, eu consegui distraí-la relativamente com minha explanação, até que relaxou um pouco mais, como se estivesse dividida entre a desconfiança e a surpresa por que entendi tão rápido do trabalho. E continuei, bem sério e compenetrado:

- E quanto àquelas cláusulas contratuais do novo acordo comercial com a rede de açougues de São Paulo, eu decidi que ...

Falei e falei, a ponto de envolver Valentina na conversa e sentir que sua mente já se voltada para a questão. Somente então, eu acabei uma frase, a olhei detidamente e disse com voz baixa:

- Adoro quando uma mulher implora para beber toda a minha porra.

Olhou-me na hora, chocada. De início, acho que pensou que tinha imaginado aquelas palavras, mas então seu cérebro registrou o significado da frase e reagiu, corando, olhando-me acusadoramente.

- Seu ...

- Já engoliu a porra de um homem, Valentina? – Aproximei-me tanto que seu nariz quase tocou meu queixo, o tesão vindo tão forte que até me surpreendeu, fazendo todo meu corpo reagir, o sangue agitado, o coração batendo mais forte. – Já gozou sendo chupada e tendo um pau bem enterrado na boca?

E então a segurei pela nuca, puxando-a bruscamente para mim, seco para beijar beijá-la de uma vez e comprovar se era tão gostosa como parecia, imaginando que tipo de lingerie ela estaria usando embaixo daquela roupa.

Valentina me pegou de surpresa ao reagir violentamente, com raiva, soltando um pequeno grito e me empurrando com tanta força com as duas mãos em meu peito, que bati com as costas no arquivo de aço atrás de mim, sem esperar.

- Desgraçado filho da puta! – Xingou irada ao ir correndo para a porta, saindo como uma bala e batendo-a com tanta ferocidade que as paredes tremeram.

Olhei surpreso para a porta fechada. Surpreso pelo empurrão que me pegou desprevenido e pelo que ela disse. No início fiquei puto, deixado ali já

com uma baita ereção e o corpo exigindo satisfação, mas então o bom humor foi retornando e comecei a rir, dizendo para mim mesmo:

- A senhorita certinha me chamou de filho da puta ...

Saí da sala com um misto de tesão acumulado e uma vontade de rir cada vez maior. Não fiquei surpreso quando Eurídice me disse que Valentina tinha saído. Ela poderia se esconder. Por ora.

Cheguei ao Rio no início da tarde e fui para meu apartamento em Copacabana, que estava abafado por ter ficado tanto tempo fechado. Depois saí para encontrar Rodrigues em um quiosque e lá ele me explicou melhor a missão, entre um gole de cerveja e outro. Oficialmente, não estávamos de serviço.

Eu já tinha feito muito aquilo, me infiltrar em um grupo disfarçado para saber quem eram seus membros, fingindo que tinha a mesma ideologia que eles, até me misturar e conseguir as informações necessárias. Era um trabalho de inteligência mesmo, bem arquitetado, com tudo para dar certo.

Rodrigues me informou que tinha feito isso com os hackers, mas que até então tudo ocorreu através da internet, como eles gostavam de agir. Ia ser a primeira vez que se encontrariam pessoalmente e por sorte descobriu que um dos envolvidos o conhecia, então era aí que eu entrava. Eu me infiltraria pelo disfarce de Rodrigues somente ali, para observar e colher informações, então depois passaria para ele e ficaria livre.

Explicou-me tudo, até o anoitecer. Quando garanti que não tinha nenhuma ponta solta, fomos para um bar tomar umas cervejas, comer alguma coisa e dar umas paqueradas. Ele olhou um grupo de garotas ali perto, que nos dava mole, comentando:

- Já arrumamos para hoje. Olha só como são gatinhas.

Eram mesmo, enfeitadas e com roupas provocantes, garotas que saíam já para arrumar um cara e se divertir. Até aí tudo bem, eu gostava muito delas, sempre curti esses encontros. Mas naquela noite, por algum motivo, apenas as comparei a Valentina, com aquelas roupas formais dela, ficando vermelha e furiosa quando eu a provocava, testando-me com sua resistência. Sorri comigo mesmo e Rodrigues indagou:

- Tá rindo do quê?

- Lembrando uma pessoa que reencontrei em Florada. Ela é braço direito do meu irmão no escritório, toda formal e certinha, cabelo arrumado, roupa que mais esconde do que mostra.

- Ih, essas que são boas! Santinhas só na aparência, na cama acabam com a gente e ainda pedem mais! – Ele riu. – Estou certo?

Lembrei dela em sua cama, se masturbando, como se ansiasse por um

amante que realizasse suas fantasias, em um misto de gozo e agonia. Fiquei excitado.

- Não sei, ela está fazendo jogo duro.

- Ainda não pegou? – Rodrigues achou graça. – Está perdendo a forma, é, velhote?

- Vou te mostrar quem é velhote. – Acabei sorrindo e o encarei. – Mas sabe o que é pior, Rodrigues?

- O quê?

- Estou com saudades das chatices dela, daquele jeito todo pomposo e de nariz em pé.

- Eita, que isso tá cheirando a paixão! – Sacaneou e riu, mas algo me incomodou, pois não costumava passar tanto tempo pensando em uma mulher.

E naquela noite, quando deitei sozinho em minha cama e apoiei a cabeça no travesseiro, me vi realmente sentindo falta de Valentina, do jeito todo sério dela, da maneira chocada que me olhava quando eu dizia coisas sacanas, do seu cheiro, de tudo, mas principalmente do que havia dentro dela e fazia questão de esconder, mas eu sabia que estava lá, camuflado.

Talvez estivesse tão interessado nela exatamente pelo fato de não tê-la levado ainda para a cama. Mas mesmo assim não explicava as sensações que tive quando a senti tão perto de mim. De certa maneira ela me provocava também, mesmo que inconscientemente.

Fechei os olhos e fui invadido pela lembrança de Valentina naquela cama com a camisola azul, se masturbando em agonia e êxtase. Fiquei excitado, imaginando mil sacanagens e maneiras de pegá-la. Em meio a todas elas, tive uma visão. E então, sozinho na noite, cheio de tesão, eu sorri.

Quando voltasse a Florada, ia levar um presentinho para ela.

VALENTINA

Tinha sido uma semana infernal para mim.

Eu estava sendo obrigada a conviver com meus demônios, ou melhor, com meu “demônio”, Micah, que tinha voltado só para virar minha vida do avesso e infernizá-la. Onde eu ia, para onde eu olhasse, lá estava ele, cínico, sedutor, tentando-me e provocando-me com palavras sujas e olhares quentes. Até que teve que viajar na quarta-feira e então pude respirar aliviada.

Ele parecia ter tomado conta de tudo, inclusive dos meus pensamentos, mesmo quando eu lutava contra eles. Estava vivendo numa gangorra emocional,

temendo-o e desejando-o em igual proporção, completamente perdida. Dizia a mim mesma que ele só brincava comigo para se divertir, rir de mim como tinha feito no passado, na certa adorando saber que mexia comigo e me desconcertava tanto.

Tentava me lembrar que era noiva, que no passado Micah arrasou meu orgulho e meu coração, que ele fez um filho em mim e nunca nem sequer se tocou disso, sumindo no mundo a ponto de me fazer pensar que nunca mais o veria. Por causa dele inventei um casamento, um marido, um pai para meu filho. Criei uma teia de mentiras da qual agora não sabia mais sair e pagava um preço caro por isso. Então, como ainda podia ficar daquele jeito por ele, como uma tola apaixonada? Onde estava meu orgulho e minha decência?

Eu me cobrava, com vergonha de mim mesma, dos meus desejos, da mulher que me tornava perto dele, descontrolada, uma fogueira ardendo sem limites. Era revoltante.

Na quinta-feira fui trabalhar aliviada, pois sabia que não toparia com ele. Entrei calma em minha sala, não fiquei olhando toda hora para a porta de comunicação como se ele fosse abri-la a qualquer momento. Fiz meu trabalho sem ser perturbada, tranquila. Na primeira hora, sorri para mim mesma, satisfeita com aquela paz. Na segunda hora, já havia me acostumado. Na terceira hora, eu espiava a porta, sentindo falta de alguma coisa. E depois disso, achei tudo calmo e parado demais, fiquei com uma estranha sensação de vazio. Ao final do dia, estava irritada ao admitir que tinha sentido até saudade da agitação que ele causava, o que me deixou ainda mais confusa e culpada.

Na sexta-feira fui trabalhar ansiosa, pois sabia que ele chegaria do Rio. Não consegui me concentrar em nada, cada barulho me fazendo olhar para a porta e esperar vê-lo. Mas chegou a hora do almoço, a tarde e nada dele. Quase perguntei a Theo, como quem não quer nada, fingindo ser por causa do trabalho. Mas não tive coragem e acabei ficando na minha, cada vez mais nervosa.

Quando voltei para casa, meu coração disparou violentamente no peito ao ver sua casa iluminada, com janelas e portas abertas, barulho de música vindo de lá. Eu tremia ao subir os degraus da minha varanda, meus olhos buscando-o ansiosamente, minhas pernas bambas, uma euforia desconhecida tomando conta de todo meu ser.

Tentei me controlar. Entrei, fui procurar Cacá e o vi em seu quarto, estudando para uma prova no dia seguinte. Falei com ele e depois fui me cuidar. Tomei meu banho e saí do quarto ignorando ao máximo a janela. Desci, fiz um lanche, comi com Cacá. Ele voltou a estudar e perambulei pela casa, me martirizando, a curiosidade e a saudade a ponto de me deixar doida. Por fim não aguentei mais o que parecia me rasgar por dentro e caminhei até os fundos da

casa, saindo pela porta da cozinha até os jardins onde ficavam minhas plantas, temperos em jarros e flores.

Mas não olhei para elas e sim para a casa vizinha sobre a cerca baixa com trepadeiras, vendo a moto dele lá fora e a porta da cozinha aberta também, tudo iluminado. De lá vinha uma música de *Nando Reis* que eu adorava, *Por onde andei*. Tentei disfarçar, fingir que tinha ido lá pegar umas flores ou só apreciar a noite, mas só consegui parar perto da cerca e olhar para a casa dele.

*“(...) Por onde andei
Enquanto você me procurava?
Será que eu sei
Que você é mesmo
Tudo aquilo que me faltava?(...)”*

E foi então que Micah surgiu sob o vão da porta, olhando diretamente para mim, como se soubesse que eu estava ali. Nós simplesmente nos olhamos, apenas a música e a pequena distância entre nós nos separando. Meu coração bateu enlouquecido, meu corpo se encheu de vida e calor, um desejo premente e emoções arrebatadoras me golpearam sem dó, a ponto de tirar o ar dos meus pulmões.

Não consegui fazer nada mais do que quase morrer de saudade e tudo aquilo que eu sabia que era errado sentir, era burrice, mas tão mais forte do que eu que nem toda razão do mundo seria capaz de conter.

*“(...) Amor, eu sinto a sua falta
E a falta é a morte da esperança (...)”*

E Micah olhou para mim de maneira intensa e penetrante, sério, incrivelmente lindo e sexy usando apenas aquelas bermudas caídas indecorosamente em seus quadris, sem camisa, descalço, os cabelos desgovernados, a sensualidade latente mesmo sem fazer nada.

Soube que devia falar alguma coisa, disfarçar, agir, mas era tão impressionante a maneira como me conectava a ele que parecia dependente do que fizesse primeiro. Respirei aos poucos, tentei organizar meus pensamentos, mas como, se meu olhar desceu mais e reparei nos músculos do seu peito nu, nas tatuagens que o cobriam?

No braço direito ele tinha uma tatuagem antiga, que ia do antebraço até o ombro com uma cruz no meio de onde saíam raios negros e se espalham pelos bíceps, contornando-os. Na costela, ainda do mesmo lado, havia uma ferradura

inclinada, no braço esquerdo tinha seu nome MICAH na vertical, em uma letra castelar com sombra. E podia ver nos trapézios, dos dois lados subindo em direção ao pescoço, números em algarismos romanos que não consegui entender direito à distância.

Quando ergui os olhos para os dele, estava excitada, ainda mais nervosa. Foi então que sua voz rouca chegou até mim, direta, firme:

- Sentiu a minha falta?

Muita. Pensei, senti, mas não queria nada daquilo. Assim, recorri ao parco autocontrole que ainda me restava e que se alimentava do medo, do que ele poderia fazer comigo, até mesmo me destruir. Respondi não tão firme:

- Claro que não. Nem tinha me dado conta que estava aí.

Ele sorriu devagar, expondo aquela falha entre os dentes da frente, tão parecida com a de Cacá, fazendo meu peito se apertar.

- Eu senti a sua, Valentona.

O pior era que parecia sincero. Estremeci sem querer, com uma esperança que não desejava sentir. Mas eu o conhecia bem, sabia que era um sedutor nato e logo estaria debochando de mim. Então me surpreendeu:

- Acredita que trouxe até um presente para você?

Olhei-o, desconfiada.

- Imagino que coisa boa não é.

- Você vai adorar. – Sorriu ainda mais e lançou um olhar à minha casa, antes de me encarar novamente. – Cacá está aí?

- Está.

- Então, vem aqui. Quero te dar seu presente.

- Não, obrigada.

- Estou falando sério, Valentina. – Seu olhar era quente a ponto de derreter uma calota polar. Disse baixinho: - Vem aqui. Não vai se arrepender.

- Não. – Dei um passo para trás. – Preciso entrar.

- Espere. Vou pegar então, já volto.

- Micah ...

Ele entrou em casa, ignorando-me. Fiquei um pouco na dúvida se entrava ou não, mas ele voltou logo, com uma caixa retangular envolta em papel dourado com laço vermelho. Caminhou até a cerca e sorriu para mim dali, estendendo-me o presente.

- Para você.

Olhei a caixa, temerosa. Talvez fossem só os chocolates que ele tanto gostava, mas Micah não me convencia com aquela cara de safado e os olhos que pareciam me devorar. Olhei-o, sem saber o que fazer.

- Vai fazer desfeita?

- O que é isso, Micah?

- Pegue e veja. Vai gostar. Ande, pare de ser medrosa.

Dei dois passos à frente e meu coração disparou ao me aproximar dele, mesmo com a cerca entre nós. Agarrei a caixa que pesava pouco e recuei na hora, dizendo baixinho:

- Se for alguma brincadeira ...

- É muito sério. Abra e veja. – Parecia um garoto, olhos brilhando, vorazes sobre mim. Tive certeza que era alguma travessura dele e recuei mais alguns passos.

- Depois eu abro. Preciso entrar. – E, nervosa, dei-lhe as costas e andei apressada para casa.

Ouvi sua risada. E antes que eu chegasse à porta, provocou:

- Medrosa.

Segui em frente. Já ia entrar quando Micah completou:

- Faça bom proveito, Valentina. E use pensando em mim.

Estremeci, apavorada com aquela caixa na mão. Não olhei para trás, fechei a porta e me encostei nela, respirando pesadamente.

Nem sei como tranquei a casa, mas corri para o meu quarto e me fechei lá, sentando na cama, já desfazendo o laço vermelho da caixa, puxando o papel em ânsias, sem poder me controlar. Então vi a embalagem. E corei até a raiz dos cabelos, chocada, mesmo sabendo o tempo todo que seria alguma sacanagem dele.

Abri e tirei o vibrador que imitava perfeitamente um pênis longo e grosso, até com formato de veias. Então o larguei na cama e levei as mãos ao rosto quente, morrendo de vergonha.

Eu ia matar o Micah!

CAPÍTULO 11

VALENTINA

Eu acordei no sábado com vontade de ficar na cama e não levantar. Abri os olhos e gemi, lembrando que dormi muito mal, acordando toda hora, suando, agitada, tendo pensamentos que nem conseguia descrever, mas me deixavam com os nervos à flor da pele. Tinha enfiado aquele “presente” no fundo da gaveta, disposta a devolver a ele e dizer as piores palavras que eu conhecia para aquele safado.

O resultado foi aquela noite terrível. Agora, de manhã, pensava o que fazer para não mostrar a Micah o quanto estava deixando minha vida de pernas para o ar e nem o quanto estava nervosa com aquele objeto pornográfico em minha posse. Fiquei lá, quieta pensando e cheguei à conclusão que, se eu devolvesse a ele, ia usar o fato para me provocar mais, talvez até piorar, debochar de mim sem dó, ainda mais sabendo que mexeu comigo e me irritou. Então decidi ser fria. Se me perguntasse, diria que guardei e não tinha curiosidade de olhar o que era tão cedo. Isso o desconcertaria. Sim, eu faria isso.

Mais disposta e corajosa, levantei da cama e nem olhei na direção da janela fechada. Fui rápido para o banheiro, mostrando a mim mesma que poderia me controlar, ser mais forte que todos aqueles sentimentos vorazes e ferozes dentro de mim.

Tomei uma chuveirada rápida e me enrolei na toalha, distraidamente pensando que se Elvis estivesse ali reclamaria demais sobre aquela rapidez. Era dia dele vir em minha casa e não me animei nem um pouco. Pois ia querer transar ou sei lá o que era aquilo que fazíamos e eu não sentia a mínima vontade. Sabia que não poderia deixá-lo tocar em mim no estado em que eu estava. E mais uma vez me indaguei sobre aquele noivado, cheia de dúvidas.

Para coroar aquele dia, minha mãe tinha convidado a mim e a Cacá para almoçar com ela. Pelo menos uma vez por semana íamos à sua casa ou ela vinha na minha. Às vezes mais de uma vez, mas era raro. Ela gostava muito de ficar em casa e só saía para fazer compras ou se enfiar na Igreja para assistir às missas. Era um tanto mal humorada e “reclamona”, o que garantia boa parte do seu isolamento.

Não era uma pessoa ruim e eu a amava. Mas nunca fomos verdadeiramente amigas e sempre dava um jeito de me criticar em alguma coisa,

o que exigia sempre muita paciência da minha parte. Por isso, mesmo morando na mesma cidade que ela, eu não fazia tanta questão de estar perto. Cacá ia vê-la mais do que eu e com ele não era tão implicante.

Voltei ao quarto enxugando o cabelo com outra toalha e lancei um olhar comprido para a janela fechada.

“Controle-se!”, exigi de mim mesma. Quase consegui. Quase. Pois me dei conta que já era pouco mais de oito da manhã e o quarto começava a ficar quente. Eu abriria a janela por isso, pelo calor.

Conformada com minhas desculpas, abri a janela e na mesma hora espiei para fora. E o vi de imediato. Ele levava sua moto preta e possante em direção ao portão. Ia sair. E estava completamente vestido, com jeans e camisa branca.

Empurrei minha decepção para o fundo da mente e continuei olhando. Ouvi sua voz, mas não entendi as palavras. Pelo visto falava com alguém que estava do outro lado do portão, na rua e não dava para ver quem era.

Fiquei meio angustiada ao pensar que podia ser Carla, a loira com quem transou no último sábado. Ou alguma outra mulher. Era um safado, devia ser isso. Depois de ficar jogando charme para mim, ia sair para trepar por aí como fazia no passado. Ou talvez não tivesse jogado charme nenhum, fosse só o jeito dele. Afinal, gostava de se divertir.

Mordi o lábio inferior, irritada, furiosa, querendo bater aquela janela. Mas me debrucei mais para fora e consegui ver o portão sendo aberto por ele, que saiu com a moto até a rua em frente. E então, a pessoa com quem ele estivera conversando, surgiu em meu campo de visão e fechou o portão.

Fiquei muda, chocada, ao ver que era Cacá. Por um momento, achei que só estivesse ajudando Micah, pois este estava com a moto. Mas a surpresa me engolfou quando vi, por sobre o muro, meu filho montar na garupa da moto e pegar um capacete que Micah lhe estendia. Não podia ser! Desesperada abri a boca e então já era tarde demais. A moto partia com os dois e só então consegui gritar:

- Cacá!

Saí correndo do quarto, descalça, cabelos úmidos, enrolada só em uma toalha. Desci as escadas como uma louca, atravessei a sala, escancarei a porta e foi assim que surgi na varanda e até o muro de frente, com meu coração disparado e o pânico me dominando, mas nem havia sinal deles na rua.

- Oh, meu Deus!

E levei a mão ao peito, apavorada, fora de mim. Não podia ser verdade! Só podia ser um pesadelo.

MICAH

Encontramos com Pedro na entrada da cidade e Joaquim estava na garupa dele, tão animado quanto Cacá na minha garupa. Eu provoqueei:

- Veio ver Pedro passar vergonha, Joaquim? Tinha que ter chamado a cidade toda, ter mais testemunhas.

Ele riu, adorando a provocação.

- Você não vai querer ser humilhado na frente de todo mundo. – Pedro respondeu sob o capacete, mas sorria também. – Vem, sei onde tem umas estradas boas e pouco usadas, que gosto de percorrer de moto quando quero correr.

- Certo.

- Pena esses caras aí atrás, seguindo a gente pra tudo quanto é canto. – Bufou Pedro, apontando para os dois carros dos seguranças a uma certa distância.

- É para nosso bem e eles nunca se aproximam demais para não incomodar. – Opinou Joaquim, enquanto Cacá olhava para os carros curioso, mas não perguntava nada.

Dei de ombros. Eles só faziam o trabalho deles e aprendi a simplesmente não me perturbar com aquilo.

Acenei e Pedro acelerou, tomando a dianteira. Logo eu o segui e senti o vento gostoso da manhã contra o corpo e aquela sensação única de liberdade que sempre me acompanhava quando pegava uma estrada de moto, ainda mais uma como aquela, vazia, cercada de vegetação verde dos dois lados e com o chão liso. Só não corri mais pelo fato de Cacá estar na garupa, embora soubesse que o garoto teria adorado.

Fiquei surpreso por Valentina ter permitido que ele viesse comigo e tomaria todos os cuidados para que ficasse em segurança, sem deixar de se divertir.

O motor ronronou embaixo de nós e acelerei só um pouco, o que fez o menino suspirar e murmurar atrás de mim:

- Que máquina, Micah! Ela pode voar!

- Pode, mas não com você na garupa. – Sorri e brinquei com ele: - Quando você tiver dezoito anos, eu te empresto.

- Mas vai demorar muito! – Exclamou.

- É a vida. – Ri e ele acabou sorrindo também, sem se chatear.

Saímos da estrada principal mais à frente e pegamos uma rua secundária, ainda calçada. Reconheci o lugar, ficava bem antes da Favela Sovaco de Cobra e no passado eu costumava me embrenhar por ali com meus amigos para correr

com a moto ou simplesmente arrumar um canto para fumar, beber, transar com algumas das gatinhas que iam atrás da gente ou na minha garupa.

Senti um misto de saudade e nostalgia, mas logo me livreí delas e apreciei o dia e o fato de poder estar ali de volta, em uma situação diferente, mas ainda assim divertida e em boa companhia.

Pedro foi para onde eu imaginava, uma rua de barro batido comprida e pouco usada, com terras a se perder de vista dos dois lados e muitas árvores. Já tinha corrido muito por ali de moto e o lugar continuava idêntico, perfeito para o que queríamos.

Quando paramos no cruzamento dela com outra rua, Joaquim e Cacá desceram e eu apoiei os pés no chão, tirando o capacete por um momento e esfregando o cabelo todo espichado. Os dois carros dos seguranças ficaram mais atrás, dando-nos privacidade, eles sem sair, mas com certeza alertas.

Lancei um olhar a Pedro, que também tirou o capacete e me devolveu um olhar arrogante, o que me fez sorrir.

Ele sempre foi assim, achava que podia tudo e adorava um desafio. Disputa era com ele mesmo e odiava perder. Era impaciente e explosivo, tinha um gênio difícil de controlar e energia que extrapolava sem controle. Mesmo sendo um dos que me dava bronca no passado, já tinha se metido em brigas e precisava lutar boxe em Pedrosa para extravasar um pouco daquela energia acumulada. Mas nunca tinha se metido em confusão na cidade. Lá, apesar de tudo, era muito respeitado. Embora em outros lugares já tivesse até brigado em bares ou por alguma provocação que não aturou.

Assim, eu sabia que era um osso duro de roer e ia se matar, se preciso, para vencer aquela corrida. Sorri devagar, sabendo que logo estaria bufando e soltando fogo pelas ventas, pois não havia nenhuma chance de me vencer. Não com minha moto, que era a mais rápida do mundo e com a qual eu estava bem acostumado.

- Heitor não quis vir assistir você perder feio pra mim? – Perguntei, bem relaxado.

- Como se isso tivesse a menor chance de acontecer. – Deu um olhar presunçoso para minha moto e depois para mim, com o capacete erguido no alto da cabeça. – Ele disse que isso era brincadeira de criança e que tinha mais o que fazer.

- Ele não deixa de ter razão. Se Tia soubesse que vão apostar corrida, vinha aqui com uma colher de pau colocar vocês pra correr! – Disse Joaquim.

Nós rimos e Cacá também, emendando:

- Parece até a minha mãe.

- Ela viria atrás de você com uma colher de pau para te dar uma surra? –

Olhei para ele, interessado.

- Nunca me bateu. – O garoto deu de ombros, meio sem graça, pegando seu celular do bolso. – Mas nunca me deixaria participar de uma corrida de motos.

- Ela está mais do que certa. – Concordou Pedro, com ironia para mim. – Isso é coisa pra gente babaca.

Eu ri ainda mais e Pedro ajeitou o capacete no lugar, dando-me um olhar arrogante e desafiador:

- Vamos, quero acabar logo com isso.

Era engraçado ver como ele acreditava em si mesmo. Felizmente tinha Heitor como melhor amigo e o ouvia e respeitava, caso contrário seria um poço de confusão e presunção. Heitor de vez em quando dava umas travas nele com seu bom senso.

Não caí em sua provocação, mostraria em atos que a bazófia dele era só em palavras. Coloquei meu capacete e logo um som quente explodiu naquele lugar aberto e olhamos para Cacá, que mostrou o celular e comentou:

- Essa música tem tudo a ver.

Era do grupo *Steppenwolf*, chamada *Born to be wild* e Pedro assobiou, aprovando. Joaquim falou:

- Perfeita mesmo, música dos motoqueiros.

- Um hino. – Emendei, gostando ainda mais do garoto, que sorriu todo satisfeito com a aprovação de todos.

*“(...)Born to be wild
Born to be wild*

*Get your motor runnin'
Head out on the highway
Looking for adventure
In whatever comes our way(...)”*

*“(...)Nascido para ser selvagem
Nascido para ser selvagem*

*Deixe seu motor funcionando
Pegue a estrada
Em busca de aventura
Em tudo o que aparecer em nosso caminho(...)”*

- Tem um cruzamento bem lá na frente da estrada. – Pedro apontou. – Vamos até lá e começamos a corrida. Quem ultrapassar o cruzamento daqui vence. O que acha?

- Perfeito.

- E quem vencer leva o que? – Joaquim perguntou. – Tinha que ter um prêmio.

- O prêmio vai ser ver a cara de bebê chorão do Micah. – Implicou Pedro.

- O prêmio vai ser ver o Pedro cuspidando fogo pelas ventas e engolindo poeira. – retruquei.

- Parecem mesmo dois moleques. – Joaquim se virou para Cacá, sorrindo. – Acho que somos os únicos adultos aqui.

- Mas só tenho 14 anos.

- A sua mentalidade é maior do que a deles, pode acreditar.

Cacá riu, acompanhado pelo meu irmão caçula. Eu me divertia, pois não deixavam de ter razão. Pedro deu de ombros e emendou:

- Vamos fazer assim, quem perder paga uma rodada de cerveja no Falconetes hoje à noite. Embora eu conheça um bar mais quente em Pedrosa, cheio de mulher gostosa. Depois a gente decide.

Joaquim e Cacá ficaram sob a sombra de uma árvore, a música animada ainda tocando bem alta, quando eu e Pedro aceleramos em direção ao ponto de partida. Eu sabia que meu irmão ia querer se mostrar e sairia como um louco e ele não fez diferente. Deixei que tomasse a dianteira, correndo sozinho e pilotei no meu ritmo, um sorriso brincando nos lábios, uma alegria estranha dançando em meu peito.

Era melhor do que eu esperava estar de volta ali. Uma sensação de ter vagado sem rumo por anos e finalmente ter reencontrado meu lugar. Embora eu soubesse que era temporário, que havia empecilhos e problemas demais para ficar, que minha vida agora era longe, nada disso impedia aquela felicidade de se entranhar dentro de mim.

E ali, seguindo por aquela estrada, acompanhado só por meus pensamentos, foi impossível não pensar na fazenda e sentir uma vontade quase absurda de vê-la novamente, de olhar as terras e morros a se perder de vista, de sentir o cheiro único no ar, um cheiro de mato e vida, que nunca esqueci.

Não quis, mas a imagem de Mario Falcão voltou à minha mente. Seus olhos azuis ferozes e constantemente furiosos para mim, sua voz cortante e, vergonhosamente, minha mágoa, meu desejo secreto de que um dia me olhasse diferente, me amasse como seu filho. Sem saber que aquilo nunca ia acontecer.

Eu era só um bastardo.

Eu odiava me sentir daquela maneira, frágil e dependente, por que não era assim. Mas nunca pude negar a mim mesmo que quis o amor dele como o de um pai para seu filho. Mesmo sendo um homem duro, que não costumava fazer muitos carinhos, Mario era justo e obviamente se orgulhava dos seus filhos. Sempre notei o quanto respeitava Theo e o admirava em silêncio, o quanto era mais ligado a Heitor, Pedro, Joaquim e Gabi do que a mim. Ao menos falava com eles e, mesmo quando chamava atenção por algum motivo, era no intuito de educar. Comigo não. Era grosseria e ódio, era para machucar e humilhar. E embora eu respondesse, debatesse e me rebelasse, doía. E só eu sabia o quanto.

Afastei aqueles pensamentos perturbadores e doentios da mente, pois nunca conseguia nada mais do que me martirizar lembrando-os. Quase me matei por tudo aquilo, passando quase quatro anos da minha vida em auto destruição, até ser resgatado e reagir, mudando tudo, me refazendo.

Cheguei finalmente ao cruzamento da rua que percorremos, depois de uns sete ou oito quilômetros. Pedro já estava lá, virado em minha direção, esperando para começar a corrida, uma nuvem de poeira do barro seco levantada por nossas motos. Passei por ele, fiz um retorno e parei ao seu lado, sem desligar o motor.

Nos encaramos sob os visores dos nossos capacetes e ele provocou:

- Que moleza! Já estava quase dormindo aqui esperando você chegar.
- Por que a pressa?
- É com ela que vou vencer essa corrida.

Acelerei o motor sem sair do lugar e ele ronronou, macio, enquanto eu olhava para sua moto clássica e linda. Já tinha tido uma Harley Davidson e sabia como ela funcionava, como era perfeita para pilotar e um orgulho para quem tinha. Mas a Hayabusa era potente, perfeita, imbatível. Por isso apenas sorri, mostrando com aquele sorriso o que eu achava do seu canto de galo de briga.

- Vamos ficar de papo ou começar de uma vez? – Indaguei, preparado.

- Estou pronto. – Dava para ver claramente que se concentrava, decidido, adorando a disputa. – No três. Um ...

- Dois ... – Mantive-me tranquilo e concentrado.

- Três! – Gritou e seu motor roncou quando disparou a toda velocidade.

Eu acelerei e vi a poeira levantar, mas não me desesperei. Apesar do meu coração bombear com a adrenalina, mantive o foco e então me inclinei sobre a moto, quase deitado, colocando na posição de pilotagem para corrida. Quando acelerei com tudo, a Hayabusa voou como um falcão de verdade, rompendo o ar, parecendo um foguete.

Aproximei-me rápido da moto de Pedro, que dava seu tudo, também

muito rápida. Mas não se comparava à minha e sorri comigo mesmo quando fiquei bem perto da sua traseira. Pedro viu e, é claro, tentou impedir a ultrapassagem se colocando em meu caminho, cortando para a esquerda e para a direita para me fechar, como se percebesse que se eu passasse nada mais me impediria.

Uma nuvem densa de poeira barrenta nos envolvia e observei atentamente os movimentos dele. Eu tinha uma mente analítica e matemática, acostumado a tomar decisões rápidas em função do meu trabalho, que muitas vezes era sigiloso e até perigoso. Foi fácil preparar uma armadilha e foi o que fiz.

Joguei para a esquerda, como se fosse cortar por fora da estrada e, atento a mim pelo retrovisor, Pedro se pôs no meu caminho. Mas aproveitei a aerodinâmica da moto e sua forte aceleração proporcionada pela injeção eletrônica, possibilitando uma rápida inversão de direção. Tão rápida que, quando Pedro se tocou que eu jogava para a direita, já era tarde demais e eu o ultrapassava como uma bala.

Sorri com o vento contra meus lábios e nem olhei pelo retrovisor, apenas curti a velocidade libertadora, a sensação de que era um pássaro rompendo o ar e segui, até passar como um rojão por onde Cacá e Joaquim estavam sob uma árvore e seguir mais a frente, só então diminuindo a velocidade, fazendo a volta e retornando sem alarde.

Eu tinha acabado de parar quando vi a moto de Pedro surgir. Tirei o capacete sorrindo e meu irmão e Cacá se aproximaram, o garoto exclamando quase fora de si:

- Eu nem vi você passar direito, parecia um clarão! Que isso! Que moto é essa? – Estava maravilhado, empolgado, mais animado do que eu já tinha visto um dia. – Cara, foi demais!

Era engraçado ver a felicidade puramente masculina com uma máquina estampada na cara dele, ao mesmo tempo ainda tão juvenil. Eu tinha sido da mesma maneira quando mais novo e entendi muito bem.

Naquele momento, Pedro estacionou na minha frente e tirou o capacete de uma vez, seus olhos de um azul acinzentado brilhando irados, enquanto dizia puto:

- Que porra foi essa?

- Um passarinho japonês voando na sua frente. – Ergui as sobrancelhas com cinismo, provocando mais: - Na verdade, um falcão peregrino que alcança até 400 km/h em pista de teste, mas que aqui cheguei a apenas uns 250 km/h.

- Porra! – Disse de novo e apontou para a moto embaixo de si. – Sabe o que é isso? Uma clássica Harley Davidson, uma moto criada antes dos nossos

avós, que sobreviveu a duas guerras mundiais e é hoje uma paixão no mundo inteiro!

- Eu sei, já tive uma. – Meu sorriso se ampliou todo. – Mas história não ganha corrida.

- Sei que não! Mas conheço essa estrada com a palma da minha mão. Era uma questão de tática também. Você é um filho da puta, me enganou e me cortou pela direita!

- Faz parte. Tinha que estar mais ligado e ser mais esperto. – E sabendo que, se Pedro tivesse vencido estaria sapateando sobre meu orgulho, provoqueei-o mais: - Se quiser podemos correr mais uma vez e posso arriscar a potência total das 16 válvulas em 1340 cilindradas e 197 cavalos de potência.

- Vai se foder com esses cavalos todos, Micah!

Ri alto, jogando a cabeça para trás e caindo na gargalhada por sua fúria em perder e não aceitar. Joaquim riu também e Cacá nos acompanhou, embora olhasse meio temeroso para Pedro. Este nos olhou de cara feia, mas então começou a rir e reclamar:

- Porra, que surra! Passarinho japonês desgraçado!

- Eu nem vi direito quando passou! – Cacá ainda estava impressionado. – E o motor? Caramba, que potência! Quando eu tiver 18 anos, pode até ter motos mais novas, mas vou querer uma Hayabusa para mim!

- Pode ir juntando seus trocados desde agora, garoto. – Pedro baixou o descanso da moto e desmontou. – O mais barato que acha aqui no Brasil é uns 56 mil Reais.

- Tudo isso?

Continuei sentado na moto desligada e busquei em meus bolsos algumas balas de menta e barras de chocolates para não fumar tão cedo. Geralmente o doce inibia um pouco a necessidade do tabaco. Achei alguns e ofereci, mas só Cacá aceitou um chocolate e Pedro emendou:

- Eu preferia uma cerveja gelada. Merda, vou ter que pagar tudo hoje à noite!

Dei uma mordida na minha barra, feliz e relaxado. E mesmo sendo apenas uma corrida, uma brincadeira, tive a sensação de ficar mais próximo dos meus irmãos, como se voltasse um pouco para a minha família. Olhei de relance para Cacá e também parecia muito certo ele estar ali com a gente, sentindo pelo garoto um carinho quase paternal.

Era em momentos como aquele que sentia parte da minha solidão voltar e com ela a necessidade de pertencer a algum lugar. Mas logo me recuperei e conversei de maneira leve e divertida com eles, querendo apenas manter a alegria e aproveitar a manhã.

Mal sabia eu que por pouco tempo. Uma tempestade me esperava quando eu voltasse para casa.

CAPÍTULO 12

VALENTINA

- Não é possível! – Exclamei pela milésima vez, furiosa, saindo de casa de novo para espiar a rua, o celular na mão, imprestável. Já tinha ligado para Deus e o mundo e ninguém sabia me dizer onde estava Cacá.

Eu já estava a ponto de pegar meu carro e sair sem destino vasculhando todas as ruas secundárias de Florada, mas eram muitas e tinha medo de me desencontrar deles.

Lembrei que durante a semana, Pedro tinha ido ao escritório e comentado algo sobre uma aposta de corrida de motos com Micah no sábado de manhã. Eu tinha revirado os olhos, achando criancice, sem estender o assunto. Por isso, liguei para ele, mas o celular só dava fora de área. Então, telefonei para a fazenda e falei com Heitor, que me disse que Pedro havia saído com Joaquim para encontrar Micah e eles fazerem uma disputa besta de corrida. Ficou mais do que claro que aquele irresponsável tinha levado meu filho junto!

O problema era que Heitor não sabia onde seria a tal corrida e também não conseguia falar com Pedro. Deu-me o número do celular de Micah, mas o dele também dava fora de área. Assim, só me restou ficar apavorada andando de um lado para outro em casa e esperando no portão, sem soltar meu telefone e sem parar de tentar falar com eles.

Várias cenas trágicas passavam por minha cabeça como um filme de terror. Meu filho cair da moto e se machucar gravemente. Ele e Micah ficarem amigos, cada vez mais próximos, o que já devia estar acontecendo, já que saíam juntos e tudo. Como, meu Deus? Cacá andava quase sempre de cara feia com o mundo e ia fazer amizade justamente com ele? Com aquele homem que era um perigo pra gente?

E se lá tivesse bebidas? E se Micah fosse ainda um louco e oferecesse cigarro ou cerveja ao meu filho? Não, isso não. Não era tão ridículo assim! E Pedro e Joaquim também não permitiriam.

Eu estava fora de mim de tanta preocupação e tanto medo, furiosa com Cacá por sair assim sem falar nada e com Micah por já começar a tirar meu filho de mim. Eu me sentia sozinha, sem saber o que fazer, com vontade de gritar contra as injustiças do mundo. Mas me calava e acumulava cada vez mais ódio dentro de mim.

Já era quase meio-dia e eu nem tinha conseguido fazer comida, andando

de um lado para outro, nervosa, ligando sem parar, sem conseguir manter um pensamento coerente, imaginando só coisas ruins. Então ouvi o ronco macio do motor de uma moto vindo de fora e reconheci como o de Micah. Saí correndo da cozinha para a sala e de lá para fora, já escancarando o portão e chegando na calçada a tempo de ver Cacá segurando o portão de Micah e este entrando com a moto.

Meu filho o seguia para o quintal, ambos rindo e conversando, como os amigos mais íntimos, sem se darem conta de mim e do meu estado de total descontrole.

A primeira coisa que senti foi alívio, ao ver meu filho inteiro. Mas então veio a revolta, pois riam e se divertiam enquanto eu tinha passado momentos de pavor e preocupação absurdos, a ponto de ter um ataque de nervos.

Segui-os, sem me importar se invadia a propriedade alheia, praticamente gritando fora de mim:

- Para onde você levou o meu filho?

Na mesma hora Cacá virou para mim, tomando um susto. Micah tinha acabado de desmontar da moto e me olhou, surpreso, tirando o capacete. Antes que dissesse alguma coisa, eu me aproximei mais, tremendo, apontando o dedo indicador para ele ameaçadoramente:

- A próxima vez que sair com meu filho sem avisar, eu vou à delegacia e dou queixa como sequestro, está me ouvindo bem, Micael Falcão?

- Mãe! – Exclamou Cacá.

- Do que está falando? – Micah deixou o capacete pendurado na moto e lançou um rápido olhar a Cacá, antes de me encarar novamente.

- É isso mesmo! Ele é menor de idade! Vocês são dois irresponsáveis! Mas qual a surpresa? Era de se esperar! Quando você teve ao menos um pinga de responsabilidade nesse corpo? Nunca! – Eu despejava as palavras, sem baixar o dedo indicador, furiosa, descontrolada depois de tanta aflição. Passei por meu filho e me aproximei mais de Micah. – Estou falando sério, fique longe dele!

- Abaixar esse dedo e pare de ralar comigo como se eu fosse criança, Valentina. – Apesar do tom de voz calmo, ele tinha o olhar estranhamente duro, como nunca vi.

- Mas é isso que você é, um criança, um irresponsável, um ...

Ele semicerrou os olhos, imóvel, me encarando fixamente, sem um traço de humor.

- Pare com isso, mãe! Eu fui com ele por que eu quis! Por isso não te falei nada, por que sabia que ia fazer esse drama todo! – Cacá exclamou, irritado, erguendo o queixo com certo atrevimento. Foi a gota d'água. Virei para ele e explodi:

- Você ainda se acha certo? Sai sozinho sem me dizer para onde e ...
- Não saí sozinho. – Ele ainda teve a coragem de retrucar, como se fosse o dono da verdade. E isso me enfureceu ainda mais.

- Você é meu filho, menor de idade e tem que me consultar se quiser sair! Está me ouvindo?

- Não sou um bebê. – Disse entredentes, lançando um olhar meio envergonhado a Micah, que apenas observava.

- É pior do que isso! Um rapaz responsável não sai para um “pega” de moto com um cara que mal conhece e deixa a mãe preocupada, ligando para todo mundo, imaginando mil tragédias!

- Que drama! – Reclamou, fazendo uma careta de desgosto que me deixou furiosa. Eu tremia e a custo não comecei a gritar ali como uma histérica. Apontei para nossa casa e disse com firmeza:

- Entre.

- Mas eu ...

- Entre! – Gritei e ele tomou um susto.

Há tempos vinha testando minha paciência e eu, sempre me sentindo culpada, o deixava muitas vezes ser grosseiro, me continha para não piorar a situação. Mas agora ele tinha ido longe demais e meu controle estava por um fio.

Cacá ficou vermelho e me olhou com raiva, como se fosse me enfrentar.

Eu segurei o olhar dele. E para meu choque, falou baixo:

- Não vou entrar, você não manda em mim.

Arregalei os olhos, abri a boca, senti tanta raiva que tive vontade de fazer uma coisa que nunca tinha feito: dar uma surra nele.

O ar saiu em um arquejo doído dos meus lábios, quando ordenei:

- Entre agora, Cacá.

- Não.

- Não responda a sua mãe. – A voz de Micah, firme, grossa, mais impositiva do que o normal, surpreendeu tanto a mim quanto ao meu filho, que travávamos uma guerra de vontades e de olhar.

Cacá olhou para ele um tanto envergonhado, meio sem saber o que esperar. E tive que olhar também, notando que Micah o encarava bem sério.

- É melhor você entrar e respeitar a sua mãe.

Nunca vi meu filho reagir daquele jeito e ali meu pânico só aumentou, ao perceber o poder que tinha sobre Cacá. Eu, que era mãe dele, que fazia de tudo para que me amasse e fosse feliz, tinha sido destratada sem que eu esperasse, enquanto agora ele olhava para Micah com um respeito diferente e uma certa vergonha, baixando o olhar.

Recuou, dando alguns passos incertos para trás, desconcertado.

Murmurou:

- Foi mal, Micah. Eu não falei nada pra ela por que sabia que ia dar nisso.

E então, deu-nos as costas e ignorou o portão ainda aberto, pulando com facilidade a cerca entre as nossas casas e dali sumindo de vista ao entrar na cozinha.

Eu senti vontade de chorar e me desesperei, muito ciente de que estava prestes a perder meu filho. Ainda era difícil acreditar que ele se colocou contra mim na frente de outra pessoa e me enfrentou, como se eu não fosse nada dele, como se me odiasse.

Tentando conter meu descontrole emocional e a dor que me consumia, eu virei para Micah e encontrei seu olhar fixo em mim. Tive tanta raiva, mas tanta raiva, que tremi sem poder me impedir, cerrando os punhos e apertando com força as unhas nas palmas da mão, quase me ferindo. Estava muito claro que Cacá o respeitava e o tinha mais em consideração do que a mim. E imaginei claramente a quem ele escolheria, se um dia soubesse a verdade. Aquilo acabou comigo.

- Quero que fique longe do meu filho. – Repeti baixo, minha voz saindo rasgada como eu me sentia.

- Eu não fiz nada para prejudicar o Cacá ou você, Valentina. – Explicou, muito mais calmo do que eu, atento em minhas reações, como se soubesse que eu estava em meu limite. – Pensei que você soubesse para onde ele ia.

- Pois da próxima vez, não tire suas próprias conclusões. Pergunte a mim. Aliás, nem pergunte nada. Simplesmente esqueça que ele existe!

- Não acha que está exagerando?

- Exagerando? – Repeti, arquejando. - Cacá tem só 14 anos e, antes de levá-lo para suas loucuras, eu gostaria de ser consultada. Não podia ter tirado meu filho daqui sem a minha permissão!

- Não o levei para nenhuma loucura.

- Uma corrida besta de moto não é loucura? – Acusei diante da sua calma.

- Não corri com Cacá na garupa. Fui e voltei com ele dentro dos limites de velocidade. E só o deixei ir junto por que ele nos disse que você sabia.

- Ele disse isso? – Fiquei revoltada com aquela mentira.

- Por que não vai para casa e conversa com ele, quando se acalmar? Essa idade é assim mesmo, ele vai ver que errou e pedir desculpas.

- Como se você entendesse muito de adolescente! Teve filhos? Sabe o que é mudar sua vida toda em função deles, se matar para dar o melhor e no final receber isso em troca?

- Valentina ...

- Não venha com essa conversa mole, Micael! – Perdi as estribeiras de vez, sufocada pela raiva, mas principalmente pela decepção, pelo medo de que ele ocupasse meu lugar na vida de Cacá, que ao final meu filho me deixasse por ele. – Você sempre foi um péssimo exemplo! Toma cerveja às segundas-feiras! Fuma como um condenado! Já fez um monte de merda! Fique longe do Cacá, por que senão eu ...

Parei quando o vi virar as costas e subir os degraus da varanda, simplesmente me ignorando e me deixando falar sozinha. Abriu a porta e entrou. Foi aí que me descontrolei de vez. A raiva me dominou e não parei para pensar, tremendo, possessa, seguindo-o, invadindo sua cozinha completamente descontrolada, continuando de onde eu tinha parado:

- Estou falando muito sério e não adianta você fugir!

A cozinha estava abafada e meio na penumbra com a janela fechada. Micah parou na entrada do corredor e se virou para mim, de cara feia. Continuei parada lá no meio e apontei o dedo para ele, ameaçadoramente:

- Se chegar perto do meu filho de novo eu não respondo por mim, está ouvindo? É melhor esquecer que ele existe ou eu ...

- Ou você o que? – Finalmente eu o irritei, pois deu dois passos à frente e me surpreendeu ao chegar perto e agarrar meu dedo, baixando-o. – Já disse para não ralar comigo.

- Ralar? – Puxei o dedo da mão dele e dei um pulo, batendo sem querer no armário ao meu lado. – Acha que isso é uma brincadeira?

- Acho que está descontrolada e sem motivo. Já expliquei, ele disse que você tinha permitido, o levei em segurança até uma estrada onde não tem trânsito, ficou ouvindo música ao lado de Joaquim enquanto eu e Pedro, infantilmente, como você mesma disse, apostávamos corrida. Depois conversamos, rimos um pouco e o trouxe de volta, inteiro, sem um arranhão, sem tomar uma gota de álcool ou um fumar um cigarro. Agora, dá para baixar a crista e parar de ser valentona?

- Já disse para não me chamar assim!

Seus olhos brilhavam, parecia perigoso e volátil como nunca vi, bem irritado.

- Então, pare de se comportar como uma!

- Você vai ver a Valentona quando eu for à polícia prestar queixa! – Falei alto e apontei o indicador novamente para ele, vermelha de raiva. – E é a última vez que aviso, você não é nada dele, então, fique longe!

Para minha surpresa, Micah avançou, agarrou meu pulso e baixou minha mão, encurralando-me contra o armário de cozinha, tão perto que fiquei sem ação, ainda mais quando fez algo que nunca julguei que faria. Espalmou minha

mão em cheio contra seu membro e disse ríspido, olhando nos meus olhos:

- Em vez de apontar esse dedo no meu rosto, por que não chupa o meu pau?

Abri os olhos e a boca, chocada, paralisada, sem ação. Mas ele não esperou, avançou decidido e fechou a mão em meu pescoço, imobilizando minha cabeça contra o armário sem me sufocar, enquanto dizia num tom rascante:

- Vou mostrar que pode dar mais utilidade a essa boca do que falar merda.

E me beijou com fúria. Literalmente atacando minha boca com seus lábios firmes e brutos, enfiando a língua em minha boca, tomando-me sem pedir permissão. Uma onda de tesão, paixão e de saudade me varreu com violência e por um momento eu só pude deixar, com meu coração acelerando loucamente e minhas pernas bambeando.

Então, me dei conta de seu pau que crescia furiosamente, que parecia me queimar, e senti o pânico me invadir, sabendo que eu queria ficar ali e já latejava por mais. Puxei a mão com força e tentei empurrá-lo, virando a cabeça para o lado, conseguindo balbuciar roucamente:

- Me solta ...

No entanto, Micah não recuou em nada e sua expressão ficou mais pesada, os olhos prenderam os meus, seus dedos se entranharam mais em minha carne, sem aliviar a pressão em meu pescoço. Vi em seus olhos que me tinha exatamente onde queria e não ia deixar isso passar.

Soltei um gemido de desespero e empurrei seus ombros, mas parecia o mesmo que tentar tirar uma montanha do lugar. Veio com tudo e pressionou o corpo no meu, tão forte que esmagou meus seios contra o peito e encaixou aquele volume todo entre minhas coxas, sua outra mão imobilizando meu braço esquerdo contra o armário, dizendo com uma voz poderosa e decidida que me assustou:

- Acha que vou te soltar? Vou te comer aqui e agora, até sair daqui mansinha, ronronando como uma gata.

- Pare! Seu ... – Lutei com a mão direita livre, tentando bater nele e empurrá-lo, me sacudindo toda em busca de espaço, completamente apavorada por estar presa, mas principalmente pelo desejo avassalador que me invadia, que me deixava morta de medo de sucumbir.

- Isso, se esfregue mais no meu pau, me arranhe com suas garras. Adoro mulher fogosa. Agora chega de conversa.

E nem me deu tempo para respirar, invadindo de novo minha boca com sua língua, impetuoso e gostoso, movendo os quadris contra os meus, mostrando como estava duro e grande e o que pretendia fazer com tudo aquilo. Gritei em

sua boca, mas engoliu meu grito e me beijou mais, até fazer minha cabeça girar e todo meu corpo parecer entrar em combustão.

Fiquei tonta, atacada, perdida. Ainda tentei lutar, mas eram sensações demais para dar conta e sua boca na minha era como uma droga, dopando-me, embriagando-me, fazendo-me rodar. Soltou bruscamente meu braço e meu pescoço, em algum ponto da mente soube que deveria aproveitar a parca liberdade e lutar, mas meus membros pareciam pesados, sem forças. E foi rápido demais. Em segundos segurava a frente da minha camisa e puxava, fazendo os botões voarem.

- Me beije, porra ... – Grunhiu em minha boca, sem parar de esfregar aquele pau imenso em mim, suas coxas imobilizando as minhas, seus dedos já firmes nas alças do sutiã, descendo-os de uma vez só até meus cotovelos, prendendo meus braços contra o corpo e deixando meus seios nus.

- Não ... – Assustada, ainda me debati, mas suas mãos subiram e seguraram firmemente meu rosto, pressionando-me toda contra o armário, seu peito contra meus seios, os botões de sua camisa marcando a pele, enquanto beijava minha boca com paixão, tão gostoso que eu não aguentei e correspondi, gemi e movi minha língua contra a dele, em uma necessidade de quinze anos.

Quase chorei com as emoções violentas que me invadiram. Micah tomava tudo, sua boca devorando a minha, seus lábios contra os meus, a língua fazendo sua mágica, invadindo, lambendo, envolvendo, tudo tão intenso e gostoso que eu me vi buscando-o com uma fome enlouquecida, minhas mãos subindo sem que eu me desse conta e agarrando seus quadris sobre o jeans, puxando-o para mim, gemendo mais ao subir as mãos sob a camisa e sentir sua pele quente, os músculos duros, minhas unhas buscando-o, deslizando em suas costas.

Eu precisava dele. Era como renascer, sobreviver após acordar de um coma, saber que estava viva e pulsante, que emoções amortecidas sempre estiveram lá, só esperando por ele para me invadirem. Beije-o com loucura, apaixonada, vibrando, delirando de saudade, de sentimentos que pareciam me devorar por inteira.

Micah era ávido, faminto, tomando minha boca com tudo, beijando-me com tanta paixão que eu me quebrei em mil e cada pedacinho meu foi dele, sem dúvidas, sem meios de escapar. Fui invadida por seus lábios, seu gosto, sua língua e me entreguei estalando de desejo, de todos aqueles sentimentos que nunca outro homem despertou em mim.

E quando viu que eu delirava, completamente entregue, ele desceu a boca e mordeu meu queixo, suas mãos se fechando em meus seios, acariciando-os, apertando-os, fazendo-me rodar em desespero, segurando-me nele entontecida,

meu corpo em chamas, o ventre se retorcendo em espasmos, minha vagina latejando e se molhando toda contra a calcinha enquanto roçava o pau bem sobre ela, contra a roupa.

Meus gemidos ecoaram na cozinha e viraram lamentos de puro tesão quando agarrou meus mamilos e os beliscou, sua boca descendo mais, até que metia um dos mamilos na boca e o sugava forte e firme, mamando em um e torturando o outro entre o polegar e o indicador. Minhas pernas quase cederam e gritei entrecortada com aquele ataque e com o prazer absoluto, mas Micah queria mais e me enlouqueceu de vez ao escorregar a mão para baixo e abrir o botão do meu short.

- Micah ... – Murmurei em agonia e êxtase, sem saber o que eu queria dizer, sem condições de impedi-lo mais de nada.

- O que você quer? – Soltou o mamilo molhado e bicudo e ergueu os olhos ardentes e duros para os meus, ao mesmo tempo que descia o zíper do meu short e o puxava para baixo sem vacilar. Arregalei os olhos quando ele caiu aos meus pés e mais ainda quando Micah agarrou minha calcinha e a baixou de uma vez até o meio das coxas, sua mão voltando em cheio entre elas e se espalmando em minha boceta. – Isso?

- Ah ... – Perdi completamente a razão quando me acariciou e abriu meus lábios inchados e melados, enfiando sem dó dois dedos bem fundo, gemendo rouco, já voltando a abocanhar meu mamilo e chupar com força, parecendo estar em todo lugar, penetrando-me duramente com os dedos, sugando um mamilo e beliscando o outro. – ah, meu Deus ...

Agarrei seus cabelos e abri mais as pernas, sem querer que me soltasse, deixando que fizesse tudo comigo e me devorasse com vontade. Choraminguei sem notar, alucinada, dopada demais para poder impedir qualquer coisa. Eu nem pensava mais, só precisava de algum alívio para aquele tesão desesperado!

Micah também não tinha intenção de me deixar escapar. Socava os dedos na minha vagina que estava quente e melada, mordida meu mamilo e me deixava pronta e ansiosa para ele, sabendo bem qual seria a sensação de tê-lo dentro de mim, enchendo-me, preenchendo cada fibra do meu ser, tornando-me mulher. E eu queria muito, eu desejei aquilo mais do que respirar, precisei mais do que sobreviver. Era uma necessidade premente, atrasada, que mantive quieta dentro de mim e agora crescia, cobrava seu tostão, tomava-me por inteiro.

Eu me sacudi e o agarrei, senti seus cabelos cheios em minhas mãos, me dei conta que o segurava firme para que nunca mais me deixasse, nunca parasse de ser meu, para que cada momento da minha vida ele estivesse ali, como sonhei desde a primeira vez que o vi. Meus olhos inundaram-se de lágrimas, mesmo fechados, de saudade e emoção, de sensações que nem eu conseguia explicar, só

sentir. E tudo mais intenso e vívido pelo tesão estonteante que quase me fazia entrar em erupção, sentidos e emoções extravasados em seu auge.

Palpitei contra seus dedos, a ponto de gozar e foi então que Micah parou com eles bem enterrados dentro de mim e soltou o mamilo, erguendo-se, seus olhos quentes e endurecidos nos meus, sua voz saindo mais grossa do que o habitual:

- A cada maldito segundo que estive com você, desde que cheguei na cidade, eu imaginei como seria essa bocetinha, Valentina. E é ainda mais gostosa e molhada do que pensei. Agora quero a sua boca. Chupe o meu pau.

Eu o olhei, alucinada, desamparada, perdida e chocada pelo tesão que suas palavras despertaram em mim. Micah não estava para brincadeiras e puxou os dedos para fora, levando-os até o rosto e cheirando-os sem tirar os olhos dos meus. Eu nem respirei, meu coração batendo tão forte que eu o ouvia, surpresa e palpitando sem controle quando o vi lambe os dedos, sugando minha lubrificação sobre eles.

- Deliciosa. Depois que chupar o meu pau e engolir a minha porra, vou fazer você gozar com a minha língua.

Eu quis dizer que não, quis ter forças para lembrar por que devia evitá-lo, mas estava cega, surda e muda para o mundo. Só conseguia ouvir a sua voz cheia de luxúria e autoridade e olhar sem me mexer quando baixou as mãos e abriu rapidamente a calça. Não usava cueca e, quando o jeans caiu em seus joelhos, eu olhei abismada para seu pau grande e grosso, coroadado de veias e com aquele anel do piercing atravessando a glândula, bem na ponta.

Micah não esperou nem se fez de rogado. Estava excitado, com pressa, feroso. Tirou rapidamente a camisa pela cabeça e a jogou longe, mostrando para mim seu corpo perfeito, longo, musculoso, com a pele morena cheia de tatuagens. Vi cada uma de perto, assim como gravei cada pedaço dele na mente, muito mais homem agora, ainda mais lindo e viril, mas meu olhar não se desviava daquele pau imenso com aquele piercing, enquanto eu abria os lábios e salivava, com minhas pernas bambas.

- Você está doida para me chupar. – Não era uma pergunta, mas uma afirmação quente e dura, com um pingote de cinismo. – Vem, não vou te fazer esperar mais, Valentina.

Agarrou meu cabelo na nuca e me puxou para baixo, sem mais conversa. Surpresa, chocada, sem poder acreditar no que eu estava prestes a fazer, caí de joelhos no chão com minha calcinha ainda embolada nas coxas, os seios expostos, o corpo todo ardendo de lascívia, minha vagina soltando sucos que escorriam para a virilha.

Arregalei os olhos quando vi aquele pau diante do rosto, tão perto, tão

grande, tão assustador e lindo, que me fez estremecer de tesão e abrir os lábios já ansiosos. Micah agarrou meu cabelo na nuca sem delicadeza com uma das mãos, a outra ele espalmou no armário, firmando os pés no chão, puxando-me para si.

Segurei suas coxas musculosas, senti os pelos contra as palmas e não fechei os olhos quando senti o anel frio tocar meus lábios e então a glândula extraordinariamente quente em contraste invadir a minha boca. Gemi e salivei quando o pau me penetrou fundo, até a garganta, sem dó. Lutei para respirar e não me engasgar com tudo aquilo, mas a fome já era maior e eu já fechava os lábios sobre sua carne e chupava com vontade.

- Porra, que boca gostosa! – Estremeceu, seus dedos firmes em meu cabelo, seu quadril se movendo ao me foder fundo, metendo sem dó.

Não foi delicado. Violou minha boca e me fez engoli-lo até que eu babava e o melava todo, eu enlouquecia com aquele piercing frio e duro deslizando em minha língua e sua carne grossa e latejante enchendo-me toda, perdendo qualquer resquício de lucidez que ainda tivesse e movendo minha cabeça para acompanhar seus movimentos, comendo-o com uma voracidade que fazia cada parte de mim incendiar e minha vagina ter espasmos sozinha, cada vez mais cheia de líquidos que jorravam de dentro de mim.

Foi quente e sujo, pecaminoso e proibido, delicioso e enlouquecedor. Agarrei seus quadris, cravei as unhas nele e movi minha boca para frente e para trás por todo comprimento do seu pau gostoso e duro demais, mamando firme, saboreando o líquido lubrificante salgado e viciante que soltava, indo até a ponta e lambendo aquele anel na glândula que era um afrodisíaco a mais, só para mergulhar a boca de novo e chupar com todo meu tesão, ficando louca e o deixando louco também.

- Puta que pariu ... – Micah rosnou, sem parar de me foder com tudo, segurando-se com as pernas bem abertas e plantadas no chão e com a mão firme contra o armário, seus dedos emaranhados em meus cabelos, como se nunca fosse me deixar escapar. – Assim não dá para aguentar, não com essa boquinha mamando desse jeito. Vou gozar e você vai engolir tudo, Valentina, cada gota.

Estremeci, faminta, indo mais rápido, perdendo o ar quando o suguei quase todo e escorregou garganta abaixo. Puxei e voltei, aumentei a pressão sem técnica, só paixão e desejo, só uma vontade louca de ter sua carne e seu gosto, de ter tudo dele, como uma compulsão, um vício, uma insanidade.

E então ele me deu mais, segurando firme minha cabeça com as duas mãos e metendo até esporrar quente e grosso na minha língua, no céu da boca, em toda parte. Gemeu rouco, soltou um palavrão, e eu o suguei e me delicieei com sua porra cremosa, engolindo tudo, sugando sofregamente, tirando mais e mais daquele esperma amargo e assim mesmo maravilhada de como era gostoso.

Eu o ordenei com a boca, até que Micah estremecia e respirava pesadamente, fora de si, sem nada mais para me dar, mas ainda incrivelmente duro.

Eu ainda estava faminta e minha vontade era passar o dia ali, chupando-o até gozar de novo, até me banhar e alimentar, até eu achar que tinha o suficiente dele. Queria mais, por isso continuei a chupá-lo e lambê-lo, excitada, a ponto de ter um orgasmo só assim. Mas Micah tinha outros planos e me agarrou e puxou para cima, jogando-me contra o armário, dizendo bruto, um tanto arquejante:

- Então essa é você, Valentina? Embaixo de tanto controle e raiva, é uma putinha que adora chupar um pau e engolir uma porra. Aposto que gosta de outras sacanagens, bem sujas, de tomar no cuzinho, de apanhar na bunda e na cara. Por que não diz pra mim?

Eu arregalei os olhos, chocada com suas pornografias, mas ao mesmo tempo incrivelmente excitada ao imaginá-lo fazendo tudo aquilo comigo. Mas nem tive tempo de pensar, pois Micah já caía de joelhos à minha frente e abria minha boceta com as duas mãos, sua boca atacando-me sem demora, fazendo-me gritar e quase cair quando abocanhou em cheio meu clitóris e chupou forte, firme.

- Ai ... – Se não fosse o armário em que estava escorada, minhas pernas não me sustentariam. Mesmo assim, tive que me agarrar em seus cabelos e soltei um grito estrangulado de puro deleite e loucura, alucinada com o calor que se concentrou onde ele sugava e se espalhou por meu corpo todo, junto com tremores incontrolláveis.

Sem poder me conter, movi o quadril para frente e me abri mais, oferecendo-me a ele desavergonhadamente, apenas querendo um alívio para aquele prazer arrebatador, para aquela pressão que se acumulava dentro de mim a ponto de explodir, segurando sua cabeça e esfregando minha vagina em sua boca em lamentos entrecortados e agonizantes.

Sua língua desceu bem no meio dos lábios vaginais e me lambeu, indo e vindo, sugando meu mel, enfiando-a em mim, deixando-me tão louca e ardida que estalei. Minhas pernas quase cederam, um grito travou minha garganta quando o orgasmo me fulminou, de repente, vorazmente. Estremeci da cabeça aos pés e choraminguei fora de mim, latejando em sua boca que não parava de chupar e lambe, que parecia saber exatamente o que fazer para me quebrar uma, duas, três, várias vezes.

Gozei e gozei, ondulando, palpitando, sacudindo-me em espasmos, gemendo sem nem me dar conta de todo o resto, era só eu ali, arrebatada, e aquele homem me devorando e me mostrando prazeres nunca antes imaginados e só provados uma vez na vida, com ele mesmo.

Então soltei seus cabelos e agarrei os puxadores do armário em que me

escorei, sem forças, quase escorregando para baixo. Micah ainda manteve-me aberta com seus polegares, sua língua agora mais macia e lenta, suavemente dentro de mim, sua boca me sugando devagar. Restos de tremores me sacudiram e busquei o ar com a boca aberta, rendida, perdida ainda em todas aquelas sensações.

- Que boceta deliciosa ... – Murmurou rouco, só então se levantando, descabelado e lambendo os lábios, saboreando meu gosto, seus olhos se fixando na minha vagina exposta, no meu estado de quase completa nudez com as roupas emboladas, percorrendo meu corpo até os seios, onde os admirou e soltou com cara de tarado: - Porra, como você é linda!

Suas mãos deslizaram dos meus quadris para cima, fazendo o contorno da minha cintura e me senti, por um momento, devassada e realmente bonita, feminina, mulher. Uma incipiente vergonha, uma insegurança antiga, fizeram menção de romper minha mente abalada e ainda nublada pelo prazer, mas me distraí olhando para ele, para sua beleza agressivamente máscula, para aquele pau que eu ainda podia sentir na minha boca.

Micah veio ainda mais perto, seus olhos subindo para hipnotizar os meus, as mãos se fechando em meus seios, com os polegares roçando deliciosamente os mamilos intumescidos. Ofeguei, desvairada, ébria de desejo, perplexa pelo modo como me dominava sem nenhum esforço. Senti-me cercada por ele, por seu corpo alto que quase encostava o meu e seu cheiro que invadia minhas narinas. Esperei, cativa, o que faria comigo, completamente entregue, minha mente embotada, meu coração batendo tão alto que me deixava surda para o resto do mundo.

Parou tão próximo que sua boca quase tocava a minha, aberta e expectante. Uma torrente de paixão e de saudade, um latejar inconstante de necessidade, fizeram-me apenas esperar, almejar, quase suplicar para que avançasse mais, para que fizesse tudo o que quisesse comigo. Eu tremia com as carícias lentas e narcotizantes em meus seios, minha vagina ainda latejava pelo orgasmo e eu não podia tirar meus olhos dos dele, completamente vencida e entregue.

- Eu sinto como se conhecesse seu gosto, seu cheiro, sua boca.

Eu tinha esperado que falasse outra sacanagem, que me encurralasse ainda mais e me penetrasse ali mesmo, não aquelas palavras baixas, como se, mesmo em meio ao tesão, ele tivesse sentido algo diferente. E não era a primeira vez que acontecia isso, o que só me deixou ainda mais alerta. Deu um passo à frente, descendo o olhar até minha boca, como se fosse me beijar, comprovar que já tinha feito aquilo antes.

Mas o significado de tudo penetrou minha consciência entorpecida de

paixão e uma pontada de razão, do que ele falou, fez um arrepio de medo percorrer minha coluna. Fiquei estática, ainda sem poder reagir, tudo forte demais, meu corpo abalado e sendo tocado por ele. E então a consciência veio mais forte e o medo cresceu, eu entendi o risco que estava correndo. A realidade veio e com ela o entendimento da loucura que eu estava cometendo.

Arregalei os olhos, dei-me conta do nosso estado, de que eu tinha feito sexo oral nele e deixado que fizesse comigo e que estava ali, pronta para fazer muito mais, como uma mulher sem escrúpulos, sem razão, sem moral. O medo virou pavor e vi que eu estava caindo no mesmo erro de quinze anos atrás, deixando Micah chegar e me seduzir, me arrebatando, para então destruir a minha vida. Olhei-o sem acreditar como pude me dar tão fácil, mas ainda ligada a ele demais, entendendo bem o porquê. Eu nunca o tinha esquecido. E aquela atração cobrava o seu preço.

Não sei onde arranjei forças, não no estado em que eu ainda me encontrava, mas consegui empurrar as mãos dele de mim e me esgueirei para longe daquele armário, me abaixando rapidamente para erguer o short e não tropeçar, subindo-o de qualquer jeito junto com a calcinha, muito nervosa e tremendo.

- Ainda não terminamos, Valentina. – Micah segurou o meu braço, mas o puxei e consegui me afastar mais, ajeitando as roupas às pressas, desviando os olhos para não cair em tentação de novo e não deixar que me fizesse mudar de ideia.

Ao mesmo tempo, tive medo que ele desconfiasse que suas palavras me assustaram e aquilo o deixasse mais desconfiado. Muita coisa fez minha cabeça girar e, em meio a tudo, só naquele momento me dei algo que deveria ter me impedido desde o início.

Micah tinha saído de dentro das calças e nem tinha me dado conta, até que o olhei de novo e o vi completamente nu. Tentei fitar só seus olhos, mas estavam intensos, duros, só me abalando ainda mais. Mesmo assim, consegui falar:

- Eu ... Eu sou noiva. Isso não devia ter acontecido.

- Já devia ter acontecido há muito tempo. Vamos terminar o que começamos.

- Não! – Afastei-me mais, consciente da loucura toda, consternada: - Elvis não merecia isso. Eu não devia ter deixado chegar tão longe.

Minhas palavras o irritaram, pois franziu o cenho, disse secamente:

- Você quis tanto quanto eu, Valentina.

- Não! – Sacudi a cabeça, angustiada. – Eu não queria!

- Negue o quanto quiser, mas você gostou. E seu corpo me mostrou o que

queria.

Saber que era verdade me arrasou e envergonhou mais.

Enchi-me de culpa e corri os dedos entre os cabelos, prendendo-os atrás da orelha, tentando tardiamente voltar a ser eu mesma.

- Isso nunca mais vai acontecer.

- É claro que vai.

Sua certeza me abalou. Andei devagar para longe, tentando convencer mais a mim mesma do que a ele:

- Sou comprometida e amo meu noivo, vou me casar com ele. Elvis é um homem íntegro e ...

- Você o ama? Tem certeza?

- Amo muito. – Menti.

- Deu para perceber. – Havia dureza em sua voz, uma irritação que o fez passar os olhos preguiçosamente sobre meu corpo, deixando-me mais nervosa ainda. Quando fitou novamente meus olhos, disse baixinho, como se exigisse algo de mim: - Ama tanto que me deixou meter os dedos e chupar você. Gozou bem gostoso e ainda me chupou até engolir minha porra toda. Não consigo entender, Valentina.

- Não precisa entender nada. – Caminhei para longe dele com passos ainda incertos, mas fui taxativa: - Vamos esquecer isso, sei que é um sedutor, mas me tire da sua lista. Nada do que você fizer ou ... disser ... Vai me fazer trair meu noivo e transar com você.

- Você já transou. – Disse com certa frieza e o olhei, nu, sabendo que tinha razão. Tínhamos tido intimidades suficientes ali.

Nervosa, recuei até a porta, tentando reafirmar:

- Não sei o que aconteceu, mas não vai se repetir.

- Vai, sim. Muitas vezes. Agora mesmo, você quer ver?

- Não. – Meu coração disparou e não corri, mas me senti acuada como um cordeirinho prestes a ser atacada por um lobo, ou pior, de se oferecer em sacrifício. - Fique longe de mim.

Micah sorriu devagar e aquele sorriso me causou um medo maior do que tudo

- Fique longe de mim e do meu filho.

E sabendo que ficar ali só me faria parecer mais ridícula, dei-lhe as costas e marchei em direção à varanda, com as pernas bambas. Sua voz rouca me fez estremecer:

- Vamos ver até quando você resiste, Valentona. Você vai pedir e implorar por mais. E não vai demorar muito.

Não olhei para trás, nem mesmo quando disse aquele apelido que me

enfurecia.

Tive vontade de correr para longe dele, mas me forcei a andar.

Com o medo latejando dentro de mim.

Lembrei-me de uma das músicas de rock que Cacá cismava de ouvir, do AC/DC, *Back in black*, e de uma parte da letra que afirmava: “*Porque eu estou de volta. Sim, eu estou de volta*”. Micah tinha voltado e minha vida nunca mais seria a mesma. Disso eu tinha certeza.

CAPÍTULO 13

VALENTINA

Nem sei como consegui entrar em casa. Tive que me refugiar em meu quarto até me acalmar, meu corpo em chamas, desejo e vergonha me consumindo, uma ponta de desespero me fazendo cair na cama e me encolher, sem poder acreditar no que deixei Micah fazer comigo. E no que eu fiz.

Fechei os olhos, culpada e abalada, sabendo que a história se repetia, inclusive com a minha fraqueza diante dele. Estava sem ação, como que dopada, arrasada, perdida.

Como pude chegar a esse ponto ...? – Murmurei para mim mesma, sem poder ignorar minha pele marcada a ferro e fogo por ele, minha vagina ainda com a sensação da sua língua e dos seus dedos, o gozo recente demais para esquecer, minha boca muito consciente do gosto de seu esperma, deixando-me mais do que consciente de tudo.

Eu só podia estar enlouquecendo. Era a única explicação.

Fiquei lá deitada, como morta, até me dar conta que nada apagaria o que aconteceu. Eu precisava ser forte, reagir, encarar de frente a minha fraqueza e então evitar que acontecesse de novo.

Levantei vagarosamente e fui para o banheiro, tirando a roupa e entrando sob o jato de água fria do chuveiro para aliviar meu ardor, como se pudesse assim esquecer o que tinha acontecido, mas não consegui. Quase chorei de puro desespero, mas me contive até sair de lá e me vestir, sabendo que nada me livraria da culpa e que, além de tudo, eu tinha traído Elvis. Eu, que sempre tentei ser uma pessoa honesta e direita, agora me recriminava por não ter resistido e impedido Micah de ir tão longe.

Demorei até ter calma o suficiente para enfrentar Cacá. Então, fui ao quarto dele e entrei naquela barulheira infernal de rock no último volume. Ele

estava largado em um puff preto, de banho tomado e short, jogando no Xbox com cara feia, parecendo muito concentrado na corrida de motos que passava na tela da tevê. Caminhei até o aparelho de som e o desliguei, o silêncio repentino fazendo meu ouvido zumbir. Na mesma hora, me olhou irritado e exclamou:

- Eu estava ouvindo!

Ignorei-o, mas não gostei do seu tom. Sabendo que precisava me impor de uma vez, fui até a tomada e puxei os fios da televisão e do console, desligando tudo de uma vez. Então o encarei bem séria e comecei:

- Está de castigo até segunda ordem, sem música alta, sem computador, sem jogo, sem sair de casa. Se eu souber que me desobedeceu, junto tudo isso aqui e dou para o primeiro que passar na rua.

- Não pode fazer isso! É meu!

- Posso fazer o que eu quiser enquanto for menor de idade e não aprender a me obedecer. – Não queria falar com ele naquele momento em que estava mais descontrolada por conta de Micah, mas também não podia deixar passar. Cacá tinha que me respeitar. – Você saiu daqui sem minha permissão! E ainda me enfrentou lá fora, como um ...

- Você não manda em mim! – Levantou todo nervosinho.

Fiquei revoltada, mas mesmo assim doída, pois perdia completamente o controle sobre ele e nossa relação nunca estivera tão ruim. Mas não demonstrei meu medo ou minha fragilidade, continuei olhando-o com firmeza:

- Mando. Sou sua mãe e se não me obedece por bem, vai me obedecer por mal. Ligue um desses aparelhos e vai ver se não cumpro minha promessa.

Seus olhos brilharam de raiva, mas calou-se, como se visse que eu realmente estava decidida. Senti-me mal diante de tudo, mas não vacilei. Então, ele reclamou:

- Eu prometi à minha avó que ia almoçar com ela hoje.

- Pois não vai. Vou ligar para ela e avisar que durante a semana você só sai de casa para ir para a escola. Estamos entendidos?

Ficou em um silêncio cheio de afronta.

- Espero que tenha compreendido, Cacá. Você já testou demais minha paciência por hoje. – E extremamente cansada, dei uma última olhada para ele e saí pisando duro do quarto.

Foi um dia terrível. Preparei algo para almoçarmos, mas comi sozinha. Cacá não desceu, como se sua greve de fome fosse me fazer mudar de ideia.

Ocupei-me da limpeza da casa para me distrair e me acalmar, sem sucesso, tudo rodando sem trégua em minha mente, perturbando-me demais. No

final da tarde, passei pelo quarto dele e espiei, mas estava ferrado no sono, deitado em sua cama.

Olhei-o da porta, comprido e magro, com seu rosto infantil e seu corpo que ganhava contornos de homem, o cabelo caindo bagunçado na testa. Fui envolvida por um amor tão pungente que lágrimas vieram aos meus olhos e não pude evitar. Eu não queria perder meu filho. Rebelde ou não, era ainda meu menino, o centro da minha existência, aquele por quem eu daria a vida se fosse possível. Como eu podia senti-lo se afastar tanto, se o amava mais do que tudo? Como podia fazer tudo tão errado?

Apenas me arrastei para continuar meus afazeres e tentar seguir em frente da melhor maneira possível.

Liguei para minha mãe e inventei uma desculpa por não termos ido em sua casa. Ela reclamou, disse que eu devia ter avisado antes, mas acabou se conformando.

Mais tarde vi que Cacá havia comido e depois que estava sentado na varanda, parecendo estudar. Quando me viu, ignorou-me, guardou o livro embaixo do braço e foi para seu quarto. Ia fazer jogo duro, tentar me causar culpa, mas eu sabia que ele precisava de uma dura e entender o que tinha feito. No final das contas, só conseguia lembrar dele me enfrentando e obedecendo Micah. E aquilo acabava comigo.

Tentei não espiar a casa vizinha, mas reparei que estava tudo aberto lá. Fiquei lembrando as palavras de Micah de que nos envolveríamos novamente e soube que precisava impedir isso de qualquer jeito. Ao mesmo tempo, pensei que logo Elvis estaria ali, todo animado para me ver, deixando-me ainda mais culpada. Foi então que tive uma ideia.

Eu queria só paz naquela noite e estava com dor de cabeça. Mas preparei uma macarronada de forno com queijo que sabia que Elvis adorava e pus uma garrafa de vinho para gelar. Levei uma mesa desmontável para o quintal e a montei lá, cobrindo-a com uma toalha branca e deixando duas cadeiras.

Avisei a Cacá que o jantar estava pronto, mas ele fingiu não ouvir. Suspirei e voltei ao meu quarto, buscando uma roupa mais sensual. Não tinha quase nada, mas achei um vestido um pouco mais justo e curto, deixei os cabelos com cachos soltos, passei batom. Olhei-me no espelho e, embora me preparasse para meu noivo, só conseguia pensar em Micah.

Eu me sentia diferente e, mesmo tentando me dedicar às pequenas coisas rotineiras, estava bem consciente das sutilezas do meu corpo e do despertar da minha sexualidade. O roçar da lingerie nos mamilos quando eu me movimentava e da calcinha nos lábios vaginais, tudo parecia mais íntimo e excitante, diferente, provocante. Nunca fiquei tão consciente de mim mesma, mas lutei contra aquilo.

Quando Elvis chegou, todo arrumadinho em sua calça vincada e camisa passada, sorrindo ao me ver, senti-me tão culpada que quase me entreguei e pedi desculpas. Mas abri a porta, me forçando a fingir que estava tudo bem, sorrindo para ele.

Olhou-me de cima abaixo, surpreso, seus olhos brilhando.

- Você está linda, Valentina. Linda mesmo.

- Obrigada. Entre.

- Vamos sair? – Indagou, reparando em minha roupa e maquiagem, pois em geral eu o esperava bem informal, sem me preocupar muito com aparência.

- Não. Preparei um jantar especial pra gente.

- Que maravilha!

Apesar do meu estado de total perturbação, eu tentei compensar minha culpa tratando-o bem. Enquanto Elvis falava da sua semana, eu o chamei para os fundos da casa, onde tinha preparado tudo. Como morava sozinho e não tinha muitos amigos, sempre gostava de conversar quando vinha me ver e deixei que o fizesse, respondendo com monossílabos só para disfarçar e não ficar muda.

Saímos ao jardim dos fundos e ele olhou para a mesa ali, sob a luz.

- Vamos jantar aqui fora?

- Sim, está uma noite linda.

Eu me forcei a não olhar para a casa vizinha, toda aberta e iluminada, embora quisesse que Micah estivesse nos vendo. Ele ia saber que eu e meu noivo nos dávamos bem e nos amávamos. E que devia se manter longe de mim. Que o que fizemos naqueles degraus nunca mais ia se repetir.

- Mas, Valentina, aqui fora estaremos sujeitos a poeiras, mais bactérias, além de insetos que podem pousar na nossa comida. – Olhou-me, meio nervoso. – Não acha melhor ...

- Pare com isso, Elvis. Está tudo limpo. Sente aí, vou pegar um vinho pra gente.

Incomodado, foi todo duro até a mesa, espiando tudo em busca de sujeira ou algum bichinho inconveniente. Suspirei e entrei em casa. Liguei o som na cozinha e pus uma música clássica de *Bach*, *Air*, para tocar. Então, retornei com a macarronada e o vinho.

Elvis acabou se acomodando na cadeira, enquanto eu nos servia. Não relaxou totalmente, mas elogiou a música e então começou sua longa explanação sobre a semana na escola e seu dia-a-dia. Eu me esforcei para prestar atenção, mas olhava de rabo de olho sobre a cerca a todo momento, mirando disfarçadamente a porta da cozinha da casa vizinha.

Tínhamos começado a comer quando vi Micah surgir lá, apenas com um short preto, parando sob o limiar da porta. Na mesma hora fingi prestar atenção

no que Elvis dizia, mas eu não entendia uma palavra, meu coração disparando loucamente, todo meu corpo e minha atenção abalados. Senti seu olhar sobre mim e, forçando-me a provar a ele que eu só queria saber do meu noivo, peguei o guardanapo sobre a mesa e me inclinei sobre Elvis, limpando suavemente o canto de sua boca.

Ele parou de falar e me olhou surpreso. Expliquei rapidamente:

- Tinha uma sujeirinha aqui.

- Aqui? Na minha boca? – Desesperou-se, tirou o guardanapo da minha mão e esfregou com mais força. – Saiu? Vou lavar.

- Não, calma. – Segurei seu braço, impedindo que levantasse, exasperada por que nem sabia perceber um gesto sensual. Mas forcei um sorriso, para que Micah visse aquilo. E acariciei seu braço. – Já está tudo bem, querido.

Elvis me olhou, curioso.

- Querido? Valentina, você está bem?

- Claro. Por quê?

- Está esquisita hoje. Tudo isso e ... – Calou-se e corou um pouco, ficando animado. – Sentiu saudade?

- Sim. Você é meu noivo. Sinto sua falta, como deve ser.

Meu sorriso parecia congelado no rosto e me senti mal por mentir, mas me forcei a continuar. Era por uma boa causa.

Olhei de rabo de olho para o lado. Micah não estava mais na porta. Meio decepcionada, tomei um gole do vinho e voltei a comer, enquanto Elvis sorria satisfeito e fazia o mesmo. Tornou a falar sem parar, enquanto minha mente divagava.

Eu não queria, mas estava totalmente concentrada no outro lado da cerca, pensando em Micah, lembrando o modo como nos agarramos e beijamos, como foi ser preenchida por seus dedos, tê-lo em minha boca, gozar na sua língua, tudo. Meu corpo reagia e eu ficava em uma luta inglória comigo mesma, decidida a retomar minha vida e afastá-lo de vez dela. Era um risco para mim e para Cacá

De repente, um rock estridente explodiu na casa dele, tão alto e barulhento que foi impossível ouvir a música clássica que eu tinha colocado para tocar. Tanto eu quanto Elvis olhamos surpresos para a casa de Micah e ele apareceu no quintal, com uma bandagem preta nas mãos, caminhando até o saco de boxe que havia deixado pendurado na árvore, próxima à cerca. Percebeu que tinha nossa atenção. Sorriu e acenou:

- Espero que a música não esteja atrapalhando o jantar do casalzinho. Preciso de agitação para treinar. – Seu olhar fixou-se no meu, atrevido, e então foi a Elvis. – Curte um rock, Elvis? Com o nome do Rei, deve ser um roqueiro

de primeira.

- Não, não ... – Elvis fez uma careta. – Muita gritaria para meu gosto. Nossa, isso é música?

- *System Of A Down*, uma das melhores bandas atuais. Essa música então é maravilhosa, chama-se *Chop Suey!* – Debruçou-se na cerca, sem se importar se nos incomodava, na maior cara de pau.

Eu estava dura na cadeira, tentando ignorá-lo, fingindo que me concentrava em meu vinho.

- Ah, sim ... Maravilhosa. – Elvis lançou-me um olhar, cheio de significado, sendo educado. – Mas realmente, prefiro uma música clássica.

- Entendi, você gosta das coisas mais tradicionais, não é, companheiro? – A voz de Micah chegava até mim e havia uma ponta de cinismo dela.

- Na verdade, sim. Quero dizer, acho que sim.

- Acha? Bom, então deve estar feliz com Valentina.

Na mesma hora eu o olhei e encontrei seu olhar direto, fixo, brilhante. Continuou:

- Eu a conheço desde a época de escola e devo concordar que mulher mais tradicional e certinha não há. Fez uma boa escolha. – Lentamente, ergueu a mão direita até a boca e, como quem não quer nada, cheirou os dedos, encostando-os nos lábios, uma expressão safada no rosto. Na hora eu senti meu rosto pegar fogo, lembrando que tinha feito o mesmo ao tirar os dedos de dentro de mim. Só faltou lambê-los ali e fiquei imobilizada, meu coração acelerando, medo e excitação me deixando bem consciente daquele momento. – Uma mulher perfeita. Doce. Única. Você é um homem de sorte, Elvis.

- Sei disso. – Meu noivo sorriu, alheio ao resto, ao significado de tudo aquilo.

Eu olhei para minha taça de vinho, sem poder me mover, sem coragem de fazer outra coisa a não ser fugir do olhar dos dois.

- Não vou atrapalhar mais. – Micah finalmente disse. - Um bom jantar para vocês.

- Obrigado.

Não falei nada, embora continuasse nervosa. Tomei um grande gole do vinho. Vi que se afastou e que começava a socar com força o saco pendurado na árvore. O rock continuava no último volume. E eu, agitada, tensa, culpada, excitada.

Elvis se inclinou para frente e cochichou:

- Não dá nem pra gente conversar com uma barulheira dessas. Cara mais inconveniente esse seu vizinho.

- Vamos ignorá-lo. E a comida, está boa?

- Sim. É difícil ignorar essa gritaria, mas vamos lá. O que eu dizia mesmo? Ah, sim. Então, o diretor foi até a minha sala de aula e ...

Eu o olhava, mas não o via. Lutei para me concentrar, mas podia ouvir, em meio ao rock, as batidas secas dos socos de Micah. Elvis falou sem parar, comeu, bebeu, totalmente inocente, sem nem desconfiar como eu me sentia.

De propósito, aproximei um pouco mais minha cadeira da dele e apoiei o cotovelo na mesa e o queixo na mão, olhando-o fixamente como se só o enxergasse na minha frente, ficando quase de costas para onde Micah estava. Elvis falou mais animado com minha “atenção”, gesticulando, enquanto eu via sua boca mexer sem parar e não entendia uma palavra.

Tentei me concentrar. Disse a mim mesma que devia dar um basta naquela loucura entre mim e Micah, cortar de uma vez qualquer risco de um envolvimento maior, me convencer do perigo que ele era. E que Elvis me faria feliz. Então, me forcei a ser mais enfática e acariciei o cabelo do meu noivo, perto da orelha.

Ele se calou no meio de uma frase, arregalando os olhos para mim. Ficamos nos olhando e então sorriu, excitado.

- Estou muito surpreso e feliz com você hoje, Valentina. Nunca agiu assim. Sabia que eu não via a hora de vir para cá e ver você? – Lambeu rapidamente os lábios, seu olhar nervoso para meus seios, deixando clara a sua intenção. Sábado era dia de sexo e ele sempre chegava ansioso. Estava ainda mais por se sentir estimulado.

Tentei manter a farsa, mas minha culpa só aumentava, pois eu o estava usando, enganando. Aquela não era eu. Sentia-me mal, angustiada, mas me forçava a continuar. Eu me sentia uma traidora.

Sabia que tudo estava errado. Que nunca teria tesão com Elvis e que também não era boa para ele naquele quesito. Muitas vezes percebi sua curiosidade, seu desejo em aprender e explorar mais sua sexualidade, mas sempre o mantive contido, a um braço de distância, deixando-o me tocar o menos possível. Para então cair nos braços de outro e gozar como uma puta!

Mas precisava me proteger, me refugiar na segurança que Elvis poderia me dar, por isso continuei com a mão em seu cabelo, enquanto ele se inclinava mais para perto e dizia, ansioso:

- Cacá está em casa?

- Sim.

- Vamos para minha casa então? – Sorriu, animado. – Troquei os lençóis, deixei tudo limpinho, só nos esperando. E do jeito que está hoje, tão disposta, tenho certeza de que vai ser muito satisfatório.

- Elvis ... – Comecei, sem coragem de encará-lo. - Vamos terminar de

comer e ...

- Eu já terminei. – Seus olhos brilhavam por trás dos óculos, movendo-se nervosamente sobre mim, com certeza já cheio de expectativa. Parecia um cachorrinho doido por atenção, quase com a língua de fora. Ofegou um pouco: - Vamos, minha amada?

- Vamos. – Assumi de vez meu teatro, erguendo-me. E mesmo sabendo que Elvis não gostava muito de contato físico sem antes lavar as mãos, fui para perto dele e dei-lhe o braço quando se levantou.

- Valentina, como você está ... apressada e insinuante hoje. – Respirou fundo, sorrindo nervosamente, cheirando meu cabelo. – Já tomou banho, não é?

- Sim, Elvis.

- Está mesmo cheirosa. Mas podemos tomar outro quando chegarmos na minha casa. – Caminhamos de braços dados em direção à cozinha e lutei bravamente para não olhar na direção de Micah, como se ele nem estivesse ali.

Mantive-me firme até entrarmos e caminhamos até a sala. Elvis pulsava de expectativa, já indo em direção à porta da frente, quando parei de repente e soltei seu braço, cheia de culpa ao mentir:

- Ah, eu havia esquecido.

- O que?

- Não podemos ... Hoje não podemos fazer nada, Elvis. Estou menstruada.

A decepção se estampou no rosto dele e deu até pena.

- Não acredito ... – Murmurou. Nunca passaria pela cabeça dele transar com uma mulher menstruada, seria o cúmulo da falta de higiene. Seus ombros caíram.

Senti-me mal por usá-lo tanto, por tantas mentiras, mas eu precisava me proteger. E ao mesmo tempo, não conseguiria deixar que tivesse intimidades comigo, não com Micah enchendo meu corpo e meu pensamento com lembranças.

- Olha, mas podemos ver um filme bem legal. O que acha? – Já fui caminhando até o sofá e liguei a televisão.

- Fazer o que, não é? – Suspirou desanimado.

Pensei comigo mesma se Micah teria se convencido do meu amor e meu romantismo com Elvis. Ainda podia ouvir a música barulhenta vinda lá de fora e imaginei que continuasse lá, atento. Então lembrei quando disse que tinha me visto da casa da árvore, masturbando-me. Fiquei corada. E se estivesse de olho na minha janela?

- Já volto, Elvis. – Avisei rapidamente, me dirigindo até as escadas.

Fui para meu quarto, até a janela aberta. Quando surgiu lá, vi que Micah

ainda dava socos no saco, furiosamente, concentrado, suado. Mas na mesma hora ergueu a cabeça e me viu, parando, respirando irregularmente. Fingi ignorá-lo, embora tremesse descontrolada. E foi assim que fechei a janela, para que pensasse que havia um motivo para isso, que era transar com Elvis sem testemunhas.

Recuei, com o coração aos pulos, levando a mão ao peito, rezando para que ele acreditasse. E que me deixasse definitivamente em paz.

MICAH

Voltei a socar com força o saco, cheio de raiva, sem entender o que era aquele sentimento ruim que me consumia. Mas meus olhos estavam fixos naquela janela fechada, imaginando o que Valentina e aquele esquisito estariam fazendo na cama. Impossível que ele estivesse beijando ou chupando os mamilos de Valentina como eu havia feito. Muito menos metendo os dedos e a língua naquela bocetinha macia e molhada. Recusava-me a acreditar que Valentina estaria lá deitada, gemendo, tão entregue como esteve comigo, enquanto era fodida.

Porra, não era da minha conta! Mas desde a hora que a vi naquele ridículo jantar romântico bem no quintal, tive certeza que era só para me provocar, um joguinho infantil dela. Só que depois, nem olhou pra mim e ficou cheia de atenção e carinho com ele, como se nem notasse que eu estava ali.

Tinham entrado cheios de intimidades, deixando óbvio o que iam fazer. Transar. Logo depois de ter gozado comigo. Como se estivesse arrependida e querendo esquecer. Deixando claro que não havia significado nada.

É claro que era só um jogo dela, para me convencer. Mas mesmo assim eu estava puto, com uma raiva que não entendia. Minha vontade era de bater na porta dela e colocar aquele baixinho para correr, jogá-la na cama e mostrar o que era foder de verdade. E foi aquilo tudo que senti que me deixou mais nervoso e revoltado.

O tempo todo eu soube que ela era noiva. Não tinha direitos de sentir ciúmes e nem queria aquele sentimento, aquela sensação ruim me perturbando e afetando. O problema era que eu tinha ficado abalado ao beijá-la e tocá-la, queria mais. Incrivelmente, ela não saiu da minha cabeça, nem as sensações que despertou em mim. Passei o resto do dia imaginando o que podia ser aquilo, aquela emoção que mais parecia um *dèjà vu*, aquele sentimento estranho que me confundia, sem explicação.

Parei de socar o saco e respirei fundo, olhando de novo para a janela

fechada. E então me dei conta de que eu era solteiro e podia estar transando com outra mulher, não precisava ficar ali tomando conta do que Valentina fazia. Ela que se divertisse com Elvis, pois eu tinha mais o que fazer.

Caminhei decidido para casa e desliguei o som.

Depois de uma boa chuveirada, enfiei uma roupa, fechei a casa e saí, disposto a me divertir também.

CAPÍTULO 14

MICAH

Cheguei ao Falconetes e vi uns amigos do passado em uma mesa na calçada, bebendo e rindo. Logo acenaram para mim, animados, e fui pra lá. Pedro tinha ficado de aparecer e pagar uma rodada de cerveja, por ter perdido a corrida. Mas só devia chegar mais tarde.

Sentei com eles e me diverti. O lugar começava a encher e logo duas outras colegas de escola chegaram e vieram me cumprimentar, deixando mais do que claro a alegria em me ver. Acabei rindo, conversando, dando cantadas em uma e em outra, até que tínhamos bebido além da conta. Eu era bem resistente, mas sabia que mais um pouco e acabaria ficando tonto.

De repente, em meio à conversa e à música sertaneja do local, ouvi o som do motor de uma moto, bem barulhento, ali perto. Franzi o cenho e busquei de onde vinha, até que avistei uma moto raquítica e velha que vinha devagarinho pela rua, meio incerta. O farol estava torto, como se tivesse caído e sido colocado no lugar de qualquer jeito. Era de uma cor indefinida, tão antiga que nem dava para saber a marca, parecia ter saído de um ferro velho. O motor estourava como se desse peidos e Vaninha, uma das garotas com quem eu conversava, indagou:

- Gente, o que é isso? Uma bicicleta com motor?
- Parece que vai desmontar! – Riu um dos rapazes.
- Quem está pilotando? Nunca vi essa moto por aqui. – Disse outro.

Olhei curioso para a pessoa sobre a moto, evidentemente uma mulher. Usava calça e jaqueta colada, de couro preto e um capacete rosa vibrante, das Penélope Chamosa, que escondia seu rosto e seu cabelo. Franzi o cenho, percebendo algo de familiar nela.

Notei que não tinha muita firmeza na moto e a pilotava quase em ziguezague, como se fosse cair a qualquer momento, incerta, vindo pela rua em direção ao Falconetes. E então, sem que ninguém esperasse, ela acelerou e o motor roncou com esforço, o cano de descarga soltou explosões e uma fumaça preta. Todo mundo gritou quando a moto perdeu o controle e veio correndo e balançando na nossa direção.

- Porra! – Levantei de um pulo, agarrando o braço de Vaninha e puxando-a para longe da moto, cada um dos meus colegas se jogando para um lado, a piloto berrando mais do que todo mundo:

- Socorro!

A moto arrastou cadeiras, bateu nas mesas, causou o maior rebu e a maior confusão ao invadir o Falconetes. As pessoas gritavam, pulavam, saíam do caminho, salvavam seus copos de cerveja.

Eu entrei correndo atrás da moto, mas não havia muito o que fazer. Ela parou quando a roda da frente bateu no palco, bem no meio da pista de dança. Todo mundo parou o que fazia, assustado, felizmente ninguém ferido. Saía a maior fumaceira do cano de descarga.

- Quem é essa doida? – Gritou alguém.

Então, a motoqueira, com os pés no chão, conseguiu desligar o motor e, nervosamente, tirou o capacete. Olhou em volta, até seu olhar encontrar o meu. Na mesma hora substituiu sua expressão de pânico por uma bem sensual e sacudiu tardiamente os cabelos pintados de loiro, piscando para mim.

Tininha.

- Só podia ser ... – Resmungou outra pessoa.

- O que significa isso? Ficou maluca, Tininha? – Abigail, a dona do Falconetes, se aproximou, revoltada. – Desde quando você sabe pilotar uma moto?

- É o destino, Abigail. – Ela desmontou e, num gesto exagerado, abriu a jaqueta e mostrou uma camisa por baixo com estampa de caveira. Ficou bem de frente para mim, para que eu não deixasse de ver.

- O que o destino tem a ver com você invadir meu estabelecimento nessa ... nessa coisa feia e quase matar meus clientes de susto? – Abigail indagou, nervosa. – Poderia ter machucado alguém! Até a si mesma!

- Uma motoqueira nata, uma roqueira de coração, não deve temer o perigo. Descobri que nasci para a aventura, para conhecer o mundo em uma moto, predestinada à liberdade!

Eu sorri e cruzei os braços. Ela me lançava olhares, como a tentar me convencer do seu discurso. Abigail sacudiu a cabeça.

- Cadê a sua Bíblia?

- Infelizmente, sou uma pecadora. Tive que assumir. – Abriu os braços e reafirmou alto: - Esta sou eu! Roqueira, motoqueira, pecadora! Deus me mostrou o caminho!

- Só faltava essa ... – Resmungou Abigail e apontou para a bagunça. – Pode arrumar essa confusão, ou vou até a sua casa chamar os seus pais, está ouvindo, Tininha?

- Tá certo.

- E tire essa moto da pista de dança.

- É que ainda estou aprendendo a me equilibrar nela. – Explicou e bateu

os cílios para mim. – Você me ajuda, Micah Falcão?

- Claro, Tininha. – Eu me aproximei dela, divertido. – Ainda mais agora, que somos companheiros de estrada.

- Como assim? Ah, verdade. Moto, estrada. Perfeito! Viu como combinamos?

- Estou vendo. Impressionante o destino. – Ainda rindo, segurei a moto e a tirei do meio do salão.

As pessoas voltaram a colocar suas mesas e cadeiras no lugar, algumas rindo, outras irritadas, enquanto Tininha me seguia toda feliz com seu capacete embaixo do braço.

Deixei sua moto capenga e velha do lado de fora e indaguei:

- Onde você arrumou isso?

- Eu comprei de um moleque em Pedrosa. Pedi dinheiro ao meu pai, como presente de aniversário. Gostou?

- Adorei. – Meu sorriso se ampliou. – Mas tem carteira? Não devia aprender primeiro a pilotar antes de se machucar?

- Uma pessoa nascida para a aventura como eu não deve ter medo, deve se arriscar! Mas se você quiser me dar umas aulas, eu aceito. Depois, podemos pegar nossas motos e ganhar o mundo, fazer um dia ser diferente do outro. O que acha?

- Tentador, Tininha. – Falei seriamente, concordando com a cabeça, voltando para a mesa dos meus amigos.

- Podemos trocar altas ideias sobre isso. – Ela veio atrás de mim. – Posso ficar aqui com vocês? Tomar uma cerveja?

- Claro. Desde que volte a pé para casa.

- Combinado! – Riu, toda feliz.

No final das contas, se sentou com a gente e confessou que aquela vida de beata até que era boa, mas não para um espírito livre como ela. E tentou me convencer de que sempre foi apaixonada por motos. Quando indaguei a que mais gostava, não soube dizer a marca e apenas comentou:

- Ah, uma dessas japonesas, coreanas, chinesas, sei lá, feita por esse pessoal de olho puxadinho. Essas são as melhores!

Eu acabei rindo e me divertindo com ela. Bebi e fumei além da conta, até que estava já tonto e mais alegre do que pensei. Tininha aproveitou e começou a tentar me seduzir, chegando mais perto, falando ao pé do meu ouvido, colocando a mão em minha coxa. Em determinado momento, murmurou:

- Que tal irmos pra sua casa ouvir um rock? Adoro aquele grupo, Tumba.

- Tumba? – Mesmo meio bêbado, olhei pra ela e franzi o cenho.

Tininha fez uma careta e se corrigiu:

- Não, Tumba, não. Como é mesmo? Não é Cemitério. Mausoléu? Não. Peraí, vou lembrar ...

- Sepultura?

- Esse mesmo! Cara, adoro o grupo de rock Sepultura! Demais!

Eu dei uma gargalhada e ela me acompanhou, sua mão subindo até quase a minha virilha, lambendo os lábios, a voz sensual:

- Ouvimos uma música deles e prometo que faço até um morto renascer, Micah. Se bem que ... – Passou os dedos sobre meu pau, excitada. – Esse aqui está bem vivo. O que acha?

- Por que não? – Dei de ombros. Até que ela era divertida.

Sáímos de lá rindo, abraçados, enquanto ela tentava me convencer que era a mulher da minha vida. Estávamos na calçada, falando alto, quando vi Valentina e Elvis no portão da casa dela, se despedindo.

Não entendi o ciúme que me atacou, mesmo achando que Elvis não era ameaça para mim. Mas ela estava com ele e vendo a cara deles de sono, imaginei que deviam ter ficado juntos até aquela hora. Não conseguia entender o que ela via naquele cara e fiquei ainda mais puto por preferir ele, mesmo sendo cheio de manias e esquisito.

Valentina me viu e ficou parada, olhando fixamente para mim e Tininha, apertando os lábios com desagrado. Sorri, charmoso, acenando ao passar em frente a eles, parando e cumprimentando-os:

- Mas a farra já acabou por aqui? A noite é uma criança! Agora que a minha vai começar! Querem nos fazer companhia?

Valentina ficou muda. Elvis olhou-nos com curiosidade e respondeu:

- Parecem mesmo bem animados. Companhia para quê? O que pretendem fazer?

Eu ri alto com a inocência dele e olhei para Valentina de cima abaixo, sendo descarado:

- Vamos trepar. Mas como somos motoqueiros, roqueiros, livres, sem limites, aceitamos parcerias. Não é, Tininha?

- Bom, depois pode até ser. – Olhou meio na dúvida para Elvis, de cima abaixo.

Ele ficou vermelho e ergueu as mãos.

- Não, não contem comigo. Nem com Valentina. Somos pessoas de respeito.

- Você é de respeito, Valentona? – Encarei-a e parecia toda dura. Devolveu-me o olhar, irritada.

- Muito mais do que você imagina. E meu nome é Valentina. – Retrucou. Na mesma hora virou para Elvis, ignorando-me, recuando em seu portão. –

Amanhã nos veremos. Preciso entrar.

- Bom, nós também. Temos muito o que fazer, não é, Tininha? – Acenei para eles e Tininha riu, animada.

- Não vejo a hora de começar, meu Falcão!

Continuamos abraçados ao entrarmos no terreno da minha casa. Ouvi o portão de Valentina bater e gostei, por que ela parecia estar com raiva. Podia jurar ter visto ciúmes e arrependimento no seu olhar. E não ia me surpreender se a visse me espionando

- Ai, nem acredito! – Tininha disse empolgada, quando chegamos diante dos degraus, agarrando minha mão e praticamente correndo na frente para a varanda, puxando-me.

- Calma aí! – Parei com um pé no primeiro degrau, meio desestabilizado pela bebida em excesso. Quando tudo deixou de rodar, soltei a mão dela e comecei a abrir os botões da minha camisa. Expliquei: - Eu tenho um lema.

- Qual é? – Lambeu os lábios, excitada.

- Gosto de entrar em casa pelado. Tudo pela liberdade!

Ela arregalou os olhos quando larguei a camisa no chão e chutei os tênis, já levando as mãos ao botão da calça.

- Adorei esse lema! Tudo pela liberdade! Nossa mãe, que tatuagens são essas? Tão lindas! Tem mais aí de baixo?

- Tenho uma surpresinha aqui que você vai gostar. – Falei alto, sendo espalhafatoso de propósito. Olhei sob os ombros para a janela do quarto de Valentina, que estava aberta. Não havia sinal dela ali, mas podia estar escondida. Sorri, abrindo o zíper meio distraído.

- Que surpresinha?

Tirei a calça e não usava cueca, como sempre. Tininha, que estava no último degrau, viu o meu piercing e soltou um grito, enquanto eu largava a calça no chão, completamente nu. No susto, cambaleou e escorregou, despencando toda desengonçada. Eu a agarrei e subi, segurando-a firme contra o peito.

- Ai, meu Deus! Vou morrer! Obrigada, Senhor! – Louvou, feliz da vida, abraçando-me, enchendo-me de beijo no pescoço. – Lindo, gostoso e com enfeite!

Dei uma gargalhada e entrei com ela em casa, chutando a porta atrás de mim. O resto podia ficar para a imaginação de Valentina, se ela estivesse espiando. E eu apostava que sim.

- Hoje vou me acabar! – Tininha exclamou quando a soltei, passando as mãos sobre mim desesperadamente, em meu peito, descendo ansiosa, seus olhos arregalados no meu pau, repetindo sem parar: - Obrigada, Senhor! Uh, meu Deus, eu sou uma sortuda filha da puta!

E quando já ia em cheio para agarrar meu pau com as duas mãos, eu segurei seus pulsos. Ergueu os olhos e encontrou os meus.

- O que foi, meu Falcão?

- Escute, Tininha. – Fiquei sério e suspirei. – Não é uma boa ideia.

- O que?! Claro que é! Uma ótima ideia!

- Não é, não. Gosto de você. Mas não to a fim de transar. Acho que devemos ser só amigos.

- Só pode estar de sacanagem! – Olhou desesperada para meu pau, suplicando: - Eu quero! Eu preciso desse “balagandã”! Eu mereço esse presente, Micah!

Não queria me aproveitar dela. Na verdade, nem queria transar, não sentia tesão. Era mais como uma amiga, no fundo uma menina sem noção e ingênua, meio maluquinha. Suspirei e a levei até o sofá, fazendo-a se sentar e ordenando:

- Fique aí.

- Mas ... Vai me deixar provar? Só um pouquinho?

- Espere, Tininha.

Saí pelado até a varanda e catei minha roupa do chão. Vi a cortina do quarto de Valentina se mexer e jurei que havia um vulto ali, mas não me demorei. Entrei e bati a porta. Só então vesti minhas calças e Tininha caiu de joelhos no chão, desesperada:

- Não faz isso comigo! É um pecado me deixar ver e não me deixar pegar e nem provar! Você vai pro inferno se não fizer essa caridade!

- Tininha, pare com isso. Sente aí.

Olhou decepcionada para a calça que me cobria e, desolada, sentou no sofá. Fiquei com pena e me aproximei, sentando ao lado dela.

- Você é muito legal, Tininha. Mas acho que devemos ser só amigos.

- Não entendo ... – Fitou-me, confusa. – Virei motoqueira por você! Mudei minha vida, por que disse que gostava de mulher assim. Escutei aquelas músicas infernais até ficar com dor de cabeça, só para virar roqueira! Tive que ir lá em Pedrosa comprar essa camisa de caveira e a moto. Até desconfio que é roubada, o garoto que vendeu é lá do Sovaco de Cobra e ela não tem placa.

- Comprou uma moto roubada? – Olhei-a na hora.

- Eu só desconfio. Mas o que eu ia fazer, se só tinha setecentos Reais? Me arrisquei por você, Micah! Posso ser presa por sua causa! Quase morri invadindo o Falconetes! Para quê? Para ser desprezada? – Lágrimas pularam dos seus olhos.

- Tininha, não precisava de nada disso.

- Como não? Você é o homem da minha vida! Agora eu tenho mais

certeza ainda, depois que vi essa joia rara em seu pau! Mãe Menininha da Cigana Preta disse que eu casaria com um Falcão! Só pode ser você!

Eu suspirei. Em que merda eu havia me metido?

Tinha levado Tininha ali movido pela bebida e também para mostrar a Valentina que não estava nem aí para ela, que não me importava se ficava cheia de intimidade com Elvis. Estava na cara que ele não era homem para ela, que se enganava fingindo gostar dele. Duvidava que gozasse como gozou comigo.

E agora Tininha estava ali, desolada. Olhei-a.

- Diga pra mim o que exatamente essa Mãe Menininha falou. Disse Falcão mesmo?

- Não falou Falcão. – Forçou a mente, tentando lembrar. – Ela disse que um homem diferente ia aparecer no meu caminho e mudar a minha vida. E que eu mudaria a vida dele. Que quando ele me tocasse, nós dois gritaríamos de paixão e eu o reconheceria por causa de um pássaro poderoso. Que o pássaro era a marca dele. Então entendi, só pode ser um Falcão!

Ela me olhou, em expectativa. Recostei-me no sofá, pensativo, minha mente trabalhando em uma maneira de tirar aquela obsessão da cabeça dela.

- Talvez seja outra ave. – Opinei.

- Mas qual? – Arregalou os olhos. – Tem um vizinho meu que tem uma ave no nome. Rodrigo Pinto! Será ele?

- Pode ser.

- Mas Pinto não é uma ave poderosa! Tem que ser Falcão, Águia, alguma assim!

E foi então que minha mente deu um estalo. Lentamente um sorriso se espalhou em meu rosto e tive uma ideia que era pura sacanagem, até maldade, mas da qual não consegui resistir.

- O que foi? – Ela perguntou.

- Já sei, Tininha. Sei quem é o homem da sua vida.

- Quem? Você? Diz que é você!

- Calma. Preste atenção. Muita atenção. – Tirei meu celular do bolso da calça.

- Tá bom! – Concordou nervosamente, esperando.

Coloquei no Youtube e na hora *Elvis Presley* começou a cantar *Suspicious Minds* em um vídeo gravado no Havaí. Ao meu lado, Tininha olhava. Falei com calma:

- Sabe quem é, não?

- Claro, o Rei Elvis. Meu pai é fã dele.

- Certo. Olhe a roupa que ele usa. Percebe a águia bordada na frente e atrás da camisa branca dele?

- Sim. – Tininha abriu a boca, chocada. – Você quer dizer que ... o Rei é o homem da minha vida? Mas ele ... Ele está morto!

- Calma. Sei que ele está morto. Mas veja bem o que Mãe Menininha falou. Que o homem tinha como marca um pássaro poderoso. A águia é o mais poderoso, se vem do Elvis, do Rei, é imbatível! Além disso, falou que se encontrariam e gritariam juntos, não é? – Não completei que era de paixão, só estava usando as partes que me interessavam.

- Sim ... – Murmurou, confusa.

- Tininha, ainda não entendeu?

Olhou-me, cheia de dúvidas.

- Vou precisar morrer para encontrar o Elvis no paraíso e casar com ele?

- Não. – Eu sorri. – O Elvis está aqui, em Florada.

- Aqui? – Abriu a boca.

- Não o Elvis de verdade. Mas o “seu” Elvis. Lembra quando o encontrou aquela vez em frente ao Falconetes e você o agarrou? Ficaram gritando juntos. Falo do Elvis Presley da Silva.

- O noivo da Valentina? Aquele Elvis? – Estava chocada e sacudiu a cabeça. – Mas ...

- Analise bem. Pense com calma em tudo que falei.

Era uma sacanagem minha e pensei que deveria voltar atrás. Mas sabia que aquele cara não era para Valentina, assim como Tininha não era para mim. Eram dois maluquinhos. Talvez até combinassem.

- Um pássaro poderoso ... Elvis, como o nome do Rei ... – Ela repetia para si mesma, pensativa. – Ele mudaria a minha vida ... Eu mudaria a vida dele ... Gritaríamos juntos ... Meu Deus!

Olhou para mim, arregalando os olhos.

- Não está na cara? – Incentivei, quando vi que acreditava naquilo e se surpreendia.

- É ele! Elvis é o meu Rei!

- Sim, é ele.

- Estava na cara o tempo todo e não vi! Meu Deus, como pude ser tão burra? – Ela se levantou, nervosa. Então se deu conta de algo: - Mas ele é noivo!

- Por enquanto. – Pisquei para ela, levantando também. – Até saber que você é a mulher da vida dele.

- Puxa vida, coitada da Valentina! Mas com destino a gente não brinca! Micah, ele é meu predestinado e infelizmente a Valentina vai ter que entender!

- Também acho. – Concordei.

- Eu preciso pensar! Arrumar uma maneira de fazer ele enxergar que o amo, que devemos ficar juntos!

- Mas agora é uma mulher decidida, roqueira, motoqueira, livre. O que pode te impedir?

- Nada! – Gritou, vitoriosa. – Eu vou lá pegar aquela águia para mim!

- Assim que se fala.

- Micah, obrigada! – Jogou-se em meus braços, toda feliz. Mas então deu-me um olhar cumprido e se lamentou: - Na verdade, é uma pena que não seja você. Adorei essas tatuagens todas e esse enfeite aí embaixo ... Poxa ...

- Isso é o de menos. Quando mudar a vida dele, pede pra ele colocar um piercing também. – Falei logo, antes que ela mudasse de ideia.

- Tem toda razão! – Afastou-se, toda esperançosa. – A felicidade na minha cara e eu não vi!

Acompanhei-a até a porta e Tininha saiu toda agradecida e feliz. Vi que a janela de Valentina estava fechada e entrei devagar em casa.

Eu devia estar arrependido, mas não sentia culpa.

E sorri comigo mesmo.

CAPÍTULO 15

VALENTINA

No domingo eu fiquei mal. E muito depressiva.

Não conseguia aceitar que Micah tinha levado Tininha para sua casa e transado com ela, ficando inclusive pelado do lado de fora, como vi pela janela, depois a arrastando para dentro. Aquele depravado, sem escrúpulos! E ainda tinha tido a cara de pau de convidar a mim e a Elvis para uma orgia!

Quase não dormi durante a noite e jurei a mim mesma que nunca mais ia olhar para aquele homem. Eu não via a hora dele voltar logo para o Rio e me deixar em paz. Ia contar os segundos. E se fizesse qualquer gracinha comigo, ali ou no trabalho, ele ia ver só! Ah, se ia!

Depois a raiva que senti virou desânimo, tristeza, solidão. Senti-me mal por ter usado Elvis e fiquei pensando como seria difícil passar a vida me enganando e enganando a ele também, fingindo algo que eu não sentia. Não era justo nem comigo nem com ele. E além de tudo, se já não sentia vontade de transar com ele antes, agora então eu estremecia angustiada só em pensar. Por mais que dissesse a mim mesma que éramos noivos, aquilo parecia errado, uma afronta. E eu começava a pensar que talvez fosse melhor ficar sozinha e em paz do que naquele redemoinho de dúvidas e culpas.

Para piorar tudo, Cacá não falou comigo naquele dia. Comeu em horário diferente do meu, não ficou no mesmo ambiente e, embora tenha obedecido minhas ordens e não ligado computador ou Xbox, também deixou bem claro que estava contra mim. Assim, foi um domingo de cão.

À tarde ele se trancou no quarto e fui cuidar das minhas coisas. Não queria ver Elvis, mas esperei por ele pacientemente. Pelo menos tinha inventado a desculpa da menstruação e ele não tocaria em mim.

- Oi, amada. – Olhou-me de cima embaixo quando abri a porta, pouco depois das sete horas da noite, notando minha blusa de malha e minha bermuda, um pouco decepcionado. – Hoje você está mais simples, não é?

- Oi, Elvis. – Não respondi ao comentário. – Entre.

Sentei em uma poltrona perto da janela, de onde vinha uma brisa suave de fora, e ele se acomodou no sofá. Ajeitou os óculos, olhando-me curioso.

- Você é minha admiradora secreta?

- O quê? – Não entendi nada.

Ele suspirou.

- Não, é claro que não podia ser você. Não com aqueles erros de português na carta e a música escrita com um inglês que nunca vi na vida.

- Do que está falando?

- Olha, não fique chateada. – Elvis me observou. – Mas há outra mulher interessada em mim.

- É mesmo? – Indaguei, surpresa.

- Na verdade, fiquei muito irritado, por que minha casa estava toda limpinha e jogaram um embrulho na varanda com pedra de cimento e se espatifou no chão, espalhando um monte de sujeira. Saí disposto a xingar um, mas só ouvi uma moto toda barulhenta se afastando.

Na hora pensei em Micah, embora o motor de sua moto fosse macio e ronronante.

- E o que havia no embrulho?

- Duas folhas de papel enroladas. Olha isso. – Ele tirou do bolso as folhas antes amassadas, mas agora devidamente dobradas. Estendeu-me.

Abri a primeira e era uma parte da letra da música *Love me tender*, de *Elvis Presley* copiada à mão com uma letra floreada, até bonita. Passei os olhos, vendo que várias das palavras em inglês estavam escritas de maneira errada. No verso havia a tradução, mas parecia ter sido modificada em alguns pontos, como se a pessoa tivesse inventado:

Love Me de Tanderá

*Love me de tanderá, love me suíte
Never let me go
iou ave made my life completamente
And I love iou so*

*Love me de tanderá, love me true
All my dreams fiu-fiu
For my darlin' I love iou
And I always iou*

Me ame como olho de tanderá

*Me ame como olho de tanderá, na minha suíte
Nunca me deixe ir
Você é meu aeiou completamente*

*Me ame como olho de tanderá, grite comigo
Vou fazer fiu-fiu
Quando você passar*

E saberá que sou eu

- Meu Deus, o que é isso? – Indaguei confusa, sem entender nada.
- E eu sei? – Elvis apontou para a folha. – “Me ame como olho de tandra”. De onde saiu isso? Sabe o que é olho de tandra?
- Tinha um desenho que o Cacá assistia que falava algo assim.
- Exatamente! Thundercats. Eu gostava de ver! Falava no Olho de Tandra. Mas aí na música não entendi nada!
- Que estranho. Deve ser algum tipo de brincadeira, Elvis.
- Também achei. Não dá pra entender nada. Olha essa parte: “ Vou fazer fiu-fiu quando você passar e saberá que sou eu”. Agora olhe o outro papel, Valentina.

Curiosa, desdobrei o outro e era um bilhete:

“Eu sou a mulé a sua vida. Vamos gritar juntos de paichão. Não voe para lonje de mim, páçaro rei. Venha me dar amor, vou te fazer felis. Preste atenção no sinal: fiu-fiu. E saberá que sou eu, como diçe o Elvis. O de verdade, não você. Leia a música e vai entender. Da sua admiradora secreta.”

- Valentina, como eu, um professor, posso receber uma carta assim? “Mulé”, “paichão”, “lonje”, “páçaro”, com c cedilha! “Felis” com S, “diçe” ... Ai, essa doeu! “Adimiradora”! Deus me livre dessa analfabeta! Analfabeta em todas as línguas! – Ele reclamou, exasperado, revoltado. – E cismou que vai fazer fiu-fiu pra mim, ainda me mandou ler a letra da música que ela inventou! Não sabe nem ao menos copiar!

- É alguém debochando de você, Elvis. – Pensei em Micah, mas ele não seria tão infantil assim. Ou seria?

- Nunca, mas nunca mesmo eu olharia para um ser humano tão burro! – Tomou os papéis da minha mão, dobrando-os, guardando com cuidado no bolso.

- Mas não pode judiar dos sentimentos de uma pessoa só por que ela não sabe escrever direito. E se for mesmo uma “mulé apaichonada”, com CH, por você? – Não sei o que deu em mim para fazer aquela gracinha, mas comecei a rir.

Elvis me olhou de cara feia e a risada virou gargalhada. Quanto mais eu lembrava daqueles absurdos escritos, mais eu ria, até chorar sem controle.

- Bom ver que está se divertindo às minhas custas!

Tentei parar, mas não consegui. E depois daquele dia depressivo, aquelas risadas foram como um bálsamo.

- Me ame como olho de tandra ... hahahaha ... – Eu me torci em gargalhadas na poltrona, lágrimas descendo do meu rosto, sem conseguir parar.

Elvis ficou invocado, muito sério, esperando minha crise passar. Mas a cada vez que eu olhava para ele, voltava a rir, até desabar exausta, com a barriga doendo.

- Ai, meu Deus ...

- Acabou?

- Desculpe, mas eu ... – Respirei fundo, sentando direito, enxugando os olhos. – Meu Deus, Elvis, quem inventaria uma coisa dessas?

- Talvez algum aluno burro da escola, que vai ficar reprovado e quer se vingar de mim. – Então, ainda irritado, acusou: - Ou outro que me odeia, por que namoro a mãe dele.

Na hora meu sorriso sumiu e o encarei.

- Está falando do meu filho?

- E por que não? Pode ser ele com alguns colegas da escola. Nunca disfarçou que não me suporta! E se quer saber, gosto muito de você, mas acho que tem deixado a desejar quanto à criação desse menino, Valentina. Eu penso ...

- Não perguntei o que você pensa. – Eu o cortei na hora, friamente.

- Mas vamos nos casar, tenho direito de opinar. Cacá não me respeita nem aqui nem na escola.

- Eu nunca o vi faltar ao respeito com você.

- Na sua frente. Mas quando chego, sai de perto e nem dá um boa noite. Na escola, quando mando fazer algo, me ignora. Outro dia insisti e disse na minha cara: “Você não é meu pai”. Entende onde quero chegar?

Eu o olhei, calada, as coisas muito claras na minha mente. Como pude me enganar tanto, achando que ao final tudo daria certo? Além de saber que eu não amava e nem queria transar com ele, ainda tinha certeza de que meu filho não o aceitava e agora de que Elvis também não parecia fazer muita questão de se acertar com ele.

- Tem que ser mais dura com esse menino, Valentina. Se quer saber ...

- Eu não quero. – Cortei-o, muito séria.

- Depois não diga que não avisei.

Naquele momento, escutei barulho no portão, risadas, a campainha tocando. Levantei e saí, para ver do que se tratava. Qual não foi o meu susto ao ver Cláudio, um dos amigos de escola de Cacá, amparando-o com o braço em seu ombro, enquanto Cacá ria, escorado no portão, falando com Micah, que estava ao lado dele:

- Que mal há em me divertir?

Sua voz era estranha, pastosa. Por um momento, assustei-me, pois até então eu achava que ele estava no quarto. Corri até eles, olhando de um para outro sem entender nada, sabendo apenas que meu filho não estava bem.

- Mas ... o que houve? – Abri o portão, meus olhos buscando Cacá, enquanto Elvis esperava na varanda. Meu coração batia desesperadamente.

- Tia, eu não sei o que deu nele. – Disse Cláudio e então entendi quando Cacá me olhou e riu, se soltando dele, bambeando meio tonto, os olhos vermelhos. – Acho que ele ... está bêbado.

Meu olhar encontrou o de Micah e ele estava sério, meio preocupado. Passou por minha cabeça que Cacá estivesse com ele e isso me enfureceu, mas nem tive tempo de perguntar nada, pois meu filho exclamou com voz engrolada:

- Eu não sou criança. Estava só me divertindo. – Encarou-me de modo abusado e se livrou de Cláudio, vindo em minha direção um tanto trôpego.

- Pensei que estivesse em seu quarto. – Lutei para não ampará-lo, dizendo friamente, mas me contendo para não dar um show na frente do outro rapaz e de Micah.

- Saí! – Era desafiador ao passar por mim. – Não queria ficar nessa casa!

- Valentina ... – Começou Micah, mas eu não tinha condições de falar com ele naquele momento e fechei o portão.

- Com licença, preciso cuidar dele. – Deixei-os lá e segui Cacá, que entrava em casa todo bambo e parava na sala ao dar com Elvis, que de pé o encarava seriamente.

Fechei a porta atrás de mim, preocupada e tremendo de raiva. Meu filho riu, olhou-nos e debochou:

- Acho que vou me mandar de novo. Não aguento essa chatice!

- Você estava de castigo. – Olhei-o duramente. – Vai agora tomar um banho e ficar em seu quarto, de onde não devia ter saído.

- E quem vai me obrigar? – A bebida lhe dava coragem de me enfrentar e foi o que fez, cheio de raiva.

Meu coração doeu. Ele só tinha 14 anos! E daquele jeito, bêbado, me encarando como sua inimiga. Fiquei perdida, doída, e ao mesmo tempo com muita raiva, sabendo que devia me impor.

- O castigo agora é de duas semanas. E sem televisão.

Cacá riu e me olhou do alto, com arrogância, afrontando-me com sua atitude.

- Eu não acabei de falar isso, Valentina? – Elvis escolheu a pior hora para se meter, irritado. – Esse menino precisa de uma mão firme. Onde já se viu isso, chegar em casa nesse estado! É um absurdo! E ...

- Não se meta! – Cacá se virou para ele, como uma fera. – Você não é nada meu!

- Sou seu professor e futuro marido da sua mãe!

- Não é merda nenhuma! Se vier morar aqui, eu saio de casa! Vou morar

com meu pai! – Gritou, nervoso, meio cambaleante.

- Cacá ... – Eu o preveni, nervosa.

- Que pai? Sua mãe é viúva.

Cacá começou a rir.

- Viúva?

- Vamos para seu quarto. – Eu me aproximei logo dele, com meu coração disparado, percebendo que tudo fugia ao meu controle. Mas afastou-se de mim, andando para trás em direção à cozinha, quase gritando:

- É mentira dela, seu bobão! Ela te enganou como enganou a mim e a todo mundo!

- Cacá, pare com isso! – Falei alto, irritada, muito nervosa.

- Como assim? – Elvis franziu o cenho.

- O que é mãe, está com medo? Cansei dessa palhaçada!

- Vá para o quarto!

- Não! – Gritou, fora de si, descontrolado. Disse a Elvis: - Ela nunca se casou, foi tudo mentira! Engravidou de mim aqui e foi para São Paulo, onde me teve e mentiu pra todo mundo dizendo que era viúva! Meu pai está vivo e ela sabe quem é, mas nunca me contou! Não é, mãe? Estava na hora de todo mundo saber que não é perfeita como finge ser!

Eu fiquei imobilizada, gelada, sem poder tirar os olhos dele. Medo e vergonha me envolviam, mas nada era maior do que a dor que me rasgava por dentro, ao ver seu estado e seu ódio.

- Valentina? – Elvis me chamou, chocado. – Isso é verdade?

- É verdade! – Berrou Cacá. – Conte a ele!

- Valentina?

A muito custo, me virei para Elvis. Ele esperava uma resposta, surpreso.

- Depois conversamos, Elvis. Preciso falar com meu filho.

- Mas ... Vamos nos casar e você mentiu para mim!

- É o que ela faz ... – Emendou Cacá.

- Fique quieto! – Exigi, tremendo.

Ergueu o queixo e enfrentou-me:

- Nunca mais! Vou gritar e todo mundo vai ouvir! – Virou-se e entrou na cozinha.

Eu ia segui-lo, mas Elvis segurou o meu braço.

- Precisa me explicar o que ...

- Agora não dá. Depois conversamos. Eu ...

- Como não dá? – Estava muito irritado. – Esse menino é um irresponsável! 14 anos e bêbado! Imagino o que não fará aos 18 anos! E agora descubro que mentiu esse tempo todo, que o pai dele está vivo e que ...

- Elvis, não quero falar disso agora! – Puxei o braço, nervosa.

- Mas sou seu noivo! Meu Deus, como espera que me case com você se nem sei quem é? E com um filho desse?

- Está certo! – Perdi a cabeça de vez, fora de mim, angustiada, no meu limite. Apontei para a porta: - Vá embora! Sinta-se livre, não tem mais noivado nenhum!

- Valentina! – Estava muito chocado.

- Foi um erro! Cacá é responsabilidade minha, só minha! Quanto ao resto, depois falo com você.

- Está ... me dispensando?

- É melhor darmos um tempo. Conversamos depois. – Olhei preocupada em direção à cozinha e vi que meu filho tinha saído para o quintal.

- Mas nós ... Eu ...

- Por favor, Elvis. Preciso me entender com meu filho antes que ele faça alguma besteira. – E caminhei para a cozinha, sem cabeça para mais nada.

- Eu ... Volto outra hora.

Não fiquei para ver ele saindo, corri para o quintal.

Tinha escurecido, mas as luzes de fora estavam acesas. Cacá tinha tirado uma garrafa de vinho da geladeira e, na varandinha dos fundos, despejava a bebida em um copo. Meu coração deu um salto e corri para ele em pânico, arrancando a garrafa e o copo de suas mãos e largando-os sobre a mureta, olhando-o furiosa:

- Pare com isso! Entre agora, Cacá!

- Não!

- Entre!

- Não! – E surpreendendo-me, agarrou a garrafa de volta, despejando vinho na boca e andando desafiador pelo quintal. – Já disse que você não manda em mim!

- Seu abusado! – Perdi o controle e avancei nele. – Largue essa garrafa!

- Então fale quem é meu pai! – Berrou. E se descontrolou de vez: - Pare de mentir! Quero saber agora quem é meu pai! Diga o nome dele! Diga!

Ergueu-a para o alto, fugindo do meu ataque. Fiquei tão nervosa que senti vontade de dar uma surra nele e agarrei seu braço, tentando baixá-lo, ordenando:

- Cacá, não estou de brincadeira! Pare com isso!

- Quer a garrafa? Então toma! – E para minha total surpresa, arremessou-a longe. Ela se espatifou no chão de cimento, espalhando vinho e cacos para todo lado, deixando-me chocada e paralisada.

MICAH

As coisas fugiram totalmente ao controle e percebi isso quando entrei em casa e ouvi a gritaria e o barulho de garrafa quebrando no quintal de Valentina.

Tudo tinha começado quando saí de casa naquela noite, disposto a dar uma volta. Tinha passado perto da cerca quando ouvi uma risada gostosa, que me pegou desprevenido. Foi só olhar para o lado e vi Valentina, através da janela aberta. Parei, como se uma força muito maior me impedisse de seguir, algo me hipnotizando, irremediavelmente atraído.

A cortina aberta balançava suavemente e, através dela, eu a pude ver sentada em uma poltrona perto da janela, conversando com alguém. Estava simples, à vontade, os cabelos soltos e livres. Mas o que mais me chamou a atenção foi que estava muito diferente do que eu estava acostumado, não fisicamente, mas seu jeito, sua expressão. Ela ria, solta, os traços relaxados, totalmente entregue à emoção, dando gargalhadas.

Foi inesperado e me pegou de jeito. Nunca a vi tão feliz e radiante, tão linda sem aquela expressão carregada. Não sabia com quem ela conversava ou do que ria, mas fiquei paralisado de surpresa e de admiração, encantado, ao mesmo tempo que uma sensação diferente me envolvia, algo familiar e gostoso. Busquei respostas em minha mente e lembrei que no passado, mesmo sendo tímida, ela era assim, mais solta e sorridente.

Não pude sair dali, admirando-a em silêncio sobre a cerca e através da janela aberta, até que ela se levantou e saiu do meu campo de visão, fazendo-me voltar à realidade. Um tanto confuso e perturbado, fui para meu portão e nem tive tempo de examinar o que senti, pois vi Cacá sendo praticamente arrastado pelo amigo, evidentemente bêbado.

- O que houve? – Perguntei preocupado, no exato instante que Valentina saía de casa e ficava obviamente nervosa ao ver o estado do filho, rapidamente colocando-o para dentro, lançando-me um olhar rápido de raiva.

Fiquei lá, mesmo depois que entraram. Vi Elvis sair parecendo emburrado. E então voltei pelo meu quintal, ouvindo cada vez mais perto, gritos do lado de fora.

Fiquei surpreso quando ouvi parte do que eles diziam:

“ - Seu abusado! Largue essa garrafa!

- Então fale quem é meu pai! – Berrou Cacá: - Pare de mentir! Quero saber agora quem é meu pai! Diga o nome dele! Diga!”

Não entendi por que ele perguntava quem era o pai , se Valentina era viúva.

Alerta e curioso, tomei um susto quando o barulho de garrafa se espatifando chegou até mim e corri até a cerca que dividia nossas propriedades, a tempo de ver Valentina segurando o braço de Cacá, como se tivessem lutado, mas então parassem.

Não pensei, só agi para amenizar aquela confusão, acalmar os ânimos, fazer Cacá se controlar antes que cometesse mais besteira. Assim, pulei a cerca e os surpreendi ao me aproximar, indagando preocupado:

- O que foi isso?

Na mesma hora Valentina ficou ainda mais transtornada. Cacá recuou um pouco, surpreso, balbuciando:

- Eu joguei a garrafa e ... e ...

- Saia daqui! – Ela disse entredentes, apontando para minha casa. – Estou resolvendo um problema com meu filho. Saia daqui, Micah!

- Calma. Só quero ajudar. – Parei, erguendo as duas mãos, preocupado. – Cacá, não acha que já fez besteiras demais para um só dia?

Por mais incrível que pudesse parecer, ele me ouviu e ficou vermelho, envergonhado. Baixou os braços devagar, meio tonto, tentando se justificar:

- Eu bebi por que não aguento mais isso, Micah ...

As fragilidades dele, a dor em sua voz, pegaram-me desprevenido. Lembrei claramente de mim mesmo no passado, bebendo e fazendo besteiras para chamar a atenção, alertar a todo mundo da minha dor e do meu desespero. Sabia bem o que era aquilo, aquela sensação de estar sozinho e não ser entendido por ninguém.

- Pode ir para sua casa, está tudo bem. – Valentina parecia muito dura e tensa, seu rosto contraído, evidentemente com a voz trêmula, acusadora.

Não entendi aquilo, pois não tinha culpa de nada. Então me toquei que me viu junto com Cacá no portão, quando ele chegou com o outro menino. E indaguei secamente:

- Acha que eu estava bebendo com ele?

- E não estava?

Sua acusação sem fundamento me irritou e a encarei, bem sério. Mas Cacá chamou a minha atenção, ainda muito perturbado:

- Não está tudo bem, ela só finge, Micah! Ela mente, me engana, quer fingir que é boa e que se preocupa comigo, mas é tudo falsidade!

- Pare com isso! – Valentina se virou para ele, angustiada. Disse baixinho: - É claro que me preocupo com você, meu filho ...

- Então me diz quem é o meu pai! – Exigiu em um misto de raiva e

desespero, mais do que nunca parecendo um menino perdido.

Ela ficou imobilizada, como se estivesse perdida, com medo, sem palavras. Percebi que havia segredos ali e dei um passo à frente, apenas para amenizar as coisas:

- Cacá, escute. Você bebeu demais e não dá para conversar assim. Por que não entra, toma um banho e se acalma? Depois então, fala com calma com a sua mãe.

- Ela não vai me dizer nada! – Seu olhar era de dar pena. – Eu peço, Micah. Peço muito, mas ela não diz.

- Por favor ... – Valentina suplicou a ele, sem me olhar. – Cacá, pare com isso. Se acalme ...

Os ombros dele caíram. Olhou-a cheio de decepção e então se virou para mim. Parecia cansado e havia ali uma confiança em mim que me fez ter muita vontade de ajudá-lo.

- Vou entrar, Micah, mas por que você pediu. Por que ela ... – Apontou para a mãe. – Eu não respeito mais.

E então, dirigiu-se para dentro de casa, tentando andar firme.

Senti pena dos dois. De Cacá, por que obviamente sofria e usava a agressividade para mostrar isso. E de Valentina, que estava arrasada, mesmo que lutando para parecer forte.

Quando ficamos sozinhos e se virou para mim, seus olhos brilhavam de raiva. Expliquei com calma:

- Eu não estava com Cacá. Estava no meu portão quando ele chegou.

- E o que isso importa? De qualquer forma, não é uma boa influência para ele. Bebe e fuma, sempre foi um louco!

- Olha, sei que está nervosa. Mas não vai adiantar nada tentar descontar sua raiva em mim. Só vim para ajudar.

- Ajudar? – Riu, sem vontade, agitada, vermelha. – Quem é você para se meter ou dar conselhos? Se quer ajudar, fique longe do meu filho!

- Cacá está pedindo ajuda. E eu ...

- Você não é nada dele! – Gritou, revoltada. – Sempre foi um delinquente e todo mundo na cidade sabia que nem seu pai te suportava! Quantas vezes você o envergonhou na cidade com seu comportamento, sendo um marginal, um irresponsável! Por isso tomava aquelas surras, por que merecia, por que só fazia besteira!

Fiquei imóvel, suas palavras doendo, ferindo, pegando meu ponto fraco, mesmo que ela não tivesse noção disso em sua plenitude. Mas Valentina ainda não estava satisfeita e continuou:

- Voltou para cá e nem ao menos pode ficar em sua casa! Nem ao menos

visitou o seu pai! O que você fez? Com certeza uma merda, como sempre, não é, Micah? Então, saia daqui, pois você não tem capacidade de opinar em nada! É a última pessoa a saber o que é família e o que ela representa!

Aquilo me enfureceu. Todos os sentimentos de mágoa e dor que eu tinha em relação a Mario Falcão pareceram borbulhar dentro de mim, violentamente, latejando como uma doença maldita. Eu me senti de novo um nada, diminuído, desprezado, abandonado. Alguém sem importância, descartável. E o pior era que, dentre todas as pessoas, ela tinha testemunhado parte da minha dor na escola, por ter estado sempre tão atenta a mim.

Então, Valentina foi pisando duro em direção à varanda, continuando seu ataque:

- Fique longe da gente! Fique longe do meu filho!

- Vou ficar mesmo longe de você. – Perdi a paciência e fui bem frio, embora a fúria fervesse em meu interior. Ela parou antes de chegar à varanda e me olhou, erguendo o queixo. – Se quer saber, Valentina, eu entendo Cacá. Deve ser duro lidar com uma pessoa que se acha perfeita, mas que é um poço de arrogância. Você é uma chata, por isso nem o seu filho aguenta.

Arregalou os olhos, pálida. E arrematei:

- Fique tranquila, se depender de mim, fico longe do seu caminho.

Virei e pulei a cerca, caminhando decidido e revoltado para a minha casa. Eu ia riscar aquela mulher da minha vida.

CAPÍTULO 16

MICAH

Eu tive de novo o pesadelo em que entrava na casa da fazenda e encontrava Mario Falcão caído no chão. Em meio ao sangue e às acusações de ódio, eu via a arma grudada em minha mão e pedia perdão, mas todos me acusavam. Acordei angustiado na segunda-feira, suado, dizendo a mim mesmo que já estava mais do que na hora de ir embora e retomar minha vida no Rio de Janeiro.

Sabia que Theo ainda precisava de mim, que a ameaça de Luiza era uma constante e que eu estava realmente ajudando no escritório, mas outras coisas me perturbavam. Como o fato de Mario Falcão descobrir a qualquer momento que eu estava ali e também minha discussão com Valentina, que pareceu fazer tudo vir à tona, principalmente a culpa.

Muitas vezes eu me indagava como pude atirar nele. Mesmo não sendo meu pai de sangue, até aquele dia fatídico em que minha mãe morreu e voltamos do cemitério, eu ainda pensava assim. Até que ele me chamou no escritório e me mandou ir embora da fazenda, por que eu não tinha nenhum direito ali. E jogou tudo na minha cara.

Eu nunca conseguia esquecer. Por anos, repassei as cenas em minha mente, até gravá-las inexoravelmente. Depois, lutei para afugentá-las para o fundo da memória. Mas nunca consegui. Era difícil esquecer a cena daquele homem, que eu acreditava ser meu pai por 18 anos, apontando sua arma para mim, querendo me matar. Meu corpo e minha alma ainda ardiam da luta e das palavras terríveis que Mário falou. Ainda ouvia claramente o som dos tiros e sentia, perfeitamente, o cheiro de sangue.

Eu tentava entender como ainda podia estar ali, me relacionando com meus irmãos, trabalhando no escritório da Falcão, andando e respirando naquela cidade como se nada tivesse acontecido, ao mesmo tempo em que todas aquelas lembranças ferviam em banho-Maria dentro de mim.

Valentina as jogara na minha cara durante a discussão. Eu não sabia nada de família, eu não tinha moral para me meter em seu relacionamento com o filho, embora minha intenção tivesse sido a de ajudar. E no final das contas, ela estava certa. Nada daquilo era da minha conta, nunca fui um exemplo para ninguém.

O pior era a sensação de solidão, de mágoa, de ser desnecessário ou

mesmo um intruso. Afinal de contas, eu me indaguei de novo o que eu estava fazendo ali.

Sabia que nunca esqueceria meu passado, pois o que me tornei era reflexo dele. Viver sozinho, como fiz por anos, sabendo que tinha uma família grande, era como estar faminto e só poder me alimentar frugalmente de pão e água. Algo latejava dentro de mim, exigia mais, uma necessidade de abrandar aquela solidão, aquela culpa, mas eu não sabia até que ponto isso seria possível.

Estar ali era uma tentativa de ajudar meus irmãos, principalmente Theo, que enfrentava um período difícil na sua vida e estava, pela primeira vez, desestabilizado, precisando de toda ajuda possível. Mas comecei a achar que eu era dispensável, que se virariam bem sem mim.

Cheguei cedo ao escritório naquela manhã e Eurídice estranhou eu não vir fumando, comendo meus chocolates ou chupando minhas balas. Assim como estranhou a falta de brincadeira. Eu sorri para ela, mas a angústia era muita para me deixar à vontade. Fui para minha sala e pedi que me avisasse quando Theo chegasse, o que ela fez.

Meu irmão estava abatido, cheio de preocupações e eu sabia que as coisas não estavam fáceis para ele. Observando-o quando entrei em seu escritório, dei-me conta de que todas as responsabilidades da casa, da fazenda, dos negócios e da família tinham caído sobre os ombros dele, por ser o mais velho e ter aquele seu jeito decidido de tomar a frente de tudo.

Quando atirei em Mario, eu selei não apenas o meu destino e o dele, mas de todos envolvidos, inclusive de Theo, que teve que se tornar o chefe da família, assumindo todas as responsabilidades. E quando finalmente se apaixonava, montava sua família, aquela vingança do passado vinha à tona e trazia todos aqueles problemas.

Eu puxei com o pé uma cadeira e desabei nela, espalhando meu cabelo com a mão em um gesto meio nervoso, enquanto Theo me observava e indagava seriamente:

- O que aconteceu?

- Vou embora. – Falei sucintamente.

Ele se recostou na cadeira, a ruga entre as sobrancelhas bem pronunciada, por um momento quieto. Então foi direto:

- Por quê?

- Não estou sendo de muita utilidade aqui. – Dei de ombros, sem demonstrar como verdadeiramente me sentia. – Acho melhor assim.

- Micah ... – Theo se inclinou para frente e apoiou os cotovelos na mesa, atento, seus olhos nos meus. – Se quiser mesmo ir embora, eu entendo. Mas se vai achando que não está sendo útil, eu não concordo. Nunca pensei que eu

admitiria isso: Não consigo me concentrar nos negócios como antes e estamos em uma fase em que muitas propostas e novos contratos surgiram. Soube que tem ajudado muito aqui, assumiu responsabilidades que eram minhas e que acabei deixando nas mãos de Valentina, sobrecarregando-a. E enquanto estou no olho do furacão, sua presença aqui me tranquiliza.

- O que acontece ...

- Deixe-me terminar de falar. Sei que está ligado também sobre um possível ataque de Luiza e Lauro, tem experiência com o assunto, se algo acontecer, saberá agir. – Ele parecia um pouco nervoso em admitir que estava precisando de ajuda e foi isso que me acalmou, me fez ver que ainda era necessário, nem que fosse para lhe dar mais segurança e tranquilidade. – Então, não pense que estamos fazendo um favor a você. É o contrário. E sou muito agradecido por isso. Até por que ...

Calou-se. Eu indaguei:

- Até por que ... ?

- Sei que para você deve ser difícil, depois de tudo que aconteceu, sem voltar à fazenda e tudo mais. – Theo me olhava fixamente. – E mesmo assim você veio. Está aqui. Obrigado, Micah.

Eu senti o meu peito se apertar, como se uma mola estivesse solta e eu a empurrasse até se encolher e ficar lá, pronta para escapar a qualquer momento. Era terrível saber que havia aquela fragilidade em mim, aquele ponto fraco que era minha história do passado, ainda não totalmente resolvida.

Podia viajar o mundo todo, me meter nas missões mais difíceis, ter amigos, viver em farras, ser livre e desimpedido, mas bem no fundo eu sentia como se minha vida sempre tivesse ficado suspensa, esperando algo de concreto acontecer e resolver o passado. Quando voltei à Florada, no fundo eu ansiava aquilo, enterrar de vez o passado para poder seguir em frente. Ir embora era uma espécie de covardia, como voltar a uma vida incompleta. E isso me angustiava.

- É por causa do nosso pai? – Theo foi bem direto, seus olhos nos meus.

- Seu pai. – Corrigi. E não neguei. – Parece injusto eu ficar aqui sem que ele saiba.

- A cidade não é dele.

- Os negócios são. Assim como a família.

- Micah, você é da família.

- Metade de mim é.

Theo suspirou e mais uma vez não fez rodeios:

- Eu entendi o que aconteceu aquele dia no escritório. Você se defendeu.

Foi como tomar um soco, embora eu soubesse que ele tinha razão e nunca esquecesse aquele episódio traumático.

- Todos acabamos entendendo isso. Não culpamos você. Talvez eu me culpe um pouco por não ter impedido. Tudo caminhou para aquele desfecho e eu deixei.

Sorri sem alegria para ele e comentei:

- Theo, você não pode controlar tudo. Tinha sua vida e suas responsabilidades. E não adianta falarmos sobre isso, nada vai mudar o passado. Eu só não quero ficar aqui e causar mais transtorno.

- Esse não é o caso. Está me ajudando. Mas entendo se quiser partir e retomar a sua vida.

Fiquei quieto um minuto, tenso, pensativo. Era como se metade minha me mandasse partir sem olhar para trás, enterrar tudo e seguir em frente. Mas a outra metade respirava o ar de Florada, se encantava por estar de volta, por estar na companhia dos meus irmãos, por ter a oportunidade de simplesmente ser eu mesmo sem fugir. No fundo, eu não queria ir. Desistir parecia covardia e nunca fui covarde. Mantive-me longe para não perturbar ninguém com minha presença, mas agora havia uma necessidade estranha e pungente de ficar, de só partir quando tivesse certeza de que tudo ficaria bem.

Encarei Theo e ele me olhou de volta, calado. Vi sua palidez, o cansaço e a preocupação em seu olhar, soube que não poderia trazer mais problemas a ele. Por isso, não fiz drama. Levantei, dizendo calmamente:

- Vou voltar a minha sala, tenho muito trabalho sobre a mesa.

Ele entendeu. Por enquanto, eu ficaria.

- Certo. Se precisar de algo, estou por aqui.

Naquela manhã trabalhei firme em minha sala e só saí na hora do almoço, quando me deparei com Valentina no corredor. Ela saía de seu escritório e senti que ficou tensa ao me ver e ergueu o queixo, espelhando um olhar frio.

Lembrei-me do que havia acontecido entre nós no seu quintal, das coisas que me falou, do nervo exposto que ela cutucou. E agora, aquele olhar arrogante, como se eu fosse algum inseto, irritou-me profundamente. Ela podia ter seus problemas com Cacá, mas nada desculpava o fato de tentar me atingir com um golpe baixo, quando só tentei ajudar.

Isso só me fez me dar conta de que, desde que cheguei, ela fazia o possível para me manter à distância, sempre me olhando como se eu tivesse cometido um grande pecado, com uma raiva muda de mim. A atração entre nós existia, mas até isso a irritava e descontrolava. Não sorria para mim, não era simpática nem admitia que nos desejávamos. Sempre parecia me desprezar, com exceção de quando gemeu em meus braços, fraca e entregue, para logo depois retomar suas defesas e partir para o ataque.

Só que eu tinha cansado disso. Sua agressividade, suas palavras raivosas,

tinham atingido o alvo. Por isso, se queria distância de mim, era o que teria. Eu não me divertia mais com nosso joguinho de gato e rato. Pelo contrário, me sentia bem irritado.

- Bom dia. – Falei friamente, passando por ela.

Senti que parou, surpresa, como se tivesse esperado outra reação minha, talvez um sorriso ou uma provocação.

Ignorei-a e desci as escadas, saindo do prédio, indo para casa almoçar. Saí um pouco mais cedo, pois ainda ia preparar alguma coisa e não gostava de seguir religiosamente os horários. Acendi o cigarro enquanto caminhava para casa, cumprimentando as pessoas que passavam. Mesmo as mais antigas, que antes me achavam um terror, agora sorriam e acenavam, como se tivessem se acostumado com minha volta e achassem que até que não me tornei alguém ruim demais. Somente Valentina parecia continuar preparada para me atacar.

Afastei-a da mente e segui em frente, percebendo que estava com fome. Gostava de cozinhar de vez em quando e naquele dia, em especial, resolvi preparar um prato com carne. Mal cheguei em casa e comecei a preparar o almoço, quando ouvi chamarem meu nome no quintal e saí até a varanda lateral. Na mesma hora vi Cacá debruçado na cerca, olhando-me um tanto sem graça, ainda com o uniforme da escola. Devia ter acabado de chegar.

- Oi, Micah.

- Cacá. – Eu o cumprimentei.

- Posso ... falar com você?

- Claro. Vem aqui. Estou preparando algo para almoçar. – Convidei.

- Certo. – Agilmente, ele pulou a cerca e se aproximou, meio desconcertado, sem me encarar.

- Sente aí. – Apontei para a cadeira em volta da mesa na cozinha e fui virar os bifos. – Já almoçou?

- Não. Minha mãe deixou comida pronta e um bilhete dizendo que não vem almoçar em casa hoje. Já vou esquentar a comida. – Ele puxou a cadeira e se sentou.

- Almoce aqui. – Convidei.

- Não, não quero dar trabalho.

- Trabalho nenhum. Tem carne à vontade, arroz e um molho vinagrete na geladeira. Dá para matar a fome. – Sorri e ele ficou um pouco menos tenso.

- Não sabia que você cozinhava.

- Dou meu jeito. Antigamente só sabia fazer Miojo com ovo frito, agora me arrisco um pouco mais. – Dei de ombros. – Não é nenhum banquete, mas dá para o gasto.

- Certo. Está cheirando bem.

- Então, fique aí que vou servir dois pratos.

- Tá bom.

Querendo que ele ficasse mais tranquilo, perguntei sobre a escola enquanto colocava nossa comida e abria uma lata de refrigerante para ele e outra para mim. Sentei à mesa, enquanto Cacá pegava seus talheres e explicava:

- Como já vai começar dezembro, estou de férias a partir de sexta-feira se não ficar de recuperação. – Fez uma careta. – Mas tenho certeza que já fiquei em duas matérias e então terei que estudar ainda na semana que vem.

- Que matérias? – Ataquei meu filé, comendo com gosto.

- Química e Matemática. Não consigo entender aquelas formas de Química, para mim são um mistério. E Matemática ... – Fez uma careta de desgosto, enfiando uma porção de comida na boca e mastigando. Engoliu e explicou: - A comida está uma delícia. Fiz cara feia por que odeio aquele cara, por isso nem suporto estudar a matéria dele.

- Que cara?

- Esse babaca ... Desculpe. Esse noivo da minha mãe, o chato do Elvis. É meu professor na escola.

Observei-o e tentei ser imparcial:

- A matéria não deve depender se gosta ou não do professor. Precisa pensar em passar de ano, para não ter que repetir tudo no ano que vem.

- Mas ele é um pé no saco ... – Reclamou.

- Precisa se acostumar, Cacá, se vai ser o seu padrasto. – Continuei a comer, embora sem entender por que aquele assunto me incomodava.

Parecia ridículo imaginar Valentina casada com Elvis. Mas lembrei do jantar romântico dos dois, do modo como ela ria toda feliz como vi pela janela, antes de Cacá chegar bêbado. Na hora não vi com quem estava, mas depois soube que era com ele. Talvez se dessem melhor do que eu imaginava.

Franzi o cenho, lembrando de como induzi Tininha de que Elvis era o homem da sua vida. Eu podia dizer a mim mesmo que fiz isso por que estava bêbado, mas sabia que tinha sido um ato até infantil meu. Nem tinha tido mais notícias dela. Talvez nem devesse me preocupar com aquilo.

Cacá e eu comemos um pouco em silêncio, tomando nossos refrigerantes, então ofereci:

- Se quiser, te ajudo com a matéria.

- Como?

- Posso te dar umas aulas de Química e Matemática.

- Ainda se lembra?

- Claro. Apesar de ser um rebelde na minha época de escola, só não gostava das aulas de Espanhol. De resto, era craque em tudo. Mas não estudava,

faltava de propósito, só para ficar reprovado. As matérias de Exatas sempre foram moleza pra mim, posso te ajudar.

- Eu aceito. Mas ... por que queria ficar reprovado de propósito?

Olhava-me curioso e, lembrando o motivo de sua briga com a mãe, seu desespero, soube que ele também queria conversar. Por algum motivo, confiava em mim. Tínhamos gostado um do outro de imediato e eu queria ajudá-lo. Por isso, falei com franqueza:

- Eu tinha problemas com meu pai. Por isso queria chamar a atenção e me tornei rebelde. Fazia as maiores loucuras que você pode imaginar.

- Ouvi boatos por aí. – Cacá limpou o prato e se apoiou na mesa, tomando sua coca, olhando para mim.

- Quando vi você bêbado, no sábado, lembrei de mim mesmo. Comecei a fumar e a encher a cara na sua idade. E não foi só uma vez. – Também terminei de comer. Levantei, catei umas barrinhas de chocolate na geladeira e deixei sobre a mesa. – Pode comer.

- Obrigado. – Nós dois nos deliciamos com o chocolate. Ele estava atento, curioso. – Mas por que brigava com seu pai?

- É uma história complicada. – Mesmo sabendo que era praticamente um segredo, que só minha família, a de Luiza e o delegado Ramiro sabiam, eu não escondi de Cacá: - Somos seis filhos e eu era o único que meu pai ... que Mario Falcão destratava. Na verdade, ele me odiava e nunca escondeu isso.

- Mas por que? – Estava surpreso.

- Descobri mais tarde que não era filho dele. Minha mãe uma vez o traiu com o homem que ele mais odiava no mundo, seu inimigo. E fui fruto dessa traição.

- Caraca ... Que merda! – Franziu o cenho, chateado por mim. – Poxa, Micah ...

- Sem problema, isso é passado.

- Por isso não ficou na fazenda, mas aqui. Não fala com ele?

- Não. Há quinze anos.

- Puxa vida ...

- Não se preocupe. As coisas estão resolvidas. – Menti e não me estendi no assunto.

- Eu acho que deve ser barra.

- Já foi. Na sua idade, tudo parece mais complicado. Fiz muita merda, preocupei a senhora que me criou, Tia, e meus irmãos. Hoje faria diferente, Cacá. Posso garantir que encher a cara não resolve nada. Pelo contrário, quase acabou comigo várias vezes. – Eu não queria dar sermões nele, mas vi obrigado a falar. – Por mais que a coisa pareça difícil, tem outras maneiras de resolver.

- Eu sei, mas ... Estava com muita raiva. – Olhou-me nervoso, algo de frágil e jovem demais em sua expressão, como se pedisse ajuda.

- Sei como é. Quando estiver assim, me chama. Podemos conversar, dar uma volta de moto, almoçar juntos. – Sorri e seu semblante se desanuviou um pouco. Concordou com a cabeça, mas parecia querer desabafar. Eu o incentivei:

- O que perturba você?

- Minha mãe.

- Vocês não estão conseguindo se entender.

- Não. Eu estou com muita raiva dela. Sabe, sempre cuidou de mim, foi boa mãe, achei que me amava. Achei mesmo.

Lembrei-me do olhar de Valentina para ele, de desespero, de amor e preocupação.

- Mas ela ama.

- Não sei, Micah. – Deixou o refrigerante de lado, muito tenso e agitado.

– Ela não quer me dizer quem é meu pai.

Esperei, calado. Já tinha entendido que o pai dele não era o marido de Valentina, mas deixei que desabafasse à sua maneira. E Cacá o fez:

- Ela mentiu pra mim e descobri há uns quatro anos, sem querer. Nunca foi casada. O nome do meu pai não consta na certidão. Esse lance de ser viúva foi só para disfarçar por ser mãe solteira.

Entendi, um pouco surpreso, mas nem tanto. Em uma cidade pequena como Florada, ficar grávida era uma vergonha, principalmente anos atrás. Calculei mentalmente a idade de Cacá e indaguei:

- Acha que seu pai é daqui?

- Tenho certeza. – E então pediu, cheio de intensidade: - Soube que você é tipo um agente secreto, Micah. Pode me ajudar a descobrir quem é meu pai?

Eu o olhei, cuidadoso, vendo seu desespero, o quanto aquilo mexia com ele. Ao mesmo tempo, lembrei como Valentina era há quinze anos, toda tímida e gordinha, de óculos, cheia de sorrisos apaixonados e velados para mim. Não lembro dela ter namorados. Todo mundo implicava com ela por ser a “gorda” da escola. Eu mesmo só me aproximava quando queria pedir alguma coisa, principalmente ajuda na hora da prova.

Não imaginei qual dos rapazes da cidade poderia ter alguma coisa com ela, mas com certeza isso aconteceu. Bem provavelmente depois que fui embora. Talvez tenha direcionado a paixão que parecia sentir por mim para outra pessoa, que se aproveitou dela e deixou claro que não assumiria filho nenhum.

- Você me ajuda, Micah? – Indagou, esperançoso.

- Escute, Cacá. Se não há registro na sua certidão, é impossível descobrir quem é seu pai. A não ser que Valentina fale ou que seja feito um exame de

DNA, mas para isso precisaria ao menos de alguns suspeitos. – Falei calmamente. – Além disso, é uma questão familiar. Se eu me meter, com certeza sua mãe vai me odiar.

- Mas você é meu amigo.

- Sou. Pode contar sempre comigo. Só que, como eu disse, não há provas físicas, nesse caso, além das que eu citei. Só ela pode dizer o que quer saber.

- Mas ela não diz! – Deixou o chocolate pela metade sobre a mesa, angustiado, parecendo muito jovem e perdido. – Ela sabe como desejo saber e não me fala nada!

- Já pensou nos motivos dela? – Tentei ser racional e me olhou na hora: - Seu pai pode ser um homem casado, um marginal, alguém com quem não vale a pena se relacionar. Talvez Valentina esteja só protegendo você.

- Pensei nisso tudo. Mas mesmo assim, acho que tenho o direito de saber, Micah!

Era difícil discordar daquilo, ainda mais vendo o quanto era importante para ele e o magoava. Por minha cabeça passaram-se vários motivos para Valentina se manter em silêncio, mas fiquei curioso. E pensei que ela acabaria perdendo o filho se o deixasse naquele desespero e naquela ignorância.

- Vamos combinar uma coisa, Cacá.

- O quê?

- Você muda de tática. Pare de beber e brigar com a sua mãe, de pressioná-la. Ela ama você, dá pra ver isso. Mas deve ter seus motivos. Tente se reaproximar dela, ser seu amigo, mostrar que é um jovem centrado e capaz de entender. Converse com ela aos poucos, mostrando seu ponto de vista.

- É que fico com raiva, pois nada adianta. – Reclamou. – Minha vontade é dizer para todo mundo que ela é mentirosa e bater de porta em porta para saber quem é meu pai. Quem transou com ela.

- Cacá ...

Olhou-me e indagou:

- Vocês são da mesma idade, não é? Estudaram juntos? Ela tinha namorados? Sabe quem poderia ser?

- Não lembro dela namorar ninguém. Era muito tímida. E mal nos falávamos. Se ficou com alguém, foi depois que saí daqui. Ou era um caso em segredo. – Expliquei.

- Droga ... – Sacudiu a cabeça.

- Escute, só ela vai poder falar. Deixe que confie em você. Quanto mais rebelde ficar, mais Valentina vai temer contar a verdade.

Por fim, pareceu me ouvir.

- Você acha, Micah?

- Eu acho. Por que não tenta?

Ele pensou um pouco e então se acalmou mais. Acenou com a cabeça.

- Tá, vou tentar.

- Enquanto isso, eu te ajudo nas matérias em que está capengando e passa de ano. Começa por aí. Vocês precisam se reaproximar, confiar um no outro. E Cacá ...

- Sim?

- Sei que não fui de muita ajuda, mas se precisar de algo, nem que seja só conversar, estou aqui. Posso garantir que rebeldia e bebedeira não vão te ajudar em nada, tenho muita experiência nisso. Já fiz muita merda e cheguei ao fundo do poço para poder entender, não quero que passe por pelo mesmo.

Ele acenou com a cabeça, sério.

- Está certo, Micah. Não vou esquecer.

- Ótimo.

- Obrigado. – Disse sem graça.

- Pare de besteira. Não fiz nada. – Sorri para ele. Gostava demais daquele menino e o queria ver bem. – Agora, por que não termina seu chocolate? Ele sempre me acalma e me faz sentir melhor.

Cacá sorriu e pegou seu chocolate de volta. Quando saiu dali, estava muito mais tranquilo do que quando tinha chegado. E isso me deixou feliz.

VALENTINA

Aquela semana mexeu comigo por dois motivos diferentes.

Por um lado, fiquei feliz e aliviada quando percebi Cacá se reaproximando de mim, voltando a falar aos poucos, sem sua agressividade tão comum nos últimos dias, sem me enfrentar. Obedeceu aos castigos e o vi estudando, bem mais calmo, embora algo ainda triste em sua expressão.

Eu fiz de tudo para agradá-lo. Cheia de amor, carinho e culpa, me desdobrei para que percebesse que eu estava ao seu lado, cuidando dele, dando o melhor de mim. E embora as coisas tenham se acalmado entre nós, eu ainda via em seus olhos um pedido mudo, que eu sabia bem o que era. A cada dia ficava mais difícil para mim, pois era uma farsa. Tinha o poder de tirar aquela tristeza dele e não o fazia, guardava o segredo a sete chaves, cada vez mais apavorada com o que a verdade poderia fazer. Tinha se passado tempo demais para mudar. Vidas seriam afetadas, eu teria que ter uma coragem sobre humana para encarar tudo, pessoas ficariam chocadas. Eu tinha muito medo. Muito mesmo. E nunca

me senti tão errada e tão sozinha.

Tinha momentos em que precisava desesperadamente desabafar com alguém e lamentava minha tia estar morta. Ela me ajudaria, me aconselharia, estaria ao meu lado. Mas com quem eu podia contar? Minha mãe fugia de problemas e ficava em sua casa como uma reclusa. Sempre me fez sentir indesejada, como se nunca tivesse me querido em sua vida. Nunca fui o bastante para ela. Por isso, por suas cobranças e olhares reprovadores, por suas críticas afiadas, sempre achei que era inferior, burra, feia, incapaz de ser amada. E me refugiei na comida.

Desde pequena fui gordinha. Quando estava chateada ou sozinha, eu me refugiava em meu quarto com livros, doces, ouvindo músicas. Era tímida, cada vez mais fechada e insegura com minha mãe dominadora. Eu me esforçava para agradá-la, mas nunca atingia meu intento. Demorei a perceber que o problema não estava comigo, mas era o jeito dela, sua negatividade perante o mundo, sua vontade de se isolar e de achar que ninguém era bom o suficiente para viver com ela.

Precisei engravidar e sair dali, pois disse que não aguentaria a vergonha de ter uma filha sendo mãe solteira, para poder ser amada por minha tia e entender que nem tudo era culpa minha. Como se eu não bastasse ser gorda, feia, sem graça, tímida, eu tinha engravidado e me recusado a dizer a minha mãe de quem. Isso só a fez se envergonhar ainda mais de mim e ficar aliviada quando fui embora para São Paulo. Foi o melhor, para ela e para mim.

Eu nunca poderia esquecer como foi tudo tão confuso na época. Tive tristezas absurdas, desesperos, medos, ao mesmo tempo que me descobria, que vivia os momentos mais felizes da minha vida ao ter Cacá e me apaixonar loucamente por ele, ao ser querida e cuidada por minha tia. Ela me incentivou a estudar, tinha uma boa situação financeira, me ajudou. Cuidou de Cacá enquanto eu fazia faculdade. Conversou comigo até me ajudar em minha autoestima, deu a maior força para que eu operasse minha miopia e fizesse ginástica. Parei de usar a comida como refúgio. Aprendi a sorrir, a me apreciar ao menos um pouco mais, a melhorar de vida para Cacá.

Sentia muita falta da minha tia. Quando ela morreu, fiquei perdida. Sofri como uma condenada e ainda sentia uma saudade absurda dela. Voltar a Florada foi um desafio e eu ainda não entendia por que tive coragem para tanto, mas havia sido uma das coisas que ela me pediu antes de morrer. Que eu voltasse e vencesse meus fantasmas, que eu parasse de me esconder e fosse feliz.

Acho que, mesmo inconscientemente, eu soube que ali era o lugar de Cacá. Minha mãe, por mais que fosse estranha e ausente, era a família dele. Assim como os Falcão, embora ninguém soubesse. Eu tinha achado que ele

estaria mais protegido perto dos seus, se algo me acontecesse.

No fundo eu sabia que Cacá um dia veria sua certidão e descobriria que nunca fui casada e, possivelmente, me pressionaria para saber quem era o pai. Mas esperava que fosse mais tarde, quando estivesse mais velho e pudéssemos conversar. Quando eu estivesse pronta para contar. Para piorar a situação, Micah tinha voltado. E agora as coisas fugiam ao meu controle e eu não sabia como agir, o que fazer. Nunca me senti tão sozinha e perdida, tão culpada. Com tanto medo.

Pelo menos, Cacá resolveu me dar uma trégua, o que me aliviou demais naquela semana. Mas, em contrapartida, algo me perturbou. E não podia ser diferente, era Micah.

De alguma forma, mesmo temendo-o, eu havia me acostumado com o jeito dele, com sua maneira única e provocante de se portar, de encarar a vida, de fazer o que lhe desse vontade. Tinha me acostumado com seu olhar safado e seu sorriso sensual, com sua malícia, suas palavras sujas, sua maneira de me enlouquecer. E só me dei conta disso naquela semana.

Micah me evitou no escritório, desde segunda-feira. Cumprimentava-me seriamente, perguntava algo sobre o trabalho quando não tinha jeito, mas se manteve longe, distante, resolvendo tudo sozinho. Senti-me estranhamente afetada por sua frieza, por não sorrir e me provocar mais, ainda mais quando via que ele continuava brincalhão com outras pessoas, principalmente com Eurídice. A senhora parecia apaixonada e fazia tudo por ele.

Eu o via pela cidade de bem com todo mundo. Sem poder me conter, eu espiava pela janela quando se exercitava no quintal só de short, quase esperando que ficasse nu e me lançasse olhares provocativos, mas nem olhava na minha direção e se concentrava em seus exercícios. Eu ficava lá, me embebedando da sua visão, de um desejo que latejava dentro de mim, me deixava louca.

Nunca me senti tão confusa, cheia de tantas emoções contraditórias. Em alguns momentos, dava graças a Deus por me deixar em paz. Em outros, morria de ciúmes ao imaginá-lo com Tininha e outras mulheres, ainda mais quando o via sair naquela sua moto. Sua frieza me deixava mal, angustiada, culpada. Relembrava o que disse a ele sobre seu pai e tinha certeza que tinha acertado em um nervo exposto, algo que o magoava. Tinha vontade de me desculpar por aquilo, mas ficava sem coragem de me aproximar.

Ao mesmo tempo, era só vê-lo para que cada parte minha reagisse. Eu ardia, sentia meu corpo vivo e necessitado, pensava em seu cheiro e seu gosto, parecia prestes a entrar em ebulição. Algumas vezes cheguei a buscar o vibrador que tinha me dado e quase o usei, meus mamilos doendo, excitada e ansiosa, precisando de qualquer alívio para não precisar tanto dele, mas conseguia resistir

e o escondia mais, sabendo que não podia fraquejar, que Micah era um perigo para mim em todos os aspectos e era melhor que ficasse longe.

Assim, eu me continha, embora doesse encontrar com ele e não conversar, não ouvir sua voz nem sua risada, me sentir desprezada e esquecida. Percebi que nem pensava em Elvis, mesmo sem falar com ele desde sábado, quando Cacá tinha aparecido bêbado. Enquanto isso, me desesperava por Micah, mesmo sem querer.

Quando o encontrava no escritório ou me via perto dele, ficava afogueada, tensa, ardida. Meus mamilos doíam, como se o reconhecessem e pedissem atenção. Muitas vezes minha calcinha me incomodava e apertava, roçava em meu clitóris e lábios vaginais quando eu andava, estranhamente úmida e viva, sempre que eu o tinha por perto. Era uma necessidade física que me preocupava, ao mesmo tempo que eu vivia à beira de um descontrole emocional.

Agia friamente com ele, também o evitava, mas estava consciente demais da saudade que sentia, da vontade que me olhasse e me visse, que contrastava com meu desejo racional de que fosse embora de vez e me deixasse em paz, parasse de me fazer sentir todas aquelas coisas e aquele medo permanente, por ser um risco para minha sanidade e para meu segredo.

Assim, nos evitamos como dois gatos escaldados, frios e distantes. E me convenci que era melhor assim. Ou ao menos tentei ferozmente.

CAPÍTULO 17

MICAH

Eu tinha desenvolvido com Cacá um relacionamento muito legal nos dias que se seguiram e dei aulas a ele quando chegava mais cedo do trabalho. Conversamos sobre diversos assuntos, escutei seus desabafos e dúvidas, soube que estava se relacionando melhor com Valentina e fiquei feliz por isso. Mas não perguntava nada sobre ela, embora a notasse sempre e prestasse atenção em tudo que fazia. Como no fato de não ver mais Elvis por ali. Mas, aquilo não era problema meu e ignorei o assunto.

Cacá ainda falava muito no seu desejo de saber quem era o pai e eu ouvia, mas sentia que ele se controlava, esperava que a mãe notasse sua melhora e confiasse nele para contar. O primeiro passo foi passar de ano e no dia anterior veio todo animado me falar das notas, 10 em Química e 8,5 em Matemática. Aprovado.

Comemoramos juntos e senti vontade de levá-lo para dar uma volta de moto ou algo que ele quisesse, mas sabia que Valentina não ia gostar, talvez nem permitir. Assim, fiquei de pensar em um presente bem legal para dar a ele, sem que soubesse.

No escritório, eu só falava com ela o que era estritamente necessário, mantendo-me o mais distante possível. Notei seus olhares quando achava que eu não percebia, como eu também olhava para ela veladamente, mas não fiz nada quanto a isso. E assim as coisas ficaram entre nós, até aquela manhã de terça-feira de dezembro.

Fomos obrigados a participar de uma reunião e acabamos discutindo sobre uma besteira da qual discordamos em um contrato e foi difícil para ela aceitar que eu estava certo em minha posição e que já tinha aprendido tanto o trabalho que podia até saber um pouco mais sobre aquele assunto do que ela. Acabou me tirando do sério e, para irritá-la mais, joguei isso em sua cara e a chamei de Valentona, o que a fez se afastar pisando duro e me chamando de infantil.

Entrei em minha sala, distraído com aqueles pensamentos. Tirei um cigarro do maço e pus no canto da boca, acendendo-o com o isqueiro e indo me jogar no sofá para fumar em paz antes de ver o que tinha sobre a minha mesa para resolver. Theo ia chegar mais tarde naquele dia, pois acompanhou Eva e Helena a uma consulta. Tinha me pedido para resolver algumas coisas para ele.

Tirei o celular do bolso e busquei uma música legal para curtir enquanto fumava. Estava lá escolhendo quando bateram rapidamente na porta e logo Pedro entrava. Ele tinha aquela mania de entrar sempre de uma vez e comentei bem humorado:

- Qualquer dia desses vai me pegar transando com uma mulher em cima da mesa e vai ficar todo sem graça. – Dei uma tragada no cigarro e semicerrei os olhos por causa da fumaça, dando um leve sorriso e segurando o cigarro entre os dedos para completar: - Se bem que, do jeito que você é cara de pau, vai até pedir para participar.

Em vez de responder uma sacanagem, como em geral fazia, Pedro me olhou sério, com o semblante carregado:

- Theo, Helena e Eva sumiram.

- O quê?

Na hora parei de sorrir. Fiquei de pé e amassei o cigarro no cinzeiro na mesa de frente. Fui até ele.

- O que está dizendo?

- Eu soube agora e corri aqui para te avisar. Joaquim e Heitor estão vindo da fazenda e vamos todos para a delegacia.

- Explica isso, Pedro!

- Estavam na consulta, o segurança ficou na porta. Disse que uma enfermeira entrou e depois saiu com Helena no colo, acompanhada do médico, de Theo e Eva. Theo disse pra ele ficar ali e seguiu pelo corredor. Sumiram no final. Mas demoraram muito e o cara ficou desconfiado. Foi lá espiar e encontrou o médico do lado de fora do galpão, morto com um tiro na cabeça.

- Porra... – Soltei, nervoso.

- Porra mesmo! – Pedro estava furioso e foi pisando duro para a porta. – Nem sinal de Eva, Helena e Theo! Não sabemos nem por onde começar a procurar. Vamos para a delegacia e...

- Eu sei.

Pedro parou e se voltou de imediato.

- Sabe? Como?

Peguei meu celular de volta e liguei o GPS com rastreador especial, coisa que usávamos em algumas missões. Não era legalmente permitido usar fora de serviço, mas nunca fui bom mesmo com regras. Em segundos ele apitou e me mostrou um local perto do rio Parnaíba, depois de Ituiutaba, em uma região agrícola. Pedro veio até mim e mostrei a ele.

- Estão aqui.

- Puta merda! Mas como...?

- Eu dei uma pulseirinha de presente para Helena. Pedi que Theo

colocasse nela e não tirasse.

- Sei, eu já vi.

- Felizmente não tiraram. Sabendo que Luiza poderia querer sequestrar a menina e pedir um resgate ou algo do tipo, pus um rastreador no pingente da pulseira. – Falei apressado, indo rápido até a porta e saindo na frente de Pedro. – Vamos logo, tá esperando o quê?

- Porra, cacete, puta que... – Pedro veio atrás, aliviado, me dando uma porrada no ombro. – Você é foda! Vamos correr para a delegacia!

E eu também parabeneizei a mim mesmo pela ideia, embora soubesse que teríamos que correr para chegar a tempo, antes que fizessem alguma covardia com Theo, Eva ou Helena. E que ainda teríamos que planejar bem como cercar o local e invadir sem que eles saíssem feridos.

Lembrei da minha Glock calibre .40, que era a preferida por forças paramilitares e policiais do mundo e cujo modelo 9mm era de uso exclusivo das Forças Armadas, da Polícia Federal e da ABIN no Brasil, que estava em minha casa alugada. Ela tinha precisão absoluta de mira e tiro, uma arma tática e segura que parecia até uma extensão do meu corpo, tão acostumado estava com ela. Não podia deixar de levá-la. Tinha impressão de que seria muito necessária.

Foram momentos de puro terror e mesmo eu, acostumado com tensões e missões que envolviam risco de vida, estava desesperado por dentro, por que daquela vez era meu irmão e minhas sobrinhas presos naquela cabana perdida no meio do mato.

A polícia tinha cercado tudo e nos tiraram do caminho, mas por causa da minha profissão não puderam me impedir e mirei a Glock em uma das janelas, minha mente trabalhando, analisando todos os riscos. Não podíamos invadir e colocar a vida deles em perigo. E nem esperar demais. E então, ouvimos os tiros secos, os gritos, e meu coração parou na boca, meu lado frio e profissional lutando com o emocional.

O Delegado Ramiro fez um gesto como a indicar que invadiriam a casa, foi quando vi pela vidraça Lauro surgir em meu campo de visão, agarrado com Eva. Na mesma hora, mirei nele, esperando só uma oportunidade para que ela saísse do caminho e eu pudesse acertá-lo. Não havia tempo para esperar mais. Tudo se preparava para explodir e eu estava tenso, recusando-me a pensar se aqueles tiros anteriores tinham sido em Theo.

Foi tudo rápido demais. Lauro empurrou Eva sobre a cama e, quando o vi sob a mira, puxei o gatilho. Era para acertar sua cabeça, mas ele se moveu na hora e vi a bala estilhaçar a vidraça e acertar entre o ombro e o pescoço dele, fazendo-o ser jogado para o lado. Xinguei um palavrão, pois morto não

ofereceria risco, mas vivo ainda poderia fazer um estrago. E então, tudo aconteceu.

Os policiais chutaram a porta e invadiram a cabana. Eu corri, vendo pela janela quebrada Theo surgir em meu campo de visão e terminar de derrubar Lauro. Meu coração deu um pulo de alívio por saber que ele estava vivo. Entrei correndo na casa, seguido por Heitor, Joaquim e Pedro, a tempo de ver Eva correr para pegar Helena que chorava e Theo socando Lauro no chão.

Ninguém agiu, como se soubesse que o bandido merecia aquilo ou que nem um trator tiraria meu irmão de cima dele. Ou estivesse todo mundo ainda em choque. Não sei. Quando Theo se levantou e pegou a arma, cheguei a dar um passo à frente e abrir a boca, para tentar impedi-lo, mas sua voz ecoou fria:

- Eu não disse que ia te matar? Vai para o inferno.

E deu dois tiros em Lauro.

Vi o estrago à minha volta, Luiza morta ali e foi impossível não sentir uma sensação horrível de incapacidade. Eu sabia que eles tinham procurado aquilo, que eram tão ruins que teriam coragem de matar Theo, Eva e até Helena. Minha parte consciente entendia que tiveram o fim que procuraram, mas lamentei, pois Luiza era minha irmã. Destruíu sua vida naquela vingança.

Fiquei quieto, imóvel, quando o delegado Ramiro falou:

- O que vimos aqui foi a polícia invadir o local e eliminar o bandido que ameaçava pessoas inocentes.

E foi assim que as coisas se resolveram. Os bandidos mortos, a vingança finalizada, a ameaça terminada. Theo não seria acusado de nada e no fundo gostei disso, pois ele defendeu sua família e não merecia pagar por isso. Mas também pensei comigo mesmo sobre toda aquela tragédia que começou anos atrás por culpa de um triângulo amoroso e por Mario Falcão mandar matar Pablo Amaro, meu verdadeiro pai.

Mario nunca pagou por aquele crime. E o resultado foi a vingança de Estela e Luiza. Agora elas estavam mortas, mas os Amaros estavam vivos. Eu tinha o sangue deles nas veias, assim como Eva e Gabi. Impressionantemente, mesmo assim, estávamos ao lado dos Falcão.

Suspirei, emocionalmente cansado.

Agora eu esperava que a paz se estabelecesse entre as duas famílias.

Eu fui com Pedro para a delegacia, resolver os trâmites legais. Antes de sair, me despedi de Theo e Eva do lado de fora e comentei que agora eu iria embora, mas eles me pediram para ficar mais. Eva inclusive disse que eu era seu tio e nem nos conhecemos direito. Concordei em esperar, pois eles precisavam de um tempo e acho que eu também.

Saí tarde da delegacia e fui para casa. Sentia-me exausto emocionalmente e caí na cama, fechando os olhos. Lembrei de novo de Luiza morta naquela cabana, do meu desespero ao me procurar no Rio de Janeiro para que eu a ajudasse em sua vingança, de tudo que poderia ser diferente e não foi. As coisas começaram erradas, com uma covardia do passado, quando Mario matou meu pai e expulsou-as de suas terras. E agora só ele continuava vivo, mas preso naquela cadeira de rodas. E fui eu, um Amaro pela metade, que o colocou ali.

VALENTINA

No dia seguinte não se falava em outra coisa na cidade além do atentado que Theo, Eva e Helena sofreram. Ninguém sabia ao certo o que tinha acontecido, além do fato de que foram sequestrados e salvos no último momento quando a polícia invadiu o cativeiro e matou os bandidos.

Eu fiquei nervosa, preocupada, finalmente entendendo por que Theo tinha passado momentos tão difíceis e a família toda precisado de seguranças. E na hora pensei nos riscos que eles tinham corrido. E em Micah.

Não o vi naquele dia, assim como não vi Theo nem Pedro. Todo mundo conjecturava quem eram os bandidos e se falava de uma família do passado que viveu ali, os Amaro, que queriam se vingar por terem perdido suas terras para os Falcão. Eu não sabia até que ponto os boatos eram verdadeiros e nem me lembrava daquela família, embora já tivesse ouvido superficialmente falarem deles.

Sabia que naquele dia deviam estar resolvendo um monte de coisas, depois de um atentado e um susto daqueles, mas não consegui ficar em paz. Por isso, só respirei mais aliviada quando vi Micah entrar no escritório no final da tarde. Na mesma hora percebi seu semblante cansado e carregado, bem diferente do normal e senti o peito apertar, preocupada com ele, querendo fazer algo para amenizar aquele aspecto de dor.

Mesmo que só nos falássemos o essencial e nossa relação agora fosse fria e distante, não pude me conter e o segui até sua sala, dando uma batida leve e entrando em seguida, nervosa.

- Micah ... – Eu fechei a porta atrás de mim e me encostei nela, buscando-o com o olhar.

Ele estava perto da mesa, tirando a jaqueta de couro preta e se virou. Foi impossível não notar que estava pálido, tenso, a sombra de barba em seu rosto mais pronunciada, os olhos cansados. Odiei vê-lo daquele jeito, tendo a mesma sensação massacrante de incapacidade que sentia quando via seus olhares de

revolta na escola, mascarando sua tristeza.

Micah terminou de tirar a jaqueta e a largou na cadeira, observando-me, calado. Eu tentei não parecer tão ligada a ele, tão abalada, e perguntei:

- Eu soube o que aconteceu e estou chocada. Como estão todos?

- Tudo bem. – Ele passou a mão pelo cabelo, despenteando-o mais, caminhando até a mesa e pegando alguns papéis. – Preciso que assine esses documentos, Valentina, e os envie por fax. Fiquei de fazer isso hoje, mas estou morrendo de dor de cabeça. Pode resolver para mim?

- Claro. – Respondi, surpresa por que mesmo não parecendo bem Micah tinha ido ali preocupado com os negócios. Dei uns passos até ele: - Aconteceu algo mais sério, Micah?

Virou-se devagar. Eu nunca o tinha visto com o semblante tão transtornado e sorriu sem vontade.

- Algo mais sério? – Repetiu, mas sacudiu a cabeça. – Digamos que tudo se resolveu. Theo, Eva e Helena estão bem.

- E você?

Seus olhos encontraram os meus, parecendo me penetrar em sua intensidade. Estremeci por dentro, parando a uma distância segura, ansiosa, sem saber o que fazer, mas não querendo deixá-lo sozinho antes de confirmar se estava realmente bem.

- Está preocupada comigo? – Sua voz soou baixa.

- É que você parece nervoso e ... pensei que ainda possa ter alguma ameaça, não sei. – Permaneci em meu lugar, mas com uma vontade enorme de confortá-lo, de entendê-lo. – Foi por isso que você voltou, não é? Sabia que Theo corria perigo.

Não respondeu, só me olhou, realmente cansado. Tentei entender aquela tristeza em seu olhar, pois tudo parecia ter terminado da melhor maneira possível. E insisti:

- Por que está assim?

Continuou sério, tenso, duro como nunca vi. Largou os documentos sobre a mesa e falou baixo, quase como se fosse para si mesmo:

- Uma história do passado acabou. Eu fico feliz por que meu irmão, Eva e Helena estão bem. Mas não consigo parar de imaginar que tudo poderia ser diferente, que o ódio destruiu muitas vidas e que sou fruto desse ódio. E de alguma maneira tenho responsabilidades, cooperarei para que as coisas terminassem desse jeito. Não sei o que estou fazendo aqui ainda.

Não entendi direito tudo o que disse. Como assim, ele era fruto do ódio? No entanto, senti suas emoções, tive certeza que não estava bem e ao mesmo tempo senti uma espécie de medo, pois parecia uma despedida. Paralisada,

perguntei baixinho:

- Você vai embora?

Micah pareceu despertar de seus pensamentos tenebrosos. Caminhou devagar até mim, fitando-me, seu sorriso surgindo frio e escondendo suas emoções:

- Por que quer saber? Está esperando eu sair para comemorar? Guarde mais um pouco seu champanhe na geladeira e seus fogos no armário, ainda vou ficar um tempo aqui, como Theo me pediu. Mas não se preocupe, Valentina, não vai demorar muito para se livrar de mim.

Pensei que me tocaria e não me movi, mas apenas passou ao meu lado, seu ombro roçando no meu. Notei o cansaço em sua voz ao abrir a porta:

- Envie esses documentos para mim. Amanhã retomo o trabalho. – E saiu.

Soltei o ar devagar, sem poder me livrar da preocupação, da certeza de que Micah se sentia triste e sozinho, mas lutando comigo mesma para não me importar com aquilo. Assim como tentei não ligar para o fato de que se aproximava o dia dele ir embora de vez, como sempre imaginei que faria.

Mas fiquei arrasada o resto do dia, sentindo-me também culpada por tudo que falei a ele no meu quintal, usando seu problema com o pai como uma arma. Eu quis me proteger, quis afastá-lo de mim e de Cacá e joguei baixo, sujo. Agora, Micah provava que tinha colocado a família acima de si mesmo quando voltou para tentar ajudar Theo, quando possivelmente havia sumido no mundo exatamente para não pisar em Florada de novo.

Trabalhei com a angústia remoendo dentro de mim e me sentindo uma covarde. Não conseguia pensar em outra coisa a não ser naquilo e nos olhos dele. Imaginei que todos na fazenda deviam estar cercando Theo, Eva e Helena de carinho, talvez até mesmo Mario Falcão. Mas quem cuidaria de Micah? Quem notaria que ele não estava bem, por um motivo que eu desconhecia?

Saí do escritório e encontrei Elvis por coincidência no caminho. Ele parou ao me ver na calçada, sem graça, ainda mais por que estávamos mesmo separados. Eu tinha insistido em dar um tempo, mas não tinha intenção de voltar para ele. Conversamos, expliquei que realmente não tinha sido casada, mas não dei maiores detalhes.

Apesar de ainda usar a aliança, talvez para me proteger ou talvez para não magoá-lo, sabia que aquele noivado nunca deveria ter existido. E lamentava não ter sido tão sincera comigo nem com ele.

- Oi, Valentina. Posso te acompanhar até em casa?

- Desculpe, Elvis, eu ... – Ia dizer a verdade, que não estava bem, mas ele me interrompeu:

- Não vou demorar. Só queria falar uma coisa com você.

Percebi que parecia preocupado e nervoso, assim concordei com a cabeça e andamos juntos, lado a lado.

- O que houve?

- Primeiro me responda: nosso rompimento ... É isso que você quer mesmo?

- Elvis, eu já falei ...

- Sim, eu sei. Mas é que preciso que pense bem, Valentina, pois realmente há uma mulher interessada em mim.

- A admiradora secreta? – Olhei-o, curiosa. – Descobriu quem é?

- Não. – Parecia irritado. – Mas ela já atacou mais duas vezes.

- Atacou como?

- Outro dia jogou um ramallete de flores do campo na minha varanda e sujou tudo! Estou revoltado com sua falta de consciência e também por ser tão burra! Se eu soubesse quem era, ia dar uma vassoura e obrigar a limpar a bagunça que fez e depois a matricularia em um curso supletivo! Me mandou um bilhete ainda pior, cada erro de português que você nem imagina! – Desabafou.

Eu quase sorri, mas ele continuou, nervoso:

- Valentina, ela escreveu que eu “destróio” o coração dela. E que até o fim de ano vai aparecer para mim como presente de Natal e então vai “cer”, escrito com a letra C, veja bem ... Vai “cer” o amor da minha vida. Como posso aguentar uma coisa dessas?

- E você nem desconfia quem é?

- Um extraterrestre? Algum aborígene perdido da Austrália que veio parar no Brasil por engano e ainda está aprendendo o português?

Eu acabei rindo e ficou ainda mais irritado. Completou:

- E ontem deixou uma folha de papel grudada no meu portão, vi quando acordei.

- Tenho até medo de perguntar o que estava escrito.

- Até que dessa vez não foi tão analfabeta. Disse apenas que ia aparecer para mim logo e que era para pensar nela e esperar o madito “fiu fiu”. E que eu devia estar livre até lá, tinha que me separar de você. – Olhou-me quando paramos em frente à minha casa. – Então, eu pensei que ...

- Elvis, escute. – Fui o mais delicada possível, fitando-o. Percebi que, apesar de parecer revoltado, ele estava curioso e abalado com aquela história de admiradora secreta. – Nós não daríamos certo e lamento muito por não ter sido para você a mulher que merecia. Vamos continuar apenas amigos.

- Tem certeza? – Havia um misto de decepção e esperança em seu semblante, como se nem ele soubesse o que era melhor.

- Sim, tenho. – Tirei a aliança e entreguei a ele, sem querer magoá-lo. – Espero que seja feliz, Elvis. E que essa admiradora secreta seja alguém que você goste.

- Mas é muito burra ...

- Não se incomode com isso, ninguém é perfeito. Talvez seja legal e ame você de verdade. Dê uma chance a ela.

Pegou a aliança e me encarou.

- Será? Eu não sei de mais nada.

- Por que não espera ela fazer “fiu fiu” e se apresentar? – Sorri e ele deu de ombros, meio triste.

- Está bem, Valentina. Mas se você mudar de ideia ...

- É melhor assim. – Falei com carinho.

Elvis acenou com a cabeça e deu um passo para trás, guardando a aliança no bolso. Ficou um clima estranho e incômodo entre nós e me senti culpada, mas soube que era o certo a fazer. Acabamos nos despedindo e entrei em casa ainda mais cansada e desanimada, pois parecia que eu não estava me saindo muito bem com as pessoas naquele dia.

Depois de um bom banho, preparei o jantar e chamei Cacá para comer. Estava já colocando a comida no prato, quando ele sentou em volta da mesa e comentou casualmente:

- Hum, adoro lasanha! Micah disse que é a comida preferida dele.

Eu o olhei na hora. Já tinha percebido que de vez em quando ele comentava algo de Micah, como se estivessem cada vez mais próximos. Aquilo me assustava, mas não havia como impedi-lo. Terminei de servi-lo e indaguei sem fazer alarde:

- Vocês estão cada vez mais amigos, não é?

- Gosto muito dele. – Cacá se serviu de suco, sem perceber minha ansiedade. E completou, para minha surpresa: - Se não fosse por Micah, ficaria em dependência em duas matérias na escola.

- Como assim?

- Ele me deu umas aulas. De Matemática e Química. Foi muito legal e passei tranquilo.

- Por que não me disse isso? – Perguntei surpresa.

- Sei lá. Você é meio implicante com ele. – Deu de ombros e começou a comer.

Eu me senti ainda pior e muito injusta. Micah não fez nada mais do que ajudar Cacá e ser amigo dele, não havia do que acusá-lo. Se alguém ali foi errado, esse alguém era eu. E me senti engolfada pela culpa novamente.

Já ia me servir e sentar, mas olhei para a travessa de lasanha, só

lembrando dos olhos dele naquele dia, sua aparência, imaginando sua solidão. Fiquei arrasada, me sentindo muito mal. Olhava para mim mesma e não gostava do que via.

Cortei um grande pedaço de lasanha e pus em um prato, cobrindo-o com outro. Cacá me olhou sem entender e perguntou:

- Não vai comer?

- Você disse que Micah gosta de lasanha e sei que ele anda meio cansado com esse sequestro de Theo e tudo mais. Vou levar um pedaço para ele.

Meu filho me olhou surpreso, como se eu dissesse que ia dançar nua na rua. Fiquei corada, sem graça e apressei-me para sair dali. Ele ainda perguntou:

- Quer que eu leve pra ele?

- Não, termine de comer. Volto logo.

Já estava arrependida, morrendo de vergonha, mas a preocupação e a culpa foram maiores do que tudo. Assim, saí pela porta da frente e, antes que perdesse a coragem, toquei a campainha da casa dele.

Micah surgiu no meu campo de visão e franziu o cenho ao me ver em seu portão. Estava sem camisa, descalço e de bermudas. Tentei não reparar em seu corpo, naquelas tatuagens todas, na sedução daquelas bermudas caídas tão pecaminosamente em seus quadris, na sua masculinidade latente. Mas reparei assim mesmo, como notei também seu semblante ainda cansado e sério.

- O que houve? – Perguntou, diante de mim, abrindo o portão.

- Eu ... Bem, o Cacá me disse que você adora lasanha e achei que podia estar com fome. – Falei nervosamente, estendendo-lhe o prato, sentindo meu rosto pegar fogo. – Trouxe um pedaço para você.

Ficou me olhando, como se esperasse alguma armadilha da minha parte. Quase saí correndo. Não pegou o prato e então perguntou, seu olhar parecendo me perfurar:

- Por que isso agora, Valentina?

- Eu só ... Achei que estivesse com fome. – Minhas mãos tremeram e continuei com o prato estendido, envergonhada, com medo que recusasse. Senti velhas inseguranças voltarem, quando tudo que eu queria era a aprovação dele. Ao mesmo tempo, não aguentei a culpa e deixei meu orgulho de lado ao dizer baixinho: - E também, eu queria que me desculpasse pelo que disse aquele dia de você e do seu pai. Eu só queria te machucar. Estava errada. Sei que voltou por sua família, por seus irmãos. E me arrependo muito do que eu disse.

Micah apenas me olhava, calado, duro, sem me deixar imaginar o que pensava.

- Pegue, por favor. – Murmurei, muito abalada, sabendo que me acabaria em lágrimas se ele dissesse uma só palavra agressiva.

Naquele momento, algo aconteceu. Seu olhar suavizou e ele ergueu as mãos, segurando o prato, seus dedos roçando os meus, fazendo uma corrente de energia percorrer o meu corpo e o alívio me envolver como uma onda quente. Eu soltei o ar, sem saber que tinha parado de respirar, atacada por emoções violentas que só Micah tinha o poder de despertar em mim.

- Valentina ...

Tirei as mãos, sabendo que se ficasse ali eu me entregaria, eu choraria e diria coisas das quais me arrependeria, eu mostraria meus sentimentos para ele, todos eles, que me consumiam desde que o vi pela primeira vez e meu coração bateu mais rápido, nunca mais voltando ao normal. Recuei, como uma covarde. Era a única maneira de me resguardar, de escapar, de não cair aos seus pés implorando por algo que eu nem queria encarar de frente.

Por isso fugi. Simplesmente virei as costas e corri para casa, seguida por seu olhar, tudo dentro de mim gritando, latejando, explodindo. E mesmo depois que entrei em casa, eu o sentia comigo, vivo em cada parte do meu ser.

Demorei a me recuperar. Tive que me encostar na parede da sala e fechar os olhos, respirando pesadamente, sua imagem gravada em minha mente, meus nervos em frangalhos. E foi ali que me dei conta de algo que eu sempre soube, mas que fiz o impossível para não pensar nem admitir para mim mesma.

Eu o amava. Ainda. Como no passado, como sempre foi.

Eu amava Micah Falcão.

Nunca deixei de amá-lo.

CAPÍTULO 18

VALENTINA

No dia seguinte as coisas foram complicadas. Não vi Micah, Theo, nem mesmo Pedro. Muita coisa se acumulou no escritório e tentei dar conta de tudo sozinha, priorizando o que tinha mais importância. O pior é que estava ansiosa, distraída, sem tirar Micah do pensamento, ainda mais que agora tinha admitido para mim mesma o que sempre soube, mas que procurei negar. Que eu era completamente apaixonada por ele.

Estava com muito medo, sem saber como seria minha vida dali para frente. Eu me sentia perdida, envolta em uma teia complexa de segredos, receios e verdadeiro pânico. O que quer que eu fizesse traria consequências e minha vontade era de ficar quieta, não me mover, mas sabia que seria impossível.

Antes de sair do escritório naquela quinta-feira, no final do expediente, Eurídice me disse que no dia seguinte eu teria uma reunião com Micah e com Pedro sobre a FeiCorte de manhã e logo depois iria a um almoço de negócios com um de nossos clientes em Pedrosa. Também comentou que Theo ficaria uns dias afastado para cuidar da família. Segundo ela, eu e Micah assumiríamos o escritório e Pedro continuaria com o frigorífico.

Fui para casa nervosa ao saber que ficaríamos perto um do outro no trabalho. E naquela noite não o vi. Não sabia como seriam as coisas entre nós depois da trégua que assinei levando a lasanha para ele. Assim como não sabia se ele estava bem.

Na sexta-feira, não sei se fiz de propósito, de caso pensado, ou foi algo além do que eu podia controlar. Estava nervosa ao acordar e me achei com olheiras. Resolvi caprichar um pouco mais na maquiagem e, quando me olhei no espelho, tinha deixado os cabelos soltos em suaves cachos, passado base no rosto, delineador em torno dos olhos, rímel até os cílios ficarem fartos e um batom cor de vinho nos lábios.

Estava diferente, feminina, bonita. Olhei para mim mesma como se me visse pela primeira vez, observando o que as pessoas notariam quando olhassem para mim. Nunca fui vaidosa, minha insegurança ainda era uma constante, mas fiquei parada gostando do que via, querendo de alguma maneira ser admirada. Principalmente por ele.

Fui até o guarda-roupa, tentando agir normalmente, ser a mesma de sempre, mas me vi procurando algo diferente. Vi várias das minhas roupas de trabalho, mas eu não as queria. Mexi nos cabides e achei um vestido preto

transpassado que tinha um belo decote, se moldava aos seios, marcava a cintura e caía solto pelos quadris até quase os joelhos. Nem lembro para que o tinha comprado, mas o agarrei sem querer pensar por que e o vesti, arrematando com sapatos eram altos e pretos, delicados.

Tinha uma preferência por roupas íntimas bonitas. Desde que emagreci e passei a me cuidar mais, passei a comprar lingerie que me fizessem sentir bem, mais bonita. Sob a roupa eu vestia um conjunto de sutiã e calcinha pretos, bem macios, com renda delicada. Quando me olhei de novo no espelho, me senti uma nova mulher e fiquei apreensiva, cheguei a voltar ao guarda-roupa para me trocar, mas parei, cheia de dúvidas. E num ato raro de coragem, agarrei minha bolsa e corri para a porta, saindo assim mesmo, sem saber por que me sentia tão nervosa e agitada.

Pessoas que passaram por mim quando estacionei meu carro perto da praça, me cumprimentaram e olharam com admiração, fazendo-me corar. Quando entrei no escritório, vários colegas me elogiaram e Eurídice disse arregalando os olhos:

- Nossa, como você está linda, Valentina!

- Eu só me maquiei um pouco. – Justifiquei, já arrependida por minha vaidade tola, envergonhada por chamar a atenção. Por isso, praticamente corri para a minha sala, mas ela avisou quando abri a porta:

- Pedro e Micah esperam você no escritório de Micah para discutirem sobre a Feicorte. E o Aquiles Fontana, da rede de supermercados PREÇO & QUALIDADE confirmou o almoço hoje, com reserva às dez para que possam ter uma reunião antes.

- Ah, sim ... Obrigada. – Terminei de entrar em minha sala, indecisa, sem saber se tirava a maquiagem. Tive receio do que pensariam e ajeitei o vestido para esconder mais o decote, achando que eu só podia estar louca para me enfeitar daquele jeito só para trabalhar.

Mas acabei respirando fundo e criando coragem. Deixei minha bolsa sobre a mesa e caminhei até a porta de comunicação com o escritório de Micah, batendo e entrando rapidamente.

- Bom dia.

- Bom dia, Valentina. Estávamos esperando você para ... – Micah, que estava escorado na ponta da mesa fumando um cigarro, calou-se quando seus olhos bateram em mim.

Corei de imediato e me aproximei dele e de Pedro, sentado na cadeira em frente. Os dois ficaram mudos olhando para mim. Na mesma hora senti como me fitaram de cima abaixo, surpresos, algo estritamente masculino me deixando morta de vergonha, chamando muito mais atenção do que imaginei. Parei, quase

fugindo e me refugiando em minha sala, olhando de um para o outro muito nervosa, sentindo-me como se estivesse nua.

Micah olhava-me com intensidade e, mesmo abalada por isso e por revê-lo, fiquei feliz ao notar que o cansaço e a tristeza em seu olhar tinham sumido, que ele parecia o mesmo novamente, mais lindo do que nunca. Uma energia forte e densa pulsou entre nós, fez minhas pernas ficarem bambas. Mas Pedro tomou a palavra e me desconectei de Micah para poder olhá-lo:

- Você está linda, Valentina. Mais linda do que já é. Devia se vestir assim mais vezes.

Fiquei ainda mais vermelha por que o olhar dele era bem safado, brilhante, apreciando minhas pernas e meus seios. Muda, olhei para Micah novamente e mordi o lábio porque ele estava imóvel, completamente atento a mim, o cigarro esquecido na boca. E Pedro completou:

- Ainda mais agora que está solteira novamente. Pretendentes não faltarão.

- Está solteira? – Micah perguntou devagar. Seus olhos ardiam, fixos, sem piscar. Apertou-os de leve e me senti devassada por eles, como se me prendessem no lugar. Então baixaram para minha mão direita, sem a aliança.

Fiquei sem reação, mas Pedro, que parecia bem falante e interessado em mim naquele dia, acabou sorrindo cheio de intenções:

- Felizmente.

Micah parecia querer me comer viva, morder cada pedacinho meu e engolir bem devagar, saboreando. Eu podia lidar com o interesse de Pedro, fingir que não notava, até sorrir e agradecer sem graça. Mas Micah me deixava sem reação, atacada, queimando, bem consciente de que por sua mente passava tudo que queria fazer comigo e nenhum daqueles pensamentos era inocente.

Tentei não me abalar tanto e reagir. Seria infantilidade sair correndo, assim olhei para frente, em algum ponto perdido da parede, forçando-me a me aproximar da mesa e me sentar na cadeira ao lado de Pedro, toda dura, as pernas trêmulas. Estava completamente arrependida daquela minha ideia estapafúrdia de me arrumar, de inconscientemente querer a atenção de Micah. Agora eu a tinha, completamente. E de quebra, a de Pedro também.

Não soube o que fazer com aquilo, com aquele poder de atração e sedução. Eu estava acostumada a me esconder, pois no passado tinha chamado atenção por usar óculos fundo de garrafa e ser gorda. E agora estava querendo só correr para o banheiro, lavar aquela maquiagem, voltar a me refugiar em minhas roupas seguras.

- O que ... O que queriam falar comigo? – Consegui perguntar, empertigada em meu lugar.

Sem poder me conter, ergui o olhar. Micah continuava a me encarar e a sensação que tive foi a de que viria até mim, me puxaria para seus braços e murmuraria um monte de sacanagens em meu ouvido, independente se Pedro estava ali ou não. Era o que aquele olhar prometia e arregalei um pouco os olhos, ansiosa. E então ele sorriu de leve, como se soubesse que eu havia entendido.

Foi como se aquele período em que me ignorou e tratou com frieza nem tivesse existido. Eu o sentia todo ali de novo, completo, mais perturbador do que nunca. E soube que estava perdida.

Com calma, ele tirou o cigarro da boca, soltou a fumaça e o apagou no cinzeiro ao seu lado, sem deixar de me fitar ao comentar:

- Estávamos discutindo sobre a FeiCorte em Uberlândia na semana que vem. Theo já disse que não vai e quer que dois de nós represente a Falcão Vermelho lá.

- Eu voto em mim e na Valentina. – Pedro disse com a maior cara de pau, sorrindo. – O que me diz? Podemos depois até dar uma esticada por lá, sair para jantar e tudo mais que desejar.

Corei de novo e suspirei. Todo mundo sabia que Pedro era o maior mulherengo e dava em cima de qualquer uma que usasse saias, mas sempre havia me respeitado. Olhei-o de soslaio, estranhando que apenas uma roupa mais justa o fizesse mudar de ideia, e o peguei olhando para Micah com ar provocador e de deboche. E ao ver como Micah o olhou de volta de cara feia, eu entendi.

Fiquei mais nervosa ainda e cruzei as mãos no colo, abalada. Não tinha sido o que no fundo eu queria, chamar a atenção de Micah? Por que agora eu me descontrolava tanto por perceber que Pedro dava em cima de mim de propósito para enciumar o irmão, pois notara o modo como me devorava com os olhos?

- Eu vou com Valentina, você vai cuidar do frigorífico, que é o seu lugar. – Retrucou Micah. – Aliás, nem sei o que você está fazendo aqui.

Pedro riu, implicando mais:

- Já fui algumas vezes na FeiCorte e tenho mais experiência que você. O que me diz, Valentina? Não sou o mais bem qualificado?

Eu estava muito sem graça e antes que pudesse dizer algo, surpreendi-me quando Micah riu e retrucou:

- Mais bem qualificado para cuidar das carnes congeladas. Além de tudo, sou o irmão mais bonito. Você não vai querer ficar dois dias em Uberlândia olhando para a cara feia dele, não é, Valentina?

Eu não soube o que dizer, estava nervosa demais para alguma coisa.

- Entre um loiro forte e charmoso e um descabelado que expele fumaça como uma chaminé, quem você acha que ela vai escolher?

- Cadê o loiro forte e charmoso? Vejo um brutamontes que precisa de

óculos ou de um espelho.

Enquanto eles ficavam se ofendendo com certo bom humor, eu consegui me acalmar um pouco mais e os observei, quieta. Sem querer, admirei Micah em silêncio e então ele me olhou e seu olhar se transformou, tornando-se quente, sensual, duro. Parecia me prometer um castigo por provocar seu ciúme e a paquera do seu irmão.

Tudo dentro de mim rebuli. Um calor incontável subiu pelo meu corpo e imaginei-me passando dois dias com ele em um hotel em Uberlândia e isso só me deixou mais nervosa e apavorada. O sangue correu rápido nas veias, meus mamilos se arriaram como se tivessem sido tocados por ele, cada parte do meu corpo reagiu.

Eu o desejava com uma fome que me consumia, que latejava mais do que uma necessidade. E a cada segundo que meu lado racional perdia para as emoções, eu o temia mais, eu me convencida que era loucura o que estava fazendo, o que estava me permitindo.

Criei um resquício de coragem e me ergui de repente, fingindo frieza quando minhas pernas pareciam gelatinas e minha voz saía ligeiramente trêmula:

- Bem, tenho muito trabalho a fazer. Preciso ainda ir a um almoço em Pedrosa com o nosso cliente dos Supermercados PREÇO & QUALIDADE e sei a solução perfeita para o problema de vocês. Os dois vão juntos a FeiCorte e eu fico aqui. Com licença.

Ficaram quietos enquanto eu me afastava a passos que lutei para que fossem firmes e ia para minha sala, onde então soltei o ar dos pulmões, muito abalada. Até quando eu conseguiria resistir?

MICAH

Eu olhava para a porta de comunicação fechada, quando Pedro se levantou e deu um tapa bruto em meu ombro, ainda disposto a me provocar:

- Sempre quis dar uns “pegas” nela.

Na mesma hora o encarei fixo e ele sorriu, mas continuou:

- Sabe como é, irmão, só me meto com as que gostam de sacanagens como eu. Fujo das certinhas. Valentina é mulher pra casar, por isso fiquei na minha.

- Então, é melhor continuar na sua. – Alertei.

- Mas cara, viu aquele corpo cheio de curvas e aquelas pernas compridas? Deixam um homem doido! Acho que vou mudar de ideia. Vamos

fazer assim, vou na FeiCorte com ela e tento a sorte. Quebra essa pra mim, irmão!

Eu abri a boca para mandá-lo se foder, mas vi seus olhos brilhando e seu sorriso aberto, debochado. Na hora entendi o que estava acontecendo. Pedro tinha sacado que eu estava a fim dela e tentava me sacanear, me provocar ciúmes. E pior que conseguiu.

Percebi ali que aquela história já tinha ido longe demais entre mim e Valentina. Eu havia cansado só de olhar, de tanta coisa entre a gente, de me conter. A raiva que tinha me feito tratá-la friamente e evitá-la no escritório tinha ido por água abaixo quando foi levar para mim aquele pedaço de lasanha, se desculpando com o olhar e com a expressão corporal mais do que com palavras, deixando claro que se importava comigo. Eu tinha me sentido cuidado, sua preocupação me tocou bem no íntimo, me desconcertou e aliviou. Ela tinha me dado, talvez sem saber, o que eu mais precisava naquele momento.

E agora, eu sabia que não tinha mais volta. Não era mais uma provocação nem uma tentativa de afastamento, era um desejo puro e uma emoção mais forte, mais difícil de controlar. Eu sentia que precisava dela e meu corpo estava aceso, ligado, excitado. Tudo só tinha piorado ao vê-la tão linda e sensual, tão diferente.

Quando me afastei da mesa com olhar decidido, com o coração batendo possante no peito, o desejo me deixando nervoso, Pedro recuou e meneou a cabeça:

- Está certo, entendi. Vou respeitar só por que você é meu irmão.
- Some daqui, Pedro!

Ele riu de se acabar, mas caminhou para a porta, dizendo sobre os ombros:

- Boa sorte.
- Não preciso de sorte. – Retruquei e não esperei para vê-lo sair, já marchando para a porta de comunicação entre nossas salas.

Mas sua voz me fez parar, ao dizer como quem não quer nada:

- Só mais uma coisa, Micah.
- O que é? – Eu o olhei com impaciência.
- Esse cliente com quem Valentina vai almoçar, dono da rede de supermercados, sempre arrastou uma asa pra ela. Todo mundo sabe, só Valentina nunca pareceu se dar conta. Abra seus olhos, o cara é rico, “pintoso” e agora ela está solteira. – Deu de ombros e ainda acrescentou antes de sair, sorrindo meio de lado: - Conselho de irmão.

Eu fiquei imóvel um momento, achando que era só mais uma sacanagem de Pedro, mas senti uma onda de irritação e de ciúmes me invadir e na hora decidi ir junto com ela, ver com meus próprios olhos se era verdade. Virei e abri

a porta de comunicação sem bater, entrando na sala dela, meus olhos buscando-a. E encontrando o lugar vazio.

Marchei decidido até a sala de Eurídice, olhando em volta, indagando:

- Cadê a Valentina?

- Ela saiu.

- Porra ... – Murmurei. – Eurídice, ela já foi para o tal almoço de negócios?

- Foi, em Pedrosa.

- Me passa o endereço do restaurante, por favor.

- Claro, Micah.

Avisei a ela que ia precisar sair, pouco ligando se tinha uma pilha de trabalho sobre a mesa. Tudo podia esperar, menos Valentina linda daquele jeito recebendo uma cantada de um safado qualquer. Se o cara já era a fim dela antes, imagina agora quando a visse com aquele vestido preto e aquele batom, mais sensual do que nunca.

Saí do escritório como uma bala, nervoso, muito irritado, e fiquei revoltado quando não a vi em parte alguma lá embaixo e nem o carro dela. Já devia estar bem afastada e eu ainda tinha que ir em casa buscar minha moto. Soltei meia dúzia de palavrões e fui logo.

O restaurante era relativamente novo na cidade e de frente para uma pista de rodeios, fechada àquela hora do dia. Situado em um grande terreno gramado, tratava-se de um casarão amarelo com detalhes em pedras, amplas janelas duplas de madeira e telhado colonial. Ao mesmo tempo elegante e aconchegante, possuía um estacionamento particular e a entrada era enfeitada com longos jarros de flores.

Vi o carro de Valentina no estacionamento e deixei minha moto bem ao lado dele, tirando o capacete e pendurando-o nela. Esfreguei o cabelo de qualquer jeito, doido por um cigarro para me acalmar, já desmontando e não querendo perder tempo. Sabe-se lá o que o safado podia estar falando pra ela!

Fui cumprimentado na porta por uma bela moça uniformizada, que já foi me falando das mesas disponíveis, mas a interrompi dizendo que tinha gente ali me esperando e entrei de uma vez, meus olhos já alertas no grande salão ainda bem vazio àquele horário. E foi então que a vi.

Valentina estava sentada a uma mesa perto da janela, de frente para um homem loiro que estava de costas para mim. Ela sorria para ele, mais linda do que nunca, muito à vontade, como se apreciasse sua companhia. Não havia aquela pompa toda que usava quando falava comigo, nem frieza, e só isso já me

deixou mais puto e desconfiado.

Então reparei no resto, em uma bela orquídea amarela com um laço de presente sobre um canto da mesa perto dela, na certa que tinha recebido do garanhão filho-da-puta, que mostrava no corpo e no jeito todos os sinais de um conquistador, inclinando-se para ela para conversar mais intimamente. Eu duvidava que eles falassem de negócios.

Pisando duro, eu me aproximei deles, meus olhos tão fixos em Valentina que a fizeram virar o rosto e me ver, arregalando-os em choque, perplexa com minha presença ali. O homem seguiu seu olhar e me encarou também, franzindo o cenho.

Eu estava realmente puto com toda a situação, sem querer admitir a mim mesmo que quase bufava de ciúme, mas admitindo que a irritação fervilhava como em fogo brando, muito perto de transbordar de um vez. Quando parei ao lado da mesa deles, Valentina abriu a boca e balbuciou:

- Micah, mas o que ...

- Micah Falcão. – Virei-me decidido para o outro homem, estendendo-lhe a mão de modo impositivo, olhando-o com uma frieza congelante.

- Falcão? – Automaticamente ele apertou minha mão com firmeza, ainda um pouco confuso. – Eu sou Aquiles Fontana. Você eu não conhecia. Achei que ...

- Sou um dos irmãos e estou assumindo o escritório na ausência temporária de Theo. – Meu tom era autoritário e já fui puxando uma cadeira e me sentando entre eles, lançando um olhar a Valentina. – Eu ia avisar a você para deixar essa reunião por minha conta, mas quando vi, já tinha saído.

- Mas ... sabe do que se trata? – Ela pareceu se recuperar um pouco, embora ainda houvesse certo nervosismo em seu olhar e uma ponta de desconfiança.

- Claro que sei. – Blefei e voltei a encarar o babaca, bem sério. – E então, o que discutiram até agora sobre a rede de Supermercados PREÇO & QUALIDADE?

Não admiti que aquilo era a única coisa que eu sabia. E então olhei detidamente para o outro homem, que tinha nome de um herói grego da Antiguidade e que me irritou ainda mais por ter a aparência de um. Estreitei os olhos, avaliando-o com adversário. O que Pedro tinha dito dele? “Pintoso”. Filho de uma puta.

Parecia um desses surfistas que passam a vida buscando a onda perfeita, bronzeado, cabelos loiros displicentes, atlético, rosto de astro de cinema e uns fodidos de uns olhos azuis claros que pareciam de bebê. Não gostei daquilo, daquela beleza perfeita demais, do paletó e da roupa elegante, do fato dele ser

mais atraente do que eu. E talvez mais rico. Disse comigo mesmo que devia ser veado.

- Bem, e então? – Exigi, como um autêntico homem de negócios que só pensa em trabalho.

O tal do Aquiles surfista veadinho lançou um olhar a Valentina como se lamentasse o fato de não estar mais a sós com ela e aquilo só me fez pensar como ficaria aquele nariz depois que eu desse um soco na cara dele. Mas foi Valentina quem explicou:

- A rede de supermercados de Aquiles quer fazer uma encomenda ainda maior de nossas carnes para seus açougues, ainda mais que agora estão abrindo filiais no Rio de Janeiro e no Espírito Santo. Estamos discutindo possíveis descontos e ... – Ela continuou a falar, mas eu escutei apenas com uma parte da minha atenção.

O resto de mim se concentrava nela, naquela boca rubra que se movia, lembrando o dia em que grudou aqueles lábios no meu pau e me chupou até me deixar louco, em como parecia corada e faminta, tomando tudo que eu dava e ainda querendo mais. Senti meu corpo reagir na hora, uma ereção incômoda estufar minha calça, uma certeza de que estava mais do que na hora de ser minha de uma vez.

Admirei seu rosto lindo, daquelas belezas que parecem mais óbvias a cada vez que eram olhadas, seu pescoço longo com aqueles cachos curtos e escuros, na sensação de tê-los entre os dedos. Passei meu olhar por seus seios altos e cheios, pelo decote que me fazia ficar com água na boca, imaginando como queria ver de novo seus mamilos pequenos e rosados e chupá-los até deixá-la doida. E decidi que não passaria daquele dia. O mundo podia acabar, mas ela seria minha.

Em determinado momento, Valentina percebeu onde iam meus olhos e na certa viu na minha cara tudo que eu pensava explicitamente em fazer com ela, pois calou-se de repente e ficou com as bochechas coradas. Mexeu nervosa no copo à sua frente e olhou para o loiro aguado, dizendo:

- Pode continuar a explicar o que me dizia antes que fôssemos ... interrompidos. – Não disfarçou seu desagrado e o cara notou, pois me deu uma olhada meio desconfiada. Mas educadamente tomou a palavra:

- Eu dizia que nosso acordo ...

Acenei com a cabeça, pouco ligando para o que ele tinha a dizer. Fitei de novo a orquídea sobre a mesa, dei uma olhada em ambos e percebi como Valentina parecia prestar atenção nele e como o babaca fresco a olhava como se gostasse demais do que via, com uma expressão charmosa.

Minha raiva começou a ferver, lenta de início, aumentando aos poucos.

Devia ter me inteirado mais do assunto para poder tomar a palavra e acabar de vez com aquela palhaçada, mas nem tinha dado tempo. Assim me esforcei para escutar alguma coisa e usar minha inteligência ao meu favor.

Quando falava de gráficos e número de vendas, eu finalmente o interrompi, curto e grosso:

- Certo, já entendemos, Ulisses. Você vai comprar uma quantidade bem maior de carne conosco e quer um desconto também maior. Qual a porcentagem que pensou?

- Aquiles. Meu nome é Aquiles. – Disse voltando aqueles olhos azuis de mulherzinha para mim.

- Ah, claro. Aquiles e Ulisses, os dois foram da Guerra de Tróia. – Sorri. Embora sem um pinga de humor, tendo errado o nome de propósito.

- Eu sei. – Ele acenou com a cabeça. E me respondeu: - Sobre a porcentagem ...

Dali para frente discutimos um número que fosse vantajoso para ambos e Valentina acabou ficando em silêncio, tomando sua água devagar. Um garçom se aproximou para saber se queríamos alguma coisa e pensei em pedir uma cerveja, mas decidi beber uma geladinha depois que eu acabasse de transar com Valentina e precisasse de algo para me refrescar. Ali, preferi não tomar nada.

Finalmente chegamos a um acordo e ainda eram onze horas da manhã. Sorri, satisfeito por tirar aquela pedra do meu caminho e falei tranquilamente:

- Bom, já que está tudo resolvido, podemos adiar o almoço. Afinal, eu e Valentina temos muita coisa para resolver no escritório.

Na mesma hora o homem olhou decepcionado para ela e se inclinou um pouco para frente, sorrindo encantador:

- Você não fará a desfeita de me privar de sua bela presença. Me prometeu esse almoço e esperei a semana toda por ele.

Valentina ficou corada na hora e sorriu, um tanto sem graça. Eu olhei para ele devagar, quase colocando em prática a ideia do soco. Senti o ódio esquentar meu sangue. Mas o filho da mãe só tinha olhos para ela e foi além:

- Não aceito um “não” como resposta, Valentina. – E então, como quem não quer nada, sorriu mecanicamente para mim com aqueles dentes que quase me cegaram de tão brancos e me dispensou: - Mas entendo perfeitamente que esteja ocupado e queira adiantar o trabalho, senhor Falcão. Foi um prazer conhecê-lo.

Eu sorri devagar, de volta, como um assassino antes de estrangular a sua vítima. Então fiquei estranhamente calmo e meu sorriso se ampliou, até que me recostei em minha cadeira e lancei um olhar quente e íntimo a Valentina.

Na hora ela enrijeceu, como se soubesse que não vinha coisa boa de

mim. Piscou insegura e dei um tempo para que se desse conta de que eu não sairia dali sem ela, mas não fez nada para dispensar o babaca. Acenei imperceptivelmente e olhei para o cara que devia se achar o último biscoito do pacote.

- Acho que você não entendeu, Agamenon.

- Aquiles. – Corrigiu, já com uma ponta de irritação na voz. – Como assim eu não ...

- Aonde eu for, Valentina vai. E vice versa. Não é, amor? – Sorri sensualmente para ela e segurei sua coxa, deslizando minha mão para cima, sem disfarçar o que eu fazia.

O silêncio pesou na mesa e Valentina ficou tão surpresa, que por um momento não reagiu. Seus olhos negros estavam bem abertos para mim e senti o desejo quase dolorido de tê-la logo, de parar com a brincadeira e partir para a ação.

- Do que está falando, Micah? – Finalmente ela conseguiu falar e agarrou meu pulso, ficando corada, envergonhada e irritada. Tentou afastar minha mão de sua perna, mas entrelacei os dedos nos dela e segurei firme, deixando claro que teria que lutar para se soltar. Abriu a boca como se fosse me xingar, mas então viu em meu olhar do que eu seria capaz e de que estávamos diante de um cliente.

Medimos forças silenciosamente e o surfista com pele de bronzamento artificial acabou se metendo:

- Está tudo bem aqui?

- Claro, apenas uma briguinha de namorados. Nada que uma boa conversa quando sairmos daqui não resolva, não se preocupe.

- Micah! – Exclamou Valentina e então tentou puxar o braço, furiosa.

- Hei, querida, calma, sem pressa. Teremos tempo. Ela é sempre assim, não pode ficar perto de mim e quer logo me arrastar para algum canto.

O homem nos olhava perplexo, franzindo o cenho, irritado.

- Pare com isso! – Valentina parou e me olhou com raiva. – Isso não é brincadeira, Micah. Aquiles é um cliente e nós não temos ...

- É verdade. Ele é um cliente e já resolvemos tudo, não é? Mande seu pessoal entrar em contato com o meu para assinarmos o novo contrato. Agora, vai nos desculpar, mas estamos com pressa. – Sem soltá-la, eu me levantei e a puxei junto. Vi como lutou consigo mesma para não dar vexame na frente do restaurante e do cliente feioso, mas louca para pegar a bolsa que agarrava e bater em mim com ela. – Calma, amor, já estamos indo.

- Micah, eu vou te ...

- Um bom almoço para você, Menelau. – Despedi-me, mantendo

Valentina bem perto de mim.

- Mas ... A sua orquídea ... – Ele ainda tentou, piscando seus olhos azuis que deviam ser de lente de contato.

- Dê para uma mulher que não seja comprometida, cara. Essa aqui já tem dono.

- Aquiles ... – Valentina ainda tentou se desculpar, mas agarrei seu braço e fui carregando-a. Cambaleou um pouco em seus saltos, mas por fim me acompanhou, tremendo de raiva, pronta para me atacar tão logo estivéssemos sozinhos.

Passamos pela moça sorridente da portaria e caminhamos para o estacionamento, até seu carro e minha moto. Então puxou o braço com violência e deu um pulo para trás, seus olhos brilhando, seu rosto afogueado, quase fora de si.

- O que pensa que está fazendo, Micah? Que palhaçada foi essa?

- Eu apenas marquei meu território. – Dei de ombros, embora também estivesse com raiva. Peguei o capacete da moto e joguei para ela. Agarrou por reflexo, olhando-me surpresa.

- Para que isso?

- Coloque.

- Acha que vou nessa moto com você? Enlouqueceu de vez? – Veio mais perto e empurrou o capacete contra a minha barriga, furiosa.

Eu a puxei com força e a encurralei contra seu carro, dizendo muito puto:

- Coloque isso antes que eu faça tanto estardalhaço que vou realmente te matar de vergonha.

- Eu vou no meu carro!

- Vai de moto comigo!

- Mas eu ... – Por fim, respirou fundo e tentou se acalmar, mesmo tremendo e seus olhos me fuzilando. – Vou voltar para casa no meu carro.

Eu quase deixei escapar que ela não ia voltar para casa. Mas fitei seus olhos e sorri lentamente. Acenei com a cabeça.

- Certo. Pode pegar a chave do carro.

Olhou-me desconfiada. Dei um passo para trás e, sem tirar os olhos de mim, abriu a bolsa e pegou o molho de chaves. Foi só o tempo de tomar de suas mãos e abrir a porta do carona, dizendo com autoridade:

- Entre.

Franziu o cenho, irritada. Já vi que ia começar a espedaçar de novo e agarrei seu braço, empurrando-a para dentro.

- Mas o que está fazendo? Eu vou dirigindo, eu ...

Bati a porta e dei a volta, rápido, jogando o capacete no banco detrás e

sentando atrás do volante. Valentina encarou-me tentando ser fria.

- Eu vou dirigir o meu carro para casa e você vai na sua moto. Saia daqui, Micah.

Travei as portas e liguei o motor. Na mesma hora, ela começou a reclamar:

- Está ouvindo o que falei? O carro é meu, não pode agir como um homem das cavernas!

- Chega, Valentina. Minha paciência está por um fio. – Avisei, já dirigindo para fora do estacionamento.

- A SUA paciência está por um fio? – Olhou-me, sem poder acreditar. Apontou para o restaurante atrás de nós: - Você entra ali como o dono da Falcão inteira, cheio de atitude, fica debochando do nosso cliente, inventando nomes para ele ...

- Todos da Guerra de Tróia.

- Não interessa! – Se descontrolou. – Finge que somos amantes, me arranca de lá e agora ...

- Quanto ao fingimento, podemos resolver o assunto. – E peguei a estrada.

Valentina ficou estática. Pareceu se dar conta que nada que dissesse ou fizesse me convenceria a voltar e devolver seu carro. Respirou fundo, furiosa, olhando para frente, talvez disposta a me ignorar.

Mal sabia ela o que nos esperava.

E não era voltar para casa.

Sorri comigo mesmo, ansioso. E muito excitado.

Parte 2 – REVELAÇÕES

*“(...) Eu planejei cada caminho do mapa
Cada passo, ao longo da estrada
Oh, mais, muito mais que isso
Eu fiz do meu jeito(...)”*

(My Way)

CAPÍTULO 19

VALENTINA

Enquanto o carro seguia pelas ruas de Pedrosa, eu olhava pela janela e tentava ignorar Micah, mas era uma missão impossível. Podia fazer qualquer coisa, menos esquecer que ele estava ao meu lado ou tudo que tinha feito naquela manhã desde que invadiu o restaurante.

E indagava a mim mesma por que o fez. Estávamos cheios de trabalho no escritório e ele tinha largado tudo para vir atrás de mim, comportando-se como se estivesse com ciúmes de Aquiles Fontana. Isso me deixava confusa, surpresa, nervosa, descontrolada. E completamente perdida.

Não sabia como lidar com ele nem o que esperar. Eu tentava me conter,

fugir, me esconder, mas ficava cada vez mais difícil. Naquele momento mesmo, queria me convencer que havia outra explicação que não fosse o ciúme para que ele tivesse vindo ao restaurante e me tirado de lá. Mas o que?

Estava ali, remoendo minhas dúvidas e questionamentos, quando o senti reduzir a velocidade e jogar para a direita. Virei o rosto, observando superficialmente o que fazia. Até que vi o prédio branco para onde nos dirigíamos, com um grande letreiro lateral: MOTEL LUXOR. Arregalei os olhos e meu coração quase pulou pela boca, sem poder acreditar que ele já parava o carro no guichê, baixava o vidro e pedia à atendente:

- A melhor suíte que você tiver.

Eu comecei a tremer descontroladamente. Abri a boca, pronta para brigar, para sair daquele carro. Lembrei que as portas estavam travadas e o quanto Micah poderia ser insistente e autoritário, mas o que mais me assustou foi a onda de desejo que me invadiu, a vontade absurda de capitular e desistir de lutar, de admitir que eu o amava com loucura e não conseguia mais escapar. Mas o medo, aquele velho conhecido meu, ainda gritava em meus ouvidos que seria uma loucura, como me jogar na boca de um leão faminto.

Meus ouvidos pareciam estranhamente abafados, como se eu só pudesse escutar meu próprio coração batendo de maneira desgovernada. Minhas mãos ficaram dormentes, cada parte minha reagia ao desejo e ao nervosismo, em uma luta inglória entre o que devia e o que queria fazer. E assim que ele fechou o vidro e colocou o carro em movimento até uma das garagens privativas, eu respirei fundo e tentei agir com uma frieza que era a última coisa que sentia:

- Não vou entrar aí com você.

Micah não me olhou, mas sorriu devagar. Aquilo me enfureceu, pois ele parecia dizer claramente que nem ao menos levava minhas palavras em consideração. Fui mais insistente e decidida:

- Você não me consultou e só está perdendo tempo. Saia daqui agora, Micah.

- Calma. Já vamos sair do carro e correr para a cama. Não precisa pressa.

– Parou o carro na garagem e o portão dela se fechou automaticamente, como se nos isolasse ali.

Fiquei muito, muito nervosa. Dura em meu banco, eu disse entredentes:

- Não vou entrar aí.

- Quer ver como vai? – Seus olhos brilhavam na penumbra dentro do carro, perigosamente, mas não perdeu tempo discutindo. Tirou a chave da ignição, abriu a porta e já foi pulando fora. Eu me preparei para lutar, embora tremesse demais e não conseguisse impedir que o desejo me deixasse quase fraca.

Micah contornou o carro sem demora e escancarou minha porta. Não pediu permissão ao se inclinar para mim e soltar o cinto de segurança, me enchendo com aquele seu cheiro másculo e gostoso, vindo tão perto que perdi o ar. Mesmo assim ainda tentei manter a compostura e comecei:

- Eu não pretendo ... Ah! – Gritei quando me puxou para fora com brusquidão. Comecei a lutar, empurrá-lo quase em pânico, mas já me arrastava para a porta e eu o xingava: - Seu grosso! Já falei que eu não ...

- Pensou que fosse dar para aquele surfista de Minas Gerais hoje, enquanto eu ficava só olhando? – Seus olhos eram raivosos, suas mãos como garras em meus pulsos, levando-me para dentro, sem recuar um milímetro sequer enquanto eu me debatia. – Vai dar é pra mim e muito, deitada, de quatro, subindo pelas paredes, tantas vezes que vai esquecer até se o nome dele é Aquiles, Páris, Príamo ou o cacete a quatro!

- Me larga, seu maluco! Tire as mãos de mim!

- Vou colocar mais do que as mãos em você, Valentina. Não vejo a hora de te comer você, de me lambuzar todo na sua bocetinha. E estou com o pau tão duro, que não vou me aguentar muito da primeira vez. Mas depois compenso. Pode deixar.

Entramos em uma saleta grande e iluminada apenas por uma luz difusa, quase dourada. Eu me sacudi, reclamei e tentei parar na porta. Mas Micah já me jogava contra uma parede entre uma pequena mesa com duas cadeiras e um frigobar, encurralando-me com seu corpo e fazendo o que poderia rapidamente me convencer a mudar de ideia. Ele agarrou meu cabelo e beijou minha boca com paixão e voracidade, sugando meu ar, atacando-me, tomando-me. E uma onda de um tesão absoluto me arrebatou, me fez quase delirar de desejo.

Seus dedos estavam em meu rosto e meu cabelo, segurando minha cabeça, mantendo-me cativa para enfiar a língua em minha boca e me saborear rudemente, como se estivesse faminto de mim, sem saber que eu vivia morrendo de inanição por ele. Seu corpo prendia o meu sem chances de fuga, aquele pau grosso e enorme já se esfregando entre minhas coxas, alucinando-me a ponto de me fazer rodar, perdida.

Não vi que o segurava nem que o puxava para mim, gemendo, beijando de volta, buscando-o com desespero, jogando todas as dúvidas e medos para longe, entregando-me ao amor avassalador que eu sentia por ele e que agora me comia viva. Cansei de lutar, de fingir, de latejar em razões que não me serviam mais, amordaçada. Eu queria gritar, morder, me dar, ser eu, só eu, só dele.

Sua boca descolou da minha só o suficiente para puxar com força o laço que mantinha meu vestido preso na cintura, largando-o, abrindo-o com brusquidão, suas mãos já o baixando, dizendo meio endoidecido:

- Porra de roupa me atrapalhando! – E já ia puxando meu vestido para o chão aos meus pés, seu olhos rapidamente passando na lingerie preta e nos sapatos de salto, enquanto gemia como se sentisse dor. - Assim você me mata de tesão ... Vou gozar nas calças só te olhando. Vem aqui. Fica peladinha pra mim ...

Eu também não aguentava mais esperar e o ataquei da mesma maneira, arrancando sua jaqueta, já segurando a barra de sua camisa e levantando-a. Micah se livrou dela tirando-a sobre a cabeça e jogando-a longe, já voltando a me beijar cheio de paixão, forte e duro, arrancando meu sutiã, puxando para baixo minha calcinha. Eu estava desesperada, a ponto de chorar de necessidade, praticamente comendo os lábios dele, minhas mãos abrindo sua calça e também a deixando cair.

Foi uma loucura de lábios, mãos, tesão, paixão, voracidade. Soltou-me o suficiente para se abaixar um pouco e terminar de tirar minha calcinha, gemendo rouco ao me ver nua, surpreendendo-me ao me segurar pelas pernas e me fazer descer, escorregar, até cair sentada sobre meu vestido, escorada na parede, confusa.

- Vai ser aqui mesmo. – Rosnou, abrindo minhas coxas furiosamente, ajoelhado entre elas, sua respiração parecendo a de um animal prestes a atacar, seus olhos transtornados pelo tesão. Ainda estava com as calças presas nas coxas, mas pouco pareceu se importar, o pau tão ereto que parecia um arma, aquele piercing brilhando e me fazendo perder o ar. – Não aguento mais esperar.

E veio, se inclinando entre minhas pernas, sua glândula roçando meus lábios vaginais já melados, um de seus braços agarrando minha cintura e me puxando contra seu peito, o outro esticado a frente ao escorar a mão na parede perto da minha cabeça. Fitou meus olhos com tanta luxúria, tanta decisão e firmeza, que abri os lábios e segurei meus joelhos, abrindo-os mais, me oferecendo de corpo e alma a ele.

Foi duro e bruto. Investiu o quadril e seu pau me penetrou em uma estocada funda e violenta, entrando apertado e gostoso, tão delirante que gritei e foi como morrer em um golpe certo e estardalhaço, para então renascer com todas as minhas forças. Não consegui escapar de seu olhar, nem de latejar em volta de sua carne grossa e dura, daquele piercing que parecia tornar tudo mais real e insano ao mesmo tempo.

Micah investiu mais, metendo em mim sem dó, com força, até que eu gritei e estalei, alucinada, não conseguindo pensar em outra coisa a não ser que ele me fodia e me olhava, me consumia como uma chama viva.

- Porra, que boceta gostosa! Isso, suga meu pau pra dentro, toma tudo, Valentina. – E meteu com força, ajoelhado e inclinado entre minhas coxas bem abertas, sua mão em minhas costas me erguendo e colando em si um pouco mais,

dizendo perto da minha boca: - Não vou durar muito. Mas depois eu vou te colocar na cama e te chupar, te morder, te foder até gozar como uma putinha ... A minha putinha.

- Ai, Micah ... Não vou aguentar ... – Eu me debati e soltei os joelhos, agarrando seus quadris, puxando-o para mim alucinada, firmando os saltos no chão e erguendo minha bunda para encontrar suas estocadas no meio do caminho, gemendo sem controle, desesperada por mais, pingando e tremendo com aquele tesão tão devastador.

- Puta que pariu, quem não aguenta sou eu ... Assim, mexe essa bocetinha apertadinha e molhada que me deixa louco!

E me comeu cada vez mais violento, cada penetração fazendo ruído contra os líquidos que eu soltava, cada apunhalada empurrando meu útero e me fazendo gritar, delirar, suar.

Ele firmou os joelhos no chão e tirou a mão da parede, enfiando ambos os braços musculosos sob minhas costas, amparando-me, trazendo-me mais para si e eu segurei seus ombros, enquanto me movia e rebojava ensandecida, enquanto me fodia com seu pau que inchava e me enchia tanto, mas tanto, que chegava a doer. Aquele anel em sua glândula parecia um dedo a mais dentro de mim, indo e voltando, massageando um ponto específico, deixando-me tão louca que comecei a gritar palavras desconexas e gozar, enfurecida, desvairada, exaltada, comendo-o esfomeada.

Micah cravou os dentes em meu ombro e me fodeu ainda mais forte e bruto, gemendo rouco ao gozar também, seu esperma se derramando quente e denso em meu interior agonizante, inundando-me de uma nova onda de prazer, fazendo com que nos tornássemos mais enlouquecidos e apressados, tentando agarrar aquele tesão tão supremo, nossos corpos se buscando, tão fundidos que pareciam a ponto de se tornar um só.

E por fim desabei em seus braços, minhas pernas tremeram sem forças e fraquejaram, foi ele quem me segurou ainda encaixada em seu pau, presa por seus braços, enquanto buscávamos sofregamente o ar. Estremeci, amparando-me em seu corpo, maravilhada e exaltada pelo prazer violento e único.

Micah não me soltou, apenas ergueu a cabeça e buscou meu olhar pesado, o dele ainda incrivelmente duro, como seu pau, como se ainda quisesse e precisasse de mais. Eu tinha espasmos em volta de sua grossura, toda melada, escorrendo, palpitando. Uma languidez gostosa me envolvia e sorri devagar, feliz e saciada, como se ainda flutuasse em um sonho quente e delicioso.

Ele acompanhou o meu sorriso, muito atento e ligado em mim, sério, sem aquele seu sarcasmo habitual. Parecia abalado, como se quisesse entender o que foi aquilo. E eu fiquei aliviada por não ser a única a sentir.

- Eu quero mais. – Disse baixo, profundamente. – Diz que vai me dar tudo o que quiser, Valentina.

Estremeci de novo, sem poder me controlar. Lambi os lábios nervosamente, subi os dedos até sua nuca, seu cabelo, quase confessando que eu era dele desde sempre, que podia fazer o que quisesse comigo. Uma emoção dolorida e gigante me envolveu e simplesmente a senti, sem lutar, sabendo que era uma guerra perdida. Assim, movi suavemente meu quadril, deslizando-me em seu pau, arfando, murmurando:

- Como se você não fosse simplesmente tomar o que quer ...

- Porra ... – Seu olhar escureceu e moveu o quadril também, penetrando-me lento. Era como se dançássemos devagar ali naquele chão, encaixados, gostosamente. - Não sei por que não tomei antes. Olha o que eu estava perdendo. Essa boceta é coisa de outro mundo. Preciso dela.

Acabei sorrindo, embora derretesse de prazer.

- Ela está aqui, Micah.

- Você não entendeu. Preciso dela o tempo todo daqui pra frente. – Uma de suas mãos continuou espalmada nas minhas costas, a outra desceu e acariciou com firmeza minha bunda, enquanto soltava um gemido baixo e ele me comia lento, seus olhos escuros nos meus: - Não importa onde estivermos, vou querer sua boceta abertinha e pronta, só esperando meu pau, para mamar nele assim, bem gostoso.

- Ah ... – Eu gemi, já toda arrepiada, sem poder suportar tanto prazer, tanta delícia, meus olhos pesados, meus membros moles, sua voz terminando de me envolver.

- Consegue entender agora?

- Sim ...

- Pode ser na cama, no chão, no escritório, na minha casa, na sua, na rua, não importa. Quando eu quiser, você vai abrir essa bocetinha e me oferecer, me deixar te comer até te encher com a minha porra. – Veio ainda mais perto, falando no meu ouvido, arrepiando-me da cabeça aos pés, lambendo-o enquanto me fodia bem devagar, indo e vindo, deslizando, enchendo-me. – Prometa. Agora.

- Ai, Micah ...

- Prometa. – Exigiu e deslizou a mão no meio da minha bunda, seus dedos passando sobre meu ânus e me assustando, mas seguindo até onde nossos sexos se engoliam, acariciando meus lábios melados e inchados. Apertou-me mais contra si e então deu um estocada funda e bruta, que me fez gritar. – O que você vai fazer, Valentina?

- Eu vou ... – Estremeci, dopada pelo tesão, mas ainda envergonhada,

perdida naquele mar novo de sedução e luxúria, de um erotismo que me desnorteava.

- Você vai ... – Incentivou, fodendo-me forte naquele momento, afastando a cabeça e buscando meu olhar, o dele parecendo em chamas, ardendo, queimando. – Diga ...

- Eu vou deixar você me comer ... a hora que quiser. – Arquejei.

- Isso. – Micah sorriu devagar, dominando-me sem esforço e dizendo, possessivo: – E só para constar, vou ser o único a te comer. E se você olhar para o lado desses caras de nomes esquisitos de cantor e de herói novamente, ou até mesmo para um José da vida, vou surrar tanto a sua bunda que vai ficar sem sentar por dias. Está ouvindo?

Eu arregalei os olhos e ele parou dentro de mim, seu sarcasmo de volta, misturado a toda aquela sensualidade, deixando-me cada vez mais desnorteada.

- Agora me responde uma coisa, Valentina.

- Sim ...

- Por que diabos estamos transando nesse chão com meus joelhos doendo pra caralho se a cama está ali pertinho?

Eu fitei sua cara e acabei rindo, sem acreditar que estava ali com seu pau dentro de mim, cheia de tesão e ainda assim conseguisse rir. Mas Micah sorriu também e soltou um palavrão ao me segurar firme e se levantar, levando-me junto.

- Vamos resolver isso agora.

Andou até a cama, seus olhos nos meus, suas mãos sob a minha bunda. Foi deitando-me na cama macia e vindo por cima, sem desencaixar um milímetro sequer, dizendo perto da minha boca:

- Não consigo sair daqui de dentro. Você deve ter um imã enterrado nessa bocetinha que está puxando meu piercing.

Eu ri de novo e me dei conta que nunca fui tão feliz. Puxei-o para mim com força, beijando-o na boca, adorando seu peso sobre o meu e gemendo contra sua língua quando passou a me comer bem gostoso, ondulando, movendo-se de modo que seu pau saía até a ponta e voltava, mergulhando fundo, apertado.

Delirei, deslizando as mãos por ele, seus cabelos e costas musculosas, abrindo bem as coxas para os lados, enquanto nos beijávamos deliciosamente e Micah aumentava as estocadas, tornando-as brutas, duras. Aquele piercing me massageava por dentro de novo e era difícil resistir com tantos estímulos. Já sentia o tesão se acumulando, o gozo vindo, todo meu corpo se contraindo.

Micah parou e respirou fundo, apoiado sobre os braços. Descolou a boca da minha e seus olhos estavam pesados, escurecidos, intensos.

- Porra, não vamos gozar de novo tão rápido. E as promessas que fiz de

te foder de todas as formas possíveis, te chupar toda e fazer subir pelas paredes?

- Só assim está bom para mim ... Vem, Micah ... – Murmurei, descendo as mãos por sua bunda firme e erguendo uma perna para trazê-lo para mim. Só então me dei conta que ainda usava os sapatos de salto e ele estava com a calça embolada nos joelhos e também calçado. – Nós nem tiramos tudo ...

- E eu não sei? Mas cadê a coragem de sair da sua boceta? – Fez uma cara feia e para confirmar o que dizia, meteu forte e duro, em estocadas precisas e rápidas, gemendo rouco: - Me ajude, Valentina.

- Como? – Eu arfei, entre gemidos entrecortados, quase suplicando: - Quero que fique aqui ...

- Me peça para fazer você gozar com a língua enquanto chupa o meu pau em um 69. É tentador. Ou para te colocar de quatro e comer o seu cuzinho enquanto mordo a sua nuca. Porra, deve ser delicioso também! – Disse, enquanto esfregava os lábios nos meus.

- Ah ... – Eu estremeci, ainda mais arrebatada, pingando de tanto excitação, a ponto de ter um orgasmo com as pornografias que dizia e pela forma que me devorava naquela cama.

- Assim eu saio daqui e me ocupo de outras partes suas ... – Mordeu meu lábio inferior, meteu o pau todo e girou o quadril devagar, até me enlouquecer de vez.

- Ai, eu vou ... eu vou ...

Não consegui terminar a frase e estalei em um gozo quente e longo, delicioso, que me fez agarrá-lo na bunda enquanto me sacudia toda, erguendo os quadris e tomando-o todo, o máximo que eu podia, em espasmos e convulsões, movendo minha boceta que parecia explodir, a ponto de me fazer quase chorar de tanto prazer.

- Ah ... – Joguei a cabeça para trás e gozei, gozei e gozei, latejando, tremendo, gritando, completamente fora de mim.

- Caralho ... Assim não dá para aguentar ... – E Micah me cobriu toda com seu corpo, aproveitando para cravar os dentes em minha garganta exposta e me comer com brutalidade, me segurando e gemendo rouco enquanto seu pau inchava, latejava e jorrava porra quente e grossa no meu útero, passando a me foder como um animal, rosnando, doido de tanto prazer.

Foi dilacerante, delicioso, uma loucura que nos fez voar alto e estalar mais de uma vez, em ondas, até a saciedade completa.

Eu caí na cama, morta e suada, olhos fechados, coração disparado, pele ardida, cabeça rodando. Ele desabou sobre mim, respirando pesadamente em meu pescoço. Então, devagar, aliviou o peso do corpo se apoiando nos braços e disse baixo, como se só então se desse conta de algo:

- Você toma anticoncepcional, Valentina?

Abri os olhos ainda pesados, um pouco confusa.

- Sim, eu ... – E foi então que me dei conta que estava inundada por seu esperma, das duas vezes que ejaculou dentro de mim. Fiquei surpresa por nem ter pensado em proteção, quando o tesão tinha sido tão devastador. Exatamente como da primeira vez, quando engravidei de Cacá. Soltei o ar que eu segurava sem nem perceber. Pelo menos daquela vez eu não ia engravidar.

- Eu fiquei tão doido que nem pensei em camisinha. – Micah beijou suavemente meus lábios e saiu devagar de dentro de mim, dando-me uma sensação estranha de solidão. Mas não por muito tempo. Foi para o lado e se deitou, puxando-me contra si. -Ainda bem que toma remédio. Quanto a doenças, não se preocupe. Faço exames periódicos no trabalho e tenho uma saúde de ferro. Só transo com as outras com preservativo.

- Com as outras ... – Murmurei, sem poder me conter.

Eu ainda me recuperava de tanto prazer, abalada demais para pensar com clareza, ligada demais a ele. Mas mesmo assim senti o ciúme, o incômodo, a insegurança que começavam a me rondar. Ao mesmo tempo tentava entender como pude me dar a ele sem pensar em mais nada. Se não tomasse anticoncepcionais, poderia estar grávida de novo.

- Com as outras antes de você. – Micah explicou com certa provocação na voz, como se soubesse como eu me sentia enciumada.

Beijou suavemente meu cabelo perto de sua boca e me puxou mais com a cabeça em seu ombro. Então se enrijeceu um pouco.

- Tendo sido noiva daquele maníaco por higiene, duvido que transassem sem camisinha. Aliás, duvido que transassem. – Havia um certo desagrado em sua voz e ergui os olhos para encontrar os dele, minha mão comichando onde o tocava sobre a barriga dura.

- Nós transávamos, assim como você transou com Carla e com Tininha. E sabe-se lá com quem mais.

- Só com a Carla. Está com ciúmes?

- Claro que não.

Senti sua mão grande deslizando lentamente em minhas costas, mas me recusei a ser distraída. Mas era difícil estando ali nua na cama com ele, fitando seu rosto lindo, sua boca carnuda, seus cabelos que despontavam para todo lado. E aquele corpo, tão perto do meu. Dei-me conta do que havia dito e retruquei:

- Mas aquela noite ... Vi você com a Tininha.

- Eu entrei e percebi que não era certo. Estava a fim de você. Não achei justo com ela, conversamos e foi embora. Não transamos. Não transo com ninguém desde aquele dia com Carla. Por que só pensava nisso, em comer você,

Valentina.

Estremeci sem controle, sem querer acreditar, cheia de emoções violentas me golpeando enquanto fitava seus olhos. Mas não vi mentira ali, só uma intensidade e um desejo que se equiparavam aos meus, arrebatando-me de vez. Fitou minha boca, lascivo, duro. Sua mão subiu por minhas costas e se infiltrou em meu cabelo na nuca. Murmurou:

- E agora que te comi, não quero outra coisa. Lembre-se da promessa que me fez. Vou cobrar.

- Que promessa? – Eu estava nervosa, ainda mais quando me puxou mais para si e ficamos um de frente para o outro, colados. Parecia incrível, mas meu corpo já despertava de novo sentindo sua pele, seu pau contra minha barriga, seu olhar no meu.

- De que vai me dar essa bocetinha sempre que eu quiser, onde eu quiser. Prepare-se, porque vou querer toda hora.

Entreabri os lábios, excitada. Vi como Micah também se enchia de tesão. Mas então ele suspirou e disse exasperado:

- Vou levantar antes que eu vá para cima de você e encha sua bocetinha com mais da minha porra. Preciso tirar as calças e os sapatos, terminar de fechar a porta, ligar o ar condicionado antes que a gente derreta aqui e trazer uma cerveja gelada. Estou sedento. Aí então a gente continua.

Eu nem tinha notado que deixamos tanta coisa para fazer e acenei com a cabeça, meio confusa. Micah beijou suavemente minha boca e então me soltou, se sentando e se livrando dos sapatos e da calça. Quando ficou de pé, totalmente nu sob minha admiração, eu senti a boca cheia de água e não desgrudei os olhos dele, apaixonada.

Micah me olhou de volta e percorreu meu corpo. Por um momento fiquei paralisada, dando-me conta tardiamente que estava nua, mais exposta do que já fiquei um dia. Velhas inseguranças voltaram e já ia me encolher, levando os braços para me esconder, quando sua voz cortante me impediu:

- Nem pense nisso. Não se esconda de mim.

- Mas eu ...

- Você é linda demais. Eu desconfiava que era assim, mas é muito mais linda e gostosa do que pensei. Se ficar escondida de mim, esqueço o ar condicionado, a cerveja, a porta e volto agora para terminar o que só comecei.

Sua ameaça me deixou imóvel e vi sua ereção, seu desejo, sua vontade de voltar logo para a cama. Lambi os lábios e consegui murmurar:

- Eu não ... Não vou me esconder.

- Não demoro. Quero lambar cada pedacinho seu. – E como se não acabasse de me deixar ansiosa e excitada com seu olhar cheio de promessas e

sua voz quente, caminhou em direção à saleta e indagou sobre o ombro. – Quer uma cerveja?

Eu ia negar, nunca tomava cerveja. Mas me sentia viva, renovada, ansiosa para experimentar tudo que Micah tinha a me mostrar, jogando meus medos e incertezas para o chão. Um certo alívio me engolfou e me dei conta que, pelo menos naquele dia, eu só queria ser feliz. Assim, respondi decidida:

- Traga uma cerveja pra mim.

CAPÍTULO 20

MICAH

Eu não demorei. Peguei uma garrafa de cerveja gelada no frigobar, abri, agarrei duas tulipas e voltei ao quarto. Valentina continuava esparramada na cama, nua, seus cachos negros em contraste com o travesseiro branco me fazendo lembrar a primeira vez em que a vi se masturbar com aquela camisola azul. Meu corpo reagiu de imediato e percebi o quanto estava atraído por ela. Muito. Cada vez mais.

Passei o olhar por suas curvas, por sua pele morena e sedosa, pelos seios altos e cheios com mamilos pequeninos, a cintura acentuada, os quadris tão femininos e arredondados, as pernas longas, bem torneadas. Parei naquela bocetinha linda, delicada, coberta por um triângulo bem aparado de pelos escuros, que tinha me deixado completamente enlouquecido e que guardava, dentro dela, a prova disso. Duas vezes.

Valentina me olhou um tanto nervosa quando fui para a cama e dava para ver sua timidez, sua insegurança com o próprio corpo e a vergonha por estarmos ali nus. Parecia lutar para não pegar o lençol e se cobrir, mas eu não deixaria. Mesmo parecendo tentar se conter, seus olhos varreram meu corpo e se arregalaram um pouco ao ver como meu pau já ficava ereto novamente.

- Efeito Valentina. – Falei baixo, sentando na cama ao seu lado e servindo-lhe a bebida, meu olhar quente no dela.– Impossível ver você aí tão linda e não me excitar.

Parecia ter ficado muda de repente, suas faces coradas. Mas se reclinou mais para cima nos travesseiros e aceitou o copo que lhe estendi, enquanto eu olhava seus seios e ficava doido para tocar nela. Sem disfarçar meu desejo, bati a ponta da minha tulipa na sua e falei sensualmente:

- A você e sua beleza.

- Pare de brincadeira, Micah. – Tomou um gole longo da cerveja, como se estivesse sedenta, ainda muito envergonhada e pouco à vontade.

- Quem disse que é brincadeira? – Vim ainda mais perto e fui com o rosto em seu pescoço, cheirando-o, roçando meu nariz em sua pele, murmurando: - Porra, você é toda cheirosa e gostosa ...

- Estou suada. Preciso de um banho. – Disse num fio de voz, tentando ficar parada, mas estremecendo. O ar estava ligado e secava o suor em nossa pele.

- Não precisa. Está deliciosa assim, com cheiro e aparência sensual de quem acabou de transar. – Dei uma mordida em seu pescoço e ela arquejou, toda arrepiada.

Sorri e me afastei, tomando um gole da minha cerveja, meu olhar cheio de desejo no dela. Fitava-me atenta, parecendo excitada e, ao mesmo tempo, confusa, como se não pudesse entender como eu ainda poderia querer mais.

- Beba sua cerveja, Valentina. Você gosta?

Ela obedeceu e desviou o olhar pela suíte, tentando se recobrar.

- Não estou muito acostumada. Mas é ... É gostosa. – E bebeu de novo, nervosamente, em grandes goles.

Como eu não era um cavalheiro que lhe daria um tempo para ficar controlada de novo, terminei minha bebida, deixei o copo vazio sobre a mesinha ao lado e cheguei bem mais perto dela, pousando a mão em sua barriga lisa e macia, dizendo baixo:

- Tem noção de como me deixou doido hoje, quando apareceu no escritório com aquele vestido preto e com batom?

Virou os olhos para mim, incerta. Eu segurei seu olhar no meu e subi a mão devagar até seu estômago, até pará-la embaixo do seio direito. Valentina prendeu o ar, imobilizada. Continuei, rouco:

- Estava mais linda do que nunca. Sempre soube que você era linda, mas hoje só tive a prova e vi o quanto era ainda mais do que eu imaginava.

- Foi só um vestido. – Algo em sua expressão demonstrou certa tristeza ou decepção, não entendi bem, só quando completou, sem desviar o olhar: - Sempre, Micah? Você lembra como eu era na escola.

- Linda.

Fez um esgar com a boca, um pouco irritada.

- Sim, você me achava linda. Por isso nem chegava perto de mim.

- Eu já expliquei, Valentina. O que me incomodava em você era o fato de parecer enxergar minha alma, o que eu sentia e tentava disfarçar de todo mundo. Você não só olhava para mim, você me via. Parecia saber quem eu era de verdade. – Falei

com sinceridade e ela ficou quieta, como se absorvesse minhas palavras. – Aquela vez, que você falou, quando nos encontramos na padaria. Eu estava nervoso. Tinha acontecido muita coisa, saí brigado de casa com meu pai, minha mãe estava doente. E descontei em você minha raiva. Esqueça.

Algo nela abrandou, senti como uma emoção diferente que a deixou com uma espécie de alívio. Ergui a mão e enfiei em seu cabelo na nuca, chegando ainda mais perto, subindo a outra mão até cobrir seu seio, sem deixar que fugisse do meu olhar, dizendo perto dos seus lábios.

- Não é possível que não acredite em mim, não depois de tudo que fizemos hoje. Não depois de me deixar tão enlouquecido de desejo e ciúme que larguei o escritório cheio de trabalho por fazer e vim atrás de você, disposto a não deixar aquele loiro falsificado tentar alguma gracinha. Quer mais prova do que isso? Do que meu pau aqui já duro de novo, doido para entrar em você?

Valentina estremeceu, ainda agarrada em sua tulipa pela metade, como se estivesse hipnotizada por mim. Acaricieei seu seio, esfreguei o mamilo, ao mesmo tempo que tocava seu rosto com carinho e admiração. Estava mesmo excitado, querendo comê-la de novo. Em tom firme, ordenei:

- Ponha esse copo aí ao lado. E fique recostada no travesseiro enquanto eu mostro o quanto você e seu corpo me agradam.

- Micah, nós ... – Calou-se ao ver minha expressão dura, decidida, cheia de desejo.

Prendeu o ar, obedecendo. Quando recostou no travesseiro, meio deitada, meio sentada, sem parar de me fitar, eu rocei o polegar em seus lábios e os entreabri, beliscando suavemente seu mamilo, que se arrepiou na hora. Estremeceu, ansiosa, quando vim ainda mais perto e a beijei na boca bem gostoso, saboreando-a, tirando o dedo para enfiar minha língua. E ela me beijou de volta, parecendo faminta, excitada, entregue.

Foi delicioso e me senti muito abalado por ela ali, envolvido pelas sensações que despertava em mim e que iam além da atração. Era um tesão recheado de entrega, de sentidos aguçados, de troca e conexão. Lembrei do sonho bom que me acompanhava e se fosse dar um corpo a ele, seria o de Valentina. Era surpreendente como sexo com ela era diferente, muito além do que eu estava habituado, fazendo meu corpo e minhas emoções se envolverem juntos.

Beijei-a mais e mais e desci a mão por sua barriga, enquanto com a outra eu segurava sua cabeça na posição que eu queria para fazer amor com a sua boca. Sua barriga se contraiu quando meus dedos a roçaram e gemeu baixinho ao senti-los mergulhar em seus pelos e massagear seu clitóris. Descolei os lábios, olhei seus olhos e ordenei duro, excitado:

- Abra as pernas para mim.

Vi como arfou, como seus olhos pesaram e o desejo a deixou cativa. Obedeceu na hora, afastando as coxas para os lados, arreganhando-se para meus dedos, que na mesma hora mergulhei dentro dela.

- Ah, Micah ... Ah ... – Tornou-se trêmula, uma massa sôfrega, toda feminina e molinha para que eu fizesse o que quisesse. E eu queria muitas coisas.

- Essa bocetinha está cheia da minha porra ... Macia e melada, quente ...

– Sussurrei contra seus lábios e meti dois dedos bem fundos, chapinhando no esperma misturado ao gozo dela, uma parte escorrendo para fora, molhando-a toda. Fiquei alucinado, meu coração disparando, meus sentidos alertas. Meu pau latejou e meu tom saiu mais bruto do que eu pretendia: - Não tire os olhos dos meus e não feche as pernas. Fique quieta aí e me obedeça.

Valentina parecia hipnotizada, o tesão absoluto evidente em seu rosto, submissa ao que eu fazia. Arquejou, gemeu de modo entrecortado e não desviou o olhar um segundo sequer enquanto eu a penetrava mais e mais fundo, lambuzando-a, fazendo um barulho gostoso, ficando doido com aquilo.

Então, tirei os dedos melados de esperma, de gozo, levando a mão até o seu rosto, dizendo pecaminosamente:

- Abra a boca.

Seus olhos se arregalaram e vacilou apenas um segundo antes de obedecer. Meu pau babou, dolorido e tão duro quanto uma barra de ferro, quando enfiei os dois dedos em sua boca e ela chupou na hora, ansiosa, faminta, lambendo-os, sugando-os.

- Isso, chupe e sinta o gosto de nós dois.

Meti os dedos, penetrei seus lábios, deslizando minha boca até sua orelha e lambendo-a, sussurrando nela:

- Chupe como se fosse meu pau, assim, bem gostoso. Que boca deliciosa, Valentina ... – E meti a língua em seu ouvido, em movimentos que imitavam dos meus dedos, molhando-a com minha saliva, sentindo como se debatia toda com tesão e gemia abafada com a boca cheia. Voltei a sussurrar: - Depois vai ser minha vez de te lambar todinha. De fazer todas as sacanagens que me deixam de pau duro.

Torturei-a assim, até puxar os dedos úmidos e levá-los até sua outra orelha, metendo a ponta do meu indicador em seu ouvido enquanto fodia o outro com minha língua, deixando-a surda, penetrada dos dois lados.

- Ai, Micah ... Ai, eu ... – Começou, fora de si, surpreendida com aquilo, com o prazer que sentia. Era delicioso ver sua descoberta do corpo, sua entrega quase tímida, a maneira como se dava toda feminina e lânguida.

- Gosta disso? – Murmurei, agora mordendo o lóbulo.

- Sim ... Ah, sim ...

- E disso? – Sem tirar o dedo de seu ouvido, descí a boca por seu pescoço, mordendo-o até o ombro, arrepiando-a: - Adoro seus cabelos assim curtos, me mostrando esse pescoço lindo, essa nuca que ainda hoje vou morder muito, como quis fazer a cada vez que te via.

Valentina estava fora de si, se movendo, arquejando, se dando para mim. Mordi seu ombro e segurei sua mão entre meus outros dedos, esticando seu

braço enquanto espalhava beijos ao longo dele, lento, torturante.

- Ai, que gostoso ... – Gemeu com os olhos pesados e nublados em mim, ainda lá recostada com as coxas abertas. Era tentação demais e desci os dedos de sua orelha para os seios, belisquei um mamilo, arranquei mais gemidos de sua garganta, o tempo todo segurando seu olhar no meu, exigindo silenciosamente que não o desviasse.

Quando deixei o seio e desci mais, penetrando de novo sua bocetinha escorrida e melada de esperma, enfiando fundo, ela gritou e seus olhos se encheram de lágrimas de tesão, de descontrole. Meu pau doeu, meu coração saltou, eu me tornei ainda mais tarado, doido para fodê-la com muita força, bruto, violento. Ao mesmo tempo, algo mais acontecia, uma felicidade única pelo fato de ser ela ali comigo e não qualquer mulher. Só ela.

Enquanto a comia com os dedos encharcados, sentindo sua bocetinha mamar neles sofregamente, eu cheguei com a boca em sua mão e segurei seu pulso, erguendo a palma e passando minha língua nela, olhando-a fixamente.

- Meu Deus, assim eu ... – Esbravejou, cheia de tesão, respirando pesadamente, abrindo a boca para buscar o ar. Olhava-me chocada e perdida, entregue e excitada, tão minha que me delicieei e subi a língua até seu dedo mindinho, metendo-o na boca e chupando-o lentamente. Enquanto metia e girava dois dedos em sua boceta.

Valentina delirou. Gemeu em miados suplicantes, moveu os quadris como se pedisse mais, ficou ligada e com os olhos estonteados, seduzida, entregue, pedindo silenciosamente por mais.

Fiquei doido, lutando para conter meu próprio tesão, sabendo que ia querer que fosse do meu jeito, logo. Por enquanto eu inchava e palpitava com o prazer dela, eu me deliciava observando seu rosto, seus olhos, sua boca. Nunca vi mulher mais linda, nem que me tocasse tanto quanto ela, como se expusesse um nervo dentro de mim.

Chuí o dedo anelar, penetrei-a, chupei o dedo do meio, penetrei-a mais, chupei e lambi o indicador, espalhei o esperma por toda sua boceta e pelos, suguei o polegar entre a língua e o céu da boca, firme, metendo tão forte e duro em sua bocetinha que a senti se contrair toda, prestes a gozar, alucinada, atingida, embriagada. Foi então que parei, subi a mão até sua barriga e a deixei ali, acalmando-a.

Valentina estava completamente fora de si. Passei de novo a língua em sua palma e voltei roçando os lábios por seu braço, agora pelo lado de dentro, levantando-o sobre sua cabeça no travesseiro, enquanto ela se arrepiava toda e tentava sugar o ar que lhe escapava.

Quando cheguei em sua axila depilada e macia, deposei um pequeno

beijo e falei, com os olhos nos dela:

- Cada parte de você é uma delícia. Adoro sua pele, seu cheiro ... –
Aspirei ali. – Seu gosto.

Quando abri a boca e lambi sua axila, Valentina se assustou e soltou um pequeno grito, já pronta a baixar o braço. Não deixei, segurando-o firme sobre o travesseiro, atacando-a ao chupar gostosamente sua axila como tinha feito com sua boceta, lambendo-a, mordendo-a, sugando-a.

- Micah! – Estava fora de si, tremores violentos consumindo-a, se batendo toda na cama. Mantive-a firme com a mão espalmada em seu ventre, enquanto choramingava em uma súplica – Ai ... o que está fazendo comigo?

- Chupando você. – Afastei-me só o suficiente para olhá-la, duro pelo tesão extraordinário. – Adorando seu corpo. Me embriagando com seu gosto e seu cheiro.

- Ah ... Está acabando comigo ... Eu não aguento ...

- Quer ver como aguenta? Estou só começando. – E dei uma última lambida em sua axila, deslizando a língua pelo contorno cheio e arredondado do seu seio, até o mamilo intumescido, onde lambi com a língua macia e lenta.

- Ai ... Ai

Valentina se jogou para trás, em êxtase, se oferecendo para minha boca, agarrando-se ao lençol, toda trêmula. Mas não aprofundei a carícia, apenas escorreguei para baixo, espalhando beijos em sua barriga, cintura, quadris. Fui para o meio de suas pernas e segurei-as arreganhadas, os joelhos se encostando na cama, meus olhos se deliciando com sua boceta toda melada de gozo, inchada e rosada, chamando por mim.

Não resisti e descii a boca sobre ela, chupando-a com tudo, me fartando com lábios e língua. Ela gritou alucinada, agarrou meu cabelo, chocada e excitada, por fim gemendo como louca enquanto eu a abocanhava e a sugava forte. Rosnei e a comi como um animal, limpando o que tinha por fora, mordiscando-a, metendo minha língua trazendo mais do gozo e de sua lubrificação de lá.

Porra, como era gostosa, doce e salgada, macia e lisa, quente, feminina ... Virei um insano, atacando-a esfomeado enquanto ela delirava e se debatia, tinha espasmos, me mostrava, com seu corpo, que estava em seu limite. Mas agora eu tinha ultrapassado meu próprio limite e me sentia rugir, extremamente dominado pelo tesão, alucinado, perdido em meus sentidos de macho bruto, violento.

Subi pelo seu corpo, fechando a mão firme em torno de sua garganta, montando em cima dela, entre suas coxas trêmulas e arreganhadas, meu pau abrindo seus lábios vaginais. Enfiei-o ali com tudo, tão fundo que Valentina gritou alto e agudamente, arregalando os olhos, presa e fodida. Movi o quadril

com violência, enterrando meu pau todo naquele canal apertado, quente, melado de gozo por dentro, comendo-a com fúria e apertando sua garganta só o suficiente para que soubesse que era minha e estava presa para ser saboreada como eu bem quisesse.

- Beije minha boca, sinta de novo nosso gosto, nosso gozo. – Ordenei grosso, já colando minha boca na dela, enfiando a língua em sua boca como metia meu pau em sua boceta. E gemendo descontroladamente, ela me agarrou e beijou com tudo, ondulando, buscando-me com o corpo e os lábios, fora de si.

Eu queria mais. Senti uma necessidade absurda de posse, de tomá-la para mim de todas as formas possíveis, de marcá-la para sempre. Eu a sentia se entranhar dentro de mim, como se tivesse estado sempre ali e só agora ocupasse seu lugar de vez. E isso me deixou faminto, insanamente excitado.

- Eu queria te foder assim desde que te vi naquela cama, se masturbando. – Afastei a boca e fitei raivosamente seus olhos súplices e delirantes, metendo dentro dela mais e mais fundo, estocando, fazendo-a palpitar e escorrer. – Mas nunca podia imaginar que era tão malditamente gostosa. E agora quero mais.

- Ah, Micah ... Tudo que você quiser ... – Arquejou fora de si e aquilo acabou com o resto de controle que eu ainda tivesse.

- Porra, Valentina ... – Saí de dentro dela e me ajoelhei entre suas pernas, já agarrando sua mão e depositando-a na bocetinha, ordenando com a respiração pesada: - Se masturbe para mim, como fez naquele dia.

Seus olhos pesados encontraram os meus, seu rosto corou, ela vacilou.

- Agora. – Mande firme, abrindo ainda mais suas coxas.

Quando seus dedos longos e finos deslizaram sobre o clitóris e vi as pontas com unhas rosadas sumindo dentro de sua carne melada, eu fiquei louco. Meu coração disparava como se eu fosse ter um ataque cardíaco e o sangue latejava em meus ouvidos. Agarrei meu pau e me masturbei, sem poder desviar meu olhar daquilo, ouvindo seus gemidinhos, torturando-me naquela delícia.

Mas não aguentei. Escorreguei a mão sobre a dela, bem maior e mais morena, com veias, metendo meu dedo junto com o dela em seu interior, espalhando mais gozo para fora, que escorreu até seu ânus pequeno e rosado. Vi aquilo e rosnei baixo, puxando meu dedo e rodeando o orifício apertado.

Valentina se imobilizou, mas ordenei:

- Continue metendo na bocetinha.

- Não, Micah. – Parecia assustada. – Eu nunca fiz isso.

Eu olhei-a bem no fundo dos olhos, vendo seu medo e sua excitação, sua entrega, sua beleza que me deixava cego, louco, voraz. Não falei nada. Mas agi, indo com a cabeça entre as suas coxas e lambendo seu clitóris devagarinho. Estremeceu, gemeu, deixou seu dedo dentro da bocetinha e eu a chupei bem

lento e gostoso.

Quando estava bem delirante, passei o gozo em seu ânus, molhando-o, metendo a ponta do dedo ali com suavidade. Ela se contraiu, se debateu, mas não se negou.

Eu a seduzi com a boca e com as carícias lentas. Em determinado momento, afastou sua mão e agarrou meus cabelos, tirando um pouco a bunda da cama, toda entregue e trêmula. Foi aí que comecei a meter o dedo firme em seu cuzinho.

- Aiiiiiiiiiii ...

Parecia alucinada. Puxei com o polegar mais daquela porra toda que suas contrações faziam escorrer, melando bem o orifício, tirando e empurrando dedo de volta até que estava lubrificado e deslizava ali.

Valentina perdeu todo o pudor. Começou a mover os quadris ensandecida, esfregando o clitóris em minha boca, comendo meu dedo em um vai e vem que me fez quase gozar, de tanto que meu pau latejava e babava. Eu me fartava com ela, lambia, sugava, mordida, deixava-a tão doida que gritava e pedia mais e eu dei. Forcei dois dedos e ela choramingou, mas engoliu os dois. Foi então que tirei a boca, olhei-a cheio de paixão e a virei na cama sem parar de penetrá-la, deitando-a de bruços.

Aí que meu tesão foi nas alturas mesmo, deparando-me com aquela bunda linda, redonda, firme e empinada.

- Que bunda é essa ... – Murmurei rouco, mordendo aquela carne farta, abrindo-a, enterrando mais os dedos no meio dela, já totalmente descontrolado. – Porra, assim não aguento ...

Gemi e Valentina se empinou, se debateu, choramingando com a cara enterrada no travesseiro e os dedos agarrados no lençol embolado. Cuspi na mão livre e passei a saliva no meu pau, espalhando também o lubrificante natural que eu soltava, sabendo que não podia esperar mais. Cheio de tesão, eu a cobri por trás, puxando os dedos devagar, dizendo perto do seu ouvido:

- Vou comer essa bunda gostosa e linda, antes que eu fique louco. Dá esse cuzinho pra mim?

- Ai ... Ai, meu Deus ... Ai, Micah ...

Estava fora de si e se empinou mais, roçou no meu pau, me fez soltar um palavrão. Eu me deitei sobre ela, abri uma banda redonda para o lado e mirei meu pau no burquinho, enquanto com a outra mão afastava o cabelo suado de sua nuca e a beijava ali, me inebriando com seu cheiro, pronto para comê-la de modo pecaminoso e febril.

- Eu tenho medo ... – Murmurou abafada contra o travesseiro, tensa e excitada, como se quisesse muito e temesse ao mesmo tempo.

- Vai gostar e pedir por mais. – Mordisquei sua nuca, segurei sua cabeça ali virada de lado e gemi rouco quando empurrei o quadril e forcei.

Era apertada, pequena, virgem, mas estava lubrificada e dilatada pelos meus dedos e meu pau todo melado. Quando a glândula entrou e foi engolida, Valentina soltou um grito rouco e abafado, se sacudiu toda e foi aí que meti mais fundo, deslizando dentro dela. Tentei me conter, segurar meu ímpeto e meu tesão que deixava meu corpo todo duro e contraído, mas meti até não sobrar nada da minha carne de fora e me sentisse estrangulado por ela.

- Ai, caralho ... Como você é fodidamente gostosa, Valentina ...

E me movi, penetrando-a em uma dança lenta ao início, abrindo-a, tomando o que eu queria, ensandecido pela quentura escaldante e o apertar delicioso, mordendo sua nuca, rosnando como um animal ao cobrir sua fêmea.

- Ohhhhhhhhhh ... – Valentina arranhou a cama e começou a chorar, enlouquecida, tremendo, alucinada. Agarrei uma de suas mãos sobre o lençol e entrelacei meus dedos nos dela, os outros em seus cabelos, deixando sua nuca exposta toda para mim, metendo bem firme em seu cuzinho. – Ai, como dói ... Ai ... Ai, como é gostoso ... Ai ...

- É delicioso. Quer mais? – Subi a boca até sua orelha e sussurrei, cheio de um tesão que se avolumava em mim e parecia prestes a explodir. Lambi ali, meti a língua em seu ouvido e fui mais fundo, mais forte, fazendo-a gritar e se debater.

- Micah ... Mais ... mais, por favor ... – Ela agarrou meus dedos com força, perdendo totalmente a razão e me levando junto. Meu controle foi por água abaixo e me tornei bruto, puxando o pau até a ponta e me enterrando todo, deslizando bem gostoso, fodendo-a com violência até que gritava ensandecida: - Isso! Ai, que delícia esse pau, esse piercing ... Ai, ai

As lágrimas pingavam de seus olhos, ela tentava me encontrar no meio do caminho, mas eu não lhe dava espaço, metendo com brutalidade, mordendo sua nuca, dizendo rascante e furiosamente:

- Gosta assim, sua vadiazinha ... Ser fodida com força ... ser sodomizada como uma puta ... Então toma, engole meu pau dentro dessa bunda gostosa ...

E quanto mais eu a mordia e comia, quanto mais dizia sacanagens, mais Valentina gritava e enlouquecia, explodindo em um gozo alucinado, chorando tanto que seu corpo parecia se quebrar. Não aguentei aquilo. Cravei meus dentes na pele macia de sua nuca, gemi rouco e a fodi até esporrar um mar de esperma dentro dela, sem parar de empurrar e estocar, como se morresse ali em um prazer supremo, único, nunca antes sentido.

Quando acabou, eu desabei e Valentina também, ambos completamente saciados, acabados. Rolei para o lado e sair do seu interior foi como perder uma

parte de mim. Fechei os olhos, meu coração tão enlouquecido que parecia prestes a ter um ataque, respirando com dificuldade. Nunca me senti tão perplexo. Já tinha transado muito por aí, feitos altas loucuras, gozado deliciosamente. Mas não daquela maneira, tão entregue que não sabia mais onde eu terminava e ela começava. Estava muito mexido, abalado, precisando de um tempo para entender o que tinha sido tudo aquilo.

Valentina abriu os olhos úmidos e atraiu meu olhar. Seu rosto parecia espelhar o que eu sentia, como se algo a chocasse, aquela intensidade sendo demais para acolher de uma vez, a realidade voltando aos poucos com todas as suas consequências e sensações.

Nós nos olhamos e quis falar para ela como eu me sentia, mas estava ainda surpreso demais, sem entender ao certo o que era aquilo. Eu só sabia que Valentina tinha tomado uma parte minha, importante, da qual nunca senti falta, mas que agora era dela e eu sabia que sempre tinha existido dentro de mim, guardada, esperando, sonhando. E ao mesmo tempo eu parecia ter pego algo dela também. A vontade era de segurar aquilo e não soltar nunca mais, embora nem eu entendesse direito do que se tratava.

Surpreendeu-me ao se levantar, gemendo, trêmula, mas apressada, seus cachos caindo desgovernados pelo rosto, dizendo aos tropeções:

- Preciso ir ao banheiro.

Foi quase uma fuga, mas não a impedi. Eu, que gostava de ter sempre um sarcasmo na ponta da língua, estava mudo. Só a olhei se refugiar no banheiro e continuei na cama, olhando para o nada, perdido dentro de mim e naquelas emoções todas que borbulhavam junto com o tesão temporariamente satisfeito.

Estava exausto e surpreso e fiquei um bom tempo assim, até ter meu próprio tempo e me levantar, sentando na cama, afastando o cabelo da testa. Estava suado e lambuzado de esperma. Deliciado. Exausto. Sabendo só de uma coisa. Eu ia querer Valentina toda hora. Ela tinha se tornado meu vício.

Peguei o telefone e fiz o pedido de nosso almoço, enquanto pegava um cigarro do maço e o acendia. Precisava fumar e me acalmar. Entender o que ela tinha feito comigo.

Ficou um clima meio estranho entre nós, pois Valentina parecia envergonhada, como se ainda não acreditasse em tudo o que havia feito comigo na cama e sentisse no corpo as marcas disso. De banho tomado e enrolada em uma toalha, estava em volta da mesa almoçando comigo, mas corava a cada vez que me olhava.

Eu também tinha tomado banho, mas continuava nu e mais à vontade,

achando engraçado aquele jeito dela, observando-a com um misto de desejo e prazer. Não conseguia parar de admirá-la.

- Estou preocupada com o escritório. E com Cacá. – Tomou um gole da cerveja, que parecia ter gostado, um tanto tímida.

- Quando voltarmos, resolvemos o que houver por lá. E Cacá já é um rapaz, sabe se virar. Está dolorida?

Olhou-me na hora quando fui direto, seu olhos encontrando os meus. Ficou rubra e olhou para o prato, sem saber ao certo o que dizer.

- Valentina?

- Um pouco.

Eu sorri. E provoquei-a:

- Você já tinha tido uma aula teórica sobre o PA. Agora teve uma aula prática. O que achou do piercing?

Não olhou nem para os lados, a vermelhidão se espalhando para o pescoço. Continuei:

- Ainda não mostrei alguns segredinhos que dá para fazer com ele, roçando no seu clitóris. Mas tenho certeza que vai gostar mesmo é no ponto G. Vai ejacular e gozar como nunca fez na vida. Já ejaculou alguma vez, Valentina?

- Eu não ... Eu prefiro não falar sobre isso.

- Vamos lá, fiquei curioso. Já ejaculou, soltando um líquido claro como se fizesse xixi? – Insisti.

- Não.

Sua vergonha acabou me fazendo sentir um babaca. Ergui a mão e acariciei seu rosto, surpreendendo-a com a ternura do gesto, fazendo-a olhar para mim. Foi só encontrar aqueles olhos negros para que tudo dentro de mim se agitasse e uma emoção incompreensível me envolvesse. Toquei-a com carinho e falei baixo:

- Estou adorando ficar aqui com você e não é só pelo sexo, que, diga-se de passagem, foi coisa de louco. Mas gosto de você, Valentina. Do seu cheiro, da sua voz, do modo como olha para mim. De tudo que me faz sentir.

Ela nem piscou. Parecia buscar em meu rosto razões para não acreditar. Mas não tinha como, pois eu estava sendo absolutamente franco, verdadeiro.

Fiquei abalado, sem coragem de dizer como eu me sentia, se nem eu entendia direito. Assim, não falei mais nada, só a acariciei até que a senti menos tensa, mais branda. Então indiquei a comida e afastei a mão, voltando a ser eu mesmo:

- Coma. Precisa recarregar as energias para continuarmos.

- O que? – Arregalou os olhos. – Não pode estar falando sério, Micah.

- Muito sério. Temos a tarde toda pela frente. – Voltei a comer

tranquilamente.

- Preciso ir embora.
- Vamos comer. Depois vemos isso.

Acabei conseguindo distrai-la com uma conversa leve sobre negócios da Falcão, até que comemos e bebemos a cerveja toda. Vi que parecia cansada, sonolenta e me levantei, segurando sua mão, fazendo-a se erguer também. Olhou-me mais alerta, um pouco nervosa perto de mim:

- Micah, escute. Ficamos muito tempo fora. Eu ...
- Só mais um pouquinho, pra gente ouvir uma música e descansar.

Depois vamos.

- Jura? – Indagou, desconfiada.
- Juro.

Entrelacei meus dedos aos dela e a levei de volta ao quarto. A cama estava uma bagunça, mas não me importei. Parei ao lado dela, virei para Valentina e, sem uma palavra, puxei a toalha que a cobria.

- Você disse que íamos descansar.

- Esqueci de completar que íamos fazer isso nus. – Sorri, admirado com sua beleza, sentindo que ainda ia querer mais, que nem morto eu ficaria na mesma cama que ela sem transar. – Vem aqui.

Não reclamou e deitamos lado a lado. O quarto estava geladinho e liguei o rádio, sintonizando em uma estação que tocava músicas românticas. Quando me virei, peguei-a olhando com desejo para o meu corpo, o que fez meu pau inchar na hora. Um tanto sem graça, explicou:

- Estava vendo suas tatuagens. Lembro-me dessa cruz em seu braço, mas as outras são novas. Lembro também que usava brinco.

- Tirei o brinco por causa da ABIN.

- Mas eles aceitam tatuados?

- Sim. – Me acomodei ao lado dela, meio reclinado no travesseiro, um de frente para o outro. Havia uma conexão gostosa entre nós. – O único problema é que em disfarces as tatuagens podem te marcar e denunciar. Fora isso, sem problema.

- E elas ... as tatuagens, tem uma história? – Relaxava um pouco mais, atenta em mim.

- Essa da cruz, que você conhece, é em homenagem ao sobrenome da minha mãe que eu também uso: Cruz. Joaquim tem uma parecida. As outras tem história sim. Quer saber?

- Quero.

- Essa no outro braço é óbvia, meu apelido na vertical e com letra castelar sombreada. – Mostrei-lhe MICAH no bíceps esquerdo, sorrindo meio de

lado. Apontei para a ferradura na costela e continuei: - Essa fiz quando já estava na ABIN. Como era agente de campo e tinha um passado conturbado, eles ficaram de olho em mim no começo e me mandaram para umas missões perigosas, acho que para me testar. Quase morri umas duas vezes e resolvi tatuar algum símbolo supersticioso de boa sorte e proteção.

Seus olhos não saíam dos meus e não conseguiu disfarçar a preocupação, murmurando:

- Não sabia que seu trabalho era perigoso a ponto de correr risco de vida.

- Agora não mais, que sou oficial e faço parte da inteligência. Mas no começo foi. Mas gostei, na época era o que eu precisava.

- Como assim?

- Eu tinha acabado de sair de um período complicado em que mergulhei em drogas e álcool, fiz muita besteira, me envolvi com pessoas erradas. Não cheguei a fazer mal a ninguém, só a mim mesmo. Morava numa pocilga, não parava em trabalho nenhum, só me viciava mais e mais. Foram quatro anos só entrando em um inferno cada vez maior, a ponto de quase não poder mais sair dele.

Parei de falar, pois em geral eu não tocava naquele assunto. Aprendi a aceitar aquele período em que saí de Florada e fiz tanta loucura, querendo me ferir, dilacerado pela culpa, como uma catarse, embora soubesse que no fundo tinha achado que devia morrer. Eu estava sozinho, longe da minha cidade e da minha família, sabendo que tinha atirado no homem que pensei ser meu pai, deixando-o inválido para sempre.

- Micah ... – Valentina ergueu a mão e a pousou sobre o meu rosto, preocupada, angustiada, atraindo meu olhar. – Por que fez isso?

Gostei do seu carinho, do modo que me olhava como se quisesse me proteger do mundo. Senti de novo como ela me emocionava, tocava em um ponto íntimo e familiar dentro de mim, como se a tivesse perdido no tempo e a recuperasse agora.

- Culpa. Sabe como a culpa e o medo podem destruir uma pessoa, Valentina? Matar aos poucos?

Ficou imóvel, pálida. Mas então acenou devagar com a cabeça e não parou de me olhar.

- Pois então. Eu quase me acabei. Quase. Tinha ido em uma favela do Rio comprar drogas e acabei cheirando cocaína lá mesmo, ficando muito doido. Por azar ou sorte, a favela estava sendo invadida pela polícia e por um grupo especial que tinha feito o trabalho de inteligência para dismantelar o tráfico e que só acompanhava os acontecimentos. Não sei como, fui parar no caminho deles, tão louco que tropeçava nas próprias pernas. Eu não vinha comendo

direito, estava muito magro, na pior fase da minha vida. Acabei desmaiando.

- Ah, Micah ... – Havia dor em seu gemido e lágrimas em seus olhos quando veio mais perto de mim, sua mão em meu cabelo, seus lábios tocando suavemente os meus. Ficamos ligados emocionalmente e isso me tocou muito.

- Hei, calma. Está tudo bem. – Eu a acariciei também, beijei-a, até que pousamos a cabeça no mesmo travesseiro, muito próximos. – Foi bom pra mim. O grupo era da ABIN e não sei por que um dos oficiais se interessou por mim. Oswaldo Ribeiro. Tinha uns cinquenta e poucos anos na época e me disse que viu desespero nos meus olhos. Ele não tinha família e acho que me assumiu como filho. Realmente nunca entendi isso, só sei que foi meu melhor amigo e, quando vi, eu contava tudo para ele. Tudo o que me dilacerava e causava a maldita culpa. Ele me resgatou, Valentina.

Sorri, lembrando-me do meu amigo, infelizmente falecido do coração há dois anos, uma das maiores perdas da minha vida.

- Oswaldo me incentivou a estudar, a largar as drogas e me tratar. É incrível, sou viciado em cigarro e chocolate, mas não me viciiei em cocaína. Não era uma coisa que eu gostasse, só usava para me destruir mais rápido. Não foi muito difícil largar dela. Me ajudou também em arrumar um casa e emprego. Não cansava de dizer que eu era inteligente. Acabei seguindo o exemplo dele e fazendo o concurso. Nem eu acreditei quando passei. E aí minha vida mudou por completo. Fiz duas faculdades, me tornei Oficial, comprei minha moto e meu apartamento, passei a gozar mais a vida e encará-la com bom humor. É isso.

Valentina me olhava fixamente, visivelmente emocionada, seu tirar os dedos dos meus cabelos. Parecia me enxergar com outros olhos e por um momento me envergonhei por confessar minhas fraquezas e loucuras. Mas deixei pra lá e mostrei as duas tatuagens em algarismos romanos que subiam por meu trapézio. Apontei para a da esquerda e expliquei:

- Essa é o número XVIII e significa a idade que saí de Florada e quase me matei mundo afora. E essa, do lado direito, é XXII, o ano em que Oswaldo me ajudou a sair do buraco e entrei na ABIN, renascendo para a vida. Dois marcos. Essas são minhas histórias. E antes que pergunte sobre meu piercing ... – Sorri safado para ela. – Só fiz para aumentar o prazer sexual, meu e de minhas parceiras.

Ela acabou relaxando um pouco mais e fez uma careta:

- Deve ter doído horrores!

- Porra! Se doeu! Mas depois de uma semana foi só prazer.

Ri e Valentina acabou sorrindo. Puxei-a pela cintura contra meu corpo e senti meu pau ficando duro, ambos excitados com o contato, enquanto eu dizia perto de sua boca:

- Confesse que você gostou.
 - Gostei. - Confessou baixinho.
 - Vai gostar mais. Pretendo fazer você não conseguir mais viver sem ele.
- Ela estremeceu, muito quieta, mas tão ligada em mim quanto eu nela.

Naquele momento, começou a tocar uma música que sempre mexia comigo e eu não resisti e comentei:

- Adoro essa música. Sozinho, do Caetano Veloso.

*“Às vezes no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico ali sonhando acordado
Juntando o antes, o agora e o depois(...)”*

- É engraçado, mas essa música me lembra alguma coisa boa, algo que pareceu um sonho e que nunca soube explicar. – Falei, pensativo. – Como um daqueles sonhos que nos acompanham a vida toda, sabe como é? Que a gente quer sentir melhor, quer que seja real, mas escapa por entre os dedos?

Eu a olhei. Estava pálida, imóvel, os olhos sem piscar. Parecia chocada, abalada, doída. Franzi o cenho e toquei sua face, sem entender, preocupado.

- Valentina? O que houve?
- Nada. – Murmurou, reagindo, baixando os olhos.
- Por que ficou esquisita? É a música?
- Não, eu ... eu ... Só acho que devemos ir. Estou mesmo preocupada com

Cacá e também ...

- Acha que vou deixar você sair daqui? – Puxei-a mais para mim, possessivo.

- Micah, escute ...

Aproveitei seus lábios abertos e beijei-a, cheio de desejo. No início, gemeu angustiada, como se estivesse sentindo dor, levando as mãos ao meu peito. Mas então a seduzi com lábios e língua, com tudo que eu sentia e parecia exaltado naquele momento, com meu corpo e minha alma.

Valentina soltou um gemido entrecortado e me agarrou com desespero, com força, como se precisasse de mim para respirar, emocionada, agitada, sôfrega.

Eu a derrubei na cama e fui sobre ela, fora de mim com tudo aquilo que me comia vivo, com a fome dela e a minha se misturando, já cheio de paixão.

E enquanto aquela música tocava, eu fiz amor com ela.

CAPÍTULO 21

VALENTINA

Acordei no sábado como se despertasse de um sonho do qual não queria sair. Micah me puxava para seus braços, sorria para mim com aquele sorriso tão dele, beijava minha boca. Parecíamos rodar em uma espécie de carrossel e eu me sentia subir e descer, maravilhada, desnorteada, tão feliz que não conseguia tirar as mãos ou os olhos dele. Então o sentia dentro de mim, enchendo-me toda com seu pau, subindo e descendo, ondulando, girando, até que ...

Eu acordei. Gemi angustiada, querendo mais, agarrando o travesseiro com o coração disparado e o corpo quente, ainda de olhos fechados tentando resgatar as sensações do sonho. Mas nem era preciso. Eu as guardava dentro de mim desde o dia anterior, quando cheguei em casa vinda do Motel, como se minha vida tivesse mudado em um estalar de dedos.

Tentei agir naturalmente com Cacá, ser eu mesma, mas como, se meu corpo dolorido e saciado era a prova de que agora eu era outra mulher? Ou se meus sentimentos se tumultuavam todos dentro de mim como em uma guerra, um querendo vencer o outro? Eu estava fora da realidade, ainda abismada, abalada.

Não parei de pensar em Micah um segundo sequer. Deitei na cama pensando nele, lembrando cada momento, sentindo de novo, revivendo várias vezes. Ele parecia grudado em minha pele, na minha boca, em cada parte que tocou, beijou e penetrou, em cada recanto que olhou. Eu o vi mais do que nunca, não apenas o garoto que foi um rebelde ou o homem de boca suja que me enlouqueceu desde que voltou à Florada, mas um homem com marcas e dores, com fragilidades e perdas, real.

E agora eu me sentia sem rumo. Por que o que eu via nos olhos dele, quinze anos atrás, as lágrimas mascaradas pela agressividade, eram sua defesa. Eu o odiei por anos pelo modo que esqueceu completamente de mim e me humilhou, por ter sumido e me deixado sozinha e grávida para me virar, mesmo sem saber. Eu jurei que nunca o perdoaria, que nunca precisaria dele, e agora via que não havia o que perdoar.

Naquela noite, Micah estava desabado no lençol perto da cachoeira, tão bêbado que tinha sido quase irracional. Não havia como culpá-lo por ter esquecido. E agora, depois que havia me dito que se mantinha longe de mim por receio de se sentir exposto, descoberto, e não pela minha aparência, eu sentia

uma espécie de alívio e de libertação. Por que usei aquilo vida afora como insegurança, junto com outras que eu já tinha, me fechando, me excluindo, me privando de muitas coisas. Eu imaginei a dor dele com a mãe doente e o ódio do pai, sua solidão, e eu me preocupando só comigo.

Ali, deitada na cama, comecei a chorar sozinha relembrando dele me falando dos quatro anos que passou no inferno. Eu também sofria para me reerguer, com apenas 18 anos e um filho, odiando-o, sem saber que ele tentava, de certa maneira, se matar. E se eu o tivesse procurado? Pelo menos tentado encontrá-lo? Saber que tinha um filho o tiraria daquela dor? Eu sabia minhas razões e sempre acreditei nelas, mas agora me enchia de dúvidas, medos e culpas. Por que tinha descoberto as razões dele ou pelo menos parte delas.

Fora minha tia, nunca contei a ninguém de quem Cacá era filho. Se eu tivesse apenas falado com um dos Falcão, deixado Cacá ter uma família, não me escondido em meus traumas e inseguranças, na minha vergonha em ter que admitir que transei com um homem que nunca se lembrou disso, tudo agora seria diferente. Meu filho não estaria tão desesperado para saber quem era o pai, Micah teria sabido do fato assim que voltou e eu, agora, não estaria tão desesperada com um segredo que mais parecia uma bomba em meu colo.

Como criar coragem e contar toda a verdade? Ele já estava ali há mais de um mês, éramos amantes, tinha me falado de si mesmo, era amigo de Cacá. Eu ter ficado calada no passado era uma coisa, mas agora era diferente. E eu não sabia o que fazer com um segredo que poderia fazer muita gente me acusar e odiar, inclusive Micah e meu filho. Nunca tinha sentido tanto medo na minha vida e desejei desesperadamente ter alguém com quem desabafar.

Para piorar tudo, coroar minha culpa, tinha tocado aquela música. A música que tocava na noite em que ele me desvirginou e que nunca esqueci. Muitas vezes fugi dela, troquei de estação no rádio e no carro, pois me abalava, mexia com minhas emoções e lembranças, com tudo que eu lutava para esquecer. E por ironia tinha tocado no Motel, logo depois de Micah me expor parte de sua alma. Eu vi o olhar dele, de saudade do que nem ele sabia o que era e ali ... Ali eu entendi que não fui tão insignificante assim. Que mesmo que sua mente embotada pelo álcool não o lembrasse, seus sentidos guardaram parte do que fizemos. E ele sentia aquilo como um “sonho”, como havia dito.

Chorei baixinho na cama até conseguir me controlar, cansada, exausta emocionalmente. Ia tentar agir da melhor forma possível, criar coragem, lutar contra meu medo e minhas dúvidas. E arrumar uma maneira de dizer a verdade. Não sabia como nem quando, mas faria de tudo para ajeitar o que eu pudesse daquela história.

Foi uma manhã complicada, por que eu me sentia muito abalada

emocionalmente e mesmo assim ainda estremecia de desejo ao lembrar o que tínhamos feito no dia anterior, como foi delirante e delicioso, pornográfico e viciante. Meus mamilos estavam doloridos de tanto que foram chupados, minha vagina parecia cremosa, meu ânus dolorido. E mesmo assim a cada respirada eu só conseguia pensar em como queria repetir tudo e em como seria entre a gente dali para frente.

Evitei chegar perto das janelas e sair de casa. Tentei me refugiar lá dentro, com medo de topar com Micah e me entregar, mostrar como eu me sentia, como estava frágil, excitada e, ainda, sem rumo.

Cacá perguntou se eu estava bem, notando algo estranho. Garanti que era só cansaço e ele acabou ficando com os amigos na sala, vendo um filme que passava na tevê a cabo. Distraí-me fazendo lanche para eles, me ocupando, até à noite. Ele tinha ido acompanhar os amigos no portão, ia jantar, tomar banho e depois partiria para uma festinha na casa de Cláudio, outro amigo seu. Dormiria lá.

Eu acabava de fazer uma lasanha, tinha deixado uma mousse de chocolate na geladeira e suco prontos. Como fiz durante todo o dia, pensava em Micah. Lembrava-me da vez que levei lasanha pra ele e de como adorava chocolate. E sem querer pensei que poderia convidá-lo para comer ali, até por que depois Cacá sairia e ...

Afastei o pensamento, ficando muito vermelha. Só podia estar louca. Tinha que manter o mínimo de discernimento, pesar tudo que estava envolvido, ser mais cautelosa do que nunca. Tentando me conter, pus uma música clássica para tocar e fui conferir a lasanha no forno. Foi quando ouvi passos vindos da sala.

Fechei a porta do forno e me virei, meio distraída:

- Cacá, a lasanha está qua ...

Calei-me abruptamente ao me deparar com os olhos escuros e quentes de Micah, que tinha acabado de entrar na cozinha com meu filho. Fiquei imobilizada, enquanto meu coração dava um salto mortal e todo meu corpo reagia, vibrante, vivo, fervendo, um desejo quase animal subindo, uma emoção pura apertando meu peito.

Cacá sorriu e disse divertido:

- Encontrei o Micah no portão dele, parecendo um cachorro abandonado e faminto, aí lembrei que ele adora lasanha e o convidei para comer com a gente, mãe.

- Oi, Valentina. O cheiro está delicioso. Não resisti. – Sorriu devagar para mim e, embora não descesse os olhos dos meus, senti-me toda acariciada por ele. – Como Cacá disse, eu estava lá faminto mesmo, esperando uma boa alma para

me salvar.

Cacá riu. Eu demorei a reagir, ainda abalada demais e, se fosse para confessar, feliz demais. Tudo em mim parecia muito vivo, mas sorri nervosamente e apontei a grande mesa a um canto:

- Que bom que você veio. Sente-se. Está quase pronto.

- Quer um refrigerante? – Cacá abriu a geladeira, parecendo não notar o clima entre nós, animado com Micah ali.

Vê-los juntos, tão amigos, deixou-me angustiada. Reparei de novo como se pareciam, como tinham se dado bem desde o início, como se o sangue os tivesse aproximado naturalmente, um atraindo o outro. A culpa me espezinhou, mas empurrei-a para o fundo, jurei a mim mesma que resolveria aquilo.

- Não, obrigado. – Micah recusou e Cacá completou:

- Tem vinho. Não tem, mãe?

- Sim. – Olhei-o, ainda muito nervosa, excitada e um tanto constrangida, sem saber ao certo como me portar. – Aceita uma taça?

- Aceito. – Ele terminou de entrar na cozinha e puxou uma cadeira, muito mais à vontade do que eu. Mas seu sorriso parecia deixar claro como percebia meu estado.

Eu não sabia como ficar perto de um homem que tinha passado quase um dia inteiro transando comigo, fazendo e dizendo pornografias, deixando-me doida, e agir naturalmente com ele, ainda mais na frente do meu filho. Assim, virei novamente para a pia e fui terminar de preparar uma salada, dando-me conta de como tremia.

Cacá trouxe o vinho aberto até perto de mim.

- Quer também, mãe?

- Sim, por favor.

Ele despejou em duas taças, deixou uma ao meu lado e foi entregar outra a Micah, sentando ao lado dele e tomando seu refrigerante.

- Gosta dessa música, Micah? Minha mãe cisma de ouvir essas músicas sem letra. Sou muito mais meus rocks!

- Sou obrigado a concordar. Mas gosto de clássicos também.

Cacá puxou um assunto e acabaram conversando animadamente. Eu acabei conseguindo me controlar mais e relaxei um pouco tomando o meu vinho.

Quando a lasanha ficou pronta, Cacá me ajudou a levar as coisas para a mesa e Micah se ofereceu para ajudar, mas não aceitei, pois era pouca coisa. Então nos sentamos diante da comida fumegante acompanhada por uma salada colorida, refrigerante para Cacá e vinho pra gente, ao som de uma clássica de Chopin.

Eu evitava olhar diretamente para Micah, mas era uma missão quase

impossível e trocamos olhares quentes. Por mais que estivesse comportado, parecia avisar que na primeira oportunidade me pegaria, por isso eu estava quase sem ar.

- Delicioso ... – Micah murmurou quando engoliu uma garfada da comida, realmente impressionado. Na mesma hora comeu mais um pedaço, quase gemendo de satisfação. Comentou com Cacá: - Você é um sortudo em comer uma comida dessas todos os dias.

- Hoje caprichei um pouco mais porque é sábado, em geral faço coisas mais simples. – Falei, um pouco corada com o elogio.

- Mas é sempre tudo gostoso. – Cacá sorriu. – Não sei como não sou gordo. Por que traço tudo ...

No final das contas, consegui relaxar e comemos em paz, conversando sobre música, filme, o cinema de Florada, passeios que davam para fazer por ali. Eu me vi apreciando cada pequena coisa, um tanto emocionada por estarmos os três ali, fantasiando como seria se fôssemos uma família. O que mais me surpreendia era que sua presença parecia tão certa, tão encaixada, que isso tirava meu chão, me abalava

Eu os olhava, tão parecidos, sentindo-me uma traidora. Eram pai e filho. Enquanto riam e conversavam, eu os admirava e meu peito se apertava, milhões de pensamentos e sentimentos me invadindo. Eram íntimos sem saber que mais do que amizade os unia e eu, a única com aquele conhecimento, tirava aquilo deles. Ao mesmo tempo, era impossível que uma parte minha não ficasse feliz ao tê-los juntos.

Meu olhar era atraído a Micah o tempo todo e por vários momentos senti o seu sobre mim. Eu desviava logo, dizia algo a Cacá, tentava agir naturalmente. Mas era óbvia a atração entre nós, algo que parecia nos puxar um para o outro, quase uma força viva.

Acabamos de comer e de tomar o vinho e Micah se virou para mim, dizendo baixo, meio rouco:

- Essa era a vida que pedi a Deus. Será que você é de verdade mesmo, Valentina? Linda, inteligente e ainda cozinhando desse jeito? Posso pensar em mais um ou outro adjetivo perfeito para descrever você.

Corei profundamente. Cacá sorriu e olhou de mim para ele, como se achasse estranho e engraçado o que Micah tinha dito.

- Pare de bobear. – Falei sem graça e levantei para servir a mousse.

Quando voltei, reparei que Micah me olhava, quieto, admirando-me intensamente. Eu lambi os lábios, excitada, um monte de cena erótica na mente, sabendo que ele pensava o mesmo. Sentei, tentando não demonstrar, mas era difícil parar de olhar para ele e relembrar o gosto do seu beijo ou o modo que me

penetrava.

- Está acontecendo alguma coisa? – Cacá indagou de repente e felizmente já tinha colocado o pirex com mousse na mesa, ou o deixaria cair.

Fitei-o rapidamente, nervosa, tentando soar natural:

- Como assim?

- Vocês estão esquisitos. – Ele franziu o cenho.

Fiquei sem fala.

- Eu, com certeza, estou esquisito, aqui matutando uma maneira de roubar a sua mãe para cozinhar para mim. Talvez para fazer uma coisinha ou outra a mais. – Micah disse tranquilamente, com um sorriso nos lábios.

- Que coisinhas? – Quando Cacá perguntou, eu quase morri de tanta vergonha, mas ele ainda completou, inocente: - Lavar, passar, essas coisas?

- Isso, mais ou menos.

Eu não olhei para ele. Peguei um pote e servi o doce, enquanto Micah dizia:

- Isso é covardia. Lasanha e chocolate no mesmo dia. Vou dar uma de mal educado e repetir a mousse, não me levem a mal.

- Mas você ainda nem provou. – Cacá sorria.

- Coisas gostosas eu sempre repito. Uma, duas, três, várias vezes. E não enjoa. Quero sempre mais. Eu me vicio muito rápido.

Não levantei os olhos, deixando um pote com colher na frente de Cacá e outro no de Micah, sabendo bem que ele usava um duplo sentido na frase. Rezei para que meu filho não notasse como eu estava com o rosto pegando fogo.

- Essa é a melhor parte. – Micah disse, cheio de olho no pote de mousse que servi a ele. Quando pôs uma colherada na boca, fechou os olhos e gemeu em êxtase, o que fez Cacá rir e minhas pernas ficarem bambas com sua expressão sensual. Até que abriu os olhos devagar e piscou para mim. – Diga quanto você cobra para fazer um desses por dia para mim, Valentina. Te dou toda minha grana, minha moto, até minhas roupas.

Cacá caiu na gargalhada e sorri sem graça. Meu filho falou:

- Vamos aceitar, mãe. Uma Hayabusa em troca de uma mousse, acho muito justo.

Micah riu com vontade com ele, elogiando a mousse entre gemidos e suspiros roucos, acabando com tudo e olhando pidão para o refratário com mais.

- Pode se servir. – Ofereci, divertida.

- Vou aceitar mesmo.

- Nunca vi alguém gostar tanto de chocolate. – Cacá sorria, mas se serviu de mais também.

Eu comi o meu, quieta, ouvindo-os falar, ainda como se sonhasse.

E nenhum de nós levantou, como se não quiséssemos quebrar a relação gostosa e leve que havia se estabelecido. Em algum momento o assunto girou em torno de música e eu os ouvi trocar ideias sobre novas bandas de rock. Então Cacá disse que logo subiria para tomar banho e ir à festa de um amigo e, se Micah quisesse esperar um pouco, quando descesse traria um cd para emprestar a ele.

Na mesma hora a leveza sumiu e fiquei alerta. Senti que Micah me olhava como se fosse me engolir viva e esperasse só uma oportunidade. Como quem não quer nada, indagou a Cacá:

- Vai a uma festa hoje?

- Vou. – Ele se levantou. – E como não tem hora para acabar e fica na estrada entre Florada e Pedrosa, vou dormir lá.

O sorriso que Micah deu foi diabólico. Tudo dentro de mim rebuliu. Meu coração virou um louco ensandecido. O desejo veio tão feroz que perdi qualquer resquício de razão.

- Vou tomar banho e já volto com seu cd.

- Não precisa correr, Cacá. Enquanto isso fico aqui ... conversando com a sua mãe.

- Tá.

Assim que Cacá saiu, Micah se virou para mim e agarrou meu pulso sobre a mesa, seu olhar me penetrando, uma energia densa e pesada circulando entre nós.

- Você ia me avisar que ele dormiria fora? Ia me chamar, Valentina?

- Micah, pare, o Cacá ... Ai! O que você está fazendo? – Tomei um susto quando ele arrastou a cadeira para trás e me puxou bruscamente para seu colo, sentando-me bem em cima de sua ereção, segurando-me com força. Eu tremi e tentei me soltar, cheia de medo e tesão. – Me solta, Micah! O Cacá pode voltar!

- Responda. Ia me chamar?

- Não, eu ... Eu nem sabia que você queria. – Parei de me debater, assustada, meu olhar indo para a entrada da porta e depois voltando para o dele. – Quero dizer ...

- Não acredito que não ia me avisar. – Passava um dos braços fortes pela minha cintura, prendendo-me contra seu peito, a outra mão ainda firme em meu pulso. Seu olhar era irritado, parecendo mais intenso pela excitação sexual. – Passei o dia cheio de saudade e você escondida aqui dentro.

- Não estava escondida.

- Sei.

- Eu estava ocupada e ... – Acabei me calando, perdendo o ar quando me apertou ainda mais. Supliquei: - Pare com isso, Micah. Se meu filho chega aqui

...

- Eu só paro depois que me der um beijo.
- Não.
- E depois que for para a cama comigo.
- Micah ...

Ainda tentei. Tentei ser forte, me desesperar com receio de Cacá nos pegar daquela maneira, mandá-lo embora. Mas seu corpo tão perto do meu, aquele desejo absurdo e o amor desvairado que eu sentia por ele tornavam muito difícil resistir. Por isso, quando agarrou minha nuca e colou a boca na minha, eu gemi rendida, angustiada, esfaimada.

Beijamos-nos de maneira apaixonada e impetuosa, um devorando o outro, as línguas se buscando, engolindo nossos gemidos, cheios de luxúria, de um tesão que precisava ser saciado. Micah me colou mais contra si e desceu a mão pelo meio das minhas costas, só para sentir meus seios apertados contra seu peito, a outra mão em meu quadril, pressionando-me contra seu pau completamente ereto.

- Que saudade dessa boca ... – Murmurou rouco esfregando os lábios nos meus, enquanto eu enfiava meus dedos em seus cabelos e mordia seu lábio inferior carnudo, sem saber o que eu faria da minha vida, por que não conseguia mais me imaginar longe dele. Só de estar ali, em seus braços, mesmo apavorada que Cacá nos pegasse, eu me sentia feliz e viva, vibrante, enaltecida. – Saudade de você inteira, Valentina ...

- Ah, Micah ... Isso é loucura ...

- Vou te mostrar o que é loucura. – Beijou meu rosto, foi até o ouvido, lambendo-o, deixando-me trêmula e arrepiada, sussurrando enquanto escorregava a mão do quadril para minha coxa nua sob o short: - Quando Cacá sair, vamos transar. Aqui.

- Não ...

- Sim. – Seus dedos chegaram em minha virilha e roçaram a lateral da calcinha, já sendo o suficiente para me deixar louca. Gemi, fechei as pernas, olhei para a entrada da cozinha com medo, mas doida para continuar, dividida, ébria de paixão. – Não esqueça a sua promessa. De me dar sua bocetinha sempre que eu quiser. E eu quero agora.

- Micah ...

- Não saio daqui hoje sem gozar dentro dela. – Sussurrou, safado, mordiscando meu pescoço, meu ombro, puxando minha cabeça para trás pela nuca para me inclinar e morder meu mamilo sobre a blusa e o sutiã.

- Ai, para ... – Eu me debati, alucinada, mas com medo, a adrenalina correndo solta em meu sangue. – Para, Micah.

- Então diz que vai transar comigo.

- Sim ... Eu vou.

Ergueu a cabeça e seu sorriso foi de derreter até uma geleira. Arquejei, doida por ele, levantando-me meio tonta quando me soltou, minhas pernas como gelatina. Sentia a vagina toda melada, latejando de antecipação. Fui andando para trás, até me encostar na pia e me segurar ali, tentando me acalmar.

Micah se levantou e eu supliquei:

- Não, por favor, meu filho ...

- Vou só te ajudar a tirar a mesa e lavar a louça. Quando Cacá descer, tudo estará pronto e poderemos cuidar de coisas mais interessantes. – Seu sorriso era safado e começou a juntar os potes vazios de mousse. – Você lava e eu enxugo.

Eu o olhei, cautelosa, desconfiada. Mas Micah agiu como um perfeito cavalheiro, somente seu olhar quente deixando claro que depois eu não escaparia. Consegui me recuperar e o ajudei a levar as coisas para a pia.

Ainda estava nervosa, mas quando comecei a lavar a louça e ele a enxugar, ao meu lado, começamos a conversar sobre as poucas mudanças que Florada tinha sofrido nos anos que ele ficou fora e de pessoas que viveram ali. No final das contas, havia um clima gostoso, descontraído e sensual entre nós, esparramando uma sensação deliciosa de euforia dentro de mim.

- Micah, não acredito! Lavando louça? – Cacá parou na entrada da cozinha, surpreso. Eu me virei com um sorriso, mas fiquei um tanto sem graça quando vi a ruga entre os olhos dele, como se não entendesse como nós dois passamos a nos dar tão bem de repente.

- Lavando não, enxugando. To quebrando seu galho, rapaz.

Cacá acabou se descontraindo e sorriu, entrando na cozinha todo arrumadinho e cheiroso, deixando alguns cds sobre a mesa.

- Estão aqui. Você vai se amarrar nessas bandas, os caras são muito loucos!

- Você está muito bonito. – Comentei e ele corou, ainda mais quando Micah implicou:

- Hoje não vai sobrar pra ninguém, as gatinhas só vão querer saber de você.

- Que nada. – Ficou meio encabulado.

Naquele momento buzinaaram na frente de casa e ele se animou:

- Deve ser a minha carona! Tchau, Micah! Tchau, mãe.

- Eu vou com você até o portão. – Falei, enxugando rapidamente as mãos. Ele suspirou, mas não reclamou.

Acompanhei-o até lá fora, troquei algumas palavras com o amiguinho

dele e a mãe que lhe dariam carona, conferindo que estava tudo bem. Cacá ficou sem graça quando o beijei, mas entrou no carro, nos despedimos e o vi se afastar.

Então, senti minha barriga se contorcer em antecipação, o nervosismo me deixando com as pernas bambas, o desejo fazendo meu sangue bombear mais rápido e quente. Eu olhei para a porta e era como se ela guardasse lá dentro o paraíso, esperando por mim. Respirei fundo e entrei, trancando-a atrás de mim, sabendo que o que faria com Micah era particular.

A cada passo que dei de volta para a cozinha, foi uma batida mais rápida do meu coração e um aumento da minha pressão sanguínea, até que entrei lá e o vi de pé perto da mesa, colocando mais mousse em um pote. Olhou-me de maneira penetrante, cheio de sensualidade, e meu ventre se contraiu, minha calcinha ficou molhada, tudo em mim reagiu.

Tentei não ser tão explícita. Andei até a porta da cozinha e a tranquei também, dizendo para ele:

- Não sei como não é obeso, comendo tanto doce.

- Eu me exercito muito. Hoje, então, pretendo perder muitas calorias e suar bastante. – Seu tom era cínico, mas quente. Quando me volvei, chamou-me baixinho: - Vem aqui, Valentina.

Eu fui. Com cada célula do meu corpo já gritando, o desejo me incendiando, sabendo que era aquilo que eu queria e já antecipando os prazeres que me daria. Mas junto com a lascívia, tinha uma emoção latente, uma vontade de simplesmente sentir sua pele e seu calor, estar entre seus braços.

Por isso o surpreendi quando cheguei perto e o abracei pela cintura, suspirando enaltecida, inclinando a cabeça para beijar sua boca cheia de amor e paixão. Na mesma hora Micah me abraçou, segurou minha nuca, saboreou minha boca com gosto, como se ele sentisse as mesmas emoções que eu.

O desejo estava lá, palpitando em meu corpo quente, no dele com uma ereção potente, mas tinha mais e não pude deixar de sentir. Havia um carinho no toque, uma ternura nos lábios, uma entrega recheada de saudade, de procura. E foi assim que o segurei contra mim e o beijei, de corpo e alma, borbulhando, precisando dele.

- Que gostoso ... – Micah murmurou, espalhando beijos em meu rosto, acariciando meu cabelo, deslizando as mãos em minhas costas. – O que você está fazendo comigo, Valentina?

- Estou tentando ... te seduzir. – Não sei de onde veio minha coragem ao dizer aquilo.

Micah riu baixo perto da minha orelha e sussurrou:

- Tentando? Você está me deixando aqui como Cacá falou, um cachorro abandonado e faminto, desesperado por qualquer migalha que queira jogar para

mim.

- Até parece ... – Sorri, adorando cheirar seu pescoço.

- Quer provas? – Suas mãos vinham em minha cintura por baixo da camisa e começavam a desabotoá-la na frente, sem parar de lamber e de falar ao meu ouvido, arrepiando-me toda: - Hoje foi um dia infernal. Só pensei em você. Estava quase pulando a cerca, te jogando no meu ombro e te sequestrando. Queria que fosse minha escrava sexual.

Eu ri abafado, estremecendo quando tirou minha camisa e a largou no chão, suas mãos ágeis já abrindo o fecho do sutiã.

- Estou falando sério. E você? Pensou em mim?

- Um pouquinho.

O sutiã teve o mesmo destino da camisa e suas mãos grandes, com dedos longos, se fecharam em meus seios, acariciando-os, deixando-me afetada e excitada, gemendo baixinho. Mordiscou o lóbulo da minha orelha, provocando:

- Confesse que foi muito, que não conseguiu pensar em outra coisa. E que não pode mais viver longe de mim.

Estremeci e o apertei nos braços, acariciando-o, fechando os olhos e me dando conta que Micah estava mais do que certo. Eu não podia me imaginar longe dele, nunca mais. E havia dentro de mim uma mistura de dor, agonia, desespero, paixão, euforia, desejo, amor e felicidade. Ele me deixava totalmente fora de eixo.

Abri sua camisa também e voltamos a nos beijar na boca, lento e gostoso, apreciando, degustando, lambendo, sugando. Nos despimos assim e, mesmo ainda um pouco tímida em minha nudez, eu adorei estar em seus braços sem nada afastando nossas peles.

Micah afastou a cabeça e me olhou cheio de fome, suas mãos em meus seios, minha barriga, meus quadris. Daquela vez, havia uma sedução mais morosa e profunda entre nós, uma vontade de apreciar sem a gula do dia anterior, um desejo de aproveitar cada segundo sem pressa.

- Vem aqui. Preciso saborear você, Valentina.

Eu fui quando me pegou pela mão, sem saber ao certo o que queria dizer, mas já ansiosa querendo. Havia uma cadeira de madeira encostada na parede, ao lado da mesa. Micah me fez sentar ali e ficou de pé em frente, alto e lindo com aquele pau enorme e delicioso completamente duro, o piercing brilhando.

Senti água na boca e entreabri os lábios, mas ele sorriu e avisou:

- Depois você me chupa. Agora é a minha vez. – E então segurou minhas pernas e as abriu para os lados, ajoelhando-se entre elas. Eu fiquei lá, nua e exposta, envergonhada e excitada, me segurando sob as laterais da cadeira, a pele arrepiando quando seu olhar me apreciou por inteiro. – Como você sabe,

Valentina, sou viciado em chocolate. E estou viciado em você. Fiquei pensando como seria juntar as duas coisas.

Quando pegou o pote com a mousse na mesa, eu imaginei o que faria e comecei a tremer, meu ventre se contorcendo, sem poder nem ao menos piscar.

Micah enfiou a colher dentro do creme de chocolate macio e meio amargo, pegando uma pequena quantidade, levando-a aos meus lábios. Pensei que fosse para comer e os entreabri, mas ele sacudiu a cabeça e veio mais perto, dizendo rouco:

- Vou espalhar e chupar.

Imobilizada, fitei seus olhos quando passou a mousse em meus lábios, melando-os, bem devagar. Meu coração parecia um cavalo tentando vencer uma corrida. Cravei as unhas na madeira sob o assento. Virei uma massa de sensações quentes e agitadas.

Ele baixou a colher ainda com resquícios da mousse e a passou no meu mamilo esquerdo, enquanto inclinava a cabeça e, sem parar de me olhar bem fundo, lambia lentamente o chocolate dos meus lábios. Era tentação e tesão demais, gemi, arfei, senti como se todo meu corpo fervesse, muito quente e ardente.

A colher fria fez meu mamilo intumescer, passando sobre ele. A língua quente sugava o creme da minha boca, lambendo, os lábios chupando, saboreando e se deliciando com cada polegada que tomava. Sua expressão era de júbilo, as pálpebras pesadas, algo duro e impetuoso em seu olhar.

Eu fiquei cativa, presa, sem ousar me mexer até que tomou tudo. Então, afastou um pouco a cabeça, levando a colher ao pote e enchendo-a mais, sua voz vibrando sobre mim:

- Mais delicioso do que imaginei.

Pensei que espalharia o chocolate agora no mamilo, mas desceu a colher a partir da minha garganta, escorrendo o creme dali por meu colo, até o meio dos seios. Em contato com minha pele quente, o creme frio derretia e descia mais, lento, até a altura do estômago.

Micah deixou tudo sobre a mesa, segurou minhas coxas e abocanhou minha garganta, chupando-me gostosamente ali, lambendo o chocolate e a mim. Sensações embriagantes e ferozes correram meu corpo, eu me revirei por dentro e arquejei, sem poder acreditar que me deixava tão louca, tão fora de mim sendo lento, como foi no dia anterior sendo furioso e tomando tudo de uma vez.

Gemi e deixei a cabeça pender, arrebatada com suas chupadas e lambidas que desciam, comiam a mousse, faziam meus mamilos doerem de tão duros e minha vagina latejar quente, já toda encharcada. O chocolate tinha escorrido até quase a barriga e ele me saboreou lá também, até não restar nada de fora. Então

ergueu a cabeça e disse satisfeito:

- Só vou querer minhas sobremesas assim, daqui pra frente.

E voltou a pegar o pote e a colher, enquanto eu gemia, toda mole.

Daquela vez, espalhou muita coisa, em meus seios e mamilos, barriga, umbigo, coxas. E se fartou me lambendo toda, limpando o chocolate até que me deixou a ponto de gozar, gemendo baixinho, ensandecida, arrepiada. Dedicou mais atenção aos mamilos, mordendo-os e puxando-os entre os dentes, depois mamando forte, chupando e chupando, até que doíam e palpitavam, ardentes e esticados. Eu derramava jorros em meus lábios vaginais e ansiava por mais, pelo momento que me chuparia ali. Mas Micah me torturava e continuava sua jornada sensual por meu corpo.

- Ai, eu preciso ... Preciso de você, Micah ... – Supliquei, agoniada, esticada em um prazer supremo e uma necessidade desesperadora.

- Meu pau está a ponto de explodir, mas primeiro tenho que chupar você, até ficar alimentado. Aí sim fodo essa bocetinha. Como ela está? Molhadinha pra mim?

Seu olhar tarado terminou de me aniquilar e só pude confessar:

- Sim ...

- Vamos ver. – E encheu a colher de novo. Quando espalhou o creme no clitóris, lábios inferiores e virilha, eu surtei de antecipação, mordendo os lábios, com o coração acelerado. E gemi em um lamento quando sua língua foi bem no meio, sugando-me com chocolate e meus lubrificantes misturados.

- Ahhhhhhhhhhhh ...

Ondulei na cadeira, fora de mim, alucinada. Vi luzes brilhantes pela frente, me quebrei em mil, senti uma onda de tesão me varrer de cima a baixo quando me chupou e lambeu firme, sugou meu clitóris, me penetrou com a língua. Enlouqueci e gritei, atingida em cheio pelo orgasmo fulminante, gozando e gozando, meus olhos sem poder desviar de sua boca grudada em minha boceta, tomando tudo que eu derramava, sua expressão carregada, tensa, dura.

- Ai ... Ai ... – Larguei a cadeira e agarrei seus cabelos com ferocidade, apertando-o contra mim. Micah ergueu os olhos e segurou os meus, sua língua me fodendo, sua boca me comendo, atento e excitado ao ver como eu tremia e gozava, mais e mais. – Ai ... não aguento ...

E desabei, sem suportar tanto prazer, mole e acabada, dilacerada, como se um rolo compressor tivesse passado em cima de mim. Micah afastou-se devagar e disse baixo:

- Ainda não acabou, Valentina.

- Eu ... eu estou morta ...

- Vai ficar viva logo. Ainda estou com fome. Vem aqui.

Levantei grogue quando me ajudou. Beijou suavemente meus lábios, dizendo contra eles:

- Vire e se ajoelhe na cadeira. Empine essa bunda para mim.

Eu não me neguei, embora estivesse lânguida, com as pernas bambas. Mesmo toda satisfeita, uma parte de mim ainda latejava, sabendo que logo eu estaria pedindo por mais. Nervosa, obedeci e me segurei no encosto, apoiando a testa contra a parede e me empinando para ele.

- Nunca vi bunda mais linda na minha vida. – Micah acariciou as duas bandas, cheio de excitação, gemendo rouco: – Você vai me deixar doido, Valentina. Seu gosto me deixa louco ...

Fechei os olhos e estremeci quando senti o creme frio da mousse ser espalhada no cóccix e descer entre as nádegas que Micah abria, escorrendo lento por meu ânus até minha vagina. Quando ele manteve as duas bandas arreganhadas e começou a me lambe, eu gemi e mordi os lábios, quietinha.

Chupou cada pedacinho do creme, desceu a língua até minha vulva e meteu nela, sugou-a, despertou-me da languidez, abocanhando-a com lábios e tudo, bem forte. O desejo veio logo, invadindo-me. E só se expandiu quando lambeu e chupou meu ânus, limpando-o do creme, saboreando-o, penetrando-o, até que meus gemidos ecoavam na cozinha e eu ficava toda melada, lasciva.

- Porra de mulher gostosa ... – Levantou-se e agarrou meus quadris com brutalidade com uma das mãos, seus dedos enterrando-se em minha carne, a outra mão agarrando o pau e esfregando a cabeça e o piercing bem entre meus lábios vaginais, até meu clitóris. – Preciso te comer, Valentina, quero sentir essa delícia toda no meu pau.

- Ah ... – Estremeci com a sensação deliciosa daquela massagem, do contato da glândula quente e do anel frio roçando meu nervo inchado e exposto, do modo como espalhava meus líquidos com a cabeça do seu pau.

E gritei de verdade quando o meteu dentro de mim em uma estocada bruta e violenta, funda, dilatando-me para recebê-lo, segurando meus quadris e comendo-me com vontade.

- Ah, Valentina ... – Gemeu rouco, firmou os pés no chão e estocou até meu útero, colando-se em minhas costas, mordendo meu ombro, subindo os dentes por meu pescoço e minha nuca, arrepiando-me, possuindo-me bem brutal, dizendo rascante em meu ouvido: - Você é minha. Toda minha. Vai dar essa bocetinha só pra mim. E esse cuzinho. E essa boca. Está entendendo?

- Sim.

- Diga. Diga que é minha.

- Sou sua ... – Murmurei e era a pura verdade. Controlei-me para não dizer, emocionada, que sempre fui só dele.

- Nada de distância entre nós. – Agarrou meu cabelo e puxou com firmeza minha cabeça para seu ombro, fodendo-me com tudo, gemendo, ordenando: - Quero você todo dia. Se Cacá estiver em casa, vá para a minha. Mas se começar a se esconder, eu venho aqui e te pego. Escutou?

- Sim.

- Agora toma meu pau. Toma muito, por que vou te comer até ficar ardida. E depois vamos para seu quarto para meter em você na sua cama.

Micah me deixava louca com a maneira que me devorava, o pau com aquele piercing parecendo massagear tudo dentro de mim, e com o modo como falava em meu ouvido, cheio de ordens, todo possessivo. Eu pingava e mamava no seu pau, já desperta e pronta para mais uma onda de prazer, alucinada, sentindo como se realmente me quisesse, estivesse doido por mim.

Mas ele queria acabar comigo de vez, pois disse enquanto ia mais rápido e fundo:

- Quero gozar na sua boca, Valentina. – Micah estava bruto, excitado, agarrando-me. E eu, tonta, cheia de tesão, só pude choramingar quando saiu de dentro de mim e me virou.

Vi seus olhos ferozes, sua expressão carregada, a paixão explícita em cada parte dele. E não reclamei quando me puxou para o chão da cozinha.

Foi rápido. Deitou-me e pegou novamente o pote com a mousse, caindo de joelhos atrás da minha cabeça, de modo que tive que inclinar a cabeça para trás para vê-lo. Maravilhada, deparei-me com suas bolas redondas e depiladas sob o pau ereto, enquanto ele passava chocolate sobre elas e em todo seu comprimento. Olhou-me de cima e ordenou:

- Abra as pernas e me chupe. Vamos gozar um na boca do outro. – E se inclinou para frente, atravessado sobre mim, apoiado nos joelhos e nas mãos.

Eu o quis desesperadamente. Ergui a cabeça do chão, segurei suas coxas musculosas e comecei a lambar o chocolate em seu saco, deliciando-me, fartando-me com a mistura explosiva do seu gosto com o creme meio amargo, tornando-me mais faminta e metendo uma das bolas na boca, que chupei gemendo.

Micah soltou um palavrão e abocanhou minha boceta, sugando-a forte, deixando-me louca. Eu estremeci e me lambuzei com ele, espalhando chocolate em meu nariz e boca quando busquei seu pau e fiz sexo oral nele, segurando-o com as duas mãos e movendo a cabeça para cima e para baixo para poder tomar o máximo possível dentro de mim.

Lambi seu piercing e o senti deslizar na língua, ainda mais excitada. Ao mesmo tempo, Micah me abria toda e movia a boca em sucções deliciosas, penetrando o pau em mim, até que ambos ficamos fora de controle. Foi

praticamente sincronizado quando comecei a ondular em um gozo estonteante e o senti jorrar em minha garganta, seu esperma me enchendo, derramando, eu engolindo-o e me tornando ainda mais faminta.

Gozamos um na boca do outro, até nos esvairmos e finalmente ficarmos saciados. Desabei quando saiu de cima de mim. Mas Micah sentou no chão e na mesma hora me puxou para seu colo, acomodando-me ali, abraçando-me, envolvendo-me em seu corpo quente a colhedor, de modo que senti que não era só sexo, mas muito mais.

Colei-me a ele e o segurei com força, fechando os olhos, respirando pesadamente, pensando como poderia viver longe dele. Nunca mais. E isso me fez temer o futuro, o meu segredo, o que poderia me destruir. Tive medo que revelar tudo o afastasse de mim e eu estava ligada demais a ele.

Lutei para não chorar, sabendo que era uma luta perdida, que eu teria que contar. Mas jurei a mim mesma que só esperaria mais um pouco, para que talvez ele gostasse de mim e quisesse ficar perto.

Micah acariciou o meu cabelo e pareceu ler meus pensamentos, pois disse baixinho:

- Sabe como me sinto agora, Valentina?

- Não.

- Seduzido. – Segurou meu queixo e fez com que eu o olhasse no fundo dos olhos. Não fugiu nem disfarçou seus sentimentos. Simplesmente confessou:

- E apaixonado. O que fez comigo?

Eu abri os lábios e estremei, sem poder acreditar. Mas sua emoção era palpável, seus olhos me contavam sua verdade, com tanta franqueza que me segurei nele e quis dizer o quanto o amava. Quis abrir a boca e deixar sair tudo, o passado, o que tinha acontecido, meu segredo, meu desejo de tê-lo para sempre. Mas o medo me paralisou.

Soltei um grito abafado e o abracei forte, buscando alento em seus braços, sem saber o que fazer da minha vida e daquela felicidade que chegava e batia de frente com uma omissão. Meu Deus, o que eu faria?

CAPÍTULO 22

MICAH

Eu passei a noite com Valentina. Depois de tanto chocolate, tomamos um banho juntos e eu a peguei embaixo do chuveiro, sem poder resistir, gozando bem gostoso em sua bocetinha. Então ficamos nus, deitados lado a lado, nos beijando, acariciando, conversando.

Ela me pediu que não dormisse lá, pois temia que Cacá chegasse cedo e nos pegasse na cama. Garanti que sairia antes do sol nascer e foi o que fiz. Mas antes eu a comi de quatro masturbando-a, despejando mais esperma em sua boceta. Estava ficando muito viciado naquilo. Então dormimos agarradinhos e, como prometi, saí ainda quando o sol nascia, beijando-a suavemente e deixando-a adormecida.

Pulei a cerca para minha casa feliz, mais do que estive um dia. Não era só a leveza do corpo, após um sexo gostoso e prazeroso, mas também uma fluidez da alma. Eu tinha adorado jantar com ela e com Cacá, como se estivesse encontrado o meu lugar, meu lar. Assim como tinha adorado tudo que veio depois. Cada segundo.

Não brinquei quando disse a Valentina que fui seduzido. Eu me sentia mais e mais envolvido por ela, uma vontade incontrolável de vê-la, estar perto, fitar seus olhos. A sensação que eu tinha era que, quando estava em sua companhia, uma certa carência minha desaparecia, um espaço vazio era preenchido, que sempre tinha me deixado com gosto de solidão.

Eu não conseguia ter a exata percepção do que era, não ainda. Mas sentia como se um sonho estivesse sendo realizado, tornando-se físico, real, palpável. E o tempo todo persistia aquele algo de familiar quando eu a tinha contra mim, quando me sentia acolhido e querido, quando me tocava com carinho.

Buscava na mente se tinha me sentido assim antes com uma mulher e sabia que nunca. Não conseguia entender por que Valentina parecia tão certa para mim, tão íntima. Talvez isso fosse explicado pelo fato de saber que estava me apaixonando mais e mais por ela.

Sem ter as respostas, me contentei com minha felicidade. Estava alerta demais para dormir e acabei me exercitando, dando socos no saco pendurado na árvore, até pingar de suor. Só então entrei em casa, tomei uma ducha e fui preparar um café da manhã reforçado, enquanto admirava o dia nascer.

Tudo parecia novo, vivo, lindo. Era impressionante como o dia surgia

sempre, a paisagem era a mesma, mas podia parecia melhor ou pior dependendo da maneira que olhássemos ou como nos sentíamos. E eu me sentia tão bem, que sentado ali na varanda, parecia notar os mínimos detalhes e absorver o resultado com paz e alegria.

Cuidei das minhas coisas de manhã e sem querer me lembrei que domingo era dia de almoço em família no casarão da fazenda. Imaginei todos sentados lá em volta da grande mesa, na certa felizes por que não havia mais ameaça de vingança e todos estavam bem. Tia estaria de um lado para outro monitorando a comida, depois se sentaria toda alegre com uma galinha cercada de seus pintinhos.

Na certa agora estaria atenta também a Mario Falcão. Eu desconfiava que sempre havia gostado dele de uma maneira diferente e não entendia por que. Nunca a tinha maltratado, mas também não parecia se dar muito conta da presença dela. De qualquer forma, estando inválido, ele precisava de cuidado das enfermeiras e também de todos.

Joaquim tinha me falado mais ou menos o estado dele e fiquei até surpreso que conseguisse comer sozinho, dizer algumas palavras e escrever, mesmo que com certa dificuldade. Também, turrão e decidido como sempre foi, não era de se estranhar.

A culpa me espezinhou, fez menção de me envolver, mas eu a empurrei para longe e usei o mantra que havia me tirado do inferno: “Eu só me defendi”. Mas mesmo assim era difícil conviver com a verdade, com a certeza de que fui eu que o coloquei naquele estado. E talvez disso eu nunca conseguisse me perdoar.

Aqueles pensamentos começaram a cobrar seu preço, me angustiar, enquanto saía do quarto de bermudas e enfiava uma blusa cinza pela cabeça, mas naquele momento ouvi a voz de Cacá me chamando da varanda. Saí de casa e o encontrei, abrindo um sorriso, só a presença dele sendo o bastante para prevalecer sobre as lembranças nefastas.

- Micah, vim te chamar para almoçar lá em casa.

Ergui as sobrancelhas.

- Ontem me chamou para jantar. Sua mãe vai achar que sou um morto de fome.

Ele riu e reparei de novo naqueles dentes levemente separados na frente, indagando a mim mesmo, distraído, se ele se incomodava com aquilo. Na idade dele, eu ficava com raiva, achava feio. Mas quando fiquei mais velho não quis colocar aparelho, achava meu sorriso diferente e cheio de personalidade, por que era uma fenda bem fina, só o bastante para ser reparada.

- Mas foi ela que me mandou te chamar. Aproveita, está lá toda animada

cozinhando, cantando com aquelas músicas chatas e parou de implicar com você. – Então franziu o cenho, curioso. – Aliás, o que você fez para cair nas boas graças dela?

Sorri devagar, quase dizendo a ele que o que eu tinha feito era proibido falar para menores de idade. Mas apenas completei:

- Só fui eu mesmo: bonito, charmoso, inteligente, com uma boa conversa ... Esqueci alguma coisa?

- Convencido? – Ele achou graça.

- Nem um pouco. E como foi a festa ontem? Pegou alguma gatinha?

Mexeu-se, corando, envergonhado. Deu de ombros:

- Tinha uma menina lá que me dá mole. Mas não sei ...

- Não sabe o que?

- Ela é muito bonita e eu nunca ... Você sabe, nunca fiquei com ninguém.

Aí fico na minha, pois posso fazer feio com ela e nunca mais querer olhar na minha cara.

- Entendo. Na minha época de garoto, havia um lema entre os rapazes de que devíamos treinar primeiro com as feias para depois fazer bonito com as bonitas. – Falei, bem humorado. – Mas confesso que meu lema era outro.

- Qual?

- Caiu na rede é peixe. Feia, bonita, eu pegava todas e não estava nem aí se sabia o que estava fazendo, só fazia. Por que ainda tinha um outro lema.

- Qual? – Cacá repetiu, já rindo.

- A prática leva a perfeição. Não fique com medo. Chegue cheio de atitude, como se você tivesse certeza do que está fazendo. As pessoas acabam acreditando em outras que são decididas e impositivas e, às vezes, estas estão fazendo a maior merda, mas mesmo assim são seguidas. Se gosta dela, chegue perto, converse, deixe a coisa fluir, sem medo e sem cobrança. Vai ver como tudo dá certo.

- Vou tentar. – Parecia mais animado e confessou: - Ela é mesmo muito gata. E sei que está a fim de mim.

- Pois então. Nada de timidez. Bom, e quanto ao almoço, é muita cara de pau aceitar e já me mandar pra sua casa?

- Vamos lá! – Cacá sorria de orelha a orelha. – Micah, você é uma figura! Se eu pudesse escolher alguém para ser meu pai, seria você.

Mal acabou de falar, ele ficou sem graça e vermelho. Mas as palavras já tinham me atingido e me emocionado mais do que eu esperava. Olhei-o calado, algo apertando meu peito, um desejo, uma esperança. E me dei conta que eu adoraria aquilo.

- E se eu tivesse um filho, ia querer que fosse você, Cacá.

Ele disfarçou, sorrindo. Eu me aproximei e passei o braço em volta de seu ombro, confessando com cuidado:

- Você tem ciúme da sua mãe? Lembro que não gostava de Elvis.

Caminhamos juntos em direção à cerca.

- Não mesmo! Mas por que?

- E se eu a paquerasse?

Cacá parou na mesma hora e me olhou. Soltei-o, observando-o. Pareceu surpreso e então fez uma careta.

- Eu sabia que havia alguma coisa errada ontem, vocês estavam cheios de nhenhêném.

- Nhenhêném?

- Ah, você sabe. – Seu olhar se mantinha no meu. – Estão namorando?

- Não é bem isso.

- Tá, saquei. Estão a fim, igual a mim e a Anita. Mas como te falei, Micah ... Eu queria ter um pai como você. Não me importo. Só que ...

- O que? – Indaguei, atento.

- E se meu pai de verdade aparecer? Estou fazendo de tudo para que minha mãe confie em mim e me conte quem é ele. E fico pensando se ele aparecer e de repente eles ... Sei lá, podem querer ficar juntos. Não quero que você fique mal.

- Eu entendo. Mas não se preocupe. Se isso acontecer, vou entender.

- Então, está bem. – Ele acabou sorrindo, aliviado. – Pode ser meu padrasto, até as coisas se ajeitarem.

- Isso aí. – Sorri também. – Mas não comenta nada disso com ela. É um assunto nosso, de homens e de amigos.

- Pode deixar.

Acenamos um para o outro e pulamos a cerca. Entramos na cozinha falando sobre os cds que ele havia me emprestado e parei ao ver Valentina linda colocando uma bandeja com salada na mesa, parecendo radiante. Usava um simples vestido azul escuro de alcinhas, que a deixava com os cabelos e olhos mais negros. Na hora percebi que não usava sutiã e meu corpo reagiu com o desejo que me varreu. Ele modelava a cintura, o arredondado dos quadris e era mais curto do que os que usava habitualmente, deixando sua pernas infindáveis, dando em pés bonitos dentro de uma delicada sandália rasteirinha.

Não usava maquiagem, mas nem precisava, estava reluzente, com os olhos brilhando. Quando me olhou, minha vontade foi de dar alguns passos até ela e puxá-la para mim, para beijá-la até me faltar. E quando sorriu, eu vi que estava fodido, pois me senti um garoto apaixonado. O que ainda não me deixou tão embaraçado foi o fato de Valentina parecer ficar da mesma maneira.

- Eu vim por que Cacá disse que fui convidado.

- E foi mesmo.

Olhamos-nos de maneira quente e Cacá revirou os olhos.

- Vem Micah, vamos assistir uns shows de rocks na sala, aqui minha mãe fica ouvindo só MPB e esses clássicos chatos. Gosta do AC/DC?

- Gosto. – Fui seguindo-o para fora da cozinha. Mas ao passar por ela, segurei e acariciei sua mão e baixei o tom: - A cada dia que eu te vejo, está ainda mais linda.

Valentina corou profundamente e pisquei um olho:

- Volto logo.

Ela parecia muda, enfeitiçada. E só parou de me olhar quando sumi no corredor.

Acabei me divertindo e conversando com Cacá enquanto assistíamos aos shows. A sala era aconchegante, com grandes almofadas, retratos de Cacá em diversas fases da vida, mas nenhuma de Valentina grávida. A sensação era de um lar verdadeiro, um lugar que dava vontade de ficar.

Passava um pouco de meio-dia quando ela apareceu no corredor e nos chamou:

- A comida está na mesa.

- Ai, to morrendo de fome! – Cacá levantou de um pulo.

- Tem mousse de chocolate de sobremesa? – Olhei-a diretamente e vi como reagiu, lembrando bem o fim da mousse na noite anterior. – Ou algum guloso o saboreou devidamente ontem?

- Tem sorvete, comprei na padaria. – Explicou Cacá, salvando Valentina de uma resposta. Sorri para ela e sacudiu a cabeça, como se fosse me repreender. Mas acabou sorrindo também.

Fomos para a cozinha, que estava fresca, iluminada pela porta e janela abertas, um cheiro delicioso de comida, a mesa posta com travessas, louças e talheres, vinho e suco, tudo sobre uma bela toalha de linho e com um jarro de flores coloridas no centro. No som tocava uma música de Chico Buarque. Foi como entrar em uma espécie de paraíso, que enaltecia todos os sentidos, que trazia paz e felicidade. E eu realmente me sentia assim: feliz.

- Ah, mãe, tira essa música ... – Reclamou Cacá. – Muito velha.

- Não, deixe. – Pedi. – Gosto muito dela. Iolanda.

- Sério? – O garoto parecia não acreditar, mas logo se distraía ao sentar e exclamar, feliz da vida: - Nhoque de carne assada! Não acredito!

- É receita da minha tia. – Sorriu Valentina. – Podem sentar e se servir.

- Nunca comi nhoque de carne assada, só de carne moída. – Falei, sem me fazer de rogado. Enchi meu prato e já na primeira garfada, me rendi. – Hum

...Que delícia!

Ela sorriu toda satisfeita, colocando vinho nas nossas taças.

Era tão malditamente bom estar ali que relaxei e aproveitei, adorando a comida e tudo, prestando atenção na letra da música que não ouvia há muitos anos. E que parecia falar por mim:

“(…)

*Se me faltares, nem por isso eu morro
Se é pra morrer, quero morrer contigo
Minha solidão se sente acompanhada
Por isso às vezes sei que necessito*

*Teu colo, teu colo
Eternamente teu colo*

*Quando te vi, eu bem que estava certo
De que me sentiria descoberto
A minha pele vais despindo aos poucos
Me abres o peito quando me acumulas*

*De amores, de amores
Eternamente de amores*

“(…)”

Ergui os olhos e busquei os de Valentina, tocado pela música. Tive vontade de cantar pra ela, mas continuei mudo. Ela me olhou e pareceu ler, pelo menos, uma parte dos meus sentimentos. Indaguei-me se ela perceberia como acabava com uma solidão que tinha me acompanhado por anos ou como me deixava descoberto para ela, exposto, aberto. Também não disse nada por uns instantes, mas então murmurou:

- Adoro essa música.

Sorrimos um para o outro. Cacá fez um barulho esquisito com a garganta e na hora ela se sentiu envergonhada e desviou o olhar, voltando a comer.

Falamos sobre nem sei o que. As palavras apenas preenchiam um clima gostoso, harmonioso, enaltecido. Sorríamos, talvez só por estarmos felizes mesmo, mas mesmo assim era bom. Era uma paz deliciosa.

- Tem alguém em casa? – Interrompeu uma voz de mulher, já vindo da sala e entrando na cozinha. Era uma senhora magra demais, alta e empertigada, com curtos cabelos grisalhos, ligeiramente familiar. E logo entendi por que quando Valentina exclamou, surpresa:

- Mãe!

- Vó! – Cacá se levantou, mais animado, indo beijá-la no rosto.

- Já que ninguém aparece na minha casa, resolvi vir almoçar aqui. Mas vi que cheguei atrasada. – Seus olhos pararam em mim, diretos e duros, tão negros quanto os de Valentina. Franziu o cenho, como se tentando lembrar de onde me conhecia.

- Íamos visitá-la mais tarde. – Valentina se levantou, mais comedida. – Sente-se conosco. Começamos a comer agora.

Ela deu um beijo em Cacá, acenou a cabeça para mim e Valentina e se aproximou da mesa. Foi bem direta:

- E você, quem é?

- Micah Falcão. Lembra-se dele? – Não sei se era impressão minha, mas Valentina parecia um tanto diferente ao se sentar, parecia se comportar como no escritório antes de nos envolvermos, séria, dura. – Esta é minha mãe, Madalena Resende.

- Como vai a senhora? – Fui educado.

- Eu lembro de você. – Apertou um pouco os lábios e parecia ter o costume de fazer isso. E, de cara, saquei que era uma daquelas pessoas que tinham mais rugas do que deviam, devido ao fato de viverem fazendo cara de nojo para os outros. – Aliás, lembro das coisas que você fazia por aí.

- É, eu soube que Micah era muito rebelde. – Cacá sorriu, achando o máximo.

- Só um pouco animado. – Sorri.

- Animado demais. – Madalena começou a se servir, observando tudo na mesa com olhos de água. Indagou: - Andou bem sumido. O que o trouxe de volta?

- Problemas na família. Mas já foram resolvidos.

- Ouvi boatos, mas não me ligo em fofocas. – Lançou um olhar meio enviesado à Valentina e depois me encarou de novo. – Vocês são amigos?

- Somos. – Afirmei com calma, tomando um gole do meu vinho, observando-a.

- E seu noivo, Valentina? Onde ele está?

- Nós ... não estamos mais juntos. – Ela parecia mais fechada, comendo e prestando atenção em seu prato.

- Entendo. – Olhou de mim para a filha e fez de novo aquela boca apertada e torta. Parecia querer dizer: “E já arrumou outro! Que pouca vergonha!”.

Madalena deu uma garfada na comida e mastigou sem mudar a expressão azeda.

- Não está uma delícia, vó? – Cacá sorriu. – É aquela receita da tia Marina.

- Está boa. Mas o Nhoque ficou macio demais e a carne com muito molho. Sempre falo com você que não pode deixar cozinhar muito, Valentina. O da sua tia ficava no ponto.

Eu a olhei irritado. Que velha chata! Tinha chegado com seu mau humor, olhando tudo, como se procurasse defeitos para poder reclamar.

- Não sei como era o outro, mas, para mim, esse está perfeito. – Sorri para ela sem vontade. E voltei a comer.

- Bom saber que o senhor admira as qualidades da minha filha, senhor Falcão. – Disse secamente, com olhar frio.

- Admiro muito. A senhora deve se sentir feliz em ter uma filha tão perfeita e a conhecer desde que nasceu. Infelizmente só tivemos um contato maior há pouco tempo e lamento pelo tanto que perdi em não estar na companhia dela antes. – Lancei um olhar a Valentina, cheio de apreciação. – É uma mulher rara. Como poucas.

Ela corou diante do elogio. Cacá sorriu, satisfeito. Madalena apertou a boca de novo e foi ainda mais seca:

- Ela tem suas qualidades.

- Muitas. – Emendei.

Não retrucou. O clima bom de antes, a paz, pareciam ter sido abalados. Valentina tinha se fechado, quieta. Cacá até tentou puxar conversa, mas pareceu também incomodado. Eu fiquei na minha, não querendo que aquela mulher desagradável usasse algo que eu dissesse para ser ainda mais chata. Mas nem foi preciso. Aquela parecia ser o passatempo preferido dela. E depois de um comentário bobo de Cacá, ela atacou.

- Temos sorvete de sobremesa, vó. Ontem minha mãe fez mousse de chocolate e não sobrou nada.

- É mesmo? – Virou o rosto e olhou Valentina de cima abaixo. – Você devia evitar doces. Daqui a pouco vai estar gorda de novo. Acho até que já engordou. Não sei se o senhor lembra como Valentina era, senhor Falcão. Obesa. Era uma luta para arrancar os doces dela. Chegava a comer escondido.

Eu a olhei, puto, lutando para não dizer que era melhor ser gorda do que magra e seca como ela, com a cara toda enrugada, e que se comesse uns doces, talvez perdesse um pouco daquele mau humor. Controlei-me o máximo possível. E respondi, polido:

- Eu me lembro que ela sempre foi linda.

- Linda? – Fez pouco caso. – Gorda e com aqueles óculos? Nunca imaginei que uma filha minha chegaria àquele ponto, mas felizmente emagreceu e se cuidou, como sempre falei para fazer. Com certeza ela não vai querer regredir agora. Não estou certa, Valentina?

- Sim, mãe. – Ela comia, sem vontade, com os olhos baixos.

Vi ali por que tinha sido tão tímida e isolada na adolescência e tão fechada e cheia de inseguranças na vida adulta. Não devia ter sido fácil conviver com uma mãe autoritária e fria que só via e apontava seus defeitos, como se tivesse um prazer perverso em vê-la por baixo.

- Com certeza é muito difícil alcançar a sua perfeição, senhora Resende.
– Sorri candidamente para ela, embora fervesse de raiva.

Madalena me olhou na hora e ficou dura ao entender meu sarcasmo. Retrucou:

- Não sou perfeita, senhor Falcão. Apenas tento ser.

- Estou vendo. É de uma beleza singular, um bom humor extraordinário e com certeza possui um coração de ouro, incapaz de ferir outra pessoa. Estou realmente impressionado.

Ela estava pálida, a ponto de perder a compostura. Mas eu continuava a sorrir, sem tirar meus olhos dos dela.

Cacá estava quieto, sentindo o clima pesado no ar. Valentina imóvel, um pouco chocada, me olhando.

Madalena finalmente se calou e passou a comer, com a cara ainda mais feia e vincada. Eu relaxei um pouco e puxei um assunto sobre futebol com Cacá, até que discutíamos sobre times do Rio e de Minas e sobre o Brasileirão. Valentina continuou quieta, mas menos fechada, prestando atenção no que dizíamos. E foi só acabarmos de comer, para a mãe dela se levantar toda dura, entortando a boca:

- Bem, vocês me desculpem, mas vim para uma visita rápida, ver como estavam. E parecem bem ... felizes ... com seu novo ... amigo. – Frisou as palavras “felizes” e “amigo” com um nojo mais carregado. – De qualquer forma, espero que não esqueçam que ainda estou viva e apareçam de vez em quando.

- Mãe, fique um pouco mais. – Valentina se viu obrigada a dizer, mas ela acenou.

- Realmente, preciso ir. Senhor Falcão, foi ... bom conhecer o senhor.

- Digo o mesmo, senhora Resende.

Acenamos a cabeça um para o outro e Cacá se levantou, dizendo que a levaria até o portão. Quando saíram, olhei para Valentina e, sem pensar duas vezes, estendi a mão e segurei a dela sobre a mesa. Fitou-me e eu afirmei:

- Eu não mudaria nada em você, nem se eu pudesse. Para mim, é perfeita.

- Não sou perfeita.

- Tá, é um pouco chata e implicante ... – Dei de ombros. – Mas é linda demais, ainda mais com esse vestido azul sem sutiã. Que vontade de baixar essas alças e lambar seus mamilos ...

- Micah!

- Certo. É inteligente também. Boa mãe. E ótima de cama. Nunca poderia imaginar que uma senhorita tão certinha chupasse meu pau tão gostoso.

- Pare com isso, Micah! – Ficou vermelha, mas havia certo prazer em sua expressão, substituindo sua seriedade anterior. E era isso o que eu queria. Ouvimos passos e ela arregalou os olhos e tentou puxar a mão, mas a segurei firme. – Cacá está voltando ...

- E o que tem demais?

- Nós não podemos ... Ele ...

- Somos livres e desimpedidos.

- Micah, eu era noiva até pouco tempo! Não quero dar motivos pras pessoas falarem. Pelo menos por um tempo eu acho que ... Ele está vindo!

Desesperou-se, mas sorri e não abri os dedos. Quando Cacá entrou na cozinha, viu de imediato o que estava acontecendo e parou. Valentina ficou muito nervosa e começou a explicar, atrapalhada:

- Escute, Cacá ... O que acontece é que ...

- O que acontece é que eu e sua mãe estamos namorando, Cacá. – Eu a interrompi. – E como você é o homem da casa, quero saber se isso o incomoda. Estou pedindo sua autorização para namorar com ela.

O menino arregalou os olhos. Valentina parou de fazer força com o braço e me encarou, surpresa.

- Está falando sério, Micah? – Cacá indagou, também surpreso.

- Muito sério.

- Eu acho muito legal. – Ele sorriu, se sentindo importante. – Se depende da minha autorização, eu dou, claro. Assim ela me deixa fazer uns passeios de moto com você. Quem sabe até ir em outra corrida para uma revanche do Pedro. Não é, mãe?

- Eu ... Eu tenho que ver. – Parecia ainda um pouco perdida, sem acreditar no que eu havia feito.

- Mas posso pedir só uma coisa? – Ele fez uma careta.

- Pode. O que é? – Ergui as sobrancelhas.

- Pra vocês não fiquem com esses olhares melosos na minha frente. Cara, fico muito sem graça!

Eu acabei rindo. Valentina continuava meio chocada. Entrelacei meus dedos nos dela e comentei:

- Eu nem tinha reparado nisso! Tudo bem. Só uma coisa, sua mãe acha que ainda é recente demais o fim do seu noivado. Então, por enquanto, fica entre a gente.

- Está certo. Podemos tomar o sorvete agora ou vão ficar aí namorando?

- Eu pego o sorvete. – Valentina se levantou rapidamente e foi até a geladeira.

Eu olhei para Cacá e ele para mim, aí sorrimos um para o outro, cúmplices. E sem a presença massiva e pesada de Madalena ali, a felicidade voltou com força total.

CAPÍTULO 23

VALENTINA

Se havia um paraíso na Terra eu vivi nele naquela semana.

No domingo, Micah tentou me convencer a ir em sua casa à noite, depois que Cacá dormisse, mas acabei ficando nervosa e fugindo, até que me chamou de medrosa, mas aceitou. Na segunda, tentou aproveitar cada segundo no escritório para me encurralar em um canto, beijar minha boca e me acariciar, ambos excitados, doidos para ficarmos sozinhos. Mas foi um dia agitado, cheio de reuniões e corrido para deixar tudo preparado, pois no dia seguinte íamos para Uberlândia participar do circuito da Feicorte lá. Então, acabamos ficando muito enrolados naquele dia.

Theo apareceu no escritório e ia assumir tudo naqueles dias em que estivéssemos fora e até sexta-feira. Parecia um outro homem, ainda duro e impositivo, mas visivelmente feliz. Aquela sombra que o tinha acompanhado desde outubro havia sumido, dando lugar a uma expressão sem o carregamento da dor, tornando-o ainda mais bonito, atraente.

Disse para mim que se casaria na semana seguinte e não entendi muito bem, pois sabia que ele já havia se casado com Eva. É claro que não perguntei nada, mas Theo viu a confusão em meu rosto e explicou que o primeiro casamento teve que ser anulado e o segundo agora seria verdadeiro, mas sem festa, apenas com poucas pessoas e me convidou. No mesmo dia ele partiria com Eva e Helena para passar um tempo na Grécia e deixaria os negócios em minhas mãos e nas de Micah.

Fiquei radiante por saber que Micah ficaria ainda um bom tempo na cidade e foi o próprio Theo que me informou que ele podia ficar até três meses, devido a férias acumuladas. Ou seja, estaria ali pelo menos mais um mês e pouquinho. Senti um misto de felicidade pelos dias que teria com ele e um tanto de tristeza, pois era um tempo curto demais, contado.

Tentava não pensar no futuro, pois nosso relacionamento estava ainda muito no começo e era incerto, mas já sabia que minha vida seria um inferno longe dele. E, acima de tudo, tentava não pensar de que devia contar a ele e a Cacá que eram pai e filho. Resolvi deixar as coisas acontecerem, pois se talvez nos envolvêssemos de verdade e Micah quisesse ter algo mais sério comigo, aceitasse melhor quando eu confessasse tudo. Era o que eu esperava.

Cacá ficaria com minha mãe aqueles dois dias. Já estava de férias e eles

se davam bem, assim, não teria problema.

Na segunda à noite preparei uma pequena mala de viagem, separei os documentos que levaria e fui dormir tarde, ansiosa por que passaria 48 horas inteirinhas na companhia de Micah. Sabia que de dia seriam negócios, mas à noite, só prazer.

Ele queria que fôssemos em sua moto, mas o tempo estava feio, meio chuvoso, e levávamos bagagem. Assim, acabamos decidindo pelo meu carro e saímos cedo na terça-feira, com ele dirigindo. Antes de pegar a estrada, Micah havia me puxado para seus braços e me beijado com paixão, sussurrando em meu ouvido que estava louco de saudade e não via a hora daquele dia passar logo. Eu o beijei de volta, enlouquecida por ele, murmurando o quanto sentia saudade também.

No caminho, conversamos amenidades e ouvimos música. Tocou uma do *Pink Floyd*, *Wish You Were Here* e Micah comentou que era uma das músicas que ele mais gostava, que não cansava de ouvir. Prestei atenção na letra, já que entendia e falava fluentemente inglês, e achei realmente linda, assim como a melodia. Eu me deixei envolver por ela e recostei a cabeça no encosto, olhando o tempo chuvoso lá fora enquanto percorríamos a estrada.

Dentro do carro havia uma sensação boa, uma felicidade pungente, uma troca de energia pulsante. E, enquanto a música tocava, Micah tirou o carro da estrada e entrou em outra deserta, de terra batida. Eu o olhei na hora, pronta para indagar o que fazíamos ali, quando vi seu olhar para mim, quente, avassalador, faminto.

- Não vou aguentar esperar até à noite. – Segurou meu cinto de segurança e o soltou, puxando-me para si.

- Micah, temos horário para chegar e ...

- Não vamos demorar. Vem aqui. Beija a minha boca.

E eu fui, cheia de tesão e amor, louca por ele. Empurrou o banco mais para trás e montei em seu colo, a saia justa subindo toda por minhas coxas, suas mãos já em minha cintura e nuca, sua boca devorando a minha.

Foi quente e agressivo. Joguei meu blazer no banco, ele abriu minha camisa branca e desceu meu sutiã. Abri sua calça e o masturbei com as duas mãos enquanto chupava meus mamilos e colocava a calcinha para o lado, metendo o dedo em mim, sentindo como eu estava molhada. Então me penetrou e gememos juntos ao som de Pink Floyd, nos beijando com paixão, nos amando ensandecidos, mãos percorrendo peles e cabelos, gemidos escapando entrecortados.

Eu gozei primeiro e logo Micah me acompanhou, ejaculando quente e gostoso dentro de mim, sussurrando palavras em meu ouvido. Nos beijamos

mais até nossos corações se acalmarem, e depois me ajudou a me arrumar. Limpei-me com lenços de papel que tirei da bolsa, ajeitamos nossas roupas e sorrimos um para o outro como se acabássemos de fazer uma arte.

O resto da viagem fizemos em um clima gostoso e sensual, em que me apaixonei ainda mais por ele, por seu bom humor, suas tiradas engraçadas, sua inteligência. Dava para conversar de tudo com Micah, desde discutir negócios até algo pessoal, como se fosse muito natural aquela intimidade. E eu aproveitei cada segundinho dela.

O dia foi movimentado. A FeiCorte, que agora se chamava ExpoCorte, recebia empresários do ramo e pecuaristas de Minas Gerais e também de outros lugares e começou no primeiro dia com discussões sobre o ambiente de trabalho nas fazendas e novas técnicas empregadas. Além das exposições, ocorreram debates e palestras e participamos de várias delas. No primeiro dia, seria a vez de Micah fazer uma palestra usando a Falcão Vermelho como exemplo de produzir mais sem perder a qualidade e com eficiência técnica e econômica.

Conhecemos outros produtores, discutimos investimentos e como estava o cenário da pecuária de corte no país, ouvindo e sugerindo mudanças, com novos pontos de vista sobre o planejamento genético das reses na prática, sistemas de cria, castração e todos os assuntos relevantes aos pecuaristas.

Fiquei impressionada como Micah rapidamente havia entendido o funcionamento de tudo e como deu uma palestra boa, muito à vontade, depois respondendo as perguntas com inteligência e bom humor, o que distraiu a plateia e tornou tudo mais agradável. Eu fiquei orgulhosa demais dele, sem poder parar de olhá-lo e admirá-lo. Parecia ter nascido para fazer aquilo e não deixava nada a desejar a Theo, que geralmente assumia aquele papel.

Saímos de lá só depois das sete horas da noite, quando participamos de um encontro de expositores. Estávamos bem cansados e a chuva tinha despencado de vez. Voltamos ao hotel e Micah trocou a reserva que Eurídice tinha feito de duas suítes para apenas uma, bem maior e linda. Tínhamos combinado sair para dar uma volta e jantar fora, mas o dia tinha sido puxado e continuaria após acordarmos. Optamos por pedir jantar no quarto e tomei banho enquanto ele fazia os pedidos.

Meu cansaço desaparecia com a excitação de ter Micah todo para mim naquela noite. Mesmo ainda um pouco tímida e insegura com minha recém-descoberta sexualidade, eu quis agradá-lo. Assim, coloquei um vestido branco de alças finas cruzadas nas costas, com forro por dentro, mas com tecido leve e macio. Ele tinha um decote generoso, marcava bem o contorno dos seios, se ajustava à cintura e caía solto nos quadris até os pés. Como já era alta, preferi uma sandália fina e rasteira com pequenos strass. E por baixo só uma calcinha

fio dental branca.

Fiz uma maquiagem rápida, delineando os olhos, nos lábios um batom vermelho, meus cabelos em cachos soltos e brilhantes e me perfumei. Gostei muito do resultado, mas mesmo assim saí um tanto insegura do banheiro, sem conseguir ser provocante e sensual como eu gostaria.

Micah tinha tirado a camisa e os sapatos e colocava o fone no gancho quando me viu. Não precisei fazer nada, só ficar parada ali, vendo como seus olhos esquentavam e se enchiam de desejo e admiração. Corei, mas adorei perceber que o tinha abalado, que ele parecia a ponto de querer me comer todinha.

- Você quer me matar, Valentina? – Disse rouco, se aproximando devagar, seu olhar percorrendo meu corpo da cabeça aos pés, demorando-se nos meus seios. Na hora meus mamilos se intumesceram e marcaram o tecido, fazendo-o gemer como se sentisse dor. – Linda. Isso tudo é pra mim?

- É. – Eu estava sem voz, minha pele arrepiada.

Ele chegou bem perto, mas não me tocou. Andou em volta de mim e, quando viu o decote nas costas, soltou um palavrão abafado.

- E essa bunda nesse vestido branco ... Porra ... Está sem calcinha?

- Com um fio dental. – Murmurei.

- Puta que pariu ... – Rosnou e me cheirou perto do pescoço, murmurando: - É até um pecado tocar em você sujo como estou. Mas me espere, vou tomar um banho e aí mostrar o que fez comigo.

- Não me importo que esteja suado. Eu adoro seu cheiro, Micah. – Sussurrei, virando o rosto para olhá-lo.

Ele estava cheio de luxúria, com os olhos pesados, lutando para se controlar. Cerrou os punhos ao lado do corpo e deu um passo para trás, enquanto eu fitava excitada seu peito, seu rosto, toda parte dele.

- Você quer me deixar de quatro, louco, a ponto de perder a cabeça, Valentina. Quem tem um corpo como o seu, uma pele assim macia e morena, não pode usar um vestido desse sem querer matar um homem do coração. – Sua voz era baixa e rouca, fazendo-me sentir poderosa, linda, admirada. Então, ordenou sem tirar os olhos dos meus, ainda atrás, eu olhando-o sobre o ombro: - Levante o vestido devagar e me mostre a sua bunda nesse fio dental.

Estremeci, com a garganta subitamente seca e o coração disparado. Era impossível conseguir respirar normalmente. Fiquei imóvel, presa em seu olhar, até que segurei as laterais da saia e comecei a erguê-la devagar.

Não sei de onde tirei coragem. Talvez do tesão ensurdecedor que despertava em mim. Mas fui mostrando minhas panturrilhas, que era a parte do meu corpo que eu mais gostava, bem torneadas e firmes; os joelhos, as coxas.

Juntei o vestido todo na cintura e os olhos de Micah arderam na minha bunda exposta dentro da calcinha minúscula, que não passava mesmo de um fio.

Ele caiu de joelhos no carpete, indagando com uma luxúria furiosa:

- É assim que você quer que eu fique? – Veio ajoelhado até mim e ergueu as mãos, enchendo-as na minha bunda, apertando-as, gemendo rouco ao prometer: - Hoje à noite vou te surrar aqui por me deixar desse jeito. E vou te comer tanto que amanhã nem vai conseguir andar, sua safada.

Arquejei, agarrada ao meu vestido, gemendo quando Micah acariciou, beijou e mordeu minha bunda toda, voraz, causando-me uma dor gostosa e embriagante, que me deixou de pernas bambas. Chegou o fio dental para o lado, abriu as duas bandas e começou a lamber devagarinho o meu ânus. Fiquei louca de vez e arfei alto, dilacerada pelo prazer descomunal que me varreu.

Micah perdeu o controle. Se tornou mais agressivo, apertou minha carne, forçou a língua em meu buraquinho, chupou com força. Soltei um grito estrangulado e bambeei, mas ele me segurou, sua boca me levando à loucura, fazendo rios descerem da minha vulva que latejava. Fiquei fora de mim, alucinada e então, para meu desespero, me soltou de repente e se levantou.

Eu o fitei, perdida, arquejante, ansiosa por mais. Ele lambeu os lábios.

- Vou tomar banho. – Me deixou daquele jeito, excitada e cheia de desejo. Deu-me as costas e foi sem pressa para o banheiro.

Demorei a me recuperar. Ajeitei a calcinha, lamentando baixinho quando o tecido roçou meu ânus e minha vagina que palpitavam úmidos. Arrumei minha roupa e caminhei meio trôpega até o sofá, precisando me sentar e recuperar o ar que faltava em meus pulmões.

Quando ele saiu do banho, com o cabelo úmido que parecia ter sacudido para todo lado, uma toalha em volta dos quadris e com os olhos me devorando, eu tremi em expectativa. Mas a campainha tocou e era nosso jantar.

Micah recebeu o funcionário, que empurrou um carrinho com comida para dentro. Enquanto isso, tentei me ocupar e me acalmar colocando um som ambiente. Começou a tocar *Adagio in G Minor, de Albinoni*, que era linda e eu adorava.

Quando Micah fechou a porta do quarto e voltou, olhou-me curioso e indagou:

- Está triste?

- Não. Por que?

- Essa música é triste.

- Adoro esse som cristalino de violinos. Me deixam emocionada.

- Ah, é? – Ele veio mais perto, cheirando deliciosamente a sabonete, o rosto bem barbeado, o peito nu enchendo a minha visão. – Sei de uma ou outra

coisinha que pode emocionar você.

- Imagino. – Sorri e fui para seus braços de livre e espontânea vontade, envolvendo-o pelo pescoço enquanto me abraçava pela cintura e me colava a seu corpo. Senti a ereção que crescia e murmurei: - Você vive assim?

- É o que faz comigo. – Sorriu, fitando dentro dos meus olhos. – Eu tinha planejado te levar para jantar fora, colocar uma roupa legal, mas agora só penso em duas coisas: matar a fome de comida que está fazendo meu estômago roncar e matar a fome que sinto de você. Não, necessariamente, nessa ordem.

- Nessa ordem sim. – Afastei-me bem humorada e o puxei pela mão. – teremos a noite toda para o resto.

- A noite toda? – Ergueu uma daquelas sobrelhas endiabradas que lhe davam um ar safado, seguindo-me até a mesa. – Gostei disso. Mas com uma condição.

- Qual?

- Vamos comer ao som lindo e triste de violinos, em paz, bem comportados. Mas quando formos pra cama, eu ponho a música.

- Ai, meu Deus. Um rock?

- E o que mais? Vai ver o que é ficar emocionada.

Eu acabei rindo.

A comida estava boa e fiquei surpresa quando vi que Micah tinha pedido um champanhe maravilhoso, que veio em um balde de gelo. Enquanto ele servia nossas taças, eu indaguei:

- Estamos comemorando?

- Claro.

- O que?

- Você na minha vida. – Falou de modo tão direto, tão certo, olhando-me tão profundamente, que não tive como achar que ele brincava. Fui alagada por uma emoção indescritível, uma felicidade suprema, uma esperança que me paralisou. – Eu estou muito feliz, Valentina.

- Eu também. – Confessei em um murmúrio rouco.

- Então, vamos brindar à nossa felicidade.

E o fizemos, sorrindo um para o outro, trocando olhares quentes e profundos.

Foi um jantar delicioso, íntimo, até mesmo romântico. Mas Micah não seria ele mesmo se ficasse comportado o tempo todo. Assim, quando estávamos quase terminando, ele me olhou duro, tomou um gole do champanhe e disse num tom enrouquecido:

- Abaixar seu vestido, Valentina.

- O que? – Olhei-o na hora, parando justamente ao cortar um pedaço da

carne no prato, tudo em mim já rebulindo.

- Você ouviu. Obedeça. Quero ver seus seios enquanto termino de comer.

Abri os lábios, agitada, envergonhada. Mas fiquei presa em seu olhar. E, cheia de desejo, percebi como minha vagina esquentava, já ficava úmida.

Micah não repetiu a ordem, apenas me olhou e eu deixei os talheres no prato, tremendo. Fitando-o, recorrendo a toda minha coragem, eu segurei as alças finas e as escorreguei lentamente por meus ombros e braços, com mamilos já doendo de tão arrepiados. Pensei que não fosse conseguir levar até o fim, mas só parei quando deixei o vestido cair na minha cintura.

Seus olhos escuros em meus seios só os tornaram ainda mais intumescidos, arrebatando-me, meu ventre se contraindo, minhas partes íntimas parecendo pegar fogo. Depositou sua taça sobre a mesa e disse num tom duro:

- Continue a comer.

Como se eu fosse conseguir. Observei-o terminar de jantar sem parar de me admirar e tentei retomar, mas tremia demais. Puxou algum assunto e gaguejei, tentando entender o que dizia, tentando submergir daquela lascívia pesada e massiva. Mas só conseguia pensar nas reações do meu corpo, no seu olhar sobre mim, no que ainda faríamos naquela noite. E na necessidade quase absurda que eu estava de sentir seu pau dentro de mim.

Era admirável o autocontrole de Micah, como ele conseguia conversar e ao mesmo tempo me olhar como se não esperasse a hora de me devorar. Minha vontade era de largar tudo ali e correr para a cama, mas me obriguei a, pelo menos, fingir que eu não pensava só em sexo.

Por fim, ele se levantou. E então eu vi a toalha estufada como uma barraca, seu pau enorme e grosso quase a perfurando de tão duro, demonstrando que o tempo todo ele também só pensava naquilo. Sorriu, como se estivesse conformado em não ter como disfarçar a prova do crime. Estendeu-me a mão e me ajudou a levantar. Disse baixo:

- Saia do seu vestido. Quero ver você só nessa coisa pequena que chama de calcinha.

Eu não estava em condições de adiar nada, assim obedeci logo, deslizando meu vestido dos quadris até caírem no chão. Micah chegou a lamber os lábios ao me ver só no minúsculo e transparente tecido branco. Mas não me tocou.

- Vá para a cama. Ande bem devagar e depois fique de quatro nela.

Era pecadoramente excitante o que ele fazia comigo, deixando-me a ponto de gozar só com a sua voz. Contive o ar e fui até a cama, cada passo fazendo o tecido molhado roçar meus lábios vaginais inchados, um gemido prestes a escapar da minha boca. E fiz como ele mandou, ficando de quatro na

cama, olhando quietinha para o encosto de madeira maciça à minha frente, esperando em agonia e tensão sexual.

Micah não demorou. Vi a toalha que ele jogou longe. Senti seu peso sobre a cama atrás de mim e então gritei quando deu um tapa forte e seco em uma das minhas nádegas.

- Ai! – Estava assustada e ao mesmo tempo excitada pelo jeito com que me tratava na cama.

- Sua safada ... Não disse que ia surrar essa bunda por me deixar tão doido? – Sua voz era exigente, rascante, dura. E nem me deixou pensar em suas palavras, deu uma bofetada do outro lado e mais duas, fazendo minha pele arder terrivelmente. Então, me atacou, gemendo como se estivesse dominado por um tesão animalesco.

- Micah! – Gritei quando enterrou os dedos nos meus quadris e mordeu minha bunda. Em questão de segundos arrancava minha calcinha violentamente com os dentes e me segurava firme, vindo ajoelhado entre minhas pernas. Senti a frieza do piercing contra os lábios vaginais e gritei de novo quando me penetrou fundo de uma vez só, brutalmente.

Foi delirante e minha vagina se abriu em seu limite máximo quando passou a estocar dentro de mim enlouquecidamente, fodendo-me e dizendo entre arquejos grosseiros:

- Vou te encher de porra assim, rápido e bruto. Depois eu beijo, chupo, me farto com você, mas agora quero você bem putinha, Valentina. Entende o que estou dizendo?

- Sim ... Ah, sim ...

- Você gosta, não é? Então se prepara, vou comer essa bunda gostosa da mesma maneira.

- Ohhhhhhhhhh ...

E me devorou enquanto eu gemia sem parar, alucinada, pingando. Quando pensei que não fosse aguentar, saiu de dentro de mim e me virou, jogando-me na cama com as pernas abertas, de barriga para cima. Montou em mim e meteu furiosamente, enquanto eu gritava e o arranhava, já desesperada de tanto tesão. Olhou-me enquanto me comia, sua voz vibrando, seu pescoço com uma veia saltada:

- Lembra daquele brinquedinho que te dei?

Fiz que sim com a cabeça, lembrando do vibrador.

- Já usou?

- Não ... – Arquejei e urrei ensandecida quando meteu com tanta força que seu piercing pareceu um dedo indicador fazendo vai e vem dentro de mim.

- Eu trouxe outro e vai usar comigo hoje, Valentina.

- Ai, não ... não ... – Supliquei desesperada, pois Micah segurava a base do pau e esfregava de propósito a cabeça e o anel de metal em um ponto específico dentro de mim, fazendo uma pressão avassaladora se acumular em meu ventre.

- Sim. E não vai adorar ser penetrada no cu e na bocetinha ao mesmo tempo. Agora, me dá o que eu quero. – Seu olhos consumiam os meus e ele continuava a massagear no alto do meu canal, puxando o pau até a metade e empurrando de novo, mais e mais bruto.

Eu não entendi, mas não tive condições de perguntar o que Micah queria. Eu gritava e me debatia, metia as unhas nos músculos de seus braços, sentia as pernas tremendo sem controle. Então o tesão veio, furioso, tirando meu ar, erguendo-me e jogando-me de um lado para o outro violentamente.

Micah parecia esperar aquilo. Puxou de novo o pau e quando voltou naquele ponto específico, eu explodi. Urrei de verdade, fora de mim mesma e ele tirou o pau todo. Esguichei um líquido quente em sua barriga e fiquei alucinada, perplexa, mas sem poder me conter.

- Isso! Mais! Mais uma vez! – E se enterrou de novo, bruto, enchendo-me, roçando o piercing e a cabeça no canal, fazendo a pressão se acumular de novo. Eu me debatia como não comandasse mais nada no meu corpo e ele reagisse sozinho aos estímulos, só conseguia gritar e gritar, enquanto Micah me comia e tirava, fazendo mais líquido sair e escorrer por minha vagina, molhar a cama. – Ah, porra, que delícia! Assim, ejacula pra mim ...

Delirante, quase perdi a razão quando estocou de novo, agora sem tirar, firme e fundo, a carne dura e grossa tomando conta de tudo, sua mão indo sob meu corpo molhado. Senti o dedo do meio forçando no meu ânus, facilitado por meu tesão e por estar úmido, enfiando nele sem muita delicadeza.

Estalei de novo, sem forças, uma nova onda de gozo me arrebatando, latejando sem cessar. Mas Micah não teve dó. Comeu-me nos dois lugares de modo sincronizado, melando-me toda. Não pensei que suportaria quando meteiu dois dedos juntos em meu orifício e choraminguei pressionada de todos os lados.

- Agora vou comer e gozar no seu cuzinho. – Avisou com voz carregada, pesada.

Eu tinha desabado, mal podendo respirar, quando ele puxou os dedos e o pau e levantou ágil, saindo de cima de mim. Fiquei morta, gozada e com o lençol todo molhado, arreganhada, os olhos quase fechando. Ouvi seus movimentos, mas não tive forças de virar a cabeça.

- Está cansada? Não se preocupe, eu cuido de você. Em alguns minutos vai estar gozando de novo.

Micah estava de volta na cama, alerta, descabelado, viril, seus olhos se

incendiando ao ver meu estado. E foi então que eu vi o que trazia e estremei quando largou as coisas na cama. Só pude olhar, realmente acabada até para reagir.

Ele abriu um creme e espirrou algo na mão, espalhando em seu pau. Pegou então um vibrador que imitava um pênis médio, já dentro de uma camisinha, passando o óleo nele também, sem parar de me observar, sua respiração densa. Estava ajoelhado na minha frente e disse baixinho:

- Vou meter o vibrador em você. Quietinha.

- Micah ... – Tentei suplicar por um descanso, mas apenas murmurei e gemi quando senti a ponta do objeto abrir meus lábios de baixo. Micah olhou enquanto me penetrava com aquilo, firme em sua mão, sumindo dentro de mim.

Sua expressão era devassa, dura, estritamente masculina e sensual. Eu gemi de novo, presa no seu rosto, sentindo como puxava e metia bem lento o vibrador. Não pareceu resistir e desceu a cabeça, abocanhando meu clitóris e chupando gostoso.

- Ai ... – Não acreditei quando ondulei, reagindo, tremendo, meus membros ainda pesados, mas sem poder ficar imune às sensações. – Não vou aguentar ...

Não se importou. Chupou enquanto me penetrava, a língua trabalhando, tudo criando um rodamoinho na minha vagina, crescendo, se expandindo. Então, ele enfiou até o fundo e parou, erguendo-se.

Seus olhos brilhavam perigosamente, estava muito alerta e agitado, pois não tinha gozado. Deixou o vibrador encaixado em minha vulva e pegou o celular sobre a cama, dizendo baixo:

- Hora de ouvir o meu rock. Bem louco e tarado como me sinto. *Duality*, do *Slipknot*. Essa música sempre me deixa descontrolado.

E puxou fora o vibrador, sem aviso, largando-o ao seu lado, deixando-me subitamente vazia. E enquanto o rock explodia no quarto, Micah agarrou minhas pernas e ergueu-as brutalmente até meus ombros, expondo-me toda para ele. Logo forçava o pau banhado em óleo no meu ânus e então eu reagi, sacudindo a cabeça, um misto de medo e de uma excitação pecaminosa, mas quando abri a boca foi para gritar. Penetrou-me sem dó, forte e fundo, queimando-me, seus olhos firmes nos meus.

A dor era ardida, me pegou desprevenida, mas havia algo decadente em ser violada assim, tão brutalmente, tão sem carinho. Comecei a chorar e engasguei quando estocou para frente e para trás, colado em meu canal. Ele queria me tomar toda, de uma vez, combinando seus movimentos com a loucura da música, tudo me consumindo, me fazendo rodar.

- Eu sei que você gosta assim, putinha. Quer mais?

- Não ... Ai, Micah ... Ai ...

- Não tire os olhos dos meus enquanto como sua bunda. Veja. Sinta. É assim que vai gozar de novo. – E metia, mais e mais, animalesco, impetuoso, cruel, bárbaro, cheio de tara. – Diga pra mim que quer mais.

- Eu não posso ... – Chorei, mas me sentia rodopiar, adorando aquela dor crua e a penetração ríspida, selvagem. Micah despertava um lado meu que nem sabia que existia e me dei conta que gostava assim, quando me comia ali sem delicadeza, machucando-me e me dando um prazer perverso, voraz.

- Quer ver como pode? – Agarrou o vibrador e ordenou: - Abrace as pernas. Assim.

Eu segurei uma perna contra cada ombro, toda arreganhada quando ele parou agasalhado em meu ânus, ajoelhado na cama, passando a cabeça do pênis artificial sobre meu clitóris. Miei, mordi os lábios, senti que eu queria mais, eu queria ser quebrada, dominada, vencida.

Micah mirou o vibrador em minha vagina e me olhou, cara de safado, depravado, exigindo:

- Peça mais.

- Por favor ... – Eu não tinha condições de lutar contra tudo aquilo e implorei: - Mete na minha boceta ...

- Ah, porra ... – E ele meteu, empurrando dentro de mim.

Berrei até ficar rouca, chorando de verdade. Encaixou tudo e fiquei pressionada, cheia, alquebrada.

- Olhe para mim, Valentina.

E olhei. Deitou-se sobre mim e começou a comer meu ânus, soltando o vibrador dentro de mim, seu próprio corpo mantendo-o no lugar. E a cada estocada que dava, empurrava junto nos dois orifícios, em uma dor bravia e severa, mas extremamente deliciosa. Gritei e chorei tanto em meio à barulheira do rock que fiquei rouca.

Micah gemeu fora de si e meteu com tudo. Foi assim que tive um orgasmo avassalador e ele também, nos olhando o tempo todo. Havia algo extraordinário em passar por uma experiência daquelas vendo quem as proporcionava, vendo os sentimentos e o descontrole da outra pessoa, quase como se fosse uma parte dela, para sempre. Eu me senti totalmente dominada por ele ali. E para sempre.

Goei muito. Micah também, enchendo-me ainda mais, até que tudo parou. A música tinha acabado e tocavam outras igualmente ferozes, baterias e guitarras explodindo no quarto.

Ele tirou bem devagar o vibrador e gemi baixinho. Saiu com delicadeza, mas eu estava dolorida, morta. Baixou minhas pernas. Desligou o celular. Então

desabou ao meu lado e me puxou para seus braços. Beijou meus cabelos, um pouco arrependido.

- Machuquei muito você?
- Muito.
- Porra ... Me perdoe. Fiquei louco! Onde ...
- Eu gostei. – Deixei escapar.

Micah ergueu meu rosto e me fez olhá-lo.

- Eu sei que gozou, Valentina. Mas peguei pesado.
- Talvez eu não seja normal ... – Confessei envergonhada.
- Por que? – Acariciou minha face, atento.
- A dor. Quando faz sexo anal assim, violento, a dor ...
- A dor?

- Me deixa louca. – Corei, angustiada. Micah sorriu e me beijou nos lábios, abraçando-me contra seu corpo.

- Deixe de ser boba. É claro que é normal sentir prazer assim. Só me deixa ainda mais tarado, por que sou viciado em sexo anal.

- Mais um vício?

Ele riu e disse perto do meu ouvido:

- Meu vício maior é você. E já vou avisando. Não quero me curar. Nunca.

Eu o agarrei, bem forte, querendo acreditar. Mais do que tudo na minha vida.

Depois de toda aquela loucura, tomamos mais uma ducha e desabamos na cama. Dormimos nos braços um do outro até de manhã, quando nos preparamos para mais um dia de trabalho na Feicorte. Saímos de lá às seis da tarde e voltamos para casa, alegres e satisfeitos com o sucesso de tudo e por nos darmos tão bem.

Paramos em um restaurante aconchegante na beira do caminho para jantarmos e conversamos como se o assunto entre nós nunca se esvaísse. Eu tinha um prazer imenso de só olhar para ele quando falava ou sorria, admirando cada mínimo detalhe, tão apaixonada que doía. Estávamos lá, mergulhados um no outro, quando um casal entrou com dois filhos e as crianças passaram correndo entre nós, fazendo algazarra.

Eu as olhei sorrindo e fui pega desprevenida quando Micah perguntou:

- Tem vontade de ter mais filhos, Valentina?

Fitei-o na hora, percebendo como me observava com atenção. Fugí um pouco do assunto, sentindo um aviso dentro de mim:

- Não parei para pensar muito nisso.

- Eu tenho vontade de ser pai. – Confessou e foi como me apunhalar. O ar me faltou, mas tentei me manter o mais contida possível. Mesmo quando perguntou algo que eu não esperava, tão direto que quase morri do coração: - Quem é o pai de Cacá?

Fiquei muda, chocada. Presa em seus olhos, soube que era o momento. Devia falar pra ele de uma vez, acabar com aquele segredo que poderia nos destruir, que me devorava viva e me martirizava em culpa. Estávamos ali, mais íntimos do que nunca. Era só abrir a boca e deixar sair. Tudo, cada palavra.

Mas o medo me imobilizou. Eu me indaguei se gostaria de mim o suficiente para entender. E se levantasse e me odiasse para sempre, indo embora? E se Cacá também me odiasse? Não tive coragem, não naquele momento. Ainda era recente demais o que tínhamos um com o outro, eu só precisava de um pouco mais de tempo.

- Valentina?

Engoli em seco. Baixei o olhar e falei num tom meio embargado:

- Eu não queria falar disso agora. Pode ser ... em outra hora?

- Claro. Não fique assim. – Segurou minha mão sobre a mesa, tão carinhoso que minha culpa só me espezinhou mais e tive raiva de mim mesma. Olhei-o, mas ainda fragilizada, sem coragem. Sorriu para mim. – Aos poucos vamos sabendo mais um do outro. Sem pressa.

- Obrigada, Micah.

- Depois você me agradece daquela maneira que sabe que eu gosto. – Piscou, safado.

Eu tentei relaxar um pouco mais, no entanto, continuei engasgada, arrasada. Micah acariciou minha mão e disse baixo:

- Vou te contar uma coisa que quase ninguém sabe, Valentina.

- O que?

- Não sou um Falcão.

Eu não entendi, meus olhos confusos nos dele. Nunca o vi tão sério, seus olhos sem aquele humor habitual. Continuou:

- Nunca entendi por que meu pai me odiava e me perseguia, até que minha mãe morreu. E, quando voltamos do sepultamento, ele me falou que não era meu pai. Eu era fruto de uma infidelidade da minha mãe com Pablo Amaro, seu maior inimigo.

Fiquei chocada, de repente tudo fazendo sentido. A rebeldia dele no passado, as marcas de surra, a raiva do pai, seu sumiço no mundo quando a mãe morreu, a sua volta sem pisar na fazenda.

- Micah ... – Entrelacei meus dedos nos dele, com meu coração

sangrando, angustiada por imaginar tudo que ele havia sofrido e passado até descobrir. Lutei para não chorar.

- Tudo bem, Valentina. Estamos em um restaurante, não era nem pra eu falar uma coisa dessas. Deixa para lá. – Sorriu, mas eu senti sua tristeza incipiente, sua fragilidade mascarada naquele sorriso.

- Não importa onde estamos. Pode me falar tudo o que quiser, Micah. Agora entendo melhor tudo e ... – Calei-me de repente quando algo me ocorreu. Fiquei paralisada. Nem quis pensar naquilo, mas o encarei cheia de dúvidas.

- O que foi?

- É que ... Você foi embora logo depois que sua mãe morreu, mas ... Deixa para lá, Micah.

- Pergunte.

- O acidente do seu pai ... – Calei-me, pois era chocante demais só de imaginar.

Ele soltou minha mão, pálido. Voltou a comer e eu falei rapidamente:

- Esqueça o que eu disse. Por favor, não fique chateado comigo.

- Não estou. Vamos comer, já escureceu e ainda vamos demorar um pouco para chegar em casa.

Concordei rapidamente, sofrendo por ele, arrependida por deixá-lo daquele jeito. Tentamos conversar, mas o clima ficou pesado, diferente.

Voltamos ao carro e Micah pegou a estrada. Já quase chegávamos à Pedrosa, depois de um silêncio permanente, quando ele falou de repente:

- Eu atirei em Mario Falcão.

Olhei-o na hora, gelada. Senti uma pancada por dentro. Fitei seu perfil sério, duro, concentrado na estrada.

Se fosse em outra época, em que o odiava acima de tudo, eu o acusaria, diria esperar aquilo dele. Mas não agora, quando parecia mostrar sua alma para mim, quando eu o sentia como se fosse uma parte minha e o amava com todas as minhas forças. Independente de qualquer coisa, eu soube que ele tinha tido seus motivos. Imaginei todos os abusos que passou e falei com emoção e sinceridade:

- Alguma coisa ele fez para merecer isso.

Virou o rosto e seus olhos eram surpresos.

- Confia tanto assim em mim, Valentina?

- Sim.

Voltou a se concentrar na estrada, calado por algum tempo. Então explicou:

- Eu fui culpado, puxei o gatilho. Duas vezes. Talvez pudesse jogar a arma longe, não sei. Ou deixar que ele me matasse.

- Era o que ele queria? Matar você? – De repente eu entendi. – A arma

era dele?

- Sim, a arma era dele. Nós discutimos, ele contou que me odiava por que não era seu filho e aquilo foi um golpe para mim. No fundo, acho que sempre esperei um milagre, algo que o fizesse me amar. E aquilo foi fatal para mim. Não havia esperança. Era só ódio e ponto final.

- Ah, Micah ... – Soltei meu cinto de segurança e fui para perto dele, cheia de amor e dor, acariciando-o, beijando-o. Queria colocá-lo no colo, cuidar dele para sempre, não deixar que nunca mais sofresse. E quase morri ao me dar conta que eu, mais do que ninguém, poderia fazê-lo sofrer muito.

- Está tudo bem. É passado.

- Não. Agora entendo o que me contou sobre culpa, sobre ter se acabado durante quatro anos.

Micah virou a cabeça e beijou meu cabelo, mas continuou dirigindo. Não saí de perto dele, precisando cheirá-lo, tocá-lo, lutando contra as lágrimas.

- Eu o enfrentei, Valentina. Deixei claro que não sairia da fazenda e que tinha direitos, por parte da minha mãe. Falei um monte de merda, até que vingaria meu pai morto. Já tinha ouvido boatos de que Mario o tinha colocado na cadeia e ficado com as terras dele. E no meio da briga, jurei vingança. Foi no dia do enterro da minha mãe, estávamos descontrolados, abalados. E aí ele puxou a arma para me matar.

- Ai, meu Deus ... Ah, Micah ... – Lágrimas desceram por meu rosto, com a cabeça em seu ombro e a mão em seu peito. Eu me sentia dilacerada por causa dele.

- Lutamos e chegou a atirar. Foi de raspão em meu braço. E aí, confesso que nem lembro direito, tão nervoso fiquei. Só sei que disputamos a arma e meus dedos estavam no gatilho, apertando. E depois aquele sangue para todo lado. Eu não o matei, mas o condenei à invalidez pelo resto da vida. – Sua voz era baixa, cansada. E então se calou.

Eu murmurei:

- Não foi culpa sua.

- Talvez não. Mas fico sempre pensando se não podia ser diferente. Mas o tempo não volta. E quem sabe eu estivesse morto agora? Não sei. Nunca vou saber. O que aprendi foi a conviver com isso.

Eu queria dizer muitas coisas, mas me sentia embargada demais. Assim o acariciei, toquei, beijei. Demonstrei o meu amor e me calei, para tudo.

Minha responsabilidade parecia maior agora que ele tinha me falado tudo de sua vida. Eu sabia de como foram os percalços que passou, de como tinha carência do pai e de que o privava do mesmo com seu filho. Saber que tinha Cacá podia ser um alento. Ou não

Ele poderia pensar em tudo que o privei.

“Fale!”, gritei para mim mesma, mas não consegui. Tive medo de arrasá-lo ainda mais naquele momento. Tive medo de perdê-lo.

E, mais uma vez, pedi um tempo a mim mesma.

Eu ia falar, logo. Mas não naquele momento.

Fechei os olhos, acabada.

Apavorada.

CAPÍTULO 24

MICAH

O resto da semana foi perfeito. E eu fiquei ainda mais apaixonado por Valentina.

Nós nos víamos no escritório e em casa. Tinha se tornado um hábito ela e Cacá me chamarem para jantar com eles e eu adorava. Nos dávamos bem em tudo, ela só reclamava de uma coisa: do meu cigarro. Mas, mesmo assim, não me negava um beijo se eu tivesse fumado. Ainda mais que eu vivia precavido com minhas balas de menta.

No sábado eu tentei convencê-la a ir comigo no Falconetes para

ouvirmos uma música, tomar uma cerveja, sairmos como namorados, mas continuava achando que ainda era recente demais desde o fim do seu noivado. Eu a perturbei e no final das contas aceitou, mas só porque Cacá ia também, ansioso para comer uma pizza.

Estava calor e o Falconetes bem cheio, pois um cantor novo se apresentava e Abigail continuava tentando contratar um artista fixo para o local. Assim, sentamos em uma mesa do lado de fora e Cacá foi logo pedindo uma pizza de presunto, enquanto eu e Valentina optamos por uma cerveja. As pessoas passavam por nós, olhando-nos curiosos, enquanto ela corava e eu apenas sorria do seu jeito.

Várias mesas ali também estavam ocupadas e, ouvindo a cantoria sofrível que vinha lá de dentro, comentei com eles:

- Abigail não dá sorte com cantor. Será que qualquer um acha que pode cantar hoje em dia?

- É verdade. E ela vem procurando há um bom tempo.

Conversávamos banalidades, quando vi Elvis caminhando pela calçada em direção ao Falconetes, distraído. Parecia meio cabisbaixo e até tive pena dele, sabendo que agora Valentina se sentiria pior ainda. Então ela o viu e reagiu um pouco nervosa, culpada.

- Lá vem esse cara chato. – Resmungou Cacá.

- Seja educado. – Recomendou Valentina, pouco antes de Elvis nos ver e tomar um susto. Franziu o cenho e então se aproximou mais rápido.

- O que estão fazendo aqui? – Perguntou de maneira direta, seus olhos indo rapidamente de um para outro.

Valentina ficou corada, muito sem graça. Cacá não disse nada. Eu sorri.

- Oi, Elvis. Viemos tomar uma cerveja e comer.

- Não sabia que eram amigos.

- Elvis, nós apenas ... – Começou Valentina, mas se calou quando ouviu uma buzina alta.

Nós e Elvis nos viramos para ver do que se tratava. Uma moto raquítica e barulhenta se aproximava com cano de descarga estourando, a piloto usando couro preto, capacete rosa da Penélope Charmosa e, desta vez, um par de botas também rosa, com uns pompons pendurados. Apertava uma daquelas buzinas antigas, que parecia de carrocinhas de rua e que fazia “fom fom”, como se a tivesse emendado no guidão. Aí lembrei que a moto, possivelmente, era roubada e nem devia ter buzina, e sua “dona” devia ter tido a brilhante ideia de acoplar aquela.

Sem querer eu soltei uma risada, admirado por que agora ela tinha mais segurança na moto. Mas logo fiquei sério ao me dar conta de que eu a tinha feito

acreditar que Elvis Presley da Silva era o amor da sua vida e ele estava bem ali. Tive certeza que coisa boa não sairia daquele encontro e senti uma pontada de culpa. Mas a merda já estava feita.

Todo mundo olhou para ela, fazendo escândalo com aquela buzina. Então, parou na calçada bem à nossa frente e apoiou os pés no chão. Tirou o capacete devagar, como se desse um show e quisesse toda a atenção. Então sacudiu os cabelos loiros e bateu os cílios, charmosa.

Tinha passado um batom rosa berrante nos lábios e, ao tirar o capacete, borrou tudo no rosto, mas nem se deu conta.

- Qual é, Micah? – Ergueu a mão e fez um gesto com os dedos imitando chifres, como os roqueiros costumavam se cumprimentar, bem radical. – Curtindo muitas aventuras?

- Pode crer. – Sorri e fiz o mesmo gesto para ela. – E você?

- Você nem imagina!

Ela fez um olhar sensual e o mirou em Elvis ali parado com sua calça de tergal, seu cabelo bem penteado de lado e os óculos ajeitados. Ficou muda, olhando para ele fixamente. Valentina e Cacá só observavam, estranhando. Eu estava com vontade de rir, mas esperava, em expectativa. Elvis se remexeu incomodado e indagou a ela:

- O que foi? O que está olhando?

- Estou esperando. – Seu aspecto até poderia passar por sensual, mas aquelas botas cheias de pompons pendurados e aquele batom todo borrado quebravam o clima.

- Esperando o que? – Ele franziu o cenho.

- Você montar na minha moto.

Elvis ficou imóvel. Então nos lançou um olhar significativo, como se avisasse: “Ela é maluca”. Depois, olhou-a com frieza e retrucou:

- E por que eu subiria em sua moto?

- Destino. Nossos destinos foram traçados antes da gente nascer. Até a Cartomante falou no pássaro poderoso e agora eu sei que é você, um Rei, uma Águia. – Explicou Tininha, movendo a cabeça um tanto dramática.

De todos nós ali, eu era o único que sorria, sem poder me controlar. Os outros pareciam não entender nada.

- Ahã ... – Elvis acenou e completou: - De que diabos você está falando?

- Vê se você entende agora, meu Rei: FIU FIU!

Eu não entendi e franzi o cenho. Mas Elvis tomou um susto e levou a mão ao coração, chocada, olhos atemorizados.

- Era você!

- Sou eu. O amor da sua vida. – Sorriu, ansiosa, emocionada. – Agora

sobe aí. Vamos viver grandes aventuras!

- Ah, meu Deus ... – Desesperado, Elvis se virou para nós: - A analfabeta é ela! Essa maluca! Ela fez “fiu fiu”, Valentina!

- É, eu acabei de ver ... – Valentina parecia sem saber o que dizer.

Mas ninguém esperava a reação que Elvis teve. Gritou apavorado:

- Fique longe de mim! – E saiu pela calçada. Literalmente correndo.

Todo mundo olhava. Algumas pessoas riram. Eu fiquei sem saber o que pensar e tive medo que Tininha se debulhasse em lágrimas, mas ela rapidamente enfiou o capacete e acelerou a moto, gritando de modo abafado:

- Volte aqui!

E enquanto ele virava na esquina correndo, ela o perseguiu na moto barulhenta apertando a buzina, todo mundo que passava parando para olhar assustado, as pessoas do Falconetes rindo e comentando.

- Eu não entendi nada do que aconteceu aqui. – Cacá comentou. – Só sei que esses dois são doidos.

Olhei para Valentina e ela estava um pouco preocupada. Perguntei, sem saber se ria ou me preocupava também:

- Por que ele se desesperou quando ela fez “Fiu fiu”?

- Elvis vem recebendo cartas anônimas com declarações de amor de uma admiradora secreta. E nas cartas, ela disse que se mostraria quando fizesse “fiu fiu”.

- Mas por que “fiu fiu”?

- Micah, e Tininha faz algo racional? Ela escolheu isso, sei lá por que. – Valentina suspirou. – Ele estava ansioso para saber quem era, mas meio irritado por que a cada vez que jogava os bilhetes sujava sua varanda e também pelos erros de português que escrevia.

Quando ela explicou tudo, eu não aguentei e me acabei de rir. Cacá também me acompanhou e Valentina brigou com a gente, mas ao final caiu na gargalhada.

- Meu Deus, eu nunca imaginaria que a admiradora era Tininha. Ela tinha fixação em você. – Olhou-me. – Era de se esperar que perseguisse você, Micah. Como foi cismar com Elvis?

- Pois é. – Comentei, inocente, ainda sem saber se eu tinha feito uma merda muito grande.

Acabamos nos distraindo, bebendo, comendo e aproveitando a noite, embora o cantor fosse terrível e o Falconetes começasse a esvaziar. Voltamos para casa felizes e relaxados e entrelacei meus dedos nos dela. Deixou e acabou me dando um sorriso lindo.

Ficamos juntos até tarde, falando sobre tudo, aproveitando a companhia

um do outro, trocando beijos e carinhos na varanda dos fundos, mas a presença de Cacá na sala, vendo filme até tarde, não nos deixou passar disso. Eu queria muito ir para a cama com ela, mas tive que voltar para casa sozinho.

No domingo, eu sabia que tinha que dar um jeito de transar com Valentina. Já acordei com uma baita ereção e nem quase me matar de fazer exercícios no quintal resolveu o problema. Quando me chamou para almoçar em sua casa, passei o tempo todo de olho nela, com tanta vontade que percebeu e ficou corada, nervosa, mas evidentemente excitada também.

Então a convidei para dar uma volta de moto. No início negou, mas insisti e não teve jeito. Avisou Cacá e ele me disse que depois seria a vez dele, o que concordei. Mas o que eu planejava fazer com Valentina não podia ter testemunhas.

Era a primeira vez que saía comigo na Hayabusa. Adorei quando me abraçou por trás e colou o corpo ao meu, ambos com nossos capacetes, suas mãos espalmadas em minha barriga sobre a blusa. Sorri, joguei uma bala de menta na boca e ofereci outra a Valentina, que não quis, então a saboreei enquanto acelerava e saía para a rua.

Muita gente olhou quando passamos pela cidade e achei bom, pois eu não queria disfarçar nada. Eu queria que todo mundo soubesse que estávamos juntos e como ela me fazia feliz.

Quando pegamos a estrada principal, cercada de campos pelos dois lados, eu pensei sobre aquilo. Minha vida era complicada, sabia que não poderia ficar ali mais do que um mês e por dois motivos: meu emprego e Mário Falcão. Eu precisava retomar ao meu trabalho no Rio em Janeiro, minhas férias não durariam pra sempre, e Mario Falcão poderia saber de minha volta e se desesperar, até passar mal. Ou sei lá o que mais.

Eu vinha pensando muito sobre isso, pois não queria me afastar de Valentina, mas sabia que sua vida era ali. Mas eu sentia que Valentina e Cacá já faziam parte de mim. Talvez se conversássemos sobre o assunto, pudéssemos arrumar uma solução.

Até cheguei a pensar em pedir transferência para a sede da ABIN em Minas e continuar em Florada. Mas o problema era Mario Falcão. Mesmo não sendo dono da cidade e nem saindo mais da fazenda, eu não queria trazer problemas nem enfrentar o passado, que ainda me machucava. Estava pensativo, quando Valentina falou sobre meu ombro:

- É uma delícia, Micah. Parece que a gente desliza na estrada.

- Essa moto é perfeita. – Chupei o resto da bala na boca e virei em uma rua secundária, mais deserta, que eu conhecia bem dos meus tempos de juventude. Embrenhei-me por outras e completei: - Qualquer dia desses vamos

fazer uma viagem maior, mas agora tenho outra delícia em mente.

- Eu sabia. – Havia um tom de riso e certo nervosismo em sua voz.

Ansioso, parei a moto sob uma frondosa árvore cercada de mato rasteiro, longe das vistas, escondido. Baixei o descanso, excitado, já arrancando o capacete. Valentina se amparou em mim e desmontou, tirando o capacete também, olhando-me ansiosa.

Eu não queria esperar mais. Saí da moto, larguei os capacetes no chão e rapidamente arranquei a blusa pela cabeça, dizendo rouco:

- Tire a roupa.

Pensei que fosse reclamar, talvez com medo de alguém surgir ali de repente, mas me surpreendeu ao começar a se despir rapidamente, seus olhos me dizendo que tinha a mesma fome que eu. Sorri, tirando minha calça, olhando em volta e fitando a moto, tendo uma ideia.

Quando ficamos totalmente nus, eu a puxei para mim e gemi ao sentir sua carne, sua pele, seu cheiro e sua boca. Nos beijamos com paixão, abraçados, já completamente excitado. Acaricieei sua bunda e murmurei:

- Vem aqui que vou te chupar em cima da moto.

- Mas Micah ...

- Não se preocupe. É seguro. Vem.

Valentina foi tão excitada quanto eu. Ajudei-a a sentar e então se deitar para trás, com a cabeça apoiada no painel. Quando deixei suas pernas abertas, uma para cada lado da moto pisando no descanso para pés, meus olhos varreram extasiados seu corpo lindo, os seios redondos, a cintura fina, aquela boceta delicada exposta para mim.

- Porra ... Que gostosa ... – Murmurei com o pau doendo de tão duro, abrindo mais suas coxas e segurando-as firme. Tinha acabado de engolir os restos da bala e minha boca ardia com a menta. E foi assim que desci a cabeça e comecei a chupá-la.

- Ah

Ela estremeceu, de imediato agarrando meu cabelo, adorando sentir minha língua lambendo-a toda. Delirei com seu gosto, suguei-a com vontade, puxando para dentro de mim o que me dava, aquele mel cremoso e levemente picante. Chupei cada parte, até que gemia sem parar e murmurava:

- Ai, Micah ... Está formigando e me deixando doida ...

Então entendi que era a menta da minha boca que causava a sensação de ardido, tornando-me ainda mais faminto, erguendo as mãos por sua barriga e agarrando seus seios, acariciando-os, beliscando seus mamilos enquanto não parava de me lambuzar com sua boceta deliciosa.

Valentina gemia, já fora de si. Sobre nós, as folhas das árvores

balançavam e a natureza fazia seus sons, mas eu me concentrava só nela, cheio de vontade de comê-la com meu pau, de gozar bem enfiado dentro do seu corpo.

- Pare ou eu vou gozar ... – Sussurrou, trêmula.

- Quero que goze com o meu pau. – Eu me ergui, lambendo meus lábios, fitando seus olhos cheio de gula. – Ainda está formigando?

- Sim ... Está ardido.

- Vai ficar mais. Vem, vire-se e monte na moto, agarre o guidão como se fosse pilotar.

Eu a ajudei e foi uma visão do paraíso ver Valentina completamente nua, montada na moto, sentada, aquela bunda linda me enlouquecendo. Montei atrás dela, firmando os pés no chão, meu pau pesado entre as bandas redondas, minha boca em sua nuca ao murmurar:

- Imagino você pilotando a moto assim, nua e linda. Ia causar vários acidentes na estrada.

Ela riu nervosamente, mas calou-se quando acariciei seus seios e a forcei com o corpo um pouco para frente, empinando-a para mim. Cheirei e espalhei mordidas em sua nuca enquanto gemia e se arrepiava. Movi o quadril e, como se soubesse o que eu queria, com os pés no descanso da moto, ela ergueu um pouco a bunda. Foi o suficiente para que eu deslizasse meu pau por baixo e arreganhasse seus lábios vaginais com a cabeça.

- Oh, Micah ... – Gemeu entrecortada quando a penetrei em uma estocada funda, segurando-se firme no guidão, tremendo entre meus braços.

- Que delícia ... Isso ... Empina essa bunda linda pra mim ...

E torci seus mamilos enquanto a fodia forte e duro, movendo os quadris para frente e para trás, cravando os dentes em sua pele, dilacerado pelo tesão que me deixava ligado, com o coração disparado.

Valentina ficou fora de si, arquejando, deitando-se sobre a moto larga e grande, os braços ainda esticados à frente. Isso me deu um acesso melhor ao seu interior e consegui penetrar o pau todo, comendo-a fundo, enquanto gemíamos juntos. Eu estava praticamente de pé, inclinado sobre ela, meus quadris indo e vindo enquanto estocava mais e mais bruto.

Soltei seus seios, desci as mãos aos seus quadris e a segurei firme, fodendo-a. Ela dizia meu nome, se movia contra mim, a moto balançava. Mordi suas costas e senti que não duraria muito tempo, mas eu queria mais. Abri sua bunda, cuspi na mão e acariciei seu ânus, molhando-o, lubrificando-o para meter o dedo ali.

Valentina ficou mais enlouquecida e lembrei dela dizendo que gostava de sexo anal bruto, violento, que a dor a deixava doida. Mesmo assim a preparei um pouco, enfiando o dedo do meio enquanto a comia na boceta e meu pau ficava

melado dos seus fluídos.

Ela sabia o que eu queria e já se oferecia toda, mas mesmo assim avisei, tendo um grande prazer em falar sacanagens e senti-la estremecer:

- Agora vou comer sua bunda.

- Sim ... – E sua voz tinha algo de súplica.

Tirei o dedo. Tirei o pau babado. E o forcei no buraquinho rosado e apertado, que me deixava ensandecido. Empurrei devagar, dilatando-o, até sugar a glândula para dentro. Valentina gritou, se tremendo toda. Eu abri sua bunda com as duas mãos e me enterrei dentro dela, ouvindo sua voz estrangulada romper o silêncio que nos cercava. Então estoquei, indo e vindo, abrindo-a, gemendo:

- Porra, que cuzinho quente e apertado

- Ah, Micah ... Mais ... Mais forte ...

- Safada. Toma. – E então praticamente deitei em suas costas, mordendo-a, fodendo-a com violência, já fora de mim de tanto tesão.

Valentina berrava e se debatia, então começou a gozar, esfregando a bocetinha na moto, alquebrando-se. Seus espasmos a faziam se contrair toda, estrangulando meu pau, até que não aguentei e gozei também, esparramando minha porra bem no fundo, fechando os olhos e me entregando aquele prazer que, com ela, era sempre maior do que tudo que já experimentei na vida.

Tive de novo aquela sensação de algo familiar, de que Valentina já era minha antes de ser, mas como sempre não entendi aquilo. Deixei passar, muito envolvido pelo orgasmo, pelas sensações que me deixavam ainda mais apaixonado.

Ficamos lá, deitados sobre a moto, encaixados até a languidez passar aos poucos. Então, me ergui, saí cuidadoso de dentro dela, beijei sua nuca, seu cabelo, suas costas. Ajudei-a a sair da moto e a puxei para meus braços, beijando suavemente seus lábios, encontrando seu olhos e indagando rouco:

- Como pode ficar cada vez melhor? Sabe o que está fazendo comigo?

- Eu sei o que você está fazendo comigo. Me deixando viciada. – Sorri suave e beijou-me, acariciando meu rosto, nossos corpos colados. – Acordo e vou dormir só pensando em você, Micah.

- Isso é bom. – Sorri, satisfeito.

Nós nos vestimos, mas andamos um pouco por ali, de mãos dadas, falando sobre tudo e sobre nada, só querendo ouvir a voz um do outro. Então montamos na moto e a levei por um passeio na região. Na volta, vi uma rua lateral e lembrei que ia dar na cachoeira. Não sei por que, senti uma vontade enorme de ir lá e foi o que fiz.

- Para onde está indo? – Valentina indagou atrás de mim.

- Para a cachoeira.

- Eu ... Eu não quero. Precisamos ir embora.

Havia tensão em sua voz e parecia dura, esquisita. Estranhei.

- Por que?

Ela não respondeu e chegamos em frente à clareira onde havia mesas e cadeiras feitas de cimento e mais acima a queda de água cristalina, onde eu costumava vir com meus amigos para festas e com as meninas para transar. Mas naquele dia, não era uma coisa nem outra. Eu só sentia a necessidade de estar ali com Valentina.

- Micah, vamos embora. O Cacá está sozinho.

- Já vamos. – Desliguei o motor e baixei o descanso. – Só quero ficar aqui um pouco.

- Por que?

Não respondi. Desmontamos e tiramos o capacete. Ela estava pálida demais e fiquei preocupado, me aproximando e tocando o seu rosto.

- O que foi, Valentina?

- Por que me trouxe aqui? – Indagou baixinho, seus olhos fixos nos meus.

Eu podia dizer que estávamos apenas passeando e que aquele era um lugar como outro qualquer, mas não seria verdade. Tinha quinze anos que eu não pisava ali, mas ainda me lembrava bem desde a última vez. Ao mesmo tempo, estranhei seu jeito.

- Tem algum problema virmos aqui?

Ela olhou em volta, tentando disfarçar a ansiedade. Murmurou:

- Eu só não gosto.

Olhei em volta também. Fui invadido por diversas sensações e acabei falando:

- A última vez que vim aqui eu estava bêbado e estraguei a festa dos meus amigos, arrumei briga, nem lembro direito a merda toda que fiz. Eu sei que se irritaram e foram embora. Tinha um lençol ali no chão e me deitei, pois estava tão tonto que não aguentava ficar em pé. Lembro que apaguei com a sensação de solidão.

Fitei o ponto em que tinha me deitado, à beira do lago formado pela água da cachoeira. Ao meu lado, muito quieta, Valentina olhava o mesmo ponto. Senti um aperto no peito, algo que não soube explicar. Continuei, baixo:

- Acordei só na manhã do dia seguinte. E uma coisa esquisita tinha acontecido.

- O que? – Sua voz saiu em um arquejo.

- Era como se eu sentisse uma presença comigo. Um voz baixinha, um corpo quente, uma boca macia. Não havia ninguém, eu não lembrava de mais

nada, só de apagar bêbado, mas poderia jurar que uma mulher esteve comigo, me abraçou e me beijou, me acolheu. É engraçado, Valentina. Tenho certeza de que foi um sonho. Mas ele me acompanhou pela vida. – Virei e olhei para ela. Fitava-me, imóvel. – Nunca senti por nenhuma das mulheres que tive essa sensação boa. Até você chegar. Sinto isso com você, sei que não é só sexo. É como se meu sonho se realizasse.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Deu um passo à frente e segurou meu braço, murmurando angustiada:

- Micah ...

- O que foi? Por que está assim? – Enfiei os dedos em seu cabelo e a trouxe para mim, sabendo que alguma coisa acontecia. Senti uma espécie de aviso, de alerta. Uma lembrança ou um pensamento quis invadir minha mente, mas recuou, como se escapasse por um triz. Fiquei confuso.

- Micah, eu ... – Parecia prestes a dizer algo importante, mas fitou meus olhos e soltou um gemido de angústia, abraçando-me forte, murmurando com dor na voz: - Eu não quero perder você. Eu tenho medo que me deixe, por que não consigo mais te imaginar longe de mim.

- Hei, o que é isso? Não vou deixar você. – Apertei-a contra mim, tocando-a, beijando sua cabeça. – Por que está dizendo essas coisas, Valentina?

- Por que eu ... eu tenho medo que vá embora, Micah.

- Vamos dar um jeito nisso. Ando pensando o que posso fazer. Mas não vou te deixar. Estou louco por você.

Ficamos quietos, abraçados. Não insisti no assunto, vendo o quanto parecia abalada. Mas olhei para aquele ponto no chão perto da cachoeira e algo latejou em minha mente, como se me alertasse, mas eu não conseguia saber o que.

Tentei entender. A sensação estava lá, me rondando, dizendo que era importante. Forcei a mente, procurei me concentrar, mas Valentina beijou meu pescoço e pediu, fragilizada:

- Vamos voltar para casa. Por favor.

- Certo. Vamos voltar.

E saí de lá com aquela agonia esquisita me acompanhando.

CAPÍTULO 25

MICAH

No dia do casamento de Theo e Eva eu estava nervoso. Ele tinha me pedido que, como único parente homem de Eva vivo, eu a levasse até o altar. Sendo filha de Luiza, como Gabi, ela era minha sobrinha. Essa parte eu até gostei. Mas o problema seria pisar de novo na fazenda, mesmo Theo tendo me garantido que era longe do casarão e que Mario não iria, pois não aceitava o casamento por ela ser uma Amaro.

Eu não queria pisar de novo naquelas terras. Não por ódio, mas por saudade. Por medo de voltar a desejar o que eu não podia ter. No fundo, eu sentia muita falta da casa em que nasci e cresci, onde vivi até os 18 anos. Sentia falta de Tia, de andar pelos corredores, do meu quarto, dos almoços com meus irmãos, das implicâncias. De estar incluído na família Falcão. Mesmo sabendo que não era possível, a vontade latente permanecia.

Valentina pareceu saber como eu me sentia e conversou comigo, disse que eu devia fazer o que achava certo, o que me faria ficar bem, e Theo entenderia. Mas ao final, soube que o desejo de voltar a pisar naquele chão e participar de um casamento que passou por tanta luta para se concretizar foi mais forte. E junto com ela e Cacá seguimos para lá, dirigindo seu carro.

Fiquei emocionado e abalado quando vi as cercas brancas, os campos a perder de vistas, os morros e árvores. Quando parei o carro e desci, fui invadido pelo cheiro familiar e foi como me ver correndo por ali, livre e solto, antes que tudo desse errado, quando eu ainda me sentia parte de tudo aquilo.

Valentina acariciou meu braço, perguntando preocupada:

- Você está bem?

Eu a olhei. Como todos nós, estava de branco, um vestido diáfano e comportado que a deixava linda em contraste com a pele amorenada e os cabelos e olhos negros. Sorri devagar.

- Estou bem, fique tranquila.

- Certo. – Acenou com a cabeça, como se dissesse que estaria comigo. Entrelacei meus dedos nos dela e nos aproximamos com Cacá da tenda branca montada ali e com poucas pessoas.

Eva tinha pedido que fosse uma cerimônia simples, no terreno onde eles construiriam sua casa nova, com poucas pessoas e todos usando roupas brancas e descalços. No pequeno altar montado, Theo conversava com o padre Hamilton.

Mais para o lado, Eurídice falava animadamente com uma senhora gordinha e mais umas pessoas, talvez funcionários da fazenda mais próximos. Ela nos viu e acenou, toda feliz ao me ver de mãos dadas com Valentina.

Acenamos de volta e nos aproximamos de onde estavam meus irmãos. Caio dormia em seu carrinho ao lado de Joaquim. Pedro e Heitor conversavam com eles. Todos nos olharam curiosos e Pedro se abriu em um largo sorriso, dizendo para mim:

- Eu sabia.

- Sabia nada. – Retruquei e sorri. Soltei Valentina para apertar a mão deles, que também a beijaram. Heitor me deu um abraço apertado e disse emocionado:

- Bom demais ter você aqui, moleque.

- Não sou mais moleque. – Brinquei para disfarçar como eu me sentia também por estar ali e cercado por eles.

- Para mim, sempre vai ser. – Ele sorriu e se virou para beijar Valentina e cumprimentar Cacá.

Eu me abaixei para admirar Caio e dizer a Joaquim como ele estava forte e lindo, percebendo que estava com a pulseirinha que eu dei. Acariciei sua bochecha rechonchuda, enquanto Joaquim falava todo orgulhoso das gracinhas que ele começava a fazer.

Não demorou muito, um carro se aproximou e então Gabi desceu da direção, seguida por Tia. No banco de trás saiu Eva, com Helena no colo, as duas lindas de branco e com coroas de flores coloridas na cabeça.

E então, tudo começou. Deixei Valentina e Cacá com meus irmãos e fui até elas.

Tia quase chorou ao me ver. Beijou-me, abraçou-me, quis saber como eu estava enquanto me apertava. Eu garanti estar bem e a beijei de volta, feliz. Depois foi a vez de Gabi, reluzente com minha presença, dizendo que agora que Caio estava maior e não havia mais ameaça, ia mais vezes em Florada e queria me encontrar para jantarmos todos juntos.

Depois acariciei Helena com carinho, que me olhou espertinha, balançando as pernas. E beijei Eva, que sorriu e perguntou:

- Foi muito duro abandonar os coturnos e a jaqueta de couro para colocar essas roupas brancas?

- Estou me sentindo um pai de santo, mas tudo bem.

Elas riram. E foram para o altar, pois Gabi avisou:

- Theo não tira os olhos daqui. Vamos começar logo o casamento antes que ele venha aqui te pegar, Eva. – E saiu rindo.

Ela corou, lançando um olhar apaixonado na direção de Theo, que nos

espiava seriamente do altar, olhando-a de maneira intensa. Não dava para disfarçar o quanto eles se amavam. Sorri e me virei para Eva, indagando:

- Está pronta?

- Esperei muito esse momento. – Disse emocionada e feliz, concordando.

Gabi ligou um ipod que estava em uma mesa lateral com baldes de champanhe e morangos, enquanto uma bela música do Elvis Presley, And a Love So começou a tocar e todos esperavam em expectativa. E foi assim que dei o braço a ela e a acompanhei, junto com Helena, em direção ao altar.

Tudo seria perfeito se meus olhos não batessem em Elvis Presley da Silva, todo de branco, parado ao lado de Valentina. Não sei de onde ele surgiu ou que fazia ali, mas não gostei nada. Irritado, eu a encarei e fez um gesto, confusa, como se também não entendesse como ele foi parar ali.

Podia parecer ridículo, mas fiquei com ciúmes. Indaguei a mim mesmo se ela o teria convidado, mas então me acalmei, sabendo que não faria aquilo. Na certa Theo o chamara, sem saber que eles estavam separados e muito menos que agora ela estava comigo. Afinal, ele quase não aparecia mais na cidade, aproveitando Eva e Helena ao máximo e preocupado em deixar tudo pronto para começar a obra de sua casa e fazer os preparativos para a viagem.

Depois eu veria aquilo. Olhei para frente e fui até o altar, onde Theo esperava Eva e Helena com uma expressão quase gloriosa. Todo mundo sorria feliz e Tia se debulhava em lágrimas, mas também ria maravilhada, com a mão no coração. Fui tocado também por tanta emoção, por saber que duas partes minhas, de famílias diferentes, se uniriam naquele dia, sem vingança. Só amor.

- Agora nada vai impedir a felicidade de vocês. – Falei baixo quando paramos em frente a Theo. Beije a face de Eva e apertei a mão do meu irmão.

- Obrigado. – Ele me olhou emocionado e acenei com a cabeça, deixando-os, indo para perto de Tia, que de imediato me abraçou e foi abraçada de volta.

O casamento foi lindo como um sonho. Era bom demais assistir a tanta felicidade e à vitória do amor deles. Eu me senti parte de tudo aquilo, banhado por uma alegria que latejava em meu peito. Só não foi melhor por ver Elvis ao lado de Valentina, mas isso eu resolveria logo.

Quando tudo acabou, Theo estourou um champanhe e todo mundo comemorou. Então, agarrei minha taça e fui até onde Cacá estava meio invocado e Elvis falava nervosamente com Valentina. Ela balançava a cabeça, respondia, mas eles se calaram quando cheguei perto.

- Oi, Elvis. Não sabia que você viria.

- Theo tinha falado comigo semana passada. Eu não vinha, já que eu e Valentina... Bem, não estamos mais noivos. – Disse, um tanto agitado.

Eu continuei encarando-o seriamente. Terminou de explicar:

- Mas precisava falar com ela, pedir um conselho e ... – Calou-se e me olhou de cara feia, como se não soubesse por que me dava informações. – Ah, deixa pra lá! Valentina, então eu vou embora. Mas se aquela maluca continuar atrás de mim, vou à polícia! Adeus!

Um tanto descontrolado, caminhou até seu carro mais adiante.

- Aquela maluca ... – Resmungou Cacá. – Até parece que ele não é doido.

- O que Elvis queria com você? – Eu encarava Valentina.

- Ele está perdido, Micah. Disse que Tininha acampou em frente à sua casa e fica fazendo altas declarações de amor, a vizinhança toda já ouviu. Para vir aqui ele saiu escondido pelos fundos, entrou no carro e quase a atropelou. – Valentina balançou a cabeça, preocupada. – Acredita que ela subiu naquela moto esquisita e o perseguiu? Mas parece que a moto pifou ou acabou a gasolina, não sei, e Tininha ficou para trás.

Eu queria ficar sério, pois ainda me sentia enciumado por ter visto Elvis ali, mas não aguentei. Olhei para a cara de Cacá e começamos a rir. O menino exclamou:

- Até imagino a cena, Tininha perseguindo o carro de Elvis pelas ruas de Florada na moto dela, com aquele capacete rosa! E a cara dela de decepção por ter esquecido de colocar gasolina!

- E o Elvis comemorando e vibrando atrás do volante pela fuga vitoriosa. – Completei e rimos mais.

- Não tem graça nenhuma. – Valentina nos interrompeu. – Ela está apaixonada, tadinha. E o Elvis a desprezando só por que ...bem, por que é um pouco confusa na hora de escrever seus bilhetes de amor.

- Confusa como? – Perguntou Cacá.

- Alguns erros de português. Na verdade, acho que esse negócio de admiradora secreta mexeu com Elvis. Ele está é nervoso por não saber como agir, por isso veio me pedir ajuda.

Eu me mexi e esfreguei a mão no cabelo, meio incomodado com tudo aquilo. Então desabafei:

- Valentina, a culpa foi minha.

- Como assim? – Ela franziu o cenho.

Aí contei tudo. De como usei a história da Mãe Menininha sobre alguma coisa de uma ave poderosa e a convenci de que era Elvis. Valentina ficou surpresa:

- Não acredito que fez isso, Micah!

Cacá ria sozinho. Tentei me justificar:

- Eu achei que eles combinariam e estava com ciúmes de você.

- Micah! – Ela respirou fundo. – Olha, temos que falar com eles. Podem até ficar juntos, mas você manipulou a menina para achar que estava apaixonada por ele.

- Não foi por maldade. – Esclareci.

- Eu vou falar com Elvis. – Decidiu Valentina.

- Mas não vai sozinha. Vou com você.

La reclamar, mas viu minha cara e só suspirou.

Nos despedimos de todo mundo, principalmente de Theo, Eva e Helena, que só passariam em casa para trocar de roupa, pegar as malas e partiriam para a Grécia. Pensavam em ficar lá pelo menos um mês e já estava tudo pronto. Desejamos boa viagem e voltamos à Florada no carro de Valentina.

Deixamos Cacá em casa e seguimos para a residência de Elvis, em uma rua tranquila. A moto de Tininha estava lá, parada na calçada. O carro de Elvis na garagem. Mas não havia nem sinal deles. No entanto, o portão da frente estava aberto.

- Meu Deus, será que aconteceu alguma coisa? – Valentina saiu do carro, preocupada.

- Será que eles estão aí dentro transando? – Eu a segui.

- Micah! Você só pensa nisso?

- E tem coisa melhor para pensar? – Sorri, quando passamos pelo portão e seguimos até a varanda. Não havia campainha ali e Valentina bateu na porta, chamando-o alto, sem resposta.

- E se aconteceu alguma coisa com eles?

- O que poderia ser? – Curioso, saí da varanda e contornei a casa.

- Hei, aonde você vai?

- Xii, fique quieta. A janela está aberta.

- Micah ...

Mas eu já parava em frente à janela que dava para o quarto e olhava o que acontecia lá dentro. Valentina levou a mão à boca, surpresa ao olhar também. Já ia sair dali, mas a segurei firme e sorri, sem acreditar no que acontecia.

Elvis estava sentado na beira da cama, nu, magrelo e branco, com Tininha ajoelhada no chão. Ela esticava sua meia-calça fina e preta em volta do pau dele, dizendo:

- Se não tem camisinha aqui e você só faz sexo oral com ela, a gente dá um jeito, minha águia poderosa. Mas vou te falar, vamos acabar com essas frescuras! A vida é uma aventura! Vou te ensinar a ser livre, radical, sem essa palhaçada de “não me toque”!

- Mas você não sabe a quantidade de doenças que se proliferam por causa

das bactérias e ... Ah ... Ah, que coisa boa, Cristina.

Ela o tinha abocanhado e fazia sexo oral em seu pau envolto no tecido fino e preto, deixando-o obviamente louco.

- Micah, não quero ver isso ... – Sussurrou Valentina, tentando se soltar.

Eu a segurei firme, com muita vontade de rir, murmurando:

- E eu que pensei que já tivesse visto de tudo nessa vida.

Tininha fez uma cara feia e se afastou, reclamando com ele:

- Assim não dá! Essa meia gruda no céu da boca. Peraí ... – Arrancou-a fora.

- Mas Cristina, não podemos sem ...

- Deixa de ser fresco, meu Rei. – E o enfiou na boca sem nada, pagando um boquete desesperadamente, se sacudindo toda como uma doida.

- Oh! Cristina! – Elvis parou de lutar, entregue, fora de si.

- Ai, meu Deus ... – Murmurou Valentina morrendo de vergonha.

Eu a puxei e saímos dali de mãos dadas, aos tropeços, fechando o portão atrás de nós. Quando entramos no carro, eu me acabava de rir.

- Micah, você é um safado! – Ela foi brigar comigo, mas acabou rindo também. – Gente, que cena foi aquela? Tudo culpa sua!

- Eu fui o cupido, isso sim. O que importa é que se entenderam. – Sacudi a cabeça, divertido. – Que peças! Imagino o que esses dois vão aprontar juntos. Florada não vai ser mais a mesma.

Valentina riu mais.

E foi entre risadas que voltamos para casa.

VALENTINA

Naquela noite, depois que Micah foi embora, fiquei sentada na sala vendo televisão, mas mergulhada em meus pensamentos. Desde o dia em que fomos na cachoeira, eu buscava uma oportunidade de chamar Micah para conversar e contar tudo. E então depois falar para Cacá.

Eu quase havia contado tudo quando Micah me falou aquelas coisas diante do lugar onde havíamos feito amor pela primeira vez. Mas não tinha conseguido, abalada demais pelas lembranças, pelo sofrimento que passei com seu desprezo no passado e pelo medo de pôr tudo a perder agora. Eu travei. E a culpa que eu sentia só havia aumentado.

Soube que a hora havia chegado. Theo tinha ido para a Grécia e Micah assumiria o escritório comigo por um mês, depois teria que voltar ao Rio. Eu não

podia mais privar ele e Cacá da verdade, de se amarem como pai e filho. Então tomei uma decisão. De ainda naquela semana contar tudo. Eu ia me preparar, dar um jeito de estar sozinha com ele em algum lugar calmo. E então falar tudo, sem esperar mais.

Ele teria que entender o meu lado, de como me senti e o odiei, dos meus receios, do segredo que se formou. Contava com isso e com o fato de estarmos cada vez mais íntimos e amigos, mais apaixonados. Talvez isso fizesse Micah não se voltar contra mim.

Naquele momento, Cacá entrou na sala e me tirou dos meus pensamentos. Eu o olhei e sorri.

- Vai deitar?

- Vou. Mas antes ... Mãe, quando você vai me contar quem é meu pai?

Fiquei quieta, nervosa. Ele se impacientou um pouco:

- Estou tentando entender os seus motivos. Venho me comportando bem, acho que sabe que pode confiar em mim. Então, por que não me diz?

- Cacá ...

- Sem desculpas, mãe.

Nós nos encaramos e ali eu tive a certeza de que não dava mais para esperar mesmo. As coisas tinham caminhado até aquele ponto e agora precisavam se resolver.

- Eu vou falar. Logo. Mas não hoje.

- Por que não hoje?

- Essa semana.

- A senhora está me enrolando.

- Não. Essa semana.

Ele parecia na dúvida e ansioso. Percebi o quanto queria aquilo e me senti mal pelo tempo que o privei da verdade. Talvez me odiasse sabendo que Micah esteve ali ao lado dele e não revelei o segredo, mas eu teria que arriscar. E rezar para dar tudo certo.

- Está dizendo a verdade? Vai me contar mesmo logo?

- Vou. Só me dá mais esse tempo. – Murmurei.

Cacá parecia prestes a perguntar mais, sem entender por que eu não falava de uma vez. Na sua idade, tudo tinha que ser imediato e ele achava que já tinha esperado demais. O que não deixava de ser verdade.

- Tá bom. – Mas não parecia muito aliviado. E sim nervoso.

- Não fique assim, filho. Eu tenho meus motivos. Depois você vai entender.

- Eu só quero acabar com essa agonia. Logo. Não aguento mais esperar.

Concordei com a cabeça, sem condições de falar mais, cansada.

Ele deu uns passos para trás.

- Boa noite, mãe.

- Boa noite, Cacá.

Depois que saiu, eu suspirei e me recostei no sofá, cheia de medo, mas sabendo que agora não havia volta.

Eu falaria logo com Micah.

CAPÍTULO 26

MARIO FALCÃO

A música tocava e ainda era um dos poucos prazeres da minha vida. Ficar lá, em minha cadeira de rodas, na varanda dos fundos, perto dos jardins plantados por Alice, olhando minhas terras a se perderem de vista. Ao meu lado um aparelho de som pequeno. Como ainda tinha certos movimentos com a mão direita, eu podia aumentar ou mudar as canções. Mas em geral apenas as deixava tocar, uma atrás da outra.

Naquela manhã, a casa estava praticamente vazia, com exceção da cozinheira e da enfermeira de plantão. Tinha ficado me rondando, mas fiz um gesto para que me deixasse sozinho e fiquei lá, com aquela maldita manta sobre as pernas, sentindo a brisa no rosto, perdido em meus pensamentos, coisa que mais fiz nos últimos quinze anos.

Estava inconformado. Theo estava naquele momento se casando com aquela garota, uma Amaro. Ela havia mentido e tentado nos destruir, como eles faziam. E mesmo assim, foi aceita no seio da minha família e ainda conquistou meu filho mais velho, meu orgulho, um Falcão de verdade. Ou assim eu achava até se envolver com ela.

Foi um golpe para mim. Assim como foi um golpe descobrir que Gabriela também era uma Amaro. Eu estava cercado deles. Quanto mais pensava que os tinha destruído, mais eles voltavam. Como uma praga.

Sentia-me abalado, pois tinha Gabriela como minha filha, mesmo sempre tendo sabido que não era. Ela me cercava de carinho e cuidados. E o tempo todo, mesmo sem saber, tinha o sangue do meu inimigo correndo nas veias.

Soube que Estela e Luiza estavam mortas. Mas o sangue ruim

permanecia vivo, em Gabi e em Eva. E nele. O bastardo.

Eu me recusei a pensar nele. Era difícil, sabendo que meu estado era sua culpa. Mas o ódio ainda era tanto que me fazia excluí-lo da minha mente sempre que surgia, para não passar mal. Ao menos eu tentava.

Olhei para as flores do jardim, pensando do que tinha me adiantado tanta luta. Fiz tudo do meu jeito e o fim tinha sido aquele, inválido, sem Alice. Aquela era a parte mais dura, conviver sem ela e saber que, ao final das contas, eu nunca a tive. E não foi terras, dinheiro ou poder o que mais quis na vida. Foi sempre ela. E soube disso desde a primeira vez em que a vi, quarenta e quatro anos atrás.

Ironicamente, tocava uma música cantada por *Frank Sinatra* que ultimamente parecia feita para mim. *My Way*. Mesmo não tendo feito faculdade, eu sabia falar inglês. Sempre achei necessário para os meus negócios. E tinha facilidade com a língua. Assim, não tinha sido difícil entender a música. E ali, sozinho, eu apenas a ouvi, como se fosse a minha voz.

*E agora o fim está próximo
Então eu encaro a cortina final
Meu amigo, Eu vou falar claro
Eu irei expor meu caso do qual tenho certeza*

*Eu vivi uma vida por inteiro
Eu viajei por cada e em todas as estradas
Oh, mais, muito mais que isso
Eu fiz do meu jeito*

*Arrependimentos, eu tive alguns
Mas então, tão poucos para mencionar
Eu fiz, o que eu tinha que fazer
E eu vi tudo, sem exceção*

*Eu planejei cada caminho do mapa
Cada passo, ao longo da estrada
Oh, mais, muito mais que isso
Eu fiz do meu jeito*

*Sim
Teve horas
Eu tenho certeza de que você sabe
Quando eu mordi mais que eu podia mastigar*

*Mas, entretanto, quando havia dúvidas
Eu engoli e cuspi fora
Eu encarei tudo isso e continuei altivo
E fiz do meu jeito*

*Eu amei, eu sorri e chorei
Tive minhas falhas, minha parte de derrotas
E agora como as lágrimas descem
Eu acho tudo tão divertido*

*De pensar que eu fiz tudo
E talvez eu diga, não de uma maneira tímida
Oh não, não eu
Eu fiz do meu jeito*

*E o que é um homem, senão o que ele tem
Se não ele mesmo, então ele não tem nada
Para dizer as coisas que ele sente de verdade
E não as palavras de alguém que se ajoelha*

*Os registros mostram
Que eu recebi as desgraças
E fiz do meu jeito*

Sim, esse era meu jeito

Esse era eu. Mario Falcão. Um jovem que chegou em Florada sem família, solitário, depois de passar anos vivendo por várias estradas e participando de rodeios, onde montava cavalos e touros bravios. Ganhei muito dinheiro com isso e, ao contrário do que muitos dos meus companheiros fizeram, gastando com farras e bebidas, eu juntei.

Comprei terras em Goiás, investi em algumas cabeças de gado. Fiz a fazenda crescer e então a vendi por uma pequena fortuna, sabendo que ali não era meu lugar. Minha mãe era de Minas e tinha morrido quando eu ainda era pequeno. Fui criado por um pai alcóolatra e vagabundo que me espancava por qualquer motivo. Aos dezesseis anos juntei um punhado de roupa e caí no mundo.

Depois que vendi minha fazenda em Goiás, resolvi ir para a terra natal da minha mãe e acabei em Florada. Comprei alguns hectares, algumas reses, comecei de novo. Ali me estabeleci, venci sozinho, fui enriquecendo com o fruto do meu trabalho, criando meu império. Até me tornar o maior fazendeiro da região e um dos homens mais poderosos também.

E foi no ano de 1970, quando desci do meu recém adquirido Ford Galaxie azul, o carro mais requintado da época e que chamava muita atenção na cidade, para ir à missa domingo, que a vi.

No meio de pessoas simples, ela estava lá, quieta e linda, como uma rosa no meio do capim. Nunca a tinha visto e depois soube que o sítio de sua família ficava meio distante e quase não aparecia em Florada. Mas ali, naquela manhã ensolarada, quando me encostei na porta do carro, eu não pude fazer mais nada do que olhar para ela.

Até hoje não sei o que foi aquilo. Não havia uma gota de romantismo em mim. Eu era seco, bruto, autoritário. Fui criado como bicho por um pai espancador. Fiz minha fortuna sendo mais esperto e desconfiado que a maioria, agindo com o que eu achava que era certo e ponto final. Nunca fui sentimental. Mas aquela garota com cachos aloirados, pele rosada, enormes olhos castanhos e um simples vestido amarelo, com sandálias pobres, fez comigo o que muitos inimigos tinham tentado, mas ninguém tinha conseguido: Ela me derrubou.

E esse poder ela teve até o dia em que a enterrei. Eu vivi e respirei por ela. Cada ato meu, depois que a vi pela primeira vez, foi para tê-la para mim. Mas nunca consegui. Ela me deu filhos, me deu sua tristeza e até sua paixão, mas nunca me deu o que eu mais queria. O seu amor.

Fitei as rosas que ela plantou e foi como vê-la ali, inclinada com as mãos na terra, sempre perdida dentro de si mesma, nunca me permitindo ter um pedaço do que eu almejava, sempre me mantendo a uma certa distância. Mesmo quando soube de sua traição, o que eu sentia não diminuiu, não arrefeceu, só ganhou mais desespero.

A música continuou a tocar e um trecho se destacou:

*Eu planejei cada caminho do mapa
Cada passo, ao longo da estrada
Oh, mais, muito mais que isso
Eu fiz do meu jeito*

Quando vi Alice, eu planejei tê-la para mim. Eu fiz com que me visse, com que soubesse que eu estava ali e a queria. Lembro como me olhou intimidada e nervosa, sempre fugindo do meu olhar, como se me temesse.

Descobri que era filha única de um casal de agricultores bem pobres, que

quase iam à falência com um sítio decadente. Fiquei possesso quando descobri que namorava um rapaz de um sítio vizinho que eu já tinha visto por ali e que se casaria com ele, Pablo Amaro, um rapaz loiro, bronzeado e sorridente, que pegava duro trabalhando em seu sítio, depois de ter perdido os pais.

Eles tinham na época 22 anos e eram quase miseráveis. Eu era o poderoso Mario Falcão, com 34 anos e o mundo aos meus pés. Mas eu não queria o mundo. Eu queria Alice. E planejei cada passo, cada caminho, para consegui-la. E quando percebi que achava mesmo estar apaixonada pelo pobretão e sempre dava um jeito de fugir de mim, eu fui ao extremo. Fiz do meu jeito. Eu a comprei.

Os pais dela viram a vantagem na minha proposta de ajudá-los e tornar o sítio próspero. E a pressionaram quando descobriram que eu não queria só um caso com sua filha, mas casar com ela.

Alice era uma daquelas pessoas frágeis que não lutam quando se veem obrigadas a algo. Ela percebeu que dependia dela acabar com o desespero e a miséria da família. Desmanchou o namoro com o homem a quem dizia amar. De cabeça baixa, aceitou casar comigo. Mas nunca se entregou e nem me perdoou. E acho que foi ali que errei. Achando que ia dobrá-la e conquistá-la. Quando a forcei, eu a perdi.

Dei tudo a ela. O meu casarão, as melhores roupas, viagens. Se ela olhasse para uma flor, eu lhe entregava um buquê. Sempre estive atento a tudo sobre ela. Principalmente quando a tive a primeira vez na cama. Ali meu vício e minha obsessão por ela se concretizaram.

Foi na noite de núpcias. Eu entrei com ela no quarto no colo, toda de branco, linda de morrer. Estava um clima ruim entre nós, pois seu ex-namorado, Pablo Amaro, tinha aparecido na Igreja e tentado atrapalhar o casamento, gritando com lágrimas nos olhos que a amava. Foi um escândalo. E por um breve momento, Alice parecia prestes a correr para ele, emocionada. Eu a segurei pelo braço. Ela me olhou, voltou à realidade, baixou a cabeça. Tiveram que arrastá-lo para fora à força e o casamento continuou, mas eu fiquei cheio de ódio e jurei que um dia ele me pagaria.

O que mais me doeu foi ver os olhos dela brilhando naquele momento, com amor por ele. Um homem fraco e chorão, um Zé Ninguém. Mas se ela pudesse escolher, ficaria com ele. E isso ficou muito claro. E só me fez ficar mais decidido.

Quando a deitei na cama e comecei a despi-la, olhou-me com medo. Era muito calada, muito fechada e tímida. Mas falava com os olhos. Era ali que eu a entendia.

Desejava-a com uma fome de doer. Eu queria cobri-la como um animal,

mas ao mesmo tempo a adorava tanto que, cada pedaço de sua pele que descortinava, eu tinha que beijar. Nua, era de enlouquecer, toda pequena, delicada, rosada. Frágil e pura. E quando me viu nu, chegou a se esconder e pedir que não, assustada com meu tamanho, meu corpo musculoso dos anos de rodeio e do trabalho duro. Mas eu a segurei à força e a beijei. Beijei tanto como sempre quis fazer e ela nunca deixou. Tanto que fiquei emocionado, sem entender que poder era aquele que tinha sobre mim, como se a conhecesse de outras vidas e sempre tivesse esperado por ela.

Eu a fiz tremer e parar de lutar. Beijei, lambi e chupei seu corpo todo. Ficou fora de si, perdida em sensações desconhecidas, principalmente com minha boca em sua boceta. E quando gozava, alucinada, eu a montei, segurei seus braços sobre a cama e a penetrei, sendo o primeiro, olhando em seus olhos enquanto a tornava irremediavelmente minha.

Nunca esqueci aquilo. Nem a maravilha que era me esvair dentro dela. E aquele virou nosso hábito. De dia, Alice mal me olhava, tímida, só respondia quando eu perguntava algo. Às vezes ficava com o olhar perdido em saudade e eu odiava, pois sabia que estava pensando nele. Então a pegava firme, fazia de tudo com ela, deixava-a louca. E durante aqueles momentos era só minha. Era só a mim que via pela frente.

Quando íamos à cidade e encontrávamos Pablo Amaro, eu via o olhar desesperados dos dois. Uma vez ele teve o topete de se dirigir à ela na minha frente e eu fiquei enlouquecido. Bati tanto nele que o deixei no chão ensanguentado e foi preciso uns cinco homens para não me deixar matá-lo. Alice chorava e implorava e quando a segurei para levá-la para casa, saiu do seu mutismo.

Gritou que me odiava e me atacou com socos, fora de si, defendendo aquele homem na frente de todos. Eu tive que arrastá-la até o carro e depois até em casa. Lá, quando a empurrei para o quarto, tive vontade de surrá-la. E ela me enfrentou só com os olhos, como se me desafiasse. Mas eu a dobrei de outra maneira, gritando e gozando como nunca com meu pau enterrado dentro dela. Eu a comi a noite toda, na boca, na vagina, no ânus, até ficar exausta, pedindo que parasse. E só a deixei dormir quando amanheceu o dia e saí até o quintal, ainda fervendo, sem poder me acalmar. Era o início do meu desespero.

Praticamente a proibi de ir à Florada. Eu a queria sob minhas vistas e evitar que visse Pablo Amaro, como se assim a fizesse esquecê-lo. Mas de resto, permitia que cavalgasse pela fazenda, dava longos passeios com ela e tudo que quisesse. À noite eu a devorava, sempre faminto, sempre tentando conquistá-la. Era o único momento em que a sentia minha, pois me beijava e acariciava, fazia tudo o que eu queria, gozava sempre e muito. Virou uma relação difícil e

doentia. Até que ela engravidou de Theo.

Na época, Tia trabalhava na casa com sua mãe e cuidaram bem dela. Quando Theo nasceu, Alice e Tia se tornaram amigas e cuidaram dele juntas. Eu a via mais alegre e achava que finalmente aceitaria sua vida como minha mulher e esqueceria aquele amor de juventude.

Mas um dia a mãe veio visitá-la e contou que Pablo Amaro tinha se casado com uma jovem que sempre havia gostado dele, Estela. E que eles tinham tido uma filha, Luiza, com a mesma idade de Theo. Alice voltou à sua tristeza, calada, olhar perdido, infeliz. Nosso filho ficava mais com Tia do que com ela. Então me revoltei e comecei a brigar, a exigir que o olhasse, quando, na verdade, quis que olhasse para mim.

O fantasma daquele homem, a idealização que fez dele, nunca saiu do nosso lar. E eu sabia que tudo piorava quando uma ou outra notícia sobre ele chegava até ela. Teve Pedro, Heitor e Micael, que até então também pensei ser meu. Depois veio Joaquim. Ela intercalava momentos bem com outros de mutismo. E eu via que quem realmente cuidava da casa e das crianças era Tia, com um amor e uma dedicação que sempre quis ver em Alice.

E assim foi nossa vida. Em todos aqueles anos, minha obsessão por ela não arrefeceu. Eu trabalhava muito, expandia os negócios, me tornava mais e mais admirado, respeitado e poderoso, mas não tinha o amor da minha mulher.

No ano de 1990, muita coisa mudou. Alice foi ficando cada vez mais nervosa e fez algo que nunca tinha feito: me pediu dinheiro, mais de uma vez. Inventou desculpas, mas fiquei muito desconfiado e a pressionei. Até que entrei no quarto e tomei o maior susto da minha vida. Eu a encontrei desacordada, um vidro vazio de remédios caído no chão. Foi um desespero em casa e nunca senti tanto medo na vida.

Corri com ela para o hospital e Theo, na época com dezoito anos, dirigiu o carro enquanto eu a segurava contra mim e fazia o que nunca tinha feito na vida: rezei. Pedi a Deus com todas as minhas forças para salvá-la. E ele me atendeu. Os médicos fizeram de tudo, mas a deixaram viva. Ficou em coma por dois dias. E depois disso com sequelas. A quantidade grande de remédios tinha paralisado um de seus rins e ficou aérea, como se não reconhecesse as pessoas. Perdeu o seu olhar, que sempre foi o meu modo de entendê-la. Era praticamente uma boneca.

Depois que já estava em casa, eu comecei a tentar entender o que havia acontecido. Pressionei Tia, mas ela era fiel a Alice e não disse nada, embora parecesse saber mais do que demonstrava. Então, fui revistar as coisas dela e então achei as provas. Foi outro golpe, quase fatal para mim.

Enterrados entre calcinhas, escondidos em envelopes, tinham alguns

bilhetes. E lá eu soube toda a verdade. Eram bilhetes ameaçadores e com chantagens, de Estela, a esposa de Pablo Amaro. Ela dizia ter descoberto, em uma das bebedeiras do marido, que em 1981 Alice cavalgava pela fazenda, bem distante, quando foi pega por uma tempestade violenta e acabou se refugiando em uma cabana abandonada, fora da Falcão. E lá, sem que eu soubesse se foi consequência ou pura maldade do destino, encontrou Pablo, que foi se refugiar pelo mesmo motivo.

A dor foi suprema quando li que ali ela se entregou a ele. A minha Alice, que gemia na cama e implorava por mais com tudo o que eu fazia, tinha me traído com aquele para quem sempre deu o que eu queria: o seu amor. E não era só isso. Estela dizia saber que ela havia engravidado de Pablo e tido um filho dele: Micael. Que se não entregasse a Estela as quantias pedidas para salvar o sítio em falência, contaria tudo para mim. Então entendi por que ela me pediu dinheiro e por que, diante das minhas desconfianças e talvez com medo de ser descoberta, tentou se matar. E assim fugir do problema.

O meu mundo caiu. Eu revirei tudo no quarto, quebrei, destruí, gritei. Não deixei ninguém entrar ali. E acreditei no que diziam aqueles bilhetes, pois, se não fosse verdade, ela não se submeteria àquela chantagem nem tentaria se suicidar. Fiquei tão possesso que fui com dois capatazes no sítio de Pablo Amaro disposto a tudo, mas principalmente a saber até que ponto era verdade. E ali eu jurei que os destruiria, quando fui recebido com escárnio e deboche de Estela, chamando-me de corno. Como se ela mesma não tivesse sido traída.

Até hoje não sei por que não os matei ali. Pois Pablo saiu da casa me acusando de ser o culpado por Alice tentar se matar e atirando. Ele matou meu capataz e me feriu de raspão, antes que eu me refugiasse atrás do carro e reagisse, atirando de volta. Mas se trancaram na casa. Eu estava pronto para invadir e acabar com eles, mas o outro capataz foi a voz da razão e me disse que eu devia chamar a polícia, ou me complicaria, pois estava nas terras dele.

Mesmo em meio ao ódio, eu usei a frieza e a razão. Depois disso, Pablo foi preso pelo assassinato do meu capataz e eu arrematei o sítio, que estava falido. Estela e Luiza foram expulsas de lá, mas antes eu as avisei que, se contassem a alguém que Micael não era meu filho, eu as caçaria no inferno e lhes daria uma morte lenta. Ainda tentaram lutar. Assim como Pablo na cadeia, dizendo que queria seu filho com Alice. Uma noite eu simplesmente entrei lá com alguns dos meus homens e o delegado Ramiro saiu de perto.

Havia no interior, entre os homens, um elo silencioso de masculinidade. Ter sido traído e o inimigo esfregar isso na minha cara era demais para suportar, ainda mais tendo em conta tudo que descobri e com uma esposa quase morta em casa. Ramiro, mais do que em respeito pelo meu poder e posição social, ou

mesmo devido a nossa amizade, levou em conta o meu orgulho e a minha moral, como se fosse com ele. Por isso não fez nada quando disse a Pablo Amaro que suas terras agora eram minhas, assim como a mulher que ele amava e seu filho. E que aquela era a última coisa que saberia antes de morrer. Ele lutou e esperneou. E enquanto era pendurado por meus homens na viga e enforcado, eu o assisti morrer, em silêncio.

Não saí de lá aliviado. Eu já estava destruído e com um ódio que nunca diminuiu. Micael se tornou a lembrança do que eu queria esquecer, o símbolo da traição. E com Pablo morto e Alice mergulhada em seu mundo particular, só sobrou a ele para odiar. Eu o aturei por causa dela. Por que de alguma maneira era seu filho. Não fosse isso, teria o mesmo fim de Estela e Luiza.

Nunca pude imaginar que quando Gabi foi encontrada na fazenda, era uma Amaro colocada ali de caso pensado pela mãe Luiza e pela avó Estela. Na época eu só soube que, pela primeira vez em anos, Alice teve alguma reação ao ver a menina e me enchi de esperanças que ela melhorasse. Assim, como ninguém sabia de onde tinha vindo a criança, eu a adotei como nossa filha.

No entanto, até o dia em que adoeceu e morreu, quinze anos atrás, Alice não voltou a ser o que era. Continuou em algum lugar perdido dentro dela, escondida naquela casca.

Eu nunca mais a toquei sexualmente desde o dia em que ela voltou do hospital, depois de tentar se matar. Mas fiquei ao seu lado todas as noites, a olhei mesmo quando dormia e a amei apesar de sua traição. Até o seu último suspiro.

As músicas tinham parado e o silêncio me rodeava. Eu saí das minhas lembranças e voltei a olhar aquilo tudo, sem querer pensar no que me deixou naquele estado, depois de tantas tragédias. Estava cansado e pensei em tocar a campainha e chamar a enfermeira, mas ouvi passos. E então vozes masculinas.

Joaquim se aproximava acompanhando o padre Hamilton. Soube que o casamento tinha se realizado e, na certa, Theo se preparava para sair em lua de mel. Podia ouvir os movimentos deles pela casa, a gargalhada de Pedro, a voz de Heitor, um choro de bebê. A vida voltava, vida que começou comigo e com Alice.

- Meu filho, quanto tempo! – O senhor de noventa anos que era padre da paróquia desde que cheguei à cidade, veio me cumprimentar com a mão em meu ombro, um sorriso aberto em seu rosto enrugado.

Acenei com a cabeça. Consegui apenas rosnar, sem querer mentir. Há muitos anos eu não estava bem.

- Aqui, padre, uma cadeira para o senhor. – Joaquim o ajudou a sentar e explicou para mim: - Padre Hamilton vai almoçar com a gente, pai.

- Ham ...

- Vou buscar um refresco para o senhor e já volto. – Sorriu para ele e se afastou.

O padre olhou para mim e foi suave como sempre na maneira de falar:

- O casamento de Theo foi muito bonito. É muito bom ver o quanto ele está feliz. Soube por alto que Eva é uma Amaro, mas isso não importa mais, Mario. Eles se amam e tudo vai dar certo.

Olhei-o irritado. Ele deu um tapinha amistoso em minha mão.

- A vida segue. Deixe esse ódio no passado, meu filho. Eu já estou passando dessa para um melhor e quero ir tranquilo, sem rancores e pendências. Nossa vida é curta demais para passarmos com raiva.

Relaxe um pouco, pois sabia como era bondoso por natureza e que só queria me ajudar, dar seus conselhos. Mas eu me sentia cansado. Queria voltar a ficar sozinho e me deitar. Infelizmente, ele ainda tinha mais o que dizer:

- Ainda mais agora que seu outro filho está de volta e deixou de ser aquele rebelde. Foi muito bom vê-lo no casamento junto com os irmãos e, se não me engano, de namorico com Valentina. É uma boa moça. Talvez agora Micah sossegue e fique por aqui mesmo.

Eu gelei.

Olhei-o, achando que havia entendido errado.

Suas palavras então me invadiram como um golpe e algumas espetaram minha mente: “Está de volta”, “junto com os irmãos”, “Micah”.

- Ham ... – Rosnei, furioso, irado, o ódio me consumindo, visceral, incontrolável. – Ham ... O ... que ... ele ... ham ... aqui?

Gritei, sem formar palavras, apenas sons rasgados e crus, que assustaram padre Hamilton e o fizeram se inclinar sobre mim e agarrar meus braços, tentando me acalmar.

- Hammmmmmmmmmm ...

- Meu filho, mas o que ...

- O que houve? – Heitor apareceu ali correndo, se inclinando sobre mim, preocupado. – Pai? Está passando mal?

Eu tentava me debater, me soltar, mas meu corpo não reagia. Erguia a mão direita e batia com força no braço da cadeira, agoniado, fora de mim, desesperado.

- Pai? – Joaquim também veio correndo, com Gabi atrás, nervosa, segurando o bebê.

- Que porra é essa? – Pedro segurou minha mão, controlando-a.

- Ham ... ele ... fora ... fora ...

- Mario, se acalma! – Tia se abaixou perto de minha cadeira, sua mão sobre o coração, assustada.

- Padre, o que aconteceu? – Perguntou Heitor.

Eu os assistia e queria falar, gritar, exigir, mas estava limitado naquela cadeira, por culpa dele. DELE! Aquele bastardo que me deixou nesse estado, que me enfrentou a cada segundo da sua vida, que terminou de me destruir. Agora ele voltava para acabar comigo de vez, para terminar o trabalho que havia começado, talvez para se vingar como me ameaçou um dia.

- Eu só estava dando uns conselhos para ele. – Dizia Hamilton, pálido. – Sobre aceitar Eva, e não ter ódio, ainda mais agora que o outro filho voltou ...

- Ah, meu Deus! – Exclamou Tia.

- Puta que pariu! – Xingou Pedro.

Os outros ficaram mudos.

- Ham ... ele ... fora ... agora ... ham ... fora ... sai ...

- Calma, Mario, calma. – Tia estava desolada.

- Não adianta o senhor ficar assim. – Joaquim tentou me acalmar.

- Ham ... cha ... mar ... Ra ... mi ...ro ...

- O delegado? Mas o que ... – Gabi se calou, como se entendesse.

Murmurou para Joaquim: - Ele quer que o delegado expulse o Micah.

- A .. go ... ham ... ra ... – Exigi, quase me engasgando, furioso demais.

- Será que não era melhor ligar para o Theo? Ele saiu daqui agora com Eva. – Indagou Joaquim.

- Não, vamos resolver isso. – Heitor falou. – Senão ele perde o avião e já passou por coisas demais. Pai, escute o que vou dizer. Sabemos tudo o que aconteceu, mas Micah é nosso irmão e voltou em paz. Ele nos ajudou, ficou contra Luiza por nós. Não é nosso inimigo.

- Hammmmmmmmm ... – Rosnei furioso, agoniado por estar preso ali e não poder tomar minhas atitudes, dependendo deles. E então o pavor me dominou, com aquela consciência. Eu não poderia expulsar aquele bastardo da cidade. Não podia pegar o telefone e mandar um capataz me obedecer, nem chamar o delegado ali. Eles me impediriam até mesmo de esbravejar. Eu era a porra de um inválido, dependente, isolado, sozinho em minha ira e em minha dor.

Pensei em tudo que passei, na minha vida desgraçada, na felicidade que desesperadamente procurei e nunca encontrei, nas minhas perdas, em Alice, sempre Alice, e naquele meu fim. O fruto da traição dela, que me deixou naquela condição, voltava agora para me destruir e eu nem podia me defender. Meus filhos acreditavam nele. E talvez abrissem as portas da minha casa para ele. E mesmo assim, eu não poderia impedir.

Gritei por dentro, mas nenhum som saiu. Todos eles me olhavam, mas ninguém me ouviu. E ali eu vi que eu não era mais ninguém. Eu não tinha nada.

Tinha feito de meu jeito e agora, inválido, era obrigado a seguir o jeito deles.

Fiquei quieto enquanto tentavam me acalmar com palavras tolas. Levaram-me para meu quarto, me colocaram na cama, ofereceram água e calmante, cercaram-me de cuidados. Mas eu me fechei em mim mesmo. Abaixei as pálpebras e busquei uma maneira de vencer. Não consegui admitir que eu estava, finalmente, derrotado. Talvez, somente quando Micael aparecesse na minha frente e me desse o golpe final.

*E o que é um homem, senão o que ele tem
Se não ele mesmo, então ele não tem nada
Para dizer as coisas que ele sente de verdade
E não as palavras de alguém que se ajoelha*

*Os registros mostram
Que eu recebi as desgraças
E fiz do meu jeito*

CAPÍTULO 27

MICAH

Na quarta-feira eu estava em minha sala no escritório, um pouco antes do almoço, compenetrado em alguns documentos, quando a porta se abriu e Pedro entrou. Pela cara séria dele, saquei que alguma coisa tinha acontecido e me recostei na cadeira, observando-o enquanto se aproximava e sentava em uma cadeira.

- O que houve?

Ele me olhou e suspirou.

- Micah, lá em casa nossa opinião ficou dividida sobre se você deveria ou não ficar sabendo do que está acontecendo. Não vai poder fazer muita coisa a respeito, mas não queremos esconder nada. Por isso estou aqui.

Eu senti um mal estar me envolver, uma sensação muito ruim. Mas fiquei quieto e esperei.

- O velho descobriu que você está na cidade.

Não chegou a ser nenhuma surpresa. Acho que desde que cheguei em Florada eu sabia que algo assim aconteceria. Mas de qualquer forma mexeu comigo e velhos fantasmas voltaram a assombrar. Vi nitidamente os olhos azuis dele furiosos, o ódio com que me acompanhava, e imaginei como não estaria agora.

Uma dor antiga me espezinhou. Precisei de certo tempo para concatenar as ideias. E então consegui perguntar:

- Ele está com muita raiva?

- Sim.

Acenei com a cabeça. Pedro continuou, um pouco irritado:

- Mas desde ontem finge que nem estamos ali e se recusa a comer e a beber. Hoje Tia ligou para o médico e ele foi lá. Dissemos a ele que se continuar assim, vamos ter que interná-lo.

Senti-me muito mal e levantei, nervoso, esfregando o cabelo. Andei pela sala, raiva e culpa me consumindo, meu coração pesado, apertado.

- Escute, Micah ... – Pedro se levantou também. – Você não tem culpa das escolhas do velho. Ele está furioso e quer uma maneira de demonstrar isso. Vai passar.

- Nunca vai passar, Pedro. Ele está há quinze anos nesse estado por que o deixei assim. Acha que alguém pode esquecer uma coisa dessas? Acha que não sei que, se ele pudesse, me expulsaria da cidade. E sabe por que não pode? Por que eu o transformei em um inválido. – Senti que minhas mãos tremiam. Estava descontrolado, andando de um lado para o outro.

- Sabemos que meu pai quis te matar. Você e ele lutaram. Não foi nada de caso premeditado, mas na luta aconteceu. E porra, Micah, você era saco de pancada dele! Quando estávamos em casa, não deixávamos. Mas quantas vezes ele puxou o cinto e Tia teve que intervir? Ela nos contava tudo.

- Vocês me defendiam, eu também aprendi a me defender, mas as surras não eram constantes, só quando a coisa fugia muito ao controle. O pior era o olhar de ódio sempre em cima de mim. Isso que eu não entendia. – Desabafei e parei perto da mesa, pegando um cigarro do maço e acendendo. Dei uma baforada e isso me acalmou um pouco. Era como se eu sentisse os olhos dele ali, naquela sala.

- O velho foi um ignorante. Ele estava tão obcecado por nossa mãe que nunca descontou a traição nela, ainda mais no estado em que ficou. Você era o lembrete. Mas nada justifica o que ele fez, nada. E se chegou a atirar naquele dia, foi por que ele mesmo o colocou dentro dessa situação.

Eu poderia dizer a ele que demorei para entender aquilo e me perdoar, mas no fundo sempre vivi com o “se”. Se poderia ser de outro jeito. Mas a realidade era só uma: eu o deixei naquele estado.

- Escute, ele vai se acalmar. O médico deve estar lá nesse momento e vamos pressionar para que coma. Tem pavor de hospitais. É turrão, mas não é burro. Talvez eu não devesse ter te contado ...

- Não, fez bem. Quero saber tudo que acontece.

- Você vai ficar bem, irmão?

Eu o encarei e vi que estava mesmo preocupado. Forcei um sorriso.

- Fique tranquilo. Só me mantenha informado do estado dele.

- Pode deixar. – Pedro se aproximou e deu um tapa amistoso no meu ombro. – Se cuida. E se precisar de algo, me avise.

- Certo.

Depois que ele saiu, eu desabei na cadeira, terminando meu cigarro em um desespero silencioso. Não queria que as coisas fossem daquela maneira. Mas não tinha mais como consertar. E isso era fato. Tanto eu quanto Mario Falcão teríamos que conviver com aquilo.

Mas foi difícil demais passar aquele dia. Imaginava como seria a vida inteira com aquele peso, embora eu já tivesse ultrapassado a fase pior.

VALENTINA

Até sexta-feira as coisas ficaram muito complicadas e eu me sentia arrasada ao ver o estado de Micah. Por mais que ele tentasse disfarçar, estava mal. E eu fazia de tudo para cercá-lo de mimos e carinhos, para ver seu sorriso e não aquele olhar triste. Mas entendia o lado dele, como se sentia por ser o motivo de Mario Falcão quase ter sido internado, sabendo que ainda era alvo de sua ira.

Ele só saiu da greve de fome quando ambulância chegou para levá-lo ao hospital. Mas segundo Pedro, se recusava a falar com eles e fazia caso do que diziam. Era como se desprezasse todo mundo e se fechasse em si mesmo, como uma forma de demonstrar sua raiva.

Micah queria saber notícias de Mario e vi nele uma certa fragilidade do passado, como se ainda desse importância à opinião dele. Mesmo consciente de tudo, eu o sentia muito ligado a Mario, não apenas por se sentir culpado, mas por algo mais. Como se nunca tivesse se conformado com tudo aquilo, principalmente com o fato de não ser filho dele.

Cacá também tentou animá-lo e ficou preocupado. Micah fingia estar bem, mas nós o conhecíamos. E fazíamos o que era possível por ele. Só foi melhorar mesmo um pouco na sexta, pois, na quinta, Mario tinha voltado a se alimentar direito. Eu esperava que, com o tempo, tudo se ajeitasse da melhor maneira possível.

Com tudo aquilo, como eu poderia contar a ele sobre Cacá? Parar diante do seu olhar triste e jogar uma bomba daquelas? Não dava e eu só esperava uma oportunidade para isso. Mas sentia meu filho me rondando, esperando que eu cumprisse minha promessa de revelar o nome do seu pai naquela semana, que já chegava ao fim. Antes de sair da casa para o trabalho, ele me abordou um tanto impaciente:

- Vai me falar hoje?

Eu o fitei, nervosa, mas fui o mais sincera possível:

- Hoje não vai dar, mas logo, filho.

- Você está me enrolando.

- Não é isso. Prometo que logo.

- Quando? – Pressionou.

- Só preciso resolver uma coisa antes. Por favor, acredite em mim.

- Como, mãe? – Estava irritado e eu caminhei para a porta, sem saber mais o que fazer, garantindo de lá:

- Só mais um pouquinho. Estou atrasada. Na hora do almoço a gente conversa.

Não lhe dei chance de retrucar e praticamente corri para fora, com o coração disparado e as pernas trêmulas. Até domingo eu tinha que resolver aquilo, mesmo que Micah continuasse chateado. Sentia que meu filho já estava em seu limite. E para falar a verdade, eu também.

CACÁ

Eu fui ficando cada vez com mais raiva naquela manhã, até me convencer que minha mãe estava me enganando. Ela não ia me contar nada. Ia me enrolar e enrolar, achando que eu poderia desistir. Ainda mais agora que estava namorando firme com Micah e sabia que eu gostava dele como amigo e também como um pai. Talvez achasse que, tendo-o com padrasto, eu perdesse a vontade de saber quem era meu pai verdadeiro.

- Sacanagem ... – Murmurei furioso, me sentindo traído e tratado como criança.

De que adiantava ser bom e certinho se a única coisa que eu queria saber da minha mãe ela não me dizia? Estava mais e mais revoltado, o que me fez pegar a garrafa de vinho e beber do gargalo, querendo ver o que ela diria quando chegasse para o almoço. Saberia que eu estava cansado de esperar. Muito cansado.

Coloquei um rock nas alturas e tomei o vinho, disposto a irritá-la. “Chega de ser bonzinho! Chega de ser babaca!”, disse a mim mesmo.

Odiava vinho e qualquer bebida alcóolica, mas tomei para aplacar um pouco tudo aquilo que eu sentia e também para ter coragem de dizer umas verdades quando minha mãe chegasse. E, enquanto bebia e me sacudia na sala ao som do rock, as emoções foram ficando mais exacerbadas, eu fui sentindo uma vontade quase absurda de gritar para o mundo como me sentia, cansado de ficar calado. Se ela não queria me falar, alguém poderia ouvir e se lembrar de algo, até me ajudar.

Fiquei tonto e fora de mim. Achei que já estava na hora do almoço e fui para a cozinha, deixando a garrafa vazia sobre a mesa, saindo ao quintal. Lembrei de Micah e achei que ele poderia me ajudar. Talvez já estivesse em casa. Vi a porta de sua cozinha fechada, mas mesmo assim gritei:

- Micah! Micah!

Nada. Pulei a cerca e, meio grogue, acabei prendendo o pé e caí desengonçado do outro lado, ralando meu joelho. Soltei palavrões que minha mãe não me deixava falar em casa, mas lembrei que ela estava me enganando e comecei a gritar os palavrões mais alto. Passei por sua moto ali perto e fui para sua varanda, empurrando a porta. Esta abriu e eu entrei na cozinha.

_ Micah, você tá aí?

Silêncio. Dei-me conta de que ele às vezes deixava tudo aberto mesmo e já ia sair, quando vi a chave da moto largada sobre o armário.

- Porra, Micah, tu é maluco! Florada não tem ladrão, mas vai que aparece? – Falei sozinho, engrolado. – Alguém pega tua moto e ...

Pensei na vontade que eu tinha de pilotar uma daquelas. De tudo que li sobre motos, inclusive como colocá-las em movimento. Minha mãe ia ficar louca se me visse em uma. Imagina se eu chegasse em frente ao escritório na moto, gritando para todo mundo que ela nunca foi viúva e que eu queria saber quem era meu pai?

Mal a ideia se formou, eu passei a mão no molho de chaves e saí, tonto, batendo a porta atrás de mim. Primeiro escancarei o portão de Micah. Depois voltei e montei na Hayabusa, todo desengonçado, por que era alta e larga.

Cara, que máquina!

Tive certa dificuldade em ligar, mas o painel se acendeu e meu coração disparou em expectativa. Testei a aceleração e meio cambaleante avancei alguns metros com ela, até o portão. Quando cheguei à rua, já me mantinha sem os pés no chão e acelerei mais. Soltei um pequeno grito de vitória quando a moto correu, mesmo que eu ainda me sentisse nervoso e inseguro.

Algumas pessoas passaram e me olharam, surpresas. Uma vizinha chamou meu nome, parecendo assustada. E eu sorri, vitorioso, o álcool me fazendo sentir que poderia tudo. Acelerei mais e senti o vento no cabelo, a incrível sensação de liberdade e me dei conta que dali para frente devia seguir meus instintos, agir de acordo com as minhas vontades, pois minha mãe não se importa realmente comigo.

Eu perdi o controle da moto quando virei na esquina. Fui desacelerar e acelerei, fazendo com que ela desse um impulso rápido e descontrolado para frente e meu coração quase saltasse pela boca, quando lutei para contê-la. Mas era rápida demais e pesada, eu estava sem reflexos e era inexperiente. Fui de um lado para outro, desgovernado e foi então que vi.

O carro não corria, mas eu sim. Ainda tentei sair da frente dele, mas era tarde demais e gritei, em pânico, quando batemos de frente e fui arremessado sobre o capô, rolando e rolando, como em câmera lenta, mas rápido demais. Senti a dor e o pavor, berrei pela minha mãe sem nem perceber, meu corpo como

de um boneco girando no ar e batendo no chão de qualquer jeito, a cabeça e o braço parecendo explodir, insuportável demais para aguentar. Engoli sangue e nos segundos finais tentei pedir ajuda, mas rolei e rolei sobre o meio fio. Nem vi quando parei. Perdi os sentidos antes.

VALENTINA

- Então, marcamos a reunião para segunda-feira? – Perguntei a Micah, sentada atrás da minha cadeira, enquanto ele se encostava na ponta da mesa com uns relatórios na mão.

- É melhor, assim resolvemos tudo de uma vez. – Juntou-os e continuou:
- E que seja aqui, assim não perdemos tempo com deslocamento.

- Certo, pode deixar que vejo isso. E a encomenda para o Continental, foi liberada, Micah?

Continuamos a discutir negócios e eu estava feliz por ver que naquela sexta ele estava mais animado e sem aquela tristeza no olhar. Pensei que talvez pudéssemos fazer algum programa no final de semana com Cacá, quem sabe um piquenique e, assim, relaxássemos um pouco mais. E à noite eu criaria coragem para ter a tão temida conversa com ele em sua casa.

Estava lá, perdida em meus planos, um tanto ansiosa, quando bateram na porta e Eurídice entrou. Eu a fitei, meio distraída, mas algo em sua expressão me alertou. Veio até nós pálida, assustada, nervosa. Micah se levantou quando ela parou ao seu lado, indagando preocupado:

- Aconteceu alguma coisa?

- Sim. Micah, eu não sei como falar ... É que ...

Ele ficou tenso. Comecei a achar que tinha sido algo com Mario Falcão e me levantei, já indo para perto dele, segurando seu braço, fitando Eurídice ansiosamente.

- O que houve, Eurídice?

- Valentina ... Ai meu Deus! Olha, se acalme. Já está tudo resolvido e você precisa ser forte agora.

Não entendi por que ela me dizia aquelas coisas e continuei a olhá-la, algo gelado parecendo nascer na boca do meu estômago e se espalhar por minha barriga. Fiquei paralisada. Micah, na mesma hora, passou o braço em torno da minha cintura, mantendo-me firme contra ele. Havia uma ponta de temor em sua voz quando perguntou em uma só palavra:

- Cacá?

- Sim. – Ela fez uma cara horrível.

- O que aconteceu com meu filho? – Esgancei, com uma voz que não parecia minha. Senti como se fosse desmaiar, minha cabeça girou, as pernas bambearam. Micah me segurou, me amparou, disse algo para me acalmar, mas não entendi. Sentia a bÍlis subindo, o torpor da dor, uma prostração que parecia tirar as minhas forças. – O que ...

- Valentina, ele sofreu um acidente, mas já foi levado para o hospital. Calma, não parece coisa grave, machucou o braço e ...

- Não ... Ah, meu Deus ... não ...

Minhas pernas dobraram. Micah me puxou contra si, forte e seguro, dizendo com firmeza:

- Valentina, precisamos ser fortes agora. Temos que ir até lá, ele precisa de nós. Respire fundo, querida. Isso. Assim. Ele vai ficar bem.

Eu olhei seus olhos e, por mais que Micah tentasse disfarçar, vi seu medo e sua preocupação. A dor me arrasou, eu soltei um grito que pareceu me rasgar junto com a dor, mas lutei comigo mesma. Tentei não desmaiar, reagir e quando ele disse mais coisas, eu não entendi, mas acenei que sim e respirei, lutando contra a sensação de pânico e de que a alma saía do meu corpo.

- Vamos pra lá agora. Você pode andar?

- Posso. – Assegurei e me firmei nas pernas, mas me amparei nele, trêmula demais.

- Vem com a gente até lá embaixo, Eurídice. Conte o que aconteceu. – Pediu Micah, enquanto saíamos da sala, sem me soltar, o seu corpo e o fato de estar comigo me dando forças. Um passo diante do outro já era um sacrifício para mim.

- Eu não entendi direito. Acho que foi atropelado perto de casa. Só sei que machucou o braço e foi levado ao hospital.

Atropelado. Quase urrei de tanta dor, como um animal ferido. Vi pontos brilhantes diante dos olhos, uma certa escuridão, mas briguei contra aquela dor insuportável que tentava me apagar, sabendo que precisava ver meu filho. Ele tinha que estar bem. Tinha que estar bem!

Não sei como cheguei lá. O hospital era ali perto do escritório, atravessamos a praça, Micah não parou de falar comigo e de me abraçar. Eu não entendia uma palavra, mas seu timbre firme e confortador, sua certeza de que tudo daria certo, me deu forças. Minha vontade era de cair no chão e chorar, implorar a Deus para salvá-lo, pois se algo acontecesse com meu filho eu não suportaria, eu morreria. Mas fui em frente, doida para vê-lo, para ter uma garantia de que estava bem.

Fomos à recepção e nos encaminharam ao segundo andar. Chegamos a

um sala de espera e outra recepção. Eu queria falar, mas estava embargada. Era Micah quem perguntava tudo, quem pedia para falar com o médico, quem me amparava. Por fim, uma enfermeira se afastou e voltou com um médico de meia-idade, que conhecíamos de vista da cidade. Foi aí que consegui falar, em desespero:

- E o meu filho? Cadê o meu filho?

- Calma, senhora. Estamos levando-o para a sala de cirurgia e ...

- Cirurgia? – Balbuciei e lágrimas pularam dos meus olhos. Comecei a tremer incontrolavelmente, dilacerada.

- Como ele está? – Micah me segurava firme.

- Está bem, com os sinais vitais estáveis. Apesar de ter batido com a cabeça, não parece sério. No momento está fazendo uma tomografia enquanto esperamos os cirurgiões ortopedista e vascular chegarem. A sala de cirurgia já está sendo preparada. O problema maior foi o braço direito, com fratura exposta e rompimento de algumas veias. Mas fiquem tranquilos, vai dar tudo certo.

- Eu quero ver meu filho – Consegui falar, fora de mim, desesperada.

- Agora não pode. Não podemos perder tempo. Mas prometo mantê-los informados. Preciso ir e cuidar dele.

- Mas o meu filho ...

- Vem aqui, Valentina. – Micah me levou para a sala de espera enquanto o médico se afastava e me fez sentar no sofá, sentando-se ao meu lado, segurando meu rosto entre as mãos, seu olhar quente, firme, cheio de certeza. – Temos que ser fortes e acreditar. Ouviu o que ele disse, Cacá está com os sinais vitais estáveis. Vai fazer a cirurgia no braço e ficar bom. Preciso de você forte. Prometa para mim que vai ficar firme. Prometa.

- Eu ... vou ... – Respirei fundo, lutei contra a dor massacrante, tirei forças do seu toque, da sua presença, do seu olhar.

Naquele momento, Pedro chegou ansioso, vindo rápido até nós.

- Eu soube agora. Como ele está?

Micah explicou superficialmente. Ele se sentou em frente a nós e sacudiu a cabeça, dizendo:

- Eu levei sua moto para casa, Micah. Deixei no seu quintal. Porra, o que deu no Cacá para fazer uma loucura dessas?

- Minha moto? – Micah franziu o cenho e também olhei para Pedro, sem entender.

- Vocês não sabem? – Ele nos fitou. – Cacá pegou sua moto e saiu pilotando, Micah. Mas parece que perdeu o controle e foi direto em cima de um carro.

- Porra! – Micah ficou nervoso. – Eu não tranquei a merda da porta hoje!

Nunca poderia imaginar que ele entraria para pegar as chaves.

Eu estava chocada, sem poder acreditar naquilo. Não conseguia pensar com clareza, mas então lembrei dele me cercando de manhã, querendo saber do pai, dizendo que eu o estava enganando. E seu olhar de raiva e decepção quando saí de casa.

Tinha feito de propósito, por rebeldia, para me atingir. A consciência disso me fez dobrar em duas e chorar copiosamente, desesperada.

- Valentina! – Micah me puxou para seus braços, alucinado de preocupação, tentando me confortar. – Hei, não fique assim, meu bem ...

- É ... culpa ... minha ...

- Não, claro que não. Se alguém é culpado aqui sou eu, de ter deixado a chave tão fácil pra ele pegar. Mas nunca imaginei uma coisa dessas. Escute, depois vemos isso. Você o coloca de castigo o resto do ano! Mas agora temos que ser fortes.

Mas eu não conseguia parar de chorar, minha cabeça rodando, as palavras querendo sair, dizer tudo. Que meu segredo quase matou meu filho e que ele ainda corria risco de morrer. Que eu era a culpada, só eu!

E enquanto Micah tentava me acalmar, Joaquim e Heitor chegaram, junto com Tia. Ela já veio desesperada, nos abraçando, dizendo palavras de conforto, acariciando meus cabelos. Eu me vi cercada por eles, todos abatidos e preocupados, me olhando. Eles, o pai e os tios de Cacá, ali por ele, sem saber que tinham o mesmo sangue.

Desabei de vez e, em meio ao choro, comecei a falar:

- A culpa é minha ... Eu ia contar hoje ... Eu tinha prometido ... Juro que ia falar, mas Cacá não acreditou ... Ele ... Ele

- Calma, minha filha. Você não tem culpa de nada. – Tia acariciava minhas costas enquanto eu estava entre ela e Micah, que me segurava contra si. – Esses jovens são assim mesmo, acham que podem tudo. A cada vez que Micah saía com sua moto ou chegava bêbado, eu morria um pouquinho!

- Mas eu ...

- Com licença. – O médico voltou e todos se assustaram. Levantei de um pulo, cambaleando, desesperada. Micah me acompanhou, sem me soltar, firme comigo, seu braço em volta de mim. – A cirurgia está prestes a começar, mas ele perdeu muito sangue com o rompimento das veias no braço. Precisamos de doadores, pois não temos seu tipo sanguíneo em estoque no hospital. Como são da família, devem ter o sangue compatível.

- Da família, só a mãe. – Explicou Tia. – Mas qual é o tipo de sangue dele?

- É o mais raro, que doa para todos os outros, mas só recebe o seu

mesmo. O negativo.

- O meu é A positivo. – Disse Joaquim, se lamentando.

- O meu também. – Completou Heitor.

Pedro disse quase ao mesmo tempo:

- O nosso. Todos puxamos o sangue da nossa mãe.

- O do meu pai é O negativo. – Recordou-se Heitor. – Porra, mas ele anda tão debilitado!

- O meu é O negativo. – Micah, que tinha ficado estranhamente calado, disse de repente. Eu senti uma onda de alívio, ainda perdida demais em minha dor, então me virei para ele, para agradecer por que ia salvar nosso filho.

Ao mesmo tempo que pensei “nosso filho”, eu vi os seus olhos, fixos, duros, cortantes como um diamante. Percebi como seu braço, de repente, me apertava. E então, quase desfaleci de vez quando ele perguntou baixo:

- Qual o seu tipo sanguíneo, Valentina?

Estava sem voz. Em volta de nós, só o silêncio. E os olhos dele nos meus, chocados e ainda assim assustadores, seu rosto pálido, como se esperasse só uma resposta. Eu soube que tinha chegado ao fim meu segredo quando murmurei:

- B positivo.

Uma espécie de dor veio na expressão dele. Seu olhar ferveu, encheu-se de sentimentos, de uma acusação muda. Seu braço me soltou e eu me senti sozinha, abandonada, apavorada.

O médico indagou:

- O senhor vai ser o doador?

- Sim. – Sua voz era estranhamente firme, mas diferente, mais rouca que o normal. – Eu sou o pai dele.

E eu quase desmaiei. Quase. Seus olhos pareceram me segurar.

MICAH

Não havia tempo a perder e eu segui o médico, ignorando enquanto Valentina murmurava meu nome, cheia de dor. Seu sofrimento não era maior que o meu. Os sentimentos me golpeavam duramente, como apunhaladas. Minha cabeça girava e até o último momento eu achei que havia outra explicação, até me dar conta da realidade que estava o tempo todo diante dos meus olhos e não vi.

Tudo veio junto. Aquele sonho que me acompanhava desde os dezoito

anos, quando acordei perto da cachoeira, de uma voz e um corpo cheios de acolhimento, da sensação de que uma mulher tinha estado comigo. O meu pau com sangue, que nunca soube explicar e deixei esquecido no fundo da mente. A ansiedade dela quando nos encontramos na padaria, vindo falar comigo como se esperasse algo, quando nunca tinha tido coragem de se aproximar antes.

E muito mais. Seu ódio por mim quando voltei, sem explicação. O fato de ter engravidado naquela época, quando todo mundo sabia que não tinha namorado. A vez que a vi se masturbar na cama e seu movimento me pareceu familiar. Como foi familiar o seu beijo, o seu toque, o seu corpo contra o meu. Era como se aquela sensação se tornasse real e era mesmo, por que minha mente poderia não lembrar, mas meus sentidos e meu corpo sim, e eles tentaram me avisar o tempo todo.

Por isso ficava nervosa quando eu falava do passado ou quando perguntava se ela sentia aquilo que parecia haver entre nós. Por esse motivo ficou tão pálida e desesperada perto da cachoeira. Tudo ali, na minha cara, e eu sem entender, como um tolo, burro, idiota.

Sentei e tiraram meu sangue para uma bolsa. Fechei os olhos, ainda abismado demais com tudo aquilo. Eu devia ter estado realmente muito bêbado para que não lembrasse de Valentina chegando, transando comigo e indo embora. Se não fosse o olhar dela, de culpa e desespero, eu acharia outra explicação. Mas a verdade estava lá. Sempre estive lá.

Meu filho. Uma emoção indescritível me percorreu dos pés à cabeça e fez meu coração disparar muito forte. Cacá era meu filho. O mesmo tipo de pele e de cabelo, os dentes separados, o gosto por rock e moto, a amizade que fluiu entre nós desde o começo, o carinho que senti por ele, forte e sincero, inexplicável. Ou pelo menos eu achava que sim. Era o sangue, o reconhecimento visceral antes do racional, o cheiro da cria.

E apesar de tudo que me acometia naquele momento, uma felicidade muito íntima latejou dentro de mim. Ele era meu filho e não havia outro que eu desejasse nessa posição mais do que Cacá. Fiquei embargado, sua imagem ficou vívida em minha mente e não pude conter o desespero que me envolvia desde que soube do seu acidente. Lágrimas desceram silenciosas dos meus olhos fechados e eu soube que não poderia perdê-lo. Nunca. Principalmente agora que eu sabia dele, que eu o tinha encontrado.

Chorei quieto, abalado por dor e desespero, por felicidade e agonia, por amor e sentimento de traição. Mas com isso eu teria que lidar depois. No momento, eu só queria me concentrar no meu filho, salvá-lo de alguma maneira, saber que, mesmo tendo perdido catorze anos de sua vida, agora eu estava ali e poderia ajudá-lo.

Quando acabou e levaram a bolsa de sangue, eu já havia me recuperado mais e fui ao banheiro. Lavei e enxuguei meu rosto, fiquei um tempo lá, apoiando as mãos na pia, perdido dentro de mim mesmo. Só então saí, recuperado, voltando para a sala de espera.

Pedro, Heitor e Joaquim conversavam baixo em um canto, com cara de preocupados. Tia confortava Valentina no sofá, que não parava de chorar, rosto vermelho e inchado. Todos me olharam e ela se levantou cambaleante, seus olhos suplicantes, sua voz arrasada:

- Eu ia contar, Micah.

- Quando? – Fiquei parado, olhando-a.

- Hoje ou amanhã. Eu só esperava você ficar bem. Eu disse a Cacá que ia contar... – Lágrimas desciam pelo rosto dela. – Mas eu tinha que falar com você primeiro. E agora... agora...

Doeu meu coração vê-la assim. Mas eu também estava no mesmo estado e me sentia traído, enganado. Descobri que era pai de Cacá quando ele estava em uma cama de hospital, depois de ter estado na companhia dele e de Valentina como uma família, me feriu. Eu poderia até entender o passado, sua opção de seguir sozinha já que não me lembrava dela e sumi no mundo. Mas não aceitava seu silêncio depois do que houve entre nós e de nos tornarmos tão íntimos. Era aquilo que mais doía em mim.

- Se não fosse essa tragédia, você não me contaria, Valentina.

- Contaria! Eu juro! – Veio até mim, ansiosa, aflita, mas recuei, fiz um gesto com a mão para que parasse e ela obedeceu.

- Não tenho condições de falar sobre isso agora. Só fique longe de mim.

- Micah ... – Ela se alquebrou, a dor rasgando sua voz, o choro voltando a sacudi-la.

Tia me olhou com pena e pedi:

- Cuide dela, Tia. Por favor.

- Claro. Vem aqui, Valentina. Tudo vai se resolver, minha filha, vocês estão nervosos demais. – Abraçou-a, levando-a ao sofá.

Valentina foi, mas sem tirar os olhos de mim.

Eu estava muito mal para ajudá-la, para tocar nela. A sensação de traição, de ser excluído, de não ser importante, doía demais dentro de mim. Segui até meus irmãos, meio sem rumo, buscando algum apoio, algum conforto.

Heitor passou o braço ao redor do meu ombro e disse baixo, com afeto:

- Depois que isso tudo passar, você vai ver que ganhou um presente. Um filho.

- Eu sei. Mas agora ... – Eu me calei.

- Micah, achamos que você ganhou mais do que isso. – Pedro me olhou,

da sua maneira direta.

Franzi o cenho, sem entender.

- Talvez não seja hora. – Opinou Joaquim.

- Hora de quê? – Tentei prestar atenção no que diziam.

Heitor me soltou, mas não saiu de perto. Explicou:

- Podemos estar enganados, mas é uma possibilidade.

- Digam de uma vez.

Sentadas no sofá, Tia e Valentina também podiam ouvir a conversa. E foi Heitor quem continuou, seus olhos escuros fixos nos meus:

- Sabemos que os filhos nascem com o tipo sanguíneo do pai ou da mãe. Você e Cacá tem o mesmo 0 negativo. Nós temos o A positivo da nossa mãe. Theo tem o do nosso pai. 0 negativo. Como você, Micah.

Eu não estava preparado para mais um choque naquele dia. Mas fiquei paralisado, quando o entendimento daquilo me arrebatou de uma vez só. Havia um silêncio pesado ali e não consegui falar nada, completamente abalado por aquela possibilidade.

Lembrei-me de como busquei por anos o amor de Mario, quando me odiava e destratava. E como doeu depois saber que eu não era seu filho, que aquele amor nunca existiria. Desenvolvi por ele uma dependência que, mesmo após toda tragédia entre nós, ainda me dava a sensação de que ainda devíamos algo um ao outro.

Consegui recuperar minha voz e busquei uma explicação lógica:

- Pablo Amaro podia também ter sangue 0 negativo.

- Meu Jesus ... – Tia murmurou em agonia e virei para olhá-la. Estava pálida, com a mão no peito. – Nunca fizeram exame para saber. Seu pai viu os bilhetes de Estela, chantageando Alice por que você era filho de Pablo, e então ela se desesperou e tentou se matar. Todo mundo deu isso como certo e na época acho que não tinha esse negócio de DNA. E agora ... meu Deus, será que o tempo todo você era filho de Mario?

Eu estava gelado, meu corpo dormente, a mente se recusando a funcionar direito.

- Mas hoje tem o exame. – Disse Pedro. – Li que em alguns lugares o resultado sai verbalmente em três dias úteis e por escrito em cinco dias, para teste de paternidade. É bem mais caro, mas isso não importa. Acabamos com essa dúvida de uma vez.

- Quanta tragédia podia ter sido evitada ... tanta dor – Tia começou a chorar, se levantou e veio até mim. – Ah, Micah, meu menino ...

Ela me abraçou e a abracei de volta, chocado, abalado por sensações agonizantes, minha mente girando loucamente com tudo aquilo.

Por sobre a sua cabeça, olhei para Valentina sentada no sofá, tão arrasada quanto eu, seus olhos me dizendo muitas coisas.

Tive muita vontade de ir até ela e puxá-la para meus braços. Senti falta do seu corpo me dando acolhimento, de seu cheiro me dando paz, da sua presença, para que soubéssemos que tudo daria certo.

Mas eu nunca me senti tão perdido como naquele momento. Magoado com ela e precisando dela. Precisando desesperadamente saber que Cacá ficaria bem. E se Mario era meu pai. O que parecia quase certo.

E então me dei conta de algo. De que passei quinze anos longe do meu pai e longe do meu filho. Privado, isolado, sozinho, tolhido em mim mesmo.

A última vez que vi meu pai, seu sangue foi derramado. Por mim. Agora que descobria meu filho, o meu sangue ia para ele. Três gerações abaladas. O sangue separou. E agora, talvez, fosse juntar.

Parte 3 – RECOMEÇOS

*“(...) Como eu queria
Como eu queria que você estivesse aqui
Nós somos apenas duas almas perdidas*

*Nadando num aquário
Ano após ano
Correndo sobre o mesmo velho chão
O que encontramos?
Os mesmos velhos medos
Queria que você estivesse aqui.”
(Pink Floyd, Wish you were here)*

CAPÍTULO 28

VALENTINA

Nunca tinha doído tanto. A minha alma e o meu coração. Talvez só a morte fosse suficiente para diminuir aquele sofrimento que vinha das entranhas, que se espalhava lento e aterrador, que latejava como uma coisa viva bem no centro do meu ser. Por que nada parecia aliviar nem me dar algum consolo.

Era horrível ficar lá sentada esperando notícias, desesperada por meu filho na mesa de cirurgia, rezando com todas as minhas forças para que ele ficasse bom e sem sequelas. E ver Micah diante de mim, pálido e com a mesma dor, tão perto e ao mesmo tempo tão distante, só acabava ainda mais comigo.

Ele não me olhava. Parecia isolado, em um mundo só seu, o semblante mais sério e transtornado do que já vi um dia. Eu não tirava os olhos dele, suplicando em silêncio, precisando alucinadamente dos seus braços em volta de mim. Se estivesse comigo, seria mais fácil de suportar. Assim como eu também precisava de conforto, também queria confortá-lo.

Imaginava como estava sua cabeça naquele momento. Descobrir no mesmo dia que era pai e era filho. Que foi privado de ambos por motivos diferentes, mas com consequências iguais. Lágrimas escorreram dos meus olhos ao lembrar tudo que me contou, os quatro anos que passou no inferno, as drogas e a culpa ... Meu Deus, tanta dor! Tanta dor que poderia ter sido evitada!

Como eu queria ter estado com ele... Como eu queria mudar tudo... E ao menos ali, só ir para o colo dele e dizer o quanto o amava, o quanto tive medo de perdê-lo depois de passar uma vida inteira sem esquecê-lo. Que nunca, nunca, eu quis magoá-lo.

Mas apenas chorei, quieta, enquanto Tia afagava meu braço e os irmãos dele me olhavam com pena. O tempo todo olhando para Micah e ele lá, largado na cadeira, imóvel, olhos perdidos no pedaço de céu que aparecia pela janela.

Ele só se moveu quando o médico entrou na sala de espera.

Meu coração revirou. Eu me ergui nervosa, como todos, enquanto o cercávamos. Ele sorriu:

- Está tudo bem e Carlos Miguel está sendo levado ao quarto neste momento. Vai ter que ficar com o braço imobilizado por enquanto e vir aqui ao menos duas vezes por semana, mas felizmente os ligamentos e nervos não foram afetados e ele é jovem, logo estará bom. O ferimento na cabeça foi apenas superficial. Acredito que poderá ter alta amanhã, no final do dia.

O alívio me engolfou. Foi como se finalmente eu parasse de me afogar e conseguisse chegar à superfície e respirar. Vi o sorriso de todos, o mesmo alívio no rosto de Micah, enquanto Tia apertava o braço em volta da minha cintura e dizia como em uma prece:

- Graças a Deus foi só um susto, o menino de vocês vai ficar curado!

Micah olhou para mim. Por um momento, fomos só nós dois, pai e mãe, comemorando em silêncio a vitória do nosso filho. Mas antes que eu pudesse ir até ele, tocá-lo, dizer alguma coisa, desviou o olhar, seu semblante sem esconder a mágoa, perguntando ao médico:

- Podemos vê-lo?

- Sim. Uma enfermeira virá avisá-los quando ele estiver no quarto. Esperem só mais um pouco, ele já está se recuperando da anestesia. Com licença.

Afastou-se. Então não aguentei e fui até Micah. Tia e os irmãos dele se afastaram. Eu segurei seu braço e fiquei à sua frente, para que não deixasse de me ver. Pedi embargada:

- Você me perdoa? Preciso explicar tanta coisa, Micah ...

- Agora não.

- Mas eu ...

- Agora não, Valentina. – Sua voz era fria e foi isso que mais doeu. – Preciso de um tempo. No momento não consigo olhar para você sem parar de pensar que me enganou, omitindo esse tempo todo que ele era meu filho, mesmo com tudo que houve entre nós.

- Mas eu ia contar ...

- Quando? Quando eu voltasse para o Rio? No dia do casamento dele? – Tirou o braço da minha mão, irritado, a raiva brilhando crua em seus olhos. – Esse não é o momento nem o lugar para isso. Não estou em condições, nem você, de ter essa conversa agora.

E me deu as costas, se afastando para a janela.

Lutei para não chorar mais e voltei para o sofá, sentando sem nem me dar conta do que fazia. Tia segurou minha mão e disse baixinho:

- Vou te contar uma coisa sobre o Micah.

Olhei-a, dolorida demais. A senhora disse mansamente:

- A raiva dele dura pouco. Sempre foi assim. Se magoa, estoura, mas depois para, pensa e se abranda. Você vai ver. Só dê o tempo que ele precisa. Então poderão conversar com calma e tudo vai se resolver, tenho certeza.

Eu assenti, lutando para acreditar nela, para me agarrar àquela esperança.

Depois de algum tempo, a enfermeira apareceu e avisou que os pais poderiam ver Cacá. Micah veio nervoso de perto da janela. Eu me ergui ansiosa, louca para estar com meu filho. E a seguimos silenciosamente até o quarto.

Doeu meu coração ver meu filho naquela cama com o braço esquerdo imobilizado ao seu lado, pálido, com um escalpe no outro braço, de onde recebia soro e medicamentos. O lençol verde claro o cobria até o peito e seus cabelos eram desordenados como os de Micah. Ele nos buscou com os olhos, assustado, arrependido, dizendo logo:

- Micah, desculpe ter pego a sua moto, eu ...

- Depois a gente conversa sobre isso. – Micah chegou de um lado dele e eu do outro. A emoção era palpável no ar e me inclinei sobre ele, voltando a chorar, tocando-o e beijando-o, sentindo-o real e vivo.

- Mãe ... me perdoa ... – Cacá começou a chorar também. – Eu juro que nunca mais faço isso.

- Xii, acabou, filho. Acabou. Só me deixa ter certeza de que está bem ... – E passei a mão em seu cabelo, beijei seu rosto, sequei suas lágrimas. – Que susto, Cacá ... Que susto ...

- Me perdoa, mãe. Me perdoa, Micah. – Parecia um garotinho, aprendendo da forma mais dura que todos os nossos atos e escolhas tinham consequência. Depois eu conversaria com ele, brigaria se fosse preciso, mas agora eu só queria estar com ele, cuidar dele.

Micah tocou o braço dele que não estava machucado, sem tirar os olhos de seu rosto. Vi ali seu encantamento, sua felicidade íntima, quase inacreditável. Cacá desabafou:

- A senhora disse que ia me contar logo quem era meu pai, mas não acreditei. Eu bebi um pouco do vinho, fiquei alucinado, fui chamar o Micah. Vi a chave e não sei o que me deu ... – Calou-se, embargado. – Eu me rebele e ...

- Não se canse, acabou de sair de uma cirurgia. – Pedi e acaricie seu cabelo, fitando seus olhos. Murmurei: - Me perdoe, filho. Me perdoe por tantas vezes que pediu, que implorou e eu ... eu ...

- Então me diz agora, mãe. – Pedi baixinho.

Eu olhei para Micah. Ele olhou para mim, seu rosto cheio de emoções, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas. E ali soubemos que era o

momento. Quando ele virou para Cacá e segurou a sua mão, eu me calei. Foi como se finalmente algo pesado e duro me deixasse. E apenas os olhei.

- Cacá ... – Micah o chamou, atraiu seu olhar. E então disse baixinho: - Eu sou o seu pai.

Ele ficou muito quieto, perplexo. Franziu as sobrancelhas, como se não pudesse acreditar.

- Você quer dizer que ... – Balbuciou. – Que sente como se fosse meu pai.

- Não. Eu sou o seu pai. Você é meu filho. Descobri hoje, Cacá.

Micah estava muito emocionado e meu coração se apertou ao ver as lágrimas em seus olhos. Engoli em seco e fitei meu filho. Por fim ele viu a verdade e abriu a boca, mas nenhum som saiu. Então, seus olhos também marejaram e deu uma risada.

- Não posso acreditar. Micah, você ...?

- Sim.

- Eu queria tanto que fosse você! – Começou a chorar. – Era o único pai que eu queria ...

- E você era o único filho que eu queria, moleque. – Não aguentou e se inclinou sobre ele, beijando seu cabelo, embargado, os dois com as mãos firmemente dadas.

Eu chorava em silêncio, sem poder parar de olhá-los, dilacerada pela culpa, exaltada de felicidade.

Micah sorriu e Cacá também. Então riram juntos, mesmo com os olhos molhados.

- Meu Deus ... Mas como isso é possível? – Sem entender nada, olhou de Micah para mim. – Mãe, o que ...

- Eu depois explico com calma, filho. Mas eu e Micah éramos muito jovens e engravidei em uma noite que ele estava bêbado. Nunca se lembrou o que aconteceu e foi embora. Eu tive muita vergonha. E assumi você sozinha.

- Mas mãe, quando ele voltou, por que não falou?

Eu olhei para Micah e murmurei:

- Tive muito medo. De perdê-lo.

Micah ficou muito quieto, fitando-me. Parecia haver uma luta interna dentro dele e lembrei de seu pedido por um tempo. Respirei fundo e voltei para Cacá.

- Você tem que ficar bom e sair daqui logo. Então podemos conversar. E tudo vai se ajustar.

- Tá. Vou ficar bom. E agora ... Agora estou feliz! – Sorriu, exultante. – Micah é meu pai! Cara, como vou me acostumar a te chamar de pai?

- Ai de você se não o fizer. – Micah sorriu, fazendo-o rir mais.

Tinha começado com uma tragédia e com lágrimas.

E terminava em sorrisos.

Eu ainda tinha os dois em mim.

Mas agradecia a Deus pela vida do meu filho e pela felicidade dos dois. A minha só seria completa quando eu tivesse Micah de volta na minha vida e Cacá em casa.

Tentei ser forte e paciente. E fazer o que eu tinha feito a vida inteira: esperar Micah vir para mim.

MICAH

Eu estava ainda chocado com tudo, triste, feliz, radiante, arrasado, confuso. Foi muita coisa acontecendo e, quando saí do hospital, eu tinha um filho, estava muito decepcionado com Valentina e tinha uma possibilidade de não ser um bastardo. Meus irmãos foram eficientes e na sexta-feira mesmo foi coletado meu sangue para o exame de DNA e uma pessoa do laboratório foi coletar o de Mario Falcão.

Valentina ficaria com Cacá no hospital e fiquei com ele enquanto Heitor a levava em casa para pegar algumas coisas. Nesse tempo eu e meu filho conversamos, nos tornamos mais íntimos, criamos um novo vínculo em cima do que já tinha. Era como se não pudéssemos tirar os olhos um do outro e quiséssemos colocar catorze anos em dia.

Quando Valentina voltou, disse a ele que voltaria de manhã para vê-lo e que devia descansar. Despedi-me dela sem muita conversa, gostando de ver que tinha tomado um banho e estava menos pálida, mas querendo que ficasse bem.

Depois foi a vez de me despedir de Tia e meus irmãos, que não me prenderam com conversa, vendo como eu estava cansado. E só então fui para minha casa.

Pedro havia dito que a moto estava inteira, só havia um amassado no para-lama, mas pouco liguei para aquilo. Podia ficar destruída, eu só queria saber do meu filho. Assim, nem parei para olhar o estado dela, só pensando em tomar uma chuveirada, fazer um café bem forte e fumar um cigarro.

E assim fiz. Meu corpo pedia comida, mas estava enjoado. Acabei parando no sofá da sala, a televisão ligada, mas sem que eu prestasse atenção. E a única coisa que consegui comer foi um chocolate, um pouco mais calmo.

Fiquei um tempão pensando em minha infância, minha vida na fazenda, que foi boa até os nove anos de idade. E então minha mãe tentou se matar,

mergulhou naquele estado catatônico, meu pai começou a me odiar e destratar. Dali até os dezoito anos foi revolta, briga, surra, sofrimento. Minha mãe morreu e entendi que eu era um bastardo.

Agora, havia aquela chance de que sempre tivesse sido filho de Mário. Quantos anos de sofrimento por um erro! E o que mais me afligia: eu ter atirado no meu próprio pai. Quando tentou me matar.

Terminei o chocolate e fechei os olhos, deitando no sofá, bombardeado pelas imagens daquele dia, pela dor e pelo desespero. Deixei tudo vir, até ficar emocionalmente exausto, cansado de tanto lembrar o passado.

Depois, só consegui pensar em Valentina. O quanto eu havia me apaixonado por ela em tão pouco tempo, o quanto estava feliz, nos meus planos de pedir transferência para a ABIN de Minas Gerais e ficar mais perto dela. E agora aquele golpe. Saber que, mesmo ciente de como eu me sentia em relação a não ter um pai e minhas carências, ela não me disse nada. Ela me deixou ficar perto de Cacá sem saber que era meu filho. E isso estava muito difícil de aceitar.

Em meio a tudo aquilo, vinha a felicidade que senti por tê-lo agora na minha vida, por ser uma parte de mim. Lamentei demais os anos longe dele, o fato de não ver seus primeiros passos e sorrisos, ouvir suas primeiras palavras, ser privado de tanta coisa. Mas disso eu não podia culpá-la. Sumi no mundo de tal maneira que nem meus irmãos me encontraram, apesar de passaram anos tentando.

Pensei em tantas coisas, que acabei dormindo no sofá e só fui acordar na manhã de sábado. Tomei mais um banho, um café da manhã reforçado e fui para o hospital. Cumprimentei Valentina, sem conseguir olhar muito para ela, ainda magoado. Mas brinquei com Cacá e beijei sua testa, enquanto me dizia que tinha sentido dor na noite anterior, mas que agora estava bem.

Ele teve alta naquela manhã, com várias recomendações. Peguei o carro de Valentina e os levei para casa, depois voltei e comprei seus remédios.

Cacá quis ficar na sala vendo televisão e foi acomodado lá, com todo conforto. Valentina fazia de tudo por ele, mas parecia exausta, com grandes olheiras escuras, abatida. Fiquei preocupado com ela e falei para ir descansar, que ficaria com Cacá, mas não aceitou e foi fazer comida.

Eu não ia almoçar com eles, pois havia um clima ruim entre nós, mas ela pediu com olhos tristes e Cacá insistiu. Por fim fiquei lá e, quando viu que batíamos um papo animado na sala, ela foi para o quarto tomar banho. Demorou muito e não quis me importar, mas dei um pulo rápido lá e a vi deitada de lado na cama, enrolada em um robe preto, os cabelos molhados, tão cansada que havia pegado no sono.

Olhei-a em silêncio durante um bom tempo, com saudade dela, com

vontade de ao menos sentir o seu cheiro, mas sem poder ainda acreditar no seu silêncio e falta de confiança, quando me abri tanto com ela. Saí do quarto com o coração pesado e fui fazer companhia a Cacá.

- Micah, quer ver um filme?

- Micah? – Franzi o cenho, pois ele ainda tentava se acostumar com meu novo título e eu o cobrava toda hora.

- Pai. – Murmurou e ficou vermelho, os olhos brilhando. – Pai, quer ver um filme comigo?

- Claro. É de mulher pelada?

Ele riu com gosto.

- Minha mãe não me deixa ver essas coisas.

- Ah, mas agora você tem um pai. – Sorri, me jogando em uma poltrona. – Está na hora de começar a ficar esperto com essas coisas.

E aí rimos e ele confessou que trocava com os amigos revistas da Playboy, o que achei graça. Passamos uma tarde muito boa e Valentina só desceu depois de horas, se desculpando por ter dormido tanto, a aparência bem melhor. Seu jeito meio lânguido me fez lembrar como ficava depois que transávamos e senti meu corpo reagir de desejo e de vontade de tocá-la, mas quase nem me movi.

Despedi-me de Cacá quando escureceu, dizendo para me chamar se precisasse de alguma coisa. Ele lançou um olhar para a cozinha, onde Valentina estava, depois falou baixinho:

- Você está com raiva da minha mãe por que ela não te contou nada?

- Deixa pra lá, Cacá. Depois passa. – Desconversei.

- Acho que ela ficou com medo, pai. Gosta muito de você.

- E como sabe disso?

- Nunca viu como ela te olha? E lá no hospital, ela conversou comigo. – Baixou mais a voz. – Disse que sempre amou você, mas era gorda, você nem olhava para ela. A vez que olhou, que a engravidou, esqueceu. Ela ficou magoada, mas nunca te esqueceu.

Eu o olhava, fixo.

- Ela disse que sempre me amou?

- Sim. E que ainda ama.

Fiquei balançado, abalado. Meu coração doía. E ali, me sentindo tão traído e magoado por ela, entendi por que. Não era só paixão. Nem só gostar. Eu também a amava.

Levantei, nervoso, esfregando o cabelo.

- Cacá, depois resolvemos isso. Preciso mesmo ir e tomar um banho.

- Tá. Mas amanhã você volta?

- Claro que sim. – Sorri e beijei sua cabeça, ainda feliz demais por ser meu filho. – Se cuida, moleque.

- Pode deixar, pai.

Fui para a cozinha e Valentina me olhou ansiosa, nervosa, virando-se da pia onde fazia sanduíches.

- Já vai? Não quer ficar e comer com a gente?

- Não, eu preciso ir.

- Então, leve um sanduíche.

- Não, obrigado.

Era estranho sermos tão formais com tantos sentimentos entre nós. E mesmo abalado com o que Cacá tinha dito sobre ela ter confessado que me amava e eu saber que a amava também, aquela mágoa ainda estava lá, latejando dentro de mim, doendo pra caralho.

- Se precisarem de alguma coisa, chamem. – Avisei, minha voz contida, até fria.

- Tá.

- E durante a semana, deixe que assumo o escritório. Pedro ficou de passar por lá e me ajudar. Fique cuidando de Cacá.

- Certo. Mas pode trazer trabalho para que eu faça em casa.

- Veremos isso com calma. Agora, preciso ir. Boa noite. – Caminhei até a porta.

- Micah ... – Sua voz era baixa, uma súplica. – Fique.

- Não posso.

- Micah.

Chamou de novo e parei, de costas para ela. Disse bem baixinho, emocionada:

- Eu te amo.

Senti meu corpo se retesar todo. Meu coração bateu alucinado, o sangue correu tão forte que cheguei a pensar que teria um infarto ali mesmo. Quase virei. Quase. Mas a dor ainda estava lá. Assim, fingi que não tinha escutado e saí, deixando-a sozinha.

A semana foi corrida e com muito trabalho. Eu tentei dar conta de tudo, Pedro ajudou, deixei algumas coisas com Valentina em casa, mas o duro quem pegou mesmo fui eu. Quando saía do escritório, ia ver Cacá antes de tudo e conversávamos, com uma intimidade e um amizade que sempre tinha existido, mas que agora era ainda mais forte.

Valentina sempre me chamava para jantar ali, mas eu recusava e fazia

sanduíches em casa ou um jantar rápido. Nossa relação era pesada, confusa, um tentando respeitar o espaço do outro. Ela parecia abatida, arrasada, muito quieta. Fitava-me com um amor silencioso e uma tristeza que doía dentro de mim. E eu tentava passar por cima de tudo que me magoava, mas estava confuso demais. E nervoso, pois, além de tudo, receberíamos o resultado de DNA no dia seguinte.

Eu me preocupava com ela, pois tinha emagrecido e estava pálida. Cheguei a perguntar se estava comendo, mas me garantiu que estava bem. Senti-me horrível por fazer aquilo com Valentina. Tinha momentos que precisava demais tocá-la, abraçá-la e queria acabar com aquele sofrimento todo. Mas ainda não estava em condições nem sequer de conversar.

Sozinho em casa, antes de dormir, eu olhava para as paredes e pensava, ou simplesmente ouvia uma música. Principalmente aquelas que me lembravam momentos que passei com ela, como a do *Pink Floyd, Wish You Were Here* que confessei adorar quando estávamos no carro indo para a FeiCorte e parei para fazermos amor, ouvindo-a.

A tradução se encaixava perfeitamente para os momentos que eu vivia e a ouvi incansavelmente naqueles dias.

“(...)Como eu queria
Como eu queria que você estivesse aqui
Somos apenas duas almas perdidas
Nadando num aquário
Ano após ano
Passando pelos mesmos velhos lugares
E o que encontramos?
Os mesmos velhos medos
Queria que você estivesse aqui.”

Na quinta-feira, cheguei ao escritório nervoso, tremendo por dentro, sem conseguir me concentrar direito no trabalho. Passava das dez horas da manhã quando eu levantei para esticar as pernas e fumar um cigarro, pensando que o resultado do teste de paternidade sairia naquele dia. Já ia tirar um cigarro do maço quando a porta se abriu e Pedro entrou, seguido por Joaquim e Heitor. Meu coração falhou uma batida quando vi suas expressões sérias e o envelope na mão de Heitor. Ele explicou:

- Acabamos de receber.

Acenei com a cabeça, largando o maço sobre a mesa, sem conseguir falar. Eles se aproximaram e pararam perto. Os olhos de Joaquim ficaram marejados e não entendi se de alegria ou de tristeza. Por fim indaguei:

- O que deu aí?

Heitor sorriu. Pedro falou orgulhoso:

- Você é um Falcão.

Fiquei muito quieto. Mas por dentro tudo gritou, sacudiu e rebuli. Não entendi se era desespero ou felicidade, talvez uma mistura dos dois. Eu nunca fui um bastardo, nem fruto de uma traição que destruiu tantas vidas. Eu era cem por cento Micael Cruz Falcão.

- Porra, me dá um abraço, irmão! – Pedro já veio todo bruto me agarrando, batendo nas minhas costas.

Eu acabei dando uma risada.

- Sai daí! – Heitor empurrou-o e sorriu, abraçando-me, dizendo com carinho: - Somos filhos do mesmo pai e da mesma mãe, Micah.

- Eu sei.

- Irmão ... – Foi a vez de Joaquim me abraçar, mas ele já chorava. – Cara, não acredito ...

- Vem cá. – Eu o abracei, lembrando como sempre gostou de mim e me seguia pela fazenda, como ficava triste quando me via sofrer, sendo ele só um garoto.

- Hei, nada de chororô aqui! Vamos comemorar mais tarde! Encher a cara! – Pedro deu uma risada.

Acabamos rindo, mas eu ainda me sentia abalado, sem saber ao certo o que era mais forte dentro de mim. Sacudi a cabeça.

- Nunca fui irmão de Luiza, nem tio de Eva nem de Gabi.

- Pois é. – Heitor acenou a cabeça, concordando. – Tanta confusão e o tempo todo você era um Falcão.

Eu engoli em seco e os olhei. Perguntei baixo:

- Ele já sabe?

- Não. Vamos agora na fazenda mostrar o exame para nosso pai. – Heitor esfregou a barba e suspirou. – Imagino como vai ser pra ele.

- Vem com a gente, Micah. – Chamou Joaquim.

- Não. – Falei na hora.

- Vem, irmão. Se quiser, entramos e falamos primeiro com ele. – Começou Pedro. – Depois você ...

- Não. – Fui mais firme. – Não é apenas um simples caso de paternidade confirmada, que acaba com pai e filho se abraçando. Muita coisa aconteceu. Eu o coloquei naquela cadeira de rodas. Talvez esse exame aí não mude nada para ele.

- Duvido, Micah. – Heitor me olhou com calma. – Tenho certeza que vai mudar muita coisa.

- Vamos ver. – Para disfarçar meu nervosismo, indaguei: - Tia e Gabi já sabem?

- Também não. Vamos falar para elas e depois ligar para Theo. É bem capaz dele ficar preocupado ou querer voltar da Grécia, mas vamos garantir que está tudo bem. – Joaquim sorriu. – Imagino como ele vai ficar feliz!

Sorri também.

Depois que eles foram embora, desabei na cadeira e apoiei a cabeça nas mãos, abalado demais. E indaguei a mim mesmo o que o destino ainda reservaria para mim.

CAPÍTULO 29

MARIO FALCÃO

Já era quase hora do almoço e eu estava sem fome. Mas nem isso eu podia escolher, se queria comer ou não. Vinha a enfermeira, Tia, meus filhos, todo mundo me tratando como um bebê, tendo hora para comer, hora para dormir, hora pra tudo. Nem a porra de uma greve de fome eu podia fazer em paz, lá vinham eles com ameaças de me internar, sabendo que eu odiava hospital.

Comia e bebia forçado só por isso. Mas achei outra maneira de demonstrar meu ódio pelo bastardo estar de volta na cidade. Eu fingia que nenhum deles existia. Não os olhava, não fazia esforço para responder, ignorava todo mundo. E pensava cada vez mais que aquilo que eu tinha não era vida. Era uma prisão em um corpo inútil e nas vontades dos outros, do que decidiam pra mim.

Estava em minha cama quando eles entraram. Ia simplesmente fingir que não estavam ali, mas estranhei que viessem todos juntos. E que Gabi e Tia estivessem com os olhos vermelhos de tanto chorar. Olhei-os atentamente e fiquei nervoso, sabendo que havia alguma coisa errada. Só podia ser ELE. Na certa mostrou a que veio e começou sua vingança, fazendo alguma maldade, o sangue Amaro em sua veia falando mais alto.

Agora eles me dariam razão. Veriam que Amaro era inimigo. A única que eu achava que poderia ser diferente era Gabriela. Mas mesmo assim a evitava também e não me surpreenderia se quisesse nos fazer mal de repente.

Pela primeira vez, em dias, não os ignorei e olhei-os diretamente, esperando uma resposta. Exigindo silenciosamente.

- Pai, temos que contar uma coisa ao senhor. – Heitor, que era o meu filho mais calmo e centrado, mais bem resolvido, se aproximou da cama e sentou na beira, observando-me com atenção. Trazia um envelope na mão.

Tia e Gabi estavam de braços dados perto da porta, Joaquim ao lado delas protetoramente. Pedro se encostou na cômoda em frente à cama, concentrado em mim.

- Ham ... – Rosnei irritado com aquele suspense todo, já ficando nervoso.

- Muita coisa aconteceu desde sexta-feira, o que levantou algumas desconfianças da nossa parte. – Heitor era cuidadoso com as palavras. – Descobrimos que na época em que o senhor soube que Micah não era seu filho, não foi feito nenhum exame de paternidade. Aqueles bilhetes com chantagem e a

tentativa de suicídio da minha mãe foram encarados como prova.

Eu não pisquei, no início com raiva por que falava o nome do bastardo, mas então suas palavras despertando minha atenção.

- Micah precisou doar sangue para o filho dele, que sofreu um acidente.

Filho? A palavra martelou minha cabeça. Heitor continuou:

- E descobrimos que o tipo sanguíneo dele é o mesmo que o seu: 0 negativo. Achamos estranho. E fizemos um exame de DNA. Por isso a enfermeira colheu seu sangue.

Fiquei paralisado, o significado do que dizia me envolvendo. Por um momento, tive vontade de gritar o absurdo daquilo tudo. Então, baixei os olhos para o envelope que ele abria. Um sentimento que poucas vezes tive na vida começou a ganhar proporções dentro de mim: medo. Veio lento, girando, me consumindo. Não consegui tirar os olhos dos papéis impressos que Heitor segurou.

Meu peito apertou. Tentei engolir, mas minha garganta estava travada. A imagem de Alice veio clara a minha mente, no dia em que Micael nasceu, na cama com ele no colo, olhando-o com amor, passando a mão na penugem escura do seu cabelo. Eu o tinha amado. E o achei parecido com o pai dela, com quem eu me dava bem e gostava. Resolvi chamá-lo de Micael em homenagem ao avô. Foi o único nome que escolhi. Ironia das ironias.

Não gostava de pensar naquilo nem lembrar nada relacionado com ele. Mas ali, sua imagem parecia teimar em invadir minha mente. Ainda bem pequeno e aprendendo a andar agarrado na barra da minha calça para se equilibrar. O primeiro dia em que o levei para cavalgar comigo, com botas e chapéu maior do que ele. O garoto magrelo e peralta correndo pela casa com sua cadela e subindo nas árvores. Sempre com olhos brilhantes e sorriso aberto, com aquela falha entre os dentes que também lembrava o avô. Até os nove anos. Depois, ele não teve mais tantos motivos para sorrir.

Eu me sentia gelado, meu peito tão apertado que era difícil respirar. O medo se expandia. A voz tranquila de Heitor invadiu minha mente confusa:

- O resultado está aqui, vou mostrar ao senhor.

Abri a boca para dizer que não queria ver. Nada saiu. Eu somente olhei enquanto ele erguia o papel perto do meu rosto e apontava o dedo para um ponto específico, no final da página:

Resultado: O suposto pai tem no mínimo 99,99% de chance de ser o pai biológico do suposto filho.

Senti meu rosto se contorcer, sem que eu pudesse controlar. Pensei que estava tendo um derrame, morrendo, pois a dor que senti me rasgava como se

garras afiadas se cravassem em mim e puxassem pele, nervos, tudo. Mas ouvi o grito e então entendi que era eu que berrava, rouco, lamentoso, desesperado. Eu gritava por dentro e extravasava, como um animal ferido e dilacerado, completamente fora de mim.

- Pai!

- Pai!

- Mario!

- Pai!

- Ah, meu Deus!

Corriam para mim. Mãos me seguravam, palavras jorravam, eu estava cercado, sendo tocado, sendo contido. Mas ninguém podia calar aquele grito, aquele sofrimento que lacerava, cortava, torturava e afligia. Eu não os via, eu só via o meu filho. O meu filho que desprezei e espanquei, que odiei e humilhei, que tentei destruir, o meu sangue e a minha carne... O MEU FILHO!!!!!!!!!!!!!!

- Ahhhhhhhhhhhh ... – Urrei, despedaçado, chorando como nunca chorei na vida, nem quando Alice morreu.

Queria me ferir, me punir, me autoflagelar para diminuir um pouco aquela dor, mas nem isso eu podia fazer. Comecei a bater com a cabeça no espaldar de madeira da cama para me machucar, mas me seguraram, Gabi abraçou meu rosto chorando, suplicando:

- Pai, pare com isso, por favor ... pare ...

- Hammmmmmmmm ... – Eu não tinha mais voz, nem forças. Meu lamento saiu rouco e falhado, enquanto ela passava a mão em meu rosto, secava minhas lágrimas.

- Pai, precisa se acalmar. Vai acabar passando mal. – Um deles falou, uma mão firme segurando a minha direita, que eu batia contra as coxas inertes. Um cansaço horrível quase me prostrou e vi que era Heitor, seus olhos castanhos fixos em mim. Olhos da mesma cor que os de Micael. E que da mãe deles. Da minha Alice.

Desabei, respirando com dificuldade. Fui recostado na cama, mas Gabi não me soltou, tocando-me, beijando meu cabelo. Em algum lugar da minha mente indaguei a mim mesmo como pude pensar mal dela, sempre tão amorosa comigo. E me dei conta de como fui injusto. Com ela. Com Micael, meu filho.

Fechei os olhos por um momento, abatido, subjugado. Então me vi. O que fiz. Os meus pecados. Todos eles. Mas nenhum tão grande quanto aquele: a injustiça.

Eu fui injusto com Micael de todas as formas possíveis. E covarde. Ele só tinha nove anos. Mesmo que não fosse meu filho, eu o criei como tal e ele nunca teve culpa de nada. Era uma criança alegre, cheia de vida, que persegui e

podei, que usei como válvula de escape para meu ódio.

- Ham ... – Gemi, arrasado, puxando o ar com dificuldade.

- Pai, beba um pouco de água... Aqui, pai...

- Mario, pelo amor de Deus, Mario... bebe a água...

E o tempo todo era meu filho. Meu filho que bati com o cinto e, cansado de minha raiva, me desafiou. Meu filho que, no dia em que enterrei Alice, expulsei de casa, jogando na cara dele que era um bastardo. Meu filho que, após ser agredido verbalmente e fisicamente de todas as maneiras, reagiu, erguendo pela primeira vez a mão para mim, pensando que não deveria mais respeitar um abusador, que nem seu pai era. Meu filho, que lutou quando me viu puxar a arma. Eu, tão enlouquecido de dor por ter enterrado minha mulher e ter o sangue inimigo diante de mim, quase o matei. Eu ia destruí-lo, se ele não lutasse. Eu ia atirar nele, se não brigássemos pela arma. Eu ia matá-lo, se ele não se defendesse. Eu ia matá-lo...

Lembrei-me de seu olhar. O pânico, a dor, a confusão, me dando a certeza, mais do que nunca, que não era aquilo que Micael queria. Ele puxou o gatilho, mas não de caso pensado nem mirando em mim. Por anos o odiei pelo estado em que me deixou. Eu fiquei um inútil, sem qualquer poder sobre minha vida. Ele me deixou morto em vida. Mas agora eu via que tudo que passei, nesses últimos quinze anos, ainda era pouco para mim. Eu o levei aquele ponto e agora eu agradecia por ter sido eu o atingido e não ele. Nunca me perdoaria, nem o inferno seria o bastante para mim, se eu o tivesse matado.

- Pai, assim vamos chamar o médico... Pai! – Joaquim me sacudiu, nervoso e fui sentindo aos poucos as coisas à minha volta. Abri os olhos e eles estavam ali, preocupados, em torno de mim.

- Tome um gole de água, Mario. – Tia encostou o copo em minha boca, seus olhos vermelhos e sofridos por mim.

Consegui beber um gole. Insistiram em mais e o líquido frio desceu aliviando minha garganta ardida, arranhada. Gabi beijou meu rosto. Pedro perguntou preocupado:

- Quer seu remédio? Quer um médico?

Eu o olhei, calado. Estava muito, muito cansado. Ele insistiu:

- Quer alguma coisa, pai?

E aí eu soube a única coisa que eu queria. Ver meu filho. E pedir perdão.

- Ham ... Mi ...cael ...

- O Micah?

- Mi ... ca ...el ...

- O senhor quer ver o Micah? – Perguntou Heitor.

Fiz que sim com a cabeça.

- Está bem. Descanse um pouco. Vamos chamá-lo aqui e ...
- Ham ... – Rosnei, fazendo não com a cabeça, agoniado. – Mi ... cael ...
eu ...
- Nós vamos falar com ele, pai. – Assegurou Joaquim.
Fiquei irritado por não me entenderem. Olhei para Tia, encontrei seus olhos. Ela sempre parecia me entender, saber o que eu precisava. Concentrado, tentei de novo:
- Eu ... ham ... Mi ... cael ...
- Você quer ir até ele? – Ela indagou.
- Ir ... – Fiz que sim com a cabeça, aliviado, olhando-os decidido.
- Mas pai, o senhor está debilitado ... – Começou Gabi, cheia de preocupação. – Só saía daqui para ir ao hospital e nem isso faz mais. Tem anos que não vai à cidade.
- Eu ... ir ... Mi ... cael ...
Falei com tanto desespero, que eles se calaram, entendendo. Era uma maneira de mostrar meu arrependimento. Ir até ele, com toda dificuldade. Procurá-lo.
- Vamos levar o senhor. – Disse Heitor. – Joaquim, pode buscar o carro enquanto o preparamos?
- Sim, agora. – Ele se levantou, apressado.
Eu deixei o ar sair, de puro alívio, sabendo que pelo menos uma coisa na minha vida eu faria certo.

MICAH

Eu tinha ido almoçar em casa. Tinha antes passado para ver Cacá, e Valentina me chamou para comer com eles, mas não aceitei. Eu queria muito aceitar, ainda mais pelo modo que me olhava, com dor e amor, com culpa. Odiava saber que a deixava assim, mas ao mesmo tempo me irritava pelo modo que também me deixava. Por isso fui embora logo e me virei com comida em casa.

Estava muito calor e fui tomar um banho rápido antes de voltar ao escritório. Tinha acabado de colocar minha roupa quando ouvi buzina de carro e parecia vir do meu quintal. Não entendi nada e enfiei os pés nos sapatos, já indo para a cozinha enquanto ouvia a voz de Pedro:

- Micah! Micah!

Fiquei nervoso, sem saber o que teria acontecido. Eles contariam sobre o

exame para Mario e tive medo que ele tivesse passado mal ou coisa assim. Saí rápido na varanda e vi a caminhonete de Joaquim no meu quintal e Pedro vindo do meu portão, que acabava de fechar. Franzi o cenho e parei perto dos degraus, enquanto as portas se abriam.

Percebi um movimento perto da cerca e, do outro lado, vi Valentina e Cacá com o braço imobilizado, ambos preocupados sobre o que acontecia, mas eu não podia tirar os olhos do carro.

Joaquim saiu do local de motorista e do banco detrás desceram Tia, Gabi com Caio no colo e Heitor. Meu coração parou. Tive certeza que vieram me contar que ele havia morrido. O meu pai.

Mas então vi o sorriso que Heitor me deu antes de ir abrir a porta da frente da picape, no lado do carona. Pedro veio com um sorriso aberto, dizendo alto:

- Você tem uma visita ilustre hoje.

Joaquim tirava a cadeira de rodas do porta-malas e a abria perto de Heitor.

Eu fiquei imóvel. Gelado. Não podia ser. Não podia ser.

Meus olhos fixos onde Heitor se inclinava, pegando alguém no colo. E quando foi colocá-lo sentado na cadeira de rodas, eu o vi. E tudo parou para mim.

Ele estava muito velho e magro, os cabelos fartos que antes eram grisalhos totalmente brancos, o rosto agressivo agora fino e com rugas de sofrimento marcando-o. Era uma sombra do que foi um dia, seus membros sem movimentos, dependendo de outra pessoa para ajeitá-lo na cadeira, tão frágil, tão franzino, tão quebradiço.

Eu notei cada detalhe como um todo, enquanto a agonia parecia me comer vivo, a culpa quase me derrubando, meu peito doendo tanto que era difícil de respirar. Mas fiquei preso ali, parado, dominado pelo seu olhar, que buscou o meu quando Heitor saiu da sua frente. Foi como se uma corrente pura de energia me percorresse violentamente.

Seus olhos azuis eram vivos e brilhantes em meio ao que restara dele. Olhos de quem fez as coisas do seu jeito, criou um império, foi duro e bruto, foi corajoso e justo, cuidou dos seus filhos como soube, amou demais e odiou. Olhos que guardei na memória com aquele sentimento para mim: ódio. E naquele momento, não existiam mais ali. Eles brilhavam de emoção latente e pulsante, de tudo que sempre foi dele e que eu tanto quis um pouco pra mim. E agora ele me dava.

Não acreditei. Não consegui ver mais nada além daquilo. E então, o grande e poderoso Mario Falcão, que cansei de ver imponente em seu cavalo,

que foi meu herói desde que eu era pequeno, que amei mais do que um dia admiti a mim mesmo, fitou-me como se me chamasse, me pedisse algo, erguendo com dificuldade sua mão direita, gaguejando:

- Mi ... ca .. el ...

Eu desci um degrau sem nem perceber o que eu fazia, meio cambaleante.

- Vem ... pai ...

Quando desci o segundo, tudo explodia dentro de mim e eu chorava, sem poder me conter, sem poder me impedir de ir mais rápido, de correr, de me jogar desesperado, ajoelhado, ao lado dele e abraçá-lo, a cabeça em seu colo como poucas vezes coloquei, as emoções violentas me consumindo, me tornando de novo só um garoto que desejava o amor e a aprovação do pai.

Doía, palpitava, saía de mim. E ali eu me prostrei e consegui murmurar entre o pranto:

- Me perdoe, pai... Me perdoe...

Senti seus dedos trêmulos nos meus cabelos, me acariciando e então pressionando, cada vez mais firmes e ansiosos. Balbuciava:

- O ... lhe ... mim ...

Eu ergui a cabeça e ele parecia nervoso, lágrimas também em seu rosto, um certo desespero para conseguir falar:

- Eu ... me ... ham ... me ...

- Pai ...

Ele continuava com os dedos agarrados em meu cabelo, agoniado para falar:

- Me ... pe ... per ... doe ... fi ... lho ...

Eu não aguentei. Por mais que tentasse me controlar, era muita dor e mágoa guardadas por anos, muita culpa martirizando, muita saudade e solidão para conter. Ergui minha mão e segurei a sua sobre a minha cabeça, tão magra e fina, tão acabada ...

- Eu nunca quis matar o senhor, nunca quis deixá-lo assim ... Me perdoe por todos esses anos nessa cadeira, por ...

- Não! – Ele rosnou, mais feroz, querendo a todo custo me conter e então me calei. Tentou, com dificuldade: - Cul ... pa ... mi ... nha ...

Vi que precisava falar, nervoso. E fiquei quieto, apenas olhando-o.

- In ... in ... jus ... to ... eu ...

Parava, respirava fundo, um pouco, continuava:

- Meu ... fi ... lho ... ham ... me ... per ...doe ...

- Sim, eu perdoo. Acabou.

- Eu ... eu ... te ... a ... mo ...

E ali saiu tudo. Minha culpa, minha dor, meu desespero. Abracei-o e

murmurei:

- Também te amo, pai.

E assim ficamos, cansados, sem precisar de mais palavras, de mais nada.

Quando seus dedos fraquejaram em meu cabelo e escorregaram, eu segurei sua mão e a deposei em seu colo com suavidade, vendo sua palidez e exaustão, o quanto tinha sido difícil para ele vir ali. Soltei-o devagar e me levantei, seus olhos sobre mim, como se ainda tivesse um mundo de coisas para contar.

Sorri e falei com calma:

- Teremos tempo.

- Vem. Ca ... sa ...

- Eu irei ver o senhor amanhã. E todos os dias da minha vida, prometo.

Vamos recuperar o tempo perdido. Mas não posso ir morar lá.

Ele me olhava, quase suplicante. Gabi murmurou:

- É sua casa também, Micah. Sempre sentimos sua falta.

- Eu sei. – Sorri para ela. Olhei com amor para todos eles, meus irmãos, Tia, meu pai. Mas então virei a cabeça e vi Valentina e Cacá olhando-nos da varanda da casa deles, abraçados, emocionados, ela com os olhos vermelhos de tanto chorar. Abaixei-me perto do meu pai e apontei para os dois, dizendo com um orgulho que me dominava por inteiro: - Está vendo aquela mulher linda e aquele rapaz levado de braço machucado?

Ele seguiu meus dedos e os olhou, quieto, atento. Acenou com a cabeça.

- É a minha mulher e o meu filho. – Falei alto, encontrando o olhar de Valentina sobre a cerca, espelhando no meu olhar a emoção pungente que eu sentia, sentindo-me livre de todas as dores e tristezas, de todos os rancores que só faziam um pessoa perder tempo em vez de ser feliz. – Eu os amo, pai. E meu lar é aqui, com eles.

Eu queria dizer mais. No entanto, teria tempo. Apenas deixei-a ver o que eu sentia, a promessa em meu olhar. Então, me virei para ele.

- Mas não vai ter um só dia da minha vida em que eu não vá visitar o senhor e conversar. Nada mais vai me impedir de ser seu filho. Eu prometo.

Ele acenou, entendendo, seus olhos brilhando. E tentou se expressar, com dificuldade:

- le .. ve .. os ...

- Sim, vou levá-los e apresentá-los como se deve. – Sabia que ele estava em seu limite, realmente exausto. – Obrigado por ter vindo aqui.

Trocamos um olhar longo, cheio de entendimento. Então, Pedro se aproximou e me deu um abraço apertado. Disse antes de me soltar:

- Bem vindo de volta, Micah.

- É bom ser um Falcão novamente. – Sorri.
- Esperamos você lá na fazenda. – Heitor veio me abraçar também.
- Amanhã estarei lá. Cuidem bem dele.
- Vamos cuidar.

Joaquim, Tia e Gabi também vieram me abraçar. A senhora ficou agarrada comigo um bom tempo, chorando e me enchendo de beijos. Depois olhei de novo para meu pai e encontrei seu olhar ainda em mim.

- Amanhã irei à fazenda, pai. – Ele acenou muito frágil e cansado, e então me inclinei e o peguei no colo, ainda me lamentando por aquilo, pelo estado dele, mas sabendo que nem tudo dava para mudar. Mas o que estava dentro da gente sim. Segurei-o firme contra mim e, cheio de cuidado, o depusitei no assento do carro.

Por muitos anos nem o toquei ou fiquei perto dele o bastante. Mas ali eu acariciei seu cabelo branco e dei um beijo em sua testa, como gostava de fazer com Cacá desde que soube que era seu filho. Ele ergueu com dificuldade a mão direita e deixei que acariciasse meu cabelo também. Só então me despedi com o olhar e me levantei.

- Fique em paz. – Murmurei.

Falei com todos eles e olhei enquanto entravam no carro e acenavam. Observei a picape se afastando. E fiquei lá, como se tivesse renascido para a vida.

Mas ainda faltava mais. Faltava o meu amor, a minha felicidade, aquela que esperei e amei mesmo sem saber. Mas que guardei dentro de mim como sonho e como sensação por todos aqueles anos. Virei e a vi, lá me olhando junto com o meu filho. E tudo dentro de mim festejou, entrou em júbilo, ganhou mais razão de ser.

Corri para eles com o coração disparado e pulei a cerca, disposto a nunca mais deixar minha vida se perder de mim. Eu agora era um homem completo.

CAPÍTULO 30

VALENTINA

Tinha sido muita emoção. Eu chorei de soluçar vendo Micah se entender com o pai, que veio até ali alquebrado e fraco, para vê-lo e pedir perdão. Cacá teve que me abraçar para que meus tremores diminuíssem, ele mesmo muito emocionado. Não dissemos nada. Só assistimos o homem que amávamos encontrar sua redenção e sua felicidade nos braços do pai, como sempre desejou.

Mas quando, depois de tudo, ele nos mostrou a Mario e disse que ali era seu lar, com sua mulher e seu filho, que nos amava, eu quase desmaiei com tantos sentimentos que me atacaram, com a realização pura do meu maior desejo, que era um dia ter o seu amor. E esperei, cada segundo fazendo meu coração disparar mais rápido, sem poder acreditar que meu sonho se cumpria.

O carro com a família dele se afastou e então Micah veio, seu rosto aberto naquele sorriso levado que sempre admirei de longe, mas que agora estava voltado para mim. Ele correu, como se não pudesse mais perder tempo, como se fôssemos tão importantes que não pudesse caminhar para nos ter. Pulou a cerca. E então meu coração saltou, minha alma voou e eu fui puxada para seus braços, ansiosa, delirante, apaixonada.

- Vem cá, minha Valentona...

Como se eu pudesse fazer outra coisa além de ir, me jogar sobre ele, tocá-lo com adoração, beijá-lo na boca quando colou os lábios nos meus e me

beijou tão gostoso e profundo, tão emocionado como eu também me sentia. Agarrei seus cabelos em êxtase, gemi em sua boca, senti seu corpo junto ao meu e soube que era a mulher mais feliz e realizada do mundo, uma mulher que amou um homem mais que tudo e agora amava ainda mais, e mais e sempre mais.

Foi delicioso, quente, terno, enlouquecedor, extasiante. Foi tudo que Micah sempre despertou em mim. Eu o segurei bem forte contra mim e me senti também segura. Até que afastou os lábios e me fitou nos olhos, os dele com aquele brilho peculiar de felicidade, completa e contagiante. Segurou meu rosto entre as mãos e disse baixinho:

- Eu amo você, Valentina. Não sei por que a vida nos leva para determinados caminhos, se é escolha ou destino. Eu fui embora, mas voltei. E agora eu não quero nunca mais sair daqui, nunca mais ficar longe de vocês. Quero olhar em seus olhos cada dia da minha vida, sentir seus braços assim em volta do meu corpo e saber que um sonho pode se tornar realidade. Você foi meu sonho, agora é real, é meu amor. É a única mulher que posso imaginar na minha vida.

- Micah ... – Minha voz embargou, eu estava exaltada de tanta felicidade que só conseguia passar as mãos nele e murmurar: - Eu sempre te amei ... Sempre ...

- Eu sei.

Vimos Cacá começar a se afastar devagar, mas Micah o olhou de imediato e perguntou com um sorriso:

- Hei, filho. Aonde pensa que vai?

Ele se virou e sorriu meio encabulado.

- Não vou ficar aqui vendo vocês se agarrando.

Eu acabei rindo, um pouco sem graça também.

- Vem aqui, Cacá.

Ele se aproximou, olhando de mim para Micah, desconfiado da cara dele, de quem ia aprontar alguma.

- Você é o maior presente que sua mãe podia me dar nessa vida, filho. – Passou o braço em volta dos ombros dele, cuidadoso. – Perdi os primeiros anos da sua vida, mas vocês vão me contar tudo e me mostrar as fotos. Daqui por diante, não perco mais nada. Por isso, quero fazer um pedido a você.

- Claro, pai.

Micah soltou-o e me olhou, segurando minhas duas mãos. Senti sua intensidade, sua seriedade em meio ao sorriso. E disse baixinho:

- Você me dá sua permissão para casar com a sua mãe? Para ser seu pai e marido dela em tempo integral?

Eu mordi o lábio, sem acreditar, lutando para não chorar. Cacá sorriu,

todo bobo, dizendo com orgulho:

- É o que mais quero, pai.

- Você, eu nem preciso perguntar. – Micah piscou para mim. – Tá na cara que está na minha. Completamente seduzida pelos meus encantos.

- Ah, é assim? – Eu o empurrei de brincadeira e me puxou para ele, beijando suavemente meus lábios. Abracei-o forte e murmurei: - Você é um convencido. Mas não precisa perguntar mesmo. É sim.

- Eu sei que é sim. – Provocou.

Então abraçou a mim e a Cacá, calado, seu corpo e seu toque mostrando como se sentia ligado a nós, apaixonado, feliz.

Ficamos assim e fechei os olhos.

Só não era mais apaixonado nem mais feliz que eu.

Micah teve que voltar ao escritório, pois tinha muito trabalho acumulado lá, mas prometeu que mais tarde voltaria.

Eu cuidei de Cacá e caprichei fazendo um jantar especial, tão exultante e maravilhada que não parava de rir e de cantar, sem poder acreditar como tudo havia se resolvido de uma vez. Mas estava mais do que na hora.

Jantamos juntos em um clima gostoso de paz, harmonia e alegria. Micah tinha um jeito gostoso de deixar qualquer ambiente mais leve e radiante e eu não parava de admirá-lo, de imaginar que seria meu marido, que eu poderia desfrutar dele para sempre.

Conversamos muito até tarde e Cacá acabou indo se deitar, cansado, após tomar seus medicamentos. Eu e Micah fechamos a casa sem precisar falarmos nada, sabendo que não havia mais motivos para ele ir embora. Nunca mais.

Fomos de mãos dadas para meu quarto, mas, a cada degrau que eu subia, meu coração disparava de antecipação e desejo, de paixão pura e de amor. E quando trancamos a porta, ele já me puxava para seus braços e me beijava com fome, murmurando o quanto tinha sentido minha falta, o quanto sentiu saudade da minha pele e do meu cheiro.

Não tinha como ser lento e calmo. Praticamente arrancamos nossas roupas entre declarações de amor e palavras quentes, entre carícias ansiosas e desejos urgentes, que só nos deixaram mais loucos. E quando caímos na cama, ele já entrava em mim, comendo-me forte e duro enquanto eu o agarrava e abria as pernas, delirando, puxando-o para mim.

- Ai, que delícia... – Murmurei enlouquecida e confessei: - Seu pau me deixa doida, Micah ... Me enche toda... e esse piercing...

- O que tem o meu piercing? – Parou dentro de mim e buscou meus

olhos, excitado, mas com um início de sorriso nos lábios.

- Bem que você avisou... – Acariciei suas costas e me movi sob ele, buscando-o, deslizando em seu comprimento, sentindo-me tão amada e desejada que toda timidez ficava de lado. – Que dá mais prazer. Parece um dedo junto com seu pau, me acariciando bem lá dentro, pressionando... Ai... é muito gostoso...

- É todo seu. – Voltou a me comer fundo e forte, fitando meus olhos, prometendo com intensidade: - E ainda nem comecei a mostrar as utilidades dele. Mas teremos a vida toda para isso.

- Sim. A vida toda... – Murmurei emocionada e ele me beijou na boca e me devorou até gozarmos juntos, longamente, eu gemendo enquanto estocava dentro de mim: - Ah, Micah... Ah... Como eu te amo...

E alcancei o paraíso quando se esvaiu dentro de mim e murmurou em meu ouvido:

- Eu amo você, Valentina...

Daquela vez nós realmente fizemos amor.

Quando acabou, ficamos na cama, nus, abraçados. Já era madrugada, mas tanto eu quanto Micah estávamos sem sono. E fizemos planos para o futuro. De nos casarmos no início do ano seguinte e comemorarmos em grande estilo.

- Nada de casamento só no cartório. Quero uma festa pra chamar a cidade toda e mostrar como estou feliz com você e meu filho. O que acha?

Eu concordei, achando engraçada a sua animação. Mas então perguntei algo que me preocupava:

- E o seu trabalho na ABIN, Micah?

- Eu vou pedir para sair, Valentina. Tenho pensado muito nisso e quero morar em Florada, trabalhar nos negócios da família. Mas não é tão simples assim.

- Por que não? – Ergui a cabeça em seu ombro e o olhei.

- O trabalho que eu faço lá é sigiloso. Sei de muita coisa que não pode vazar de jeito nenhum. – Explicou, acariciando meu cabelo, seus olhos nos meus. – Com certeza tentarão fazer de tudo para que eu não me desligue totalmente e terei que assinar vários papéis de confidencialidade. Eles sabem usar estratégias para isso, nada com violência, apenas usando meios de me manter ligado à agência de maneira emocional, afetiva.

- Mas como seria isso?

- Como oficial, sou importante para eles e me querem sob vigilância, por tudo que sei. Mas não podem me obrigar a ficar. O máximo que podem fazer é que eu saia levando um compromisso pessoal e moral afetivo de manter segredo.

Se eu revelar qualquer coisa, posso ser processado por quebra de sigilo funcional, vazamento de informação sigilosa ou ser publicamente desacreditado. Mas acredito que, de início, vão tentar me forçar a entrar para a folha de pagamento de fontes humanas.

- O que é isso, Micah?

- Eu me desligo, mas mantenho o vínculo. É bom para a agência e para mim, pois fico apenas como um ocasional colaborador pago. Em algum caso de necessidade na área de inteligência, posso ser chamado para ajudar e só recebo se o fizer. É bem esporádico, mas serve para manter o vínculo e eles acreditarem que continuo fiel à Agência.

- Entendi.

- Mas não se preocupe, isso é temporário, até que entendam que não é minha intenção revelar nenhum segredo deles. Então, vão deixando de me procurar.

- Mas é perigoso?

- Claro que não. – Riu e me beijou. – É quase que um trabalho de consultoria. Nem vai me tomar muito tempo. Fique tranquila. Eu vou entrar em contato com eles e pedir minha exoneração. Quando for ao Rio fazer isso, você e Cacá podem ir comigo. Damos uma volta por lá.

- Certo.

Foi uma delícia ficar lá com Micah, em seus braços, sabendo que o futuro estava lá, só nos esperando para sermos ainda mais felizes. Mas foi impossível não falarmos também do passado e contei tudo a ele, como sempre o amei em silêncio e como foi aquela noite perto da cachoeira, quando transamos pela primeira vez. Disse também como me senti no dia seguinte, quando não se lembrou e ainda me humilhou.

Ele me pediu desculpas, beijando-me com carinho, tocando-me, explicando como estava perdido e sofrendo naquela época, repetindo que eu o deixava nervoso por parecer saber como ele se sentia.

Contei também como foi surpreendente descobrir que estava grávida. O horror da minha mãe me despachando para morar com minha tia Marina em São Paulo, com medo do falatório na cidade. E de como fui acolhida e feliz lá, amada de verdade pela primeira vez. Minha tia me ajudou em tudo, com Cacá, a estudar, a me cuidar e melhorar minha autoestima.

Micah me confortou quando chorei ao falar da morte dela e da minha solidão. De como decidi voltar à Florada, pois ela me pediu isso, dizendo que eu devia encarar meus velhos fantasmas e deixar Cacá perto da família dele. Confessei que queria contar tudo, mas sempre tive vergonha e me faltava coragem. Até que ele voltou e fiquei abalada, confusa, perdida. Do resto, Micah

já sabia.

- Passamos muita coisa, Valentina. Mas o que importa é que agora estamos juntos. Temos uma vida toda pela frente. – Murmurou contra meu cabelo e o abracei, feliz.

- Eu sei. E vou agradecer por isso a cada dia da minha vida.

Dormi colada nele naquela noite.

Com um sorriso em meus lábios e a mão sobre seu coração.

No único lugar do mundo que eu queria ficar.

MICAH

No dia seguinte eu trabalhei no escritório e depois fui buscar Valentina e Cacá para levá-los na fazenda. Tia nos esperava para um jantar em família e ia ser a primeira vez que voltava a pisar lá depois de quinze anos. Estava nervoso e tentei disfarçar, mas enquanto dirigia o carro de Valentina pela estrada, ela acariciou meu braço e disse com carinho:

- Vai dar tudo certo. É só o primeiro de muitos dias que voltará à fazenda.

- Eu sei. Mas a última vez que saí de lá foi com tanta dor... – Murmurei.

- Agora volta sem dor, Micah. É só amor.

Concordei. Era verdade, mas ainda sim muita coisa passava por minha cabeça. A minha infância, minha vida lá, os anos que sonhei que voltava, a saudade que senti. Cada pequena coisa parecia mais viva e pulsante naquele momento. Não tinha como não ficar ansioso e, ao mesmo tempo, esperançoso.

Cacá dizia como tudo era lindo, sentado no banco detrás. Quando passamos pela porteira, meu coração passou a bater mais forte e ouvi a voz dele à distância, meus olhos percorrendo as estradas bem cuidadas, os campos, as construções brancas que se perdiam no entardecer. Era tudo tão familiar, tão saudoso, que eu não podia me concentrar em outra coisa.

Então, vi o casarão, imponente, exatamente igual ao do meu passado. Sentimentos diversos me bombardearam e lutei para contê-los, para deixar que circulassem em mim, absorvendo-os, mas sem me afogar neles. Era muita coisa junto.

As lembranças também vieram. Pensei que a angústia seria maior do que tudo, mas estranhamente eu sentia mais como se voltasse ao meu lar mesmo, pedaços de tempo e de memórias boas retornando, como as risadas, as corridas pelo mato, as cavalgadas. Tanta coisa que eu queria fazer de novo.

Parei o carro diante da varanda e vi meu pai lá, em sua cadeira de rodas, com Tia sentada ao lado dele. Ela levantou na hora, sorriu e acenou. Meu coração já disparava, minhas mãos suavam, Cacá já descia do carro. Olhei para Valentina e ela me fitava, com aqueles olhos negros que sempre souberam demais de mim.

E como por milagre, todo nervosismo se foi. Eu me enchi de paz, de uma alegria sem fim, de uma aceitação silenciosa de que agora tudo era novo e diferente. Ergui a mão e toquei seu rosto. Murmurei:

- Você não sabe como me faz feliz, Valentina. Como tudo é melhor e muito mais perfeito com você ao meu lado.

- Tenho uma vaga ideia. Você faz o mesmo comigo. – Sorriu e virou o rosto, beijando minha mão. Quando me olhou de novo, eu beijei suavemente seus lábios e sorri também. – Ainda está nervoso?

- Não. Estou feliz.

E foi assim que saí do carro e dei a volta para abrir a porta para ela. Subimos juntos os degraus da varanda e encontrei os olhos do meu pai em mim, intensos e um pouco ansiosos. Sua aparência era melhor naquele dia, parecia até mais corado.

Ainda era estranho voltar assim, depois de tanta distância e tanta coisa entre nós, mas eu sabia que com o tempo tudo se ajeitaria.

- Pai. – Cumprimentei-o e me aproximei, um pouco sem graça de tocá-lo de novo. Mas ergueu a mão direita em minha direção e me abaixei perto dele. Tocou meu rosto, meio trêmulo, mas com carinho. Eu não agüentei e beijei sua testa, sabendo dentro de mim o quanto eu o amava.

- Ele fez questão de esperar você aqui, Micah. – Disse Tia, tocada pela cena.

- Ham ... Be ... Bem ... vin ... do ...

Eu me emocionei mais e sorri, nossos olhares unidos. Apertei sua mão e ele me segurou firme, falando muito pelo brilho do olhar vivo, ansioso.

- É muito bom estar de volta.

E era verdade. Eu me sentia preenchido pelo cheiro da fazenda e por sua visão, cada parte dali, cada pessoa, cada canto deixando-me abalado, emocionado. Tentei me conter ou achariam que eu só sabia chorar. Sorri e apontei para Valentina ao meu lado:

- O senhor conhece a Valentina, não é?

- Ham ... – Ele a encarou com aquele seu jeito firme e acenou com a cabeça. Não acreditei quando sorriu, como se testasse seu velho charme, com admiração. – Lin ... da...

- Obrigada. – Ela sorriu, sem graça, ligeiramente corada.

- E esse é meu filho, Cacá. Andou fazendo umas artes aí e feriu o braço. Teve a quem puxar. – Comentei e o sorriso do meu pai se ampliou. Fez um gesto com a mão direita para que ele se aproximasse e ficou um tanto emocionado quando ele beijou-o no rosto e murmurou:

- Oi, vô. Prazer em conhecer o senhor.

- Ham ... – Não o deixou se afastar e foi comovente ver sua tentativa de abraçá-lo com a mão trêmula. Cacá retribuiu o abraço.

Quando se afastou, havia emoção e sentimentos bons entre nós. Tia veio nos cumprimentar e nos chamar para entrar.

Olhei tudo a minha volta. A varanda, as plantas, a porta. E depois a sala enorme, praticamente igual. Foi como recuar no tempo. Meu pai entrou sozinho em sua cadeira motorizada e eu o segui. Olhava-me como se quisesse dizer muitas coisas, mas eu entendi. Queria que eu me sentisse em casa. E foi isso que aconteceu.

Meus irmãos apareceram e a barulheira começou. Fizeram questão de contar para Cacá e Valentina as muitas merdas que fiz por ali, enquanto ficávamos todos na sala e eu pegava Caio no colo, que estava acordado e esperto, sacudindo as pernas como se participasse da farra. Cacá ria das coisas que eles contavam e eu dizia a ele:

- Não vá ter ideias e seguir o meu exemplo!

E o tempo todo, meu pai me olhava. Eu o fitava e algo ocorria entre nós, uma conversa silenciosa, uma troca, uma certeza de que nosso tempo havia começado, de resgatar o passado e fazer um futuro diferente. Eu via ali amor, admiração e agradecimento. E o fitava de volta da mesma maneira.

Foi um jantar e uma noite maravilhosa. Joaquim contou que Theo já sabia de tudo, inclusive que eu viria ali naquela noite, e estava muito feliz. Só faltava ele, Eva e Helena ali para a família ficar completa. Mas eu soube que logo isso aconteceria.

Depois de toda a farra na mesa, em que meu pai fez questão que sentasse à sua direita, eles foram dar uma volta com Cacá e Tia arrastou Valentina para a cozinha, para lhe dar a receita da torta de coco que tinha feito para a sobremesa. Meu pai apontou para o corredor e ligou sua cadeira. Eu o segui.

Sáímos até a varanda dos fundos e fui invadido por diversas emoções quando vi os jardins da minha mãe. Era o lugar que ela mais gostava de ficar e foi quase como vê-la ali. Paramos perto de outras cadeiras e ele apontou para que eu sentasse.

Foi o que fiz, ao seu lado.

Não dissemos nada de imediato. Olhamos para os jardins iluminados, as rosas brancas, as flores multicoloridas. Quietos, mas ligados de uma maneira

íntima, por um bom tempo. Eu me senti tranquilo, calmo, no meu lugar. Então, meu pai me olhou e apontou para um bloco e umas canetas sobre a mesa de centro.

- Ham ...

- Quer escrever? O senhor consegue?

Fez que sim com a cabeça e ajeitei tudo para ele. Começou a escrever devagar, lento, meio trêmulo. Eu esperei, quieto e ansioso, voltando a olhar os jardins. Por fim, me estendeu o bloco e eu li com atenção:

Fique aqui. Senão na casa, perto, na fazenda. Faça sua casa aqui. Com sua família. Perto da gente. Perto de mim.

Eu ergui os olhos e fiquei tocado ao ver o pedido nos dele. Tínhamos ainda muito para colocar em dia e o seu tempo escoava. Mesmo que eu saísse do trabalho e viesse vê-lo todas as noites, perderia tempo indo e vindo. Perto, ele poderia me ver, saber o que acontecia comigo e com minha família, participar mais.

Entrelacei meus dedos aos dele e acenei com a cabeça.

- Eu e Valentina vamos casar no início do ano que vem. Vou conversar com ela para construirmos nossa casa aqui. Se ela concordar, nós vamos vir para cá sim.

Seus olhos se iluminaram e apertou minha mão, conseguindo murmurar:

- Seu ... lar ...

- Sim, pai. Aqui é o meu lar. – E ficamos lá, juntos, como sempre devia ter sido.

CAPÍTULO 31

Acabou virando costume irmos à fazenda todos os dias, no fim da tarde. O Natal já estava próximo e também passaríamos lá. E Valentina concordou em construirmos nossa casa nas terras da Falcão Vermelho. Cacá estava exultante, dizendo que sempre quis morar numa fazenda.

Naquela semana, demos entrada nos papéis do nosso casamento, para o dia 5 de fevereiro. Tão logo passassem as férias de fim de ano, começaria a organização de tudo.

Como Cacá ainda estava com o braço imobilizado e o trabalho no escritório aumentava sem parar, resolvi que era o momento de me dedicar à minha família e a empresa. Assim, tirei um dia daquela semana e fui sozinho ao

Rio no jatinho da família, para dar entrada no meu pedido de afastamento da ABIN. E lá foi exatamente como pensei, tentaram me demover da ideia, mas mantive-me firme, expliquei os motivos de me mudar em definitivo para Minas, os negócios da família, meu pai, meu casamento, tudo mais. E acabei fazendo um acordo temporário de entrar para a folha de pagamento de fontes humanas, como eu tinha explicado a Valentina que aconteceria. Mas logo estaria afastado de vez.

No dia 24 de dezembro, quando estávamos prontos para sairmos de carro para passar o Natal na fazenda e dormir lá até o dia seguinte, enchendo a mala de presentes para todos, ouvimos uma buzina na frente da casa. Através do portão aberto, notamos a moto de Tininha ali. Fiquei surpreso ao ver Elvis na garupa dela, enquanto ambos tiravam o capacete.

- Oi ... – Valentina os cumprimentou, enquanto nos aproximávamos deles e Cacá vinha atrás, espiar. – Elvis ... Como você está diferente! Cadê seus óculos?

- Cristina me convenceu a usar lentes de contato. – Ele explicou.

Seu cabelo tinha sido cortado com máquina e estava arrepiado com gel. Ele estava todo de preto e de couro, até luvas. E agora usava um cavanhaque ralo. Mas o mais impressionante era como parecia seguro, sem mover os olhos para todo lado.

- Viemos agradecer a você, Micah, por ter me mostrado o que Mãe Menininha da Cigana Preta tinha falado e eu não tinha entendido. – Tininha sorriu, emocionada. – Sou uma mulher feliz e realizada agora, com o homem da minha vida.

- Eu sabia que seria assim. Senti logo que vi vocês dois. Perfeitos um para o outro. – Meu sorriso se abriu e ergui uma sobrancelha, notando uma bagagem atrás da moto. – Não vão passar o Natal na cidade?

- Não, vamos aproveitar as férias do meu Rei na escola e ganharmos a estrada em uma aventura.

- Mas é bom demais ver vocês felizes. – Valentina disse com sinceridade, ainda muito surpresa. – E que você está mais solto, Elvis, pronto a se arriscar mais.

- Agora tenho isso! – Mostrou-nos as luvas de couro. – Melhor coisa que inventaram no mundo e foi ideia da Tininha. Tenho um estoque na bolsa. Posso tocar em tudo e, quando ficam sujas e não dá mais para lavar, me livro delas.

- Realmente, ótima ideia. – Concordei.

- Eu só tenho boas ideias. Sou uma mulher muito inteligente. – Piscou toda satisfeita. – Inclusive, convenci meu Rei a fazer uma tatuagem de águia nas costas. Nós dois vamos fazer.

- Convenceu, não. Ainda está tentando. – Ele corrigiu.

- Sabe que tenho minhas maneiras de te convencer. – Olhou significativamente e ele ficou corado, agitado. – O próximo passo é o “balagandã” aí embaixo.

- Piercing nunca!

Tininha riu e nos olhou, enfiando seu capacete de Penélope Charmosa na cabeça, dizendo abafado:

- Quando voltarmos da nossa aventura, ele vai ter até brinco na orelha e no nariz! Me aguardem! Feliz Natal para vocês. E vamos lá, meu Rei. Nossa hora chegou.

- Perfeitos um para o outro. – Murmurei e Valentina me deu uma cotovelada de brincadeira. Acabei rindo: - Imagino o terror que esses dois vão colocar por onde passar!

E os olhamos se afastarem felizes na moto raquítica, que agora tinha placa. Fiquei imaginando se Elvis a tinha obrigado a colocar uma placa legal ou ela tinha arrumado qualquer uma e colocado ali. Era bem mais provável, pensei sorrindo, enquanto voltávamos abraçados para o carro.

Quando chegamos à fazenda, havia uma surpresa lá nos esperando. Theo, Eva e Helena tinham voltado e agora a família estava completa.

- Micah. – Meu irmão mais velho veio me dar um abraço e indaguei, feliz demais em vê-los ali:

- Vocês não iam ficar um mês na Grécia?

- E conseguimos, sabendo que depois de quinze anos poderíamos passar um Natal todos juntos? – Ele me fitou com intensidade e sorriu. – Voltamos correndo para casa, ninguém nem esperava a nossa volta.

- Micah... – Eva veio sorridente me cumprimentar, linda e bronzeada, comentando: - Nem acreditei quando soube que não era meu tio. Mas não importa. Agora somos todos da mesma família. E logo teremos mais um descendente dos Amaro e do Falcão aqui.

Meu sorriso se ampliou. Encarei Theo e ele estava todo orgulhoso, puxando Eva para si e informando:

- Helena vai ganhar um irmãozinho.

- Ou irmãzinha. Não sabemos ainda, Theo.

Valentina se aproximava e eu a abracei.

- Está ouvindo isso, Valentina? Vamos ganhar mais um sobrinho. Está mais do que na hora de encomendarmos o nosso segundo.

- Depois que nos casarmos. Vamos fazer tudo certo dessa vez. – Ela

sorriu e foi cumprimentar Theo e Eva.

Foi um Natal maravilhoso, com a casa com uma grande árvore, luzes coloridas e muitos presentes. Foi especial para todos. Para Valentina e Cacá que estavam acostumados a viver praticamente sozinhos e agora tinham uma família grande; para meus irmãos e Tia, que tinham de novo a família unida; para Eva, que não precisava mais viver com ódio e vingança; mas principalmente para mim e meu pai, que nos reencontramos na vida e agora nos sentíamos mais próximos do que nunca.

Ele estava bem, relaxado, olhos admirando tudo, em paz. Tia, radiante, comentou que nunca o tinha visto tão calmo e feliz. Que finalmente uma bênção tinha descido no lar dos Falcão.

Eu me senti completo, realizado, amado. E amei, sem medidas nem dúvidas, sem rancores e sem culpas. Natal era renascimento. Olhando em volta, para meu filho rindo, meus irmãos animados, meus sobrinhos lindos e saudáveis, Eva e Tia radiantes, meu pai me fitando com amor, Valentina o tempo todo ao meu lado, sorrindo para mim, eu me senti assim: renascido. Pronto para a felicidade que a vida me reservava. E que já era minha.

VALENTINA

Foi logo depois da festa do Ano Novo que comecei a passar mal. Tínhamos acordado na fazenda após romper o ano e fomos andar pela fazenda, eu, Micah e Cacá, para escolhermos o local onde construiríamos a nossa casa. Meu filho e Micah riam de algo, falavam do terreno e que não devia ser muito longe do casarão, quando fiquei tonta. Já tinha acordado enjoada e vinha assim há uns dias, mas achei que tinha sido de provar tantas comidas diferentes desde o Natal, mas agora suava frio.

- O que você tem, Valentina? – Micah indagou preocupado, quando parei e me apoiei nele, vendo-me pálida. Ficou preocupado. – Valentina?

- Eu...

Lutei, mas tudo rodava na minha frente. Sentia vontade de vomitar e de desmaiar. Nem tive tempo de responder, apagando nos braços dele.

Acordei no carro, com a cabeça no colo de Tia, enquanto Micah dirigia nervosamente com Cacá a seu lado. Tentei assegurar que tudo estava bem, mas fiquei tão enjoada que Micah teve que parar o carro na beira da estrada e me segurar perto do mato, enquanto eu vomitava sem parar. Quando acabei, ajudou-me a voltar para dentro e correu para o hospital, apavorado.

Lá Micah entrou comigo e respondemos às perguntas do médico, que me examinou, ouviu tudo e pediu para que eu fizesse um exame de sangue. Eu já me levantava com Micah para ir ao laboratório, quando li o pedido e o fitei, confusa:

- O senhor passou um exame de gravidez?

- Sim. Seus sintomas são todos de uma mulher grávida.

Sorri e sacudi a cabeça:

- Não pode ser. Eu tomo anticoncepcionais.

Micah me segurava com força contra ele. O médico nos observou e comentou:

- Talvez não seja. Mas prefiro descartar essa possibilidade antes de medicar a senhora. Como deve saber, nenhum método contraceptivo é cem por cento confiável.

- Não, mas não me esqueço de tomar e ... – Calei-me e olhei para Micah, que me fitava com olhos brilhantes. – Não é isso, Micah. Deve ter sido algo que comi.

- Talvez seja algo que comeu demais. – Concordou, enquanto saíamos do consultório, murmurando em meu ouvido: - Como o meu pau, que cansou de comer com essa bocetinha gulosa.

- Pare com isso ... – Reclamei, mas ele só riu, todo feliz.

- Não acredito que vou ser pai de novo! Puta merda!

- Eu não estou grávida.

- Está. – Disse cheio de certeza, me puxando para si, exultante.

No final das contas, quando fomos chamados pelo médico, Micah estava certo e fiquei chocada. Eu estava grávida.

- Ah, porra, eu senti! Eu sabia! – Micah me puxou para seus braços, beijando-me na boca na frente do médico, feliz e emocionado. – Valentina, vamos ter mais um filho... E dessa vez eu vou acompanhar tudo. Ah, meu amor!

Eu o abracei e então me dei conta que era real e comecei a chorar. Rimos e nos beijamos, comemoramos, saímos para falar com Tia e Cacá, que fizeram a maior festa no hospital. Saí de lá com o pedido de exames, surpresa e maravilhada, enquanto Micah não parava de me beijar e ria ao chegar ao carro, comentando:

- Você dizia que faríamos tudo certo dessa vez. Que casaríamos e só depois engravidaria. Olha aí! Outro bebê apressado igual o Cacá.

Os dois riram, orgulhosos, enquanto eu balançava a cabeça e ria com Tia.

Na fazenda foi uma nova festa e Eva comentou, divertida:

- Estou começando a achar que eu não gosto de engravidar sozinha. Primeiro engravidei de Helena na mesma época que Gabi. Agora foi junto com você, Valentina.

- Acho que vou ter que providenciar outro também ... – Gabi se aproximou, mas então fez uma careta. – Ah, mas quando me lembro das noites sem dormir ... Não, melhor esperar um pouco mais.

E assim, planejei meu casamento, que seria a festança como Micah queria, e também passei a fazer os exames que o médico pediu. Micah ia comigo para todo canto, sempre preocupado com meus enjoos, não deixando que eu levantasse um dedo sozinha. Nem queria que eu fosse trabalhar para não me cansar, mas eu só ria dele e continuava a fazer as mesmas coisas, garantindo que gravidez não era doença.

Foi na metade do mês de janeiro, quando fui fazer a primeira ecografia, que outra surpresa nos aguardava. Eu estava grávida de gêmeos. Micah quase surtou. Veio me agarrar, me beijar, beijou a médica que fez o exame, saiu contando para todo mundo no hospital que ia ser pai de gêmeos. E dentro do carro, sozinhos, nos abraçamos e beijamos com paixão e amor, cheios de emoção. Eu não queria chorar, mas não dava para controlar. Era como se a dona felicidade tivesse decidido se instalar no meio de nós e nunca mais sair.

- Obrigado. – Ele disse, olhando em meus olhos, segurando meu rosto, sua testa sobre a minha. – Obrigado por tudo que você é para mim e trouxe para a minha vida. Bendito o dia em que voltei à Florada e encontrei uma valentona esperando para me mostrar o que é ser feliz de verdade.

- Eu era Valentona por que você não se cansava de me tirar do sério. – Sorri e acariciei seus cabelos, minha voz embargando. – Mas eu que tenho que agradecer. Por ter voltado. E por mudar a minha vida, Micah. Eu, você, Cacá e nossos filhos vamos ser uma família completa. A mais feliz do mundo!

- Tenho certeza disso. Assim como tenho certeza que não serão nossos filhos, mas nossas filhas. Duas menininhas.

- Como você sabe? – Sorri.

- Eu sei. – Sorriu de volta, cheio de certeza. E eu acreditei.

Beijamos-nos de novo de novo e suspirei de felicidade.

MARIO FALCÃO

Eu estava na varanda, olhando os jardins de Alice. Tinha passado anos da minha vida ali e, apesar de repetir o gesto, as coisas haviam mudado. O homem que sentava ali, ouvindo Frank Sinatra, não era mais o mesmo. O ódio e angústia tinham se esvaído. Eu não olhava mais à minha volta com raiva do meu estado

ou do meu passado, relembrando coisas que não podia mudar.

O que eu sentia era paz. Via aquelas terras todas e me orgulhava do meu trabalho. Escutava o barulho em casa, e dava graças a Deus pela vida dos meus filhos. Gostava de observar meus netos e tinha sido um costume Eva e Gabi trazerem as crianças para que eu as beijasse e sorrisse para elas, para que mesmo quando eu me fosse daquele mundo, alguma coisinha tivessem de mim, nem que fosse no fundo de suas memórias.

Perdi totalmente o rancor. Para mim Gabi era minha filha, sem tirar nem pôr. E Eva não era mais uma Amaro. Era a mulher doce e encantadora que fazia meu primogênito mais feliz do que já vi um dia.

Gostava também muito de Valentina e estava orgulhoso por que ganharia mais netos. Todos estavam exultantes e Micah, como sempre sacana, vivia perturbando Theo, dizendo que enquanto ele fazia um filho de cada vez, ele já ia logo de dois. O que só fazia os outros irmãos entrarem na gozação. Eu os olhava e sorria. Por que a alegria estava de volta.

Cacá era um companheiro que ganhei. Sempre vinha conversar comigo e tinha paciência até eu conseguir formar palavras ou escrever. Vivia feliz pela fazenda, já sem o gesso, e me lembrava Micah criança, sempre correndo de um lado para o outro, buscando o que fazer.

Mas o que me deixava mesmo feliz era ter meu filho de volta. Como se não bastasse vir ali todos os dias, como tinha prometido, ele me fazia companhia. Olhava-me com amor e respeito, me contava como tinha sido seu trabalho na ABIN, sua história com Valentina, a saudade que sentiu da fazenda e de todo mundo. Não apenas ficava do meu lado. Ele estava em mim. Mesmo quando estávamos em silêncio, eu o sentia presente. Sua alma comigo. Conectado. Eu via e sentia meu filho contente com a minha presença.

Enquanto o mês de janeiro chegava ao fim e seu casamento, que seria na fazenda, se aproximava, ele se tornava mais e mais meu amigo e companheiro. E me fazia enxergar a vida com outros olhos, apreciando tudo, degustando, mesmo em meu estado, sem amargura.

Era um pouco insistente quando queria alguma coisa e me vencia pelo cansaço. Como no dia que cismou de me levar para passear pela fazenda na cadeira de rodas e pegar um sol. Eu não quis, mas falou tanto que concordei e não me arrependi. Empurrou minha cadeira, falou de suas peraltices ali e me levou ao local, próximo, onde já havia começado a obra da sua casa, explicando-me como seriam os cômodos e o que planejava.

Eu gostei muito de ver tudo, de me sentir parte da sua nova vida, de saber como seria seu lar. E também quando paramos sob uma árvore e apenas aproveitamos a companhia um do outro, suas mãos em meus ombros, como a me

garantir que estaria sempre ali.

Trouxe chocolates para mim e comemos juntos. Achou um jogo de Xadrez esquecido pela casa e começamos uma partida que nunca terminava e sempre recomencávamos no outro dia, ambos com a mente rápida e analítica, adorando jogos de estratégia.

Assim, eu esperava por ele feliz, sabendo que passaria bons momentos e me divertiria. Como naquele sábado, quando veio com Valentina e Cacá passar o dia. No entanto, me disse para esperar, que voltaria com uma surpresa, sumindo com Joaquim. E eu esperava, imaginando o que poderia ser.

Escutei o falatório na frente da casa e fiquei curioso. Contornei a varanda até lá e vi todos ali, discutindo alto com Micah, que ria e dizia que ficaria tudo bem, para não se preocuparem. Quando me viu, veio correndo até mim, todo animado:

- Pai! Venha ver sua surpresa.

Olhei-o sem entender, então vi aquela sua moto grande e preta com que, de vez em quando, aparecia por ali. Havia acoplado uma espécie de cadeira acolchoada com cintos, laterais protegidas e apoio para os pés. No início não entendi, mas então ele explicou:

- Vamos dar uma volta.

Não acredite e encarei-o na hora. Seus olhos brilhavam, arteiros, felizes.

- Ham ... não ...

Falei na hora. Tia emendou:

- Micah, isso é loucura! É muito perigoso!

- Não tem nada de perigoso, Tia. Eu sento, coloco papai atrás de mim preso no cinto de segurança e no outro que passo em volta do meu peito. Vai ficar bem seguro. – Virou-se para mim. – Lembra-se daquele dia que perguntei se o senhor já havia andado de moto e disse que não? É imperdoável um homem não comer chocolates e não andar de moto. Falta só essa última para o senhor.

- Mas Micah, e se ele cair? – Tia estava agoniada.

- Não vai cair, é seguro. E vou andar devagar, só em volta da fazenda mesmo. Vamos, pai?

Vi sua animação e o trabalho que tinha tido para arrumar tudo aquilo. Theo parecia se divertir, como se soubesse que eu acabaria aceitando. Joaquim estava tão animado quanto Micah. Heitor, Cacá e Pedro sorriam. Só as mulheres pareciam preocupadas. Fiz um esforço para falar:

- Não ... ham ... sou ... mu ... lher ... zi ... nha.

Micah caiu na gargalhada. Todo mundo acabou rindo e fiquei satisfeito, acenando com a cabeça. Concordando.

Achei uma loucura quando ele sentou na moto e Theo me pegou,

acomodando-me na cadeira atrás de Micah, extremamente confortável. Os outros ajudaram. Ajeitaram minhas pernas e braços, passaram os cintos em volta dos meus ombros e peito, me deixaram ali firme. Por último, um outro cinto me mantinha ligado a Micah na frente, caso algum dos outros se soltassem.

Todos ficaram na varanda, olhando-nos. Tia pediu:

- Tomem cuidado.

- Pode deixar, Tia. – Micah acenou para eles e piscou para Valentina. –

Daqui a pouco estou de volta, amor.

Ela sorriu para ele, visivelmente apaixonada.

Então Micah virou a cabeça para trás e indagou para mim:

- Podemos ir?

- Ham ...

- Lembra quando eu era pequeno e o senhor me levou para cavalgar a primeira vez?

Eu lembrava nitidamente e acenei com a cabeça. Ele completou:

- Agora é minha vez de levar o senhor, só que o cavalo é de aço. – E sorriu.

Saiu lentamente com a moto, enquanto eu me emocionava com suas palavras.

Senti o motor vibrar sob nós e como deslizava macia pela estrada da fazenda, devagar, mas o suficientemente rápida para que eu sentisse a brisa gostosa no rosto e o sol aquecendo minha pele. Suspirei, meus olhos percorrendo as terras bem cuidadas, enquanto passávamos ao lado das construções, currais e mini retiros, que há tempos eu não via, tudo grandioso, que comecei um dia quando cheguei sozinho em Florada.

Uma sensação quente de liberdade e de orgulho me envolveu. Por um momento, eu não estava em uma cadeira e sim em meu cavalo, percorrendo minhas terras, trabalhando para fazê-las prosperar, lutando pelo que eu acreditava que era certo.

Pensei nas tantas vezes que cavaleguei ali com Alice, dos seus cabelos ao vento, de como era linda e eu a amava. Depois lembrei de mim mesmo ensinando cada filho meu a cavalgar, inclusive Gabi. Da alegria e das risadas deles. E agora a mesma alegria me consumia.

Fitei os cabelos escuros de Micah na minha frente e sorri, emocionado, meu peito cheio de amor. Era ele, meu filho, que tinha voltado para mudar minha vida e me fazer sentir todos aqueles sentimentos de novo, ainda mais fortes do que antes, de que eu era um homem feliz.

Amei e odiei. Errei e acertei. Mas aquele era eu. E aquele era meu filho. O que eu um dia tentei matar, mas que agora me trazia de volta à vida.

Ergui a mão direita e toquei em suas costas, feliz e orgulhoso pela família que eu tinha. Olhei para o céu azul sobre as nossas cabeças e agradei. Por ser um Falcão. Por ter feito do meu jeito. E por Micah ter voltado. E feito tudo valer à pena.

*“(...) Eu amei, eu ri e chorei
Eu tive minhas faltas, minha parte de perdas
E agora que as lágrimas cessaram
Eu acho isso tudo tão divertido
Pensar eu fiz tudo aquilo
E se posso dizer, não de um modo tímido
Oh, não, não
Eu fiz do meu jeito.”*

(My Way)

FIM.

Table of Contents

[Agradecimentos:](#)

[Dedicatória:](#)

[Prólogo](#)

[Parte 1 - Reencontros](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)